"A capacidade de McDermid de entrar na mente perversa de um assassino é assustadoramente convincente."
THE TIMES

Val McDermid

O eco distante



BERTRAND BRASIL

Copyright © 2003, Val McDermid

Título original: *The Distant Echo*

Capa: Raul Fernandes

Editoração: DFL

2007
Impresso no Brasil
Printed in Brazil

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M429e McDermid, Val, 1955-
O eco distante / Val McDermid; tradução Marcia Heloisa Amarante Gonçalves. — Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
462p.

Tradução de: The distant echo
ISBN 978-85-286-1226-4

1. Ficção escocesa. I. Gonçalves, Marcia Heloisa Amarante. II. Título.

06-4366 CDD: 828.99113
CDU: 821.111 (411)-3

Todos os direitos reservados pela:
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.
Rua Argentina, 171 — 12º andar — São Cristóvão
20921-380 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: (0xx21) 2585-2070 — Fax: (0xx21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por
quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendemos pelo Reembolso Postal.

Agradecimentos

É um alívio muito grande escrever um livro que não precise de muita pesquisa. Apesar disso, devo muito às seguintes pessoas pela sua ajuda: Sharon, do That Café, Wendy, do *St. Andrews Citizen*, dra. Julia Bray, da Universidade de St. Andrews, e dra. Sue Black, antropóloga forense.

Como sempre, o meu trabalho foi aperfeiçoado pelas sugestões das minhas editoras, Julia Wisdom e Anne O'Brien, minha consultora editorial, Lisanne Radice, minha agente, Jane Gregory, e minha consultora jurídica e primeira leitora, Brigid Baillie.

Para aqueles que partiram; e para os outros,
especialmente os do Thursday Club,
que tornaram a fuga possível.

Agora descrevo o meu país como se para estranhos.

Da música *Orphans*, do Deacon Blue; letra de Ricky Ross

Prólogo

Novembro de 2003; St. Andrews, Escócia

Ele sempre gostou do cemitério ao amanhecer. Não que a aurora oferecesse alguma promessa de recomeço, e sim porque era cedo demais para haver alguém por perto. Mesmo no período mais rigoroso do inverno, quando a pálida luz da manhã demorava mais para aparecer, ele podia garantir ali a sua solidão. Não havia olhares intrometidos tentando descobrir quem ele era e por que estava lá, de cabeça baixa, diante daquela sepultura específica. Não havia intrometidos questionando o seu direito de estar lá.

A jornada até ali fora longa e problemática. Mas ele era bom em levantar informações. Obsessivo, diriam alguns. Ele preferia ser chamado de persistente. Aprendera a pesquisar fontes oficiais e não oficiais e, finalmente, após meses de busca, encontrou as respostas que estava procurando. Ainda que insatisfatórias, elas ao menos lhe forneceram um ponto de partida. Para algumas pessoas, uma sepultura representa o fim. Não para ele. Para ele, era uma espécie de começo.

Sempre soubera que a sepultura não bastaria por si só. Então ele esperou, aguardando um sinal que lhe mostrasse um caminho a seguir. E o sinal finalmente apareceu. À medida que o céu mudava de cor com a aurora, tirou do bolso e desdobrou um recorte que havia extraído do jornal local.

POLÍCIA DE FIFE REABRE CASOS NÃO RESOLVIDOS

> Assassinatos não solucionados em Fife, de até trinta anos atrás, serão reexaminados em uma revisão completa de casos não resolvidos, anunciou a polícia local esta semana.
>
> O chefe de polícia, Sam Haig, afirmou que novas descobertas forenses permitem que casos que foram arquivados há anos sejam reabertos, com alguma chance de serem resolvidos com sucesso. Provas antigas, guardadas nos arquivos da polícia durante décadas, serão submetidas a métodos como análise de DNA, na esperança de novos progressos.
>
> James Lawson, subchefe de polícia, assumirá a revisão dos casos. Ele explicou ao *Courier* que “casos de assassinato nunca são encerrados. Devemos às vítimas e às suas famílias o prosseguimento

das investigações. Em alguns casos, tivemos fortes suspeitos na época, embora não dispuséssemos de provas suficientes para ligá-los aos crimes. Mas, com as técnicas forenses modernas, um único fio de cabelo, uma mancha de sangue ou um vestígio de sêmen podem nos fornecer tudo o que precisamos para obter uma condenação. Tivemos vários exemplos recentes na Inglaterra de casos que foram levados a julgamento, com sucesso, após vinte anos ou mais. Uma equipe de detetives veteranos fará destes casos a sua prioridade número um".

Lawson não quis revelar quais casos específicos estarão no topo da lista para os seus detetives.

Mas o trágico assassinato da adolescente Rosie Duff sem dúvida estará entre eles.

A moça de Strathkinness, de 19 anos, foi estuprada, esfaqueada e abandonada à morte em Hallow Hill, há quase 25 anos. Ninguém foi preso pelo seu brutal assassinato.

O seu irmão Brian, de 46 anos, que ainda mora na propriedade da família, Caberfeidh Cottage, e trabalha em uma fábrica de papel em Guardbridge, declarou ontem à noite: "Nunca perdemos a esperança de que o assassino de Rosie um dia fosse a julgamento. Havia suspeitos na época, mas a polícia nunca conseguiu encontrar provas suficientes para incriminá-los. Infelizmente, os meus pais morreram sem saber quem cometeu aquela atrocidade com Rosie. Mas talvez agora possamos encontrar a resposta que eles mereciam ter obtido em vida."

Podia recitar o artigo de cor, mas gostava de contemplá-lo. Era como um talismã, lembrando que a sua vida não era mais sem sentido. Durante muito tempo quisera pôr a culpa em alguém. Não ousara sequer desejar vingança. Mas agora, finalmente, era a hora de se vingar.

Parte Um

1

1978; St. Andrews, Escócia

Quatro da manhã, na época mais fria de dezembro. Quatro silhuetas imprecisas vacilavam no vai e vem da nevasca que pairava no ar, à mercê do vento nordeste, que vinha dos Urais e castigava o mar do Norte. Os oito pés cambaleantes daqueles que se autodenominavam os “Garotos de Kirkcaldy” trilhavam o caminho familiar do atalho de Hallow Hill até o Fife Park, a mais moderna das residências estudantis da Universidade de St. Andrews. Lá, as suas camas perpetuamente desfeitas os esperavam em um bocejo, lençóis e cobertores arrastando-se pelo chão, como uma língua pendurada para fora da boca.

A conversa dos rapazes repetia um tema tão habitual quanto o percurso que faziam.

— Eu estou te dizendo, Bowie é o maior — anunciava Sigmund Malkiewicz em voz alta, embaralhando as palavras, o seu rosto, normalmente impassível, desanuviado pela bebida. Um pouco atrás dele, Alex Gilbey puxava o capuz do seu agasalho para mais perto do rosto e sufocava o riso, antecipando silenciosamente a resposta que estava prestes a ouvir.

— Bobagem — retrucou Davey Kerr. — Bowie não passa de um maricas. O Pink Floyd dá de dez a zero em David Bowie. *Dark Side of the Moon*, isso sim é um clássico. Bowie não fez nada à altura até hoje. — Sob o peso da neve derretida, longos cachos negros caíam sobre o seu rosto delicado e ele os empurrava para trás, impaciente.

E lá iam eles. Como magos conjurando magias de combate um contra o outro, Sigmund e Davey lançavam títulos de música, letras e *riffs* de guitarra em um duelo que já durava uns seis ou sete anos. Pouco importava se, naquela época, era mais provável que as músicas que chacoalhavam as janelas dos seus aposentos fossem as do Clash, do Jam ou do Skids. Até mesmo os seus apelidos homenageavam as suas antigas paixões. Desde a primeira tarde em que se reuniram no quarto de Alex após as aulas para ouvir a sua nova aquisição, *Ziggy Stardust and the Spiders from Mars*, foi inevitável que o carismático Sigmund passasse a ser Ziggy, o messias leproso, para toda a eternidade. E os outros teriam de se contentar em ser as suas Aranhas. Alex passara a ser Gilly, apesar dos seus protestos de que aquele era um apelido afeminado demais para alguém que aspirava à compleição robusta de um jogador de rúgbi. Mas era inútil

discutir com o acaso do seu sobrenome. E nenhum deles teve a menor dúvida quanto a batizar o quarto membro do quarteto de Esquisito. Porque Tom Mackie era esquisito, com toda certeza. Era o mais alto dos alunos que cursavam o mesmo ano que ele e os seus membros espichados e desengonçados pareciam o resultado de uma mutação, desenvolvida para combinar com uma personalidade que gostava de ser perversa.

Sobrara apenas Davey, fiel à causa do Pink Floyd, que recusava firmemente qualquer apelido oriundo do cânone de Bowie. Durante um tempo, foi conhecido sem nenhum entusiasmo como Rosado, mas desde que os quatro ouviram pela primeira vez a música “Shine On, You Crazy Diamond”, a discussão foi encerrada; Davey era um diamante louco, sem a menor sombra de dúvida, lançando fogo em direções imprevisíveis, impaciente e pouco à vontade fora do seu habitat. Diamond logo virou Mondo, e Mondo ele continuou sendo no último ano da escola e durante todo o curso universitário.

Alex balançou a cabeça, pasmo. Mesmo bêbado, ele se admirava com a cola que mantivera os quatro grudados durante todos aqueles anos. O mero pensamento provocava um bem-estar que o protegia do frio glacial, quando tropeçou em uma raiz proeminente, escondida debaixo de uma macia camada de neve. “Droga”, resmungou ele, colidindo com Esquisito, que lhe deu um empurrão camarada, deixando-o estatelado no chão. Lutando para manter o equilíbrio, Alex deixou que o seu impulso o carregasse adiante e acabou dando um passo em falso e caindo declive abaixo, subitamente eufórico com a sensação da neve contra o seu rosto afogueado. Quando tentava subir de volta, sofreu uma queda tão inesperada que o chão sumiu debaixo dos seus pés. Caiu de pernas para o ar.

A sua queda foi amparada por algo macio. Alex se esforçava para se erguer, empurrando aquilo que o amparara. Cuspindo neve, esfregou os olhos com os dedos entorpecidos pelo frio, forçando o ar pelas narinas na tentativa de expelir o líquido gelado. Assim que olhou em volta para ver sobre o que havia aterrissado, os seus três companheiros surgiram na encosta para tripudiar da sua cômica desgraça.

Mesmo na lúgubre e indistinta claridade da neve, ele pôde ver que o que o amparara estava longe de ser do reino vegetal. A silhueta era, inconfundivelmente, a de um corpo humano. Os pesados flocos de neve começavam a derreter assim que aterrissavam no chão, permitindo que Alex percebesse uma figura de mulher, os cachos molhados do seu cabelo negro espalhados sobre a neve, como os de uma Medusa. A sua saia estava suspensa até a cintura e as botas negras que cobriam até os joelhos pareciam ainda mais destoantes em contraste com as suas pernas lívidas. Estranhas manchas escuras

maculavam a pele da moça e a blusa que estava colada no seu peito. Alex contemplou a cena sem a compreender por um bom tempo, até olhar para as suas próprias mãos e ver as mesmas manchas escuras contaminando a sua pele.

Sangue. Aquela constatação lhe ocorreu no exato momento em que a neve que bloqueava os seus ouvidos derreteu e ele pôde ouvir a respiração ofegante da moça, fraca mas ruidosa.

— Meu Deus do Céu — gaguejou Alex, tentando afastar-se do horror com o qual havia se deparado. Mas, à medida que recuava, ia batendo no que pareciam ser pequenos muros de pedra. — Meu Deus. — Olhou para cima, desesperado, como se a mera visão dos seus companheiros pudesse quebrar aquele feitiço e fazer com que tudo desaparecesse. Voltou a olhar para aquela visão de pesadelo sobre a neve. Não era uma alucinação etílica: era real. Olhou novamente para os seus amigos. — Tem uma garota aqui embaixo — gritou ele.

A voz de Mackie Esquisito ecoou, sinistra:

— Que desgraçado sortudo.

— Para com isso, ela está sangrando.

A risada de Esquisito cortou a noite.

— Não tão sortudo assim afinal, né, Gilly?

Alex sentiu a raiva crescendo dentro dele.

— Não estou brincando, porra. Venham aqui. Ziggy, vem logo, cara.

Só então eles puderam ouvir a urgência na voz de Alex. Ziggy tomou a dianteira, como sempre, e eles o seguiram, caminhando com dificuldade pela neve até o topo da colina. Ziggy alcançou o declive correndo aos saltos, Esquisito mergulhou de cabeça na direção de Alex e Mondo veio por último, colocando um pé na frente do outro, cuidadosamente.

Esquisito acabou caindo de pernas para o ar, em cima de Alex, e os dois rolaram para cima do corpo da mulher. Debateram-se, tentando se desvencilhar um do outro, enquanto Esquisito ria como um doido.

— Ei, Gilly, isso deve ser o mais perto que você já chegou de uma mulher.

— Você fumou demais, cara — disse Ziggy, irritado, empurrando Esquisito para longe e agachando-se ao lado da mulher, buscando batimentos cardíacos no seu pescoço. Podia ouvi-los, mas eles estavam assustadoramente fracos. O medo o deixou sóbrio na mesma hora em que pôde distinguir, mesmo naquela luminosidade precária, o que tinha diante de si. Era apenas um estudante de medicina do último ano, mas sabia reconhecer um ferimento fatal.

Esquisito ficou de cócoras e franziu as sobrancelhas.

— Cara, sabe o que é isso aqui?

Ninguém estava prestando atenção, mas ele continuou assim mesmo:

— É o cemitério picto.[1] Tá vendo esses montinhos na neve, tipo uns muros

pequenos? São as pedras que eles usavam como caixões. Cacete, Alex encontrou um cadáver em um cemitério. — E ele começou a rir novamente, produzindo um som estranho no ar abafado pela neve.

— Cala a porra da boca, Esquisito. — Ziggy continuava a deslizar as mãos sobre o peito da mulher, sentindo, sob os seus dedos perscrutadores, o resultado desalentador de uma ferida profunda. Jogou a cabeça para o lado, tentando examiná-la melhor. — Mondo, você está com o seu isqueiro aí?

Mondo avançou, relutante, e apanhou o seu Zippo. Acendeu o isqueiro e estendeu a luz fraca sobre o corpo da mulher, até o seu rosto. Com a mão livre cobriu a boca, tentando sem sucesso sufocar um gemido. Os seus olhos azuis se arregalaram, horrorizados, e a chama do isqueiro tremelicou em sua mão.

Ziggy respirou fundo. Os ângulos do seu rosto pareciam fantasmagóricos naquela luz trêmula.

— Merda — disse ele, ofegante. — É a Rosie, do Pub Lammas.

Alex não imaginava que fosse possível se sentir ainda pior. Mas as palavras de Ziggy foram como um soco no seu coração. Com um gemido sussurrante, ele virou de costas e vomitou na neve uma mistura de cerveja, batata chips e pão de alho.

— Nós temos que buscar ajuda — declarou Ziggy, com firmeza. — Ela ainda está viva, mas, no estado em que está, não vai continuar assim por muito tempo. Esquisito, Mondo, me deem os seus casacos. — Enquanto falava, Ziggy tirava a sua jaqueta de lã de carneiro e a colocava gentilmente em volta dos ombros de Rosie. — Gilly, você é o mais rápido. Vai buscar ajuda. Procura um telefone. Tira alguém da cama, se for preciso. Mas traz alguém aqui, ouviu? Alex?

Atordoado, Alex fez força para ficar de pé. Desceu o declive aos trancos e barrancos, sacudindo a neve abaixo dos pés, lutando para encontrar um apoio. Saiu do emaranhado das árvores e deparou-se com os postes que distinguiam o mais recente beco sem saída do alojamento novo, construído uns seis anos antes. Refazer o caminho por onde tinham vindo era o itinerário mais rápido.

Alex cobriu a cabeça e saiu em disparada, em uma corrida escorregadia até o meio da rua, tentando esquecer o que tinha visto. O que era tão impossível quanto manter o passo firme naquela neve fresca. Como aquela visão atroz entre as sepulturas pictas podia ser Rosie, do Pub Lammas? Naquela noite mesmo estiveram lá bebendo, animados e barulhentos sob o cálido brilho amarelado do bar, enchendo a cara de cerveja e aproveitando ao máximo a folga da universidade, antes que tivessem de retornar à repressão sufocante dos Natais em família, a quilômetros dali.

Ele próprio estivera conversando com Rosie, flertando com ela, daquela

maneira desajeitada típica dos rapazes de vinte e um anos, incertos se ainda são garotos bobos ou homens maduros e experientes. Quis saber, não pela primeira vez, a que horas ela saía do pub. Chegou até a comentar sobre a festa para onde iam depois. Rabiscou o endereço atrás de um descanso de copo e o empurrou até ela pela mesa úmida de madeira do bar. Ela lhe deu um sorriso compassivo e apanhou o descanso de copo. Deve ter ido direto para o lixo, suspeitou Alex. O que uma mulher como Rosie iria querer com um garoto imaturo como ele, afinal? Com a sua beleza e aparência, ela podia escolher quem bem entendesse, alguém que pudesse lhe proporcionar alguma diversão, e não um estudante sem dinheiro, tentando fazer com que o pouco que tinha no bolso durasse até o seu emprego de férias, como arrumador de prateleiras no supermercado.

Então como aquela podia ser Rosie, estirada sobre a neve em Hallow Hill, banhada em sangue? Ziggy deve ter visto errado, insistia Alex para si mesmo enquanto pegava a esquerda, em direção à rua principal. Qualquer um podia se confundir sob a luz trêmula do isqueiro de Mondo. E Ziggy sequer prestara atenção na moça de cabelos negros do bar. Deixara isso para Alex e para Mondo. Devia ser alguma pobre mulher parecida com Rosie. Era isso, ele se convencia. Um engano, tudo não passava de um engano.

Alex hesitou por um momento, recuperando o fôlego e se perguntando para onde correr. Havia diversas casas nas redondezas, mas em nenhuma delas ele via alguma luz acesa. Mesmo que conseguisse acordar alguém, duvidava que fossem estar dispostos a abrir a porta para um jovem suado e cheirando a bebida no meio de uma tempestade de neve.

Foi então que ele se lembrou. Naquela hora da noite, havia sempre um carro de polícia estacionado perto da entrada principal do Jardim Botânico, a uns quinhentos metros de distância. Eles costumavam vê-los com frequência, quando voltavam cambaleantes pela madrugada, cientes do olhar enviesado do único ocupante do carro, tentando parecer sóbrios por causa dele. Era uma visão que sempre provocava um dos discursos do Esquisito sobre como a polícia era corrupta e preguiçosa. “Deviam era estar caçando os bandidos de verdade, prendendo os sujeitos de terno e gravata que roubam o nosso dinheiro, e não sentados aí, a noite inteira, com um cantil de chá e um saquinho de biscoito, torcendo para pôr as mãos em um bêbado mijando em uma cerca ou em algum idiota dirigindo em alta velocidade de volta para casa. Babacas preguiçosos.” Bom, talvez hoje o desejo de Esquisito fosse realizado, em parte. Porque naquela noite o babaca preguiçoso dentro do carro iria receber mais do que merecia.

Alex virou-se na direção do Canongate e começou a correr novamente, a neve fresca estalando sobre as suas botas. Desejou ter dado continuidade aos seus treinos de rúgbi, quando uma pontada de dor tomou conta do seu flanco,

transformando o seu ritmo em uma corrida torta e desengonçada, enquanto ele lutava para encher os pulmões de ar. Só mais uns dez metros, dizia para si mesmo. Não podia parar agora, quando a vida de Rosie talvez estivesse dependendo da sua velocidade. Olhou adiante, mas a neve estava caindo ainda mais pesada e ele mal podia enxergar o que tinha diante de si.

Estava perto do carro da polícia quando percebeu. Mesmo quando o alívio inundou o seu corpo suado, a apreensão apertou o seu peito. Sóbrio pelo choque e pelo esforço, Alex constatou que ele não se parecia em nada com o cidadão respeitável que normalmente denuncia um crime. Estava desgrenhado, suado, manchado de sangue e tremendo feito vara verde. De algum modo, tinha de convencer o policial, que já estava com metade do corpo para fora da patrulha, que ele não estava nem imaginando coisas, nem pregando uma peça. Estacou a alguns passos do carro, tentando não parecer uma ameaça, esperando que o motorista aparecesse.

O policial endireitou o quepe sobre o cabelo negro, bem curto. Inclinou a cabeça para um lado e examinou Alex, desconfiado. Mesmo camuflada pelo pesado casaco do uniforme, Alex podia ver a tensão no seu corpo.

— O que está acontecendo, filho? — perguntou ele. Apesar da abordagem paternal, o policial não parecia ser muito mais velho do que o próprio Alex, e possuía um ar de desconforto que não combinava nem um pouco com o seu uniforme.

Alex tentou controlar a respiração, mas não conseguiu.

— Tem uma moça lá em Hallow Hill — ele deixou escapar. — Ela foi atacada, está sangrando muito, precisa de ajuda.

O policial apertou os olhos diante da neve, franzindo a testa.

— Foi atacada? Como é que você sabe?

— Ela está ensopada em sangue. E... — Alex fez uma pausa para organizar as palavras. — Não está vestida de acordo com o clima. Está sem casaco. Escuta, será que você pode arrumar uma ambulância, um médico, qualquer coisa? Ela está muito ferida, cara.

— E você simplesmente topou com ela, no meio de uma nevasca, hein? Você andou bebendo, filho? — As palavras eram condescendentes, mas a voz o traía, deixando transparecer a sua ansiedade.

Alex sabia que aquele não era o tipo de coisa que acontecia com frequência no meio da noite, na pacata e suburbana St. Andrews. De algum jeito, precisava convencer o policial de que estava falando sério.

— É claro que eu estava bebendo — respondeu Alex, extravasando a sua frustração. — Por que eu estaria na rua numa hora dessas? Veja bem, eu e os meus amigos estávamos pegando um atalho, voltando para o nosso alojamento.

Estávamos de bobeira e aí eu subi até o topo da colina, escorreguei e caí justo em cima dela. — Ele aumentou a voz, suplicante. — Por favor. Você precisa me ajudar. Ela pode morrer lá.

O policial estudou Alex pelo que pareceu uma eternidade. Então, debruçou no carro e desandou a falar pelo rádio. Enfiou a cabeça para fora da porta.

— Entre aí. Vamos até Trinity Place. É bom você não estar brincando — ele ameaçou, carrancudo.

O carro seguiu deslizando pela rua; os pneus não era adequados para a neve. Os poucos carros que passaram por ali mais cedo deixaram marcas que agora não passavam de leves depressões na branca superfície fofa da neve, testemunhas do peso dos seus flocos. O policial xingava baixinho, evitando derrapar nos postes a cada curva. Quando chegaram em Trinity Place, virou-se para Alex:

— Vamos lá, mostre-me onde está a moça.

Alex saiu em disparada, seguindo as suas pegadas que desapareciam rapidamente na neve. Ficava olhando para trás toda hora, para verificar se o policial estava atrás dele. Quase caiu de cabeça em um certo momento, os olhos demorando um pouco para se ajustarem à escuridão tremenda, onde as luzes da rua eram encobertas pelos troncos das árvores. A neve parecia lançar a sua própria luz sinistra sobre a paisagem, exagerando o tamanho dos arbustos e estreitando a trilha por onde eles avançavam.

— É por aqui — instruiu Alex, desviando para a esquerda. Uma rápida olhadela sobre os ombros confirmou que a sua companhia estava bem atrás dele.

O policial hesitou:

— Você não está mesmo drogado, filho? — perguntou, desconfiado.

— Vamos logo! — gritou Alex, com urgência, assim que viu as sombras negras acima dele. Sem esperar para ver se o policial continuava no seu encalço, Alex correu ladeira acima. Estava quase chegando quando o jovem policial o alcançou, passando na sua frente e parando a alguns passos do pequeno grupo.

Ziggy ainda estava agachado ao lado do corpo da mulher, a camisa grudada no seu tronco esguio em uma mistura de neve e suor. Esquisito e Mondo estavam ao seu lado, os braços cruzados sobre o peito, as mãos enfiadas nas axilas e as cabeças abaixadas entre os ombros levantados. Estavam apenas tentando se esquentar, na falta de um casaco, mas passavam uma infeliz imagem de arrogância.

— O que está acontecendo aqui, rapazes? — perguntou o policial. A sua voz era uma tentativa agressiva de impor autoridade, apesar de estar em desvantagem diante do grupo.

Ziggy levantou-se com dificuldade e afastou o cabelo encharcado dos

olhos.

— Tarde demais. Ela está morta.

2

Nada em seus vinte e um anos de vida havia preparado Alex para um interrogatório policial no meio da noite. Os seriados de tevê e os filmes policiais sempre dão a impressão de que tudo é organizado. Mas a própria bagunça do processo era, de algum modo, ainda mais angustiante do que o rigor militar. Os quatro rapazes chegaram à delegacia em uma agitação caótica. Haviam sido escoltados às pressas do local do crime, banhados pelo pisca-pisca azulado das luzes das patrulhas e ambulâncias, e ninguém parecia saber direito o que fazer com eles.

Ficaram parados sob um poste pelo que pareceu uma eternidade, tiritando de frio, expostos ao olhar de reprovação do policial que Alex havia trazido e do seu colega, um homem grisalho de uniforme, corcunda e carrancudo. Nenhum dos dois lhes dirigiu a palavra, embora não tivessem desviado o olhar dos quatro nem por um segundo.

Finalmente, um homem com uma aparência cansada, encolhido dentro de um sobretudo que parecia uns dois números maior do que ele, deslizou até eles. Os seus sapatos tinham um solado muito fino, impróprio para o terreno.

— Lawson, Mackenzie, levem esses rapazes para a delegacia e não deixem que fiquem juntos quando chegarem lá. Daqui a pouco vamos falar com eles. — O homem se virou e pisou em falso, a caminho da terrível descoberta. Ela agora estava protegida por biombos de lona, através dos quais uma sinistra luz esverdeada se espalhava, manchando a neve.

O policial mais jovem olhou para o colega, preocupado.

— Como é que vamos levá-los para lá?

O homem deu de ombros.

— Sei lá, acho que você vai ter que espremê-los no seu carro. Eu vim com o camburão.

— Será que não dá para levar no camburão? Aí você fica vigiando enquanto eu dirijo.

O homem balançou a cabeça, prendendo os lábios.

— Você é quem sabe, Lawson. — Fez um gesto para os Garotos de Kirkcaldy. — Vocês aí, vamos. Pra dentro do camburão. E sem bagunça, entenderam? — Ele os conduziu até o carro, gritando para Lawson, por cima do ombro: — Pega as chaves com Tam Watt.

Lawson saiu em direção ao declive, deixando os rapazes com Mackenzie.

— Eu é que não queria estar na pele de vocês quando o pessoal do DIC[2] descer daquela colina — disse ele, puxando conversa despretensiosamente, enquanto andava logo atrás deles. Alex tremeu, mas não de frio. Estava começando a perceber que a polícia estava tomando ele e os seus amigos como potenciais suspeitos, e não como testemunhas. Eles ainda não tinham tido nenhuma oportunidade para trocar ideias sobre o assunto, para combinar o que iriam dizer. Trocaram olhares apreensivos. Até Esquisito já havia se aprumado e percebido que aquilo não era uma brincadeira boba.

Na hora em que Mackenzie os apressou para dentro do camburão, ficaram sozinhos por alguns segundos. Ziggy pôde então sussurrar, alto o bastante para que os outros três pudessem ouvir: “Nenhuma palavra sobre a Land Rover.” Eles compreenderam imediatamente.

— Putz — suspirou Esquisito, jogando a cabeça para trás, apavorado com a lembrança. Mondo roía a pele em volta da unha do polegar, mudo. Alex apenas concordou com a cabeça.

A delegacia não parecia um ambiente mais tranquilo do que a cena do crime. O policial de plantão reclamou amargamente quando os dois policiais apareceram com quatro elementos que não deveriam se comunicar entre si. Não havia salas de interrogatório suficientes para mantê-los separados. Esquisito e Mondo tiveram de esperar em celas destrancadas, enquanto Alex e Ziggy foram deixados sozinhos nas duas únicas salas de interrogatório da delegacia.

O cômodo onde Alex fora colocado era pequeno, claustrofóbico. Era um quadrado onde não era possível dar mais do que três passos, conforme ele concluiu em poucos minutos, após ter sido trancado lá dentro para ficar esperando. Não havia janelas e o teto baixo, revestido com azulejos pardacentos de poliestireno, o tornava ainda mais opressivo. Os móveis se resumiam a uma mesa lascada de madeira e quatro cadeiras sortidas, tão desconfortáveis quanto aparentavam ser. Alex tentou todas elas, uma por uma, optando finalmente pela que menos maltratava as suas coxas.

Perguntava-se se podia fumar. A julgar pelo cheiro no ar abafado, ele não seria o primeiro. Mas era um rapaz educado e a ausência de um cinzeiro fez com que hesitasse. Revirou os bolsos e encontrou um papel amassado de bala de hortelã. Desdobrou o papel com cuidado, dobrando as pontas para formar um cinzeiro improvisado. Então, apanhou o maço e conferiu. Ainda tinha nove cigarros. “Vai dar”, calculou ele.

Alex acendeu o cigarro e parou para pensar sobre a sua situação pela primeira vez desde que chegara à delegacia. Era óbvio, agora que pensava a respeito. Eles haviam encontrado o corpo. Tinham de ser suspeitos. Todo mundo

sabe que os principais candidatos a serem detidos em uma investigação de homicídio são as últimas pessoas que estiveram com a vítima enquanto ela ainda estava viva ou aqueles que encontram o corpo. E eles se enquadravam duplamente.

Sacudiu a cabeça. O corpo. Estava começando a pensar como eles. Não era apenas um corpo, era Rosie. Alguém que ele conhecia, ainda que superficialmente. Imaginou que isso tornava tudo ainda mais suspeito. Mas não queria pensar nisso agora. Queria expulsar o horror da sua mente. Sempre que fechava os olhos, revia a colina em flashback, como em um filme. A bela e sexy Rosie, machucada e sangrando na neve. “Pense em outra coisa”, disse ele em voz alta.

Imaginava como os outros reagiriam ao interrogatório. Esquisito estava fora de si, não havia a menor dúvida. Tomara mais do que alguns drinques naquela noite. Alex o vira com um baseado na mão mais cedo mas, em se tratando de Esquisito, era impossível saber o que mais ele havia consumido. Alex tinha visto pastilhas de ácido circulando, ele próprio as recusara algumas vezes. Não fazia nenhuma objeção às drogas, mas preferia não fritar o cérebro. Mas Esquisito estava definitivamente disposto a experimentar qualquer coisa que prometesse expandir a sua consciência. Alex esperava fervorosamente que fosse lá o que ele tivesse engolido, inalado ou cheirado, já tivesse perdido o efeito até a hora em que fosse interrogado. Caso contrário, era possível que ele deixasse os policiais realmente furiosos. E qualquer idiota sabia que isso seria uma péssima ideia em uma investigação de homicídio.

Com Mondo, eram outros quinhentos. Aquilo o deixaria transtornado de uma maneira completamente diferente. Depois que você passava a conhecê-lo melhor, via que a sua sensibilidade acentuada só o metia em encrencas. Ele sempre fora o mais perseguido na escola, chamado de maricas, em parte por causa da sua aparência, e em parte porque nunca revidava. O cabelo cacheado, as feições élficas, os olhos de safira sempre arregalados, em um susto, como um rato acuado. As garotas gostavam, disso ele tinha certeza. Alex uma vez ouvira por acaso duas meninas dando risadinhas, dizendo que Davey Kerr parecia com o vocalista do T. Rex. Mas em uma escola como Kirkcaldy High, o que rendia pontos com as meninas podia, na mesma medida, render uma surra no vestiário. Se Mondo não tivesse tido os outros três para lhe dar cobertura, teria passado por maus bocados. Para o seu mérito, ele sabia disso e recompensava o serviço dos amigos como podia. Alex jamais teria passado em Francês Avançado sem a ajuda dele.

Mas Mondo ficaria por conta própria com a polícia. Não teria ninguém atrás de quem se esconder. Alex podia imaginá-lo naquele momento, de cabeça

baixa, lançando o seu típico olhar estranho por baixo das sobrancelhas, mordiscando o dedão ou abrindo e fechando o seu isqueiro Zippo. Os policiais iam ficar frustrados com ele, iam pensar que ele tinha algo a esconder. O que jamais iriam descobrir, nem em um milhão de anos, é que o grande segredo de Mondo era que, noventa e nove por cento das vezes, não havia segredo algum. Não havia nenhum mistério, oculto por um enigma. Apenas um garoto que gostava de Pink Floyd, de peixe regado a vinagre nas refeições, cerveja e sexo. E que, por mais bizarro que isso pudesse ser, falava francês como se tivesse aprendido desde o berço.

Mas naquela noite, é claro, havia um segredo. E se alguém tivesse que estragar tudo, esse alguém era Mondo. *Meu Deus, por favor, faça com que ele não mencione a Land Rover,* pedia Alex mentalmente. No mínimo, seriam autuados por terem pegado e dirigido o carro sem o consentimento do dono. Na pior das hipóteses, os policiais perceberiam que um, ou todos eles, dispunham do veículo perfeito para transportar o corpo da moça até uma colina sossegada.

Esquisito não contaria nada; tinha mais a perder do que os outros. Fora ele quem aparecera no Lammas, sorrindo de orelha a orelha, balançando o chaveiro de Henry Cavendish no dedo, como alguém que acabou de se dar bem em uma troca de casais.

Alex não diria nada, sabia disso. Guardar segredos era uma das coisas que ele fazia melhor. Se o preço para evitar suspeita era ficar calado, estava certo de que não teriam problemas.

Ziggy também ficaria quieto. Com ele, a segurança vinha sempre em primeiro lugar. Afinal, fora ele quem saíra de fininho da festa para remover a Land Rover, quando percebeu o quanto Esquisito estava descontrolado. Chamou Alex em um canto e disse:

— Peguei as chaves no bolso do Esquisito. Vou tirar a Land Rover daqui, pra ninguém cair em tentação. Ele já andou dando voltas no quarteirão com algumas pessoas, está mais do que na hora de dar um fim nessa história, antes que ele se mate ou mate alguém.

Alex não fazia a menor ideia de quanto tempo ele esteve fora, mas, quando voltou, Ziggy avisou que escondera o carro atrás de uma das unidades industriais de Largo Road.

— A gente pode ir buscar de manhã.

Alex deu um sorriso largo.

— Ou então a gente podia deixar lá. Um pequeno enigma para o nosso amigo Henry quando ele voltar no semestre que vem.

— Melhor não. Assim que ele perceber que o seu precioso carrinho não está estacionado onde ele deixou, é capaz de ir dar queixa na polícia e entregar a

gente. E as nossas impressões digitais estão no carro todo.

Ziggy tinha razão, pensou Alex. Os Garotos de Kirkcaldy e os dois ingleses com quem dividiam a casa de seis cômodos no campus não se davam muito bem. Henry jamais acharia graça se soubesse que Esquisito apanhara o carro na sua ausência. Henry não achava graça em quase nada que os seus companheiros de alojamento achavam. Então Ziggy não contaria nada. Disso ele tinha certeza.

Mas Mondo era bem capaz de contar. Alex esperava que a advertência de Ziggy tivesse conseguido penetrar o bastante no casulo de Mondo para que ele pensasse nas consequências. Dizer aos policiais que Esquisito pegara o carro de alguém sem o seu consentimento não ia livrar a sua cara. Só prejudicaria os quatro. Além do mais, ele próprio havia dirigido o carro, para levar uma garota em casa em Guardbridge. *Pelo menos uma vez na vida, pense direito, Mondo.*

Agora, se alguém precisava de uma cabeça pensante, Ziggy era a pessoa mais indicada. Por trás da aparente sinceridade, o charme natural e a inteligência perspicaz, havia muito mais do que se podia imaginar. Alex e ele eram amigos havia quase dez anos e ele sentia que ainda havia muito para descobrir. Ziggy era do tipo que o surpreendia com um insight, desconcertava-o com uma pergunta e fazia com que você visse algo por um prisma totalmente novo, porque ele havia torcido o mundo como um Cubo Mágico e o visto de formas diferentes. Alex sabia uma ou duas coisas sobre Ziggy que Mondo e Esquisito ainda não sabiam. E isso porque Ziggy quis que ele soubesse, e porque Ziggy tinha certeza de que os seus segredos estariam sempre bem guardados com Alex.

Imaginou como Ziggy agiria com os seus interrogadores. Na certa estaria relaxado, calmo, à vontade. Se havia alguém capaz de convencer os policiais que o envolvimento deles com o corpo em Hallow Hill era completamente inocente, esse alguém era Ziggy.

O detetive-inspetor Barney Maclennan jogou o seu casaco úmido na primeira cadeira que viu no Departamento de Investigação Criminal. Era mais ou menos do tamanho de uma sala de aula de escola primária, maior do que eles costumavam precisar. St. Andrews não estava no topo da lista de zonas perigosas da polícia de Fife e o nível dos seus funcionários refletia isso. Maclennan era o chefe do DIC, à margem da organização, não por falta de ambição e sim porque era um fiel entusiasta daqueles recrutas, o tipo de policial metódico do qual os veteranos preferiam manter distância. Ele costumava reclamar da falta de algo interessante para mantê-lo ocupado, mas isso não significava que fosse receber de bom grado o assassinato de uma jovem na sua circunscrição.

Eles a identificaram de cara. O pub onde Rosie trabalhava era uma parada

ocasional para alguns dos guardas, e o policial Jimmy Lawson, o primeiro a chegar ao local, a reconheceu imediatamente. Como a maioria dos homens presentes na cena do crime, ele parecia estar em estado de choque e nauseado. Maclennan não conseguia lembrar da última vez em que haviam tido um assassinato naquelas bandas que não tivesse sido estritamente doméstico; os policiais não haviam visto o suficiente para deixá-los acostumados à visão com a qual se depararam na colina coberta de neve. Para falar a verdade, ele próprio só havia visto duas vítimas de assassinato, mas nada tão lamentável quanto o corpo maltratado de Rosie Duff.

De acordo com o legista, tudo indicava que ela fora estuprada e esfaqueada no abdômen inferior. Um único e violento golpe, abrindo o seu caminho letal até o intestino. E ela deve ter demorado a morrer. Só de pensar nisso, Maclennan já ficava ansioso para pegar o homem responsável por aquilo tudo e encher de porrada. Nessas horas, a lei parecia mais um obstáculo para se alcançar a justiça do que uma ajuda.

Maclennan suspirou e acendeu um cigarro. Sentado à mesa, anotava o pouco de informação que conseguira levantar até o momento. Rosemary Duff. Dezenove anos. Trabalhava no Pub Lammas. Morava em Strathkinness com os pais e os dois irmãos mais velhos. Os irmãos trabalhavam em uma fábrica de papel em Guardbridge, o pai era zelador no Craigtoun Park. Maclennan não queria estar na pele do detetive Iain Shaw e da policial que fora junto com ele até a cidade para dar a notícia à família. Ele próprio teria que conversar com eles mais tarde, sabia disso. Mas por ora estava mais ocupado tentando dar prosseguimento à investigação. E não se podia dizer que tivessem detetives de sobra com experiência para conduzir uma investigação daquele porte. Se eles pretendiam lutar para não serem deixados de fora pelos peixes grandes do quartel-general, Maclennan tinha de mostrar serviço o quanto antes.

Olhou impaciente para o relógio. Precisava de um outro policial presente antes de começar a interrogar os quatro estudantes que diziam ter encontrado o corpo. Tinha pedido ao detetive Allan Burnside que voltasse para a delegacia o mais rápido possível, mas ainda não havia sinal dele. Maclennan suspirou. Estava cercado de incompetentes.

Deslizou os pés para fora dos sapatos úmidos e virou para poder apoiá-los no aquecedor. Deus, aquela era uma noite e tanto para dar início a uma investigação de homicídio. A neve transformara a cena do crime em um pesadelo, mascarando as provas, tornando tudo cem vezes mais difícil. Quem poderia distinguir os vestígios deixados pelo assassino dos deixados pelas testemunhas? Isso supondo, é claro, que não se tratava da mesma pessoa. Esfregando os olhos para tentar manter-se acordado, Maclennan considerava

qual estratégia iria adotar nos interrogatórios.

Tendo em vista o que apurara até ali, tudo indicava que ele devia conversar primeiro com o rapaz que havia encontrado o corpo. Fortão, ombros largos, era difícil conseguir ver o seu rosto direito dentro do enorme capuz do casaco. Maclennan inclinou-se para trás para conferir as suas anotações. Alex Gilbey, sim, era esse mesmo. Mas ele estava com uma intuição esquisita a respeito dele. Não que tivesse se mostrado exatamente evasivo; apenas não havia olhado Maclennan com o tipo de sinceridade piedosa que a maioria dos rapazes na sua situação teria demonstrado. E ele certamente aparentava ser forte o bastante para carregar o corpo sem vida de Rosie até a sossegada colina em Hallow Hill. Talvez a coisa fosse mais complicada do que ele supunha. E não seria a primeira vez que um assassino forjava a descoberta do corpo da vítima para justificar a sua presença no local. Estava decidido a deixar o jovem Sr. Gilbey mofando um pouquinho mais.

O plantonista havia lhe dito que a outra sala de interrogatório estava sendo ocupada pelo estudante de medicina com nome polonês. Ele era o tal que afirmara categoricamente que Rosie ainda estava viva quando eles a encontraram. Alegara ter feito tudo o que podia para mantê-la com vida. Ele parecia estar bastante calmo diante das circunstâncias, mais calmo do que Maclennan teria estado. Pensou que poderia começar com ele. Assim que Burnside desse as caras.

A sala de interrogatório que abrigava Ziggy era o dobro da de Alex. De algum modo, Ziggy parecia confortável lá dentro. Estava largado na cadeira, meio encostado na parede, o olhar fixo no meio da sala. Estava tão exausto que poderia ter caído no sono facilmente, mas, cada vez que fechava os olhos, a imagem do corpo de Rosie voltava bem nítida à sua mente. Nenhum estudo teórico de medicina poderia ter preparado Ziggy para a realidade brutal de um ser humano tão gratuitamente destruído. Ele simplesmente não soubera o bastante para ajudar Rosie quando ela mais precisara, e isso o deixava mortificado. Sabia que devia ter compaixão pela moça assassinada, mas a frustração não deixava espaço para mais nenhum sentimento. Nem mesmo o medo.

Mas Ziggy era esperto o suficiente para saber que deveria ter medo. O sangue de Rosie Duff manchara toda a sua roupa, acumulara-se debaixo das unhas. Talvez até mesmo no cabelo; lembrou-se de ter jogado a franja molhada para trás enquanto tentava desesperadamente descobrir de onde vinha o sangramento. Tudo poderia ser explicado, desde que a polícia acreditasse na sua

história. Mas também não tinha nenhum álibi, graças às noções distorcidas de Esquisito do que era diversão. Não poderia deixar que a polícia encontrasse o melhor veículo possível para se dirigir em uma nevasca com as suas impressões digitais por toda parte. Ziggy costumava ser muito cauteloso, mas agora a sua vida poderia ser destruída por causa de uma única palavra descuidada. Era melhor nem pensar nisso.

Sentiu uma espécie de alívio quando a porta abriu e os dois policiais entraram na cela. Ele reconheceu o sujeito que dera a ordem de trazê-los para a delegacia. Despido do gigantesco sobretudo, ele era um fiapo de homem, com o cabelo pardacento um pouco mais comprido do que estava na moda. A barba por fazer indicava que ele fora tirado da cama no meio da noite, embora a camisa branca impecável e o terno elegante dessem a impressão de terem saído direto do cabide da tinturaria. Sentou na cadeira à frente de Ziggy e disse:

— Eu sou o detetive-inspetor Maclennan e este é o detetive de polícia Burnside. Precisamos ter uma conversinha com você sobre o que aconteceu esta noite. — Ele fez um gesto na direção de Burnside. — O meu colega aqui irá fazer algumas anotações e depois vamos preparar um depoimento para você assinar.

Ziggy concordou.

— Tudo bem. Pode perguntar. — Endireitou-se na cadeira. — Seria possível me arrumar uma xícara de chá?

Maclennan virou-se para Burnside e fez um gesto afirmativo. Burnside levantou-se e saiu da sala. Maclennan encostou-se na cadeira e observou a sua testemunha. Curioso como os cortes de cabelo típicos da década de 60 estavam novamente na moda. O rapaz de cabelo escuro sentado à sua frente passaria tranquilamente por um dos integrantes da banda Small Faces, uns dez anos antes. Ele não parecia polonês para Maclennan. Tinha a pele clara e as bochechas avermelhadas típicas de um escocês nascido em Fife, embora os olhos castanhos não fossem muito comuns entre eles. Maçãs do rosto bem largas davam ao seu rosto um ar bem-acabado e exótico. Um pouco parecido com o daquele bailarino russo, Rudolph Nãoseiquê, ou seja lá qual for o seu nome.

Burnside voltou quase imediatamente.

— Já está vindo — avisou ele, sentando-se e pegando a sua caneta.

Maclennan apoiou os antebraços na mesa e entrelaçou os dedos.

— Vamos começar com os dados pessoais.

Avançaram rapidamente pelas preliminares e então o detetive disse:

— Uma verdadeira tragédia. Você deve estar muito abalado.

Ziggy começou a sentir-se preso na terra dos clichês.

— Podes crer.

— Quero que me conte, com as suas próprias palavras, o que aconteceu hoje à noite.

Ziggy limpou a garganta.

— Estávamos voltando para o Fife Park...

Maclennan o interrompeu, levantando a mão aberta no ar.

— Vamos retroceder um pouco mais. Quero a história desde o começo da noite, ok?

Ziggy sentiu um aperto no peito. Tinha a esperança de não ter de mencionar a parada que haviam feito no Lammas no início da noite.

— Ok. Nós quatro moramos no mesmo alojamento no Fife Park, então normalmente jantamos juntos. Hoje era a minha vez de cozinhar. Comemos ovo, batata e feijão e lá pelas nove horas fomos para a cidade. Íamos a uma festa mais tarde e estávamos a fim de tomar umas cervejas antes. — Ele fez uma pausa para se assegurar de que Burnside estava conseguindo anotar tudo.

— Aonde foram beber?

— No Lammas. — As palavras pairaram no ar entre eles.

Maclennan não teve nenhuma reação, embora tivesse sentido o coração acelerar.

— Vocês costumam beber lá?

— Quase sempre. A cerveja é barata e eles não têm nada contra os estudantes, ao contrário de uns outros lugares por aí.

— Então você viu Rosie Duff? A moça assassinada?

Ziggy deu de ombros.

— Não prestei muita atenção nela, não.

— O quê? Uma garota bonita como aquela e você não prestou atenção?

— Não foi ela quem me serviu quando estava na minha vez de buscar as cervejas.

— Mas você já deve ter falado com ela antes, não?

Ziggy respirou fundo.

— Como eu disse, nunca prestei atenção nela. Passar cantadas em garçonetes não é a minha praia.

— Não está à sua altura, não é? — Maclennan disse, carrancudo.

— Não sou nenhum esnobe, inspetor. A minha família mora em uma casa popular. Só não curto essa de ficar bancando o machão pelos bares da vida, ok? Eu a conhecia de vista, sim, mas o meu papo com ela nunca foi além de “Quatro chopes, por favor”.

— Algum dos seus amigos estava de olho nela?

— Não que eu tenha notado. — A indiferença de Ziggy ocultava uma súbita cautela com o rumo que o interrogatório estava tomando.

— Bom, então vocês tomaram umas cervejas no Lammas. E aí?

— Como eu disse, fomos para uma festa, na casa de um aluno de Matemática do terceiro ano, chamado Pete, conhecido do Tom Mackie. Ele mora em St. Andrews, em Learmonth Gardens. Não sei o número da casa. Os pais estavam viajando e ele resolveu dar uma festa. Chegamos por volta de meia-noite e já eram quase quatro da manhã quando saímos de lá.

— Vocês ficaram juntos na festa?

Ziggy achou graça.

— O senhor já foi a uma festa dessas, inspetor? Então sabe como a coisa funciona. Você chega com o pessoal, pega uma cerveja e todo mundo some. Então, quando a festa já deu o que tinha que dar, você vê quem ainda está de pé, recolhe todo mundo e vai embora trocando as pernas. O bom pastor, esse sou eu. — Ele deu um sorriso irônico.

— Quer dizer então que vocês quatro chegaram juntos e foram embora juntos, mas você não tem ideia do que os outros fizeram nesse meio-tempo?

— É mais ou menos por aí.

— Você pode garantir que nenhum deles saiu e voltou depois?

Se Maclennan esperava alarmar Ziggy, ficou decepcionado. Ele apenas entortou a cabeça para o lado, pensativo.

— Provavelmente não, acho que não — admitiu ele. — Eu passei a maior parte do tempo na estufa, nos fundos da casa. Eu e uns ingleses. Sinto muito, não me lembro dos nomes. Estávamos conversando sobre música, política, coisas assim. A coisa ficou feia quando começamos a falar sobre a independência da Escócia, como vocês podem imaginar. Circulei algumas vezes, para buscar cerveja, fui até a sala de jantar arrumar alguma coisa para comer, mas não, não estava sendo o guardião dos meus irmãos.

— Vocês costumam voltar sempre juntos? — Maclennan não sabia direito aonde queria chegar com aquilo, mas sentia que aquela era a pergunta certa.

— Depende de alguém conseguir se dar bem.

Ele está definitivamente na defensiva agora, pensou o policial.

— E isso acontece com frequência?

— Às vezes. — Ziggy deu um sorriso um pouco forçado. — Somos rapazes saudáveis, cheios de vigor, sabe?

— E acabam sempre voltando para casa juntinhos? Muito aconchegante.

— Não sei se você sabe, inspetor, mas nem todos os estudantes são obcecados por sexo. Alguns de nós têm consciência do quanto temos sorte de estarmos aqui e não queremos colocar tudo a perder.

— Por isso vocês preferem a companhia uns dos outros? Lá na minha terra, as pessoas iam achar que vocês são bichas.

Ziggy perdeu a compostura por um momento.

— E se fôssemos? Não é contra a lei.

— Depende do que você está fazendo e com quem está fazendo — respondeu Maclennan, desistindo de qualquer pretensão de amabilidade.

— Vem cá, o que isso tudo tem a ver com o fato de termos encontrado o corpo de uma garota? — perguntou Ziggy, inclinando-se para a frente. — O que o senhor está tentando dizer? Que nós somos gays, por isso estupramos e matamos a moça?

— Você é quem está dizendo. Todo mundo sabe que alguns homossexuais odeiam as mulheres.

Ziggy balançou a cabeça, custando a acreditar.

— Todo mundo quem? Os preconceituosos e os ignorantes? Escuta aqui, só porque Alex, Tom e Davey saíram da festa comigo não quer dizer que eles são gays, entendeu? Eles poderiam te dar uma lista com o nome de garotas que provariam como o senhor está enganado.

— E você, Sigmund? Poderia fazer o mesmo?

Ziggy tentou ficar imóvel, desejando que o seu corpo não o traísse. Havia uma diferença enorme, do tamanho da Escócia, entre não ser contra a lei e ser aceito. Havia chegado a um ponto no qual a verdade não seria sua amiga.

— Será que dá para voltar ao que interessa aqui, inspetor? Eu saí da festa por volta das quatro da manhã com os meus três amigos. Descemos a Learmonth Place, viramos à esquerda na Canongate e seguimos pela Trinity Place. Hallow Hill é um atalho para o Fife Park...

— Você viu alguém no caminho até a colina? — interrompeu Maclennan.

— Não. Mas a visibilidade não estava lá essas coisas, por causa da neve. Enfim, estávamos andando pela trilha de pedestres lá embaixo, quando Alex começou a correr colina acima. Sei lá por quê, eu estava na frente e não vi o que deu nele. Quando ele chegou lá em cima, tropeçou e caiu em um buraco. Aí ele começou a gritar para que a gente fosse até lá, que tinha uma moça ensanguentada lá embaixo. — Ziggy fechou os olhos, mas tornou a abri-los imediatamente, assim que a imagem da moça morta surgiu mais uma vez diante dele. — Subimos até lá e vimos Rosie caída na neve. Senti o pulso dela, pra checar os batimentos cardíacos. Estavam muito fracos, mas estavam lá. O sangramento parecia vir do abdômen, um corte bem profundo, me pareceu. Talvez uns oito ou dez centímetros. Pedi pro Alex ir buscar ajuda, para chamar a polícia. Cobrimos a moça com os nossos casacos e eu tentei estancar a hemorragia. Mas já era tarde demais. Os órgãos internos já estavam comprometidos, muita perda de sangue. Ela morreu alguns minutos depois. — Ziggy exalou longamente. — Eu não pude fazer nada.

Até mesmo Maclennan ficou momentaneamente em silêncio com a intensidade das palavras de Ziggy. Ele olhou de soslaio para Burnside, que escrevia freneticamente.

— Por que pediu a Alex Gilbey que fosse buscar ajuda?

— Porque ele estava mais sóbrio do que Tom. E Davey costuma se descontrolar em momentos de crise.

Fazia todo o sentido. Era quase perfeito demais. Maclennan arrastou a cadeira para trás.

— Um dos meus oficiais irá levá-lo para casa, Sr. Malkiewicz. Vamos precisar das roupas que está usando, para a análise forense. E das suas digitais, para fins eliminatórios. E vamos ter de conversar novamente depois.

Havia outras coisas que Maclennan desejava saber sobre Sigmund Malkiewicz. Mas isso podia esperar. A sua sensação de desconforto em relação àqueles quatro rapazes crescia a cada minuto. Precisava começar a pressioná-los. E tinha a impressão de que o tal que se descontrolava em momentos de crise ia ser o primeiro a ceder.

3

A poesia de Baudelaire parecia estar funcionando. Encolhido em posição fetal sobre um colchão tão duro que mal merecia o nome, Mondo recitava *As Flores do Mal* mentalmente. Os poemas pareciam ironicamente adequados diante dos acontecimentos daquela noite. O fluxo musical do francês o acalmava, dissipando a realidade da morte de Rosie Duff e da cela de polícia para a qual o haviam trazido. Era algo transcendental, que o elevava acima do seu próprio corpo e o conduzia para um lugar onde a sequência serena de sílabas era tudo o que cabia na sua consciência. Ele não queria ter de lidar com morte, culpa, medo ou suspeita.

O seu esconderijo foi pelos ares abruptamente quando a porta da cela se abriu em um solavanco. O policial Jimmy Lawson agigantou-se diante dele.

— De pé, filho. Eles querem falar com você.

Mondo deu um passo hesitante para trás, afastando-se do jovem policial que de salvador se tornara carrasco.

O sorriso de Lawson estava longe de ser confortante.

— Não vá se borrar todo aqui. Vamos lá, coragem. O inspetor Maclennan não gosta que o deixem esperando.

Mondo se levantou lentamente e seguiu Lawson para fora da cela, que dava para um corredor extremamente iluminado. Era tudo claro demais, exposto demais para o seu gosto. Ele realmente não gostava daquele lugar.

Lawson dobrou o corredor e abriu uma porta. Mondo hesitou no umbral. Sentado à mesa estava o homem que já havia visto em Hallow Hill. Ele parecia franzino demais para ser um policial, pensou Mondo.

— Sr. Kerr, certo? — perguntou ele.

Mondo concordou com a cabeça.

— Sim — disse ele. O som da sua própria voz deixou-o surpreso.

— Pode entrar e sentar aí. Eu sou o detetive-inspetor Maclennan, e esse é o detetive Burnside.

Mondo sentou-se diante dos dois homens, olhando fixamente para o tampo da mesa. Burnside executou os procedimentos de praxe com uma educação que surpreendeu Mondo, que estava esperando algo na linha dos seriados de tevê: gritaria e arrogância, policiais bancando os machões.

Quando Maclennan assumiu o interrogatório, um tom de rispidez passou a

fazer parte da conversa.

— Então você conhecia Rosie Duff — afirmou ele.

— Conhecia. — Mondo ainda não conseguia levantar os olhos. — Quer dizer, eu sabia que ela era garçonete do Lammas — ele acrescentou, quebrando o silêncio que se instalara entre eles.

— Era uma moça bonita — comentou Maclennan. Mondo não respondeu. — Você deve pelo menos ter reparado isso.

Mondo deu de ombros.

— Nunca parei pra pensar nela.

— Não era o seu tipo?

Mondo levantou a cabeça, os lábios suspensos em um meio sorriso no canto da boca.

— Acho que eu não era o tipo dela. Ela nunca prestou atenção em mim. Estava sempre mais interessada em outros caras. Eu sempre mofava até ser atendido no Lammas.

— Isso deve ter te deixado chateado.

Os olhos de Mondo encheram-se de pânico. Começava a perceber que Maclennan era mais astuto do que ele imaginava que um policial pudesse ser. Ele ia ter que ficar esperto, teria de ser sagaz.

— Pra falar a verdade, não. Quando a gente estava com pressa, eu costumava mandar o Gilly no meu lugar.

— Gilly? Você está falando do Alex Gilbey, certo?

Mondo concordou, abaixando novamente os olhos. Não queria que aquele homem percebesse nenhuma das emoções que se agitavam dentro dele. *Morte, culpa, medo, suspeita.* Queria desesperadamente ir embora, sair daquela delegacia, se desligar daquele caso. Não queria prejudicar ninguém, mas não aguentava mais aquilo. Sabia que não aguentava mais aquilo e não queria acabar agindo de uma maneira que o fizesse parecer suspeito ou culpado aos olhos dos policiais. Porque não era dele que deveriam estar desconfiando. Nunca passara uma cantada em Rosie Duff, por mais que tivesse tido vontade. Não tinha roubado a Land Rover. Tudo o que fez foi levar uma garota pra casa até Guardbridge. Não tinha encontrado nenhum corpo na neve. Isso era responsabilidade de Alex. Graças aos outros três, estava no meio daquela merda toda. Se para garantir a sua proteção ele tivesse de desviar o olhar dos policiais para outro lugar, bem, Alex jamais ficaria sabendo. E mesmo que soubesse, Mondo tinha certeza de que ele o perdoaria.

— Então ela gostava do Gilly, hein? — Maclennan era implacável.

— Não faço ideia. Pelo que sei, ele era apenas mais um freguês pra ela.

— Mas um freguês que ela notava mais do que a você.

— Sim, mas isso não o torna exatamente especial.

— Você está dizendo que Rosie era chegada a um flerte?

Mondo balançou a cabeça, impaciente consigo mesmo.

— Não. De jeito nenhum. Era o trabalho dela, só isso. Ela atendia no pub, tinha que ser simpática com as pessoas.

— Mas não era simpática com você.

Mondo puxava nervosamente os cachos que caíam em volta das suas orelhas.

— O senhor está distorcendo tudo. Ela não significava nada pra mim, nem eu pra ela. Agora, será que posso ir embora, por favor?

— Ainda não, Sr. Kerr. De quem foi a ideia de voltar por Hallow Hill?

Mondo franziu a testa.

— Não foi ideia de ninguém. Esse é o caminho mais rápido de onde a gente estava até o Fife Park. Sempre voltamos por esse caminho. Não paramos pra pensar sobre isso.

— E alguma vez sentiram-se tentados a subir até o cemitério picto?

Mondo fez que não com a cabeça.

— Sabíamos que ele existia, fomos dar uma olhada na época em que estavam escavando. Assim como a metade da população de St. Andrews. Não quer dizer que somos desequilibrados.

— Eu não disse isso. Mas nunca fizeram uma parada lá, voltando para o alojamento?

— Por que faríamos isso?

Maclennan deu de ombros.

— Sei lá. Brincadeiras bobas de moleques. Talvez vocês tenham assistido *Carrie, a Estranha* muitas vezes.

Mondo puxou uma mecha do cabelo. *Morte, culpa, medo, suspeita.*

— Não curto filmes de terror. Olha, inspetor, o senhor está entendendo tudo errado. Somos apenas quatro caras comuns que tiveram o azar de encontrar algo incomum. Nada mais, nada menos. — Abriu os braços em um gesto amplo, torcendo para estar convincente. — Eu sinto muito pelo que aconteceu com a garota, mas não tenho nada a ver com isso.

Maclennan encostou-se na cadeira.

— Isso é o que você diz.

Mondo ficou quieto, apenas soltando o ar em um longo suspiro de frustração.

— E quanto à festa? Conte exatamente o que você fez por lá.

Mondo contorceu-se na cadeira, o seu desejo de ir embora óbvio em cada músculo do seu corpo. Será que a garota ia abrir o bico? Duvidava muito. Ela

teve que entrar em casa de fininho, o seu horário de voltar já havia passado há horas. E não era aluna da universidade, não conhecia quase ninguém de lá. Com um pouco de sorte, jamais seria citada, jamais seria interrogada.

— Escuta, qual o seu interesse nisso? Acabamos de encontrar um corpo, sabia?

— Temos que considerar todas as possibilidades.

Mondo deu um sorriso debochado.

— Apenas fazendo o seu trabalho, né? Bem, está perdendo tempo se acha que estamos envolvidos com o que aconteceu com ela.

Maclennan deu de ombros.

— Mesmo assim, gostaria de saber sobre a festa.

Com o estômago revirando, Mondo produziu uma versão editada da festa, torcendo para que colasse.

— Não sei. É difícil lembrar de todos os detalhes. Um pouco depois de termos chegado na festa, comecei a dar em cima de uma garota. O nome dela era Marg. Morava em Elgin. Dançamos um pouco e eu achei que ia rolar, sabe? — Mondo ficou subitamente triste. — Aí o namorado dela apareceu. Ela não tinha falado nada de namorado pra mim. Fiquei um pouco chateado, aí tomei mais umas cervejas e fui lá pra cima. Lá em cima tinha um cômodo bem pequeno, tipo uma despensa, com uma escrivaninha e uma cadeira. Fiquei sentado lá um pouco, meio triste. Não muito, foi só o tempo de beber uma latinha. Aí desci de novo e fiquei de bobeira, perambulando pela casa. Ziggy estava na estufa, fazendo o seu discurso sobre a Declaração de Independência pra uns ingleses, então eu saí fora. Já ouvi isso umas mil vezes. Não notei mais ninguém que valesse a pena. A festa estava meio fraca em termos de mulheres bonitas e as únicas que apareceram por lá já estavam acompanhadas, então fiquei só de bobeira. Pra falar a verdade, eu já estava na pilha de ir embora muito antes de a gente resolver voltar pra casa.

— Mas você não sugeriu isso?

— Não.

— Por que não? Não tem opinião própria?

Mondo lançou um olhar de ódio. Não era a primeira vez que era acusado de seguir os outros, como um carneirinho idiota.

— Claro que tenho. Só estava sem saco, ok?

— Tudo bem — disse Maclennan. — Vamos verificar a sua história. Você pode ir para casa agora. Mas vamos precisar das roupas que você está vestindo. Vou mandar um policial te acompanhar até em casa e recolher as suas roupas. — Quando ele se levantou, as pernas da cadeira arranhando o chão produziram um som estridente que deu nos nervos de Mondo. — Voltaremos a nos encontrar, Sr.

Kerr.

A policial Janice Hogg fechou a porta do carro tentando fazer o mínimo de barulho possível. Não era preciso acordar toda a vizinhança, eles ficariam sabendo em breve mesmo. Encolheu-se num susto quando o detetive Iain Shaw bateu a porta do lado do motorista sem pensar duas vezes, lançando um olhar feroz para a parte de trás da sua cabeça calva. Ele tinha apenas vinte e cinco anos e já estava ficando careca, constatou ela com uma pontada de prazer convencido. E ainda se considerava um partidão.

Como se o teor dos pensamentos de Janice tivesse penetrado o seu cérebro, Shaw virou para trás e fez uma cara feia.

— Vamos logo, anda. Vamos nos livrar logo disso.

Janice deu uma olhada no chalé enquanto Shaw abria o portão de madeira e avançou rapidamente pela pequena trilha que os separava da casa. Era típica daquela área; uma construção baixa com duas janelas de mansarda inseridas acima do teto e abaixo do telhado curvo com espigões salientes cobertos de neve. Uma pequena varanda encaixada entre as janelas do primeiro andar, o revestimento pintado com uma cor escura difícil de ser identificada apenas com a luz precária oriunda dos postes de luz. Parecia bem-cuidada, concluiu ela, imaginando qual daqueles quartos havia sido o de Rosie.

Expulsou aquele pensamento da sua mente enquanto se preparava para a penosa tarefa que estava prestes a cumprir. Era mandada para dar as más notícias mais vezes do que merecia. Devia ser porque era mulher. Ficou de prontidão, enquanto Shaw batia na porta com a pesada argola de ferro. A princípio, nenhum sinal de resposta. Então uma luz fraca se acendeu por trás das cortinas na janela à direita do andar de baixo. Eles viram a mão de alguém puxando a cortina para o lado e depois um rosto, iluminado pela metade. Um homem de meia-idade com o cabelo grisalho despenteado olhava para eles, pasmo e boquiaberto.

Shaw apanhou o seu distintivo e mostrou a ele. Aquele gesto era inconfundível. A cortina voltou a se fechar. Alguns segundos depois, a porta da frente se abriu e o homem apareceu, amarrando na cintura a faixa de um grosso robe de lã. A barra da calça do pijama encobria quase totalmente os seus chinelos de xadrez escocês desbotado.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou ele, disfarçando mal a sua apreensão por trás da agressividade.

— Sr. Duff? — confirmou Shaw.

— Sim, sou eu. O que vocês estão fazendo na minha porta a esta hora?

— Eu sou o detetive de polícia Shaw e esta é a policial Hogg. Podemos

entrar, Sr. Duff? Precisamos conversar com o senhor.

— O que aqueles dois aprontaram? — Ele abriu espaço e fez sinal para que eles entrassem. A porta interna dava para a sala de estar. Um conjunto de três sofás estofados de camurça marrom formava uma espécie de fortaleza para abrigar o maior aparelho de tevê que Janice já tinha visto na vida. — Sentem-se — disse ele.

Quando se encaminhavam para o sofá, Eileen Duff surgiu na soleira da porta, do outro lado da sala.

— O que está acontecendo, Archie? — quis saber ela. O seu rosto estava limpo, sem maquiagem e untado de creme, a cabeça coberta por um lenço bege de chiffon para proteger o cabelo recém-arrumado no salão. O seu quimono acolchoado de náilon estava abotoado errado.

— É a polícia — explicou o marido.

Os olhos dela arregalaram-se de ansiedade.

— O que aconteceu?

— A senhora pode vir sentar-se conosco, Sra. Duff? — perguntou Janice, indo na direção da mulher e dando-lhe o braço. Ela a conduziu até o sofá e fez um gesto para que o marido sentasse ao seu lado.

— É notícia ruim, aposto — sentenciou a mulher, aflita, agarrando o braço do marido. Archie Duff mantinha o seu olhar fixo e impassível na tela desligada da tevê, os lábios contraídos.

— Sinto muito, Sra. Duff. Mas receio que a senhora esteja certa. Temos péssimas notícias para vocês. — Shaw estava parado, sem jeito, a cabeça um pouco baixa e os olhos fixos nos redemoinhos multicoloridos do carpete.

A Sra. Duff deu um empurrão no marido.

— Eu te disse pra não deixar Brian comprar aquela moto! Eu disse!

Shaw lançou um olhar suplicante para Janice. Ela se aproximou do casal e disse gentilmente:

— Não foi o Brian. Foi a Rosie.

A Sra. Duff choramingou.

— Não pode ser — protestou ela.

Janice lutou para continuar.

— Hoje à noite, um pouco mais cedo, o corpo de uma jovem foi encontrado em Hallow Hill.

— Deve ser algum engano — contemporizou Archie Duff, teimoso.

— Infelizmente, não. Alguns dos policiais presentes na cena do crime reconheceram Rosie. Eles a conheciam do Lammas. Sinto muitíssimo em ter de lhes dizer que a filha de vocês está morta.

Janice já havia soltado essa bomba muitas vezes e sabia que das duas uma:

ou a pessoa negava o acontecido, como Archie Duff, ou uma dor pungente atingia os familiares como uma poderosa força da natureza. Eileen Duff jogou a cabeça para trás e urrou aos céus a sua dor, as mãos crispadas contorcendo-se no seu colo, o corpo inteiro possuído pela angústia. O marido olhava para ela como se não a reconhecesse, as sobrancelhas cerradas, recusando-se firmemente a aceitar o que estava acontecendo.

Janice ficou parada, deixando a primeira onda quebrar sobre ela, pronta para um eventual resgate. Shaw trocava o peso do corpo de uma perna para a outra, sem saber o que dizer.

De repente, ouviram passos pesados na escada que desembocava no canto da sala. Surgiram pernas cobertas por uma calça de pijama, seguidas por um peito nu e finalmente um rosto de sono, coroado por um topete negro de cabelos despenteados. O rapaz parou a alguns passos do chão e examinou a cena.

— Que diabos está acontecendo aqui? — resmungou ele.

Sem virar a cabeça, Archie disse:

— A sua irmã está morta, Colin.

Colin Duff estava boquiaberto.

— O quê?

Janice acudiu novamente.

— Sinto muito, Colin. Mas o corpo da sua irmã foi encontrado ainda há pouco.

— Onde? O que aconteceu? Como assim, o corpo dela foi encontrado? — À medida que ia atropelando as palavras, as suas pernas iam cedendo e ele desmoronou nos últimos degraus da escada.

— Ela foi encontrada em Hallow Hill. — Janice suspirou fundo. — Achamos que Rosie foi assassinada.

Colin afundou a cabeça entre as mãos.

— Oh, Deus! Deus! — murmurava ele sem parar.

Shaw inclinou-se diante deles.

— Vamos ter de lhe fazer algumas perguntas, Sr. Duff. Será que podemos ir até a cozinha?

O primeiro ataque de desespero de Eileen estava passando. Ela parou de chorar e voltou o seu rosto marcado pelas lágrimas para Archie.

— Espera aí. Eu não sou nenhuma criança que precisa ser preservada da verdade — arquejou ela.

— Vocês têm um conhaque? — perguntou Janice. Archie não teve nenhuma reação. — Ou um uísque?

Colin levantou-se aos tropeções.

— Temos uma garrafa na copa. Eu vou buscar.

Eileen voltou os olhos inchados para Janice.

— O que aconteceu com a minha filhinha?

— Ainda não sabemos direito. Parece que ela foi esfaqueada. Mas vamos ter de esperar o médico-legista examiná-la, até termos certeza.

Enquanto ela falava, Eileen se encolheu, como se ela própria tivesse sido golpeada.

— Quem faria uma coisa dessas com Rosie? Logo ela, que não fazia mal a uma mosca.

— Ainda não sabemos — acudiu Shaw. — Mas vamos encontrá-lo, Sra. Duff. Eu sei que este é o pior momento do mundo para fazer perguntas, mas quanto mais rápido obtivermos as informações necessárias, mais rápido vai ser o nosso progresso.

— Posso vê-la? — perguntou Eileen.

— Vamos providenciar isso mais tarde — disse Janice. Ela agachou-se ao lado de Eileen e colocou a mão no seu braço. — Rosie costumava voltar para casa a que horas?

Colin saiu da cozinha trazendo uma garrafa de uísque e três copos.

— O Lammas só aceita pedidos até as dez e meia. Ela normalmente chegava lá pras onze e quinze. — Ele colocou os copos na mesa de centro e serviu três porções generosas.

— Mas às vezes ela chegava mais tarde? — perguntou Shaw.

Colin entregou os copos de uísque aos pais. Archie bebeu metade, de um gole só. Eileen segurou o copo, mas não o levou aos lábios.

— Chegava, se tivesse uma festa pra ir ou algo assim.

— E ontem à noite?

Colin bebeu mais um pouco.

— Não sei. Mãe, ela disse alguma coisa pra você?

Eileen olhou para ele, confusa e perdida.

— Ela me disse que ia encontrar uns amigos. Não disse quem, e eu não perguntei. Ela tem direito a privacidade. — Havia um tom defensivo na sua voz e Janice deduziu que aquilo deve ter sido um motivo de discórdia, provavelmente com Archie.

— Como ela costumava voltar para casa? — perguntou Janice.

— Se eu ou Brian estivéssemos na cidade, a gente passava no pub e dava uma carona pra ela. Tinha uma outra garçonete que trabalhava no mesmo turno, a Maureen, que às vezes a trazia pra casa. Quando ela não conseguia nenhuma carona, pegava um táxi.

— Cadê Brian? — perguntou Eileen, de repente, querendo reunir os filhos debaixo da sua asa.

Colin deu de ombros.

— Ele ainda não chegou, não. Deve ter ficado lá na cidade.

— Ele tinha que estar aqui. Não quero que ele receba a notícia por estranhos.

— Ele vai voltar pro café da manhã. — Archie respondeu, áspero. — Precisa se arrumar pra ir trabalhar.

— Rosie estava saindo com alguém? Tinha algum namorado? — Shaw estava tão ansioso para ir embora que foi direto ao assunto.

Archie franziu o cenho.

— Pretendentes não faltavam pra Rosie.

— Alguém em particular?

Eileen bebericou o seu uísque.

— Ela estava saindo com alguém ultimamente, mas não queria me contar quem era. Eu perguntei, mas ela disse que me contaria quando fosse a hora.

Colin bufou.

— Algum homem casado, pelo visto.

Archie lançou um olhar de fúria para o filho.

— Mais respeito quando falar da sua irmã, ouviu?

— Ué, então por que ela ia guardar segredo? — O rapaz projetou a mandíbula para a frente, desafiante.

— Vai ver que ela não queria você e o seu irmão se metendo de novo nos assuntos dela — retrucou Archie. Virou-se para Janice. — Uma vez eles deram uma surra num rapaz porque cismaram que ele não estava tratando Rosie direito.

— Quem era o rapaz?

Archie arregalou os olhos, surpreso.

— Isso foi anos atrás. Não tem nada a ver com o que aconteceu agora. O rapaz nem mora mais aqui. Se mudou pra Inglaterra, logo depois.

— Ainda assim, queremos saber quem é — insistiu Shaw.

— John Stobie — Colin respondeu irritado. — O pai dele trabalha como jardineiro no Old Course. Mas como o meu pai disse, ele não ousaria chegar perto de Rosie.

— Não era um homem casado — continuou Eileen. — Eu perguntei a ela. Ela disse que jamais traria um problema desses pra dentro de casa.

Colin balançou a cabeça e olhou para o outro lado, girando o copo de uísque na mão.

— Não vi Rosie com ninguém ultimamente. Mas ela tinha lá os seus segredos.

— Vamos precisar dar uma olhada no quarto dela — disse Shaw. — Mas não agora, mais tarde. Então, se vocês puderem evitar mexer em qualquer coisa

lá, eu agradeço. — Ele limpou a garganta. — Se vocês quiserem, a policial Hogg pode ficar aqui com vocês.

Archie fez que não com a cabeça.

— Vamos ficar bem.

— É possível que apareçam alguns repórteres por aqui. Seria mais fácil se um policial estivesse aqui para ajudá-los.

— Meu pai já disse. Vamos ficar melhor sozinhos — respondeu Colin.

— Quando vou poder ver a Rosie? — quis saber Eileen.

— Vamos mandar um carro buscar a senhora mais tarde. Vou providenciar para alguém ligar para cá e combinar um horário com vocês. E se vocês se lembrarem de qualquer coisa que Rosie tenha dito sobre onde poderia estar hoje à noite ou sobre alguém com quem estivesse saindo, por favor entrem em contato. Seria útil se vocês pudessem fazer uma lista com os nomes dos amigos dela. Especialmente alguém que possa saber onde ela estava ontem e com quem. É possível? — Shaw ficou mais gentil quando percebeu que estava prestes a dar no pé dali.

Archie concordou e levantou-se do sofá.

— Mais tarde. Vamos fazer isso depois.

Janice levantou-se, os joelhos reclamando por ela ter ficado muito tempo naquela posição desconfortável.

— Podem ficar à vontade, sabemos o caminho.

Ela seguiu Shaw até a porta. A tristeza naquela casa parecia uma substância tangível, tomando conta do ar e dificultando a respiração. Era sempre a mesma coisa. A melancolia parecia aumentar num crescendo nas primeiras horas após a notícia.

Mas aquilo ia mudar. Em breve, viria a raiva.

4

Esquisito olhava fixamente para Maclennan, os braços magérrimos cruzados sobre o peito franzino.

— Preciso de um cigarro — disse ele. O ácido que havia tomado mais cedo já perdera o efeito, deixando-o irrequieto e rebelde. Não queria estar ali e estava determinado a cair fora o mais rápido possível. O que não queria dizer que estava disposto a cooperar.

Maclennan balançou a cabeça.

— Sinto muito, filho. Não permitimos cigarro aqui.

Esquisito virou a cabeça e olhou para a porta.

— Você sabe que não pode torturar ninguém, né?

Maclennan se recusava a morder a isca.

— Precisamos fazer umas perguntas sobre o que aconteceu hoje à noite.

— Sem um advogado, sem chance. — Esquisito sorriu para si mesmo.

— Por que precisa de um advogado, se não tem nada a esconder?

— Porque você é o Todo-Poderoso. E está com uma garota assassinada nas costas, precisando arrumar alguém pra pôr a culpa. E eu não vou assinar nenhuma confissão falsa, não importa o quanto você me deixe mofando aqui dentro.

Maclennan suspirou. Era deprimente constatar que os métodos duvidosos de uma meia dúzia de policiais davam munição para espertinhos como aquele atacarem todo o resto. Apostava uma semana do seu salário como aquele adolescente hipócrita tinha um pôster de Che Guevara na parede do quarto. E que achava que era o primeiro na fila para herói da classe operária. O que não queria dizer que não podia ter assassinado Rosie Duff.

— Você tem uma ideia muito estranha dos métodos policiais.

— Diga isso aos seis de Birmingham e aos quatro de Guildford[3] — rebateu Esquisito, como se aquilo fosse um trunfo.

— Se você não quer terminar como eles, filho, sugiro que comece a colaborar. Podemos fazer isso dentro dos conformes: eu faço algumas perguntas e você responde ou eu posso te deixar trancado aqui por algumas horas até conseguirmos achar um advogado que esteja assim tão desesperado para trabalhar.

— Você está me negando o direito de representação legal? — Havia um

tom de imponência na voz de Esquisito que teria deixado os seus amigos desesperados se pudessem ouvi-lo.

Mas Maclennan sabia que estava mais do que à altura de um estudantezinho convencido.

— Faça como quiser. — Ele se afastou da mesa.

— Vou fazer mesmo — disse Esquisito, teimoso. — Não tenho nada para falar com você sem um advogado presente. — Maclennan caminhou até a porta, com Burnside logo atrás. — Então trate de me arrumar um, ok?

A porta já estava aberta. Maclennan olhou para trás.

— Não tenho nada a ver com isso, filho. Você quer um advogado, você dá o telefonema.

Esquisito parou para pensar. Não conhecia nenhum advogado. Diabos, não tinha nem dinheiro para pagar um advogado, mesmo que conhecesse algum. Podia imaginar o que o seu pai diria se ele ligasse para casa e pedisse ajuda. Esse não era um pensamento particularmente agradável. Além do mais, teria de contar a história toda para o advogado, e qualquer advogado pago pelo seu pai seria obrigado a lhe dar um relatório completo. Existiam coisas, pensou ele, bem piores do que ser preso por ter roubado uma Land Rover.

— Pois bem — disse ele de má vontade. — Você faz aí as suas perguntas. Se elas forem tão inocentes quanto você pensa que são, eu respondo. Mas, se eu achar que você está tentando me incriminar, não abro mais a boca.

Maclennan fechou a porta e sentou-se novamente. Manteve o olhar fixo em Esquisito, observando com calma os seus olhos inteligentes, o nariz adunco e os lábios incongruentemente carnudos. Não achava que Rosie Duff pudesse ter visto aquele rapaz como um partido desejável. Provavelmente teria rido na cara dele, caso tivesse recebido uma cantada. Uma reação como essa poderia ter provocado um ressentimento crescente. Que pode ter resultado em assassinato.

— Você conhecia Rosie Duff bem? — perguntou ele.

— Não a ponto de saber o seu sobrenome.

— Alguma vez a convidou para sair?

Esquisito assumiu uma expressão de deboche.

— Você só pode estar curtindo com a minha cara. Sou um pouquinho mais ambicioso do que isso. Garotas provincianas, com sonhos pequenos; não é a minha praia.

— E os seus amigos?

— Acho que não. Estamos aqui exatamente porque queremos mais do que isso.

Maclennan levantou as sobrancelhas.

— Como é que é? Vieram lá de Kirkcaldy até St. Andrews para ampliar os

seus horizontes? Uau, o mundo não sabe o que está perdendo. Escuta aqui, rapaz, Rosie Duff foi assassinada. Sejam lá quais tenham sido os sonhos dela, eles morreram também. Então, pense duas vezes antes de depreciá-la.

Esquisito sustentou o olhar de Maclennan.

— Eu só estou tentando explicar que as nossas vidas não tinham nada a ver com a dela. Se não tivéssemos dado de cara com o corpo, você sequer saberia da nossa existência nessa investigação. E francamente, se nós somos o melhor que vocês podem arrumar em termos de suspeitos, não merecem ser chamados de detetives.

A tensão entre eles produzia eletricidade. Normalmente, Maclennan gostava quando o clima ficava pesado. Era um método eficaz para manipular as pessoas e fazer com que elas falassem mais do que pretendiam. E a sua intuição lhe dizia que aquele rapaz estava escondendo alguma coisa por trás daquela aparente arrogância. Podia não ser nada importante, mas podia ser algo fundamental. Mesmo que o máximo que aquela pressão lhe rendesse fosse uma bela dor de cabeça, Maclennan não conseguia resistir. Por menor que fosse a probabilidade.

— Conte-me sobre a festa — pediu ele.

Esquisito revirou os olhos.

— Tá legal, você não deve ser convidado pra muitas festas mesmo. A coisa funciona assim. Homens e mulheres se reúnem em uma casa ou um apartamento, bebem, dançam. Às vezes rolam uns amassos, às vezes até mesmo sexo. E depois, as pessoas voltam pra casa. Foi assim esta noite.

— E às vezes, se drogam — completou Maclennan docilmente, recusando-se a deixar que o sarcasmo do rapaz o tirasse do sério.

— Não quando você está presente, aposto — respondeu Esquisito, com um sorriso debochado.

— Você se drogou hoje à noite?

— Viu? Lá vem você, tentando me incriminar.

— Com quem você estava?

Esquisito parou para pensar.

— Sabe que nem me lembro direito? Cheguei com os caras, fui embora com eles. No meio-tempo, não me lembro de nada, não. Mas se você está insinuando que eu dei uma escapada para cometer assassinato, está muito enganado. Me pergunte *onde* eu estava e eu posso te responder na boa. Eu estava na sala de estar durante toda a noite, tirando a hora que eu subi para dar uma mijada.

— E o resto dos seus amigos? Onde estavam eles?

— Não faço a menor ideia. Não sou o guardião dos meus irmãos.

Maclennan reconheceu imediatamente o eco das palavras de Sigmund

Malkiewicz.

— Mas vocês costumam cuidar uns dos outros, não?

— Sem chances de você saber que é isso que os amigos fazem, né? — zombou ele.

— Então quer dizer que vocês seriam capazes de mentir, um pelo outro?

— Ah, a pergunta capciosa. “Quando foi que você parou de bater na sua mulher?” Não temos o que mentir no que diz respeito a Rosie Duff. Porque não fizemos nada que precise ser acobertado. — Esquisito esfregou as têmporas. Precisava desesperadamente da sua cama, estava impaciente até os ossos. — Tivemos azar, nada mais.

— Conte-me como foi que aconteceu.

— Alex e eu estávamos de sacanagem, um empurrando o outro na neve. Ele meio que se desequilibrou e foi catando cavaco até a colina. Acho que a neve estava deixando ele meio eufórico, sei lá. Aí ele tropeçou e caiu, e quando eu vi, ele já estava gritando, pedindo pra gente correr até lá. — Por um momento, a arrogância de Esquisito desapareceu e ele pareceu mais jovem. — E aí a gente encontrou a garota. Ziggy tentou... mas não tinha nada que ele pudesse fazer para salvá-la. — Esquisito esfregou uma mancha em uma das pernas da sua calça. — Posso ir embora agora?

— Vocês não viram ninguém lá em cima? Ou no caminho?

Esquisito balançou a cabeça em sinal negativo.

— Não. Jack, o Estripador deve ter feito um caminho alternativo. — Estava novamente na defensiva e Maclennan sabia que continuar tentando arrancar informação dele seria uma tarefa inglória. Mas teria outra oportunidade para isso. E deveria haver uma maneira de driblar as defesas de Tom Mackie. Ele tinha apenas de descobrir qual era.

Janice Hogg tentava alcançar Iain Shaw pelo estacionamento. Estiveram mais ou menos calados no percurso de volta à delegacia, cada um associando o encontro com os Duffs com as suas próprias vidas, em níveis variáveis de alívio. Quando Shaw empurrou a porta que abrigava o ambiente aquecido da delegacia, Janice já estava logo atrás dele.

— Fico me perguntando por que será que ela não contou para a mãe com quem estava saindo — disse ela.

Shaw deu de ombros.

— Talvez o irmão esteja certo. Vai ver era um homem casado.

— Mas e se ela estivesse falando a verdade? E se ele não fosse casado? Que tipo de homem faria com que ela preferisse manter segredo sobre a sua

identidade?

— A mulher aqui é você, Janice. O que você acha? — Shaw se dirigiu até a minúscula sala onde o policial encarregado de fornecer e manter atualizadas as informações secretas guardava os seus arquivos. A sala ficava vazia durante a noite, mas os gabinetes com as fichas de arquivo organizadas em ordem alfabética ficavam destrancados e disponíveis para consulta.

— Bem, se os irmãos tinham um histórico de espantar homens que consideravam inadequados, acho que tenho que descobrir que tipo de homem Colin e Brian considerariam inadequado — refletiu ela.

— E que tipo seria esse? — perguntou Shaw, abrindo a gaveta com a letra "D". Os seus dedos, surpreendentemente longos e finos, começaram a correr pelos arquivos.

— Pensando alto, eu diria que, a julgar pela família, com aquele senso de respeitabilidade típico de Fife, toda certinha... Acho que alguém que eles considerassem ou acima ou abaixo dela.

Shaw virou-se para ela.

— Nossa, você realmente conseguiu fazer uma bela triagem.

— Eu falei que estava pensando alto — resmungou ela. — Se fosse um pé-rapado qualquer, ela provavelmente acharia que ele seria capaz de se defender dos seus irmãos. Mas se fosse alguém um pouquinho mais rebuscado...

— Rebuscado? Mas que palavra mais sofisticada para uma policial, Janice.

— Usar um uniforme não me impede de ter um cérebro, detetive Shaw. E não se esqueça que até bem pouco tempo atrás o senhor também estava usando um.

— Tá bem, tá bem. Vamos voltar ao rebuscado. Como assim, tipo um estudante? — perguntou Shaw.

— Exatamente.

— Tipo os que encontraram o corpo? — Ele virou-se novamente para o arquivo.

— Eu não descartaria essa possibilidade — Janice encostou-se no alizar da porta. — Ela com certeza pôde conhecer vários estudantes no seu trabalho.

— Aqui está — anunciou Shaw, tirando algumas fichas da gaveta. — Sabia que Colin Duff não me era estranho. — Ele leu a primeira ficha e depois passou para Janice. Estava anotado, em uma caligrafia bonita: *Colin James Duff. Data de nascimento: 05/03/55. Último endereço conhecido: Caberfeidh Cottage, Strathkinness. Trabalha na fábrica de papel em Guardbridge, como motorista de empilhadeira. 09/74 Bebedeira e má conduta, multado 25 libras. 05/76 Perturbação da paz, detido. 06/78 Velocidade, multado 37 libras. Companheiros conhecidos: Brian Stuart Duff, irmão. Donald Angus Thomson.* Janice virou a

ficha. No verso, escrito com a mesma caligrafia, só que a lápis para poder ser apagado se fosse preciso, ela pôde ler: *Duff gosta de criar caso quando bebe. É bom de briga e tem um talento para se safar. Um pouco metido a valentão. Não é desonesto, só meio rebelde.*

— Não é o tipo de sujeito que você quer que se misture com o seu namorado acadêmico sensível — comentou Janice enquanto pegava a segunda ficha de arquivo das mãos de Shaw. *Brian Stuart Duff. Data de nascimento: 27/05/57. Último endereço conhecido: Caberfeidh Cottage, Strathkinness. Trabalha na fábrica de papel em Guardbridge como encarregado do armazém. 06/75 Agressão, multado 50 libras. 05/76 Agressão, três meses de detenção, cumpriu em Perth. 03/78 Perturbação da paz, detido. Companheiros conhecidos: Colin James Duff, irmão. Donald Angus Thomson.* Ela virou a ficha e leu no verso: *O Duff caçula é um vândalo que pensa que é valentão. A sua ficha seria bem mais longa se o irmão mais velho não tivesse o hábito de levá-lo embora antes da coisa ficar preta. Ele começou cedo — John Stobie e as suas costelas e braço quebrado em 1975, possivelmente de sua autoria. Stobie se recusou a prestar depoimento, disse que sofreu um acidente de bicicleta. Há suspeitas de que Duff também esteve envolvido no arrombamento não solucionado de uma loja de bebidas em West Port 08/78. Um dia vai acabar indo em cana por um bom tempo.* Janice apreciava as observações pessoais que o encarregado local de manter as fichas acrescentava às informações oficiais. Quando se estava indo prender alguém, era sempre de grande valia saber de antemão se a coisa terminaria mal. E, ao que parecia, os irmãos Duff poderiam fazer com que as coisas terminassem mal. Uma pena, pensou ela. Colin Duff era bem bonitinho.

— O que você acha? — perguntou Shaw, pegando Janice de surpresa duplamente, por causa do seu pensamento sobre Colin e porque não estava acostumada a um membro do DIC imaginando que ela fosse capaz de raciocínio em conjunto.

— Acho que Rosie estava guardando segredo sobre o seu namorado porque sabia que o relacionamento ia provocar a ira dos irmãos. Eles me pareceram uma família unida. Vai ver ela estava protegendo ambos, a família e o namorado.

Shaw franziu a testa.

— Como assim?

— Ela não queria que eles arrumassem mais problemas. Com a ficha de Brian, especialmente, mais uma agressão séria e eles iam acabar na cadeia por um bom tempo. Então, ela preferiu ficar calada. — Janice guardou as fichas de volta no arquivo.

— Bom trabalho. Escuta, eu vou lá na sala do DIC escrever o relatório.

Você vai até o necrotério ver se consegue agendar a visita da família. Essa história de só marcar para amanhã vai deixá-los meio chateados, mas é bom dar uma satisfação desde agora.

Janice fez uma cara desanimada.

— Por que será que eu sempre fico com as melhores tarefas?

Shaw levantou as sobrancelhas.

— Quer que eu responda?

Janice não disse mais nada. Deixou Shaw e foi para o vestiário feminino, bocejando. Tinham uma chaleira lá dentro, mas os homens não sabiam. O seu corpo pedia uma boa dose de cafeína, e se ela tinha de ir ao necrotério, merecia aquele regalo. Afinal de contas, Rosie Duff não ia a lugar algum.

Alex já estava no quinto cigarro, se perguntando se o maço ia durar mesmo, quando a porta da sala de interrogatório onde ele estava finalmente se abriu. Ele reconheceu o detetive de rosto delgado que havia visto em Hallow Hill. O homem parecia bem mais disposto do que Alex se sentia. O que não era de admirar, uma vez que a hora do café da manhã já havia passado para a maioria das pessoas. E ele duvidava muito que o inspetor estivesse sofrendo com aquela dorzinha chata causada pela ressaca, que atacava o seu cérebro. Deu a volta e sentou-se diante de Alex, nunca desviando o seu olhar. Alex fez um esforço para encará-lo de volta, determinado a não deixar que o cansaço fizesse com que ele parecesse evasivo.

— Eu sou o detetive-inspetor Maclennan — disse ele, com a voz entrecortada e enérgica.

Alex não sabia ao certo qual era a etiqueta adequada para a situação.

— Eu sou Alex Gilbey — tentou ele.

— Eu sei disso, meu filho. E também sei que você gostava de Rosie Duff.

Alex sentiu o calor queimando as suas bochechas.

— Isso não é crime — respondeu. De nada adiantaria negar o que Maclennan parecia saber com tanta certeza. Especulou qual dos seus amigos teria traído o seu interesse pela garçonete morta. Mondo, tinha quase certeza. Sob pressão, ele entregaria a própria avó, e depois tentaria se convencer de que aquele havia sido o melhor destino para a velha.

— Não, não é. Mas o que aconteceu com ela essa noite foi o pior de todos os crimes. E o meu trabalho é descobrir quem foi o responsável. Até agora, a única pessoa ligada à moça assassinada e à descoberta do corpo é você, Sr. Gilbey. Ora, você na certa é um rapaz inteligente. Então não preciso explicar isso para você, não é?

Alex bateu o cigarro nervosamente, embora não houvesse nenhuma cinza para ser descartada.

— Coincidências acontecem.

— Com muito menos frequência do que você pode imaginar.

— Bem, essa foi uma delas. — O olhar fixo de Maclennan dava a sensação de que havia insetos se movendo por dentro da pele de Alex. — Eu só tive um baita azar, encontrando Rosie daquele jeito.

— É o que você diz. Mas se eu tivesse abandonado Rosie à morte em uma colina incrivelmente gelada, estivesse preocupado se havia ficado algum vestígio de sangue em mim e fosse um rapaz inteligente, eu ia armar a coisa de modo que eu fosse a primeira pessoa a encontrar o corpo. Assim, eu teria a desculpa perfeita para estar coberto com o sangue dela. — Maclennan fez um gesto na direção da camisa de Alex, manchada de sangue coagulado.

— Tenho certeza de que o senhor agiria assim. Mas eu, não. Eu não saí da festa em momento algum. — Alex estava começando a ficar realmente com medo. Ele já estava esperando alguns momentos desagradáveis durante a conversa com a polícia, mas não havia imaginado que Maclennan ia pegar tão pesado, logo de início. Um suor frio e úmido começou a cobrir as suas palmas e ele precisou conter o impulso de secá-las no jeans.

— Você pode fornecer testemunhas que confirmem isso?

Alex cerrou os olhos, tentando silenciar a algazarra dentro da sua cabeça para poder recordar seus passos durante a festa.

— Logo que chegamos, eu fiquei conversando com uma garota da minha sala por um tempo. Penny Jamieson é o nome dela. Ela saiu para dançar e eu fiquei fazendo hora na sala de jantar, beliscando aqui e ali. Várias pessoas entraram e saíram, não prestei muita atenção. Eu estava meio bêbado e mais tarde fui até o jardim lá nos fundos para vomitar.

— Sozinho? — Maclennan inclinou-se levemente para a frente.

Alex teve um súbito flash de memória que trouxe consigo uma pontada de alívio.

— Sim. Mas vocês provavelmente vão conseguir identificar o canteiro de rosas perto de onde eu vomitei.

— Você pode ter vomitado a qualquer hora — salientou Maclennan. — Se tivesse acabado de estuprar e esfaquear uma garota e a tivesse abandonado para morrer, por exemplo. Isso poderia ter deixado você enjoado.

O momento de esperança de Alex foi por água abaixo.

— Pode até ser, mas não foi o que aconteceu — respondeu ele, em um tom desafiador. — Se eu estava coberto de sangue, você não acha que alguém teria percebido isso na festa? Eu me senti melhor depois de ter colocado tudo pra fora.

Entrei novamente e resolvi dançar um pouco, na sala de estar. Várias pessoas devem ter me visto nessa hora.

— E nós fazemos questão de conversar com cada uma delas. Queremos uma lista com o nome de todo mundo que estava nessa festa. Vamos ter de conversar com o anfitrião. Com todos que conseguirmos localizar. E se Rosie Duff apareceu por lá, mesmo que só por um segundo, nós dois vamos ter uma conversinha bem menos amigável, Sr. Gilbey.

Alex sentiu o seu rosto o trair novamente e desviou o olhar depressa. Não tão depressa quanto gostaria. Maclennan aproveitou a brecha.

— Ela estava lá?

Alex negou com a cabeça.

— Eu não a vi mais, depois do Lammas. — Ele podia ver alguma coisa começando a fazer sentido por trás do olhar fixo de Maclennan.

— Mas você a convidou para a festa? — As mãos do detetive agarraram a quina da mesa e ele se inclinou para a frente, tão próximo que Alex pôde sentir o cheiro do seu xampu.

Alex fez que sim, estava agoniado demais para negar.

— Eu dei o endereço. Quando estávamos no pub. Mas ela não apareceu na festa, não. Nem eu esperava que ela fosse aparecer. — A voz de Alex rompera em um soluço. O seu frágil controle começou a desaparecer, à medida que lembrava de Rosie atrás do balcão, animada, provocante, afetuosa. Os seus olhos encheram-se de lágrimas, encarando o detetive.

— Isso deixou você com raiva? O fato de ela não ter aparecido?

Alex sacudiu a cabeça.

— Não. Não cheguei a acreditar que ela fosse. Olha, eu não queria que ela estivesse morta. Nem queria ter encontrado o corpo. Mas o senhor tem que acreditar em mim. Eu não tive nada a ver com isso.

— Isso é o que você diz, filho. O que você diz. — Maclennan não moveu um músculo e continuou cara a cara com o rapaz. Todos os seus instintos lhe diziam que havia algo espreitando por trás da superfície naqueles interrogatórios. E, de uma maneira ou de outra, ele acabaria descobrindo o que era.

5

A policial Janice Hogg deu uma espiada no seu relógio, enquanto se dirigia até o balcão principal. Mais uma hora e ela estaria de folga, pelo menos na teoria. Com uma investigação de homicídio a pleno vapor, provavelmente ela teria de fazer hora extra, especialmente porque não havia muitas policiais femininas em St. Andrews. Estava passando pela porta da recepção justo na hora em que a porta da rua se abriu, num solavanco tão violento que chegou a quicar na parede.

A potência por trás da porta era um jovem com os ombros quase tão largos quanto o alizar. O seu cabelo negro e ondulado estava coberto de neve e o seu rosto encharcado — de lágrimas, de suor ou de flocos de neve derretidos. Ele avançou em direção ao balcão, rosnando de raiva. O policial em serviço recuou, assustado, quase caindo do banco.

— Onde estão os desgraçados? — rosnou ele.

Para fazer justiça ao policial, vale dizer que ele conseguiu desencavar algum *sang froid* dos recantos mais profundos do seu treinamento.

— Posso ajudá-lo, senhor? — perguntou ele, desviando-se dos punhos que se chocavam contra a superfície do balcão. Janice não avançara e não fora sequer notada. Se a coisa degringolasse, como parecia que ia acontecer, ela poderia se valer do elemento surpresa.

— Eu quero saber onde estão os filhos da puta que mataram a minha irmã! — gritou ele.

Logo vi, pensou Janice. As notícias haviam chegado até Brian Duff.

— Eu não sei do que o senhor está falando — respondeu o policial, gentil.

— A minha irmã, Rosie! Ela foi assassinada! E vocês estão com eles aqui. Os desgraçados que mataram ela! — Parecia que Duff ia escalar o balcão no seu desejo desesperado de vingança.

— Eu acho que o senhor recebeu a informação errada.

— Não vem com essa, seu babaca! — gritou Duff. — A minha irmã está morta e alguém vai ter que pagar!

Janice julgou aquele o momento certo para entrar em ação.

— Sr. Duff? — perguntou ela calmamente, aproximando-se dele.

Ele rodopiou e encarou Janice fixamente com os olhos arregalados, a saliva espumando nos cantos da boca.

— Cadê eles? — rosnou ele.

— Sinto muito pelo que aconteceu com a sua irmã. Mas ninguém foi preso em relação ao crime. Ainda estamos nos estágios iniciais da nossa investigação, interrogando as testemunhas. Não suspeitos, testemunhas. — Ela pousou a mão com cuidado no braço dele. — Você deveria estar em casa. A sua mãe está precisando dos filhos.

Brian sacudiu o braço, desvencilhando-se da mão de Janice.

— Me disseram que vocês prenderam eles. Os desgraçados que fizeram isso.

— Disseram errado. Estamos todos ansiosos para encontrar quem cometeu esse crime terrível e às vezes isso faz com que as pessoas tirem conclusões precipitadas. Pode acreditar em mim, Sr. Duff. Se tivéssemos um suspeito preso, eu diria a você. — Janice manteve os olhos fixos nos de Duff, torcendo para que a sua abordagem calma e direta funcionasse. Do contrário, ele poderia partir a sua mandíbula com um único soco. — Quando prendermos alguém, a sua família será a primeira a saber. Eu prometo isso a você.

Brian parecia estar atordoado e com raiva. Então, de repente, os seus olhos encheram-se de lágrimas e ele desmoronou em uma das cadeiras da recepção. Envolveu a cabeça com os braços e sacudiu-se em um violento ataque de choro. Janice trocou um olhar impotente com o policial que estava atrás do balcão. Ele simulou um gesto de aplicação de algemas, mas ela descartou a hipótese balançando a cabeça e sentou-se ao lado de Brian.

Aos poucos, ele se recompôs. Deixou que as mãos caíssem como pedras no colo e voltou o rosto crispado de lágrimas para Janice.

— Mas vocês vão encontrar ele, não vão? O desgraçado que fez isso?

— Vamos fazer de tudo, Sr. Duff. Agora, posso levar você para casa? A sua mãe estava preocupada com você hoje cedo. Ela precisa ter certeza de que você e o seu irmão estão bem. — Ela levantou-se e olhou para ele, na expectativa.

Por ora, a ira de Brian havia se dissipado. Ele se levantou docilmente e concordou.

— Tá bem.

Janice virou-se para o policial de plantão e avisou:

— Diga ao detetive Shaw que eu fui levar o Sr. Duff em casa. Quando voltar, faço o que deveria estar fazendo agora. — Ninguém ia reclamar por ela ter tomado a iniciativa uma vez na vida. Qualquer coisa que pudessem apurar sobre Rosie Duff e sua família era de grande valia e aquele era o momento perfeito, pois Brian não estava na defensiva. — Ela era um amor de menina, a Rosie — disse ela, puxando conversa enquanto conduzia Brian para fora da entrada principal, até o estacionamento.

— Você a conhecia?

— Eu bebo no Lammas às vezes. — Era uma pequena mentira, oportuna diante das circunstâncias. Janice considerava o Lammas tão atraente quanto um prato de mingau frio. Com gosto de queimado, ainda por cima.

— Não dá pra acreditar — disse Brian. — Esse é o tipo de coisa que a gente vê na tevê. Não o tipo de coisa que acontece com a gente.

— Como foi que você ficou sabendo? — Janice estava genuinamente curiosa. As notícias costumavam viajar na velocidade do som em uma cidade pequena como St. Andrews, mas não no meio da noite.

— Por um camarada meu, ontem à noite. A namorada dele trabalha no turno da manhã em um pé-sujo na South Street. Ela ficou sabendo quando chegou no serviço, às seis da manhã, e correu pro telefone. Porra — explodiu ele —, primeiro eu achei que fosse alguma piada de mau gosto. Você também pensaria, é ou não é?

Janice abriu o carro, pensando, *Não, para falar a verdade os meus amigos não iam brincar com uma coisa dessas.* Ela disse:

— A gente não quer pensar, nem por um segundo, que aquilo é verdade.

— Exatamente! — concordou Brian, sentando-se ao lado dela no carona. — Quem faria uma coisa dessas com a Rosie? Ela era uma boa pessoa, sabe? Uma garota certinha. Não era uma vagabunda.

— Você e o seu irmão ficavam de olho nela. Você chegou a ver alguém rondando a sua irmã, alguém com quem você não fosse muito com a cara? — Janice deu partida no motor, sentindo um calafrio quando uma rajada de vento gelado entrou no carro. A manhã estava de lascar.

— Sempre tinha uns vagabundos cercando a minha irmã. Mas todo mundo sabia que iam ter que se ver comigo e com Colin se mexessem com ela. Então, ficavam pianinho. Sempre ficamos de olho nela. — De repente ele acertou um soco na palma da mão. — É por isso que eu fico me perguntando: onde é que a gente estava ontem, quando ela realmente precisou da gente?

— Você não pode se culpar, Brian. — Janice manobrou a viatura para fora do estacionamento e deslizou sobre a superfície lisa e coberta de neve prensada da estrada principal. As luzes de Natal pareciam pálidas contra o painel cinza-amarelado do céu; o glamouroso laser fornecido pelo departamento de física da universidade não passava de um rabisco mortiço e despercebido contra as nuvens baixas.

— Eu não me culpo. Eu culpo o canalha que fez isso. Só queria ter estado lá para impedir que acontecesse. É foda, agora é tarde demais, é sempre tarde demais — ele resmungou baixinho.

— Então você não sabe com quem ela pode ter se encontrado?

— Ela mentiu para mim. Disse que ia para uma festa com a Dorothy, que

trabalha com ela. Mas a Dorothy apareceu na festa onde eu estava. Ela disse que a Rosie tinha saído pra encontrar um cara. Eu ia dar a maior bronca nela quando ela voltasse. Pô, uma coisa é deixar meu pai e minha mãe de fora. Mas eu e Colin, a gente sempre estava do lado dela. — Ele esfregou os olhos com as costas da mão. — Não dá pra suportar isso. A última coisa que ela me disse foi uma mentira.

— Quando foi que vocês se viram pela última vez? — Janice fez uma curva súbita em West Port e avançou pela estrada para Strathkinness.

— Ontem, depois que eu saí do trabalho. Encontrei com ela no centro, fomos comprar um presente de Natal pra mamãe. Nós três fizemos uma vaquinha pra comprar um secador de cabelo novo pra ela. Aí a gente foi na drogaria para comprar um sabonete bacana pra ela. Fui andando com a Rosie até o Lammas e aí ela disse que ia sair com a Dorothy. — Ele balançou a cabeça. — Ela mentiu. E agora, está morta.

— Talvez ela não tenha mentido, Brian. Vai ver que ela até estava planejando ir pra essa tal festa, mas apareceu algum outro programa mais tarde. — Isso devia ser tão verdadeiro quanto a história que Rosie havia contado, mas Janice sabia por experiência própria que as pessoas que acabam de perder alguém se agarram a qualquer coisa que mantenha intacta a imagem do falecido.

Brian não foi exceção. A esperança acendeu o seu rosto.

— Sabe que deve ter sido isso mesmo? Porque Rosie não era mentirosa.

— Mas tinha lá os seus segredos, não é? Como toda moça.

Ele fechou a cara.

— Segredo é confusão. Ela devia saber disso. — Alguma coisa lhe ocorreu e subitamente Brian retesou o corpo no banco. — Você sabe se ela foi...? Se se aproveitaram dela?

Nada que Janice pudesse dizer o confortaria. Para que a confiança que ela aparentemente estabelecera com Brian pudesse sobreviver, ela não podia se arriscar e deixar que ele pensasse que ela também estava mentindo para ele.

— Só vamos saber com certeza depois da autópsia, mas parece que sim.

Brian esmagou o punho no painel do carro.

— Filho da puta! — grunhiu ele. À medida que o carro subia em ziguezague a colina em direção a Strathkinness, ele se revirava no assento. — Seja lá quem foi que fez isso, é melhor que vocês peguem ele antes de mim. Juro por Deus que eu mato o sujeito. Eu mato!

A casa parecia violada, pensou Alex ao abrir a porta da unidade autônoma que os Garotos de Kirkcaldy haviam transformado em seu feudo particular. Cavendish e

Greenhalgh, os dois ingleses aristocratas que dividiam o espaço com eles, passavam o mínimo tempo possível em casa, um acordo perfeitamente conveniente para todos. Eles já haviam partido para a Inglaterra, para passar as férias, mas naquele dia o sotaque exagerado deles, que soava tão ostensivamente metido para Alex, seria muito mais convidativo do que a presença da polícia, que parecia imiscuir-se no próprio ar que ele respirava.

Com Maclennan nos seus calcanhares, Alex correu até o quarto onde dormia, no segundo andar.

— Não se esqueça, queremos tudo que você está usando. Inclusive a roupa de baixo — Maclennan lembrou a Alex, que abria a porta do quarto. O detetive ficou parado na soleira, visivelmente intrigado diante da visão de duas camas no quarto minúsculo, que obviamente fora projetado para apenas uma. — Quem dorme aqui com você? — quis saber ele.

Antes que Alex pudesse responder, a voz ponderada de Ziggy acudiu:

— Ele acha que nós somos todos gays — disse ele, sarcástico. — E que, é claro, foi por isso que matamos Rosie. Independente da total ausência de lógica, é isso o que está passando pela cabeça dele. Na verdade, Sr. Maclennan, a explicação é muito mais simples. — Ziggy apontou por cima do ombro do detetive para uma porta do outro lado do corredor. — Vem cá ver — disse ele.

Curioso, Maclennan aceitou o convite de Ziggy. Alex aproveitou que ele estava de costas e despiu-se às pressas, agarrando um roupão para cobrir a sua vergonha. Ele foi atrás dos dois e não pôde conter um sorriso convencido quando viu a expressão bestificada de Maclennan.

— Viu só? — perguntou Ziggy. — Simplesmente não tem espaço para uma bateria completa, um órgão Farfisa, duas guitarras e uma cama nessas tocas de coelho. Então Esquisito e Gilly foram sorteados e passaram a dormir no mesmo quarto.

— Vocês têm uma banda, então? — Maclennan parecia o seu pai falando, pensou Alex, com uma pontada de afeto que o surpreendeu.

— Tocamos juntos há quase cinco anos — respondeu Ziggy.

— Sério? Quer dizer que vão ser os próximos Beatles? — Maclennan não pôde se conter.

Ziggy revirou os olhos.

— Não, não vamos ser os próximos Beatles, por dois motivos. Primeiro, porque tocamos estritamente para nosso próprio prazer. Ao contrário dos Rezillos, não temos nenhuma vontade de constar entre os 10 Mais. E segundo, por causa do talento. Somos músicos absolutamente competentes, mas não temos um único pensamento musical original entre nós. O nome da nossa banda antes era Muse, até percebermos que não tínhamos nenhuma musa. Agora, somos os

Combine.[4]

— Combine? — repetiu Maclennan debilmente, surpreso com o súbito acesso de intimidade de Ziggy.

— Novamente, por dois motivos. Quem tem uma ceifadeira colhe na plantação de todo mundo. Como nós. E também por causa da música do Jam que tem o mesmo nome. Nós não somos melhores que ninguém.

Maclennan virou as costas, balançando a cabeça.

— Vamos ter que dar uma olhada aí dentro também, você sabe.

Ziggy bufou.

— A única infração de que vocês vão encontrar provas é de violação de copyright — disse ele. — Olha, nós colaboramos com vocês. Quando é que vão nos deixar em paz?

— Assim que recolhermos as roupas. Também queremos diários, agendas, cadernos de endereços...

— Alex, dá logo o que ele quer. Todos nós já entregamos tudo. Quanto mais rápido recuperarmos o nosso espaço, mais fácil será colocarmos a cabeça no lugar. — Ziggy virou-se para Maclennan. — Sabe, o que o senhor e os seus subordinados parecem não perceber é que acabamos de passar por uma experiência terrível. Nos deparamos com o corpo moribundo e ensanguentado de uma garota que conhecíamos, ainda que superficialmente. — A voz dele ficou embargada, revelando a fragilidade do seu aparente autocontrole. — Se parecemos estranhos aos seus olhos, Sr. Maclennan, lembre-se que isso pode ter a ver com o fato de estarmos com a cabeça fodida por causa de tudo o que passamos hoje.

Ziggy passou voando pelo policial e desceu as escadas correndo, cruzando a cozinha e batendo a porta ao sair. Maclennan torceu a boca.

— Ele tem razão — disse Alex, dócil.

— Tem uma família lá em Strathkinness que passou uma noite bem pior do que a de vocês, filho. E o meu trabalho é encontrar respostas para eles. Se para isso eu precisar pisar no calo de vocês, sinto muito. Agora, vamos lá, me dê logo as roupas. E o resto também.

Ele ficou esperando na soleira da porta enquanto Alex empilhava as suas roupas sujas em um saco de lixo.

— O senhor vai precisar dos meus sapatos também? — perguntou Alex, segurando-os na altura do peito, visivelmente preocupado.

— Vou precisar de tudo — respondeu Maclennan, registrando mentalmente que teria de pedir ao pessoal da perícia para tomar um cuidado especial com os sapatos de Gilbey.

— É que eu não tenho nenhum outro par decente. Só botas de beisebol, e

elas não servem nem para enfeite em um tempo como esse.

— Que pena. Vamos logo, para dentro do saco, filho.

Alex jogou os sapatos por cima das roupas.

— O senhor está perdendo o seu tempo aqui, sabe? Cada minuto que dedica a nós é um minuto perdido. Não temos nada a esconder. Não matamos Rosie.

— Que me conste, ninguém os acusou disso. Mas vocês insistem tanto no assunto que estou começando a ficar desconfiado. — Maclennan apanhou a sacola da mão de Alex e o diário caindo aos pedaços que ele lhe ofereceu. — Vamos voltar, Sr. Gilbey. Não vá a lugar nenhum.

— Temos que voltar para casa hoje — protestou Alex.

Maclennan estacou, dois degraus escada abaixo.

— Ninguém me disse isso — ele disse, desconfiado.

— O senhor não perguntou, não é? Temos que pegar o ônibus hoje à tarde. Todos nós começamos os nossos trabalhos de férias amanhã. Quer dizer, todos menos Ziggy — Alex acrescentou, com um sorriso meio irônico. — O pai dele acha que acadêmicos devem passar as férias estudando e não arrumando prateleiras de mercado.

Maclennan ponderou. Suspeitas baseadas essencialmente no seu instinto não justificavam exigir que os rapazes permanecessem em St. Andrews. E eles não iam nem sair da jurisdição. Kirkcaldy ficava logo ali, afinal.

— Podem ir para casa — sentenciou ele. — Desde que vocês não se incomodem em me ver, com a minha equipe, batendo na porta da casa dos seus pais.

Alex ficou parado, vendo Maclennan ir embora. O desânimo o arrastava para uma depressão ainda mais profunda. As festas de fim de ano iam ser realmente fantásticas.

6

Os acontecimentos da noite finalmente atingiram Esquisito em cheio. Quando Alex subiu após ter tomado um lúgubre café com Ziggy, Esquisito estava na sua posição habitual. De barriga para cima, com as pernas e os braços pendurados para fora das cobertas, ele rompia a relativa paz daquela manhã com o seu ruidoso ronco, que se transformava às vezes em um assovio agudo. Alex normalmente não tinha problemas para dormir ao som dessa trilha sonora estridente. O quarto onde dormia na casa dos seus pais dava para os trilhos da ferrovia, então silêncio noturno era uma espécie de novidade para ele.

Mas naquela manhã, Alex não precisou nem tentar para saber que não conseguiria pregar o olho com os barulhos de Esquisito atrapalhando os pensamentos que corriam em sua mente. Mesmo estando meio tonto por causa da falta de sono, não estava nem um pouco sonolento. Pegou uma leva de roupas da sua cadeira, caçou as botas de beisebol debaixo da cama e saiu de fininho do quarto. Vestiu-se no banheiro e desceu sem fazer barulho, para não acordar nem Esquisito, nem Mondo. Para falar a verdade, não queria nem mesmo a companhia de Ziggy. Parou diante dos ganchos de pendurar casacos na sala. A sua parca havia sido recolhida pela polícia. O que lhe deixara apenas com uma jaqueta jeans e um casaco leve com capuz. Ele pegou os dois e saiu.

Não estava mais nevando, mas as nuvens ainda estavam baixas e carregadas. A cidade parecia coberta de algodão. O mundo estava monocromático. Se ele espremesse os olhos, os prédios brancos do Fife Park desapareceriam, a pureza da vista conspurcada apenas pelos retângulos negros das janelas. O som também havia desaparecido, coberto pelo peso do clima. Alex seguiu pelo que uma vez já fora grama em direção à estrada principal. Hoje ela parecia uma trilha no Cairngorms, com rastros na neve indicando onde veículos ocasionais haviam passado. Só quem estava dirigindo naquelas condições eram aqueles que precisavam, obrigatoriamente. Quando ele chegou ao campo desportivo, os seus pés estavam molhados e gelados e isso, de alguma forma, pareceu-lhe apropriado. Caminhou até as quadras de hóquei. No meio daquela imensidão branca, ele espanou a neve de uma tabela de pontos e sentou sobre ela. E assim ele ficou, cotovelos nos joelhos, apoiando o queixo com as mãos, sentado sobre a tábua intacta, até que pequenas luzes começaram a dançar diante dos seus olhos.

Por mais que se esforçasse, Alex não conseguia fazer com que a sua mente ficasse tão vazia quanto a paisagem. Imagens de Rosie Duff não saíam da sua cabeça. Rosie tirando um chope, séria e concentrada. Rosie de lado, rindo da tirada de um freguês. Rosie levantando as sobrancelhas, caçoando de alguma coisa que ele lhe dissera. Essas eram lembranças com as quais ele podia lidar, sem problemas. Mas elas não permaneciam em sua mente. Eram constantemente expulsas pela outra Rosie. O rosto retorcido em um esgar de dor. Sangrando na neve. Lutando pelos seus últimos suspiros.

Alex se inclinou e agarrou um punhado de neve, apertando-o com força em suas mãos até que elas começassem a ficar arroxeadas de frio, até que a água escorresse pelos pulsos. O frio transformou-se em dor, a dor em entorpecimento. Ele queria poder fazer algo parecido com a sua mente. Desligá-la, desligá-la completamente. Deixá-la tão vazia quanto aquele campo coberto de neve, branco reluzente.

Quando sentiu alguém tocar no seu ombro, quase fez xixi nas calças. Cambaleou para a frente e não caiu estatelado por pouco. Virou-se com as mãos em punho, armadas na direção do peito.

— Ziggy! — gritou ele. — Meu Deus, você quase me mata de susto.

— Desculpe. — Ziggy parecia estar à beira das lágrimas. — Eu te chamei, mas você não olhou.

— Eu não ouvi! Meu Deus, avançando assim pela retaguarda você vai ficar mal falado, cara — Alex disse com uma risada trêmula, tentando fazer piada com o seu medo.

Ziggy riscou a neve com o bico da galocha.

— Sei que provavelmente você está querendo ficar sozinho, mas quando vi você saindo, resolvi vir atrás.

— Tudo bem, Zig. — Alex inclinou-se para a frente e removeu mais um pouco de neve da tábua. — Junte-se a mim no meu suntuoso sofá, onde as garotas do harém virão nos servir refrescos e água de rosas.

Ziggy deu um sorriso sem graça.

— Vou abrir mão dos refrescos. Eles congelam a ponta da minha língua. Você se importa?

— Não, por mim tudo bem.

— Fiquei preocupado com você, foi isso. De todos nós, você é o que a conhecia melhor. Eu não sabia se você estava querendo conversar, longe dos outros.

Alex se encolheu dentro da jaqueta e fez que não com a cabeça.

— Não tenho muito o que dizer. Eu só não consigo parar de ver o rosto dela. Achei que não ia conseguir dormir. — Ele suspirou. — Não, eu estava

assustado demais para tentar. Quando eu era pequeno, um amigo do meu pai sofreu um acidente em um estaleiro. Uma explosão, sei lá, não sei exatamente o que foi. Enfim, depois do acidente, ele ficou só com uma metade do rosto. A outra metade era uma máscara de plástico, que ele tinha que usar sobre o tecido queimado. Você provavelmente deve lembrar dele, na rua ou no futebol. Era difícil não notar o cara. O meu pai me levou ao hospital para visitá-lo, eu só tinha cinco anos. E fiquei completamente apavorado. Eu ficava imaginando o que tinha por trás da máscara. À noite, quando ia dormir, acordava gritando, porque ele sempre aparecia nos meus sonhos. Às vezes, tinha vermes por trás da máscara. Às vezes, era uma bagunça cheia de sangue, tipo aquelas ilustrações dos seus livros de anatomia. Mas o pior era quando ele tirava a máscara e não havia nada por trás, apenas a pele com os vestígios do que deveria estar lá. — Ele tossiu. — É por isso que eu estou com medo de dormir.

Ziggy passou o braço pelo ombro de Alex.

— Eu sei que é difícil, Alex. Mas o fato é que você agora está mais velho. E o que nós vimos ontem, bem, a coisa não fica pior do que aquilo. A sua imaginação não tem muito o que fazer para piorar o quadro. Seja lá o que você sonhar agora, não vai chegar nem perto de ter visto Rosie daquele jeito.

Alex gostaria que as palavras de Ziggy pudessem confortá-lo um pouco mais. Mas ele sentia que elas não eram totalmente verdadeiras.

— Acho que todos nós vamos ter que lidar com os nossos demônios depois do que aconteceu ontem — disse ele.

— Alguns mais práticos do que os outros — respondeu Ziggy, recolhendo o braço de trás das costas de Alex e apertando as mãos uma contra a outra. — Não sei como, mas Maclennan descobriu que eu sou gay. — Ziggy mordeu o lábio.

— Putzgrila! — exclamou Alex.

— Eu só contei para você, você sabe, né? — A boca de Ziggy se contorceu em um sorriso irônico. — Quer dizer, além dos caras com quem eu estive, é claro.

— É claro. Como foi que ele descobriu? — perguntou Alex.

— Eu estava com tanto cuidado para não mentir que ele sacou a verdade nas entrelinhas. E agora eu estou com medo da coisa se espalhar.

— E por que haveria de se espalhar?

— Você sabe que as pessoas adoram uma fofoca. E eu acho que os policiais não são muito diferentes do resto, nesse sentido. Eles vão acabar falando com a universidade. Se quiserem pressionar a gente, essa seria uma boa estratégia. E se eles resolverem aparecer nas nossas casas, em Kirkcaldy? E se Maclennan achar que é uma jogada de mestre contar a verdade para os meus pais?

— Ele não vai fazer isso, Ziggy. Nós somos testemunhas. Não vejo o que

ele pode ganhar se indispondo com a gente.

Ziggy suspirou.

— Queria acreditar em você. Na minha opinião, Maclennan está nos tratando mais como suspeitos do que como testemunhas. E isso significa que ele vai fazer qualquer coisa para nos pressionar, não é?

— Acho que você está muito paranoico.

— Pode até ser. Mas e se ele disser alguma coisa para o Esquisito ou o Mondo?

— Eles são seus amigos. Não vão virar as costas para você por causa disso.

Ziggy bufou.

— Eu vou te dizer o que eu acho que vai acontecer se Maclennan soltar que o melhor amigo deles é bicha. Eu acho que Esquisito vai querer me encher de porrada e que Mondo nunca mais vai querer entrar num banheiro comigo pro resto da vida. Eles são homofóbicos, Alex. Você sabe muito bem disso.

— Eles conhecem você desde pequeno. Isso vai contar muito mais do que um preconceito idiota. Eu não fiz um escândalo quando você me contou.

— E eu te contei exatamente porque sabia que você não ia fazer um escândalo. Você não é um homem das cavernas impulsivo.

Alex assumiu uma expressão modesta.

— Também era uma aposta garantida, né, contar para alguém que é fã de Caravaggio. Mas eles também não são dinossauros, Ziggy. Eles vão entender. Vão repensar as suas visões de mundo à luz do que sabem a seu respeito. Eu realmente acho que você não devia perder o sono por causa disso.

Ziggy deu de ombros.

— Pode ser, talvez você tenha razão. Mas, ainda assim, eu prefiro não arriscar. E mesmo que eles encarem numa boa, já pensou se a coisa se espalha? Quantos gays assumidos você conhece aqui na universidade? Todos esses ingleses riquinhos de escola particular, que passaram a adolescência inteira tendo experiências homossexuais, eles não saíram do armário, saíram? Estão todos aí, desfilando de braço dado com uma mulherzinha, garantindo a sua descendência. Vê só o Jeremy Thorpe. Ele está sendo julgado por ter conspirado para matar o seu ex-amante, só para manter a sua homossexualidade em segredo. Isso aqui não é San Francisco, Alex. É St. Andrews. Eu ainda tenho uns bons anos pela frente até poder atuar como médico, e eu te digo uma coisa, se Maclennan abrir a boca, a minha carreira vai para o espaço.

— Isso não vai acontecer, Ziggy. Você está exagerando. Você está cansado e, como você mesmo disse, estamos todos com a cabeça fodida por causa do que aconteceu ontem. Vou te dizer o que está me preocupando de verdade.

— O quê?

— A Land Rover. Que diabos vamos fazer a respeito?

— A gente tem que trazer de volta. Não temos nenhuma outra opção. Senão, dão queixa de furto e estamos perdidos.

— Pois é, eu sei disso. Mas quando? Não dá para fazer isso hoje. Seja lá quem foi que largou Rosie naquele lugar, deve ter um veículo qualquer e uma das coisas que nos deixa menos suspeitos é que nenhum de nós tem carro. Mas se formos vistos desfilando por aí na neve com uma Land Rover, vamos direto para o topo da lista de Maclennan.

— Vai acontecer a mesma coisa se uma Land Rover for descoberta exatamente na porta da nossa casa.

— Então o que a gente faz?

Ziggy chutou a neve entre os pés.

— Acho que vamos ter que esperar a poeira baixar, aí eu vou lá e busco o carro. Ainda bem que eu me lembrei das chaves a tempo de enfiar dentro da cueca. Senão a gente teria se dado mal na hora em que Maclennan pediu pra gente esvaziar os bolsos.

— Você está falando sério? Tem certeza que você quer ir buscar o carro?

— Vocês todos têm trabalho agora nas férias. Eu posso sair tranquilamente. Só preciso inventar alguma desculpa, dizer que tenho que ir até a biblioteca da universidade, sei lá.

Alex agitou-se desconfortável no seu assento improvisado.

— Você já parou para pensar que ao omitir a Land Rover a gente pode estar livrando a cara do assassino?

Ziggy ficou chocado.

— Você não está realmente sugerindo que...?

— O quê? Que um de nós pode ter cometido o crime? — Alex mal podia acreditar que tinha conseguido verbalizar as suspeitas insidiosas que haviam se infiltrado na sua consciência. Ele tentou consertar, depressa. — Não. Mas as chaves ficaram rolando lá na festa. Talvez alguém tenha manjado a oportunidade e aproveitado para pegar... — A sua voz foi morrendo.

— Você sabe que isso não aconteceu. E, lá no fundo, você também sabe que não acredita de verdade que um de nós possa ter matado Rosie — disse Ziggy, confiante.

Alex queria estar assim tão certo. Quem poderia dizer o que se passava pela cabeça de Esquisito, quando ele estava drogado até não poder mais? E Mondo? Ele foi levar a tal garota para casa, crente que ia rolar alguma coisa. Mas e se ela deu um fora nele? Ele estava furioso e frustrado, e talvez estivesse bêbado o suficiente para querer descontar em qualquer outra garota que tivesse dado o fora nele antes, como Rosie fizera, mais de uma vez no Lammas. E se tivesse

encontrado com ela no caminho? Balançou a cabeça. Não queria nem pensar naquilo.

Como se pressentindo os pensamentos de Alex, Ziggy disse, calmamente:

— Se você está pensando em Esquisito e em Mondo, vai ter que me incluir na lista. Eu tive tanta oportunidade quanto eles. E espero que você saiba o quão ridícula é essa ideia.

— Isso é absurdo. Você jamais faria mal a alguém.

— O mesmo vale para os outros dois. A suspeita é como um vírus, Alex. Você pegou do Maclennan. Mas é bom você se livrar dela rapidinho, antes que contamine a sua mente e o seu coração. Lembre-se do que você sabe sobre nós. Nenhum de nós tem o perfil de um assassino frio e calculista.

As palavras de Ziggy não dissiparam a inquietude de Alex, mas ele não queria mais discutir a respeito. Em vez disso, abraçou o amigo, colocando a mão no seu ombro.

— Você é um amigão, Ziggy. Vamos até o centro. Eu te pago uma panqueca.

Ziggy sorriu.

— O último dos perdulários, hein? Vou fazer desfeita, se você não se importar. Não sei por quê, mas estou sem fome. E não se esqueça: um por todos e todos por um. Isso não significa ficar cego para os defeitos dos amigos e sim aprender a confiar neles. É uma confiança baseada em anos de amizade sólida. Não deixe Maclennan destruir isso.

Barney Maclennan olhou em volta da sala do DIC excepcionalmente cheia. Desacostumado a estar entre os detetives à paisana, Maclennan era a favor da convocação dos policiais uniformizados para ouvir as suas ordens em casos importantes. Fazia com que eles se sentissem pessoalmente envolvidos na investigação. Além do mais, eles faziam mais trabalho de campo e podiam perceber coisas que os detetives talvez deixassem passar. Fazer com que se sentissem parte do time tornava-os mais dispostos a seguir essas observações até o fim e não descartá-las como irrelevantes.

Ele estava parado de pé, do outro lado da sala, entre Burnside e Shaw. Com uma das mãos encoberta, revirava obsessivamente moedas dentro do bolso da calça. Sentia-se enfraquecido pelo cansaço e pelo esforço, mas sabia que a adrenalina o manteria aceso por várias horas. Era sempre assim quando estava seguindo o seu instinto.

— Vocês sabem por que estamos aqui — disse ele assim que todos se acomodaram. — O corpo de uma jovem foi encontrado hoje bem cedo, em

Hallow Hill. Rosie Duff foi assassinada com uma única facada no estômago. Ainda é muito cedo para mais detalhes, mas provavelmente ela também foi estuprada. Não temos casos como esse por aqui, mas isso não quer dizer que não somos capazes de solucioná-lo. E rápido. A família da vítima merece respostas.

"Até agora, não temos muito para começar. Rosie foi encontrada por quatro estudantes, quando estavam voltando de uma festa em Learmonth Gardens para o Fife Park. Bem, eles podem ser testemunhas inocentes, mas também podem ser muito mais do que isso. Até onde sabemos, eles eram os únicos que estavam andando por aí no meio da noite, cobertos de sangue. Quero uma equipe verificando a tal festa. Quem estava lá? O que eles viram? Os nossos rapazes realmente têm álibis? Existem lacunas nos períodos de tempo? Como foi que eles se comportaram lá? O detetive Shaw vai conduzir essa equipe e eu gostaria de alguns oficiais uniformizados trabalhando com ele. Vamos colocar pressão nos convidados dessa festa.

"Rosie trabalhava no Pub Lammas, muitos aqui sabem disso, não é? — Ele olhou em volta, conferindo vários gestos afirmativos, incluindo o do policial Jimmy Lawson, o primeiro na cena do crime. Ele conhecia Lawson; jovem e ambicioso, responderia bem a um pouco de responsabilidade. — Os quatro estudantes andaram bebendo por lá ontem. Então quero que o detetive Burnside conduza uma outra equipe e converse com todo mundo que esteve lá ontem, todo mundo que for possível localizar. Tinha alguém de olho em Rosie? O que os quatro rapazes estavam fazendo? Como estavam se comportando? Lawson, você costuma beber lá. Quero que você se junte ao detetive Burnside e dê toda a ajuda possível para localizarmos os fregueses habituais e arrancarmos o máximo deles."

Maclennan fez uma pausa, olhando em torno.

— Também vamos precisar bater de porta em porta em Trinity Place. Rosie não foi a pé para Hallow Hill. O assassino tinha alguma espécie de transporte. Talvez a gente dê sorte e localize o insone local. Ou pelo menos alguém que tenha levantado de noite para fazer xixi. Quero informações sobre qualquer veículo que tenha passado por ali hoje cedo.

Maclennan tornou a dar uma olhada geral no recinto.

— É bem provável que Rosie conhecesse o assassino. Um estranho que a tivesse agarrado no meio da rua não perderia tempo removendo o corpo. Então, vamos ter que investigar a vida dela também. A família e os amigos não vão ficar contentes com isso, então precisamos respeitar a dor deles. Mas isso não significa que vamos nos contentar com histórias pela metade. Tem alguém solto por aí, alguém que cometeu homicídio ontem à noite. E eu quero pegá-lo, antes que ele tenha a oportunidade de fazer outra vítima. — Houve um burburinho no

recinto; estavam todos de acordo. — Alguma pergunta?

Para sua surpresa, Lawson levantou a mão, aparentando estar um pouco constrangido.

— Senhor, será que existe algum significado na escolha do lugar onde o corpo foi abandonado?

— Como assim? — perguntou Maclennan.

— Pelo fato de ser um cemitério picto. Será que foi um ritual satânico, algo assim? Nesse caso, será que não foi simplesmente um estranho que pegou Rosie porque ela servia como o que ele estava precisando para um sacrifício humano?

Maclennan enrugou o rosto diante da possibilidade. No que ele estava pensando, para não ter considerado aquela hipótese? Se ela ocorrera a Jimmy Lawson, ocorreria à imprensa. E a última coisa que ele queria agora eram manchetes proclamando que havia um assassino satanista à solta.

— É uma hipótese interessante. E todos nós devemos tê-la em mente. Mas não devemos mencioná-la fora daqui. Por enquanto, vamos nos concentrar no que sabemos com certeza. Os estudantes, o Lammas, a investigação porta a porta. Mas isso não quer dizer que vamos fechar os olhos para outras possibilidades. E agora, vamos trabalhar.

Terminada a reunião, Maclennan perambulou pela sala, parando para dar uma palavra de incentivo aqui e ali enquanto os policiais se reuniam em volta das mesas, organizando as suas tarefas. Não podia evitar o seu desejo de que os estudantes estivessem envolvidos. Assim, conseguiriam um resultado rápido, que era o que contava para o público em casos como aquele. E, o que era ainda melhor, não deixaria a cidade com gosto de suspeita na boca. Era sempre mais fácil quando os bandidos vinham de fora. Mesmo que de fora, nesse caso, fosse apenas a cinquenta quilômetros de distância.

Ziggy e Alex voltaram para o alojamento com uma hora de antecedência, antes de terem que partir para a rodoviária. Tinham ido lá para verificar e o funcionário garantiu que os ônibus estavam passando, embora o horário não estivesse sendo cumprido.

— Vocês podem arriscar — disse o funcionário. — Não posso garantir o horário, mas os ônibus vão passar, sim.

Encontraram Esquisito e Mondo debruçados sobre xícaras de café na cozinha, ambos desanimados e com a barba por fazer.

— Pensei que vocês fossem estar no décimo sono — disse Alex, enchendo a chaleira para ferver mais água.

— Sem chance — resmungou Esquisito.

— Esquecemos dos abutres — disse Mondo. — Os jornalistas. Eles não param de bater na porta e a gente fica mandando eles irem embora. Mas não funciona. Dá uns dez minutos e eles voltam, tudo de novo.

— É a brincadeira do “bate, bate”. Eu disse pro último que se ele não parasse de bater na porta, eu ia bater a porta na cara dele.

— Hmm — murmurou Alex. — E o vencedor deste ano do Prêmio Agradável na categoria Tato e Diplomacia é...

— Como assim? Você preferia que eu tivesse deixado eles entrarem aqui? — explodiu Esquisito. — Esses babacas, a gente tem mesmo é que falar com eles na única língua que eles entendem. Eles não aceitam não como resposta, você sabe.

Ziggy lavou duas xícaras e colocou café em pó nelas.

— Nós não vimos ninguém lá fora, não é, Alex?

— Não. Esquisito deve ter realmente colocado eles para correr. Mas se eles voltarem, vocês não acham que deveríamos dar logo uma declaração? Afinal, não temos nada a esconder.

— Só assim eles iam nos deixar em paz — concordou Mondo, mas daquele jeito como sempre concordava. Ele se especializara em um tom de voz que era capaz de sugerir dúvida, sempre oferecendo uma saída caso ele se encontrasse acidentalmente nadando contra a corrente. A sua necessidade de ser amado coloria tudo o que ele dizia e fazia. Isso e a necessidade de se proteger.

— Se você acha que eu vou falar com esses escravos do imperialismo capitalista, pode tirar o seu cavalinho da chuva. — Esquisito, por outro lado, não era homem de meias palavras. — Eles são a escória. Você já leu alguma reportagem sobre uma partida que tivesse alguma semelhança com o jogo que você assistiu? Vê só a sacanagem que eles fizeram com Ally McLeod. Antes de irmos para a Argentina, o cara era um deus, o herói que ia ganhar a Copa do Mundo. E agora? Ele não serve mais para porra nenhuma. Se eles não conseguem acertar com uma coisa tão simples quanto o futebol, que chance nós temos de não termos o nosso depoimento distorcido?

— Adoro quando Esquisito acorda de bom humor — disse Ziggy. — Mas ele está certo, Alex. Melhor ficarmos na nossa. Daqui a pouco, eles passam para outra. — Ele mexeu o seu café e foi andando em direção à porta. — Vou terminar de fazer as minhas malas. É melhor calcularmos uma margem de segurança e sairmos mais cedo do que o normal. Vai ser difícil andar até lá na raça e, graças a Maclennan, nenhum de nós tem sapatos decentes. Eu nem acredito que estou desfilando por aí de galochas.

— Cuidado, hein, a patrulha da moda vai te pegar — Esquisito gritou para ele, enquanto Ziggy saía. Ele bocejou e se espreguiçou. — Cara, eu estou muito

cansado. Alguém tem uma bolinha aí?

— Se tivéssemos, já teria ido privada abaixo há muito tempo — respondeu Mondo. — Esqueceu que os tiras reviraram tudo?

Esquisito parecia envergonhado.

— Foi mal, não estou conseguindo pensar direito. Sabe, quando eu acordei, quase consegui acreditar que ontem tudo aquilo não tinha passado de uma *bad trip*. O que faria com que eu largasse o ácido pro resto da vida, vou te contar. — Ele balançou a cabeça. — Coitada da garota.

Alex aproveitou a deixa para desaparecer escada acima e terminar de guardar os livros na mala. Não estava triste por estar voltando para casa. Pela primeira vez, desde que começara a morar com os outros três, sentia uma espécie de claustrofobia. Sonhava com o seu quarto, só para ele; uma porta que ele pudesse fechar e que ninguém ousaria abrir sem permissão.

Estava na hora de partir. As três malas e a mochila enorme de Ziggy já estavam empilhadas na sala. Os Garotos de Kirkcaldy estavam prontos para voltar para casa. Colocaram as bolsas no ombro e abriram a porta, Ziggy na frente. Mas, para a desgraça de todos, aparentemente o efeito das palavras duríssimas de Esquisito havia passado. Assim que puseram os pés para fora, cinco homens se materializaram, do nada. Três deles carregavam máquinas fotográficas e antes que os quatro percebessem o que estava acontecendo, o som de máquinas Nikon tirando fotos sem parar tornou-se ensurdecedor.

Os dois jornalistas davam cotoveladas nos fotógrafos, gritando perguntas. Eles pareciam estar numa entrevista coletiva, metralhando perguntas em uma velocidade espantosa. “Como vocês encontraram a moça?”, “Qual de vocês fez a descoberta?”, “O que estavam fazendo em Hallow Hill no meio da noite?”, “Foi uma espécie de ritual satânico?” e, é claro, a inevitável “Como vocês estão se sentindo?”.

— Fora daqui! — berrou Esquisito, protegendo-se com a sua bolsa pesada, como se fosse uma foice. — Não temos nada a declarar!

— Meu Deus, meu Deus, meu Deus — sussurrava Mondo, como se tivesse engolido um disco.

— Para dentro — gritou Ziggy. — Vamos entrar de novo.

Alex, que estava por último, deu meia-volta. Mondo entrou aos tropeções, quase caindo por cima de Alex na sua pressa de fugir da tortura dos flashes. Esquisito e Ziggy vieram logo atrás dele, fechando a porta depressa. Entreolharam-se, acossados e assustados.

— E agora? O que é que a gente vai fazer? — perguntou Mondo, fazendo a

pergunta que estava na cabeça de todos eles. Estavam perplexos. As suas experiências de vida eram limitadas; aquela era uma situação que ultrapassava esse limite.

— Não podemos ficar aqui — continuou Mondo, impaciente. — Temos que voltar para Kirkcaldy. Começo a trabalhar no mercado amanhã às seis da manhã.

— Eu e Alex também — disse Esquisito. Todos olhavam para Ziggy, esperando uma solução.

— Certo. E se saíssemos pelos fundos?

— Não temos fundos, Ziggy. Só temos a porta da frente — apontou Esquisito.

— Tem a janela do banheiro. Vocês podem sair por lá e eu fico aqui. Vou ficar andando pela casa, acendendo umas luzes, coisas assim, para eles pensarem que ainda estamos aqui. Posso voltar pra casa amanhã, quando a poeira baixar.

Os outros três se entreolharam. Não era uma má ideia.

— Você vai ficar bem, sozinho? — perguntou Alex.

— Vou. Mas algum de vocês precisa avisar os meus pais, explicar por que eu ainda estou aqui. Não quero que eles fiquem sabendo pelos jornais.

— Eu ligo, pode deixar — ofereceu Alex. — Valeu, Ziggy.

Ziggy levantou o braço e os três repetiram o gesto. Eles entrelaçaram as mãos em um cumprimento familiar.

— Um por todos — disse Esquisito.

— E todos por um — repetiram os outros. Era sincero, como era há nove anos, quando o fizeram pela primeira vez. Desde que tropeçara sobre o corpo morto de Rosie Duff na neve, aquela era a primeira vez que Alex sentia uma espécie de consolo.

7

Alex caminhou penosamente pela ponte da estrada de ferro, virando à direita na Balsusney Road. Era como se Kirkcaldy fosse um país diferente. À medida que o ônibus foi abrindo o seu caminho sinuoso pela costa de Fife, a neve começou a derreter aos poucos. Agora, não passava de uma umidade gélida e pardacenta. O vento nordeste, ao chegar finalmente tão longe, já havia descarregado toda a sua neve e, àquelas alturas, já não tinha mais nada a oferecer às cidades mais protegidas acima do estuário, a não ser friorentas pancadas de chuva. Alex sentia-se como um daqueles camponeses infelizes de Breughel, arrastando-se exausto para casa.

Alex levantou o trinco do familiar portão de ferro retorcido e caminhou até a casa de pedra onde havia crescido. Tateou o bolso da calça, procurando as chaves, e entrou em casa. Uma onda de calor o envolveu. Haviam instalado o aquecedor central durante o verão e aquela era a primeira vez que Alex podia conferir a diferença que o aparelho fazia. Deixou cair a bolsa no chão, ao lado da porta, e gritou:

— Cheguei!

Sua mãe saiu da cozinha, enxugando as mãos em um pano de prato.

— Alex, que bom ter você de volta. Vem aqui na cozinha, tem sopa e cozido. Já tomamos chá, eu pensei que você fosse chegar mais cedo. Foi por causa do tempo? Eu vi na televisão que a coisa está feia por lá.

Ele deixou que as palavras dela o inundassem, o tom e a conversa familiares eram como um cobertor, protegendo-o. Tirou o casaco e cruzou a sala para lhe dar um abraço.

— Parece cansado, filho — disse ela, com um tom de preocupação na voz.

— Tive uma noite terrível, mãe — respondeu ele, seguindo-a de volta até a minúscula cozinha.

Da sala de estar, veio a voz do pai:

— É você, Alex?

— Sou eu, pai — gritou ele de volta. — Já vou até aí.

A mãe já estava providenciando um prato de sopa, entregando para ele a tigela e uma colher. Enquanto havia comida a ser servida, Mary Gilbey não podia prestar atenção a detalhes mais insignificantes como tristeza profunda.

— Vai lá e senta com o teu pai. Vou esquentar o cozido. Tem batata assada

no forno.

Alex foi até a sala de estar, onde o pai estava sentado em uma poltrona, vidrado na televisão. Havia um lugar preparado para ele na mesa de jantar no canto da sala e Alex sentou-se com a sua sopa.

— Tudo bem, filho? — perguntou o pai, sem tirar os olhos do programa na televisão.

— Para falar a verdade, não.

Aquilo chamou a atenção do seu pai. Jock Gilbey virou-se e lançou um olhar perscrutador sobre o filho, do tipo que os professores gostam tanto de usar.

— Você não parece nada bem. O que está acontecendo?

Alex tomou uma colherada da sopa. Não estava com fome, mas assim que sentiu o gosto daquele autêntico caldo caseiro escocês, descobriu que estava faminto. A última vez que comera alguma coisa havia sido na festa, sendo que vomitara duas vezes. Tudo o que ele queria era encher a barriga, mas agora que tinha começado, teria que ir até o fim.

— Aconteceu uma coisa horrível ontem — disse ele, entre uma colherada e outra. — Assassinaram uma garota. E nós a encontramos. Quer dizer, fui eu, mas Ziggy, Esquisito e Mondo estavam comigo.

O pai olhava para ele, boquiaberto. A mãe tinha entrado na sala durante a parte final da revelação de Alex e pusera instantaneamente as mãos no rosto, os olhos arregalados, horrorizados.

— Oh, Alex, que coisa... Ah, pobrezinho — disse ela, apressando-se ao seu encontro e segurando a sua mão.

— Foi horrível. Ela foi esfaqueada. E ainda estava viva quando a encontramos. — Ele piscou com força. — Acabamos tendo que passar o resto da noite na delegacia. Eles levaram todas as nossas roupas e todo o resto, como se estivessem achando que temos alguma coisa a ver com o crime. Porque a gente conhecia a garota, sabe. Quer dizer, não *conhecia* de verdade. Ela era garçonete de um dos pubs aonde a gente sempre vai. — Lembrando de tudo, perdeu o apetite e deitou a colher no prato, abaixando a cabeça. As lágrimas se formaram no canto dos seus olhos e escorreram pelo seu rosto.

— Eu sinto muito, filho — acudiu o pai, na falta de algo mais adequado para dizer. — Deve ter sido um choque terrível.

Alex tentou engolir o bolo em sua garganta.

— Antes que eu me esqueça — disse ele, empurrando a cadeira para trás —, preciso ligar para o Sr. Malkiewicz e dizer a ele que Ziggy não vai chegar hoje.

Jock Gilbey arregalou os olhos, em choque.

— Prenderam ele na delegacia?

— Não, não foi nada disso — respondeu Alex, enxugando os olhos com as costas da mão. — Apareceram uns jornalistas na nossa porta lá em Fife Park, atrás de fotos e entrevistas. E a gente não queria falar com eles. Então eu, Esquisito e Mondo subimos até a janela do banheiro e saímos pelos fundos. Temos que começar a trabalhar amanhã no mercado, né? Mas como Ziggy não tem emprego, ele se ofereceu para ficar lá e vir só amanhã. Não queríamos deixar a janela aberta, entende? Então tenho que ligar para o pai dele e explicar.

Alex desvencilhou-se gentilmente do toque de sua mãe e foi até a sala. Pegou o fone e discou o número de Ziggy de cabeça. Tocou uma vez e, em seguida, ouviu o familiar sotaque polonês de Karel Malkiewicz. Lá vou eu de novo, pensou Alex. Ia ter que explicar a noite passada novamente. E tinha a impressão de que aquela não seria a última vez.

— É isso o que acontece quando você desperdiça as suas noites bebendo e fazendo sabe Deus o que mais — disse Frank Mackie amargamente. — Você acaba se metendo com a polícia. Eu sou um homem respeitado nesta cidade, você sabe disso. A polícia nunca bateu na minha porta. Mas basta um desmiolado como você para cairmos na boca do povo.

— Se nós não estivéssemos na rua até tarde, ela teria ficado lá até o dia clarear. Teria morrido abandonada — protestou Esquisito.

— Eu não tenho nada a ver com isso — respondeu o pai, atravessando a sala para servir-se de um copo de uísque. Havia instalado um bar na sala para impressionar os clientes que julgava respeitáveis o bastante para serem convidados até a sua casa. Ele achava de bom-tom para um contador exibir os frutos do seu sucesso. Tudo o que queria era que o filho mostrasse alguns sinais de ambição, mas, ao invés, havia colocado no mundo um inútil que passava as noites em pubs. O pior é que Tom tinha um dom para números. Mas em vez de direcioná-lo de maneira prática, escolhendo a contabilidade, ele havia preferido o inconsistente mundo da matemática pura. Como se esse pudesse ser o primeiro passo para o caminho da prosperidade e da decência. — Está decidido. Nada de sair à noite, rapaz. Nada de festas, nem pubs durante as férias. Você está preso no quartel. É do trabalho para casa e de casa para o trabalho.

— Mas, pai, é Natal! — protestou Esquisito. — Todo mundo vai sair, e eu quero encontrar os meus amigos.

— Você devia ter pensado nisso antes de ter arrumado problema com a polícia. Você vai ter provas esse ano. Aproveite para estudar. Um dia você ainda vai me agradecer por isso, sabia?

— Mas, pai...

— Essa é a minha última palavra sobre o assunto. Enquanto você morar debaixo do meu teto, enquanto eu estiver pagando a sua universidade, você vai fazer as coisas do meu jeito. Quando você começar a ganhar o seu dinheiro, aí então você pode criar as suas próprias regras. Até lá, vai fazer o que eu mandar. E agora, fora daqui!

Enfurecido, Esquisito saiu da sala bufando e subiu correndo as escadas. Meu Deus, pensou ele, como eu odeio essa família. E como odiava aquela casa. Raith Estate, onde moravam, era para ser a última palavra em modernidade, mas ele achava que aquela era outra ilusão criada pelos sujeitos de terno e gravata. Não precisava ser um gênio para perceber que aquele lugar não tinha nem comparação com a casa onde moravam antes. Paredes de pedra, portas de madeira maciça com revestimentos e molduras, vitral no patamar da escada. Aquilo sim era uma casa. Realmente, aquele caixote tinha mais quartos, mas eram minúsculos, o teto e as portas tão baixos que Esquisito tinha a impressão que teria de andar constantemente abaixado para acomodar o seu um metro e oitenta e três centímetros. As paredes também eram finas como papel. Dava para ouvir alguém soltando um pum no quarto do lado. O que, parando para pensar, era bem engraçado. Os seus pais eram tão reprimidos que seriam incapazes de conhecer uma emoção, mesmo que ela os mordesse no calcanhar. E, ainda assim, haviam gastado uma fortuna em uma casa que desnudava a privacidade de todos. Dividir um quarto com Alex era mais confortável do que viver debaixo do teto dos seus pais.

Por que nunca haviam feito o menor esforço para compreendê-lo? Sentia como se tivesse passado a vida se rebelando. Nenhum dos seus êxitos servia para quebrar o gelo, pois eles nunca se encaixavam nos limites estreitos dos sonhos dos seus pais. Quando foi campeão de xadrez da escola, o pai fez um muxoxo, insinuando que ele deveria ter se juntado ao time de bridge. Quando pediu para aprender a tocar um instrumento musical, o pai recusou sem rodeios, oferecendo-se para comprar um conjunto de tacos de golfe. Todo ano, quando ele ganhava o prêmio de matemática na escola, a reação do pai era comprar livros de contabilidade para ele, entendendo tudo errado. A matemática para Esquisito não tinha nada a ver com adição e subtração de números; era a beleza da curva de uma equação quadrática, a elegância do cálculo, a linguagem misteriosa da álgebra. Se não fosse pelos seus amigos, ele se sentiria um completo anormal. Eles lhe deram um espaço para desabafar com segurança, uma chance de abrir as suas asas e levantar voo, sem medo de se espatifar no chão.

E ele havia retribuído da pior maneira possível. A culpa o atingia em cheio quando recordava a sua última loucura. Daquela vez, tinha ido longe demais.

Tudo começara como uma brincadeira, furtando o carro de Henry Cavendish. Ele não fazia ideia do que aconteceria depois. Sabia muito bem que nenhum dos outros três poderia salvar a sua pele se alguém descobrisse sobre o carro. Só esperava não prejudicar ninguém, caso isso acontecesse.

Colocou a sua nova fita cassete do Clash no toca-fitas e atirou-se na cama. Ia ouvir o lado A e depois se preparar para dormir. Tinha que estar de pé às cinco da manhã para encontrar Alex e Mondo e pegar no batente no supermercado. Normalmente, teria ficado deprimido com a perspectiva de ter de se levantar tão cedo. Mas do jeito que as coisas estavam, seria um alívio sair de casa, uma bênção poder fazer algo que fizesse com que a sua mente parasse de girar em círculos. Nossa, pensou ele, eu daria tudo por um baseado.

Pelo menos a brutalidade emocional do pai havia deixado as lembranças de Rosie Duff de lado. Quando Joe Strummer começou a cantar “Julie’s in the Drug Squad”, ele já estava dormindo profundamente, mergulhado em um sono sem sonhos.

Karel Malkiewicz dirigia como um velho, na melhor das hipóteses. Hesitante, devagar e totalmente imprevisível nos entroncamentos. Também só dirigia quando o tempo estava bom. Em circunstâncias normais, ao primeiro sinal de neblina ou geada, ele guardava o carro e descia a pé a ladeira íngreme da Massareene Road até Bennochy, onde tomava o ônibus até a Factory Road, onde ficava o seu local de trabalho. Trabalhava como eletricista no setor de revestimento de pisos. Já fazia um bom tempo desde o desaparecimento da nuvem de óleo de linhaça que rendera à cidade a reputação de ter um “cheiro esquisito”, mas embora o linóleo tivesse saído de moda, o que era produzido na fábrica de Nairn ainda revestia o piso de milhares de cozinhas, banheiros e ambientes híbridos. E ele proporcionara a Karel Malkiewicz uma vida decente desde que saíra da Força Aérea Britânica após a guerra, e por isso ele era bastante grato.

O que não significava que ele havia esquecido os motivos pelos quais deixara Cracóvia. Ninguém podia sobreviver à atmosfera tóxica de desconfiança e perfídia sem cicatrizes, muito menos um judeu polonês que tivera a sorte de escapar antes do massacre que o deixou sem família.

Ele teve de reconstruir a vida, criar uma nova família. Seus pais não haviam sido especialmente ortodoxos, de modo que ele não se sentiu órfão da sua antiga religião. Não havia judeus em Kirkcaldy, lembrava que alguém lhe dissera isso alguns dias depois da sua chegada na cidade. A mensagem era clara: “É assim que preferimos.” E ele dançou conforme a música, chegando ao extremo de se

casar na Igreja Católica. Aprendera a sentir-se em casa naquela terra insular que o acolhera. Surpreendera-se com o arrebatado orgulho possessivo que sentira quando da recente escolha do papa polonês. Raramente sentia-se polonês.

Estava beirando os quarenta quando o filho que tanto sonhara finalmente veio ao mundo. Era motivo de alegria, mas também uma renovação do seu medo. Agora tinha muito mais a perder. Aquele era um país civilizado, os fascistas jamais fariam carreira ali. Pelo menos, era isso o que todos pensavam. Mas a Alemanha também fora um país civilizado. Era impossível prever o que poderia acontecer a qualquer país onde o número de desabrigados alcançasse uma massa crítica. Qualquer um que prometesse salvação encontraria seguidores.

E, ultimamente, havia bons motivos para o medo. A Frente Nacional avançava furtivamente na moita política. Greves e tumultos industriais estavam irritando o governo. A campanha de bombardeios do IRA dava aos políticos todas as desculpas de que precisavam para a introdução de medidas repressoras. E ainda havia aquela vaca insensível que comandava o partido conservador, falando que os imigrantes afundavam a cultura nativa. De fato, as sementes estavam todas presentes.

Então, quando Alex Gilbey ligou e contou a ele que o seu filho passara a noite em uma delegacia, Karel Malkiewicz não teve outra escolha. Queria o filho debaixo do seu teto, debaixo da sua asa. Ninguém tinha o direito de levá-lo embora no meio da noite. Agasalhou-se e instruiu a mulher para que ela preparasse um cantil com uma sopa bem quente e um embrulho com sanduíches. E partiu estrada afora para buscar o filho e trazê-lo de volta para casa.

Demorou quase duas horas, em uma viagem penosa até St. Andrews no seu velho Vauxhall. Mas ficou aliviado ao ver as luzes acesas na casa que Sigmund dividia com os amigos. Estacionou o carro, apanhou o seu farnel e caminhou até a entrada.

Bateu na porta e, a princípio, não houve resposta. Andando com cuidado sobre a neve, olhou pela janela para dentro da cozinha acesa. Estava vazia. Bateu na janela e gritou:

— Sigmund! Abra a porta, meu filho. Sou eu, o seu pai!

Ouviu então um barulho de pés descendo em tropel pela escada abaixo. A porta se abriu para revelar o seu belo filho, sorrindo de orelha a orelha, os braços abertos em acolhida.

— Pai! — exclamou ele, pisando descalço para fora de casa para abraçá-lo. — Não esperava o senhor aqui!

— Alex me ligou. E eu não queria que você ficasse aqui sozinho. Então, vim te buscar. — Karel apertou o filho contra si, sentindo a borboleta do medo

batendo as asas dentro do seu peito. O amor, pensou ele, era uma coisa terrível.

Mondo estava sentado de pernas cruzadas na cama, convenientemente perto do seu toca-discos. Estava ouvindo, sem parar, o seu tema pessoal, “Shine On, You Crazy Diamond”. As guitarras arrebatadoras, a dolorosa angústia na voz de Roger Waters, os sintetizadores dolentes e o saxofone ofegante forneciam a trilha sonora perfeita para abstrair a realidade.

E isso era exatamente o que ele queria fazer. Havia escapado da preocupação sufocante da mãe, que o asfixiara assim que ele explicou o que havia acontecido. Até que fora agradável no início, o casulo familiar de preocupação girando à sua volta. Mas, aos poucos, aquilo começou a sufocar e ele pediu licença, alegando que precisava ficar sozinho. A estratégia Greta Garbo sempre funcionava com sua mãe, que o julgava um intelectual porque ele lia livros em francês. Ela parecia não notar que aquilo era o que qualquer um que estava estudando a matéria com fins de graduação fazia.

Ainda bem, para falar a verdade. Ele não sabia nem como começar a explicar o turbilhão de emoções que ameaçava engoli-lo. A violência era algo desconhecido para ele, uma língua estrangeira da qual não conhecia nem a gramática, nem o vocabulário. Ter se confrontado recentemente com ela havia deixado Mondo sentindo-se abalado e estranho. Não podia dizer sinceramente que lamentava a morte de Rosie; ela o humilhara mais de uma vez na frente dos seus amigos quando ele tentou lhe passar cantadas que haviam funcionado com outras garotas. O que lamentava era o fato de sua morte ter feito com que ele despencasse em um lugar desconfortável, ao qual não pertencia.

Estava precisando mesmo era de sexo. Isso apagaria os horrores da noite anterior da sua mente. Funcionaria como uma espécie de terapia. Seria como voltar aos eixos. Infelizmente, não dispunha de uma namorada em Kirkcaldy. Talvez devesse dar alguns telefonemas. Uma ou duas das suas ex-namoradas ficariam mais do que satisfeitas em renovar os laços com ele. Elas poderiam oferecer um ombro amigo para ele chorar as suas mágoas e o ajudariam a superar os seus problemas, pelo menos até o final das férias. Talvez a Judith. Ou a Liz. É, provavelmente a Liz. As gordinhas ficavam sempre pateticamente agradecidas diante da possibilidade de um encontro, elas cediam sem o menor esforço. Só de pensar, já tinha uma ereção.

Justo quando estava prestes a levantar-se da cama e descer para fazer a ligação, bateram na sua porta.

— Pode entrar — disse ele, suspirando exausto, perguntando-se o que a mãe ainda queria. Mudou de posição para esconder a sua ereção em estágio

inicial.

Mas não era a mãe. Era a sua irmã de quinze anos, Lynn.

— Mamãe achou que você podia estar querendo uma Coca — disse ela, estendendo um copo para ele.

— Na verdade, estou querendo outras coisas — respondeu ele.

— Você deve estar arrasado mesmo — disse Lynn. — Não consigo nem imaginar como deve ter sido.

Na ausência de uma namorada, tinha de se contentar em impressionar a sua irmã mesmo.

— Foi muito difícil — disse ele. — Não gostaria de ter que passar por isso de novo tão cedo. E os policiais eram uns homens da caverna imbecis. Por que sentiram necessidade de nos interrogar como se fôssemos do esquadrão de bombas do IRA, eu nunca vou saber. Foi preciso muita coragem para encarar, podes crer.

Por algum motivo, Lynn não estava lhe dando a adoração e apoio estouvados que ele merecia. Ela encostou na parede, com cara de quem estava esperando uma pausa na conversa para colocar para fora o que estava passando na sua cabeça.

— É, imagino como foi — disse ela, mecanicamente.

— É provável que sejamos interrogados mais vezes — acrescentou ele.

— Deve ter sido barra para o Alex. Como ele está?

— Gilly? Bem, ele está longe de ser o Senhor Indefeso. Ele vai superar.

— Alex é muito mais sensível do que você imagina — defendeu ela, veemente. — Só porque ele jogava rúgbi, vocês acham que ele é só músculos e que não tem coração. Ele deve estar realmente arrasado, principalmente porque conhecia a garota.

Mondo xingou por dentro. Por um momento, havia esquecido da paixonite de sua irmã por Alex. Ela não estava ali para lhe oferecer Coca-Cola simpatia, estava ali para ter um pretexto para falar sobre Alex.

— Sorte dele não ter conhecido a garota como gostaria.

— Como assim?

— Ele era gamadão nela. Chegou até a chamá-la pra sair. Se ela tivesse aceitado, pode apostar que Alex ia ser o suspeito número um.

Lynn ficou ruborizada.

— Você está inventando. Alex não ia sair por aí caçando garçonetes.

Mondo deu um sorrisinho cruel.

— Ah não, é? Acho que você não conhece o seu querido Alex tão bem quanto pensa.

— Você é um monstro, sabia? Por que está falando desse jeito horrível do

Alex? Ele é um dos seus melhores amigos!

Ela bateu a porta com força, deixando a pergunta no ar. Por que estava falando daquele jeito horrível de Alex, quando normalmente não abriria a boca para falar mal dele?

Aos poucos, começou a perceber que, lá no fundo, culpava Alex por toda aquela confusão. Se tivessem seguido reto pelo caminho, outra pessoa teria encontrado o corpo de Rosie Duff. Outra pessoa teria ficado lá, ouvindo os seus últimos suspiros prolongando-se exaustivamente. Outra pessoa estaria marcada pelas horas passadas numa cela na delegacia.

Se ele agora era suspeito em uma investigação de homicídio, a culpa era de Alex, com certeza. Mondo contorceu-se desconfortavelmente diante daquele pensamento. Tentou evitá-lo, mas sabia que não conseguiria fechar a caixa de Pandora. Uma vez plantada a ideia, não poderia ser arrancada pela raiz e deixada de lado, até murchar. Não era a hora de dar vazão a ideias como aquela, que acabariam criando um abismo entre eles. Eles agora precisavam um do outro mais do que nunca. Mas era um fato inegável. Não estaria naquela enrascada se não fosse por Alex.

E se a coisa piorasse? Não havia como negar que Esquisito andara passeando com a Land Rover durante boa parte da noite. Ele levara várias garotas para dar uma voltinha, tentando impressioná-las. E não tinha um álibi decente, assim como Ziggy, que saíra de fininho e escondera o carro em um local onde Esquisito não pudesse encontrar. Assim como o próprio Mondo. O que dera nele, pegando a Land Rover emprestada para levar a garota para casa em Guardbridge? Uma rapidinha no banco de trás não valeria o transtorno, caso alguém lembrasse dela na festa. Se a polícia começasse a fazer perguntas para os outros convidados, alguém ia acabar entregando eles. Por mais que os estudantes professassem desprezo às autoridades, alguém ia amarelar e abrir o bico. E começariam as acusações.

De repente, culpar Alex parecia uma das suas menores preocupações. À medida que recordava os acontecimentos dos últimos dias, Mondo lembrou-se de algo que vira, tarde da noite. Algo que podia ajudá-lo a livrar a sua cara. Algo que, por ora, haveria de guardar consigo mesmo. Não queria mais saber de um por todos e todos por um. Tinha mais era que salvar a própria pele. Os outros que cuidassem dos seus próprios interesses.

8

Maclennan entrou e fechou a porta. Com a policial Janice Hogg lá dentro com ele, o quarto parecia claustrofóbico, a inclinação do teto enclausurando-os. Aquele era o elemento mais lamentável da morte súbita, pensou ele. Ninguém tem a oportunidade de voltar e fazer uma limpeza, de apresentar ao mundo a imagem que gostaria de deixar. Eles têm de se contentar com o que deixaram para trás na última vez em que fecharam a porta. Ele já vira alguns quadros tristes, mas poucos comoventes como aquele.

Alguém havia se dado ao trabalho de tornar aquele quarto iluminado e alegre, apesar da parca luminosidade que penetrava pela janela estreita da mansarda, que dava para a rua. Podia ver St. Andrews a distância, ainda parecendo esbranquiçada por causa da neve da véspera, embora ele soubesse que a verdade era outra. As calçadas já estavam imundas com a neve derretida e lamacenta, e as estradas, um atoleiro escorregadio de areia e água. Para além da cidade, a mancha acinzentada do mar derretia-se imperceptivelmente no céu. Devia ser uma bela vista no verão, pensou ele, voltando-se para o papel de parede com textura granular e desenhos de magnólia e a colcha bordada, onde o lugar no qual Rosie havia se sentado ainda estava amarfanhado. Havia somente um pôster na parede. Um grupo chamado Blondie, com uma cantora peituda fazendo beicinho, usando uma saia incrivelmente curta. Seria aquele o sonho de Rosie?, ele se perguntava.

— Por onde devo começar, senhor? — perguntou Janice, olhando para o armário e a penteadeira da década de 50, que haviam sido pintados de branco numa tentativa de deixá-los mais modernos. Havia uma pequena mesa de cabeceira, com apenas uma gaveta. Fora isso, o único lugar onde poderiam encontrar algo escondido era em um cesto de roupa suja atrás da porta, ou na lixeirinha de metal debaixo da penteadeira.

— Comece pela penteadeira — disse ele. Assim, não precisaria lidar com a maquiagem que jamais seria usada novamente, o sutiã e as calcinhas velhas enfiadas lá no fundo da gaveta, para emergências de lavanderia que nunca haviam ocorrido. Maclennan conhecia os seus pontos fracos e preferia não atiçá-los, sempre que possível.

Janice sentou-se ao pé da cama, onde Rosie deveria ter se sentado para ver-se no espelho e aplicar a sua maquiagem. Maclennan foi até a penteadeira e

abriu uma gaveta. Lá dentro havia um livro bem grosso, chamado *O Último Refúgio*, e Maclennan lembrou que aquele era exatamente o tipo de livro que a sua ex-mulher usava para mantê-lo afastado na cama. “Estou lendo, Barney”, ela dizia em um tom de sofrimento resignado, sacudindo um livro que mais parecia um peso de porta no seu nariz. Não conseguia compreender a relação entre as mulheres e os livros. Levantou o romance, tentando não observar Janice explorando sistematicamente as outras gavetas. Embaixo do livro, havia um diário. Recusando-se a um otimismo precipitado, Maclennan o apanhou.

Se estivesse esperando confissões, teria ficado decepcionado. Rosie Duff não era uma garota do tipo “Querido Diário”. As páginas listavam os seus turnos no Lammas, aniversários da família e dos amigos e eventos sociais como “Festa do Bob”, “Farra da Julie”. Algumas datas estavam marcadas com hora e local e a palavra “Ele”, seguida por um número. Havia passado pelo 14, 15 e 16 no último ano; 16 sendo, obviamente, o mais recente. “Ele” apareceu em fevereiro e logo se tornou um habitué, duas ou três vezes por semana. Sempre depois do trabalho, pensou Maclennan. Teria de voltar ao Lammas e perguntar se alguém havia visto Rosie encontrando um sujeito depois do expediente. Perguntava-se por que se encontravam nesse horário, em vez de nas folgas de Rosie ou durante o dia, quando ela não estava trabalhando. Um dos dois parecia determinado a manter em segredo a sua identidade.

Olhou para Janice.

— Alguma coisa?

— Nada especial. Coisas que mulheres compram para si mesmas. Nada daquelas coisas cafonas compradas pelos homens.

— Homens compram coisas cafonas?

— Receio que sim, senhor. Renda que pinica, náilon que faz a gente suar. O que os homens querem que as mulheres usem, mas que jamais escolheriam para eles próprios.

— Deve ser aí que eu venho errando, todos esses anos. Eu realmente deveria estar comprando calçolas na Marks and Spencer.

Janice sorriu.

— A gratidão vai longe, senhor.

— Algum sinal de que ela estava tomando pílula anticoncepcional?

— Nada, até agora. Talvez Brian estivesse falando sério quando disse que ela era uma garota certinha.

— Nem tanto. De acordo com o legista, ela não era virgem.

— Existem outras maneiras de se perder a virgindade, senhor — salientou Janice, sem muita coragem para colocar em dúvida um legista que todo mundo sabia estar mais interessado no próximo drinque e na aposentadoria do que em

quem ia parar na sua maca.

— É verdade. E as pílulas devem estar na bolsa dela, que ainda não foi encontrada. — Maclennan suspirou e fechou a gaveta que continha o livro e o diário. — Vou dar uma olhada no armário.

Meia hora depois, teve de admitir que Rosie Duff não era do tipo que escondia o ouro. O seu armário continha roupas e sapatos, todos em estilos modernos. Em um canto, havia uma pilha de livros baratos, gordos tijolos de papel que prometiam, na mesma medida, uma vida glamourosa, rica e plena de amor.

— Estamos perdendo o nosso tempo aqui — disse ele.

— Ainda falta uma gaveta. Por que o senhor não dá uma olhada no porta-joias? — Janice entregou a ele uma caixinha em formato de baú de tesouro, revestida de napa branca. Ele suspendeu o fecho de metal e abriu a tampa. A parte superior continha uma seleção de brincos, de diversas cores. A maioria era grande e chamativa, mas não pareciam caros. Na bandeja inferior, havia um relógio Timex infantil, algumas correntes de prata barata e alguns broches de fantasia; um imitava um trabalho de tricô, com agulhas de miniatura; o outro, um peixe voador; e o terceiro, uma criatura esmaltada e lustrosa que parecia ser um gato de outro planeta. Era difícil apurar algo significativo a partir daquele conteúdo.

— Ela gostava de brincos — concluiu ele, fechando a caixa. — Seja lá quem estivesse saindo com ela, não era do tipo que dá joias caras de presente.

Janice alcançou o fundo da gaveta e sacou lá de trás um maço de fotografias. Ao que parecia, Rosie havia atacado o álbum de família e feito a sua própria seleção. Era um típico apanhado de fotos familiares: uma foto do casamento dos pais, Rosie e os irmãos crescendo, fotos sortidas que cobriam as últimas três décadas, algumas fotos de bebês e alguns instantâneos de Rosie com colegas de escola, fazendo careta para a câmera com os seus uniformes de madras. Nada de fotos instantâneas de cabine com os seus namorados. Para falar a verdade, nada de namorados. Maclennan folheou-as rapidamente e depois as colocou de volta no maço.

— Janice, vamos ver se achamos alguma coisa um pouquinho mais produtiva para fazer. — Deu uma última olhada ao redor do quarto que havia lhe contado bem menos do que ele esperava sobre Rosie Duff. Uma garota que sonhava com uma realidade mais glamourosa. Uma garota introspectiva, discreta. Uma garota que levara os seus segredos para o túmulo, provavelmente protegendo o seu assassino no processo.

Quando estavam voltando de carro para St. Andrews, o rádio de Maclennan estalou. Ele mexeu nos botões, tentando encontrar sinal. Alguns segundos

depois, a voz de Burnside surgiu, alta e clara. Ele parecia animado:

— Senhor, acho que encontramos uma coisa.

Alex, Mondo e Esquisito haviam cumprido o seu turno empilhando produtos nas prateleiras do mercado de cabeça baixa, torcendo para que ninguém os reconhecesse da primeira página do jornal *Daily Record*. Compraram uma pilha de jornais e caminharam pela High Street até o café que costumavam frequentar quando eram adolescentes.

— Sabia que um a cada dois adultos na Escócia lê o *Record*? — comentou Alex, melancólico.

— E o outro não sabe ler — respondeu Esquisito, olhando para a foto surpresa dos quatro na porta de casa. — Meu Deus, olha só a nossa cara. Dava no mesmo se tivessem colocado em letras garrafais "Canalhas mentirosos suspeitos de estupro e assassinato". Qualquer pessoa que vir essa foto vai achar que somos culpados.

— É, realmente não posso dizer que essa é a minha melhor foto — disse Alex.

— Mas você se deu bem, você estava lá trás, a gente mal vê a sua cara. E Ziggy está virado de costas. Eu e Esquisito é que ficamos de frente — reclamou Mondo. — Vamos ver o que saiu nos outros jornais.

Uma foto parecida apareceu no *Scotsman*, no *Glasgow Herald* e no *Courier*, mas, por sorte, nas páginas internas. O crime saiu na primeira página de todos, com exceção do *Courier*. Nada tão insignificante quanto um assassinato poderia tomar o lugar dos preços das ações e dos anúncios na página principal.

Ficaram sentados, bebericando os seus cafés espumosos, lendo as matérias em silêncio.

— Acho que podia ser pior — comentou Alex.

Esquisito fez uma expressão de incredulidade.

— Pior, como?

— Pelo menos eles escreveram os nossos nomes direito. Até mesmo o de Ziggy.

— Grandes merdas. Admito que eles se seguraram para não nos chamar de suspeitos. Mas é só isso o que a gente pode dizer a favor deles. Isso aqui passa uma péssima imagem da gente, Alex. Você sabe disso.

— Todo mundo que a gente conhece vai ver esses jornais — disse Mondo. — Todo mundo vai nos encher o saco por causa disso. Se esses são os meus quinze minutos de fama, podem ir para o inferno.

— Todo mundo ia ficar sabendo mesmo, de qualquer jeito — disse Alex. —

Você sabe como é essa cidade, conhece a mentalidade provinciana das pessoas. Ninguém tem mais o que fazer, a não ser ficar fofocando sobre os vizinhos. Não precisa de jornal para espalhar as notícias por aqui. O lado bom é que metade da universidade mora na Inglaterra, então não vão nem ficar sabendo a respeito. E quando voltarmos para lá, depois do Ano-Novo, a história já vai ter morrido.

— Você acha? — Esquisito fechou o *Scotsman* com um ar de conclusão. — Vou te dizer uma coisa, a gente tem mais é que rezar para Maclennan descobrir logo quem fez isso e prender o sujeito.

— Por quê? — perguntou Mondo.

— Porque senão vamos ficar conhecidos pro resto da vida como os caras que conseguiram se safar de um assassinato.

Mondo tinha a expressão de um homem que havia acabado de saber que tinha um câncer terminal.

— Você está falando sério?

— Nunca falei tão sério na minha vida — disse Esquisito. — Se eles não prenderem ninguém pelo assassinato de Rosie, as pessoas só vão lembrar que fomos nós quatro que passamos a noite na delegacia. É óbvio, cara. Vamos receber um veredicto que não pode ser provado, sem irmos a julgamento. "Todo mundo sabe que foram eles, a polícia só não conseguiu provar" — acrescentou ele, imitando uma voz de mulher. — Acorda, Mondo, você nunca mais vai conseguir trepar novamente. — Ele riu, perverso, sabendo que havia atingido o calcanhar de aquiles do amigo.

— Vá se foder, Esquisito. Pelo menos, vou ter do que me lembrar — rebateu Mondo.

Antes que algum deles pudesse dizer mais alguma coisa, foram interrompidos por uma chegada inesperada. Ziggy surgiu diante deles, sacudindo o cabelo molhado de chuva.

— Achei que encontraria vocês aqui — disse ele.

— Ziggy, Esquisito está falando que... — começou Mondo.

— Deixe isso pra lá. Maclennan está aqui. Quer conversar com nós quatro de novo.

Alex ergueu as sobrancelhas.

— Ele quer levar a gente de volta pra St. Andrews?

Ziggy fez um gesto negativo com a cabeça.

— Não. Está aqui em Kirkcaldy. Quer que a gente encontre com ele na delegacia local.

— Merda — disse Esquisito. — O meu pai vai enlouquecer. Era para eu estar de castigo. Ele vai achar que eu estou mandando um foda-se para ele. Não dá pra dizer que fui parar na delegacia.

— Agradeçam ao meu pai por não termos que voltar para St. Andrews — disse Ziggy. — Ele ficou furioso quando Maclennan apareceu lá em casa. Fez um escândalo, acusou de estar nos tratando como criminosos, quando na verdade fizemos o possível para salvar Rosie. Teve uma hora que eu cheguei a achar que o meu pai ia bater nele com o jornal. — Ele sorriu. — Fiquei orgulhoso dele.

— Mandou bem — disse Alex. — Então, onde está Maclennan?

— Lá fora, no carro dele. Com o carro do meu pai estacionado do lado. — Ziggy sacudiu os ombros em uma gargalhada. — Acho que Maclennan nunca se deparou com alguém como o meu velho.

— Então temos que ir pra delegacia agora? — perguntou Alex.

Ziggy assentiu com a cabeça.

— Maclennan está nos esperando. Ele disse que o meu pai pode nos levar até lá, mas que não está a fim de perder tempo por aqui.

Dez minutos depois, Ziggy estava sentado a sós em uma sala de interrogatório. Quando chegaram à delegacia, Alex, Esquisito e Mondo foram levados para uma outra sala de interrogatório, sob o olhar atento de um guarda. Karel Malkiewicz havia sido abandonado sem cerimônia na recepção e Maclennan havia lhe dito, abruptamente, que esperasse por lá. E Ziggy havia sido levado para dentro, escoltado por Maclennan e Burnside, que o deixara mofando na sala, esperando.

Eles sabem o que estão fazendo, pensou ele, pesaroso. Deixá-lo isolado daquele jeito era a melhor receita para torná-lo inquieto. E estava funcionando. Embora não demonstrasse nenhum sinal aparente de tensão, Ziggy sentia-se tenso como uma corda de piano, vibrando de ansiedade. Os cinco minutos mais longos da sua vida chegaram ao fim quando os dois detetives reapareceram e sentaram-se diante dele.

Os olhos de Maclennan queimavam os seus, o seu rosto delgado enrijecido em um esgar de emoção reprimida.

— Mentir para a polícia é coisa séria — disse ele, sem preâmbulos, a voz entrecortada e rude. — Não é crime, mas também nos faz pensar o que exatamente você tem a esconder. Você teve uma noite toda para pensar direitinho. Gostaria de revisar o seu depoimento anterior?

Ziggy sentiu no peito o choque de um gélido espasmo de medo. Eles sabiam de alguma coisa. Estava na cara. Mas o quê? Não disse nada, esperando que Maclennan prosseguisse.

Maclennan abriu a sua pasta e retirou a folha com impressões digitais que Ziggy assinara na véspera.

— Essas são as suas impressões digitais?

Ziggy fez um gesto afirmativo com a cabeça. Sabia o que estava por vir.

— Você pode nos explicar como elas apareceram no volante e na marcha de uma Land Rover, registrada em nome de um Sr. Henry Cavendish, encontrada abandonada essa manhã no estacionamento de uma unidade industrial em Largo Road, St. Andrews?

Ziggy fechou os olhos por um momento.

— Sim, eu posso. — Fez uma pausa, tentando organizar os seus pensamentos. Havia ensaiado aquela conversa na cama pela manhã, mas todas as suas falas o abandonaram diante daquela realidade assustadora.

— Estou esperando, Sr. Malkiewicz.

— A Land Rover pertence a um dos estudantes que dividem a casa conosco. Nós a pegamos emprestada ontem à noite, para irmos à festa.

— Pegaram emprestada? Quer dizer que o Sr. Cavendish lhes deu permissão para sair por aí com a Land Rover dele? — avançou Maclennan, recusando-se a deixar Ziggy alcançá-lo.

— Não, não exatamente — Ziggy desviou o olhar de Maclennan, incapaz de encará-lo. — Olha, eu sei que não fizemos bem em pegar o carro, mas não foi nada de mais. — Assim que as palavras saíram da sua boca, Ziggy soube que tinha falado uma besteira.

— Isso é crime. E tenho certeza de que você está ciente disso. Então, vocês furtaram a Land Rover e a levaram para a festa. Isso não explica como ela foi parar onde nós a encontramos.

A respiração de Ziggy agitava-se no peito, como uma mariposa enclausurada.

— Eu a levei até lá, por segurança. Estávamos bebendo e eu não queria que nenhum de nós se sentisse tentado a dirigi-la bêbado.

— Quando foi exatamente que você a levou para lá?

— Não sei ao certo. Provavelmente, entre uma e duas horas da manhã.

— Você já devia ter bebido bastante também, a essas alturas. — Maclennan ia de vento em popa, os ombros projetados para a frente, conforme avançava no interrogatório.

— Provavelmente já tinha passado do meu limite, sim. Mas...

— Outro crime. Então você mentiu quando disse que não havia saído da festa? — Os olhos de Maclennan eram como sondas cirúrgicas.

— Estive fora apenas tempo suficiente para levar a Land Rover e voltar a pé. Talvez uns vinte minutos.

— Isso é o que você diz. Conversamos com algumas pessoas que estavam na festa e parece que você não foi muito visto, não. Acho que esteve fora bem mais do que isso. Acho que você encontrou Rosie Duff no caminho e lhe

ofereceu uma carona.

— Não!

Maclennan prosseguiu, implacável.

— E aconteceu alguma coisa que deixou você irritado e você a estuprou. Aí percebeu que ela poderia destruir a sua vida se procurasse a polícia. Você entrou em pânico e matou a moça. Sabia que teria que se livrar do corpo, mas como estava com a Land Rover, isso não seria nada de mais. Aí você removeu todos os vestígios de sangue e voltou para a festa. Não foi isso o que aconteceu?

Ziggy balançou a cabeça.

— Não. O senhor entendeu tudo errado. Não encontrei com ela, não encostei nela. Só me livrei do carro antes que alguém sofresse um acidente.

— O que aconteceu com Rosie Duff não foi um acidente. E você foi o responsável.

O medo produzira um rubor em sua face. Passou as mãos no cabelo.

— Olha, o senhor precisa acreditar em mim. Não tive nada a ver com a morte dela.

— E por que eu deveria acreditar em você?

— Porque estou dizendo a verdade.

— Não. O que você está me contando é uma nova versão dos fatos, que cobre o que você acha que eu sei. Isso não tem nada a ver com a verdade.

Fez-se um longo silêncio. Ziggy trincou a mandíbula, sentindo os músculos protuberantes nas suas bochechas.

Maclennan tornou a falar. Dessa vez, o seu tom de voz era mais suave.

— Vamos descobrir o que aconteceu. Você sabe disso. Enquanto conversamos, uma equipe de peritos experientes está analisando cada centímetro daquele carro. Se encontrarmos um pinguinho de sangue, um fio de cabelo de Rosie ou uma única fibra das suas roupas, você vai ficar um bom tempo sem dormir na sua cama. Você poderia poupar o seu sofrimento e o de seu pai agora, contando tudo de uma vez.

Ziggy quase deu uma gargalhada. Era uma jogada tão transparente que deixava flagrante a falta de trunfos na mão de Maclennan.

— Não tenho mais nada a dizer.

— Faça como quiser, filho. Vou prender você por se apoderar e dirigir um veículo sem o consentimento do dono. Você será solto sob fiança e terá que se apresentar na delegacia em uma semana. Sugiro que arrume um advogado, Sr. Malkiewicz.

Esquisito seria o próximo, inevitavelmente. Só podia ser a Land Rover, concluiu

ele enquanto esperava, sentado em silêncio na sala de interrogatório. Tudo bem, disse a si mesmo. Contaria a verdade, assumiria a culpa. Não deixaria que os outros se prejudicassem por causa da sua inconsequência. Não o mandariam para a cadeia, não por causa de algo assim tão insignificante. Teria de pagar uma multa e ele daria um jeito de pagar. Poderia arrumar um trabalho de meio expediente. E depois, não havia muito problema em ser um matemático com ficha criminal.

Estava sentado diante de Maclennan e Burnside, com uma postura desleixada e um cigarro pendurado no canto da boca, tentando parecer descontraído.

— Como posso ajudar os senhores? — perguntou ele.

— A verdade seria um bom começo — disse Maclennan. — De alguma maneira, você parece ter esquecido que andou saracoteando por aí em uma Land Rover, quando, supostamente, estava numa festa.

Esquisito abriu as mãos com um gesto.

— Aí você me pegou. Foi apenas o ato de um jovem bem-humorado, senhor.

Maclennan bateu com as mãos na mesa.

— Isso aqui não é brincadeira, rapaz! Houve um assassinato! Então pare de bancar o engraçadinho.

— Mas é verdade, sério. Veja bem, o tempo estava uma merda. Os caras tinham ido na frente para o Lammas enquanto eu terminava de lavar os pratos. Eu estava parado na cozinha, olhando para a Land Rover lá fora e pensei assim: por que não? Henry tinha voltado para a Inglaterra mesmo e não ia fazer mal a ninguém se eu pegasse o carro emprestado por algumas horas. Então, eu peguei e fui até o pub. Os caras ficaram putos comigo, mas quando viram que a neve estava braba, reconheceram que não era uma má ideia, afinal. Então fomos pra festa. Mais tarde, Ziggy levou o carro embora, para impedir que eu fizesse alguma besteira. — Ele deu de ombros. — Sério. Não falamos nada antes porque não queríamos que o senhor perdesse o seu tempo com uma bobagem.

Maclennan olhava fixamente para ele.

— Estou perdendo o meu tempo com você agora. — Ele abriu a sua pasta. — Temos aqui o depoimento de Helen Walker, dizendo que você a convenceu a dar uma volta de carro. Segundo ela, você estava tentando agarrá-la enquanto dirigia. A sua direção tornou-se tão caótica que a Land Rover derrapou e atolou na calçada. Ela pulou para fora do carro e correu de volta para a festa. Ela disse, e estou lendo agora, “ele estava descontrolado”.

Esquisito fez uma careta, batendo a cinza de cigarro que caíra no seu blusão.

— Que garota idiota — disse ele, a voz menos confiante do que as palavras.

— O quão descontrolado você estava, filho?

Esquisito ensaiou um riso.

— Mais uma das suas perguntas capciosas. Olha, tudo bem, eu assumo que estava meio empolgado demais, sim. Mas existe uma grande diferença entre se divertir com um carro emprestado e matar uma pessoa.

Maclennan olhou para ele com desprezo.

— Essa é a sua ideia de diversão? Molestar uma moça e assustá-la a ponto de ela preferir correr pela nevasca a ficar sentada em um carro com você? — Esquisito desviou o olhar, suspirando. — Você deve ter ficado furioso. Leva uma mulher para dentro do seu carro furtado, acha que vai impressioná-la e conseguir algo com ela, mas, ao invés, ela sai correndo. Aí, o que acontece? Você vê Rosie na neve e acha que a sua mágica vai funcionar com ela. Só que ela não quer saber disso, repele você o quanto pode, mas você a subjuga. E aí você perde o controle, porque sabe que ela pode destruir a sua vida.

Esquisito levantou-se, de supetão.

— Eu não sou obrigado a ficar aqui ouvindo essa palhaçada! Você fica aí cheio de merda, mas não tem nada concreto contra mim e sabe disso!

Burnside ficou de pé, obstruindo a passagem de Esquisito até a porta enquanto Maclennan se recostou na cadeira.

— Devagar, filho — disse Maclennan. — Você está preso.

Mondo encolheu os ombros em uma frágil defesa contra o que sabia que estava por vir. Maclennan olhou longa e duramente para ele.

— Digitais — disse ele. — As suas digitais no volante de uma Land Rover furtada. Você tem algo a dizer sobre isso?

— Não foi furtada. Apenas emprestada. Furtada é quando você não planeja devolver, não é? — Mondo soou petulante.

— Estou esperando — disse Maclennan, ignorando a resposta.

— Dei carona para uma pessoa, tá legal?

Maclennan curvou-se para a frente, como um cão farejando a presa.

— Quem?

— Uma garota que estava lá na festa. Ela precisava voltar para Guardbridge e eu me ofereci para levá-la em casa. — Mondo enfiou a mão dentro da jaqueta e sacou um pedaço de papel. Havia anotado todos os detalhes sobre a garota enquanto esperava, prevendo aquele momento. De algum modo, evitar dizer o seu nome em voz alta tornava a coisa menos real, menos importante. E depois, chegara à conclusão de que se fizesse a coisa direitinho, pareceria menos

culpado. Dane-se se, para isso, tivesse de deixar uma garota mal com os seus pais. — Aqui está, podem perguntar, ela vai confirmar.

— A que horas foi isso?

Ele deu de ombros.

— Não sei. Talvez por volta das duas.

Maclennan olhou para o nome e o endereço no papel. Nenhum dos dois lhe parecia familiar.

— O que aconteceu então?

Mondo deu um sorrisinho convencido, em um momento mundano de cumplicidade masculina.

— Levei ela pra casa. Fizemos sexo. Aí nos despedimos. Então, inspetor, como o senhor vê, eu não tinha nenhum motivo para estar interessado em Rosie Duff, mesmo que encontrasse com ela. O que não aconteceu. Eu tinha acabado de transar. Estava me sentindo bem satisfeito comigo mesmo.

— Você disse que fizeram sexo. Onde, exatamente?

— No banco de trás da Land Rover.

— Você usou preservativo?

— Eu nunca acredito quando elas dizem que estão tomando pílula. O senhor acredita? É claro que usei preservativo. — Agora Mondo sentia-se mais relaxado. Aquele era um território que compreendia, um território no qual os machos se uniam em conluio em uma conspiração de entendimento mútuo.

— O que você fez com ele depois?

— Joguei pra fora pela janela. Ter deixado no carro daria a maior bandeira com o Henry, sabe? — Podia ver Maclennan lutando para descobrir uma nova direção para as suas perguntas. Mondo estava certo. A sua confissão havia bagunçado a linha do interrogatório. Ele não estivera rodando de carro pela neve, frustrado e desesperado por sexo. Então que motivo teria para estuprar e matar Rosie Duff?

Maclennan deu um sorriso intimidador, recusando-se a fazer parte da camaradagem que Mondo supunha estar compartilhando com ele.

— Verificaremos a sua história, Sr. Kerr. Vamos ver se essa moça vai confirmar o que você contou. Porque se ela não confirmar, aí a coisa fica bem diferente, não é mesmo?

9

Nem parecia véspera de Natal. Andando até a padaria para comprar uma torta na hora do almoço, Barry Maclennan experimentou a sensação de ter sido transportado para um universo paralelo. As vitrines das lojas floresciam com decorações espalhafatosas de Natal, luzes artificiais piscavam no crepúsculo e as ruas estavam abarrotadas de pessoas caminhando com dificuldade devido ao peso de gordas sacolas de compras. Tudo aquilo parecia estranho aos seus olhos. As preocupações daquelas pessoas nada tinham a ver com as dele; elas podiam se dar ao luxo de esperar algo mais do que uma ceia de Natal conspurcada pelo amargo gosto da derrota. Já haviam se passado oito dias desde o assassinato de Rosie, e até agora, nenhuma perspectiva de prisão.

Estivera confiante de que a descoberta da Land Rover seria a pedra fundamental que sustentaria o caso contra um ou mais dos quatro estudantes. Principalmente depois dos interrogatórios em Kirkcaldy. As histórias deles eram bastante plausíveis, mas tinham tido um dia para aperfeiçoá-las. E ele ainda estava com a sensação de que não tinham contado toda a verdade, embora fosse difícil precisar onde exatamente estavam mentindo. Não acreditava em quase nada do que Tom Mackie dissera, mas Maclennan era honesto o suficiente para reconhecer que a sua incredulidade poderia estar relacionada à antipatia profunda que nutria pelo estudante de matemática.

Ziggy Malkiewicz era astuto, disso ele estava ciente. Se ele fosse o assassino, Maclennan sabia que não chegaria a lugar algum até obter provas concretas; o estudante de medicina não ia entregar os pontos. Julgara ter colocado a história de Davey Kerr abaixo quando a moça em Guardbridge negou ter feito sexo com ele. Mas Janice Hogg, que o acompanhou por uma questão de decoro, saíra de lá convencida de que a moça estava mentindo, tentando equivocadamente proteger a sua reputação. De fato, quando ele mandou Janice novamente até lá para conversar com a moça a sós, ela reconsiderou e admitiu ter deixado Kerr fazer sexo com ela. Não parecia ter sido uma experiência que ela estava ansiosa para repetir. O que, Maclennan pensou, era algo interessante. Talvez Davey Kerr não estivesse assim tão satisfeito e animado quanto fingira estar.

Alex Gilbey era um possível candidato, o problema é que não havia nenhuma evidência de que dirigira a Land Rover. As suas digitais estavam por

toda parte no interior do veículo, mas não chegavam nem perto do lugar do motorista. O que não livrava a sua cara, entretanto. Se Gilbey tivesse assassinado Rosie, possivelmente teria pedido a ajuda dos outros, e era bem provável que eles tivessem ajudado; Maclennan não duvidava da força do elo que os unia. E se Gilbey tivesse conseguido um encontro com Rosie, que tivesse terminado muito mal, Maclennan tinha certeza absoluta de que Malkiewicz não teria pensado duas vezes antes de fazer tudo o que pudesse para proteger o amigo. Gilbey sabendo disso ou não, Malkiewicz estava apaixonado por ele, concluíra Maclennan, baseando-se estritamente no seu instinto.

Mas havia algo mais do que o seu instinto em jogo. Após a frustrante série de interrogatórios, estava prestes a voltar para St. Andrews quando uma voz familiar o chamou.

— Ei, Barney, ouvi dizer que você estava na área — ecoou a voz no breu do estacionamento.

Maclennan virou-se para trás.

— Robin? É você?

Uma figura elegante em um uniforme de polícia surgiu em uma poça de luz. Robin Maclennan era quinze anos mais novo do que o irmão, mas a semelhança era impressionante.

— Achou que ia sair de fininho, sem dar ao menos um olá?

— Eles me informaram que você estava fazendo a ronda.

Robin alcançou o irmão e o cumprimentou com um aperto de mão.

— Acabei de voltar para um lanchinho. Pensei ter visto você quando estacionamos. Venha tomar um café comigo antes de ir embora. — Ele sorriu e deu um soco camarada no ombro de Maclennan. — Tenho algumas informações e acho que você vai gostar.

Maclennan franziu as sobrancelhas, vendo o irmão bater em retirada. Robin, sempre confiante no seu charme, não havia sequer esperado a reação do irmão e já estava a caminho do prédio que abrigava a cantina. Maclennan o alcançou na porta.

— Como assim, informações? — perguntou ele.

— Sobre os tais estudantes que você está investigando, em relação ao assassinato de Rosie Duff. Resolvi fazer umas pesquisas, sondar por aí, ver o que as pessoas tinham para dizer.

— Você não devia estar se envolvendo com isso, Robin. O caso não é seu. — Maclennan protestou enquanto seguia o irmão pelo corredor.

— Um crime como esse é caso de todo mundo.

— Mesmo assim. — Se não chegasse a lugar algum com aquele caso, não queria que o seu fracasso respingasse no seu irmão brilhante e carismático.

Robin gostava de agradar; ia alcançar um posto bem mais alto do que o seu na polícia, e ele merecia. — Nenhum deles tem ficha criminal. Eu já verifiquei.

Robin virou-se quando entraram na cantina e acendeu novamente o seu sorriso de cem watts.

— Escuta, essa aqui é a minha área. Consigo fazer com que as pessoas me digam coisas que não vão dizer pra você.

Intrigado, Maclennan seguiu o irmão até uma mesa de canto e esperou pacientemente enquanto Robin buscava os cafés.

— Então, o que você sabe?

— Bem, os seus rapazes não são exatamente inocentes por essas bandas. Quando tinham uns treze anos, foram pegos furtando numa loja.

Maclennan deu de ombros.

— Quem nunca furtou uma coisinha aqui ou ali quando era criança?

— É, mas não foram apenas algumas barras de chocolate ou um maço de cigarros. Foi o que podemos chamar de Furto Desafio Fórmula 1. Parece que apostaram para ver quem conseguia furtar coisas realmente difíceis, só pela diversão. Quase sempre em lojas pequenas. Nada que estivessem querendo ou precisando em especial. Valia tudo, desde podadeiras de jardim até perfumes. Quem foi pego foi o Kerr, com um vaso chinês em uma mercearia. Os outros três foram surpreendidos esperando por ele na rua. Abriram o jogo em dois tempos quando chegaram à delegacia. Até nos levaram ao galpão no jardim de Gilbey, onde escondiam os produtos roubados. Tudo dentro da embalagem. — Robin balançou a cabeça, intrigado. — O sujeito que efetuou a prisão disse que parecia a caverna de Aladim.

— E o que aconteceu?

— Alguém mexeu os pauzinhos. O pai de Gilbey é diretor de escola, o pai de Mackie joga golfe com o chefe superintendente. Saíram com uma advertência e morrendo de medo.

— Interessante. Mas está longe de ser o Assalto ao Trem Pagador.

Robin concordou com a cabeça.

— Mas tem mais. Há alguns anos, tivemos uma série de brincadeiras com carros estacionados. Os donos voltavam e encontravam o vidro do carro rabiscado por dentro, com batom. Mas os carros estavam trancados. A coisa parou de acontecer de repente, assim como começou, mais ou menos na época em que um carro furtado pegou fogo. Nunca tivemos nada de concreto contra eles, mas o nosso oficial local do serviço secreto acha que eles estavam por trás das brincadeiras. Ao que parece, eles têm um dom para sacanear os outros.

Maclennan assentiu.

— Não posso discordar disso. — Estava intrigado com a história dos carros.

Talvez a Land Rover não fosse o único veículo na estrada naquela noite com um dos suspeitos atrás do volante.

Robin estava ansioso para saber mais detalhes sobre a investigação, mas Maclennan fugiu do assunto direitinho. A conversa descambou para amenidades — família, futebol, o que comprar para os pais no Natal — até Maclennan conseguir ir embora. As informações de Robin não eram lá grande coisa, era verdade, mas fizeram com que Maclennan sentisse que havia um padrão nas atividades dos Garotos de Kirkcaldy: a atração pelo perigo. Era o tipo de comportamento que podia facilmente evoluir para algo mais arriscado.

Intuições eram ótimas, mas não valiam nada sem provas concretas. E ele não tinha nenhuma prova concreta. A Land Rover tornara-se um beco sem saída para a perícia. Haviam praticamente desmontado todo o seu interior e não encontraram nada que acusasse a presença de Rosie Duff lá dentro. Tiveram um momento de alegria fugaz quando os oficiais presentes na cena do crime descobriram vestígios de sangue, mas um exame mais minucioso revelou que o sangue não só não pertencia a Rosie Duff, como não era sequer humano.

A única vaga esperança no horizonte surgira na véspera. O dono de uma casa em Trinity Place estava fazendo uma limpeza no jardim quando encontrou uma trouxa de tecido encharcada escondida na sebe. A Sra. Duff a identificara como sendo de Rosie. Agora, a peça estava no laboratório sendo examinada, mas Maclennan sabia que, apesar do pedido de urgência, não teria nenhuma resposta antes do Ano-Novo. Mais uma frustração para engrossar a sua lista.

Não conseguia sequer decidir se autuava Mackie, Kerr e Malkiewicz por terem pegado e dirigido um veículo sem autorização do dono. Todos três haviam cumprido os requisitos da fiança religiosamente e ele estava prestes a autuá-los quando ouviu sem querer uma conversa no clube da polícia. Estava protegido dos olhares dos policiais que conversavam por uma banqueta, mas reconheceu as vozes de Jimmy Lawson e Iain Shaw. Shaw era a favor de imputarem quantas acusações pudessem contra os estudantes. Mas, para a surpresa de Maclennan, Lawson era contra.

— Isso só pega mal pra gente — disse o policial. — Dá a impressão de que somos mesquinhos e vingativos. É como colocar um anúncio dizendo: Olha, não conseguimos pegá-los por assassinato, mas vamos infernizar a vida deles de qualquer jeito.

— E o que há de errado nisso? — quis saber Shaw. — Se são culpados, têm mais é que sofrer.

— E se não forem? — respondeu Lawson, insistente. — Temos que fazer justiça, não temos? E isso não é só sair por aí prendendo os culpados. Temos que proteger os inocentes também. Tudo bem, eles mentiram para Maclennan sobre a

Land Rover. Mas isso não os torna assassinos.

— Mas se não foi nenhum deles, quem foi? — desafiou Shaw.

— Ainda acho que tem algo a ver com Hallow Hill. Algum ritual pagão ou algo assim. Você sabe tão bem quanto eu que todo ano recebemos denúncias sobre animais que parecem ter sido vítimas de matança ritualista na floresta Tentsmuir. E nunca damos bola, porque parece algo insignificante diante de preocupações mais sérias. Mas e se um maluco já estava preparando isso, há anos? Afinal de contas, o crime ocorreu bem perto da Saturnália.

— Saturnália?

— Os romanos celebravam o solstício de inverno no dia 17 de dezembro. Mas o feriado não caía sempre no mesmo dia.

Shaw bufou, incrédulo.

— Cruzes, Jimmy, você andou pesquisando mesmo, hein?

— Não, só perguntei lá na biblioteca. Você sabe que eu quero entrar para o DIC. Estou apenas querendo mostrar empenho.

— Então você acha que foi um lunático satanista que matou Rosie?

— Não sei. É só uma teoria. Mas vamos ficar com a cara no chão se apontarmos os quatro estudantes como culpados e acontecer outro sacrifício humano próximo do Beltane.

— Beltane? — perguntou Shaw, perdido.

— Final de abril, início de maio. Megafestival pagão. Por isso, eu acho que devíamos pensar duas vezes antes de partir para cima dos garotos, até termos algo mais concreto contra eles. Afinal, se eles não tivessem encontrado o corpo de Rosie, teriam devolvido o carro e ninguém teria ficado sabendo, ninguém teria sido prejudicado. Eles tiveram azar, só isso.

Terminaram as suas bebidas e saíram. Mas Maclennan não conseguia tirar as palavras de Lawson da cabeça. Ele era um homem justo e não podia deixar de dar razão ao policial. Se tivessem apurado desde o início a identidade do homem misterioso que andava se encontrando com Rosie, mal teriam prestado atenção ao quarteto de Kirkcaldy. Talvez estivesse sendo duro com eles simplesmente porque não tinha para onde desviar o seu foco. Por mais desconfortável que fosse ter de ser lembrado das suas obrigações por um garoto de uniforme, Lawson convencera Maclennan que devia desistir de autuar Malkiewicz e Mackie.

Por enquanto, pelo menos.

Nesse ínterim, ia aproveitar para sondar mais um pouco, colher informações. Tentar descobrir se alguém estava sabendo de rituais satânicos naquela área. O problema é que não fazia nem ideia de por onde começar. Talvez mandasse Burnside conversar com alguns dos padres locais. Não pôde evitar um

sorriso ao pensar que essa conversa de rituais satânicos em pleno Natal certamente ia desviar a atenção dos padres do Jesus recém-nascido.

Esquisito se despediu de Alex e de Mondo no fim do expediente e seguiu em direção ao passeio. Encolhendo os ombros por causa do vento gelado, enterrou o queixo no cachecol. Tinha de terminar de fazer as suas compras de Natal, mas precisava de um tempo sozinho antes de encarar a incansável euforia festiva da High Street.

A maré estava baixa, então ele desceu pelos degraus escorregadiços do passeio até a praia. A areia molhada estava da cor de cimento na luz acinzentada do crepúsculo e grudava nos seus sapatos enquanto ele andava. O que combinava perfeitamente com o seu humor. Nunca estivera tão deprimido na vida.

O clima na sua casa estava mais beligerante do que o normal. Tivera de contar ao pai que havia sido preso e a sua revelação provocara uma saraivada constante de críticas e alfinetadas sobre o seu fracasso como bom filho. Tinha de justificar cada minuto passado fora de casa, como se tivesse dez anos de idade novamente. E o pior de tudo era que Esquisito não conseguia sequer sentir-se por cima. Sabia que tinha feito besteira. Chegava quase a achar que merecia o desprezo do pai e isso era o que o deixava ainda mais deprimido. Sempre conseguira consolar-se acreditando que tinha razão. Mas dessa vez, ultrapassara todos os limites.

O trabalho também não estava grande coisa. Chato, repetitivo e humilhante. Em outros tempos, teria transformado tudo em uma grande piada, uma oportunidade para criar confusões e pregar peças. A pessoa que teria adorado perturbar os seus supervisores com o aval de Alex e Mondo em uma série de brincadeiras parecia um estranho distante para Esquisito agora. O que acontecera a Rosie Duff e o seu envolvimento no caso o forçaram a reconhecer que ele era mesmo o inútil que seu pai acreditava que ele fosse. E essa não era uma descoberta confortável.

Também não conseguia encontrar consolo nos amigos. Pela primeira vez, estar com os outros não lhe dava a sensação de ter sido absorvido em um sistema de apoio. Pelo contrário: era como um lembrete de todos os seus defeitos. Não conseguia deixar de se sentir culpado quando estava com eles, pois havia prejudicado a todos com as suas atitudes, ainda que nenhum deles o culpasse por isso.

Não conseguia nem imaginar como enfrentaria o próximo semestre. Algas surgiam e escorregavam sob os seus pés enquanto caminhava até o final da praia

e começava a subir os degraus largos em direção a Port Brae. Assim como as algas, ele também se sentia coberto de lodo e inconstante.

À medida que a noite caía e a luz apagava-se no poente, Esquisito seguia rumo às lojas. Hora de fingir que voltava a ser parte do mundo novamente.

10

Ano-Novo, 1978; Kirkcaldy, Escócia

Haviam feito um pacto, quando tinham quinze anos, na primeira vez que os pais os deixaram participar do *first footing*.[5] Na véspera do Ano-Novo, à meia-noite, os quatro Garotos de Kirkcaldy se encontrariam na Town Square e virariam o ano juntos. Até então, haviam cumprido a promessa todo ano, lado a lado aos solavancos enquanto os ponteiros do relógio da praça aproximavam-se das doze badaladas. Ziggy trazia o seu rádio transistor para assegurar-se de que ouviriam o badalar dos sinos e eles passavam adiante um para o outro a bebida que conseguiam trazer consigo. Comemoraram o seu primeiro Ano-Novo juntos com uma garrafa de xerez doce e quatro latas de cerveja. Atualmente, preferiam uma garrafa de uísque.

Não havia uma comemoração oficial na praça mas, nos últimos anos, grupos de jovens passaram a gostar de se reunir lá. Não era um lugar particularmente atraente, em grande parte porque a Town House lembrava um dos produtos menos atraentes da arquitetura soviética, com a sua torre do relógio esverdeada. Mas aquele era o único espaço ao ar livre no centro da cidade, tirando a rodoviária, que era ainda mais sem graça. A praça, pelo menos, ostentava uma árvore de Natal, o que a tornava ligeiramente mais festiva do que a rodoviária.

Naquele ano, Alex e Ziggy chegaram juntos. Ziggy o buscara em casa e convencera Mary Gilbey com o seu charme a lhes dar uma dose de uísque, por causa do frio. Com os bolsos cheios de biscoitos caseiros amanteigados, pãezinhos que ninguém ia comer e bolo com passas brancas, passaram pela estação de trem e pela biblioteca, pelo Adam Smith Centre, com os seus cartazes anunciando o espetáculo *Babes in the Wood* com Russell Hunter e os Patton Brothers, e pelo cemitério onde repousavam os heróis de guerra. Começaram a conversar, especulando se Esquisito ia conseguir convencer o pai a sair do castigo no Hogmanay.

— Ele está muito estranho ultimamente — disse Alex.

— Gilly, ele é estranho. É por isso que o chamamos de Esquisito.

— Eu sei, mas ele anda diferente. Eu percebi, trabalhando junto com ele. Ele está meio submisso. E muito calado.

— Vai ver que é porque não está podendo ter acesso a álcool e drogas —

disse Ziggy, debochado.

— Mas ele não está nem rebelde. Aí é que está. Você conhece a peça. Na hora em que ele percebe que tem alguém disposto a sacanear, é com ele mesmo. Mas ele tem abaixado a cabeça, não tem nem respondido aos supervisores quando eles enchem o saco. Ele fica parado, ouvindo, e aí faz o que eles querem que ele faça. Você acha que tem a ver com essa história da Rosie?

Ziggy deu de ombros.

— Pode ser. Na hora, ele levou numa boa, mas depois ficou fora de si. Para falar a verdade, eu mal falei com ele depois do dia em que Maclennan apareceu por aqui.

— Eu também só encontrei com ele no trabalho. Assim que dá a hora de ir embora, ele se manda. Não tem nem topado ir tomar um café comigo e com Mondo.

Ziggy fez uma careta.

— É de se admirar que Mondo tenha tempo para tomar café.

— Pega leve com ele. Foi a maneira que ele encontrou para lidar com a situação. Quando está indo até os finalmentes com uma garota, esquece o assassinato. Daqui a pouco, vai bater o seu próprio recorde — acrescentou Alex com um sorriso.

Atravessaram a rua e desceram a Wemyssfield, a pequena rua que dava para a praça. Tinham o andar confiante dos que se sentem em casa, em um lugar tão familiar que lhes conferia uma espécie de propriedade. Faltavam dez minutos para a meia-noite quando desceram os degraus largos e baixos que davam para a área asfaltada fora da Town House. Já havia vários grupos passando garrafas de mão em mão. Alex olhou à sua volta, para ver se conseguia localizar os outros.

— Ali, perto do Correio — disse Ziggy. — Mondo trouxe a sua última conquista. E, ah, Lynn também está lá com eles. — Ele apontou para a esquerda e eles avançaram para encontrar com os outros.

Após os cumprimentos e a constatação geral de que provavelmente Esquisito não ia aparecer, Alex se viu ao lado de Lynn. Ela estava crescendo, pensou ele. Não era mais uma criança. Com as suas feições élficas e os seus cachos negros, era uma versão feminina de Mondo. Mas, por mais paradoxal que fosse, os elementos que enfraqueciam o rosto dele tinham o efeito oposto no de Lynn. Não havia absolutamente nada de frágil nela.

— E aí, como é que tá? — perguntou Alex. Não era a melhor das abordagens, mas ele também não queria que pensassem que ele estava cantando uma garota de quinze anos.

— Tudo ótimo. Passou um bom Natal?

— Nada mal. — Ele franziu o rosto. — Foi meio difícil não pensar na...

você sabe.

— Sei. Eu também não consegui parar de pensar nela. Fiquei imaginando como a família deve estar. Quando ela morreu, eles provavelmente já tinham comprado os presentes de Natal e tudo. Deve ter sido uma lembrança horrível, ficar com os presentes dentro de casa.

— Eu acho que tudo deve ser uma lembrança horrível. Bom, vamos mudar de assunto, né? Como vai a escola?

Lynn murchou. Ela não queria ser lembrada da diferença de idade entre eles, percebeu Alex.

— Tudo bem. Termino o primeiro grau esse ano. E depois, o segundo. Não vejo a hora de me livrar da escola e começar a minha vida.

— Você já sabe o que vai querer fazer? — perguntou Alex.

— Escola de Arte de Edimburgo. Quero me formar em Belas-Artes e depois ir para o Instituto de Arte Courtauld, em Londres, aprender a restaurar quadros.

A sua confiança era bonita de se ver, pensou Alex. Algum dia tivera tanta certeza? Ele foi parar em História da Arte porque jamais tivera confiança no seu talento como artista. Ele assobiou:

— Sete anos de estudo? É um compromisso e tanto.

— É o que é preciso para o que eu quero fazer.

— Por que quer restaurar quadros? — Estava sinceramente curioso.

— A restauração me fascina. Primeiro a pesquisa, depois a ciência e finalmente o salto no escuro quando você tem que entrar em sintonia com o que o artista realmente queria que nós víssemos. É empolgante, Alex.

Antes que ele pudesse responder, os outros gritaram:

— Ele veio!

Alex virou-se para ver Esquisito, a sua silhueta destacando-se contra o imponente e cinzento Tribunal de Justiça. Ele balançava os braços como um espantalho desconjuntado, correndo aos gritos. Alex olhou para o relógio na torre. Faltava apenas um minuto.

Logo Esquisito juntou-se a eles, abraçando a todos e sorrindo.

— Eu pensei, isso é ridículo. Eu sou um adulto e o meu pai está me impedindo de virar o ano com os meus amigos. O que é que há? — Ele balançou a cabeça. — Se ele me colocar pra fora, posso dormir na sua casa, Alex?

Alex lhe deu um murro no ombro.

— Por que não? Já estou acostumado com o seu ronco nojento mesmo.

— Silêncio, pessoal. — A voz de Ziggy abafou a gritaria. — Os sinos.

Um silêncio profundo desceu sobre eles enquanto tentavam ouvir a muito custo o longínquo repique do Big Ben pelo rádio de Ziggy. Ao soar meia-noite, os Garotos de Kirkcaldy entreolharam-se. Suspenderam os braços como se

movidos por um único barbante e deram as mãos na última badalada.

— Feliz Ano-Novo — disseram em uníssono. Alex percebeu que os amigos estavam tão comovidos quanto ele.

Separaram-se e o momento se foi. Ele virou-se para Lynn e a beijou castamente nos lábios.

— Feliz Ano-Novo — disse ele.

— Eu acho que vai ser, sim — respondeu ela, ficando com o rosto corado.

Ziggy abriu a garrafa de uísque e passou de mão em mão. Os grupos na praça comemoravam, todo mundo se abraçando e desejando um feliz ano-novo a estranhos, com bafo de uísque e abraços generosos. Algumas pessoas que os conheciam da escola compadeceram-se da falta de sorte dos quatro, ao encontrarem o corpo da moça morta na neve. Não havia malícia em suas palavras, mas Alex pôde ver nos olhos dos amigos que eles detestavam aquilo tanto quanto ele. Um grupo de garotas estava improvisando uma dança típica escocesa para oito pessoas em volta da árvore de Natal. Alex olhou à sua volta, incapaz de articular as emoções que cresciam no seu peito.

Lynn tomou a sua mão, discretamente.

— Em que você está pensando, Alex?

Ele olhou para ela e forçou um sorriso cansado.

— Estava pensando em como as coisas seriam mais fáceis se eu pudesse congelar o tempo agora. Se eu nunca mais tivesse que voltar para St. Andrews.

— Não vai ser tão ruim quanto você pensa. São só seis meses e depois você vai ficar livre.

— Eu poderia vir nos finais de semana. — As palavras saíram de sua boca antes mesmo de Alex saber que ia dizê-las. Ambos sabiam o que elas significavam.

— Eu ia gostar muito — respondeu ela. — Só não vamos contar nada pro chato do meu irmão, ok?

Novo ano, novo pacto.

No clube social da polícia em St. Andrews, a bebida já estava rolando há algumas horas. O badalar dos sinos quase passou despercebido graças à barulhenta animação da dança de Hogmanay. O único senão no alegre tumulto daqueles que não podiam se dar ao luxo de serem sempre assim por causa da profissão era a presença das esposas, noivas e qualquer outra mulher que conseguiam convencer a participar da festa, para quebrar o galho dos solteiros.

Ruborizado pelo esforço físico, Jimmy Lawson estava ladeado por duas senhoras de meia-idade que trabalhavam como telefonistas na delegacia em uma

dança típica. A bonita recepcionista de consultório de dentista que havia vindo com ele fugira para o toalete, exausta com o seu entusiasmo, aparentemente sem limites, pela dança escocesa. Ele não estava ligando muito: sempre havia mulheres interessadas em dançar um pouco no Ano-Novo e Lawson gostava de descarregar a tensão dançando. Ajudava a compensar a intensidade que ele empregava no trabalho.

Barney Maclennan estava encostado no bar, entre Iain Shaw e Allan Burnside, cada um segurando uma dose generosa de uísque.

— Meu Deus, olhe só para eles — resmungou Maclennan. — O pior é que essa provavelmente não é a última dança.

— Em noites assim, vale a pena ser solteiro — disse Burnside. — Já pensou ter alguém te arrastando para o salão? Fazendo com que abandone uma boa dose de uísque?

Maclennan não respondeu. Perdera a conta das vezes que tentara se convencer de que estava melhor sem Elaine. Só conseguia por algumas horas. Ainda estavam juntos no último Ano-Novo, mas só para constar. Aguentavam-se com menos determinação do que os dançarinos aguentavam girar sem cessar com os seus pares no salão. Algumas semanas após o Ano-Novo, ela foi embora. Estava cansada de estar sempre abaixo do trabalho na escala de prioridades dele.

Percebendo a ironia da lembrança, Maclennan recordou-se de uma de suas queixas: “Eu não ia nem ficar tão chateada assim se você estivesse trabalhando em casos importantes, como um estupro, um assassinato. Mas você fica até tarde perdendo tempo com assaltantes baratos e furtos de carro. Como é que você acha que eu me sinto, sendo trocada pelo carro de um velho babaca?” Bom, o desejo dela virara realidade. Ali estava ele, um ano depois, envolvido no maior caso da sua carreira. E, até agora, todos os seus esforços haviam sido em vão.

Todos os caminhos davam em becos sem saída. Não haviam encontrado uma testemunha sequer que tivesse visto Rosie com um homem no início de novembro. Para a sorte do homem misterioso, aquele havia sido um inverno cruel e as pessoas estavam mais interessadas no palmo de chão diante de si do que em quem estava saindo com quem não devia. Sorte do assassino, azar da polícia. Localizaram os dois últimos namorados de Rosie. Um havia terminado com ela para ficar com uma garota, com quem ainda estava namorando. Não tinha muito o que dizer sobre a garçonete assassinada. Rosie havia dispensado o outro no início de novembro e, a princípio, ele parecia um suspeito promissor. Havia relutado um pouco em aceitar o término e fora visto algumas vezes criando problemas no pub. Mas tinha um bom álibi para aquela noite em questão. Estivera na festa de Natal do escritório onde trabalhava até depois de meia-noite, depois fora para casa com a secretária do chefe e passara a noite com

ela. Ele admitiu que havia ficado magoado quando Rosie terminou o namoro na época, mas que, para ser sincero, estava se divertindo muito mais com uma mulher um pouco mais generosa em termos de favores sexuais.

Quando Maclennan o pressionou para que explicasse melhor o que queria dizer com aquele comentário, ele foi tomado por orgulho masculino e não quis responder. Mas, sob pressão, admitiu que ele e Rosie jamais fizeram sexo. Faziam outras coisas; Rosie não era uma puritana. Mas recusava-se a ir até o fim. Ele mencionou sexo oral e masturbações, mas afirmou que nunca foram além disso.

Então Brian tinha razão, em parte, quando disse que a irmã era certinha. Maclennan compreendia que, na hierarquia daquelas coisas, Rosie estava longe de ser uma doidivanas. Mas um conhecimento íntimo das suas tendências sexuais não o ajudava a encontrar o seu assassino. Lá no fundo, ele sabia que era bem provável que o homem com quem ela se encontrou na noite do crime havia sido o homem que a estuprara e assassinara. Poderia ser Alex Gilbey ou qualquer um dos seus amigos. Ou não.

Os seus colegas detetives argumentaram que devia haver um bom motivo para o namorado misterioso não ter aparecido até agora. “Talvez ele seja casado”, dissera Burnside. “Talvez esteja com medo de colocarmos a culpa nele”, acrescentara Shaw, cínico. Eram explicações razoáveis, Maclennan sabia disso. Mas não alteravam a sua convicção pessoal. As teorias de Jimmy Lawson sobre rituais satânicos eram besteira. Os padres com quem Burnside conversara jamais haviam ouvido um rumor sequer sobre algo assim acontecendo por aquelas bandas. E Maclennan achava que eles eram as pessoas mais indicadas para possuir esse tipo de informação. Estava aliviado, de certo modo: o que menos precisava no momento era de pistas falsas. Tinha certeza de que Rosie conhecia o assassino e que caminhara noite afora com ele, confiante.

Assim como milhares de mulheres no país fariam naquela noite de Ano-Novo. Maclennan esperava fervorosamente que todas elas voltassem para casa sãs e salvas.

A aproximadamente cinco quilômetros dali, em Strathkinness, o Ano-Novo começara em um clima bem diferente. Lá, não havia decorações natalinas. Os cartões de Natal empilhados haviam sido esquecidos em uma prateleira. A televisão, que normalmente era a primeira a aclamar o primeiro dia de janeiro, estava desligada e silenciosa em um canto. Eileen e Archie Duff estavam aninhados cada qual em uma cadeira, com copos de uísque intactos ao seu lado. A calmaria opressiva suportava o peso da dor e da depressão. A família Duff

sabia, no fundo do coração, que jamais teria um feliz Ano-Novo dali para frente. As festas de fim de ano estariam para sempre maculadas pela morte da filha. Os outros que comemorassem; eles podiam apenas lamentar.

Na copa, Brian e Colin estavam sentados de cabeça baixa em cadeiras revestidas de plástico. Ao contrário dos pais, não estavam tendo muita dificuldade em beber ao ano que chegava. Desde a morte de Rosie, ficara fácil para eles enfiar bebida goela abaixo até não conseguirem mais levar o gargalo aos lábios. A reação dos irmãos à tragédia não fora o recolhimento; estavam mais expansivos do que nunca. Os donos dos pubs em St. Andrews já haviam se acostumado ao ritual de bebedeira dos irmãos Duff. Não tinham outra saída, já que não estavam dispostos a enfrentar a ira da sua volátil clientela, que achava que Colin e Brian mereciam toda solidariedade possível.

Naquela noite, a garrafa de uísque estava mais vazia do que cheia. Colin conferiu as horas no seu relógio.

— Perdemos a meia-noite — disse ele.

Brian olhou para ele, cansado.

— Que se dane. Rosie vai perder todos os anos.

— É. Mas em algum lugar aí fora, quem a matou provavelmente está brindando por ter se safado dessa.

— Foram eles. Tenho certeza de que foram eles. Você viu a foto no jornal? Já viu uns sujeitos com mais cara de culpados do que eles?

Colin esvaziou o copo e apanhou a garrafa, concordando com um gesto de cabeça.

— Não tinha mais ninguém por perto. E eles disseram que ela ainda estava respirando. Então, se não foram eles, como é que o assassino desapareceu? Ele não pode ter evaporado no ar.

— Devíamos tomar uma decisão de Ano-Novo.

— Tipo o quê? Você não vai tentar parar de fumar de novo, vai?

— Estou falando sério. Devíamos fazer uma promessa de verdade. É o mínimo que podemos fazer por Rosie.

— Como assim? Que tipo de promessa?

— Na verdade, é bem simples, Col — Brian levantou o seu copo no ar. Ele o manteve assim, na expectativa. — Se os tiras não conseguirem uma confissão, a gente consegue.

Colin pensou um pouco. Então, levantou o copo e o bateu levemente contra o do seu irmão.

— Se os tiras não conseguirem uma confissão, a gente consegue.

11

As consideráveis ruínas do Castelo Ravenscraig estão localizadas em um promontório rochoso entre duas baías arenosas, oferecendo uma vista magistral do estuário do rio Forth e seus arredores. A leste, um enorme muro de pedra o protege do mar e de possíveis saqueadores. Ele se estende até o porto de Dysart, que está praticamente assoreado, mas que um dia já foi próspero. Na ponta da baía que contorna o castelo, um pouco adiante do pombal que ainda abriga pombos e pássaros marinhos, onde o muro de pedra chega a um ponto em forma de V, há um pequeno mirante, com o teto íngreme bem inclinado e marcas de flechas cravadas na parede.

Desde a pré-adolescência, os Garotos de Kirkcaldy haviam-se apropriado do local como sendo o seu domínio particular. Uma das melhores maneiras de escapar da vigilância dos adultos era saindo para dar uma caminhada. As caminhadas eram tidas como saudáveis e inofensivas. Por isso, quando prometiam passar o dia todo explorando a costa e as florestas, eram sempre agraciados com generosos farnéis para piquenique.

Às vezes, tomavam a direção contrária, passando por Invertiel e indo para longe da feia mina de Seafield, em direção a Kinghorn. Mas, na maioria das vezes, iam para Ravenscraig, inclusive porque o castelo não ficava muito longe da praça onde a carrocinha de sorvete ficava estacionada. Nos dias mais quentes, deitavam-se na grama e davam-se ao luxo de fantasiar como seriam as suas vidas, tanto no futuro próximo como no distante. Recontavam histórias das aventuras do semestre, embelezando-as e cogitando outros desenlaces. Jogavam cartas, em partidas intermináveis de vinte e um. Foi ali que fumaram o seu primeiro cigarro e viram Ziggy mudar de cor e vomitar em um arbusto.

Às vezes, escalavam o muro e ficavam observando os navios no estuário, o vento esfriando o seu corpo e fazendo com que se sentissem na proa de um navio em alto-mar, sentindo a trepidação sob os pés. E quando chovia, abrigavam-se dentro do mirante. Ziggy tinha uma esteira e eles a estendiam sobre o chão lamacento. Mesmo agora, que já se consideravam adultos, ainda gostavam de descer os degraus de pedra que conduziam do castelo até a praia, vagando por entre cascalhos e conchas até o mirante.

Na véspera do retorno a St. Andrews, os quatro se encontraram no bar do porto para tomar um chope na hora do almoço. Com dinheiro no bolso, graças ao

emprego temporário de Natal, Alex, Mondo e Esquisito teriam bebido além da conta alegremente. Mas Ziggy os convenceu a sair para dar um passeio. O dia estava quente e claro e o sol se dissolvia em um céu discretamente azul. Caminharam pelo porto, abrindo caminho pelos altos silos do moinho e indo em direção ao lado oeste da praia. Esquisito caminhava um pouco atrás dos outros três e mantinha os olhos no horizonte distante, como quem busca inspiração.

Quando estavam quase chegando ao castelo, Alex se afastou do grupo e subiu no afloramento rochoso que ficava praticamente submerso quando a maré estava alta.

— Conta de novo, quanto foi que ele ganhou?

Mondo não precisava nem parar para pensar antes de responder.

— O ilustre senhor David Boys, mestre pedreiro, recebeu por ordem da rainha Mary de Gueldres, viúva de James II da Escócia, a quantia de seiscentas libras escocesas para a construção de um castelo em Ravenscraig. E ele teve que comprar os materiais com esse dinheiro.

— Que não eram baratos. Em 1461, quatorze vigas de madeira foram cortadas das margens do rio Allan e transportadas até Stirling por sete xelins. E então pagaram a um tal de Andrew Balfour duas libras e dez xelins para cortar, esculpir e transportar essas vigas até Ravenscraig — recitou Ziggy.

— Ainda bem que eu peguei o emprego no mercado — debochou Alex. — Eles pagam bem melhor lá. — Alex jogou a cabeça para trás e olhou para o penhasco do castelo. — Eu acho que os Sinclairs o fizeram bem mais bonito do que teria sido se a nossa cara rainha Mary não tivesse chutado o balde antes de o castelo estar pronto.

— Castelos não precisam ser bonitos — comentou Esquisito, entrando na conversa. — Eles têm que ser um refúgio, uma fortaleza.

— Extremamente utilitários — reclamou Alex, pulando de volta para a areia. Os outros o seguiram, arrastando os pés nos destroços que jaziam à beira da praia, dentro do limite gravado na areia pela marca do alcance da água.

Na metade do caminho, Esquisito falou no tom mais sério que eles já tinham ouvido na vida:

— Eu tenho uma coisa para contar pra vocês — disse ele.

Alex virou-se para olhar para ele e recuou alguns passos. Os outros olharam para trás.

— Aí vem coisa ruim — disse Mondo.

— Eu sei que vocês não vão gostar, mas espero que possam pelo menos respeitar.

Alex pôde ver a ansiedade nos olhos de Ziggy. Mas achava que o amigo não tinha motivos para se preocupar. Fosse lá o que Esquisito estivesse prestes a

contar, tinha mais a ver consigo do que com a necessidade de expor alguém.

— Vamos lá, Esquisito. Manda ver — disse Alex, tentando soar encorajador.

Esquisito enterrou as mãos nos bolsos da calça jeans.

— Virei cristão — disse ele, asperamente. Alex o encarava, boquiaberto. Chegou a pensar que ficaria menos surpreso se Esquisito anunciasse que havia matado Rosie Duff.

Ziggy estava urrando de tanto rir.

— Meu Deus, Esquisito, eu estava pensando em uma revelação terrível. Cristão?

Esquisito enrijeceu o maxilar.

— Foi uma revelação. E eu aceitei Jesus na minha vida, como o meu salvador. E eu agradeceria muito se você não ficasse debochando.

Ziggy estava curvado de tanto rir, apertando a barriga.

— Essa é a coisa mais engraçada que eu já ouvi na minha vida... Ai, Deus, acho que vou mijar nas calças. — Ele se apoiou em Mondo, que estava sorrindo de orelha a orelha.

— E eu agradeceria se você não usasse o nome do Senhor em vão — completou Esquisito.

Ziggy renovou as gargalhadas.

— Ai, ai. Como é mesmo que eles dizem? Que o céu entra em festa quando um pecador se arrepende? Eu vou te dizer uma coisa, eles devem estar dançando pelas ruas no paraíso, comemorando por terem arrebanhado um pecador como você.

Esquisito parecia ofendido.

— Eu não estou tentando negar que fiz coisas lamentáveis no passado. Mas tudo isso ficou para trás agora. Eu nasci de novo e a minha ficha está limpa.

— Devem ter precisado de uma borracha bem grande e resistente para apagar a sua ficha. Quando foi que isso aconteceu? — perguntou Mondo.

— Fui no culto, na véspera do Natal — contou Esquisito. — E alguma coisa se iluminou em mim. Então percebi que queria ser lavado no sangue do Cordeiro. Queria ficar limpo.

— Sinistro — comentou Mondo.

— Mas você não disse nada no Ano-Novo — disse Alex.

— Eu queria que vocês estivessem sóbrios quando eu contasse. É uma coisa muito séria, entregar a sua vida a Cristo.

— Desculpa — disse Ziggy, se recompondo. — Mas você é a última pessoa do planeta que eu imaginava dizendo essas palavras.

— Eu sei disso — disse Esquisito. — Mas estou falando sério.

— Vamos continuar a ser seus amigos — disse Ziggy, tentando conter um sorriso pretensioso.

— Desde que você não queira nos converter — disse Mondo. — Você sabe que eu te amo como a um irmão, Esquisito, mas não o bastante para abrir mão de sexo e das bebidas.

— Amar a Jesus não tem nada a ver com isso, Mondo.

— Vamos, gente — interrompeu Ziggy. — Estou congelando, parado aqui. Vamos até o mirante. — Ele foi andando, com Mondo ao seu lado. Alex deixou-se ficar para trás, para acompanhar Esquisito. Estava com muita pena do amigo. Deve ter sido uma coisa horrível, vivenciar uma solidão tão profunda a ponto de ter de recorrer aos crentes para algum consolo. *Eu deveria ter dado mais apoio a ele*, pensou Alex, sentindo uma pontada de culpa. Talvez não fosse tarde demais.

— Você deve ter se sentido muito estranho, né? — comentou ele.

Esquisito fez um gesto negativo com a cabeça.

— Pelo contrário. Me senti em paz. Foi como se eu finalmente deixasse de ser um estranho no ninho e encontrasse o meu verdadeiro lar. Essa é a melhor maneira de explicar o que senti. Só fui ao culto para fazer companhia à minha mãe. Fiquei sentado lá na igreja Abbotshall, com as velas acesas à minha volta, como costumam ficar no culto do dia 24. Ruby Christie estava cantando Noite Feliz a capela, sem nenhum acompanhamento. Fiquei com o corpo todo arrepiado e, de repente, tudo fez sentido. Eu entendi que Deus deu o seu filho único para expiar os pecados do mundo. E eu estava incluído. Os meus pecados poderiam ser redimidos.

— Legal. — Alex estava constrangido com aquela sinceridade emocionada. Durante todos aqueles anos de amizade, nunca tivera uma conversa daquele gênero com Esquisito. Esquisito, logo ele, cuja única religião, aparentemente, era consumir o maior número de substâncias alucinógenas que pudesse ingerir antes de morrer. — E aí, o que você fez? — Alex teve uma visão fugaz de Esquisito correndo até ao altar e implorando para que os seus pecados fossem perdoados. Aquilo seria realmente constrangedor, pensou ele. O tipo de coisa que faria você suar frio quando já tivesse passado da fase do vamos-louvar-a-Deus e voltado à sua vida normal.

— Nada. Fiquei lá sentado, até o culto acabar, e voltei para casa. Pensei que fosse só naquele dia, uma espécie de experiência mística bizarra. Talvez relacionada com tudo o que a morte de Rosie trouxe à tona. Talvez até algum flashback de ácido. Mas quando acordei, no dia seguinte, senti a mesma coisa. Aí pesquisei no jornal para ver onde haveria cultos de Natal e acabei numa apresentação musical evangélica, lá nos Links.

Oh-oh.

— Devia estar bem vazio na manhã de Natal, né?

Esquisito riu.

— Que nada! O lugar estava lotado. Foi maravilhoso. A música era ótima, as pessoas me trataram como se fôssemos amigos há anos. E, depois do culto, eu fui falar com o pastor. — Esquisito abaixou a cabeça. — Foi um encontro muito emocionante. Enfim, o resultado é que ele acabou me batizando na semana passada. E me deu o nome de uma congregação irmã em St. Andrews. — Olhou para Alex com um sorriso beatificado. — Por isso eu queria contar isso pra vocês hoje. É que eu já vou começar a frequentar a igreja amanhã, quando voltarmos para Fife Park.

A primeira oportunidade que os outros tiveram para discutir a conversão milagrosa de Esquisito foi no dia seguinte, quando ele colocou a sua guitarra elétrica no estojo e saiu, disposto a cruzar a cidade até o culto evangélico próximo ao porto. Ficaram sentados na cozinha e o viram partir noite adentro.

— Bem, esse é o fim da nossa banda — disse Mondo, decisivo. — Eu não vou ficar cantando essas merdas de igreja e “Jesus Me Ama” para qualquer um.

— Já era, meus amigos — concordou Ziggy. — Vou te contar, ele perdeu completamente a noção das coisas, se é que tinha alguma.

— Ele está falando sério, pessoal — disse Alex.

— E isso é bom? Se preparem, porque a coisa agora não vai ser fácil, não — disse Ziggy. — Ele vai começar a trazer os malucos pra cá. E eles vão colocar na cabeça que nós temos de ser salvos, querendo ou não. Perder a banda vai ser o de menos. Vai ser o fim do “Um por todos e todos por um”.

— Estou me sentindo meio culpado por tudo isso — disse Alex.

— Por quê? — perguntou Mondo. — Você por acaso o arrastou até lá e o obrigou a ouvir Ruby Christie cantando?

— Ele não teria pirado assim se não estivesse na merda. Eu sei que ele parece, de nós todos, o que encarou melhor essa história do assassinato de Rosie, mas acho que, lá no fundo, a coisa afetou ele pra caramba. E nós estávamos tão voltados para as nossas próprias reações que nem sacamos isso.

— Talvez a coisa não seja assim tão simples — disse Mondo.

— Como assim? — perguntou Ziggy.

Mondo arranhou o bico da bota no chão.

— Na boa, gente. Ninguém aqui sabe que merda Esquisito estava fazendo pra lá e pra cá com aquela Land Rover na noite do crime. Ele disse que não a viu naquela noite, mas só temos a palavra dele como testemunho.

Alex sentiu o chão desabar sob os seus pés. Desde que insinuara uma

suspeita para Ziggy, havia se forçado a suprimir pensamentos tão traiçoeiros. Mas agora, Mondo havia dado uma nova forma para o inimaginável.

— Que horror — reclamou Alex.

— É, mas aposto que você pensou a mesma coisa — replicou Mondo, desafiadoramente.

— Esquisito nunca seria capaz de estuprar alguém, muito menos matar — protestou Alex.

— Ele estava doidão naquela noite. Não dá pra saber do que ele é ou não é capaz quando está naquele estado — disse Mondo.

— Chega! — A voz de Ziggy cortou a atmosfera de desconfiança e desconforto como uma navalha. — Você começa a pensar assim e vai parar onde? Eu também estava lá naquela noite. Alex chegou até mesmo a convidar Rosie para a festa. E, no que lhe diz respeito, você demorou pra cacete quando foi levar aquela garota em Guardbridge. O que o atrasou tanto, Mondo? — Ele lançou um olhar feroz para o amigo. — É esse tipo de merda que você quer ouvir?

— Eu não estava me referindo a vocês dois. Não tem a menor necessidade de você partir para cima de mim desse jeito.

— Mas você pode criticar Esquisito, né, sabendo que ele nem está aqui pra se defender. Que belo amigo você é.

— É, mas agora ele é amiguinho de Jesus — debochou Mondo. — O que, se você parar para pensar, é uma reação bem exagerada pro meu gosto. Isso me cheira a culpa.

— Para! — gritou Alex. — Olha só o que vocês estão falando. Já vai ter muita gente disposta a espalhar o veneno entre nós, sem que a gente precise se virar um contra o outro. Precisamos ficar unidos, ou já era.

— Alex tem razão — disse Ziggy, cansado. — Chega de acusações aqui em casa, ok? Maclennan está louco para criar um abismo entre nós. Ele não está nem aí pra quem consegue prender por esse crime, desde que pegue alguém. Precisamos convencê-lo de que não fomos nós. Mondo, no futuro, guarde as suas ideias perniciosas para si mesmo — Ziggy levantou-se. — Eu vou comprar leite e pão, para ver se a gente ao menos consegue tomar uma xícara de café antes daqueles inglesinhos escrotos voltarem e tumultuarem a casa toda com os seus sotaques.

— Eu vou com você. Preciso comprar cigarro — disse Alex.

Quando voltaram, meia hora depois, o mundo tinha virado do avesso. A polícia tinha voltado, em massa, e os seus colegas ingleses estavam parados na porta, com as malas, exibindo expressões de pura incredulidade no rosto.

— Boa-noite, Henry, boa-noite, Eddie — cumprimentou Ziggy, afável,

examinando o corredor por cima dos seus ombros, onde Mondo estava sendo intratável com uma policial. — Ainda bem que eu trouxe duas cervejas.

— Que diabos está acontecendo aqui? — quis saber Henry Cavendish. — Não vai me dizer que o cretino do Mackie foi preso com drogas.

— Nada tão prosaico — respondeu Ziggy. — Pelo visto, o assassinato não chegou à imprensa inglesa.

Cavendish resmungou.

— Pelo amor de Deus, não seja tão patético. Pensei que você já tivesse superado essa palhaçada de herói da classe operária.

— Mais respeito, agora temos um cristão entre nós.

— Do que você está falando? Assassinato? Cristãos? — perguntou Edward Greenhalgh.

— Esquisito aceitou Jesus — resumiu Alex. — Nada do tipo da sua igreja anglicana, ele está mais para os pandeiros e para o "Louvemos ao Senhor". Vamos ter grupos de oração na cozinha. — Alex sabia que não havia nada mais divertido do que implicar com aqueles que se julgavam privilegiados. E St. Andrews oferecia constantes oportunidades para tal.

— O que isso tem a ver com o fato de a casa estar cheia de homens da polícia? — perguntou Cavendish.

— Aquela ali no corredor é uma mulher — retrucou Ziggy. — A não ser, é claro, que a polícia de Fife tenha resolvido recrutar travestis particularmente atraentes.

Cavendish cerrou os dentes. Odiava a maneira como os Garotos de Kirkcaldy insistiam em tratá-lo como uma caricatura. Aquele era o motivo principal dele passar tão pouco tempo em casa.

— Por que a polícia está aqui? — perguntou ele.

Ziggy sorriu candidamente para Cavendish.

— A polícia está aqui porque somos suspeitos de assassinato.

— O que ele quer dizer — acudiu Alex prontamente — é que somos testemunhas. Uma das garçonetes do Lammas foi assassinada antes do Natal. E nós encontramos o corpo.

— Estou estarrecido — disse Cavendish. — Não estava sabendo de nada. Coitada da família. E deve ter sido horrível para vocês também, imagino.

— É, não foi nada legal — disse Alex.

Cavendish lançou um olhar para dentro da casa novamente, desconcertado.

— Olha, essa não é uma boa hora para vocês. Vai ser melhor se nós encontrarmos um outro lugar por enquanto. Vamos, Ed. Podemos ficar com Tony e Simon hoje à noite. A gente pode tentar transferência para outro lugar amanhã de manhã. — Ele se afastou e depois olhou para trás, franzindo o cenho. — Cadê

a minha Land Rover?

— Bem — disse Ziggy. — É um pouco complicado. Veja bem, a gente pegou ela emprestada e...

— Pegaram *emprestado*? — Cavendish estava ultrajado.

— Foi mal. Mas o tempo estava péssimo. Não achamos que você fosse ficar chateado.

— Tá, e onde é que ela está agora?

Ziggy estava constrangido.

— Isso você vai ter que perguntar para a polícia. Nós a pegamos emprestada na noite do crime.

A solidariedade de Cavendish evaporou imediatamente.

— Não acredito nisso — grunhiu ele. — A minha Land Rover é parte de uma investigação de assassinato?

— Receio que sim. Eu sinto muito.

Cavendish estava furioso.

— Vocês vão me pagar por isso.

Alex e Ziggy ficaram observando em silêncio, enquanto os outros dois iam embora, carregando as malas com dificuldade. Antes que pudessem falar alguma coisa, precisaram sair da porta para deixar a polícia passar. Havia quatro oficiais uniformizados e alguns homens à paisana. Ignoraram Alex e Ziggy e seguiram para os seus carros.

— O que eles vieram fazer aqui? — perguntou Alex quando finalmente entraram em casa.

Mondo deu de ombros.

— Não disseram nada. Estavam pegando amostras de tinta nas paredes, nos tetos e nos acabamentos em madeira — disse ele. — Escutei um deles falar algo sobre um cardigã, mas não pareciam estar procurando nada nas nossas roupas. Eles fuçaram tudo e perguntaram se nós mudamos a decoração recentemente.

Ziggy achou graça.

— Até parece. Depois eles não sabem por que têm fama de lesados.

— Não estou gostando nada disso — disse Alex. — Pensei que eles tivessem desistido da gente. E aqui estão eles novamente, revirando a casa de cabeça para baixo. Devem ter descoberto uma pista nova.

— Bom, seja lá o que for, a gente não tem motivo pra se preocupar — disse Ziggy.

— Já que você diz — respondeu Mondo, sarcástico. — Mas eu vou continuar me preocupando por enquanto. Como disse Alex, eles tinham deixado a gente em paz, e agora apareceram de novo. Não creio que isso possa ser facilmente ignorado.

— Mondo, nós somos inocentes, esqueceu? Isso quer dizer que a gente não tem motivo pra se preocupar.

— Tá, tudo bem. Mas e Henry e Eddie? — perguntou ele.

— Eles não querem viver com assassinos tresloucados — respondeu Ziggy, dirigindo-se à cozinha.

Alex o seguiu.

— Não queria que você tivesse dito isso — disse ele.

— O quê? Assassinos tresloucados?

— Não. Não queria que você tivesse dito a Henry e Eddie que somos suspeitos de assassinato.

Ziggy deu de ombros.

— Foi uma piada. Henry está mais interessado na sua preciosa Land Rover do que em qualquer outra coisa que possamos ter feito. Isso lhe deu apenas a desculpa perfeita para sair daqui. Além do mais, você foi o que mais saiu ganhando. Com dois quartos sobrando, não vai mais precisar dormir com Esquisito.

Alex pegou a chaleira.

— Mesmo assim. Preferia que você não tivesse plantado a semente. Estou com uma sensação terrível de que todos nós vamos acabar colhendo o que você acabou de plantar.

12

A profecia de Alex tornou-se real muito antes do que ele imaginava. Alguns dias depois, descendo a North Street a caminho do Departamento de História da Arte, ele viu Henry Cavendish e os seus companheiros se aproximando, desfilando altivos com seus uniformes de flanela vermelha, como se fossem os donos do lugar. Viu Cavendish cutucar um deles e, cochichar alguma coisa. Quando ficaram face a face, Alex viu-se subitamente cercado por rapazes vestidos com o tradicional uniforme de jaquetas de tweed e calças de sarja olhando para ele.

— É incrível ver que você teve a coragem de aparecer por aqui, Gilbey — disse Cavendish, sarcástico.

— Acho que tenho mais direito de andar nessas ruas do que você e os seus amiguinhos — disse Alex, suavemente. — Este é o meu país, não o de vocês.

— Belo país esse, onde as pessoas roubam carros e não são punidas. Não consigo acreditar que você e a sua corja não estão sendo julgados pelo que fizeram — disse Cavendish. — Se vocês usaram a minha Land Rover para encobrir um assassinato, não é só com a polícia que vão ter que se preocupar.

Alex tentou avançar, mas estava encurralado, aprisionado pelos solavancos dos cotovelos e das mãos do bando.

— Cai fora, tá, Henry? Não tivemos nada a ver com o assassinato de Rosie Duff. Fomos buscar ajuda, isso sim. Tentamos salvar a vida dela.

— E a polícia caiu nessa? — perguntou Cavendish. — Devem ser mais burros do que eu imaginava. — Um punho surgiu do nada e atingiu Alex violentamente sob as costelas. — Roubando o meu carro, né?

— Eu não sabia que você era capaz de pensar — sussurrou Alex, incapaz de se conter para não irritar mais ainda o seu agressor.

— É lamentável que você ainda seja um membro dessa universidade — gritou alguém, pressionando um dedo ossudo no peito de Alex. — Na melhor das hipóteses, você não passa de um ladrãozinho de merda.

— Meu Deus, ouçam o que estão dizendo. Vocês mais parecem um péssimo esquete cômico — disse Alex, subitamente irado. Ele abaixou a cabeça e se lançou para a frente, o corpo relembrando inúmeros ataques no campo de rúgbi. — Agora, saiam da minha frente! — berrou ele. Ofegante, emergiu do outro lado do grupo e virou-se para trás, o lábio retorcido em um sorriso pretensioso. — Eu tenho uma palestra para assistir.

Surpresos com o seu acesso de fúria, deixaram-no partir. Enquanto ele se afastava, Cavendish disse:

— Pensei que fosse ao enterro, não a uma palestra. Afinal, não é isso o que os assassinos fazem?

Alex virou para trás.

— O quê?

— Você não está sabendo? Vão enterrar Rosie Duff hoje.

Alex subiu a rua, tomado por uma violenta agitação, tremendo de raiva. Teve medo, tinha que admitir. Por um momento, teve medo. Não conseguia acreditar que Cavendish havia usado o enterro de Rosie para insultá-lo. Nem que ninguém tivesse dito a ele que o enterro era naquele dia. Não que quisesse ir. Mas poderia ao menos ter sido informado.

Imaginava como os outros estariam se virando e desejou novamente que Ziggy não tivesse aberto a boca.

Assim que Ziggy pisou na sala para uma aula de anatomia, foi imediatamente saudado com gritos de “Lá vem o ladrão de corpos!”.

Ele pôs as mãos para cima, aceitando a gozação dos seus colegas médicos. Se alguém era capaz de ver humor negro na morte de Rosie, eram eles.

— Qual o problema com os cadáveres que eles nos dão para prática? — gritou alguém do fundo da sala.

— São muito velhos e feios para Ziggy — alguém respondeu. — Ele teve que sair por aí em busca de carne nova.

— Chega, pessoal — disse Ziggy. — Vocês só estão com inveja porque eu pude começar a praticar antes de vocês.

Um grupo de colegas se reuniu à sua volta.

— Como é que foi, Ziggy? Disseram que ela ainda estava viva quando vocês a encontraram. Você ficou com medo?

— Fiquei. Fiquei com medo, sim. Mas fiquei mais foi frustrado, porque não pude evitar que ela morresse.

— Qual é, cara, você fez o melhor que pôde — assegurou um colega.

— O meu melhor foi uma merda. A gente passa anos entupindo a cabeça de estudo mas, na hora H, eu não sabia nem por onde começar. Qualquer motorista de ambulância teria mais chance de salvar a vida de Rosie do que eu. — Ziggy tirou o casaco e o deixou cair no espaldar de uma cadeira. — Eu me senti inútil. E foi aí que percebi que a gente não é médico coisa nenhuma, não até sairmos daqui e começarmos a tratar pacientes de verdade.

Uma voz atrás deles disse:

— Essa é uma lição muito valiosa, Sr. Malkiewicz. — Sem que ninguém percebesse, o professor havia se aproximado do grupo e escutado a conversa. — Eu sei que isso não é consolo, mas o legista me disse que quando vocês encontraram a moça, não havia mais nada a ser feito. Ela já havia perdido sangue demais. — Ele deu um tapinha no ombro de Ziggy. — Receio que não podemos fazer milagres. Agora, senhoras e senhores, voltem para os seus lugares. Temos trabalhos importantes a fazer nesse semestre.

Ziggy voltou para o seu lugar, mas a sua cabeça estava voando. Podia sentir o sangue manchando as suas mãos, os batimentos cardíacos fracos e irregulares, o toque gelado da sua pele. Podia ouvir a sua respiração arquejante. Podia sentir o gosto de metal do sangue em sua boca. Perguntava-se se algum dia poderia se livrar dessas lembranças. Perguntava-se se seria capaz de ser um médico, sabendo que o fracasso seria sempre o resultado final das suas ações.

A alguns quilômetros dali, os pais de Rosie estavam se preparando para velar a filha. A polícia havia finalmente liberado o corpo e a família podia enfim dar o seu primeiro passo oficial em sua longa jornada de dor. Olhando-se no espelho, Eileen ajeitou o chapéu, sem se preocupar com o seu rosto, murcho e despido de artifícios. Não perdia mais tempo com maquiagem ultimamente. Maquiagem para quê? Os seus olhos estavam apáticos e carregados. Os comprimidos que o médico receitara não diminuíam a sua dor; apenas a tiravam do seu alcance, transformando o sofrimento em algo que ela mais contemplava do que sentia.

Archie estava na janela, esperando o carro fúnebre. A igreja de Strathkinness não ficava muito longe dali. Decidiram que a família ia caminhar atrás do caixão, acompanhando Rosie em sua última viagem. Os seus ombros estavam encurvados. Envelhecera nas últimas semanas e agora era apenas um velho que havia perdido a vontade de interagir com o mundo.

Brian e Colin, alinhados como ninguém jamais havia visto antes, estavam na copa, procurando coragem em doses de uísque.

— Eu só espero que aqueles quatro tenham o bom senso de não dar as caras — disse Colin.

— Que venham. Estou pronto para eles — respondeu Brian, o seu belo rosto inflexível em sua raiva.

— Hoje não, né? Porra, Brian. Mais dignidade, tá? — Colin esvaziou o copo e o colocou com raiva no escorredor de louça.

— Chegaram — disse o pai lá da sala.

Colin e Brian entreolharam-se, prometendo em silêncio aguentar até o fim sem fazer nada que os envergonhasse ou envergonhasse a memória da irmã.

Empinaram os ombros, respiraram fundo e foram.

O carro fúnebre estava parado do lado de fora da casa. A família Duff foi caminhando até ele, de cabeça baixa. Eileen apoiava-se pesadamente no braço do marido. Posicionaram-se atrás do caixão. Atrás deles, amigos e parentes reuniam-se em melancólicos grupos. E mais atrás, vinha a polícia. Maclennan encabeçava o destacamento, orgulhoso ao ver que vários oficiais haviam comparecido, mesmo estando de folga. A imprensa, em uma rara amostra de discrição, concordara com uma cobertura em pool.

Moradores alinhavam-se nas calçadas no caminho até a igreja, muitos decidindo acompanhar o cortejo, que caminhava devagar até a sólida construção cinzenta sob a colina, que contemplava St. Andrews lá embaixo. Depois que todos entraram, a pequena igreja ficou lotada. Algumas pessoas tiveram que ficar nas naves laterais e outras no fundo.

Foi uma cerimônia rápida e formal. Eileen não tivera cabeça para pensar nos detalhes e Archie pedira apenas o mínimo. “É algo que somos obrigados a fazer, e não algo que vamos guardar como lembrança da nossa filha”, explicou ele ao pastor.

Para Maclennan, as palavras simples do funeral soaram insuportavelmente pungentes. Aquelas eram palavras que deveriam ser ditas para pessoas que viveram plenamente, e não para uma moça que mal começara a planejar a sua vida. Abaixou a cabeça durante as orações, sabendo que aquilo não traria nenhum consolo para aqueles que haviam conhecido Rosie. Eles não teriam paz até que ele, Maclennan, fizesse o seu trabalho.

E parecia, cada vez mais, que ele não conseguiria lhes dar o que precisavam. A investigação estava praticamente parada. A única prova recente era o cardigã que não oferecera nada além de alguns fragmentos de tinta. Mas nenhuma das amostras coletadas na casa dos estudantes em Fife Park era compatível. Os seus superiores mandaram um superintendente para avaliar o trabalho que ele e a sua equipe haviam feito, sugerindo que eles poderiam ter deixado a desejar. Mas o sujeito teve de reconhecer que Maclennan havia feito um bom trabalho. E não conseguiu oferecer uma única sugestão para novos progressos.

Maclennan via-se voltando sempre para os quatro estudantes. Os seus álibis eram tão inconsistentes que mal mereciam o nome. Gilbey e Kerr estavam interessados nela. Dorothy, uma das garçonetes, mencionara esse detalhe mais de uma vez durante o seu depoimento. “O altão, que parece um Ryan O’Neal moreno”, dissera ela. Não que ele fosse descrever Gilbey assim, mas sabia de quem ela estava falando. “Ele era gamadão nela”, acrescentara ela. “E o baixinho, que parece um dos T. Rex. Estava sempre sonhando acordado com

Rosie. Não que ela lhe desse confiança, veja bem. Ela dizia que ele era muito convencido para o gosto dela. Já o outro, o altão, ela dizia que não se importaria em sair com ele, se fosse uns cinco anos mais velho."

Então, ali estava a sombra de um motivo. E, é claro, eles tiveram acesso ao veículo perfeito para transportar o corpo da moça. Só porque não foram encontradas provas, não significava que eles não haviam usado a Land Rover. Uma lona, uma esteira, até mesmo um pedaço mais grosso de plástico poderia ter limpado o sangue do interior do carro. Não havia a menor dúvida de que o assassino de Rosie estava de carro.

Ou isso, ou ele era um dos respeitáveis moradores de Trinity Place. O problema é que todos os moradores do sexo masculino, entre quatorze e setenta anos, pareciam ter um álibi. Na noite do crime, ou não estavam em casa, ou estavam dormindo, completamente inocentes. Chegaram a dar maior atenção a alguns estudantes, mas não encontraram nada que os ligasse a Rosie, ou ao crime.

Um detalhe da perícia havia feito com que Gilbey parecesse menos culpado: o esperma encontrado nas roupas de Rosie fora depositado por um secretor, alguém cujo tipo sanguíneo está presente em outros fluidos corporais. O estuprador, que possivelmente era o assassino também, tinha sangue do grupo O. Alex Gilbey era AB, o que significava que ele não poderia ter estuprado Rosie, a não ser que estivesse usando um preservativo. Mas Malkiewicz, Kerr e Mackie eram todos tipo O. Então, teoricamente, poderia ser qualquer um dos três.

Não achava que Kerr fosse capaz de cometer algum crime. Mas Mackie, sim, com certeza. Maclennan ficara sabendo da súbita conversão do rapaz ao cristianismo. Para ele, aquilo parecia um ato de desespero, gerado pela culpa. E com Malkiewicz, eram outros quinhentos. Maclennan esbarrara acidentalmente na questão da sexualidade do rapaz, mas se ele estava apaixonado por Gilbey, era possível que quisesse se livrar da concorrência. Não era de todo impossível.

Maclennan estava tão imerso em seus pensamentos que levou um susto ao perceber que a cerimônia havia chegado ao fim e que os fiéis já estavam de pé. O caixão estava sendo removido do altar e Colin e Brian Duff eram os primeiros do pequeno grupo que o carregava. Era possível ver as marcas das lágrimas no rosto de Brian, e Colin parecia estar reunindo todas as suas forças para não chorar.

Maclennan olhou para a sua equipe, fazendo sinal para que se retirassem da igreja enquanto o caixão desaparecia. A família ia ser levada até o cemitério para um enterro particular. Ele saiu da igreja e ficou parado na porta, observando as pessoas se dispersando. Não acreditava que o assassino estivesse ali, entre os fiéis; aquela era uma conclusão muito fácil para que ele pudesse se contentar

com ela. Os policiais reuniram-se atrás dele, trocando comentários discretos entre si.

Escondida em um canto, Janice Hogg acendeu um cigarro. Não estava de serviço, afinal de contas, e precisava de uma dose de nicotina após todo aquele sofrimento. Havia dado apenas algumas tragadas quando Jimmy Lawson apareceu.

— Bem que eu achei que estava sentindo cheiro de cigarro — disse ele. — Posso te acompanhar?

Ele acendeu um cigarro, encostando-se na parede, o cabelo caindo na testa, obscurecendo os seus olhos. Janice percebeu que ele estava mais magro ultimamente, e que ficara mais bonito assim, com o rosto mais delgado e o maxilar mais definido.

— Eu não tenho pressa nenhuma de passar por isso de novo tão cedo — disse ele.

— Nem eu. Parece que todo mundo estava olhando para a gente, buscando a resposta que não temos.

— E não estamos nem próximos de ter. O DIC não arrumou um suspeito decente até agora — disse Lawson. A sua voz era tão amarga quanto o vento leste que carregava a fumaça dos seus lábios.

— Não é como *Starsky & Hutch*, né?

— Ainda bem que não. Quer dizer, você ia querer usar aquele uniforme?

Janice não pôde conter uma risadinha.

— Pensando bem...

Lawson inalou o ar profundamente.

— Janice... você gostaria de tomar um drinque comigo, um dia desses?

Janice olhou para ele, surpresa. Jamais passara pela sua cabeça que Jimmy Lawson percebia que ela era uma mulher, a não ser quando se tratava de preparar um chá, ou dar notícias ruins aos outros.

— Você está me convidando para sair?

— É o que parece, né? E então? O que você me diz?

— Não sei, Jimmy. Não sei se é uma boa ideia se envolver com alguém do trabalho.

— E quando é que a gente tem oportunidade de encontrar outras pessoas, a não ser quando estamos prendendo alguém? Vamos lá, Janice. Só um drinquezinho. Descobrir se a gente combina, que tal? — O seu sorriso lhe conferiu um charme que ela jamais havia percebido.

Olhou para ele, analisando a proposta. Ele não era exatamente um deus grego, mas também não era feio. Tinha fama de ser meio conquistador, alguém que geralmente conseguia o que queria sem fazer muito esforço. Mas sempre a

tratara com gentileza, ao contrário de alguns colegas que faziam questão de mostrar o quanto a desprezavam. E fazia muito tempo que ela não saía com alguém interessante.

— Está bem — disse ela.

— Vou checar o quadro de funcionários hoje à noite. Ver quando nós dois vamos estar de folga. — Ele jogou a guimba do cigarro no chão e pisou nela com a ponta do pé. Ela o observou enquanto ele se afastava, indo juntar-se aos outros no outro canto. Ao que parece, tinha acabado de descolar um encontro.

Era a última coisa que imaginava possível de acontecer no funeral de Rosie Duff. Talvez o pastor tivesse razão. Era hora de olhar para o futuro, e não só para o passado.

13

Nenhum dos seus três amigos descreveria Esquisito como sensato, mesmo antes de se converter. Ele sempre fora uma mistura instável de cinismo e ingenuidade. Infelizmente, a sua recém-descoberta espiritualidade o havia despido do cinismo, sem oferecer um bom senso complementar. Então, quando os seus novos amigos crentes anunciaram que não havia ocasião mais oportuna para pregar do que o dia do funeral de Rosie, Esquisito deixou-se levar pela sugestão. A lógica era: as pessoas vão parar para refletir sobre a sua própria mortalidade. E aquele era o melhor momento para lembrá-las de que Jesus oferecera o único caminho para o reino dos céus. A ideia de dar o seu testemunho para estranhos faria com que ele rolasse no chão às gargalhadas algumas semanas antes, mas agora parecia a coisa mais natural do mundo.

Reuniram-se na casa do pastor, um animado jovem galês cujo entusiasmo era quase patológico. Mesmo na febre inicial da sua conversão, Esquisito o achava meio exagerado. Lloyd acreditava piamente que o resto da cidade não aceitara Jesus devido a um único motivo: ele e o seu rebanho não estavam trabalhando direito nas suas pregações. Era óbvio que ele não conhecia Ziggy, o ateu dos ateus. Quase todas as refeições que Esquisito fizera em Fife Park desde que voltaram para lá haviam incluído discussões passionais sobre fé e religião. Esquisito já estava cansado daquilo. Ainda não possuía conhecimento suficiente para rebater todos os argumentos e sabia, instintivamente, que responder com "Este é o mistério da fé" não era o bastante. O estudo da Bíblia ia resolver isso com o tempo, tinha certeza. E até lá, estava rezando para ter paciência e boas respostas.

Lloyd colocou uns panfletos na sua mão.

— Esses aqui dão uma boa introdução sobre o Senhor, junto com uma pequena seleção de passagens da Bíblia — explicou ele. — Tente puxar assunto com as pessoas e depois pergunte se elas podem perder cinco minutinhos do seu tempo para se livrarem da degradação. Aí você entrega o panfleto e pede para elas não deixarem de ler. E explica que se quiserem tirar alguma dúvida, podem encontrar você no culto de domingo. — Lloyd fez um gesto amplo com as mãos, como se querendo dizer que a coisa era simples.

— Ok — disse Esquisito. Olhou para o pequeno grupo à sua volta. Deviam ser uns seis. Tirando Lloyd, tinha apenas mais um homem. Ele havia trazido um

violão e parecia empolgado. Infelizmente, a sua empolgação não era proporcional ao seu talento. Esquisito sabia que não devia julgar as pessoas, mas achava que, mesmo em um dia ruim, conseguia tocar muito melhor do que aquele nerd. Mas ele ainda não tinha aprendido as músicas, então não ia poder sair cantando para Jesus naquela noite.

— O pessoal da música vai ficar na North Street. Ali sempre tem movimento. O resto pode rodar pelos pubs. Não precisa entrar. É só abordar as pessoas que estiverem entrando ou saindo. Agora, vamos só fazer uma pequena oração antes de partirmos para a missão do Senhor. — Deram-se as mãos e abaixaram a cabeça. Esquisito experimentou mais uma vez aquela nova sensação familiar de paz o invadir, enquanto se colocava nas mãos do seu Salvador.

Era engraçado ver como as coisas haviam mudado, pensou ele mais tarde, enquanto caminhava sem pressa de um pub para outro. Antigamente, jamais lhe passaria pela cabeça abordar estranhos, a não ser para pedir informações. Mas a verdade é que estava realmente gostando daquilo. A maioria das pessoas lhe dava um fora, mas várias haviam aceitado o panfleto e ele estava confiante de que veria algumas novamente. Estava convencido de que aquelas pessoas tinham notado a tranquilidade e a alegria que ele certamente estava emanando.

Eram quase dez horas da noite quando ele cruzou o maciço arco de pedra da West Port em direção ao Lammas. Ficava chocado ao lembrar quanto tempo havia perdido lá dentro. Não tinha vergonha do seu passado; Lloyd o ensinara que aquilo não era bom. O seu passado era um parâmetro de comparação que servia para mostrar o quão gloriosa era a sua vida atual. Mas lamentava não ter encontrado aquela paz e abrigo antes.

Atravessou a rua e ficou parado na porta do Lammas. Nos primeiros dez minutos, entregou apenas um panfleto para um dos frequentadores habituais do pub, que lançou um olhar curioso para Esquisito enquanto ele abria a porta. Um pouco depois, a porta se abriu novamente, violenta. Brian e Colin Duff surgiram na rua, acompanhados por alguns outros rapazes. Estavam possessos e calibrados de bebida.

— O que é que você está fazendo aqui, porra? — grunhiu Brian, agarrando Esquisito pelo casaco. Ele o empurrou violentamente contra a parede.

— Eu só estava...

— Cala a boca, seu merda — gritou Colin. — Enterramos a minha irmã hoje, graças a você e aos seus amiguinhos desalmados. E você ainda tem a coragem de aparecer por aqui, para pregar?

— E você ainda se diz cristão? Você matou a minha irmã, seu babaca. — Brian estava atirando o corpo de Esquisito contra a parede sem parar. Esquisito tentou se esquivar das suas garras, mas ele era muito mais forte.

— Nunca encostei um dedo nela — gemeu ele. — Não fomos nós.

— Então quem foi? Vocês eram os únicos que estavam lá — esbravejou Brian. Ele largou o casaco de Esquisito e levantou a mão, fechada em punho. — Vamos ver se você vai gostar disso aqui, babaca. — Entrou com um gancho de direita no maxilar de Esquisito, e depois com um de esquerda no rosto. Esquisito caiu de joelhos no chão. Parecia que a parte inferior do seu rosto ia despencar em suas mãos.

E aquilo era só o começo. Pés e punhos surgiram de repente, golpeando cruelmente o seu corpo. Sangue, lágrimas e muco escorriam pelo seu rosto. O tempo parecia estar parado, distorcendo as palavras e intensificando cada golpe agonizante. Nunca participara de uma briga de gente grande e toda aquela violência explícita o aterrorizava.

— Meu Deus, meu Deus — soluçava ele.

— Ele não vai te ajudar agora, seu merda! — gritou um dos agressores.

Então, como por milagre, a surra chegou ao fim. E tão logo o último golpe foi desferido, ficaram todos em silêncio.

— O que é que está acontecendo aqui? — perguntou uma voz de mulher. Esquisito, encolhido na posição fetal que adotara durante a surra, levantou a cabeça. Uma policial estava diante dele. Atrás dela, ele pôde ver o policial que acompanhara Alex na noite do crime. Os agressores estavam parados no mesmo lugar, carrancudos, com as mãos nos bolsos.

— A gente só estava se divertindo um pouquinho — disse Brian.

— Não me parece nada divertido, Brian. A sorte dele é que o dono do pub decidiu chamar a polícia — disse ela, agachando-se para examinar o rosto de Esquisito. Ele ficou sentado e tossiu, expelindo muco e sangue. — Você é Tom Mackie, não é? — perguntou ela, compreendendo tudo.

— Sou — gemeu ele.

— Eu vou pedir uma ambulância — disse ela.

— Não — acudiu Esquisito, conseguindo se levantar com muito esforço. — Eu vou ficar bem. A gente só estava se divertindo mesmo. — Falar, percebeu ele, não estava sendo nada fácil. Era como se tivesse feito um transplante de maxilar que não estava funcionando muito bem.

— Acho que o seu nariz está quebrado, filho — disse o policial. Qual era mesmo o nome dele? Morton? Lawton? Lawson, isso.

— Está tudo bem. Eu moro com um médico.

— Ele era um estudante de medicina na última vez que ouvi falar dele — disse Lawson.

— Vamos te levar para casa na viatura — disse a mulher. — Eu sou a policial Hogg e este é o policial Lawson. Jimmy, cuida dele um instantinho, eu

preciso ter uma palavra com esses idiotas. Colin, Brian? Venham cá. E vocês aí, caiam fora. — Ela levou Colin e Brian para um canto. Teve o cuidado de permanecer perto de Lawson, para que ele pudesse acudir, caso as coisas saíssem do controle. — Que diabos foi isso? — perguntou ela. — Vejam só o estado do garoto.

Boquiaberto, com os olhos vidrados e encharcado de suor, Brian deu um sorriso bêbado de escárnio.

— Foi menos do que ele merece. E você sabe muito bem o que foi isso. Estamos fazendo o seu trabalho, porque vocês são um bando de incompetentes que não conseguem descobrir porra nenhuma.

— Cala a boca, Brian! — implorou Colin. Ele estava apenas um pouco mais sóbrio do que o irmão, mas sempre tivera uma espécie de instinto para evitar problemas. — Olha, foi mal, tá? As coisas saíram um pouco do controle por aqui.

— E como, né? Vocês quase mataram o garoto.

— Pode até ser, mas ele e os amiguinhos fizeram o serviço completo com a minha irmã — disse Brian, doido para começar outra briga. De repente, o seu rosto ficou enrugado e lágrimas correram pela bochecha. — A minha irmãzinha. A minha Rosie. O que eles fizeram com ela não se faz nem com um cachorro.

— Você está enganado, Brian. Eles são testemunhas, não suspeitos — disse Janice, exausta. — Eu já te expliquei isso, na noite do crime.

— Vocês são os únicos que pensam assim por aqui — disse Brian.

— Fica quieto! — pediu Colin. Ele se virou para Janice. — Você vai prender a gente, ou o quê?

Janice suspirou.

— Eu sei que o enterro de Rosie foi hoje. Eu estive lá e vi o quanto os pais de vocês estão arrasados. Em consideração a eles, eu vou deixar passar desta vez. Acho que o Sr. Mackie não vai querer prestar queixa. — Colin fez menção de falar alguma coisa, mas ela prontamente ameaçou, com o dedo em riste: — Mas você e o Cassius Clay aqui vão ter que me prometer que não vão mais sair por aí fazendo esse tipo de coisa, ok? Esse é o trabalho da polícia.

Ele concordou com um gesto de cabeça.

— Ok, Janice.

Brian fez uma cara de espanto.

— Desde quando você chama ela de Janice? Ela não está do nosso lado, não, entendeu?

— Cala a porra dessa boca, Brian! — disse Colin, sílaba por sílaba. — Peço desculpas pelo meu irmão. Ele bebeu um pouco demais.

— Tudo bem. Mas você não é burro, Colin. Você sabe que eu não estou

brincando. Deixem Mackie e os amigos dele em paz. Entendeu?

Brian deu um riso debochado.

— Acho que ela está a fim de você, hein, Colin?

A ideia obviamente acionou a parte bêbada do cérebro de Colin Duff.

— Sério? Ué, o que você acha, Janice? Por que você não me coloca na linha, hein? Topa sair comigo? Aposto que você ia se divertir.

Janice percebeu um movimento com o canto dos olhos e virou-se a tempo de ver Jimmy Lawson sacando o cassetete e avançando em direção a Colin Duff. Ela levantou a mão para mantê-lo afastado, mas a ameaça já fora o bastante para que Colin recuasse, com os olhos arregalados e assustados.

— Ei! — protestou ele.

— Limpa essa boca, seu escrotinho de merda! — bradou Lawson, sério e irado. — Nunca, nunca mais na sua vida se dirija a um policial assim! E agora, suma da minha frente antes que eu convença a oficial Hogg a mudar de ideia e mandar vocês dois para cumprir uma boa pena na cadeia! — As palavras que saíram dos seus lábios contraídos refletiam a sua animosidade. Janice estava passada. Detestava quando os policiais homens achavam que podiam demonstrar a sua masculinidade com o pretexto de defender a sua honra.

Colin agarrou Brian pelo braço.

— Vamos. Tem uma cerveja esperando a gente lá dentro. — Ele levou o seu irmão desconfiado embora, antes que ele causasse mais alguma encrenca.

Janice virou-se para Lawson.

— Não tinha necessidade disso, Jimmy.

— O quê? Ele estava te passando uma cantada! E ele não serve nem para engraxar os seus sapatos. — A voz dele era só desprezo.

— Eu sei me cuidar muito bem, Jimmy. Já tive que aturar coisas muito piores do que Colin Duff sem ter você ao meu lado bancando o herói. Agora, vamos levar o garoto pra casa.

Ajudaram Esquisito a entrar no carro e o acomodaram no banco de trás. Quando Lawson se dirigia para o banco do motorista, Janice disse:

— E Jimmy... Sobre o nosso encontro. Acho que não vai dar, não.

Lawson olhou para ela longa e fixamente.

— Você é que sabe.

Foram até Fife Park em um silêncio sepulcral. Ajudaram Esquisito até a porta de casa e depois voltaram para o carro.

— Janice, desculpa se peguei pesado. Mas Duff passou dos limites. Não se pode falar com um policial daquele jeito — disse Lawson.

Janice se inclinou sobre o teto do carro.

— Ele passou dos limites, sim. Mas você não reagiu daquele jeito porque

ele estava insultando o cargo. Você sacou o seu cassetete porque, na sua cabeça, você achou que eu era propriedade sua, só porque topei sair para tomar um drinque com você. E ele estava invadindo o seu território. Sinto muito, Jimmy. Mas o que eu menos preciso na minha vida agora é isso.

— Não foi nada disso, Janice — protestou Lawson.

— Deixa pra lá, Jimmy. Sem ressentimentos, ok?

Ele deu de ombros, petulante.

— Você é que vai sair perdendo mesmo. Companhia feminina é o que não me falta. — Ele entrou no carro e sentou-se no banco do motorista.

Janice sacudiu a cabeça, incapaz de conter um sorriso. Como os homens eram previsíveis. Bastava sentir um cheiro de feminismo no ar para darem no pé imediatamente.

Dentro de casa, em Fife Park, Ziggy estava examinando Esquisito.

— Eu disse que isso ia acabar em lágrimas — disse ele, pressionando delicadamente os dedos no tecido inchado em volta das costelas e do abdômen de Esquisito. — Você sai para uma pregaçãozinha light e volta parecendo um figurante de filme de guerra. Avante, soldados cristãos!

— Não teve nada a ver com o meu testemunho — disse Esquisito, franzindo o rosto de dor por causa do esforço. — Foram os irmãos de Rosie.

Ziggy parou imediatamente.

— Os irmãos de Rosie fizeram isso com você? — perguntou, visivelmente preocupado.

— Eu estava na porta do Lammas. Alguém deve ter contado a eles. Eles saíram e me deram uma surra.

— Puta que pariu. — Ziggy foi até a porta. — Gilly! — gritou ele. Mondo tinha saído, como fazia quase toda noite, desde que haviam voltado das férias. Às vezes aparecia para o café da manhã, às vezes, nem isso.

Alex desceu as escadas correndo, estacando diante da visão do rosto destruído de Esquisito.

— O que aconteceu com você, porra?

— Os irmãos de Rosie — resumiu Ziggy. Encheu uma tigela com água morna e começou a limpar o rosto de Esquisito delicadamente, com bolas de algodão.

— Eles te deram uma surra? — Alex mal conseguia compreender o que estava acontecendo.

— É o que parece — disse Esquisito. — Ai! Dá pra ir com mais cuidado?

— O seu nariz está quebrado. Você devia ir pro hospital — disse Ziggy.

— Detesto hospitais. Conserta aí pra mim.

Ziggy suspendeu as sobrancelhas.

— Tenho medo de não ficar bom e você acabar igual a um boxeador frustrado.

— Vou arriscar.

— Pelo menos, o maxilar está inteiro — disse ele, inclinando-se diante do rosto de Esquisito. Segurou o nariz dele com as duas mãos e girou, tentando não ficar enjoado com a crepitação triturante da cartilagem. Esquisito gritava, mas Ziggy seguiu em frente. Tinha suor sobre os lábios. — Pronto — disse ele. — Isso é o melhor que eu posso fazer.

— O funeral de Rosie foi hoje — disse Alex.

— Ninguém avisou a gente — reclamou Ziggy. — Isso explica por que os ânimos estavam tão exaltados.

— Você acha que eles vão vir atrás da gente, então? — perguntou Alex.

— A polícia os ameaçou — disse Esquisito. Falar estava ficando cada vez mais difícil, à medida que o maxilar enrijecia.

Ziggy observou o seu paciente.

— Bom, Esquisito, vendo o seu estado, Deus queira que eles tenham se sentido ameaçados mesmo.

14

Qualquer esperança que pudessem ter acalentado sobre a morte de Rosie ter sido uma comoção passageira foi por água abaixo diante da cobertura jornalística do funeral. Lá estava o crime na primeira página novamente e qualquer pessoa que tivesse perdido a cobertura inicial dificilmente conseguiria ignorar a reprise.

E Alex, novamente, foi a primeira vítima. Voltando do supermercado para casa alguns dias depois, estava pegando um atalho no fundo do Jardim Botânico quando Henry Cavendish e os seus amigos surgiram em um bando desorganizado, com roupas de rúgbi. Assim que avistaram Alex, começaram a assoviar, depois o cercaram e começaram a empurrá-lo. Formando um círculo à sua volta, arrastaram-no para fora da grama e o atiraram no chão lamacento de neve derretida. Alex rolava no chão, tentando se esquivar dos chutes. Não corria o risco de se confrontar com uma violência real como a que Esquisito experimentara e estava mais irritado do que com medo. Uma bota acertou o seu nariz e ele sentiu o sangue esguichar.

— Sumam daqui! — gritou ele, limpando a mistura de lama, sangue e neve derretida do rosto. — Por que vocês não me deixam em paz, porra?

— Vocês é que deviam sumir, matador — gritou Cavendish. — Ninguém quer vocês por perto.

Uma voz tranquila acudiu.

— E quem quer vocês por perto?

Alex esfregou os olhos e viu Jimmy Lawson parado, à margem do grupo. Demorou um pouco para reconhecê-lo sem o uniforme, mas o seu coração acelerou quando percebeu quem era.

— Cai fora — disse Edward Greenhalgh. — Você não tem nada a ver com isso.

Lawson meteu a mão dentro do casaco e puxou o seu distintivo da polícia. Abrindo-a de modo displicente, ele disse:

— Acho que tenho, sim, senhor. Pois bem, quero saber o nome de cada um de vocês. Creio que é um assunto que terá de ser levado para as autoridades acadêmicas.

Súbito, eram crianças novamente. Mexeram-se para lá e para cá, inquietos, olhando fixamente para o chão, resmungando os detalhes para Lawson, que anotava tudo no seu caderninho. Enquanto isso, Alex levantou-se, encharcado e

imundo, contemplando os destroços das suas compras. Uma garrafa de leite estourara sobre a sua calça, uma jarra plástica de iogurte de limão entornara sobre uma das mangas do seu casaco.

Lawson dispensou os vândalos e ficou parado olhando para Alex, sorrindo.

— Você está péssimo — disse ele. — Sorte sua eu estar passando por aqui.

— Você não está trabalhando? — perguntou Alex.

— Não. Eu moro ali na esquina. Dei uma saída rápida para pegar a correspondência. Vamos, vamos até lá em casa, dar um jeito nessa sua roupa.

— Eu agradeço a sua gentileza, mas não precisa, não.

Lawson sorriu.

— Você não pode andar por St. Andrews desse jeito. Vai acabar sendo preso por assustar os jogadores de golfe. E, além do mais, você está tremendo. Precisa de uma xícara de chá.

Alex não ia discutir. A temperatura estava caindo vertiginosamente e a ideia de voltar para casa a pé, encharcado daquele jeito, não era nada agradável.

— Obrigado — aceitou ele.

Dobraram a esquina e entraram em uma rua novinha em folha, tão nova que ainda não estava nem asfaltada. As primeiras casas já estavam prontas mas, não muito adiante, havia apenas terrenos vazios para futuras construções. Lawson passou direto pelas casas prontas e parou mais à frente, diante de um trailer estacionado no que, um dia, poderia ser um jardim. Atrás do trailer, quatro paredes e vigas de madeira cobertas de lona ofereciam a promessa de algo mais suntuoso do que um veículo com quatro cabines.

— Estou construindo uma casa. A rua toda está fazendo a mesma coisa. Cada um ajuda o outro, com trabalho braçal e habilidades específicas. Assim, eu vou conseguir ter uma casa de chefe com um salário de policial. — Ele subiu os degraus do trailer. — Mas, por enquanto, é aqui que eu moro.

Alex entrou atrás dele. O trailer era aconchegante, com um aquecedor a gás portátil exalando calor no limitado recinto. Alex ficou impressionado com a arrumação. A maioria dos homens solteiros que ele conhecia vivia em chiqueiros, mas a casa de Lawson era impecável. Todos os metais brilhavam. A pintura estava limpa e era recente. As cortinas de cor viva estavam amarradas com capricho. Não havia nada bagunçado. Estava tudo no lugar, organizado; livros na estante, xícaras penduradas pela alça no gancho no armário, fitas cassetes em uma caixa, plantas de arquiteto emolduradas no tabique. O único sinal de que alguém de fato morava ali era uma panela fervendo no fogão. O cheiro da sopa de lentilhas atingiu Alex em cheio.

— Muito bom — comentou ele, dando uma olhada geral.

— É um pouco apertado, mas mantendo arrumado não fica tão

claustrofóbico. Tira a jaqueta, a gente pode colocar ali em cima do aquecedor. Agora, você precisa lavar o rosto e as mãos. O banheiro fica ali, logo depois do fogão.

Alex entrou no minúsculo cubículo. Olhou-se no espelho, sobre a pia de casa de bonecas. Estava realmente péssimo. Sangue coagulado, lama. E iogurte de limão grudado no cabelo. Não era de admirar que Lawson tivesse insistido para que ele fosse até o trailer se ajeitar. Deixou a água correr na pia e se esfregou até ficar limpo. Quando saiu do banheiro, Lawson estava inclinado no fogão.

— Agora, sim! Senta aí do lado do aquecedor, você vai se secar rapidinho. Quer um chá? Ou então, acabei de fazer uma sopa, se você preferir.

— Vou aceitar a sopa. — Alex sentou-se ao lado do aquecedor enquanto Lawson servia às colheradas uma tigela generosa da sopa amarelo-dourada com pedaços de pernil de porco. Colocou a tigela diante de Alex e lhe deu uma colher. — Não quero parecer rude, mas por que o senhor está sendo tão gentil comigo? — perguntou ele.

Lawson sentou à sua frente e acendeu um cigarro.

— Porque tenho pena de você, e dos seus amigos. Tudo o que vocês fizeram foi agir como cidadãos responsáveis, mas ganharam fama de bandidos. E eu me considero parcialmente responsável. Se eu estivesse fazendo a minha ronda, em vez de estar prostrado dentro do meu carro, poderia ter pegado o assassino em flagrante. — Ele inclinou a cabeça para trás e exalou um suspiro de fumaça no ar. — É por isso que eu acho que não foi alguém daqui. Qualquer um que conhecesse aquela região à noite saberia que sempre tem uma viatura de polícia parada ali. — Lawson fez uma careta. — Não temos ajuda de custo de gasolina suficiente para dirigirmos por aí a noite toda, então somos obrigados a estacionar em algum lugar.

— Maclennan ainda acha que fomos nós? — perguntou Alex.

— Não sei o que ele acha, filho. Vou ser franco com você. Voltamos à estaca zero. E por isso vocês acabaram na linha de fogo. E os irmãos Duff estão soltos por aí, caçando vocês, e pelo que eu vi hoje, os seus amigos também se voltaram contra você.

Alex bufou.

— Eles não são meus amigos. O senhor realmente vai dar queixa deles?

— Você quer que eu faça isso?

— Para falar a verdade, não. Eles vão acabar arrumando um jeito de se vingar. Mas não acho que vão nos perseguir mais depois dessa. Vão ficar com medo da mamãe e do papai ouvirem a respeito e cortar a mesada deles. Estou mais preocupado com os Duff.

— Acho que eles também vão deixar vocês em paz. A minha colega pegou pesado com eles. O seu amigo Mackie teve o desprazer de topar com eles em um péssimo dia. Eles estavam arrasados depois do funeral.

— Com certeza. Só espero não receber um tratamento como o que Esquisito ganhou.

— Esquisito? Você está falando do Sr. Mackie? — Lawson franziu a testa.

— A-ham. É um apelido dos tempos de colégio. De uma música do David Bowie.

Lawson sorriu.

— Mas é claro! *Ziggy Stardust e as Aranhas de Marte*. Então você é o Gilly, não é? E Sigmund, o Ziggy.

— Exatamente.

— Eu não sou tão mais velho do que vocês assim. E o que sobrou para o Sr. Kerr?

— Ele não é muito fã de David Bowie, não. Ele gosta do Pink Floyd. Então, ficou sendo Mondo. Crazy Diamond? Lembra?

Lawson fez que sim com a cabeça.

— Ótima sopa, por sinal.

— Receita da minha mãe. Vocês se conhecem há um tempão, então?

— Nos conhecemos no primeiro dia de aula. Somos melhores amigos desde então.

— Todo mundo precisa de amigos. É como no meu trabalho. Você trabalha com as mesmas pessoas durante um tempo e elas são como os seus irmãos. Você dá a vida por elas, se for necessário.

Alex deu um sorriso compreensivo.

— Sei o que você quer dizer. Com a gente também é assim. — *Ou era assim*, pensou ele, sentindo uma pontada no peito. Naquele semestre, as coisas estavam bem diferentes. Esquisito passava mais tempo com o Esquadrão de Deus do que com eles. E só Deus sabia onde Mondo se metia na maior parte do tempo. Os Duff não eram os únicos pagando um alto preço emocional pela morte de Rosie, percebeu Alex subitamente.

— Então vocês seriam capazes de mentir pelo outro se fosse preciso, né?

Alex parou com a colher no ar, a caminho da boca. Então era isso. Empurrou a tigela e se levantou, apanhando a jaqueta.

— Obrigado pela sopa — disse ele. — Estou bem agora.

Ziggy raramente se sentia solitário. Por ser filho único, estava acostumado com a sua própria companhia e nunca deixou de se divertir. Sua mãe sempre olhava

para os outros pais como se eles fossem malucos quando reclamavam que os filhos se sentiam entediados durante as férias. Tédio jamais fora problema naquela família.

Mas naquela noite, a solidão infiltrara-se em sua casa em Fife Park. Ele estava cheio de trabalho para mantê-lo ocupado, mas pela primeira vez precisava de companhia. Esquisito saíra com o seu violão, tentando aprender como louvar o Senhor em três acordes. Alex chegara em casa de mau humor após uma briga com a Direita e um encontro com o tira Lawson, que havia terminado mal. Mudara de roupa e partira para uma palestra com slides sobre pintores venezianos. E Mondo estava fora, provavelmente trepando.

E essa até que não era uma má ideia. A última vez que fizera sexo foi bem antes de se depararem com Rosie Duff. Passara a noite em Edimburgo, no único pub que conhecia onde gays eram bem recebidos. Ficara parado no bar, bebericando o seu chope, olhando furtivamente para os lados, evitando olhar fixamente para alguém. Passada meia hora, um jovem de uns vinte e poucos anos parou ao seu lado. Usava jeans, camiseta e jaqueta. Era bonito, tinha aparência de durão. Puxou um papo e eles acabaram fazendo sexo, rápido mas satisfatório, contra a parede do banheiro. Terminaram muito antes do horário do último trem, que levaria Ziggy de volta para casa.

Ziggy ansiava por algo mais do que aqueles encontros anônimos com estranhos, que constituíam a sua única experiência com sexo. Queria o que os seus amigos heterossexuais pareciam ter com tanta facilidade. Queria galanteios e romance. Alguém com quem pudesse compartilhar uma intimidade que fosse além da troca de fluidos corporais. Queria um namorado, um amante, um parceiro. E não fazia a menor ideia de como encontrá-lo.

Havia um grupo gay na universidade, ele sabia. Mas eram uns gatos pingados que pareciam adorar a polêmica de serem reconhecidos como gays. A política da Liberação Gay interessava Ziggy, mas os caras que ele via posando pelo campus não tinham nenhum compromisso político sério. Só gostavam de ser populares. Ziggy não tinha vergonha de ser gay, mas não queria que aquilo fosse a única coisa que as pessoas soubessem a seu respeito. Além disso, queria ser médico e suspeitava, sabiamente, que uma carreira como ativista gay não ajudaria muito na sua ambição.

Então, por enquanto, a única saída para extravasar os seus sentimentos eram os encontros casuais. Pelo que sabia, não havia nenhum pub em St. Andrews onde pudesse encontrar o que estava procurando. Mas havia alguns lugares para onde os homens iam, prontos para fazer sexo anônimo com estranhos. O problema é que esses lugares eram ao ar livre, e naquele tempo poucos iriam enfrentar o frio. Mas, mesmo assim, ele não devia ser o único rapaz em St.

Andrews a fim de transar naquela noite.

Ziggy vestiu a sua jaqueta de pelo de carneiro, amarrou o cadarço das botas e saiu de encontro ao ar gelado da noite. Depois de uma caminhada vigorosa de quinze minutos, lá estava ele, nos fundos da catedral em ruínas. Atravessou o pátio, alcançando o que restara da igreja de Santa Maria. Espreitando nas sombras das paredes arruinadas, era comum ver homens por lá tentando fingir que haviam saído para dar uma voltinha que incluía um tour pela herança arquitetônica do lugar. Ziggy ergueu os ombros e tentou parecer casual.

No porto, Brian Duff estava bebendo com os amigos. Estavam entediados. E bêbados o bastante para fazer algo a respeito.

— Isso aqui está um saco — reclamou Donny, seu melhor amigo. — E a gente não tem nem grana pra ir a um lugar onde se possa passar uma noite decente.

A reclamação correu o grupo. Então Kenny teve uma ideia.

— Já sei o que a gente pode fazer. Diversão e dinheiro. E sem o risco de sermos denunciados.

— O quê? — quis saber Brian.

— Vamos roubar uns viados.

Olharam para ele como se estivesse falando grego.

— Hein? — perguntou Donny.

— Vai ser engraçado. E eles estão sempre com dinheiro. Não vão querer criar caso com a gente, né? São um bando de maricas mesmo.

— Você está sugerindo sair por aí e assaltar os outros? — perguntou Donny, deixando a preocupação transparecer em sua voz.

Kenny deu de ombros.

— Estou falando dos viados. Eles não contam. Nem vão sair correndo para a polícia, né? Porque aí vão ter que explicar o que estavam fazendo nos fundos da igreja de Santa Maria, no escuro.

— Pode ser engraçado — disse Brian, com a voz arrastada. — Fazer as bonecas se borrarem de medo. — Ele riu. — Se borrarem de medo. Isso pode ser uma má notícia para alguém. — Ele esvaziou a garrafa de cerveja e ficou de pé. — Vamos lá, então. O que vocês estão esperando?

Saíram sorrateiros pela noite, se acotovelando e rindo alto. Não precisaram caminhar muito até as ruínas da igreja. A meia-lua espreitava entre nuvens inconstantes, tornando o mar prateado e iluminando o caminho dos rapazes. À medida que se aproximavam, iam ficando em silêncio, pisando na ponta dos pés. Circularam a igreja. Nada. Esgueirando-se contra a parede, cruzaram os

vestígios de uma soleira. E lá, em plena alcova, encontraram o que estavam procurando.

Um homem encostado na parede, com a cabeça jogada para trás, deixando gemidos de prazer escaparem dos seus lábios entreabertos. Diante dele, um outro homem ajoelhado, com a cabeça movimentando-se para frente e para trás.

— Ora, ora — disse Donny. — O que temos aqui?

Assustado, Ziggy levantou a cabeça e olhou, aterrorizado, para o seu pior pesadelo.

Brian Duff deu um passo à frente.

— Isso realmente vai ser divertido.

15

Ziggy nunca sentira tanto medo na vida. Tropeçando, tentou recuar. Mas Brian o alcançara, agarrando-o pela gola da jaqueta. Empurrou Ziggy contra a parede, caindo de socos sobre ele. Donny e Kenny ficaram parados, sem saber o que fazer, enquanto o outro homem abotoou depressa as calças e saiu correndo.

— Brian, quer que a gente vá atrás do outro? — perguntou Kenny.

— Não, esse aqui é perfeito. Sabem quem é essa florzinha nojenta aqui?

— Não — respondeu Donny. — Quem é?

— Simplesmente um dos filhos da puta que mataram Rosie. — Com as mãos cerradas em punhos, desafiava Ziggy com os olhos a tentar escapar.

— Nós não matamos Rosie — disse Ziggy, incapaz de disfarçar o tremor de medo em sua voz. — Eu tentei salvar a vida dela.

— Tá, depois de ter estuprado e esfaqueado a minha irmã, sei. Estava tentando provar pros seus amiguinhos que era um homem de verdade e não uma bichona, né? — gritou Brian. — Bom, meu filho, é a hora da confissão. Você vai me contar a verdade sobre o que aconteceu com a minha irmã.

— Estou contando a verdade. Não encostamos em um fio de cabelo dela.

— Eu não acredito em você. E vou te obrigar a me contar a verdade. E já sei até como. — Sem tirar os olhos de Ziggy, ele disse: — Kenny, vá até o porto e me traga uma corda. De tamanho razoável, ouviu?

Ziggy não fazia a menor ideia do que estava por vir, mas sabia que não ia ser boa coisa. A única chance que tinha era tentar convencê-los.

— Essa não é uma boa ideia — disse ele. — Eu não matei a sua irmã. E já fiquei sabendo que os tiras te avisaram para nos deixar em paz. Não se iluda achando que eu não vou prestar queixa.

Brian deu uma gargalhada.

— Você acha que eu sou idiota? Você vai até a polícia e vai dizer: “Com licença, senhor, eu estava chupando o pau de um babaca qualquer e aí Brian Duff apareceu e me deu um tapa”? E eu lá tenho cara de palhaço? Você não vai contar a ninguém sobre isso. Senão, vão descobrir que você é viado.

— Eu não ligo — disse Ziggy. E, naquela hora, parecia um destino menos terrível do que fosse lá o que um Brian Duff descontrolado pudesse lhe impor. — Eu corro esse risco. Você tem certeza de que vai querer mais uma carga de sofrimento depositada na porta da sua mãe?

Assim que as palavras saíram da sua boca, Ziggy percebeu que calculara mal. Brian fechou a cara. Ele suspendeu a mão e deu uma bofetada tão violenta no rosto de Ziggy, que chegou a ouvir o barulho da vértebra do seu pescoço estalar.

— Não fale da minha mãe, seu chupador. Ela jamais sofreu na vida até vocês, seus desgraçados, matarem a minha irmã. — Deu outra bofetada. — Confesse. Você sabe que vai ter que pagar, mais cedo ou mais tarde.

— Eu não vou confessar uma coisa que eu não fiz — disse Ziggy, com a voz embargada. Podia sentir o gosto do sangue; a ponta afiada de um dos seus dentes rasgara a bochecha por dentro.

Brian afastou a mão e acertou um soco no estômago de Ziggy, com toda a força. Ele caiu de joelhos, curvando-se no chão. Um vômito quente desceu como uma cascata, respingando nos seus pés. Arfando, sentiu a parede de pedra em suas costas, a única coisa que o mantinha ereto.

— Diga lá — sibilou Brian.

Ziggy fechou os olhos.

— Não tenho nada para dizer — respondeu, com dificuldade.

Kenny voltou, alguns socos mais tarde. Ziggy não sabia que era possível sentir tanta dor sem desmaiar. Um corte em seus lábios cobria o seu queixo de sangue e os seus rins estavam mandando pontadas agudas de agonia por todo o seu corpo.

— Por que você demorou tanto? — perguntou Brian. Ele suspendeu as mãos de Ziggy na frente do colega. — Amarre uma das pontas nos pulsos dele — ordenou ele a Kenny.

— O que você vai fazer comigo? — perguntou Ziggy, com os lábios inchados.

Brian sorriu.

— Obrigar você a falar, chupador.

Quando Kenny terminou, Brian apanhou a corda. Deu a volta na cintura de Ziggy, apertando-a firmemente. Agora, as mãos dele estavam presas contra o seu corpo. Brian puxou a corda.

— Vamos, temos muito a fazer.

Ziggy fincou os calcanhares no chão, mas Donny agarrou a corda junto com Brian e puxou tão forte que ele quase caiu.

— Kenny, vê se tá tudo ok aí fora.

Kenny correu na frente, até o arco. Olhou para o pátio. Nenhum sinal de vida. Estava muito frio para se estar na rua, andando à toa, e ainda era muito cedo para os passeadores de cachorro de última hora.

— Ninguém por perto, Bri — disse ele, baixinho.

Brian e Donny seguiram em frente, puxando a corda.

— Mais rápido — disse Brian a Donny. Desceram a rua e Ziggy tentava se equilibrar desesperadamente, enquanto forçava as mãos na esperança de se livrar da corda. Que diabos iam fazer com ele? A maré estava alta. Será que iam jogá-lo no mar? As pessoas morriam no mar do Norte em questão de minutos. Fosse lá o que tivessem planejado, Ziggy sabia instintivamente que ia ser muito pior do que ele podia imaginar.

O chão sumiu sob os seus pés de repente e ele caiu, rolando sem parar, até chocar-se contra as pernas de Brian e Donny. Uma chuva de palavrões e depois mãos sobre o seu corpo, puxando-o violentamente para cima, colocando-o de frente para um muro. Ziggy foi se localizando aos poucos. Estavam no caminho que, ao longo do muro, circundava o castelo. Aquele não era um talude medieval, apenas uma barreira moderna para deter vândalos e casais. Será que o levariam para dentro e o pendurariam no alto da muralha?

— O que estamos fazendo aqui? — perguntou Donny, inquieto. Não sabia se tinha estômago para fazer fosse lá o que Brian havia planejado.

— Kenny, pule o muro — ordenou Brian.

Acostumado com a liderança de Brian, Kenny fez o que ele mandou, escalando o muro de quase dois metros e desaparecendo do outro lado.

— Vou jogar a corda por cima, Kenny — gritou Brian. — Segura aí.

Virou-se para Donny.

— Vamos ter que suspender ele até o outro lado. Como em um arremeso de mastro, só que com as duas mãos.

— Vocês vão quebrar o meu pescoço — protestou Ziggy.

— Não se você for com cuidado. A gente vai te ajudar a subir. Você vai se virar quando chegar lá em cima e se jogar para o outro lado.

— Não consigo fazer isso.

Brian deu de ombros.

— Você escolhe. Pode ir de cabeça ou colocar os pés primeiro, mas vai de qualquer jeito. A não ser, é claro, que esteja pronto a me contar a verdade.

— Já te contei a verdade — gritou Ziggy. — Você tem que acreditar em mim!

Brian balançou a cabeça.

— Quando você me contar a verdade, eu vou saber. Pronto, Donny?

Ziggy tentou se desvencilhar, mas era tarde demais. Foi virado de frente para o muro e então, cada qual apanhando uma perna, o suspenderam até o alto, com muita dificuldade. Não ousou lutar contra; sabia como a proteção da medula espinhal era frágil na base do crânio e não queria acabar paraplégico. Ficou pendurado pela metade no topo do muro, como um saco de batatas. Devagar,

com infinita cautela, moveu uma das pernas para o outro lado do muro. Depois, ainda mais devagar, girou o corpo até que a outra perna estivesse no topo do muro. Os nós dos dedos arranhados incutiram nova dor aos seus braços.

— Vamos lá, chupador — gritou Brian, impaciente.

Ele se lançou sobre o muro e pouco depois estava na altura dos pés de Ziggy. Brian os puxou violentamente para o lado, fazendo com que Ziggy perdesse o equilíbrio. A bexiga de Ziggy se esvaziou enquanto ele caía, o susto aumentando ainda mais a sua adrenalina. Ele aterrissou pesadamente sobre os pés, e os joelhos e tornozelos cederam diante do impacto da queda. Ziggy estava encolhido no chão, com lágrimas de vergonha e dor ardendo em seus olhos. Brian pousou ao seu lado.

— Bom trabalho, Kenny — disse ele, pegando a corda novamente.

O rosto de Donny surgiu do outro lado do muro.

— Dá para me dizer o que está acontecendo aí? — perguntou ele.

— E estragar a surpresa? Nem pensar. — Brian puxou a corda. — Vamos, chupador. Vamos passear.

Subiram a ladeira íngreme coberta de relva até a parte mais baixa do muro leste do castelo em ruínas. Ziggy tropeçou e caiu algumas vezes, mas havia sempre mãos de prontidão para erguê-lo novamente. Cruzaram o muro e chegaram ao pátio. A lua escapou de trás de uma nuvem, derramando sobre eles um brilho sinistro.

— Eu e meu irmão adorávamos vir aqui quando éramos pequenos — disse Brian, diminuindo o passo. — Foi a igreja que construiu esse castelo. Não um rei. Sabia disso, chupador?

Ziggy fez que não com a cabeça.

— Nunca estive aqui antes.

— Pois devia. É lindo. A mina e a contramina. Dois dos maiores trabalhos de cerco do mundo inteiro. — Dirigiam-se para a região norte, a Torre da Cozinha à sua direita e a Torre do Mar à esquerda. — Isso aqui já foi muito bonito. Era uma residência e uma fortaleza. — Virou-se para olhar para Ziggy, andando de costas. — E era uma prisão.

— Por que você está me dizendo isso? — perguntou Ziggy.

— Porque é interessante. Assassinaram um cardeal aqui também. Mataram e depois penduraram o seu corpo nu no muro do castelo. Aposto que você nunca pensou nisso, hein, chupador?

— Eu não matei a sua irmã — repetiu Ziggy.

Àquela altura, já estavam diante da entrada da Torre do Mar.

— Existem duas câmaras no andar de baixo aqui — disse Brian, informalmente, entrando na frente. — A do leste tem uma coisa quase tão

interessante quanto a mina e a contramina. Você sabe o que é?

Ziggy continuou em silêncio. Mas Kenny respondeu por ele:

— Você não vai colocá-lo na Masmorra da Garrafa, vai?

Brian sorriu.

— Muito bem, Kenny. Vai ser o primeiro da classe. — Brian meteu a mão no bolso e sacou um isqueiro. — Donny, me dá o seu jornal.

Donny tirou um exemplar do *Evening Telegraph* do bolso interno do casaco. Brian enrolou o jornal bem apertado e acendeu uma das pontas, adentrando na câmara leste. Com a luz da tocha improvisada, Ziggy pôde distinguir um buraco no chão, coberto por uma pesada grade de ferro.

— Eles abriram um buraco na pedra. No formato de uma garrafa. E é bem profundo.

Donny e Kenny entreolharam-se. Aquilo estava ficando sério demais para o gosto deles.

— Calma aí, Brian — protestou Donny.

— O quê? Foram vocês mesmos que disseram que os viados não contam. Vamos lá, me deem uma mãozinha aqui. — Ele amarrou uma das pontas da corda de Ziggy na grade. — Vou precisar de vocês dois para suspender isso aqui.

Agarraram a grade, ficando de cócoras para executar a tarefa. Grunhiram, fazendo força. Por um longo e feliz instante, Ziggy pensou que eles não fossem capazes de levantá-la. Mas, por fim, com um arranhão agudo do metal contra a pedra, a grade se moveu. Eles a colocaram de lado e viraram para Ziggy.

— Você tem alguma coisa para me dizer? — perguntou Brian Duff.

— Eu não matei a sua irmã! — disse Ziggy, desesperado. — Você realmente acha que vai conseguir escapar impune depois de me jogar dentro de uma masmorra e me abandonar à morte?

— O castelo fica aberto nos fins de semana durante o inverno. São só alguns dias. Você não vai morrer. Bom, provavelmente não, eu acho. — Ele cutucou Donny no peito e riu. — Ok, pessoal, vamos lançar a bomba.

Seguraram Ziggy e o empurram apressadamente para a estreita abertura. Ele se debateu furiosamente, contorcendo-se. Mas três contra um, seis mãos contra mão nenhuma, ele não tinha a menor chance. Em segundos, estava sentado à beira do buraco circular, as pernas penduradas no ar.

— Não façam isso — implorou ele. — Por favor, não façam isso. Vocês vão passar anos presos. Não façam isso. Por favor. — Ele fungou, tentando não abrir caminho para as lágrimas de pânico que estavam entaladas na sua garganta. — Eu estou implorando.

— É só me dizer a verdade — disse Brian. — É a sua última chance.

— Eu não matei — soluçou Ziggy. — Não matei.

Brian deu um chute nas suas costas, atirando-o violentamente alguns centímetros abaixo. Os ombros de Ziggy foram batendo dolorosamente contra as paredes de pedra do túnel estreito. Então, Brian estacou, a corda apertando cruelmente a barriga de Ziggy. A risada do outro ecoou à sua volta.

— Você achou que fôssemos jogar você até lá embaixo?

— Por favor — soluçou Ziggy. — Eu não a matei. Não sei quem matou. Por favor...

Estava descendo novamente, a corda cedendo aos poucos. Parecia que ia cortá-lo ao meio. Podia ouvir a respiração ofegante deles lá em cima, um palavrão aqui e lá quando a corda queimava uma palma da mão descuidada. A cada passo mergulhava ainda mais na escuridão e as tênues luzinhas bruxuleantes desapareciam no ar úmido e gelado.

Parecia não terminar nunca. Até que ele sentiu uma diferença na qualidade do ar que o rodeava e parou de se chocar contra as paredes. A garrafa estava ficando mais larga. Eles realmente iam até o fim. Realmente iam abandoná-lo ali.

— Não! — gritou ele, o mais alto que pôde. — Não!

Os seus pés rasparam no chão e felizmente atenuaram a força da corda que apertava o seu estômago. A corda acima dele ficou mais frouxa. Uma voz dissonante e descarnada ecoou lá de cima:

— Última chance, chupador. Confessa e a gente te tira daí.

Seria tão fácil. Mas teria sido uma mentira que o levaria a lugares impossíveis. Mesmo para salvar a sua pele, Ziggy não poderia passar por assassino.

— Você está enganado — gritou ele, com toda a força, lá do fundo.

A corda aterrissou na sua cabeça, as suas falcaças surpreendentemente pesadas. Ele ouviu uma última gargalhada zombeteira, depois, silêncio. Um silêncio absoluto, esmagador. O brilho tremeluzente de luz no topo do poço desaparecera. Estava enclausurado nas trevas. Por mais que forçasse os olhos, era impossível enxergar alguma coisa. Fora lançado em uma escuridão total.

Ziggy moveu-se de um lado para o outro, com cuidado. Não dava para calcular se estava muito afastado das paredes e ele não queria dar com o seu rosto delicado em uma parede maciça de pedra. Lembrou-se de ter lido algo sobre caranguejos brancos cegos que evoluíram em cavernas subterrâneas. Em algum lugar das Ilhas Canárias, pensou ele. Gerações inteiras de escuridão tornaram os olhos redundantes. E era aquilo o que ele era agora: um caranguejo cego, esgueirando-se na impenetrabilidade.

A parede surgiu antes do que ele imaginava. Virou-se e deixou os seus dedos sentirem o arenito granuloso. Estava lutando para não entrar em pânico,

concentrando-se somente no ambiente físico onde se encontrava. Não podia se dar ao luxo de especular quanto tempo ficaria preso ali. Acabaria louco, perderia o controle, estouraria o cérebro em uma pedra se parasse para pensar nas possibilidades. Será que teriam mesmo coragem de abandoná-lo ali, para morrer? Brian Duff talvez tivesse, mas os seus amigos não se arriscariam.

Ziggy ficou de costas para a parede e foi escorregando aos poucos, até sentar no chão gelado. O corpo todo estava doído. Provavelmente não havia nada quebrado, mas sabia que não era preciso ter fraturas para experimentar um tipo de dor que demanda analgésicos fortes.

Sabia que não podia ficar sentado ali, sem fazer nada. O seu corpo ficaria enrijecido e as suas juntas teriam câimbra se ele não continuasse a se movimentar. Morreria de frio naquela temperatura se não mantivesse o sangue circulando e não estava disposto a dar essa alegria àqueles desgraçados. Precisava soltar as mãos. Ziggy abaixou a cabeça o máximo que pôde, encolhendo-se de dor devido aos ferimentos nas costelas e na espinha. Se esticasse as mãos, até o máximo que a corda permitia, poderia alcançar o nó com os dentes.

Enquanto lágrimas silenciosas de dor e comiseração escorriam pelo seu nariz, Ziggy começou a batalha mais crucial da sua vida.

16

Alex ficou surpreso ao encontrar a casa vazia quando voltou. Ziggy não tinha dito que ia sair e Alex imaginou que ele ficaria em casa estudando. Talvez tivesse ido visitar um dos seus colegas de Medicina. Ou talvez Mondo tivesse voltado e eles tivessem saído para tomar uma cerveja. Não que estivesse preocupado. Só porque fora atacado por Cavendish e o seu grupo não significava que tivesse motivos para acreditar que algo ruim tinha acontecido com Ziggy.

Alex preparou uma xícara de café e umas torradas. Sentou-se à mesa na cozinha, com as suas anotações sobre a palestra diante de si. Sempre tivera certa dificuldade para distinguir os pintores venezianos na sua cabeça, mas os slides daquela noite serviram para esclarecer alguns elementos e ele queria se certificar de que havia compreendido tudo. Estava rabiscando algumas anotações quando Esquisito adentrou na cozinha, repleto de uma sincera bonomia.

— Rapaz, que noite a minha! — disse, entusiasmado. — Lloyd conduziu um estudo da Bíblia absolutamente inspirado, sobre a Carta aos Efésios. É impressionante como ele consegue extrair tanta coisa do texto.

— Que bom que você se divertiu — respondeu Alex, distraído. As entradas de Esquisito eram repetitivas e dramáticas, desde que começara a sair com os cristãos. Alex há muito deixara de prestar atenção nelas.

— Cadê Zig? Estudando?

— Saiu. Não sei para onde. Se você vai esquentar água para você, aceito um outro café.

A chaleira mal havia esquentado quando eles ouviram o barulho da porta da sala se abrindo. Para a surpresa de ambos, era Mondo, e não Ziggy.

— Olá, desconhecido — disse Alex. — Ela expulsou você?

— Está em crise por causa de uma dissertação — disse Mondo, pegando uma xícara e servindo-se de café. — Se eu ficasse por lá, não ia nem conseguir dormir, ela ia ficar reclamando o tempo todo. Então, resolvi agraciá-los com a minha presença. Cadê Ziggy?

— Não sei. Por acaso sou o guardião dos meus irmãos?

— Gênesis, capítulo quatro, versículo nove — disse Esquisito, convencido.

— Puta que pariu, Esquisito — disse Mondo. — Você ainda não saiu dessa?

— Você não “sai” de Jesus, Mondo. Mas eu não espero que alguém superficial como você compreenda isso. Falsos deuses, é isso o que você está

adorando.

Mondo riu.

— Pode até ser. Mas ela paga o melhor dos boquetes.

Alex gemeu.

— Não aguento mais. Vou me deitar. — Deixou os dois discutindo e foi embora, deleitar-se com a paz de um quarto só para ele novamente. Não mandaram ninguém para ficar no lugar de Cavendish e de Greenhalgh, então ele se mudou para o antigo quarto de Cavendish. Parou diante da soleira, olhando para o quarto com os instrumentos. Mal conseguia lembrar qual fora a última vez que sentaram juntos para tocar. Até o presente semestre, tocavam praticamente todos os dias, por pelo menos meia hora. Mas aquilo era outra coisa que ficara para trás, junto com a intimidade.

Talvez isso fosse de fato o que acontece quando se fica mais velho. Mas Alex suspeitava que tinha mais a ver com o que a morte de Rosie Duff os ensinara sobre eles próprios e sobre os outros. Não havia sido uma jornada muito edificante até agora. Mondo refugiara-se em egoísmo e sexo; Esquisito desaparecera para um planeta distante, cujo próprio idioma parecia incompreensível. Só Ziggy continuara sendo o seu amigo íntimo de sempre. E agora, até mesmo ele começara a desaparecer sem dar satisfações. E por baixo de tudo isso, suspeita e dúvida corroíam os seus espíritos. Mondo fora o único a pronunciar as palavras perniciosas, mas Alex já fornecera um belo banquete para a sua própria pulga atrás da orelha.

Uma parte dele esperava que as coisas acalmassem e voltassem ao normal. Mas a outra parte sabia que algumas coisas, uma vez quebradas, não podiam ser restauradas. Pensar em restauração fez com que ele se lembrasse de Lynn, trazendo um sorriso aos seus lábios. Iam para Edimburgo assistir a um filme. *O Céu Pode Esperar*, com Julie Christie e Warren Beatty. Uma comédia romântica parecia um bom ponto de partida. Era um acordo tácito entre eles não saírem juntos em Kirkcaldy. Muita gente fofoqueira, que gosta de julgar os outros.

Mas talvez contasse a Ziggy. Ia contar a ele naquela noite. Mas, como o céu, aquilo também podia esperar. Afinal, eles não iam a lugar nenhum.

Ziggy daria tudo o que tinha para estar em qualquer outro lugar. Parecia que já estava ali há horas, encarcerado na masmorra. Estava congelando de tanto frio. A mancha úmida na sua calça, do lugar onde fizera xixi, estava gelada e o seu pau e os seus colhões estavam tão encolhidos que pareciam os de uma criança. E ainda não tinha conseguido libertar as mãos. A câimbra arrebatara os seus braços e as suas pernas em espasmos, fazendo-o chorar de tanta dor. Mas, finalmente,

começava a sentir o nó cedendo.

Abocanhou a corda de náilon novamente com a sua mandíbula dolorida e sacudiu a cabeça para lá e para cá. Sim, com certeza estava cedendo. Ou então ele estava tão desesperado que aquele progresso não passava de uma alucinação. Um puxão para a esquerda, seguido de um empurrão para trás. Repetiu o movimento várias vezes. Quando a ponta da corda finalmente se desenrolou, resvalando em seu rosto, Ziggy caiu no choro.

Uma vez libertado esse nó, o resto cedeu com facilidade. De uma só vez, ficou com as mãos livres. Dormentes, mas livres. Os seus dedos estavam tão inchados e frios como salsichas congeladas. Enfiou as mãos dentro da jaqueta, alojando os dedos no sovaco. Axilas, pensou ele, lembrando-se que o frio era inimigo da mente, que desacelerava o cérebro. “Lembre-se das aulas de anatomia”, disse ele, em voz alta, recordando-se de como ele e um colega haviam achado graça ao lerem o procedimento para recolocar um ombro deslocado no lugar. “Coloque o pé, usando meia ou meia-calça, nas axilas”, ensinava o texto. “Lição número 1 para médicos que gostam de se vestir de mulher”, zombou o seu colega. “Não posso me esquecer de levar uma meia-calça de seda preta, caso me depare com um deslocamento.”

É assim que eu vou conseguir sobreviver, pensou ele. Memória e movimento. Agora que estava com os braços livres para se equilibrar, poderia tentar se mover. Poderia correr sem sair do lugar. Um minuto de corrida, dois minutos de descanso. O que seria ótimo, se ele conseguisse ver o seu relógio, pensou ele, reconhecendo a burrice da ideia. Pela primeira vez na vida, desejou ser um fumante, pois teria fósforos, um isqueiro. Alguma coisa que quebrasse aquela escuridão aterradora. “Privação sensorial”, disse ele. “Quebre o silêncio. Fale sozinho. Cante alguma coisa.”

O formigamento em suas mãos fez com que ele se contorcesse. Tirou as mãos da jaqueta e sacudiu vigorosamente os punhos. Tentou, muito desajeitado, fazer com que uma massageasse a outra e, aos poucos, a dormência foi passando. Tocou a parede, alegre por sentir a firmeza do arenito. Estava começando a ficar preocupado com um dano permanente causado pela má circulação. Os seus dedos continuavam inchados e enrijecidos, mas pelo menos podia senti-los novamente.

Ficou de pé e começou a levantar os pés, ensaiando uma corrida. Esperou a circulação aumentar e depois parou até que ela voltasse ao normal. Lembrou de todas as tardes em que detestara as aulas de Educação Física. Professores de ginástica sádicos, corridas sem fim e rúgbi. Movimento e memória.

Ia sobreviver. Não ia?

Amanheceu, e nada de Ziggy na cozinha. Preocupado, Alex foi até o quarto dele. Nada. Era difícil dizer se ele passara a noite na cama ou não, já que Alex duvidava muito que Ziggy tivesse feito a cama alguma vez, desde o início do semestre. Voltou até a cozinha, onde Mondo estava devorando uma farta tigela de cereal.

— Estou preocupado com o Ziggy. Acho que ele não voltou para casa ontem.

— Você parece uma velha, Gilly. Não te passou pela cabeça que ele pode ter se dado bem?

— Acho que ele teria mencionado essa possibilidade.

Mondo bufou.

— Não o Ziggy. Quando ele não quer que a gente saiba, é impossível descobrir. Ele não é transparente, como eu e você.

— Mondo, há quanto tempo nós moramos juntos?

— Há três anos e meio — respondeu Mondo, revirando os olhos.

— E quantas vezes Ziggy dormiu fora de casa?

— Sei lá, Gilly. Caso você não tenha notado, eu mesmo costumo me ausentar da base com uma certa frequência. Ao contrário de você, eu tenho uma vida além dessas quatro paredes.

— Eu não chego a ser um monge, Mondo. Mas até onde sei, Ziggy nunca passou uma noite fora. E eu estou preocupado porque não tem muito tempo que Esquisito levou aquela surra dos irmãos Duff. E ontem, eu briguei com Cavendish e os amiguinhos dele. E se ele se meteu em uma briga? E se foi parar no hospital?

— E se ele dormiu com alguém? Preste atenção no que você está falando, Gilly, você parece até a minha mãe.

— Vai se danar, Mondo. — Alex apanhou a jaqueta e se dirigiu para a porta.

— Aonde você vai?

— Vou ligar para Maclennan. Se ele me disser que eu pareço a mãe dele, então eu calo a minha boca, valeu? — Alex bateu a porta ao sair. Estava com um outro medo, que não dividira com Mondo. E se Ziggy tivesse saído atrás de sexo e tivesse sido preso? Aquela era a pior das hipóteses.

Foi até as cabines telefônicas no prédio da administração e ligou para a delegacia. Para a sua surpresa, passaram a ligação direto para Maclennan.

— Sou eu, Alex Gilbey, inspetor — disse ele. — Eu sei que isso provavelmente vai soar como uma perda de tempo para o senhor, mas estou preocupado com Ziggy Malkiewicz. Ele não voltou para casa ontem à noite, coisa que nunca fez antes...

— E depois do que aconteceu com o Sr. Mackie, você ficou um pouco apreensivo, não é? — completou Maclennan.

— Exatamente.

— Você está em Fife Park agora?

— Estou.

— Não saia. Estou indo para aí.

Alex não sabia se ficava aliviado ou preocupado com o fato de o detetive tê-lo levado a sério. Voltou para casa e disse para Mondo que a polícia ia bater por lá.

— Ele vai te agradecer muito quando aparecer aqui com cara de acabei-de-trepar — disse Mondo.

Quando Maclennan chegou, Esquisito havia se juntado aos outros dois. Esfregando o seu nariz recém-curado, ele disse:

— Estou com Gilly dessa vez. Se Ziggy bateu de frente com os irmãos Duff, pode estar até no CTI agora.

Maclennan quis saber com Alex tudo o que havia se passado na véspera.

— E você não faz ideia de onde ele possa ter ido?

Alex fez um gesto negativo com a cabeça.

— Ele não disse que ia sair.

Maclennan lançou um olhar perspicaz para Alex.

— Você sabe se ele costuma buscar parceiros em lugares públicos?

— Como assim, buscar parceiros? — perguntou Esquisito.

Mondo o ignorou e olhou feroz para Maclennan.

— O que você quer dizer com isso? Você está chamando o meu amigo de bicha?

Esquisito parecia ainda mais atarantado.

— Como assim, parceiros? Quem é bicha?

Furioso, Mondo se virou para Esquisito.

— Buscar parceiros é o que os viados fazem. Pegam estranhos em banheiros públicos e trepam com eles. — Fez um gesto com o dedão para Maclennan. — Por algum motivo, o nosso amigo da polícia aí acha que Ziggy é viado.

— Mondo, cala a boca — pediu Alex. — Vamos conversar sobre isso depois. — Os outros dois ficaram surpresos com o súbito acesso de autoridade de Alex, confusos com o rumo que a história estava tornando. Alex virou-se para Maclennan. — Ele às vezes vai a um pub em Edimburgo. Mas nunca comentou nada sobre lugares por aqui, em St. Andrews. O senhor acha que ele pode ter sido preso?

— Eu dei uma olhada nas celas antes de vir para cá. Ele não passou por nós.

— O rádio de Maclennan deu sinal de vida e ele foi até o corredor para responder ao chamado. As suas palavras alcançaram a cozinha. — O castelo? Você está brincando... Na verdade, acho que sei quem é, sim. Mande os bombeiros para o local. Eu encontro com você lá.

Ele reapareceu na cozinha, visivelmente preocupado.

— Acho que o encontraram. Um dos guias do castelo chamou a polícia. Ele faz uma ronda todas as manhãs. Ele ligou para a polícia dizendo que tem alguém na Masmorra da Garrafa.

— Na Masmorra da Garrafa? — perguntaram os três, ao mesmo tempo.

— É uma prisão subterrânea cavada em uma pedra, embaixo de uma das torres. Tem o formato de uma garrafa. Uma vez lá dentro, não dá para sair. Tenho que ir lá, ver o que está acontecendo. Vou pedir para alguém deixar vocês informados.

— Não. Vamos com o senhor — insistiu Alex. — Se ele ficou entalado lá a noite toda, merece ver um rosto amigo.

— Desculpem, rapazes. Não dá, não. Se quiserem ir por conta própria, eu deixo um recado para eles autorizarem a entrada de vocês. Mas eu não quero ninguém atrapalhando uma operação de resgate. — E, assim, ele se foi.

Assim que a porta se fechou, Mondo partiu para cima de Alex.

— Que diabos foi aquilo, hein? Gritando com a gente daquele jeito? E que história é essa de buscar parceiros?

Alex olhou para o outro lado.

— Ziggy é gay — disse ele.

Esquisito reagiu, incrédulo.

— Não, não é, não. Como ele pode ser gay? Nós somos os seus melhores amigos, íamos saber.

— Eu sei — disse Alex. — Ele me contou há uns dois anos.

— Maravilha — disse Mondo. — Obrigado por compartilhar isso com a gente, Gilly. Pro diabo com “Um por todos e todos por um”. Não éramos bons o bastante para saber da novidade, né? Você pode saber, mas nós não temos o direito de ficar sabendo que o nosso suposto melhor amigo é viado.

Alex encarou Mondo.

— Bom, julgando pela sua reação tolerante e tranquila, eu diria que Ziggy acertou em cheio em sua escolha.

— Você deve ter entendido errado — teimou Esquisito. — Ziggy não é gay. Ele é normal. Gays são nojentos. São uma abominação. Ziggy não é assim.

Aquela foi a gota d’água para Alex. Raramente perdia a cabeça, mas quando isso acontecia, era um espetáculo de tirar o fôlego. O seu rosto ficou vermelho e ele bateu com a mão espalmada na parede.

— Calem a boca, vocês dois! Estou com vergonha de ser amigo de vocês. Não quero mais ouvir uma palavra intolerante de nenhum dos dois. Durante quase dez anos, Ziggy cuidou de nós três. Foi nosso amigo, sempre estendeu a mão pra gente, nunca nos decepcionou. E daí se ele gosta mais de homem do que de mulher? Eu estou cagando pra isso. Não quer dizer que ele esteja interessado em mim, ou em vocês, do mesmo modo que não estou interessado em qualquer mulher que tenha um par de peitos. Não quer dizer que eu tenho que tomar cuidado no chuveiro, pelo amor de Deus. Ele continua sendo a mesma pessoa. Eu continuo amando ele como um irmão. Continuo colocando a mão no fogo por ele, e vocês também deveriam continuar. E você — acrescentou ele, espetando um dedo no peito de Esquisito. — Você se diz cristão? Como ousa julgar um homem que vale uma dúzia de homens como você e os seus fanáticos aloprados? Você não merece um amigo como o Ziggy. — Ele apanhou o casaco, de supetão. — Eu estou indo lá para o castelo. E não quero ver a cara de vocês por lá, a não ser que já tenham recobrado a porra da consciência.

Quando ele bateu a porta, até as janelas chacoalharam.

Quando Ziggy viu uma tênue claridade, pensou novamente que estava tendo uma alucinação. Oscilara entre a consciência e a inconsciência em uma espécie de delírio, mas percebera, em seus momentos lúcidos, que estava começando a fazer um quadro de hipotermia. Apesar de todos os seus esforços para se manter em movimento, a letargia era um adversário e tanto. De vez em quando, deixava-se cair no chão desmaiado, a sua cabeça vagando pelos caminhos mais estranhos. Em uma dessas vezes, pensou que o pai estivesse com ele, conversando sobre as chances do seu time chegar à final do campeonato. Bom, aquilo era definitivamente surreal.

Não fazia ideia de quanto tempo passara ali embaixo. Mas quando a luz apareceu, sabia o que tinha de fazer. Pulou, gritando com toda a força.

— Socorro! Socorro! Estou aqui embaixo. Socorro!

Por um longo momento, nada aconteceu. Então, a luz machucou os seus olhos. Ziggy tapou o rosto da claridade.

“Olá?”, ecoou a voz lá embaixo, preenchendo a câmara.

— Me tirem daqui! — gritou Ziggy. — Por favor, me tirem daqui.

— Vou buscar ajuda — gritou a voz. — Se eu jogar a lanterna, você consegue apanhar?

— Espera aí — gritou Ziggy. Não confiava nas mãos. E, depois, a lanterna ia descer com a velocidade de uma bala. Tirou a jaqueta e o suéter, dobrou-os e os colocou no centro da tênue poça de luz. — Tudo bem, pode jogar agora —

gritou ele.

A lanterna desceu ricocheteando e se chocando contra as paredes, produzindo loucos efeitos de luz diante das suas espantadas retinas. A saída do poço se iluminou de repente e então uma pesada lanterna aterrissou mansamente na jaqueta de lã de carneiro. As lágrimas ardiam nos olhos de Ziggy, uma reação fisiológica e emocional ao mesmo tempo. Apanhou a lanterna, trazendo-a de encontro ao peito, como um talismã.

— Obrigado — soluçou ele. — Obrigado, obrigado, obrigado.

— Vou voltar o mais rápido possível, está bem? — disse a voz, desaparecendo à medida que o seu dono se afastava.

Agora era possível suportar aquilo, pensou Ziggy. Estava com uma lanterna. Jogou luz pelas paredes. O arenito vermelho escuro estava desgastado em alguns cantos, o teto e as paredes enegrecidas com manchas de fuligem e sebo. Deveria ser como a antessala do inferno para os prisioneiros que haviam sido mantidos ali. Pelo menos ele sabia que ia ser resgatado, e em breve. Mas, para eles, a luz deve ter servido apenas para aumentar o seu desespero — o reconhecimento de que era inútil nutrir qualquer esperança de fuga.

Quando Alex chegou ao castelo, dois carros de polícia, um do corpo de bombeiros e uma ambulância estavam estacionados do lado de fora. A visão da ambulância lhe deu um aperto no peito. O que será que acontecera com Ziggy? Não encontrou nenhum empecilho para entrar; Maclennan mantivera a sua palavra. Um dos bombeiros lhe indicou o caminho, do outro lado do pátio coberto de grama, na Torre do Mar, onde ele encontrou uma cena de calma eficiência. Os bombeiros armaram um gerador portátil para iluminar a cena e um sarilho. Uma corda foi arremessada dentro de um buraco no meio do chão. Alex estremeceu ao ver a cena.

— É o Ziggy mesmo. O bombeiro acabou de descer em uma espécie de guindaste. Como uma boia-calção, sabe como? — perguntou Maclennan.

— Acho que sim. O que aconteceu?

Maclennan deu de ombros.

— Ainda não sabemos.

Enquanto falavam, uma voz surgiu, lá de baixo.

— Pode mandar subir.

O bombeiro operando o sarilho apertou um botão e a maquinaria começou a roncar, em ação. A corda ia se enrolando em um cilindro, centímetro a centímetro, em uma espera tantalizante. Parecia não ter mais fim. Então o rosto familiar de Ziggy surgiu. Ele estava um caco; o rosto manchado de sangue e

sujeira. Um dos olhos estava inchado e machucado, o lábio cortado. Ele piscava diante das luzes, mas assim que os seus olhos se acostumaram com a claridade e ele viu Alex, ensaiou um sorriso.

— Ei, Gilly — disse ele. — Que bom que você veio me visitar.

Quando já estava com o torso para fora, mãos prestativas o puxaram, ajudando-o a sair. Ziggy cambaleou, desorientado e exausto. Em um impulso, Alex correu em sua direção e tomou o amigo em seus braços. Pôde sentir um cheiro acre de suor e urina, sobreposto ao mau cheiro de terra.

— Está tudo bem — disse Alex, abraçando-o com força. — Está tudo bem agora.

Ziggy retribuía o abraço como se a sua própria vida dependesse dele.

— Tive tanto medo de morrer lá embaixo — sussurrou ele. — Não podia ficar pensando nisso, mas nunca tive tanto medo de morrer na minha vida.

17

Maclennan saiu às pressas do hospital. Quando alcançou o carro, bateu com as mãos no teto. Aquele caso era um pesadelo. Nada havia dado certo desde a noite em que Rosie Duff fora assassinada. E agora a vítima de sequestro, agressão e cárcere privado se recusava a prestar queixa dos seus agressores. Segundo Ziggy, ele fora atacado por três homens. Mas estava escuro e ele não pôde ver os seus rostos direito. Também não reconheceu as vozes e eles não se chamaram pelo nome. E, sem mais nem menos, jogaram-no dentro da Masmorra da Garrafa. Maclennan chegou a ameaçá-lo de prisão por obstrução da justiça, mas um Ziggy pálido e exausto o olhou nos olhos e disse: “Eu não estou pedindo para você investigar nada, então como posso estar obstruindo a justiça? Foi apenas uma brincadeira que passou dos limites, nada mais.”

Escancarou a porta do lado do carona e se lançou para dentro do carro. Janice Hogg, que estava na direção, lançou um olhar interrogativo para ele.

— Ele disse que foi uma brincadeira que passou dos limites. Não quer prestar queixa, nem sabe quem foram os responsáveis.

— Brian Duff — disse Janice, decidida.

— Por que tanta certeza?

— Quando o senhor estava lá dentro, esperando eles darem uma olhada em Malkiewicz, eu fiz algumas perguntas por aí. Duff e os seus dois amiguinhos do peito andaram bebendo perto do porto ontem à noite. Estavam próximos do castelo. Saíram de lá por volta de nove e meia. E, de acordo com o dono do bar, eles estavam com cara de que iam aprontar alguma.

— Bom trabalho, Janice. Mas isso não prova nada.

— Por que o senhor acha que Malkiewicz não quer prestar depoimento? O senhor acha que ele está com medo de sofrer represálias?

Maclennan suspirou.

— Não as do tipo que você está imaginando. Acho que ele estava procurando um parceiro lá pela igreja. Ele está com medo porque acha que se entregar Duff e os amigos, eles vão até o tribunal afirmar que Ziggy Malkiewicz é bicha. O rapaz quer ser médico. Ele não vai correr esse risco. Meu Deus, como eu detesto esse caso. Para qualquer lado que eu viro, me deparo com um beco sem saída.

— O senhor pode dar uma prensa no Duff.

— E dizer o quê?

— Não sei, senhor. Mas talvez isso o faça se sentir melhor.

Maclennan olhou para Janice, surpreso. Então, abriu um sorriso.

— Você tem razão, Janice. Malkiewicz pode ainda ser um suspeito, mas só nós é que temos o direito de dar uma surra nele. Vamos para Guardbridge. Já faz tempo que eu não visito aquela fábrica de papel.

Brian Duff adentrou o escritório do gerente com o andar pretensioso de quem acha que sabe tudo. Inclinou-se contra a parede e deitou um olhar arrogante sobre Maclennan.

— Não gosto de ser interrompido em meu trabalho — disse ele.

— Cale a boca, Brian — respondeu Maclennan, com desprezo.

— Isso não são modos para com um cidadão, inspetor.

— Não estou falando com um cidadão, estou falando com um arruaceiro de merda. Eu sei o que você e os seus amiguinhos idiotas andaram fazendo ontem à noite, Brian. E sei que você pensa que vai escapar ileso porque conhece o segredo de Ziggy Malkiewicz. Bom, eu estou aqui para provar o contrário. — Ele se aproximou de Brian, ficando cara a cara com ele. — Daqui para a frente, Brian, você e o seu irmão são cartas marcadas. Se ultrapassar um quilômetro por hora acima do limite de velocidade naquela sua moto, vai ser parado. Um drinque a mais, e vai ser submetido ao bafômetro. Um mísero sopro em qualquer um daqueles quatro rapazes e você vai preso na hora. E dessa vez, por bem mais do que três meses. — Maclennan parou para respirar.

— Isso é abuso de autoridade — disse Brian, com a sua arrogância apenas levemente neutralizada.

— Não, não é não. Abuso de autoridade é quando você acidentalmente cai da escada a caminho da sua cela. Quando tropeça e quebra o nariz contra a parede. — Com um movimento súbito e veloz, Maclennan agarrou o saco de Brian. Ele apertou o máximo que pôde, girando o punho firmemente.

Brian gritou, ficando pálido. Maclennan o soltou, dando um ligeiro passo para trás. Brian se curvou, xingando entre os dentes.

— Isso é abuso de autoridade, Brian. Pode ir se acostumando. — Maclennan abriu a porta. — Caramba. Acho que o Brian deu uma pancada na mesa e acabou se machucando — disse ele para a assustada secretária na antessala. Sorriu quando passou por ela, cruzou a porta e saiu, de volta para a fria luz da manhã. Entrou no carro.

— Você estava certa, Janice. Estou me sentindo bem melhor agora — disse ele, abrindo um sorriso.

Nenhum trabalho estava sendo executado naquele dia na pequena casa em Fife Park. Mondo e Esquisito perambulavam para lá e para cá na sala de música, mas violão e bateria não faziam uma bela dupla e Alex obviamente não estava a fim de participar. Estava deitado na cama, tentando compreender os seus sentimentos sobre o que havia acontecido com eles quatro. Sempre se perguntara por que Ziggy hesitava tanto diante da possibilidade de compartilhar o seu segredo com os outros dois. No fundo, Alex achava que eles o aceitariam porque conheciam Ziggy bem o suficiente para reagir de outra forma. Mas subestimara o poder da intolerância impensada. Não gostava nem um pouco do que a reação dos seus amigos dizia sobre eles. E aquilo o levara a questionar o seu próprio julgamento. O que estava fazendo ali, investindo tanto tempo e energia em pessoas que, no fundo, tinham uma mentalidade tão tacanha quanto o babaca do Brian Duff? A caminho da ambulância, Ziggy contara para Alex o que havia acontecido, sussurrando em seu ouvido. O que deixava Alex mais assustado era pensar que os seus amigos compartilhavam os mesmos preconceitos do bando que atacara Ziggy.

Tudo bem, Esquisito e Mondo não seriam capazes de sair por aí espancando gays na falta do que fazer para se divertir à noite. Mas nem todos em Berlim fizeram parte da Noite dos Cristais. E vejam onde isso foi parar. Ao compartilhar a mesma intolerância, você acaba dando um apoio tácito aos extremistas. Para que o mal triunfe, lembrou-se Alex, basta que os homens bons cruzem os braços.

Podia quase compreender a atitude de Esquisito. Ele se enfiara no meio de um bando de fundamentalistas que o obrigavam a engolir a doutrina inteirinha. Você não podia eliminar as partes de que não gostava.

Mas não havia desculpa para Mondo. Ele estava se comportando de tal forma que Alex não tinha sequer vontade de sentar ao lado dele à mesa.

Estava tudo desabando e ele não sabia como impedir.

Ouviu um barulho na porta da frente e pulou da cama, descendo as escadas depressa. Ziggy estava encostado na parede, com um sorriso incerto nos lábios.

— Você não devia estar no hospital? — perguntou Alex.

— Eles queriam me manter em observação. Mas eu posso fazer isso em casa. Não tem cabimento ficar ocupando uma cama por lá.

Alex o ajudou a ir até a cozinha e colocou água para ferver na chaleira.

— Você não teve hipotermia?

— Muito de leve. Não foi nada muito grave, não. Eles conseguiram reajustar a minha temperatura corporal, então, beleza. Não quebrei nada, só fiquei machucado mesmo. Não estou urinando sangue, então os meus rins devem estar funcionando bem. Prefiro sofrer na minha cama do que ter que aturar médicos e enfermeiras rindo da minha cara e fazendo piadinhas sobre médicos

que não sabem se curar.

Ouviram alguns passos na escada e em seguida Mondo e Esquisito apareceram na soleira da porta, ressabiados.

— Bom te ver, cara — disse Esquisito.

— Podes crer — concordou Mondo. — Que diabos aconteceu?

— Eles já sabem, Ziggy — interrompeu Alex.

— Você contou a eles? — O tom de acusação na voz de Ziggy saiu mais cansado do que irritado.

— Maclennan nos contou — respondeu Mondo, bruscamente. — Ele só confirmou.

— Melhor assim — disse Ziggy. — Não acho que Brian e os seus amigos selvagens estivessem procurando especificamente por mim. Acho que eles saíram dispostos a sacanear os viados e acabaram dando de cara comigo e um carinha lá na igreja de Santa Maria.

— Vocês estavam transando na igreja? — A voz de Esquisito não escondia o seu horror.

— É uma ruína — acudiu Alex. — Não é necessariamente um solo sagrado. — Esquisito parecia prestes a dizer mais alguma coisa, mas o olhar de Alex fez com que ele engolisse o seu comentário na hora.

— Você estava transando com um estranho ao ar livre, em uma noite gelada de inverno? — perguntou Mondo, com uma mistura de nojo e desprezo.

Ziggy olhou para ele, demoradamente.

— Você preferiria que eu o trouxesse para cá?

Mondo não respondeu.

— Não, acho que não. Ao contrário da torrente de mulheres que você despeja sobre nós regularmente.

— É diferente — disse Mondo, jogando o peso do corpo de uma perna para a outra.

— Por quê?

— Bom, para começar, não é contra a lei — respondeu ele.

— Obrigado pelo apoio, Mondo. — Ziggy ficou de pé, devagar e com dificuldade, como um senhor idoso. — Vou me deitar.

— Você ainda não contou para a gente o que aconteceu — disse Esquisito, demonstrando um tato excepcional, como sempre.

— Quando eles perceberam que era eu, Brian quis que eu confessasse. Como eu não tinha nada a confessar, eles me amarraram e me jogaram lá embaixo, na Masmorra da Garrafa. Não foi a melhor noite da minha vida. Agora, se vocês me derem licença...

Mondo e Esquisito abriram caminho para ele passar. As escadas eram

estreitas demais para duas pessoas, então Alex não se ofereceu para ajudar. Achava que Ziggy não ia aceitar mesmo, nem vindo dele.

— Por que vocês dois não se mudam e vão morar com alguém com quem se sintam mais confortáveis, hein? — perguntou Alex, ao passar por eles. Apanhou os seus livros e o seu casaco. — Estou indo para a biblioteca. Seria ótimo se vocês dois já não estivessem mais por aqui quando eu voltar para casa.

Algumas semanas se passaram no que parecia ser uma trégua desconfortável. Esquisito passava a maior parte do tempo estudando na biblioteca, ou com os seus amigos evangélicos. Ziggy parecia ter recuperado o seu *sang froid* à medida que os seus machucados físicos cicatrizavam, mas Alex percebeu que ele não gostava de sair sozinho à noite. Alex meteu a cara nos estudos, mas procurava estar por perto quando Ziggy precisava de companhia. Foi passar um fim de semana em Kirkcaldy e levou Lynn para Edimburgo. Almoçaram em uma pequena cantina italiana com uma decoração efusiva e foram ao cinema. Andaram desde a rodoviária até a casa dela, a cinco quilômetros do centro da cidade. Enquanto atravessavam a fileira de árvores que ocultavam o Dunnikier Estate da estrada principal, ela o puxou para as sombras e o beijou, com paixão. Ele voltou para casa cantarolando.

A pessoa mais afetada pelos últimos acontecimentos, paradoxalmente, parecia ser Mondo. A história do ataque que Ziggy sofrera se espalhou pela universidade como fogo. A versão que chegou ao conhecimento do público deixou de fora, convenientemente, a primeira parte da história, mantendo intacta a sua privacidade. Mas uma maioria considerável estava se referindo a eles como suspeitos, como se houvesse alguma justificativa para o que fizeram com Ziggy. Haviam se tornado párias.

A namorada de Mondo terminou com ele, sem cerimônia. Estava preocupada com a sua reputação, disse ela. Ele não conseguiu arrumar outra com facilidade. As meninas não retribuíam mais os seus olhares. Elas se afastavam quando ele se aproximava para puxar um assunto nos bares e nas discotecas.

Os seus colegas no curso de Francês também deixaram bem claro que não o queriam por perto. Estava isolado de uma maneira que nenhum dos outros três estava. Esquisito tinha os cristãos; os colegas de Medicina de Ziggy estavam firmes do seu lado; Alex não dava a mínima para o que os outros pensavam, tinha Ziggy e, embora Mondo não soubesse, tinha Lynn.

Perguntava-se se ainda dispunha de um ás na manga, mas tinha medo de exibir as suas cartas, com receio de que esse trunfo não fosse suficiente. Não era exatamente fácil abordar a pessoa com quem precisava falar e, até agora,

fracassara lamentavelmente em suas tentativas de fazer contato. Não conseguia nem esboçar um exercício em interesse pessoal mútuo. Porque estava convencido de que era disso que se tratava. Não chantagem. Apenas uma pequena reciprocidade. Mas até mesmo isso parecia fora do seu alcance. Era de fato um fracasso completo; transformava tudo o que tocava em lixo.

O mundo era a sua ostra e agora tudo o que Mondo podia sentir era um gosto de areia. Sempre fora o mais emocionalmente frágil do quarteto e, sem o apoio dos outros três, desabou. A depressão o cobriu como um cobertor bem pesado, abafando o mundo lá fora. Ele passou até mesmo a falar como uma pessoa que carrega uma cruz pesada demais nas costas. Não conseguia estudar, não conseguia dormir. Parou de tomar banho e de se barbear, mudando raramente de roupa. Passava horas intermináveis prostrado em sua cama, olhando para o teto e ouvindo fitas do Pink Floyd. Ia para pubs onde sabia que ninguém o conhecia e bebia até não poder mais, rabugento. Depois, saía cambaleando pela madrugada e perambulava pela cidade até o dia clarear.

Ziggy tentou conversar com ele, mas Mondo não quis ouvir. No fundo, culpava Ziggy, Esquisito e Alex pelo que acontecera com ele e não queria aceitar o que, aos seus olhos, não passava de piedade. Aquilo seria o golpe de misericórdia para ele. Queria amigos de verdade, que o valorizassem, e não pessoas que tivessem pena dele. Queria amigos em quem pudesse confiar, e não amigos que o deixassem preocupado em relação ao que podia acontecer com ele, só porque se dava com essas pessoas.

Uma noite, ao voltar trôpego de um pub, foi parar em um pequeno hotel perto do porto. Dirigiu-se até o bar e pediu um chope, embaralhando as palavras. O barman olhou para ele com um desprezo parcamente disfarçado e disse:

— Sinto muito, meu filho. Mas não vou te servir.

— Como assim, não vai me servir?

— Este é um lugar de respeito e você parece um vagabundo. Eu tenho todo o direito de recusar atender qualquer pessoa que eu não queira bebendo aqui dentro. — Ele sinalizou com o polegar um aviso na parede que respaldava as suas palavras. — Pra rua.

Mondo olhou para ele, sem acreditar. Olhou em volta, buscando o apoio dos outros fregueses. Todos evitavam deliberadamente olhar para ele.

— Vá se foder — disse ele, jogando um cinzeiro no chão e correndo para a rua.

Durante o breve período em que esteve dentro do pub, a chuva violenta que estava ameaçando cair durante todo o dia descera sobre a cidade, varrendo as ruas com a ajuda do forte vento leste. Em questão de segundos, estava ensopado até os ossos. Mondo enxugou a chuva do rosto e percebeu que estava chorando.

Não aguentava mais aquilo. Não podia suportar mais um dia de sofrimento e inutilidade. Não tinha amigos, as mulheres o desprezavam e sabia que ia perder o ano porque não fizera um trabalho sequer na universidade. Ninguém se importava, porque ninguém compreendia.

Bêbado e deprimido, arrastou-se pela rua até o castelo. Não aguentava mais. Ia mostrar para todos qual era o seu ponto de vista. Escalou o parapeito e ficou lá, cambaleante, à beira do penhasco. Abaixo, o mar chocava-se violentamente contra as pedras, lançando um chafariz de espuma no ar. Mondo aspirou aquele ar salgado e sentiu-se curiosamente em paz, olhando para o mar revolto lá embaixo. Abriu os braços, deixou a chuva cair no seu rosto e lançou o seu grito de dor aos céus.

18

Maclennan estava passando pela central de rádio na delegacia quando ouviu o chamado. Decodificou o número da ocorrência. Suicídio em potencial no penhasco do castelo. Não era exatamente da alçada do DIC e, além do mais, estava de folga. Só passara por lá para organizar uns papéis. Podia sair dali, chegar em casa em dez minutos, uma latinha de cerveja em punho e o suplemento esportivo do jornal aberto no colo. Como quase todos os dias, desde que Elaine o deixara.

Sem discussão.

Enfiou a cabeça na porta da sala dos rádios.

— Diga que eu estou a caminho — disse ele. — E envie o barco salva-vidas de Anstruther.

O operador olhou para ele, surpreso, mas fez um sinal afirmativo com o dedão. Maclennan dirigiu-se até o estacionamento. Deus, que tarde horrorosa. O tempo por si só já era suficiente para alguém querer se suicidar. Foi até o castelo, os limpadores mal conseguindo dar conta dos grossos pingos de chuva que encharcavam o para-brisa.

O penhasco do castelo era um dos lugares favoritos para tentativas de suicídio. Na maioria das vezes, eram bem-sucedidos quando a maré estava a seu favor. Havia uma contracorrente violenta que arrebatava os desavisados para o alto-mar em questão de segundos. E ninguém durava muito no mar do Norte em pleno inverno. Havia alguns que fracassavam, como o zelador de uma escola primária que calculou mal sua tentativa. Ele acabou caindo em uma parte rasa, evitou as pedras e ainda conseguiu aterrissar na areia. Quebrou os tornozelos e ficou tão mortificado com o seu fiasco cômico que tomou um ônibus para Leuchars assim que saiu do hospital, capengou em suas muletas pela linha do trem e se jogou debaixo do expresso de Aberdeen.

A história não se ia se repetir, porém. Maclennan tinha certeza de que a maré estava alta e o vento leste açoitaria o mar em um turbilhão incessante abaixo do penhasco. Só esperava que eles conseguissem chegar lá a tempo.

Havia uma viatura no local quando ele chegou. Janice Hogg e um outro policial estavam parados, indecisos, próximos ao parapeito, olhando um rapaz curvar-se contra o vento, com os braços abertos como os de Cristo na cruz.

— Não fiquem aí parados — disse Maclennan, levantando a gola do casaco

para se proteger da chuva. — Tem um salva-vidas mais adiante. Um desses, com uma corda. Vão buscá-lo, já.

O policial correu apressado, na direção em que Maclennan estava apontando. O detetive subiu no parapeito e ensaiou uns passos.

— Tudo bem, filho — disse ele, delicadamente.

O rapaz se virou e Maclennan pôde constatar que era Davey Kerr. Estava péssimo e arruinado, mas era Davey Kerr, com certeza. Era impossível confundir aquele rosto élfico, aqueles olhos de bâmbi aterrorizado.

— Você chegou tarde demais — balbuciou ele. O seu corpo balançava, embriagado.

— Nunca é tarde demais — respondeu Maclennan. — Seja lá o que estiver errado, a gente pode dar um jeito.

Mondo voltou-se para Maclennan. Deixou os braços caírem ao longo do corpo.

— Dar um jeito? — Os seus olhos faiscaram. — Foram vocês mesmos que estragaram tudo, para começar. Graças à sua cambada, todo mundo acha que eu sou um assassino. Não tenho mais amigos. Não tenho mais futuro.

— Claro que você tem amigos. Alex, Ziggy, Tom. Eles são seus amigos. — O vento gemia e a chuva atingia o seu rosto, mas Maclennan abstraíra tudo, a não ser o rosto assustado diante dele.

— Grandes amigos. Eles não querem saber de mim, porque eu digo a verdade. — Levou a mão à boca e mordiscou a ponta do dedo. — Eles me odeiam.

— Não é o que eu acho. — Maclennan deu mais um passo à frente. Mais alguns centímetros e já seria possível segurar o garoto.

— Não se aproxime. Continue aí. Isso é problema meu. Você não tem nada a ver com isso.

— Pense no que está fazendo, Davey. Pense nas pessoas que o amam. Isso vai destruir a sua família.

Mondo sacudiu a cabeça.

— Eles não ligam para mim. Sempre gostaram mais da minha irmã.

— Diga-me o que está te perturbando. — *Mantenha-o falando, mantenha-o vivo,* instruía a si mesmo. Maclennan não queria que aquele virasse mais um problema, mais um pesadelo para o atormentar.

— Você está surdo, cara? Já te disse — gritou Mondo, contorcendo o rosto em um esgar de dor. — Vocês arruinaram a minha vida.

— Isso não é verdade. Você tem um belo futuro pela frente.

— Não tenho mais, não tenho. — Ele tornou a abrir os braços como se fossem asas. — Ninguém entende o que eu estou passando.

— Me ajude a entender. — Maclennan avançou ainda mais. Mondo tentou se afastar, mas os seus pés embriagados escorregaram na fina grama molhada. O seu rosto era uma máscara de pavor atônito. Em um terrível salto mortal pantomímico, ele lutou contra a força da gravidade. Por alguns intermináveis segundos, parecia que ele ia conseguir. Então os seus pés perderam o equilíbrio e ele desapareceu de vista por um segundo aterrador.

Maclennan lançou-se para a frente, mas se movera tarde demais. Oscilou na beira do parapeito, mas o vento estava ao seu favor e o manteve lá em cima, até ele recuperar o equilíbrio novamente. Olhou para baixo. Acreditava ter visto Mondo se espatifando na água. Então avistou o rosto pálido de Mondo, entre a espuma branca do mar. Virou-se, enquanto Janice e o outro policial aproximavam-se dele. Uma outra viatura apareceu e dela saíram Jimmy Lawson e dois policiais uniformizados.

— O salva-vidas — gritou Maclennan. — Segure a corda.

Ao dizer isso, já estava despindo o casaco e a jaqueta e tirando os sapatos. Maclennan apanhou o salva-vidas e olhou para baixo. Desta vez, distinguiu um braço escuro contra a espuma. Respirou fundo e lançou-se no ar.

A queda era de parar o coração, repentina. Oscilando no vento, Maclennan sentiu-se leve e insignificante. Tudo terminou em uma questão de segundos. Cair na água era como cair no chão. Ficou completamente sem ar. Arquejando e engolindo grandes quantidades de água salgada e gelada, Maclennan lutou até a superfície. Tudo o que conseguia ver era água, chuva e espuma. Mexia as pernas, tentando se localizar.

Então, em um intervalo entre as ondas, avistou Mondo. Ele estava a alguns metros de distância, à sua esquerda. Maclennan avançou na sua direção, tolhido pelo salva-vidas em sua mão que o detinha. O mar o suspendia e depois o deitava fora, carregando-o cada vez para mais perto de Mondo. Agarrou-o pelo pescoço, como a um gato.

Mondo agitou-se vigorosamente. Primeiro, Maclennan pensou que ele estivesse determinado a se soltar e a se deixar afogar. Depois ele percebeu que Mondo estava disputando o salva-vidas com ele. Maclennan sabia que não ia aguentar por muito tempo. Soltou o salva-vidas e tentou se apoiar em Mondo.

Mondo apanhou o salva-vidas. Enfiou o braço nele e tentou passar pela cabeça. Mas Maclennan ainda estava segurando na gola da sua camisa, pois a sua vida dependia daquilo. Só havia uma solução. Mondo reuniu todas as suas forças e deu um empurrão em Maclennan com o seu cotovelo livre. E conseguiu se soltar.

Colocou o salva-vidas no corpo, lutando desesperadamente para respirar naquele ar saturado. Logo atrás dele, Maclennan também lutava, pois

conseguira, de algum jeito, segurar a corda presa ao salva-vidas. Foi preciso um esforço sobre-humano, e as suas roupas encharcadas impediam que ele se movimentasse. Estava sendo abocanhado por um frio mortal, que já entorpecera os seus dedos. Agarrou a corda com apenas um dos braços, acenando com o outro para cima, para que o grupo no penhasco os erguesse.

Pôde sentir a corda sendo puxada. Será que bastariam cinco homens para erguer os dois até lá em cima? Será que algum deles tinha tido a iniciativa de apanhar um dos barcos do porto? Já estariam mortos muito antes do barco de Anstruther chegar.

Aproximaram-se do penhasco. Por um instante, Maclennan teve consciência da leveza da água. Então, tudo o que sentiu foi o seu peso, quando foi erguido para fora dela, agarrando-se no salva-vidas e em Mondo para sobreviver. Olhou para cima, grato por ver o rosto pálido do primeiro homem que segurava a corda, as suas feições embaçadas pela chuva e pela espuma do mar.

Estavam a poucos metros do penhasco quando Mondo, com medo de que Maclennan o puxasse de volta para o turbilhão no mar, o chutou para fora da corda. Os dedos de Maclennan desistiram de lutar. Caiu de costas, indefeso, de volta para a água. Novamente foi até o fundo, novamente lutou para alcançar a superfície. Pôde ver o corpo de Mondo sendo lentamente erguido até o penhasco. Não conseguia acreditar. O desgraçado lhe dera um chute para se salvar. Ele não estava querendo se suicidar. Estava fingindo, querendo chamar a atenção.

Maclennan cuspiu mais água. Estava determinado a aguentar o máximo possível, pelo menos para fazer com que Davey Kerr se arrependesse de não ter morrido afogado. Tudo o que tinha de fazer agora era manter a cabeça para fora da água. Eles na certa jogariam um salva-vidas para ele. Ou mandariam um bote. Ou não?

Estava perdendo as forças rapidamente. Não conseguia lutar contra a água, então deixou que ela o levasse. Tinha de se concentrar em manter a cabeça para fora do mar.

Era mais fácil falar do que fazer. A contracorrente o sugava, as ondas lançavam negros paredões de água em sua boca, no seu nariz. Não sentia mais frio, o que era bom. Ouviu, bem longe, o barulho de um helicóptero. Estava à deriva agora, em um lugar onde tudo parecia muito calmo. Resgate Céu/Mar, então esse era o responsável pelo barulho. *Swing low, sweet chariot. Coming for to carry me home.*[6] *Gozado o que passa pela cabeça da gente.* Ele riu e engoliu mais um bocado de água.

Sentia-se incrivelmente leve, como se o mar fosse um berço, ninando-o delicadamente para dormir. Barney Maclennan, dormindo profundamente em

uma onda do mar.

O farol do helicóptero vasculhou o mar por uma hora. Nada. O assassino de Rosie Duff fizera uma segunda vítima.

Parte Dois

19

Novembro de 2003; Glenrothes, Escócia

O subchefe de polícia James Lawson estacionou na vaga que levava o seu nome no estacionamento da sede da polícia. Não passava um dia sem que ele se parabenizasse pelo seu feito. Nada mau para o filho ilegítimo de um mineiro, que crescera em um miserável conjunto habitacional em uma cidade deprimente, erguido na década de 50 para abrigar trabalhadores desempregados cuja única possibilidade de trabalho era nas promissoras minas de carvão em Fife. Que piada. Em vinte e cinco anos, a indústria havia praticamente desaparecido, abandonando os seus antigos empregados em dramáticos oásis de desemprego. Os seus colegas acharam graça quando ele virou as costas para as minas para fazer parte do que eles consideravam como o lado dos chefes. *Quem está rindo por último agora?*, pensou Lawson com um sorriso soturno, tirando a chave da sua Land Rover oficial da ignição. Margareth Thatcher se livrara dos mineiros e transformara a polícia em seu novo exército particular. A Esquerda morrera e a fênix que renascera das suas cinzas era quase tão a favor da linha dura quanto os conservadores. Era o momento perfeito para ser um oficial de carreira. A sua aposentadoria um dia haveria de comprovar isso.

Apanhou a sua pasta no banco do carona e caminhou lépido até o prédio, de cabeça baixa para proteger-se de um desagradável vento que vinha da costa leste e prometia violentas pancadas de chuva antes da tarde. Digitou sua senha no painel eletrônico da porta dos fundos e dirigiu-se ao elevador. Em vez de subir direto para o seu escritório, desceu no quarto andar, no gabinete da equipe encarregada dos casos não resolvidos. Não havia muitos assassinatos não solucionados na história de Fife, de modo que qualquer sucesso seria visto como espetacular. Lawson sabia que aquela operação tinha o potencial de aumentar a sua reputação se fosse conduzida corretamente. E estava determinado a evitar um trabalho malfeito. Seria prejudicial para todos.

A sala que solicitara para a sua equipe tinha um tamanho razoável. Era suficiente para uma meia dúzia de computadores e, embora não dispusessem de luz natural, havia espaço de sobra para cada um dos casos ser disposto em grandes quadros de cortiça, que praticamente revestiam as paredes. Ao lado de cada caso, havia uma lista impressa com tarefas a serem executadas. Conforme os oficiais as cumpriam, novas tarefas eram adicionadas à lista, em adendos

escritos à mão. Caixas de arquivo estavam empilhadas até a altura da cintura em duas paredes. Lawson gostava de acompanhar o progresso de perto; embora a operação tivesse atraído a atenção do público e da mídia, isso não significava que tivessem carta branca no orçamento. A maioria dos novos exames forenses era cara demais para ser solicitada e ele não queria que a sua equipe ficasse seduzida com o glamour da tecnologia e desperdiçasse todos os recursos financeiros em contas de laboratório, não deixando nada para as tarefas investigativas tradicionais.

Com exceção de uma pessoa, Lawson selecionara o time de seis detetives a dedo, escolhendo aqueles que tinham fama de dispensar uma atenção meticulosa aos detalhes e um talento especial para juntar peças desconexas de informações. A exceção era um detetive cuja mera presença no recinto perturbava Lawson. Não porque fosse um policial ruim, e sim porque a sua ligação com a investigação era pessoal demais. O irmão do detetive-inspetor Robin Maclennan, Barney Maclennan, morrera enquanto investigava um daqueles casos não resolvidos e, se dependesse de Lawson, ele não estaria trabalhando na revisão. Mas Maclennan apelara ao superior de Lawson, o chefe de polícia, que deferira o pedido dele.

A única coisa que podia fazer era manter Maclennan longe do caso de Rosie Duff. Após a morte de Barney, Robin fora transferido de Fife para um lugar ao sul. Voltara após a morte do pai, no ano anterior, querendo trabalhar os anos que lhe restavam antes da aposentaria perto da sua mãe. Por sorte, Maclennan tinha uma ligação remota com um dos outros casos, então Lawson convenceu o seu chefe a deixá-lo designar o DI para o caso de Lesley Cameron, uma estudante que havia sido estuprada e assassinada em St. Andrews dezoito anos antes. Naquela época, Robin Maclennan trabalhava perto da casa dos pais da moça e fora designado para lidar com a família dela, provavelmente por causa das suas próprias ligações com a polícia de Fife. Lawson suspeitava que Maclennan poderia estar olhando por cima do ombro da detetive que ficara com o caso de Rosie Duff, mas pelo menos sabia que ele não podia interferir diretamente na investigação.

Naquela manhã de novembro, apenas dois oficiais estavam em suas mesas. O detetive de polícia Phil Parhatka estava com o que talvez fosse o caso mais delicado de todos. A sua vítima era um jovem encontrado morto em sua própria casa. O seu melhor amigo fora acusado e condenado pelo crime, mas uma série de revelações constrangedoras sobre a investigação policial levara à reversão da condenação mediante recurso. A repercussão do caso fez com que várias carreiras descessem pelo ralo e a pressão agora era para a polícia encontrar o verdadeiro assassino. Lawson escolhera Parhatka em parte por causa da sua

famosa sensibilidade e discrição. Mas também porque vira no jovem detetive o mesmo apetite pelo sucesso que o movera quando ele próprio tinha aquela idade. Parhatka queria tão desesperadamente encontrar um resultado que Lawson por pouco não conseguia ver a fumaça daquele desejo queimando sobre a sua cabeça.

Quando Lawson chegou, a outra oficial estava acabando de se levantar. A detetive de polícia Karen Pirie puxou um casaco de lã de carneiro fora de moda, mas funcional, das costas da cadeira e aninhou-se nele. Levantou os olhos, sentindo uma presença na sala, e cumprimentou Lawson com um sorriso exausto.

— Nenhuma novidade. Vou ter que conversar com as testemunhas originais do caso.

— Não faz sentido ir atrás das testemunhas antes de descartar as provas — disse Lawson.

— Mas, senhor...

— Você vai ter que descer lá e fazer uma busca manual.

Karen olhou para ele, espantada.

— Mas isso pode demorar semanas.

— Eu sei. Mas é o único jeito.

— Mas, senhor... e o nosso orçamento?

Lawson suspirou.

— Deixa que eu me preocupo com o orçamento. Eu não vejo outra alternativa para você. Precisamos dessas provas para pressioná-los. E elas não estão na caixa em que deveriam estar. A única explicação que a equipe de armazenamento de provas me ofereceu é de que a caixa de alguma maneira “foi parar no lugar errado” durante a mudança para as novas instalações de armazenamento. Eles não têm pessoal suficiente para fazer uma busca, então você vai ter que assumir.

Karen ergueu a bolsa e pendurou-a no ombro.

— Está bem, senhor.

— Eu disse desde o início que, se quiséssemos fazer algum progresso nesse caso, as provas seriam o mais importante. E, se existe alguém capaz de encontrá-las, esse alguém é você. Faça o melhor possível, Karen. — Ele a observou indo embora e o seu próprio andar era um simulacro da obstinação que o levara a designar Karen Pirie para o assassinato de Rosemary Duff, vinte e cinco anos atrás. Após algumas palavras de encorajamento para Parhatka, Lawson saiu para o seu próprio escritório, no terceiro andar.

Instalou-se em sua ampla mesa e experimentou uma leve preocupação de as coisas não funcionarem como ele havia esperado na revisão dos casos não

solucionados. Dizer simplesmente que haviam feito o melhor possível jamais seria o bastante. Precisavam de, pelo menos, um resultado. Bebericou o seu chá, doce e forte, e pegou a sua correspondência. Passou os olhos em alguns memorandos, colocando as suas iniciais no topo das páginas e depositando-as na bandeja da correspondência interna. Viu então uma carta de um cidadão comum, endereçada pessoalmente a ele. O que já era bem incomum, por si só. Mas o conteúdo da carta foi o que chamou a atenção de James Lawson.

12 Carlton Way
St. Monans
Fife

Ao Subchefe de Polícia James Lawson
Sede da Polícia de Fife
Detroit Road
Glenrothes
KY6 2RJ

8 de novembro de 2003

Caro James Lawson,
Li com bastante interesse uma matéria no jornal anunciando que a polícia de Fife estava para realizar uma revisão de assassinatos não solucionados. Creio que, dentre estes, os senhores certamente hão de reexaminar o de Rosemary Duff. Gostaria de marcar um encontro com o senhor para conversarmos a respeito. Tenho informações que, embora não sejam diretamente relevantes ao caso, podem contribuir para o seu esclarecimento.

Por favor, não tome esta carta como o ato de um desequilibrado. Tenho motivos para crer que a polícia não estava a par destas informações na época da investigação.

Aguardo ansiosamente a sua resposta.

Atenciosamente,
Graham Macfadyen

Graham Macfadyen vestiu-se com esmero. Queria causar uma boa impressão ao subchefe Lawson. Receava que a polícia fosse descartar a sua carta como o ato de um desequilibrado que queria chamar a atenção. Mas, para sua surpresa,

recebeu uma resposta em sua caixa postal. E, o que foi ainda mais surpreendente, o próprio Lawson havia respondido, pedindo que ele ligasse para agendarem um encontro. Imaginou que ele fosse passar a sua carta para o subordinado encarregado do caso. Ficou impressionado ao constatar que a polícia estava levando o assunto tão a sério. Quando ele ligou, Lawson sugeriu que eles se encontrassem na casa de Macfadyen, em St. Monans. “É mais informal do que aqui na delegacia”, dissera ele. Macfadyen suspeitava que Lawson queria vê-lo em seu habitat natural, para avaliar melhor o seu estado mental. Mas aceitou a sugestão, sem problemas, ainda mais porque detestava dirigir pelo labirinto de rodeios pelo qual Glenrothes parecia ser formado.

Na véspera, passou a noite toda arrumando a sala. Sempre se julgara um homem relativamente organizado e, nas ocasiões em que a presença de uma outra pessoa em sua casa era iminente, ficava surpreso ao constatar que a casa precisava de tanta limpeza. Talvez isso acontecesse porque ele raramente tinha a oportunidade de demonstrar a sua hospitalidade. Nunca entendera qual era a graça de se ter uma namorada e, francamente, não sentia a menor falta de uma mulher em sua vida. Lidar com os colegas parecia esgotar toda a sua energia para interações sociais e ele raramente os encontrava fora do trabalho; apenas o suficiente para não destoar dos outros. Aprendera desde criança que era sempre melhor ser invisível do que ser notado. Mas não importava quanto tempo tinha de passar desenvolvendo softwares, jamais se cansava das máquinas. Fosse navegando na internet, trocando informações em fóruns ou participando de jogos com outras pessoas online, Macfadyen era sempre mais feliz quando havia uma barreira de silício entre ele e o resto do mundo. O computador não julgava, não o achava incompetente. As pessoas acham que computadores são complicados e difíceis de entender, mas elas estão enganadas. Os computadores são previsíveis, oferecem segurança. Não te decepcionam. Você sabe exatamente como lidar com eles.

Examinou-se diante do espelho. Aprendera que ser discreto era a melhor maneira de não chamar atenção indesejada para si. Queria que a sua aparência transmitisse tranquilidade, normalidade, que não fosse nada ameaçadora. Nem estranha. Sabia que a maioria das pessoas achava que quem trabalhava com tecnologia de informação era automaticamente estranho e não queria que Lawson também pensasse assim. Ele não era estranho. Apenas diferente. Mas isso era algo que ele, definitivamente, não queria que Lawson percebesse. Passe despercebido, aquela era a regra para que pudesse conseguir o que queria.

Escolheu uma calça Levi’s e uma camisa polo. Nada que assustasse as criancinhas. Passou uma escova no cabelo grosso e escuro, franzindo um pouco as sobrancelhas ao ver a sua imagem refletida. Uma mulher certa vez lhe dissera

que ele lembrava o James Dean, mas ele interpretou aquilo como uma tentativa patética de fazer com que ele se interessasse por ela. Calçou um par de mocassins pretos e deu uma olhada no relógio. Ainda tinha dez minutos. Macfadyen foi até o quarto de hóspedes e sentou-se diante de um dos seus três computadores. Ia contar uma mentira e, se queria ser convincente, precisava estar calmo.

James Lawson dirigiu devagar pela subida de Carlton Way. Era um apanhado de pequenas casas, umas separadas das outras, construídas na década de 90, imitando o tradicional estilo East Neuk de casas. As paredes rebocadas com cal, os telhados inclinados e o rufo serrilhado eram marcas registradas da arquitetura local e as casas eram afastadas o bastante umas das outras para se integrarem inocuamente aos seus arredores. A aproximadamente oitocentos metros de distância da vila de pescadores de St. Monans, as casas eram perfeitas para jovens profissionais que não tinham condições de bancar as casas mais tradicionais, geralmente arrematadas por pessoas de maior poder aquisitivo, que buscavam algo mais exótico, ou para curtir a aposentadoria, ou para alugar nas férias.

A casa de Graham Macfadyen era uma das menores. No máximo dois quartos, pensou Lawson. Não havia garagem, mas o espaço na frente da casa era grande o suficiente para acomodar dois carros pequenos. Um Golf prateado, bem antigo, estava estacionado lá. Lawson estacionou na rua e dirigiu-se até a casa, sentindo a calça do seu terno tremelicar com a brisa que vinha do estuário de Forth. Tocou a campainha e esperou, impaciente. Odiaria ter de morar em um lugar tão deserto e frio. Podia até ser bonito no verão, mas naquela tarde gelada de novembro, era triste e cinzento.

Um homem que ainda não devia ter nem trinta anos abriu a porta. Estatura média, magro, pensou Lawson, automaticamente. O cabelo era preto e encaracolado, com o tipo de ondulado quase impossível de se ajeitar direito. Os olhos eram azuis, profundos, o rosto era anguloso e a boca carnuda, quase feminina. Sem ficha criminal, já havia verificado. Mas era jovem demais para estar pessoalmente envolvido com o caso de Rosie Duff.

— Sr. Macfadyen? — perguntou Lawson.

O rapaz assentiu com a cabeça.

— O senhor deve ser o subchefe de polícia James Lawson. É assim que devo lhe chamar?

Lawson sorriu, tranquilizando o rapaz.

— Não precisa de tudo isso, não. Sr. Lawson está ótimo.

Macfadyen deu um passo para trás.

— Entre, por favor.

Lawson o seguiu por um estreito hall até uma sala de estar bem-arrumada. Havia um conjunto de sofá com duas poltronas de couro marrom e uma televisão, junto a um aparelho de videocassete e um DVD. Os aparelhos eram flanqueados por prateleiras, repletas de fitas e DVDs. Fora isso, a única mobília da sala era uma estante com copos e diversas garrafas de uísque. Mas Lawson só percebeu isso depois. O que chamou a sua atenção foi o único quadro que decorava as paredes nuas da sala. Uma ampliação de uma fotografia, que qualquer um que estivesse envolvido com o caso de Rosie Duff reconheceria imediatamente. Tirada ao pôr do sol, a fotografia revelava as sepulturas do cemitério picto em Hallow Hill, onde o corpo da moça fora encontrado. Lawson estava paralisado. A voz de Macfadyen o trouxe de volta ao presente.

— Aceita um drinque? — perguntou ele. Estava parado na soleira da porta, como uma presa imobilizada diante do olhar do predador.

Lawson sacudiu a cabeça, tanto para dissipar a imagem, quanto para recusar a oferta.

— Não, obrigado. — Sentou-se sem ser convidado, sabendo que a confiança adquirida nos seus anos junto à polícia lhe garantiam aquela permissividade.

Macfadyen entrou na sala e sentou-se em uma poltrona, de frente para Lawson, que estava um pouco preocupado por não conseguir decifrar o rapaz.

— Você disse na carta que tinha alguma informação sobre o caso Rosemary Duff — começou ele, cauteloso.

— Exatamente. — Macfadyen inclinou-se um pouco para a frente. — Rosie Duff era a minha mãe.

20

Dezembro de 2003

Um cronômetro desmantelado, removido de um videocassete; uma lata de tinta; 250 ml de gasolina; restos de fios de fusível. Nada extraordinário, nada que não pudesse ser encontrado em um acervo doméstico de bugigangas, em qualquer porão ou sótão. Tudo muito inofensivo.

Exceto quando combinado em uma configuração específica. Então, tornava-se algo completamente incontrolável.

O cronômetro marcou a data e a hora estabelecidas; uma fagulha atravessou o fio elétrico e inflamou a gasolina. A tampa da lata de tinta explodiu, espalhando a gasolina em papéis e lascas de madeira. Uma operação impecável, perfeita e mortal.

As chamas continuaram a se alimentar com rolos de carpete descartados, latas de tinta pela metade, o casco envernizado de um pequeno bote. Fibras de vidro e combustível, mobília de jardim e latas de aerossol transformavam-se em tochas e em lança-chamas, conforme o incêndio crescia. As cinzas subiam, em densas nuvens, como na exibição barata de fogos de artifício.

E a fumaça ficava mais espessa. Enquanto o incêndio crescia lá embaixo, os vapores rondavam pela casa, primeiro despretensiosos, depois cada vez mais intensos. Na frente, invisíveis, vapores tênues emanavam do chão e flutuavam em correntes de ar quente. Provocaram apenas uma tosse no homem que dormia, mas não eram acres o bastante para acordá-lo. Conforme a fumaça se disseminava, tornavam-se ainda mais perceptíveis os espectros de névoa misteriosa pairando sobre as nesgas de luz que a lua refletia pelas janelas nuas, sem cortinas. O cheiro também se tornava palpável, um alerta para qualquer um que estivesse em condições de percebê-lo. Mas a fumaça já prejudicara a reação do homem adormecido. Se alguém tivesse sacudido o seu ombro, talvez ele tivesse conseguido acordar e se dirigir, cambaleante, até a janela, onde uma promessa de salvação o esperava. Mas estava sozinho e não podia fazer nada. O sono estava se transformando em inconsciência. E a inconsciência, em breve, se transformaria em morte.

O incêndio crepitava e faiscava, lançando caudas de cometa rubras e douradas ao céu. As vigas gemiam e despencavam no chão. Matar alguém nunca foi tão bonito de se ver, nem tão fácil.

Apesar do ambiente artificialmente aquecido do seu escritório, Alex Gilbey sentiu um calafrio. Céu cinzento, calhas cinzentas, concreto cinzento. A geada que cobria os telhados no outro lado da rua continuava praticamente intacta. Ou eles possuíam um excelente isolamento, ou a temperatura não subira nada desde a véspera naquele gélido dezembro. Olhou para baixo, para a Dundas Street. A fumaça dos canos de descarga pairava no ar como fantasmas natalinos no tráfego, o que tornava as vias para o centro da cidade ainda mais congestionadas do que o normal. Moradores dos arredores da cidade estavam lá para fazer as compras de Natal, sem perceber que encontrar uma vaga para estacionar o carro no centro de Edimburgo às vésperas das festas de fim de ano era mais complicado do que encontrar o presente ideal para uma adolescente caprichosa.

Alex contemplou novamente o céu. Cinzento e carregado, estava anunciando neve com a mesma sutileza de um comercial de showroom de móveis na tevê. Ficou ainda mais deprimido. Até então, estava indo bem naquele ano. Mas se começasse a nevar, toda a sua determinação haveria de se esvair e ele seria presa fácil para a sua tradicional depressão de fim de ano. De todos os dias do ano, aquele era justamente o único que ele podia passar sem neve. Há exatamente vinte e cinco anos, encontrara algo que havia transformado todos os Natais subsequentes em um turbilhão de memórias ruins. Nenhuma dose de boa vontade de qualquer homem no mundo, ou qualquer mulher, poderia apagar o aniversário da morte de Rosie Duff do calendário mental de Alex.

Devia ser, pensou ele, o único fabricante de cartões do mundo que detestava a época mais lucrativa do ano. Nos andares de baixo, a equipe de televendas deveria estar recebendo pedidos de última hora do estoque de reabastecimento dos atacadistas e aproveitando a oportunidade para aumentar os pedidos para o Dia dos Namorados, o Dia das Mães e a Páscoa. E no depósito, os funcionários deveriam estar começando a relaxar, cientes de que o pior da correria já havia passado, aproveitando para avaliar os sucessos e fracassos das últimas semanas. E no departamento de contabilidade, deveriam estar rindo à toa. Os lucros daquele ano estavam pelo menos oito por cento maiores do que no ano anterior, em parte graças a uma nova série de cartões que o próprio Alex desenvolvera. Há mais de dez anos não precisava ganhar a vida com canetas e tintas, mas mesmo assim Alex gostava de prestar uma contribuição ocasional à gama de cartões da empresa. Nada como uma atitude assim para manter o resto dos funcionários estimulados.

Mas ele criara os cartões em abril, quando a sombra do passado não pairava sobre ele. Era impressionante o quão sazonal era aquele mal-estar. Assim que as decorações de Natal eram armazenadas novamente no Dia de Reis, o fantasma de Rosie Duff era relegado ao esquecimento, deixando a sua mente clara e

afastando as nuvens da memória. Estava pronto para voltar a sentir prazer na vida. Mas no final do ano, não havia nada a fazer, a não ser suportar.

Tentara diversas estratégias ao longo dos anos para lidar com aquela situação. No segundo aniversário da morte de Rosie, bebeu até não poder mais. Até hoje não sabia quem o levara de volta para a sua cama em Glasgow, nem em que bar terminara a sua bebedeira. Mas tudo o que ele conseguiu foi garantir que o sorriso irônico e o riso fácil de Rosie estrelassem os seus sonhos suados e paranoicos naquela noite, em um louco e irrefreável caleidoscópio do qual ele não conseguia escapar.

No ano seguinte, resolveu visitar o túmulo da moça no cemitério em St. Andrews, nos limites da cidade. Esperou escurecer para que ninguém visse o seu rosto. Estacionou o seu Escort anônimo e caindo aos pedaços o mais próximo possível da entrada, enterrou um boné de tweed na cabeça, quase cobrindo os olhos, suspendeu a gola do casaco e adentrou, sorrateiro, na escuridão úmida do cemitério. O problema é que não sabia exatamente onde Rosie estava enterrada. Só havia visto as fotos do funeral que o jornal local exibira na primeira página e tudo o que haviam lhe dito uma vez é que a sepultura ficava nos fundos do cemitério.

Prosseguiu de cabeça baixa entre as sepulturas, sentindo-se um maluco completo, desejando ter trazido uma lanterna e constatando em seguida que não havia melhor maneira de chamar a atenção do que carregando uma lanterna. Os postes na rua ofereciam alguma iluminação e ela já era suficiente para que pudesse ler a maior parte das inscrições. Alex já estava quase desistindo quando a encontrou, em um canto escondido, encostada num muro.

Era uma sepultura simples, de granito preto. As letras foram gravadas em ouro e ainda pareciam tão novas quanto no dia em que foram talhadas. Primeiro, Alex se refugiou em seu papel de artista, lidando com o que tinha diante de si como um objeto puramente estético. Nesse sentido, era satisfatório. Mas ele não pôde ignorar por muito tempo a importância das palavras que estava tentando contemplar somente como letras em uma pedra. “Rosemary Margaret Duff. Nascida em 25 de maio de 1959. Cruelmente arrebatada de nós em 16 de dezembro de 1978. Querida filha e irmã, perdida para sempre. Que ela descanse em paz.” Alex lembrou que a polícia havia se dividido para pagar pela sepultura. Devem ter conseguido um bom dinheiro para terem encomendado uma inscrição tão longa, pensou ele, ainda tentando evitar se relacionar com o que aquelas palavras significavam.

Outro detalhe impossível de ignorar era a variedade de homenagens florais cuidadosamente depositadas ao pé da sepultura. Devia haver uma dúzia de ramalhetes e buquês, diversos depositados nos vasos de chão que os floristas

vendiam exatamente para aquela finalidade. O excesso repousava sobre a grama, um poderoso lembrete de que Rosie ainda morava em vários corações.

Alex desabotoou o casaco e apanhou a rosa branca que trouxera consigo. Agachou-se para colocá-la solta entre as outras quando quase fez xixi nas calças. A mão sobre o seu ombro surgira do nada. A grama molhada absorvera os passos e ele estava absorto demais em seus pensamentos para que os seus instintos animais o prevenissem.

Alex girou nos calcanhares, afastando-se da mão, e acabou escorregando na grama e caindo estatelado de costas, em uma repetição nauseante daquela noite de dezembro, três anos antes. Encolhendo-se, ficou à espera do chute ou do soco que a pessoa que o perturbara haveria de desferir ao reconhecê-lo. Estava completamente despreparado para ouvir uma voz familiar, francamente preocupada, chamando-o por um apelido que só os amigos mais íntimos conheciam.

— Gilly, você está bem? — Sigmund Malkiewicz estendeu a mão para ajudar Alex a se levantar. — Não queria te assustar.

— Credo, Ziggy, o que mais você esperava, chegando assim de fininho em um cemitério todo escuro? — queixou-se Alex, levantando-se sozinho, com muito custo.

— Foi mal. — Ziggy fez um gesto na direção da rosa. — Bom gosto. Nunca consegui saber ao certo o que seria mais adequado.

— Você já esteve aqui antes? — Alex se aprumou, tirando a sujeira da roupa, e virou-se para o seu amigo mais antigo. Ziggy parecia fantasmagórico sob aquela luz fraca e o seu rosto pálido parecia emanar um brilho.

Ele fez um gesto afirmativo.

— Só nos aniversários de morte. Mas nunca vi você por aqui antes.

Alex deu de ombros.

— Primeira vez. Estou numa de fazer qualquer negócio para tentar tirar isso da minha cabeça, sabe?

— Acho que eu nunca vou conseguir.

— Nem eu. — Sem trocar mais nenhuma palavra, eles deram as costas para a sepultura e dirigiram-se até a entrada principal, cada qual absorto em suas próprias lembranças ruins. Em um acordo silencioso, desde que deixaram a universidade, evitavam tocar no assunto que mudara as suas vidas tão profundamente. A sombra continuava lá, mas eles não mais reconheciam a sua presença. Talvez a decisão de evitar essas conversas tivesse sido justamente o que mantivera tão sólida a amizade que ainda os unia. Não conseguiam mais se ver com tanta frequência, pois Ziggy estava imerso na rotina infernal de médico residente em Edimburgo, mas quando conseguiam se encontrar para uma saída à

noite, a velha intimidade continuava firme e forte.

Quando alcançaram o portão do cemitério, Ziggy parou e disse:

— Quer tomar um chope?

Alex balançou a cabeça.

— Se eu começar, não paro mais. E aqui não é o melhor lugar para enchermos a cara. Ainda tem muita gente por aqui que acha que somos assassinos que conseguiram se safar. Melhor não, vou voltar para Glasgow.

Ziggy o puxou para si, em um abraço apertado.

— Nos vemos no Ano-Novo então, né? Na Town Square, à meia-noite.

— Hum-hum. Eu e Lynn vamos estar lá.

Ziggy assentiu com a cabeça, compreendendo tudo o que aquelas poucas palavras comportavam. Levantou a mão em um cumprimento debochado e se afastou na escuridão envolvente.

Desde então, Alex nunca mais voltara ao cemitério. Não ajudara em nada e nem era daquele jeito que ele queria encontrar com Ziggy. Era frio demais, carregado demais com tudo o que eles queriam evitar.

Pelo menos, não precisava sofrer em silêncio, como imaginava que os outros sofriam. Desde o início, Lynn soubera tudo sobre a morte de Rosie Duff. Estavam juntos desde aquele inverno. Às vezes se perguntava se aquela havia sido a única coisa que tornara o amor dele por ela possível, o fato de ela estar a par do seu maior segredo.

Era difícil não perceber que as circunstâncias daquela noite haviam, de algum modo, usurpado a sua possibilidade de um futuro diferente. Aquele era o seu calvário particular, uma mancha na memória que o deixara sentindo-se permanentemente maculado. Ninguém ia querer fazer amizade com ele se soubesse do seu passado, das suspeitas que muitos ainda nutriam a seu respeito. Mas Lynn sabia de tudo e, ainda assim, o amava.

Demonstrara aquele amor de várias maneiras ao longo dos anos. E, em breve, daria a Alex a prova definitiva. Em dois meses, com a graça de Deus, daria à luz o filho que eles desejavam há muito tempo. Ambos quiseram esperar alcançar uma certa estabilidade antes de iniciar uma família, mas já começavam a achar que haviam esperado demais. Foram três anos de tentativas e já estavam até mesmo com uma consulta marcada na clínica de fertilidade quando Lynn engravidou de repente. Sentiam que, em vinte e cinco anos, aquele era o primeiro recomeço de verdade para eles.

Alex desviou o olhar da janela. A sua vida estava prestes a mudar. E talvez, se ele se empenhasse de verdade, conseguisse se desvencilhar do passado. E ia começar naquela noite. Reservara uma mesa no restaurante no terraço do Museu da Escócia. Levaria Lynn para um jantar especial, em vez de ficar em casa,

remoendo as mágoas.

Quando ia pegar o telefone, ele começou a tocar. Sobressaltado, Alex o contemplou, abobado, alguns segundos antes de atender.

— Alô.

Demorou alguns instantes para ligar a voz do outro lado à pessoa. Não era um estranho, mas também não era alguém que esperasse escutar em uma tarde qualquer, muito menos naquela tarde em particular.

— Alex, sou eu, Paul. Paul Martin.

Descobrir quem estava falando estava ainda mais difícil, graças à flagrante agitação do sujeito.

Paul. Paul do Ziggy. Um cientista molecular, seja lá o que fosse isso, com o porte de um jogador de futebol americano. O homem que fazia os olhos de Ziggy brilharem nos últimos dez anos.

— Oi, Paul, que surpresa.

— Alex, não sei como te dizer isso... — A voz dele falhou. — Tenho más notícias.

— Ziggy?

— Ele morreu, Alex. Ziggy morreu.

Alex quase sacudiu o fone, como se algo mecânico tivesse feito com que ele não entendesse direito o que Paul acabara de dizer.

— Não — disse Alex. — Não pode ser, deve ter sido algum engano.

— Quem me dera — desabafou Paul. — Não tem engano nenhum, Alex. A casa pegou fogo ontem à noite. Não sobrou nada. O meu Ziggy... ele está morto.

Alex olhava fixamente para a parede, mas não via nada diante dos seus olhos. Ziggy tocava violão, repetia uma voz absurda na sua cabeça.

Não mais.

21

Apesar de ter passado o dia inteiro escrevendo a data em diversos papéis, ao lado das suas iniciais, James Lawson conseguira esquecer completamente o seu significado. Até se deparar com um pedido do detetive Parhatka para autorização de teste de DNA em um possível suspeito da sua investigação. A combinação da data com a equipe da revisão dos casos não solucionados trouxe a lembrança à tona. Não havia como fugir dela. Aquele era o vigésimo quinto aniversário de morte de Rosie Duff.

Tentou imaginar como Graham Macfadyen estaria lidando com aquilo e a lembrança do encontro desconfortável que tivera com ele fez Lawson agitar-se na cadeira. No início, ficou incrédulo. Ninguém jamais havia mencionado uma criança ao longo de toda a investigação sobre a morte de Rosie. Nem os amigos nem a família haviam feito uma referência sequer a este segredo. Mas Macfadyen estava irredutível.

— Não é possível que vocês não soubessem que ela teve um filho — insistiu ele. — O legista com certeza percebeu isso na autópsia, não é?

Lawson instantaneamente lembrou-se da figura desengonçada do Dr. Kenneth Fraser. Ele já estava praticamente aposentado na época do assassinato e cheirava mais a uísque do que a formol. A maioria dos trabalhos que fizera em sua longa carreira havia sido bem simples; tinha pouquíssima experiência com assassinatos e Lawson naquele momento se lembrou de Barney Maclennan questionando em voz alta se não teria sido melhor convocar alguém com mais experiência no assunto.

— Isso nunca foi mencionado — respondeu ele, evitando fazer mais comentários.

— É inacreditável — disse Macfadyen.

— Talvez o ferimento tenha camuflado a evidência.

— É, pode até ser — disse Macfadyen duvidoso. — Eu achava que vocês sabiam a meu respeito, mas não haviam conseguido me encontrar. Eu sempre soube que era adotado — disse ele. — Mas, em consideração aos meus pais, achei melhor só pesquisar o paradeiro da minha mãe verdadeira depois da morte deles. O meu pai morreu há três anos. E a minha mãe... bem, minha mãe está no asilo. Ela tem Alzheimer. Isso não vai fazer a menor diferença para ela agora, é como se estivesse morta. Então, há alguns meses, comecei a fazer as minhas

investigações. — Ele saiu do quarto e voltou, em questão de segundos, com uma pasta de papelão azul nas mãos. — Aqui está — disse ele, entregando a pasta para Lawson.

O policial sentia como se tivesse acabado de receber um galão de nitroglicerina nas mãos. Não conseguia compreender a leve sensação de desagrado que se apoderava dele, mas isso não impediu que abrisse a pasta. A papelada lá dentro estava organizada em ordem cronológica. Em primeiro lugar, uma carta de Macfadyen, solicitando informações. Lawson correu os olhos por ela, absorvendo os pontos principais da correspondência. Ao chegar na certidão de nascimento, fez uma pausa. Lá, no espaço reservado para o nome da mãe, uma informação familiar saltava aos olhos. Rosemary Margaret Duff. Data de nascimento, 25 de maio de 1959. Profissão: desempregada. No espaço onde deveria estar escrito o nome do pai, a palavra "desconhecido" despontava, como uma letra escarlate no vestido de uma puritana. Mas o endereço era desconhecido.

Lawson levantou o rosto. Macfadyen estava crispando as mãos nos braços da cadeira.

— Abrigo Livingstone, em Saline? — perguntou Lawson.

— Está tudo aí. É um abrigo da igreja, para onde as moças grávidas eram mandadas até terem os seus filhos. Atualmente é um orfanato, mas naquela época era um lugar aonde as mulheres iam para esconder a sua vergonha dos vizinhos. Consegui localizar a senhora que tomava conta do lugar na época. Uma tal de Ina Dryburgh. Ela deve estar com uns setenta anos agora, mas ainda está bem lúcida. Fiquei surpreso com a sua boa vontade para conversar comigo. Pensei que fosse ser mais difícil. Mas ela disse que já havia passado muito tempo, que ninguém ia se incomodar. Os mortos que enterrem os seus mortos, parecia ser a filosofia dela.

— E o que ela te contou? — perguntou Lawson, inclinando-se para a frente em seu assento, esperando ansiosamente que Macfadyen revelasse de uma vez o segredo que conseguira, por milagre, ficar de fora de uma investigação minuciosa de homicídio.

O rapaz relaxou um pouco ao perceber que Lawson o estava levando a sério.

— Rosie engravidou quando tinha quinze anos. Tomou coragem e contou à mãe, quando já estava com três meses, antes que alguém percebesse. A mãe agiu depressa. Foi conversar com o padre e ele a colocou em contato com o Abrigo Livingstone. Na manhã seguinte a Sra. Duff pegou um ônibus e foi ver a Sra. Dryburgh. Ela concordou em aceitar Rosie no abrigo e sugeriu à Sra. Duff que dissesse que Rosie tinha ido visitar um parente que acabara de passar por uma

cirurgia e precisava de ajuda em casa para cuidar dos filhos. Rosie deixou Strathkinness na mesma semana e foi para Saline. Passou o resto da gravidez sob os cuidados da Sra. Dryburgh. — Macfadyen respirou fundo.

"Ela nunca chegou a me ter nos braços. Nunca chegou sequer a me ver. Tinha só um retrato e olhe lá. Naquela época, as coisas eram bem diferentes. Eu fui levado para os meus pais no mesmo dia em que nasci. E, naquela mesma semana, Rosie voltou para Strathkinness, como se nada tivesse acontecido. A Sra. Dryburgh disse que, depois disso, ela só voltou a ouvir o nome de Rosie no noticiário da tevê. — Ele exalou o ar, de maneira curta e pungente.

"E foi então que ela me contou que a minha mãe já estava morta há vinte e cinco anos. Assassinada. E que ninguém havia sido preso pelo crime. Eu fiquei sem saber o que fazer. Pensei em procurar o resto da minha família. Consegui descobrir que os meus avós já morreram também. Mas, ao que parece, eu ainda tenho dois tios.

— Você chegou a entrar em contato com eles?

— Não sabia se devia fazer isso. Aí eu vi aquela matéria no jornal, sobre a revisão dos casos não solucionados, e resolvi falar com o senhor primeiro.

Lawson olhou para o chão.

— Olha, a não ser que eles tenham mudado muito desde a época em que eu os conheci, posso te dizer com toda certeza que é melhor deixar do jeito que está. — Sentiu os olhos de Macfadyen sobre ele e levantou a cabeça. — Brian e Colin sempre foram superprotetores com Rosie. E sempre estavam prontos para briga também. Tenho a impressão de que eles vão interpretar o que você tem a dizer como uma mancha na reputação dela. Não acho que seria uma reunião familiar particularmente feliz.

— Eu pensei que, sei lá... talvez eles pudessem me ver como uma parte de Rosie que sobreviveu, sabe?

— Eu não contaria com isso — disse Lawson, firme.

Macfadyen, teimoso, ainda não estava convencido.

— Mas e se esta informação ajudasse na revisão do caso? Eles encarariam de outra maneira então, o senhor não acha? Com certeza eles querem ver o assassino finalmente na cadeia, não é?

Lawson deu de ombros.

— Para ser sincero, eu não vejo em que isso pode nos ajudar. Você nasceu praticamente quatro anos antes da sua mãe morrer.

— Mas e se ela ainda estivesse se encontrando com o meu pai? E se isso tivesse alguma coisa a ver com o crime?

— Não há nenhuma evidência de um relacionamento longo no passado de Rosie. Ela teve vários namorados no ano anterior à sua morte, mas nenhum

relacionamento sério. Acho que não sobra muito tempo para encaixarmos mais alguém.

— Sei, mas e se ele foi embora e depois reapareceu? Eu li nas matérias de jornal sobre o caso que havia a possibilidade de ela estar saindo com alguém, mas ninguém sabia quem era o sujeito. Talvez o meu pai tivesse voltado e ela não quisesse que os pais ficassem sabendo que ela estava se encontrando com o cara que a engravidou. — Havia urgência na voz de Macfadyen.

— É uma hipótese, concordo. Mas se ninguém sabia quem era o pai da criança, não nos leva a lugar algum.

— Mas naquela época vocês não sabiam que ela tinha tido um filho. Aposto que nunca procuraram saber com quem ela se relacionara quatro anos antes do crime. Talvez os irmãos dela soubessem quem era o meu pai.

Lawson deixou escapar um suspiro.

— Eu não vou lhe dar esperanças falsas, Sr. Macfadyen. Em primeiro lugar, Brian e Colin Duff estavam querendo desesperadamente que nós encontrássemos o assassino de Rosie. — Lawson foi enumerando os motivos em seus dedos. — Se o pai do filho de Rosie estivesse por perto, ou se tivesse reaparecido, pode apostar que eles seriam os primeiros a bater na nossa porta, aos berros, exigindo que o colocássemos na cadeia. E se nós não colocássemos, é bem provável que eles mesmos quebrassem as pernas do sujeito. No mínimo.

Macfadyen apertou os lábios.

— Então quer dizer que o senhor não vai considerar essa linha de investigação?

— Se for possível, gostaria de levar esta pasta comigo para fazer uma cópia para a detetive encarregada do caso da sua mãe. Não custa nada incluir na nossa investigação, pode ser até mesmo útil.

O brilho do triunfo acendeu brevemente nos olhos de Macfadyen, como se tivesse alcançado uma grande vitória.

— Então o senhor acredita no que eu estou dizendo? Que Rosie era a minha mãe?

— É o que parece. Embora, obviamente, tenhamos que fazer as nossas próprias investigações a respeito.

— Então vão precisar de uma amostra do meu sangue?

Lawson franziu a testa.

— Amostra de sangue?

Macfadyen ficou de pé, em um acesso súbito de energia.

— Espere um instante — disse ele, saindo da sala novamente. Quando voltou, trazia consigo uma grossa brochura, que abriu na linha da lombada. — Eu li tudo o que pude sobre o assassinato da minha mãe — disse ele,

empurrando o livro para Lawson.

Lawson passou os olhos na capa. *Crimes sem Punição: Os Maiores Casos Não Resolvidos do Século XX*. Rosie merecera cinco páginas. Lawson folheou o livro, impressionado ao constatar que os autores não haviam praticamente passado nenhuma informação errada. O livro trouxe de volta, em uma lembrança desconfortavelmente nítida, o terrível momento em que ele se viu diante do corpo de Rosie sobre a neve.

— Continuo não entendendo — disse ele.

— Aí diz que havia vestígios de sêmen no corpo e nas roupas. E que, apesar dos métodos primitivos de análise forense da época, vocês conseguiram determinar que três dos estudantes que a encontraram seriam possíveis candidatos a terem depositado o sêmen. Mas com o que pode ser feito agora, é claro que vocês podem comparar o DNA do sêmen com o meu DNA, não é? É possível descobrir se ele pertencia ao meu pai.

Lawson estava começando a se sentir como *Alice através do espelho*. Era absolutamente compreensível que Macfadyen estivesse ansioso para descobrir alguma coisa sobre o pai. Mas, no momento em que essa obsessão o levava a preferir que o pai tivesse cometido um crime a jamais conseguir encontrá-lo, a coisa começava a ficar doentia.

— Se fôssemos fazer algum tipo de comparação, certamente não seria com você, Graham — disse ele, com o tom de voz mais gentil que pôde. — Seria com os quatro rapazes mencionados aí no seu livro. Os tais que encontraram Rosie.

— O senhor está dizendo "se" — atacou Macfadyen.

— Se?

— O senhor disse "*Se* fôssemos fazer algum tipo de comparação". Não "quando". "Se".

Livro errado. Aquele era, definitivamente, *Alice no País das Maravilhas*. Lawson tinha a sensação de que caíra de cabeça em uma toca profunda e escura, sem ter a garantia do chão firme sob os seus pés. As dores de algumas pessoas estavam relacionadas ao clima e suas mudanças. Já o nervo ciático de Lawson era um barômetro preciso de estresse.

— Isso é extremamente constrangedor para todos nós, Sr. Macfadyen — disse ele, escondendo-se por trás da linha de batalha da formalidade. — Em algum momento nos últimos vinte e cinco anos, as provas ligadas ao assassinato da sua mãe se extraviaram.

O rosto de Macfadyen se contorceu em um esgar de incredulidade feroz.

— Como assim, se extraviaram?

— Exatamente isso que o senhor ouviu. As provas foram trocadas de lugar

três vezes. Primeiro, quando a delegacia em St. Andrews mudou para outro prédio. Depois, foram encaminhadas para o estoque central na nossa sede. E, recentemente, nós as levamos para as novas instalações de armazenamento. E, em algum momento, os sacos com as roupas da sua mãe se extraviaram. Quando fomos procurá-los, não estavam na caixa onde deveriam estar.

Macfadyen parecia estar prestes a bater em alguém.

— Como foi que isso pôde acontecer?

— A única explicação que eu posso dar é erro humano. — Lawson estava constrangido diante do olhar de desprezo furioso do rapaz. — Não somos infalíveis.

Macfadyen balançou a cabeça.

— Não é a única explicação. Alguém pode ter pego de propósito.

— Por que alguém faria isso?

— Bom, isso é óbvio. O assassino não ia querer que ninguém encontrasse isso agora, ia? Todo mundo sabe que hoje em dia existe o teste de DNA. Assim que vocês anunciaram a revisão do crime, ele soube que não tinha muito tempo, que precisava agir o quanto antes.

— As provas estavam trancadas nas instalações de armazenamento da polícia. E não recebemos nenhuma queixa de arrombamento.

Macfadyen bufou.

— Não seria preciso arrombar. Bastava oferecer dinheiro à pessoa certa. Todo mundo tem o seu preço, até mesmo os policiais. A gente mal consegue abrir um jornal ou assistir televisão sem ver provas concretas da corrupção na polícia. Talvez o senhor devesse apurar qual dos seus oficiais enriqueceu de repente.

Lawson sentia-se desconfortável. A persona sensata de Macfadyen evaporara, revelando um traço de paranoia, até então invisível.

— Essa é uma acusação muito séria — disse ele. — E não há um fundamento sequer para embasá-la. Acredite, seja lá o que tenha acontecido com as provas neste caso, aconteceu porque errar é humano.

Macfadyen lançou um olhar feroz e revoltado.

— Então é isso? Vocês vão simplesmente encobrir a tramoia?

Lawson tentou exibir uma expressão conciliatória em seu rosto.

— Não há tramoia nenhuma para ser encoberta, Sr. Macfadyen. Posso garantir ao senhor que a oficial encarregada do caso está empreendendo uma busca em nossas instalações de armazenamento. É possível que ela ainda encontre as provas.

— Mas não é provável — disse ele, pesadamente.

— Não — concordou Lawson. — Não é provável.

Alguns dias se passaram antes que James Lawson tivesse a chance de voltar a sua atenção para o penoso encontro com o filho ilegítimo de Rosie Duff. Conversou rapidamente com Karen Pirie, mas ela estava desanimadamente pessimista em relação à possibilidade de encontrar alguma coisa no depósito de provas.

— Agulha no palheiro, senhor — dissera ela. — Já encontrei três sacos com provas arquivadas no lugar errado. Se as pessoas ficassem sabendo disso...

— Vamos garantir que nunca fiquem — rebatera Lawson, severo.

Karen olhara para ele, horrorizada.

— Claro, meu Deus, pode deixar.

Lawson tinha a esperança de que a trapalhada com as provas no caso Duff pudesse ser enterrada. Mas essa esperança fora por água abaixo graças ao seu próprio descuido com Macfadyen. E agora ele seria obrigado a confessar tudo novamente. Se alguém descobrisse que ele escondera essa informação específica da família, o seu nome ia ser coberto de lama nas manchetes. E isso não seria bom para ninguém.

Strathkinness não mudara muito em vinte e cinco anos. Lawson percebia isso enquanto estacionava o seu carro em frente a Caberfeidh Cottage. Havia algumas casas novas, mas no geral a vila resistira à invasão da construção civil. O que era de fato surpreendente, pensou. Com aquela paisagem, era uma locação natural para um hotel-fazenda grã-fino voltado para a indústria do golfe. Por mais que os seus moradores tivessem mudado, Strathkinness ainda parecia uma vila operária.

Lawson empurrou o portão, observando que o jardim continuava tão bem conservado quanto na época em que Archie Duff ainda estava vivo. Talvez Brian estivesse contrariando os piores prognósticos e se transformando em seu pai. Lawson tocou a campainha e esperou.

O homem que abriu a porta estava em ótima forma. Lawson sabia que ele devia estar com uns quarenta e tantos anos, mas Brian Duff parecia ter uns dez anos a menos. Seu rosto era corado, saudável, típico daqueles que gostam de uma vida ao ar livre. O cabelo bem curto não dava sinais de calvície e a sua camiseta revelava um peito largo, com o mínimo revestimento de gordura sobre o seu abdômen trabalhado. Lawson sentiu-se um velho. Brian olhou para ele de cima a baixo e arrematou a sua inspeção com um olhar de desdém.

— Ah, é você — disse ele.

— Ocultar informações importantes pode ser interpretado como obstrução da lei. E isso é crime. — Lawson não ia deixar que Brian Duff o intimidasse.

— Nem sei do que você está falando. Mas estou andando na linha há mais de vinte anos. Você não tem o direito de vir bater na minha porta, esfregando

acusações no meu nariz.

— Estou me referindo há mais de vinte anos, Brian. Estou falando sobre o assassinato da sua irmã.

Brian Duff continuou impassível.

— É, eu ouvi dizer que você estava tentando sair em uma caçada implacável, colocando os seus soldadinhos para resolver os seus velhos fracassos.

— Não tenho nada a ver com o fracasso dos outros. Eu era um mero guarda naquela época. Você vai me convidar para entrar ou a gente vai continuar a conversa aqui, para todo mundo ver?

Duff deu de ombros.

— Não tenho nada a esconder. Pode entrar, se quiser.

A casa havia sido reformada por dentro. Impecavelmente arrumada e em tons pastéis, a sala de estar exibia a assinatura de alguém com um dom para decoração.

— Ainda não conheci a sua esposa — comentou Lawson, seguindo Brian até uma cozinha moderna, duplicada de tamanho devido a um ambiente anexado, tipo estufa.

— E vai continuar sem conhecer. Ela só vai chegar daqui a uma hora. — Brian abriu o congelador e tirou uma lata de cerveja. Abriu a lata e encostou-se ao fogão. — Então, qual é o problema agora? Que história é essa de esconder informações? — A sua atenção estava ostensivamente focada na lata de cerveja, mas Lawson sentiu que Brian estava alerta como um gato em um jardim desconhecido.

— Nenhum de vocês mencionou o filho de Rosie — disse Lawson.

A afirmação sem rodeios não provocou nenhuma reação visível em Brian.

— Deve ser porque isso não tem nada a ver com o crime — respondeu Duff, flexionando os ombros, inquieto.

— Você não acha que cabia a nós decidir isso?

— Não. Era um assunto particular. E tinha se passado anos antes. O sujeito com quem ela saía na época nem morava mais aqui. E ninguém, além da família, sabia dessa história do bebê. Como é que pode ter alguma coisa a ver com o assassinato? A gente também não queria o nome de Rosie na lama, que é exatamente para onde ele seria arrastado se você e a sua turma tivessem ficado sabendo disso. Vocês iam transformar a minha irmã em uma vagabunda, que com certeza merecia o que aconteceu com ela. Iam fazer qualquer coisa para tirar a atenção da incompetência de vocês para resolver o caso.

— Isso não é verdade, Brian.

— É, é verdade sim. A informação teria vazado para os jornais. E eles

pintariam Rosie como a piranha da cidade. Ela não era assim, e você sabe muito bem disso.

Lawson concordou, franzindo o rosto em uma careta.

— Eu sei que não. Mas vocês deviam ter contado. Talvez tivesse ajudado em alguma coisa na investigação.

— Ia ser uma busca inútil. — Brian tomou um longo gole de cerveja. — Como foi que você descobriu isso depois de tanto tempo?

— O filho de Rosie tem mais consciência social do que você. Ele foi me procurar quando leu nos jornais que estávamos fazendo uma revisão dos casos não solucionados.

Desta vez, houve uma reação. Brian, que estava levando a lata de cerveja à boca, interrompeu o gesto imediatamente. Colocou a lata sobre a bancada da pia.

— Meu Deus do céu — blasfemou ele. — Como foi que isso aconteceu?

— Ele conseguiu localizar a senhora que dirigia o abrigo onde Rosie teve o bebê. Ela lhe contou sobre o assassinato. E agora ele quer encontrar o responsável pela morte da mãe, tanto quanto vocês.

Brian balançou a cabeça.

— Isso eu duvido muito. Ele sabe onde eu e Colin moramos?

— Ele sabe que você mora aqui. E sabe que Colin tem uma casa em Kingsbarns, embora passe a maior parte do tempo no Golfo. Ele disse que conseguiu rastrear vocês dois através de registros públicos. O que deve ser verdade mesmo. Ele não tem motivos para mentir. Eu disse que achava que você não ia gostar muito de conhecê-lo.

— Pelo menos nisso você acertou. Talvez fosse até diferente, se vocês tivessem colocado o assassino dela na cadeia. Mas eu, pelo menos, não quero ficar me lembrando dessa parte da vida de Rosie. — Ele esfregou costas da mão contra os olhos. — E aí? Vocês vão finalmente prender aqueles estudantes de merda?

Lawson trocou de posição, jogando o peso para a outra perna.

— Não temos certeza de que foram eles, Brian. Eu sempre apostei em alguém de fora.

— Não me vem com essa! Você sabe que eles eram suspeitos. Vocês tem que investigá-los novamente.

— Estamos fazendo o melhor que podemos, Brian. Mas a coisa não parece muito promissora.

— Mas agora tem o DNA. Vai dizer que isso não faz a maior diferença? Vocês acharam sêmen nas roupas dela.

Lawson desviou o olhar. Um ímã de geladeira feito a partir de uma fotografia de Rosie chamou a sua atenção. O sorriso dela, brilhando através dos

anos, o atingiu em cheio em uma pontada de culpa, dolorida e profunda.

— Aí é que está o problema — disse ele, temendo o que sabia estar prestes a acontecer.

— Que problema?

— As provas se extraviaram.

Brian ergueu-se rígido e retesado, apoiando-se na ponta dos pés.

— Vocês perderam as provas? — Apesar de não vê-lo há muito tempo, Lawson reconheceu naquele momento, queimando no olhar de Brian, a mesma fúria de antigamente.

— Eu não disse que nós perdemos. Disse que se extraviaram. Não estão onde deveriam estar. Não estamos medindo esforços para encontrar e eu estou confiante de que vamos conseguir. Mas, no momento, estamos de pés e mãos atados.

Brian fechou os punhos.

— Então quer dizer que aqueles quatro desgraçados se safaram novamente?

Um mês depois, apesar de ter tirado férias e se dedicado à pescaria, tentando relaxar, Lawson ainda não conseguia esquecer Brian, e a sua fúria ainda reverberava no seu peito. Não teve mais notícias do irmão de Rosie. Mas o filho dela passou a ligar regularmente. E, estando ciente da ira justificada de ambos, Lawson redobrou a sua consciência de que necessitava de pelo menos uma solução para aquele caso. O aniversário da morte de Rosie, de alguma forma, tornou aquela necessidade ainda mais urgente. Suspirando, levantou-se da sua cadeira e dirigiu-se até a sala onde sua equipe trabalhava nos casos não solucionados.

22

Alex estava parado diante da sua casa, como se a estivesse vendo pela primeira vez. Não conseguira sequer se lembrar do caminho que fizera até lá de Edimburgo, passando pela Forth Bridge e North Queensferry. Aturdido, entrou com o carro e estacionou perto da calçada, deixando bastante espaço para Lynn colocar o carro dela mais perto da casa.

A casa revestida de pedra ficava em um penhasco, perto das vigas de sustentação da ponte. Com aquela proximidade do mar, a luta da neve contra o ar salgado estava fadada ao fracasso. Era preciso tomar cuidado com a neve derretida no chão e Alex quase perdeu o equilíbrio várias vezes, caminhando do carro até a porta de casa. Depois de limpar os pés e fechar a porta, fugindo do mau tempo, a primeira coisa que ele fez foi ligar para o celular de Lynn, para deixar uma mensagem pedindo que ela tomasse cuidado quando chegasse.

Olhou de soslaio para o relógio de pé, enquanto cruzava o corredor, acendendo as luzes conforme passava por elas. Ele raramente chegava em casa tão cedo em um dia de semana no inverno, quando ainda era tecnicamente dia, mas o céu estava tão carregado que parecia ser mais tarde do que realmente era. Lynn ainda demoraria pelo menos uma hora para chegar em casa. Ele precisava de companhia, mas teria de se arranjar com a que tem dentro de uma garrafa até a volta da sua mulher.

Na sala de jantar, Alex se serviu um conhaque. Não muito, alertou a si mesmo. Ficar bêbado só ia piorar as coisas. Pegou o copo e seguiu pela casa, até a ampla estufa que oferecia uma vista panorâmica do estuário de Forth, e ficou sentado no escuro, sem prestar atenção nas luzes dos navios que piscavam sobre a água. Não sabia por onde começar a lidar com as notícias daquela tarde.

Ninguém chega aos quarenta e seis anos sem ter perdido alguém na vida. Mas Alex tivera mais sorte do que a maioria. É verdade que, quando tinha lá os seus vinte e poucos anos, presenciara o enterro dos quatro avós. Mas isso era o que naturalmente se espera que vá acontecer a pessoas muito idosas e, de alguma forma, todas as quatro mortes foram referidas pelos adultos como “um merecido descanso”. Os seus pais e os seus sogros ainda estavam vivos. Assim como, até aquele dia, todos os seus amigos mais íntimos. O mais próximo que chegara da morte fora uns dois anos antes, quando o seu principal tipógrafo morrera em um acidente de carro. Alex ficara triste com a morte de um homem de quem ele

gostava como pessoa e em quem confiava como profissional, mas não dava para fingir que ficara devastado com aquela perda.

Mas agora, tudo era diferente. Ziggy fizera parte da sua vida por mais de trinta anos. Compartilharam todos os ritos de passagem; um funcionava como a pedra de toque das memórias do outro. Sem Ziggy, sentia-se apartado da sua própria história. Alex recordou-se do seu último encontro com o amigo. Ele e Lynn haviam passado duas semanas na Califórnia, no último verão. Ziggy e Paul juntaram-se a eles por três dias, em uma caminhada em Yosemite. O céu exibia um azul brilhante e a luz do sol destacava o contorno das extraordinárias montanhas, cada detalhe claramente realçado, como as linhas de uma gravura. Na última noite dos quatro juntos, eles foram de carro até a costa e hospedaram-se em um hotel que ficava em um penhasco, com vista para o Pacífico. Após o jantar, Alex e Ziggy recolheram-se em uma banheira bem quente com seis garrafas de cerveja da cervejaria local e comemoraram o fato de as suas vidas terem dado tão certo. Conversaram sobre a gravidez de Lynn e Alex ficara contente de ver a alegria flagrante de Ziggy.

— Você vai me deixar ser o padrinho, né? — perguntou ele, dando uma leve batida na garrafa de Alex com a sua garrafa de cerveja.

— Acho que não vamos batizar a criança — respondeu Alex. — Mas se os nossos pais encherem muito o saco, é óbvio que vai ser você.

— Vocês não vão se arrepender — disse Ziggy.

E Alex sabia que não teria se arrependido mesmo. Nem por um segundo. Mas isso era algo que jamais aconteceria.

Na manhã seguinte, Ziggy e Paul partiram pela manhã, bem cedo, em sua longa jornada até Seattle. Alex ainda podia vê-los, acenando da varanda sob a luz perolada do amanhecer. Outra coisa que jamais aconteceria novamente.

Qual fora mesmo a última coisa que Ziggy havia gritado da janela do carro antes de partir? Algo sobre Alex ter de satisfazer todos os caprichos de Lynn durante a gravidez, para ir se preparando para ser papai. Não conseguia se lembrar das palavras exatas, nem do que ele gritara em resposta. Mas o fato de suas últimas palavras para Alex terem sido para cuidar de alguém era típico de Ziggy. Porque Ziggy sempre cuidara de todo mundo.

Em todo grupo, sempre existe alguém que acaba sendo o porto seguro dos outros, alguém que fornece um refúgio para que os membros mais fracos possam se fortalecer. Para os Garotos de Kirkcaldy, essa pessoa era Ziggy. Não que ele fosse mandão ou controlador. Ele simplesmente tinha uma aptidão natural para aquele papel e os outros três haviam se beneficiado com a sua habilidade para resolver as coisas. Mesmo em suas vidas adultas, era Ziggy que Alex sempre procurava quando estava precisando de um bom conselho. Quando ele começou

a considerar a hipótese de deixar um emprego bem pago para arriscar-se abrindo a sua própria empresa, passaram um final de semana em Nova York juntos, discutindo os prós e os contras e, para ser franco, a confiança que Ziggy demonstrara em seu talento no final das contas pesou mais do que a convicção de Lynn de que ele se sairia bem.

Mais uma coisa que jamais tornaria a acontecer.

— Alex? — A voz da sua mulher interrompeu os seus devaneios. Estava tão desligado que sequer percebera o carro dela estacionando, nem o som dos seus passos. Virou-se na direção da tênue brisa do seu perfume.

— Por que você está aí, sentado no escuro? E por que chegou em casa tão cedo? — Não havia acusação em sua voz, apenas preocupação.

Alex balançou a cabeça. Não queria ter de compartilhar a notícia.

— Tem alguma coisa errada — insistiu Lynn, aproximando-se e sentando-se em uma cadeira ao lado do marido. Pousou a mão no braço dele. — Alex? O que houve?

Ao ouvir a sua inquietação, a anestesia do seu estado de choque dissipou-se, abruptamente. Uma dor lancinante cortou o seu peito, fazendo com que ele perdesse o fôlego por um instante. Os seus olhos encontraram os olhos preocupados de Lynn e se esquivaram. Sem dizer nada, ele esticou a mão e a encostou delicadamente na sua barriga.

E Lynn cobriu a mão de Alex com a sua própria.

— Alex... me conta o que aconteceu.

Alex notou que a sua própria voz lhe parecia estranha, um simulacro falho e embargado da sua articulação normal.

— Ziggy — disse ele, penosamente. — Ziggy morreu.

Lynn abriu a boca. Um esgar de incredulidade tomou conta do seu rosto.

— Ziggy?

Alex pigarreou.

— É — disse ele. — Houve um incêndio na casa, durante a noite.

Lynn estremeceu.

— Não. O Ziggy, não. Foi um engano.

— Não, não foi. Paul me contou. Ele me ligou hoje.

— Como isso pôde acontecer? Ele e Ziggy dormem na mesma cama. Como é que Paul pode estar bem e Ziggy morto? — A voz de Lynn estava alguns decibéis mais alta e a sua incredulidade ecoava pela casa.

— Paul não estava em casa. Estava dando uma palestra como convidado em Stanford. — Alex fechou os olhos, ao imaginar a cena. — Ele voltou pela manhã. Foi do aeroporto direto para casa. E, quando chegou lá, encontrou os bombeiros e os policiais revirando os escombros da casa deles.

Lágrimas silenciosas cintilaram nos cílios de Lynn.

— Isso deve ter sido... ah, meu Deus. Eu não posso suportar!

Alex cruzou os braços contra o peito.

— A gente nunca acha que as pessoas que amamos podem ser tão frágeis. Num minuto estão lá, no outro, não estão mais.

— Eles já têm alguma ideia do que pode ter acontecido?

— Disseram a Paul que ainda é muito cedo para afirmar qualquer coisa. Mas ele me disse que pegaram meio pesado com ele nas perguntas. Ele acha que pode parecer suspeito, que eles estão achando essa história de ele não estar em casa conveniente demais.

— Meu Deus, coitado do Paul. — Os dedos de Lynn mexiam-se agoniados em seu colo. — Perder Ziggy já é um inferno. E ainda ter que aturar a polícia... Coitado, coitado do Paul.

— Ele me pediu para avisar Esquisito e Mondo. — Alex balançou a cabeça. — Ainda não tive coragem.

— Eu ligo pro Mondo — disse Lynn. — Mais tarde. Não corremos o risco de ele ficar sabendo antes, mesmo.

— Não, eu é que vou ter que ligar. Eu disse a Paul...

— Ele é meu irmão. Eu conheço bem a peça. Mas você vai ter que se virar com Esquisito. Acho que eu não vou aguentar ter que ouvir que Jesus me ama agora.

— Eu sei. Mas alguém vai ter que contar a ele. — Alex forçou um sorriso amargo. — Ele provavelmente vai querer fazer um sermão no funeral.

Lynn olhou para ele, em pânico.

— Ah, não. Você não pode deixar isso acontecer.

— Eu sei. — Alex inclinou-se e levantou o copo. Bebeu as últimas gotas do seu conhaque. — Você sabe que dia é hoje?

Lynn ficou paralisada.

— Ai, meu Deus do céu.

O reverendo Tom Mackie colocou o telefone no gancho e acariciou a cruz banhada em prata que trazia no peito da sua batina de seda roxa. A sua congregação americana gostava de ter um pastor britânico e, como não sabiam distinguir um escocês de um inglês mesmo, ele satisfazia o seu desejo de ostentação com os adornos mais exagerados do anglicanismo ortodoxo. Era uma vaidade, ele próprio reconhecia, mas uma vaidade essencialmente inofensiva.

A sua secretária já havia ido embora e a solidão do seu escritório vazio lhe permitia confrontar a confusa reação emocional que o choque da morte de Ziggy

Malkiewicz provocara, sem precisar de disfarces. Embora não faltasse uma certa manipulação cínica na maneira como Esquisito praticava o seu sacerdócio, as crenças que sustentavam o seu regime evangélico eram sinceras e profundas. E ele sabia, no fundo do seu coração, que Ziggy era um pecador, irreversivelmente maculado pela nódoa da sua homossexualidade. No universo fundamentalista de Esquisito, não havia nenhuma dúvida quanto a isso. A Bíblia era bem clara em sua proibição e em sua abominação do pecado. Seria difícil encontrar a salvação, mesmo que Ziggy tivesse se arrependido sinceramente e, até onde Esquisito sabia, Ziggy morrera tal como havia vivido, abraçando o seu pecado com entusiasmo. Sem dúvida a maneira como havia morrido estava relacionada ao seu modo de vida, que desobedecia às leis divinas. A conexão seria mais óbvia se o Senhor o tivesse punido com a praga da Aids. Mas Esquisito já havia criado uma sequência mental de acontecimentos que apontava a escolha arriscada de Ziggy como culpada pela sua morte. Talvez um amante casual tivesse esperado Ziggy dormir para roubá-lo e depois tivesse incendiado a casa para ocultar o seu crime. Talvez eles estivessem fumando maconha e um baseado mal apagado tivesse sido o responsável pelo incêndio.

Fosse lá o que tivesse acontecido, a morte de Ziggy, não obstante, era para Esquisito um lembrete poderoso de que era possível odiar o pecado e amar o pecador. Não havia como negar a realidade da amizade que o amparara durante a sua adolescência, quando o seu próprio espírito selvagem impedia que ele visse a luz, quando ele de fato havia sido Esquisito. Sem Ziggy, ele jamais teria atingido a idade adulta sem ter se envolvido em uma confusão séria. Ou algo pior.

Sem fazer esforço, a sua memória exibiu uma sequência em flashback. Inverno, 1972. O ano da passagem para o ensino médio. Alex desenvolvera um dom para arrombar carros sem danificar a fechadura. Tudo o que ele precisava era de um pedaço flexível de metal e muita habilidade. Era uma maneira de se sentirem anárquicos sem serem criminosos. O procedimento era simples. Bastavam algumas cervejinhas ilícitas no Pub do Porto e lá iam eles, impetuosos, noite adentro. Escolhiam uma meia dúzia de carros aleatoriamente, no caminho entre o pub e a rodoviária. Alex inseria o pedaço de metal na porta do carro e abria a fechadura. Então Ziggy e Esquisito entravam no carro e escreviam uma mensagem no para-brisa. Com um batom vermelho, previamente furtado de uma loja, do tipo que é uma chatice para tentar remover, eles escreviam o refrão da música “Laughing Gnome”, de David Bowie.[7] O que sempre acabava fazendo os quatro terem um incontrolável acesso de riso.

E assim iam embora, trôpegos, rindo feito bobos, cuidando para deixar o carro bem trancado. Era uma brincadeira que conseguia ser boba e brilhante ao mesmo tempo.

Uma noite, Esquisito estava empoleirado atrás do volante de um Escort. Enquanto Ziggy escrevia, ele abriu o cinzeiro e viu, maravilhado, uma chave sobressalente. Sabendo que furto não estava nos planos e que Ziggy com certeza não ia deixar ele se divertir, Esquisito esperou o amigo sair do carro, encaixou a chave na ignição e ligou o motor. Ao acender os faróis, pôde ver a expressão de susto no rosto dos outros três. A sua primeira intenção era apenas surpreender os amigos. Mas, diante da possibilidade de fazer alguma coisa realmente radical, Esquisito deixou-se levar. Nunca dirigira antes, mas estava familiarizado com a teoria e já vira o pai dirigindo o bastante para se convencer de que se sairia bem. Engatou a marcha, soltou o freio de mão e avançou, aos trancos e barrancos.

Saiu do estacionamento, dirigindo-se para a saída que o levaria para o passeio público, a faixa de quase quatro quilômetros que se estendia ao longo do quebra-mar. Os postes de luz eram um borrão alaranjado e as letras vermelhas escritas no para-brisa tornavam-se pretas à medida que ele avançava, fazendo o carro pular cada vez que ele mudava a marcha. Mal conseguia manter o carro em linha reta, estava às gargalhadas.

O passeio público chegou ao fim, inacreditavelmente rápido. Ele girou o volante para a direita, conseguindo, de algum modo, fazer a curva depois da garagem dos ônibus. Por sorte havia poucos carros na rua: a maioria das pessoas havia preferido ficar em casa naquela noite gelada de fevereiro. Pisou no acelerador, indo para a Invertiel Road, por baixo da ponte, depois da Jawbanes Road.

A velocidade foi a sua ruína. Ao subir a rua e tentar uma curva para a esquerda, Esquisito deslizou em uma poça congelada e o carro girou. Desacelerando, o carro rodopiou em uma lentíssima valsa, completando 360 graus. Ele agarrava o volante, mas isso só parecia piorar ainda mais a situação. O para-brisa ficou coberto com uma massa encharcada de grama e então, de repente, o carro capotou de lado e ele foi jogado contra a porta, afundando as costelas na manivela.

Não sabia dizer quanto tempo ficou lá, atordoado e sentindo dor, ouvindo o tique-taque do motor afogado esfriando no ar da noite. Quando deu por si, viu a porta sobre a sua cabeça desaparecer e ser substituída por Alex e Ziggy, olhando para baixo, assustados.

— Seu retardado filho de uma puta — gritou Ziggy, assim que percebeu que Esquisito estava mais ou menos bem.

De algum modo, conseguiu sair do carro com muita dificuldade, enquanto os dois o rebocavam, gritando de dor quando as suas costelas fraturadas protestavam. Deitou-se arfando sobre a grama congelada, cada suspiro era uma pontada de agonia. Levou um tempinho para perceber que um Austin Allegro

estava estacionado na rua atrás do Escort destruído, os seus faróis dissipando a escuridão e lançando curiosas sombras.

Ziggy o colocara de pé na calçada.

— Seu retardado filho de uma puta — ele continuou repetindo, empurrando Esquisito no banco de trás do Allegro. Atordoado com a dor, Esquisito ouviu a conversa.

— O que a gente vai fazer agora? — perguntou Mondo.

— Alex vai levar vocês até o passeio público e vocês vão colocar esse carro direitinho onde ele estava. Depois, vocês vão pra casa. Ok?

— Mas Esquisito está machucado — protestou Mondo. — Ele vai ter que ir pro hospital.

— Ah, tá. Vamos anunciar pra todo mundo que ele sofreu um acidente de carro. — Ziggy inclinou-se para dentro do Allegro e colocou a mão diante do rosto de Esquisito. — Quantos dedos tem aqui, retardado?

Ainda confuso, Esquisito franziu a testa.

— Dois — gemeu ele.

— Viu só? Ele não sofreu nenhuma concussão. Incrível. Eu sempre achei que ele devia ter cimento no lugar do cérebro. São só as costelas, Mondo. Tudo o que eles vão fazer no hospital é dar uns analgésicos pra ele.

— Mas ele está morrendo de dor. O que ele vai dizer quando chegar em casa?

— Isso é problema dele. Ele diz que caiu de uma escada, sei lá. Qualquer coisa. — Ziggy inclinou-se novamente. — Você vai ter que segurar a sua onda, retardado.

Esquisito se aprumou, estremecendo.

— Eu dou um jeito.

— E o que você vai fazer? — perguntou Alex, ajeitando-se atrás do volante do Allegro.

— Vou dar uns cinco minutos, esperar vocês saírem de perto. Depois, vou incendiar o carro.

Trinta anos depois, Esquisito ainda conseguia lembrar da expressão de choque no rosto de Alex.

— O quê?

Ziggy esfregou a mão no rosto.

— O carro está coberto com as nossas impressões digitais. A nossa marca registrada está rabiscada no para-brisa. Quando a gente só estava fazendo isso, não ia atrair a atenção da polícia. Mas agora, temos um carro roubado, destruído. Vocês acham que eles vão encarar isso como uma brincadeira? Vamos ter que pôr fogo no carro. Ele não serve mais para nada, mesmo.

Não havia como argumentar. Alex ligou o motor e partiu com facilidade, procurando uma rua paralela que desse mão, para fazer a curva. Alguns dias mais tarde, Esquisito perguntou:

— Onde foi que você aprendeu a dirigir?

— No verão passado. Numa praia. Foi o meu primo quem me ensinou.

— E como você conseguiu dar partida no Allegro sem chave?

— Você não reconheceu o carro?

Esquisito balançou a cabeça.

— É do “Sammy” Seale.

— O professor de trabalho em metal?

— Exatamente.

Esquisito sorriu. A primeira coisa que eles haviam aprendido a fazer na oficina de metal era uma caixa magnetizada para colocar no chassi do carro, para guardar uma chave sobressalente.

— Que sorte, hein?

— Sorte pra você, retardado. Foi Ziggy quem viu e identificou o carro.

Como as coisas poderiam ter sido diferentes, refletiu Esquisito. Se Ziggy não tivesse aparecido para salvá-lo, ele seria preso, fichado na polícia e teria estragado a sua vida. Em vez de abandoná-lo para sofrer as consequências do seu próprio disparate, Ziggy arrumara um jeito de livrar a cara dele. E, de quebra, ainda se arriscara. Incendiar um carro era algo grave para um sujeito correto e ambicioso. Mas Ziggy não hesitara.

E agora Esquisito tinha que retribuir esse e outros favores. Falaria no funeral de Ziggy. Pregaria arrependimento e perdão. Era tarde demais para salvar Ziggy, mas a graça de Deus certamente haveria de resgatar uma alma perdida.

23

Esperar era uma das coisas que Graham Macfadyen sabia fazer melhor. O seu pai adotivo havia sido um ornitólogo amador entusiasta e, quando criança, ele havia sido obrigado a passar boa parte da sua juventude com o pai fazendo hora, esperando avistarem pássaros interessantes o bastante para justificar o levantar do binóculo aos olhos. Aprendera a ficar quietinho desde bem cedo; valia qualquer coisa para evitar o lado violento do sarcasmo do pai. As feridas da culpa eram tão profundas quanto as agressões físicas e Macfadyen fazia o possível, dentro dos seus limitados poderes, para evitá-las. O segredo, ele descobrira bem cedo, era vestir-se de acordo com o tempo. De modo que, embora passasse a maior parte do dia exposto a rajadas de neve e lufadas geladas do vento norte, continuava confortável na sua parca acolchoada com plumas, a sua calça comprida forrada de lã e as suas botas de caminhada. E era especialmente grato pelo assento dobrável em forma de bengala que trazia consigo, pois o seu posto de observação não oferecia nenhum lugar para se sentar, a não ser em sepulturas. E aquilo parecia uma tremenda falta de respeito.

Tirou uma licença do trabalho. Tivera de mentir, mas não tinha outro jeito. Sabia que estava deixando muita gente na mão, que a sua ausência talvez equivalesse à perda de um prazo crucial. Mas havia coisas mais importantes do que cumprir a data de pagamento de um contrato. E ninguém ia suspeitar que um sujeito tão consciencioso como ele pudesse estar fingindo. Mentir, assim como passar despercebido e manter a calma, era algo que ele fazia muito bem. Sabia que Lawson não nutrira a menor sombra de dúvida quando ele afirmou ter amado os seus pais adotivos. Bem que tentou amá-los, só Deus sabia quanto. Mas a distância emocional que eles impunham, combinada com o desgaste constante da desaprovação e da decepção, havia minado o seu afeto, deixando-o insensível e isolado. As coisas teriam sido bem diferentes com a sua mãe verdadeira, ele tinha certeza. Mas ele havia sido privado dessa chance e tudo o que restara era a fantasia de conseguir, de alguma maneira, fazer com que o responsável pagasse pelo que fizera. Esperara demais do seu encontro com Lawson, mas a incompetência da polícia fizera com que o chão sumisse sob os seus pés. Contudo, só porque o caminho mais óbvio fechara-se para ele, isso não significava que deveria desistir da sua missão. Os seus anos de experiência como programador haviam lhe ensinado esta persistência.

Não sabia ao certo se a sua vigília seria bem-sucedida, mas se sentira impelido a ir até aquele lugar. Se não funcionasse, pensaria em outra maneira de conseguir o que queria. Chegou um pouco depois das sete e caminhou até o túmulo. Já estivera no cemitério antes e ficara frustrado por não conseguir se sentir mais próximo da mãe que jamais conhecera. Desta vez, apenas colocara a sua discreta homenagem floral ao pé da sepultura e depois voltara para o ótimo posto de observação que localizara em sua última visita. Ficava praticamente encoberto pelo pomposo memorial erguido em homenagem a um antigo conselheiro da cidade, mas de lá era possível observar perfeitamente o último repouso de Rosie.

Alguém ia aparecer. Havia nutrido esta certeza, mas agora que os ponteiros do seu relógio moviam-se em direção às sete horas, começava a ter dúvidas. Lawson que se danasse — não ia deixar de procurar os seus tios. Faria contato. Imaginara que se aproximar dos tios em um local tão emocionalmente significativo neutralizaria a sua hostilidade e permitiria que pudessem vê-lo como alguém que, assim como eles, tinha direito de ser considerado parte da família de Rosie. Mas já estava começando a achar que calculara mal. E este pensamento o deixava irritado.

Foi então que viu uma sombra mais escura delineando-se sobre as sepulturas. Era a silhueta de um homem, andando rapidamente em sua direção. Macfadyen inspirou fundo e prendeu a respiração.

Com a cabeça abaixada por causa do mau tempo, o homem afastou-se da trilha e embrenhou-se com segurança pelas sepulturas. À medida que se aproximava, Macfadyen pôde ver que ele trazia um pequeno buquê de flores na mão. O homem diminuiu a marcha e estacou, a mais ou menos um metro e meio da lápide de Rosie. Ficou parado, de cabeça baixa, por um bom tempo. Quando se inclinou para depositar as flores, Macfadyen se aproximou dele sorrateiramente, valendo-se da neve para abafar os seus passos.

O homem se ergueu e deu um passo para trás, chocando-se contra Macfadyen.

— Mas que... — exclamou ele, virando-se para trás.

Macfadyen levantou as mãos, em um gesto apaziguador.

— Desculpe. Não quis assustar o senhor. — Ele desceu o capuz da sua parca, para parecer menos intimidador.

O homem lançou um olhar furioso para ele e, pendendo a cabeça para o lado, examinou-o atentamente.

— Eu te conheço? — perguntou ele, e a sua voz era tão hostil quanto a sua postura.

Macfadyen não hesitou.

— Acho que o senhor é meu tio — disse ele.

Lynn deixou Alex a sós para dar o telefonema. A tristeza era como um caroço desconfortável no seu peito. Perturbada, foi até a cozinha e cortou o frango, funcionando no piloto automático. Colocou os pedaços de frango no refratário de alumínio, junto com algumas cebolas muito mal cortadas e com as pimentas. Despejou o molho comprado pronto, adicionou uma pequena dose de vinho branco e colocou no forno. Como sempre, esquecera de preaquecer. Pescou com o garfo algumas batatas e colocou para assar, na prateleira acima do frango. Alex já deve ter falado com Esquisito, pensou ela. Não podia mais adiar a ligação para Mondo.

Quando parou para pensar no assunto, Lynn achou um tanto estranho que, apesar dos laços de sangue e do seu desprezo pela pregação do fogo do inferno e na eterna danação de Esquisito, Mondo tivesse se transformado no membro mais afastado do antigo quarteto. Ela sempre tinha a impressão de que se não fosse pelo fato de serem irmãos, ele teria desaparecido completamente da vida de Alex. Geograficamente falando, ele era o que estava mais perto, em Glasgow. Mas já no fim das suas carreiras universitárias, parecia que ele queria romper com todos os laços que o uniam à sua infância e adolescência.

Ele fora o primeiro a deixar o país, indo para a França após a formatura para seguir a sua ambição de uma carreira acadêmica. Mal voltou a Escócia nos três anos seguintes, não dando as caras sequer no enterro da avó. Lynn tinha lá as suas dúvidas se ele teria se dado ao trabalho de comparecer ao seu casamento com Alex caso já não estivesse morando novamente no Reino Unido, dando aulas na Universidade de Manchester. Sempre que Lynn tentava sondar o motivo da sua ausência, ele dava um jeito de mudar de assunto — coisa que este seu irmão mais velho sempre fizera muito bem.

Lynn, que permanecera firmemente ancorada às suas raízes, não conseguia entender por que alguém escolheria se desligar da sua história pessoal. Mondo não tivera uma infância ruim, nem uma adolescência traumática. Era bem verdade que sempre fora meio frouxo, mas depois que se juntara com Alex, Esquisito e Ziggy ficara protegido dos implicantes de plantão. Ela lembrava como costumava invejar a amizade inabalável dos quatro, a maneira casual como conseguiam sempre se divertir. As suas músicas horrorosas, o seu lado subversivo, o seu total desprezo pela opinião dos colegas. Para ela, parecia uma atitude masoquista dar as costas a um sistema de apoio como aquele.

Ele sempre fora fraco, Lynn sabia disso. Sempre que surgia algum problema, Mondo dava no pé. Mais um motivo, na concepção de Lynn, para ele

ter mantido as amizades que o ajudaram a vencer tantas dificuldades. Perguntara a Alex uma vez o que ele achava daquilo tudo e ele dera de ombros. “O nosso último ano em St. Andrews foi brabo. Talvez ele não queira ficar lembrando disso.”

Fazia um certo sentido. Ela conhecia Mondo o suficiente para compreender a vergonha e a culpa que ele sentia pela morte de Barney Maclennan. Ele teve de suportar o sarcasmo maldoso dos arruaceiros de bar que lhe disseram que, da próxima vez que fosse tentar se matar, fizesse a coisa direitinho. Sofrera a angústia de saber que o seu exibicionismo egoísta custara a vida de uma pessoa. E ainda teve de aturar várias sessões de análise que serviram mais para lembrá-lo do terrível momento em que um pedido de atenção transformara-se no pior dos pesadelos. Ela imaginava que a presença dos outros três servia mais como uma deixa para as lembranças que ele queria apagar do que qualquer outra coisa. Também sabia que, embora ele jamais tivesse dito uma palavra a respeito, Alex jamais conseguira se desvencilhar da suspeita de que Mondo talvez soubesse mais do que estivera disposto a contar sobre a morte de Rosie Duff. O que era um absurdo, lógico. Se algum deles tivesse sido capaz de cometer aquele crime específico, naquela noite específica, esse alguém teria sido Esquisito, que estava fora de si devido à sua mistura de bebida e drogas e frustrado porque a sua molecagem com a Land Rover não impressionara as garotas como ele imaginara. E ela sempre achara aquela conversão milagrosa e repentina muito suspeita.

Mas, independentemente dos possíveis motivos, ela sentira saudade do irmão ao longo dos últimos vinte anos. Quando era mais nova, sempre imaginara que ele se casaria com uma garota que se tornaria a sua melhor amiga; que eles ficariam ainda mais unidos com a chegada dos filhos, que desenvolveriam uma dessas famílias agradáveis e enormes, onde todos se davam bem uns com os outros. Mas nada disso se tornara realidade. Após uma série de relacionamentos quase sérios, Mondo finalmente se casou com Hélène, uma aluna francesa dez anos mais nova do que ele, que mal conseguia disfarçar o seu desprezo por qualquer pessoa que não soubesse discutir Foucault ou alta costura com a mesma naturalidade. Alex, por exemplo, era alguém que ela desdenhava abertamente por ter escolhido o comércio e abandonado a arte. E Lynn, ela tratava com uma certa condescendência e com um morno entusiasmo pela sua carreira como restauradora de belas-artes. Assim como ela e Alex, eles também não tinham filhos, mas Lynn suspeitava que era por escolha própria e que eles continuariam assim no futuro.

Lynn achava que a distância talvez facilitasse a sua tarefa de dar a notícia. Mas, ainda assim, pegar o telefone naquela noite foi uma das coisas mais difíceis que ela fez na vida. A ligação foi atendida logo no segundo toque, por Hélène.

— Oi, Lynn. Que bom que você ligou. Eu vou chamar o David — disse ela, e o seu inglês quase perfeito era uma reprovação em si. Hélène abandonou o fone antes mesmo que Lynn pudesse adiantar o motivo pelo qual estava ligando. Houve uma longa pausa e depois a voz familiar do seu irmão ressoou no seu ouvido.

— Lynn — disse ele. — Como vai? — Como se ele se importasse muito.

— Mondo, eu tenho más notícias.

— Nossos pais? — interrompeu ele, antes que ela pudesse continuar.

— Não, eles estão bem. Falei com mamãe ontem à noite. É uma notícia que surpreendeu a todos nós. Alex recebeu uma ligação de Seattle esta tarde. — Lynn sentiu um bolo na garganta, ao relembrar. — Ziggy morreu. — Silêncio do outro da linha. Ela não sabia dizer se era um silêncio de choque ou de dúvida acerca da resposta adequada. — Sinto muito — disse ela.

— Eu não sabia que ele estava doente — disse Mondo, finalmente.

— Não estava. A casa pegou fogo durante a noite. Ziggy estava deitado, dormindo. Ele morreu no incêndio.

— Que horror, meu Deus. Pobre Ziggy. Não consigo acreditar. Ele sempre foi tão cuidadoso. — Ele emitiu um som esquisito, quase como uma risada. — Se era para um de nós morrer num incêndio, qualquer um apostaria no Esquisito. Ele sempre foi fadado a sofrer acidentes. Mas Ziggy?

— Eu sei. É difícil de acreditar.

— Meu Deus. Coitado do Ziggy.

— Pois é. Nós passamos uns dias maravilhosos com ele e Paul em setembro, lá na Califórnia. Ainda não consigo me acostumar com a ideia.

— E Paul? Morreu também?

— Não. Ele estava viajando, passou a noite fora. Quando voltou, encontrou a casa destruída e Ziggy morto.

— Ih... isso vai pegar muito mal para ele.

— Bom, tenho certeza de que esta é a última coisa que deve estar passando pela cabeça dele agora, né? — retrucou Lynn, áspera.

— Não, você entendeu mal. O que eu quis dizer é que isso vai piorar ainda mais as coisas para ele. Credo, Lynn. Eu sei muito bem o que é ter as pessoas todas olhando para você como se você fosse um assassino — relembrou Mondo.

Houve uma pequena pausa, para ambos acalmarem os ânimos e evitarem uma discussão.

— Alex vai ao enterro. — Lynn levantou a bandeira branca.

— Ih, acho que não vai dar para ir ao enterro, não — Mondo apressou-se em dizer. — Vamos para a França daqui a dois dias. Já reservamos as passagens e tudo. E depois, eu nunca mais tive contato com Ziggy, como você e Alex.

Lynn contemplava a parede, sem conseguir acreditar no que estava ouvindo.

— Vocês quatro eram como irmãos de sangue. Será que isso não merece uma alteração nos seus planos de viagem?

Houve um longo silêncio. Então, Mondo disse:

— Eu não quero ir, Lynn. O que não significa que eu não ligue para Ziggy. É que eu não suporto enterros. Vou escrever para o Paul. De que adianta cruzar o mundo para ir a um enterro que só vai me fazer mal? Isso não vai trazer Ziggy de volta, mesmo.

Lynn sentiu-se subitamente exausta, mas grata por ter assumido o fardo e ter livrado Alex daquela penosa conversa. O pior é que, apesar de tudo, ela ainda conseguia ser solidária com o seu irmão ultrassensível.

— Nenhum de nós gostaria que você se sentisse mal — suspirou ela. — Bom, vou deixar você ir fazer as suas coisas.

— Só um minuto, Lynn — disse ele. — Ziggy morreu hoje?

— Foi, bem cedinho, pela manhã.

Uma respiração tensa do outro lado.

— Que sinistro, hein? Você sabe que hoje faz vinte e cinco anos que Rosie Duff foi assassinada?

— Nós não esquecemos. Fico boba de você ter se lembrado.

Ele deu uma risada amargurada.

— Você acha que eu poderia esquecer o dia em que a minha vida foi destruída? Está entalhado no meu coração.

— Bem, pelo menos assim você vai se lembrar do aniversário da morte de Ziggy — disse Lynn, percebendo que, mais uma vez, Mondo estava girando o seu caleidoscópio e fazendo com que tudo girasse ao seu redor. Às vezes, ela realmente desejava que os laços familiares pudessem ser rompidos.

Lawson lançou um olhar furioso para o telefone, ao recolocá-lo no gancho. Detestava políticos. Tivera de aturar, durante dez minutos, o parlamentar que representava o principal suspeito de Phil Parhatka despejando em seu ouvido uma baboseira sobre os direitos humanos do cretino. Lawson teve vontade de perguntar: “E os direitos humanos do pobre coitado que ele matou?”, mas o bom senso o impediu de verbalizar a sua irritação. Em vez disso, ele emitiu sons conciliatórios e anotou mentalmente que deveria dar uma palavrinha com os pais da vítima e pedir que lembrassem ao seu advogado que ele deveria ficar do lado das vítimas, e não dos criminosos. E de avisar a Phil Parhatka que era melhor se proteger.

Deu uma olhadela no relógio, surpreso ao constatar que já era bem tarde.

Era melhor dar uma passada na sala da revisão dos casos antes de sair, ver se por acaso Phil ainda estava por lá.

Mas a única pessoa na sala àquela hora da noite era Robin Maclennan. Ele estava examinando um arquivo de depoimentos de testemunhas, a testa franzida em franca concentração. Banhado na aura de luz oferecida pela luminária sobre a mesa, a semelhança com o seu irmão era impressionante. Lawson estremeceu, sem querer. Era como ver um fantasma, mas um fantasma que havia envelhecido uns doze anos desde a sua última aparição na terra.

Lawson pigarreou e Robin levantou os olhos, dissipando a ilusão à medida que os seus próprios maneirismos se sobrepunham à semelhança fraternal.

— Boa-noite, senhor — disse ele.

— Está ficando até tarde, hein? — comentou Lawson.

Robin deu de ombros.

— Diane levou as crianças ao cinema. Dá no mesmo ficar aqui ou sozinho em casa.

— Sei bem o que é isso. Eu mesmo tenho me sentido assim, desde que Marian morreu, ano passado.

— O seu filho não está em casa?

Lawson deu um muxoxo.

— O meu filho já está com vinte e dois anos, Robin. Michael se formou no verão. Em economia. E agora está trabalhando como motoboy em Sydney, na Austrália. Às vezes eu me pergunto pra que trabalhei feito um condenado. Quer tomar um chope?

Robin ficou levemente surpreso.

— Sim, quero — disse ele, fechando o arquivo e levantando-se da mesa.

Escolheram um pequeno pub nos arredores de Kirkcaldy, que não ficasse muito longe da casa de ambos, por causa da volta. O lugar estava barulhento, com um zumbido de conversação lutando contra a seleção de músicas natalinas que pareciam inevitáveis naquela época do ano. Enfeites dourados decoravam o pórtico e uma espalhafatosa árvore de Natal de fibra ótica inclinava-se torta em um dos cantos do bar. Enquanto no rádio a banda Wizzard desejava a plenos pulmões que pudesse ser Natal todo dia, Lawson comprou dois chopes e duas doses de uísque para rebater. Neste meio-tempo, Robin encontrou uma mesa relativamente tranquila no canto mais afastado do bar. Ele pareceu um tanto surpreso quando viu as duas bebidas a sua frente.

— Obrigado, senhor — disse ele, circunspecto.

— Esqueça a hierarquia, Robin. Só por esta noite, que tal? — Lawson tomou um longo gole do seu chope. — Para ser sincero, fiquei contente de te encontrar por lá. Queria tomar um drinque esta noite, mas não queria beber

sozinho. — Ele o encarou, curioso. — Você sabe que dia é hoje?

O rosto de Robin subitamente assumiu uma expressão cautelosa.

— 16 de dezembro.

— Acho que você pode fazer melhor do que isso.

Robin apanhou o uísque e bebeu tudo, de uma só vez.

— Hoje faz vinte e cinco anos que Rosie Duff foi assassinada. É isso o que você quer ouvir?

— Imaginei que você soubesse. — Nenhum dos dois conseguia pensar o que dizer a seguir, então beberam em um silêncio desconfortável por alguns minutos.

— Como Karen está se saindo? — perguntou Robin.

— Pensei que você soubesse melhor do que eu. O chefe é sempre o último a saber, não é o que dizem por aí?

Robin fez uma careta.

— Não neste caso. Karen mal tem aparecido no escritório ultimamente. Ao que parece, ela tem passado o tempo todo no depósito lá embaixo. E quando ela está na mesa dela, eu costumo ser a última pessoa com quem ela quer falar. Assim como os outros, ela fica constrangida quando tem de abordar o maior fracasso de Barney. — Bebeu o último gole e se levantou. — Mesma coisa?

Lawson concordou. Quando Robin voltou, ele disse:

— É isso o que você acha? Que foi o maior fracasso de Barney?

Robin balançou a cabeça, impaciente.

— Era isso o que ele achava. Eu me lembro daquele Natal. Nunca tinha visto Barney daquele jeito. Como ele se desgastou. Ele se culpava pelo fato de não terem prendido ninguém. Tinha certeza de que estava deixando passar alguma coisa óbvia, alguma coisa fundamental. Aquilo estava acabando com ele.

— É, eu me lembro que ele realmente levou para o lado pessoal.

— E como. — Robin olhava fixamente para o seu uísque. — Eu quis ajudar. Só entrei para a polícia porque Barney era o meu ídolo. Eu queria ser como ele. Cheguei até a pedir transferência para St. Andrews, para integrar a mesma equipe. Mas ele foi contra. — Robin suspirou. — Não consigo deixar de pensar que se eu estivesse lá...

— Você não poderia tê-lo salvado, Robin — disse Lawson.

Robin bebeu o seu segundo uísque.

— Eu sei. Mas não consigo parar de pensar nisso.

Lawson assentiu.

— Barney era um ótimo policial. Um sujeito único, insubstituível. E o modo como ele morreu chega a me deixar enojado, sabe? Eu sempre achei que devíamos ter acusado Davey Kerr.

Robin levantou a cabeça, confuso.

— Acusado? De quê? Tentativa de suicídio não é crime.

Sobressaltado, Lawson desconversou:

— Sim, mas... Tem razão, Robin. Onde é que eu estava com a cabeça? — gaguejou ele. — Esquece o que eu disse.

Robin inclinou-se sobre a mesa.

— Diz o que você ia me dizer.

— Não era nada, não. Sério. — Lawson tentou disfarçar a sua confusão bebendo mais um gole. Tossiu, engasgado, respingando uísque no queixo.

— Você ia me contar algo sobre a maneira como Barney morreu. — Os olhos de Robin imobilizaram Lawson no seu assento.

Ele enxugou a boca e suspirou.

— Pensei que você soubesse.

— Soubesse o quê?

— Homicídio doloso, era isso que deveria constar na acusação de Davey Kerr.

Robin franziu a testa.

— Isso jamais se sustentaria no tribunal. Kerr não tinha intenção de pular, foi um acidente. Ele só estava querendo chamar atenção, não estava tentando cometer suicídio de verdade.

Lawson parecia desconfortável. Empurrou a cadeira para trás e disse:

— Você precisa de outro uísque. — Dessa vez, voltou com uma dose dupla. Sentou-se e olhou Robin nos olhos. — Meu Deus — disse ele, baixinho. — Sei que decidimos abafar o assunto, mas eu tinha certeza de que você sabia.

— Continuo sem saber do que você está falando — disse Robin, o rosto atento, compenetrado. — Mas acho que mereço uma explicação.

— Eu era a primeira pessoa puxando a corda — disse Lawson. — Eu vi com os meus próprios olhos. Quando estávamos puxando eles lá de baixo, Davey entrou em pânico e chutou Barney de volta para a água.

Robin franziu o rosto, incrédulo.

— Você está me dizendo que Davey Kerr jogou Barney de volta pro mar para salvar a própria pele? — A voz de Robin soava igualmente incrédula. — E como é que eu só estou sabendo disso agora?

Lawson deu de ombros.

— Sei lá. Quando eu contei o que tinha visto ao superintendente, ele ficou chocado. Mas disse que não adiantava nada levar a coisa adiante. A promotoria jamais teria conseguido levar a acusação para frente. A defesa teria alegado que, nestas condições, eu não poderia ter visto o que vi. Que nós estávamos querendo nos vingar porque Barney morreu tentando salvar Davey Kerr. Que estávamos

querendo provar que a morte de Barney fora um homicídio doloso porque não conseguimos prender Kerr e os seus colegas pelo assassinato de Rosie Duff. Então, eles decidiram deixar para lá.

Robin apanhou o seu uísque e a sua mão tremia tanto que o copo se chocou contra os seus dentes. O rosto dele perdera a cor, ele estava pálido e suado.

— Eu não acredito nisso.

— Eu sei o que eu vi, Robin. Sinto muito, pensei que você soubesse.

— Esta é a primeira... — Ele olhou à sua volta, como se não compreendesse onde estava, ou como chegara até ali. — Desculpe, preciso sair daqui. — Levantou-se abruptamente e dirigiu-se até a porta, esbarrando nos fregueses do pub e ignorando as suas reclamações.

Lawson fechou os olhos e suspirou. Quase trinta anos na polícia e ele ainda não se acostumara à sensação de vazio que experimentava no estômago sempre que tinha de dar más notícias. O verme da ansiedade roía as suas entranhas. O que tinha feito, revelando a verdade para Robin Maclennan depois de tantos anos?

24

As rodinhas da mala roncavam atrás de Alex quando ele surgiu no saguão do aeroporto SeaTac. Era difícil identificar as pessoas que ficavam esperando os passageiros e, se Paul não tivesse acenado, ele provavelmente passaria por ele direto. Alex apressou-se em sua direção e os dois se abraçaram sem nenhum constrangimento.

— Obrigado por ter vindo — agradeceu Paul baixinho.

— Lynn mandou um beijo — disse Alex. — Ela queria muito vir comigo, mas...

— Eu entendo. Há tanto tempo que vocês querem esse bebê, melhor não arriscar. — Paul apanhou a mala de Alex e o conduziu até a saída do terminal. — O voo foi tranquilo?

— Dormi durante a maior parte da travessia do Atlântico. Mas não consegui relaxar depois da escala. Fiquei pensando em Ziggy, no incêndio. Que maneira brutal de partir.

Paul, que estava olhando para a frente, não desviou o olhar.

— Não paro de pensar que a culpa foi minha.

— Como pode ter sido culpa sua? — perguntou Alex, seguindo Paul até o estacionamento.

— Você soube que nós transformamos o sótão em um quarto grande com banheiro? Devíamos ter colocado uma saída de incêndio externa. Eu vivia querendo pedir para o pedreiro voltar e instalar uma, mas sempre aparecia uma coisa mais importante para ser feita... — Paul parou diante do seu carro e guardou a mala de Alex no porta-malas. Por baixo do paletó de xadrez escocês, era possível distinguir os músculos em seus ombros largos, flexionados pelo esforço.

— Todos nós adiamos coisas — disse Alex, pousando a mão nas costas de Paul. — Você sabe que Ziggy não ia culpar você por isso. Era uma responsabilidade dos dois.

Paul deu de ombros e sentou-se atrás do volante.

— Tem um hotelzinho razoável a uns dez minutos de onde ficava a casa. Estou hospedado lá. Fiz uma reserva para você, tudo bem? Se você preferir ficar na cidade, a gente pode cancelar.

— Não. Prefiro ficar com você. — Deu um sorriso exausto para Paul. —

Assim a gente pode chorar as mágoas um com o outro.

— Certo.

Ficaram em silêncio enquanto Paul saía da estrada, em direção a Seattle. Eles contornaram a cidade e prosseguiram rumo ao norte. Ziggy e Paul moravam fora dos limites da cidade, em uma casa de madeira de dois andares, construída em uma encosta com vistas de tirar o fôlego do estreito de Puget, estreito Possession e, a distância, do monte Walker. Na primeira vez que estiveram lá, Alex pensou que tivesse sido transportado para um cantinho do paraíso. “Espera só começar a chover”, dissera Ziggy.

Naquele dia estava nublado, com a luminosidade que costuma acompanhar as nuvens altas. Alex queria que chovesse, para combinar com o seu espírito. Mas o tempo não parecia muito disposto a satisfazê-lo. Olhou para fora da janela e ocasionalmente conseguia ver o topo coberto de neve da Olympics e da Cascades. A beira da estrada estava coberta de neve derretida e pardacenta e alguns cristais de gelo faiscavam quando captavam a luz. Estava feliz por só ter visitado no verão. A paisagem que via pela janela era diferente o bastante para trazer memórias dolorosas à tona.

Paul deixou a estrada principal alguns quilômetros antes da saída que conduzia à sua antiga casa. A estrada ladeada de pinheiros terminava em um penhasco, que dava para a Whidbey Island. O hotel optara pelo estilo cabana rústica de madeira, o que Alex achou ridículo em uma construção grande o bastante para abrigar uma recepção, um bar e um restaurante. Mas as cabanas individuais, construídas lado a lado à beira das árvores, eram bem razoáveis. Paul, que estava hospedado na cabana vizinha à de Alex, o deixou a sós para desfazer as malas.

— Te vejo no bar daqui a meia hora, ok?

Alex pendurou o terno e a camisa que usaria no funeral, deixando o resto das roupas na mala. Passara a maior parte do voo transcontinental desenhando; destacou a folha que lhe parecera conter o melhor desenho e a escorou contra o espelho. Ziggy olhava para ele em um perfil de três quartos, um sorriso torto enrugando os seus olhos. Nada mau para um esboço feito de memória, pensou Alex tristemente. Verificou a hora. Quase meia-noite em casa. Lynn não se incomodaria com o avançado da hora. Ligou para ela. A conversa breve com a mulher aliviou a dor aguda da perda que ameaçara tomar conta dele por um instante.

Jogou um pouco de água fria no rosto. Sentindo-se ligeiramente mais desperto, caminhou lentamente até o bar, onde a decoração natalina pareceu-lhe incongruente diante da sua tristeza. A voz de Johnny Mathis soava melosa e Alex teve vontade de abafar as caixas de som, assim como os cascos dos cavalos

eram abafados antigamente durante as procissões fúnebres. Encontrou Paul sentado, esquentando uma garrafa de cerveja na mão. Fez sinal para o barman para trazer mais uma e sentou-se diante dele. Agora que podia vê-lo melhor, pôde observar os sinais de cansaço e de tristeza. O cabelo castanho-claro de Paul estava amarfanhado e sujo, os seus olhos azuis exaustos e avermelhados. Um pedaço de barba por fazer abaixo da orelha esquerda exibia um descuido raro em um homem que estava sempre arrumado e bem-cuidado.

— Liguei para Lynn — disse Alex. — Ela queria saber notícias suas.

— Ela tem um bom coração — disse Paul. — Sinto que pude conhecê-la bem melhor este ano. Parece que depois que ficou grávida, ela ficou mais solta.

— Sei o que você quer dizer. Pensei que ela fosse ficar paralisada de tanta ansiedade durante a gravidez. Mas ela está completamente tranquila. — A bebida de Alex chegou à mesa.

Paul levantou o copo.

— Vamos brindar ao futuro — disse ele. — Agora não consigo ver o que ele tem a me oferecer, mas sei que Ziggy ia ficar pau da vida se eu ficasse me prendendo ao passado.

— Ao futuro — repetiu Alex. Ele tomou um longo gole de cerveja e perguntou: — Como é que você está?

Paul balançou a cabeça.

— Acho que a ficha ainda não caiu. Tive que resolver tanta coisa. Avisar as pessoas, tomar as providências para o funeral, etc. e tal. Ah, falando nisso, o seu amigo Tom, aquele que Ziggy chamava de Esquisito. Ele chega amanhã.

A notícia provocou uma reação confusa em Alex. Uma parte dele ansiava pelo vínculo com o passado que Esquisito forneceria. Outra parte reconhecia o desconforto que ainda pesava em seu peito quando ele se lembrava da noite em que Rosie Duff morrera. E parte dele temia o problema que Esquisito traria consigo se começasse com a sua homofobia fundamentalista.

— Ele não vai fazer sermão no funeral, vai?

— Não. Vamos fazer uma cerimônia humanista. Mas os amigos de Ziggy vão ter a oportunidade de ir até o altar e falar sobre ele. Se Tom quiser falar alguma coisa, será bem-vindo.

Alex gemeu.

— Você sabe que ele é um fundamentalista fanático que acredita no fogo do inferno e na danação eterna, não sabe?

Paul sorriu.

— É melhor ele ter cuidado. Não é só no sul que eles lincham as pessoas.

— Vou falar com ele antes. — O que vai ser tão eficaz quanto um graveto para frear um trem em alta velocidade, pensou Alex.

Bebericaram as suas cervejas em silêncio por alguns minutos. Então Paul pigarreou e disse:

— Preciso te contar uma coisa, Alex. Sobre o incêndio.

Alex assumiu uma expressão intrigada.

— Sobre o incêndio?

Paul massageou o cavalete do nariz.

— Não foi um acidente, Alex. Foi armado. Deliberadamente.

— Você tem certeza?

Paul suspirou.

— Chamaram investigadores de incêndios criminosos, eles começaram a rastrear o lugar assim que as coisas esfriaram um pouco.

— Mas isso é horrível. Quem faria uma coisa dessas com Ziggy?

— Alex, eu sou o suspeito número um da polícia.

— Isso é ridículo. Você amava Ziggy.

— Exatamente por isso. Eles sempre investigam o cônjuge primeiro, não é? — O tom de voz de Paul foi ríspido.

Alex balançou a cabeça.

— Ninguém que conhecesse vocês direito ia pensar uma coisa dessas.

— Mas os policiais não conheciam a gente. E por mais que tentem disfarçar, a maioria dos policiais gosta tanto dos gays quanto o seu amigo Tom. — Paul tomou um longo gole de cerveja, como se quisesse tirar o gosto do seu sentimento da boca. — Passei uma boa parte do meu dia ontem na delegacia, sendo interrogado.

— Isso não entra na minha cabeça. Você estava a centenas de quilômetros de distância. Como é que eles acham que você tacou fogo na sua casa lá da Califórnia?

— Você se lembra da disposição dos cômodos da casa? — Alex assentiu com a cabeça e Paul prosseguiu. — Eles estão dizendo que o incêndio começou no porão, na caldeira. De acordo com o sujeito do corpo de bombeiros, parece que alguém empilhou latas de tinta e gasolina em um dos lados da caldeira, depois amontoou papel e madeira em volta. Coisa que nós certamente não fizemos. Mas eles também encontraram o que parece ser os fragmentos de uma bomba de fogo. Um dispositivo bem simples, segundo eles.

— Não foi destruída pelo fogo?

— Esses caras são especialistas em reconstruir o que aconteceu em um incêndio. Pelos vestígios que eles encontraram, parece que a coisa aconteceu assim. Eles acharam os fragmentos de uma lata de tinta fechada. Fixado na parte de dentro da tampa, tinha o resto de um cronômetro eletrônico. Eles estão achando que a lata devia ter gasolina ou qualquer outro catalisador. Algo que

produzisse vapor. A maior parte do espaço interno teria sido ocupada pelo vapor. E aí, quando o cronômetro atingiu o horário estipulado, a faísca abrasou o vapor e a lata explodiu, espalhando o catalisador em chamas para os outros materiais inflamáveis. E como a casa era de madeira, deve ter queimado feito uma tocha. — A narração impassível de Paul vacilou e os seus lábios tremeram. — Ziggy não teve a menor chance.

— E eles acham que você fez isso? — Alex não conseguia acreditar. E sentia, ao mesmo tempo, uma profunda compaixão por Paul. Alex conhecia melhor do que ninguém as consequências de suspeitas infundadas e o preço que elas exigiam.

— Eles não têm outros suspeitos. Ziggy não era exatamente o tipo de pessoa que fazia inimigos. E eu sou o principal beneficiário do testamento dele. E, além de tudo, sou físico.

— E isso quer dizer que você sabe montar uma bomba?

— Para eles, sim. É meio complicado explicar o que eu faço, mas para eles a coisa é simples: "O cara é cientista, ele deve saber incendiar as pessoas." Se não fosse tão trágico, era para rir mesmo.

Alex fez um sinal para que o barman trouxesse mais duas bebidas.

— Então eles acham que você plantou a bomba e foi para Califórnia, dar a sua palestra?

— É mais ou menos isso o que estão pensando, sim. Pensei que o fato de estar longe de casa por três dias ia servir para livrar a minha cara, mas, pelo visto, a coisa não funciona desse jeito. O investigador de incêndios disse ao meu advogado que o cronômetro usado pelo assassino poderia ter sido colocado com até uma semana de antecedência. Então, continuo na mira deles.

— E você não estaria se arriscando muito? E se Ziggy descesse até o porão e visse?

— A gente quase não descia lá no inverno. O porão estava abarrotado de coisas de verão — canoas, pranchas de windsurfe, móveis de jardim. Guardávamos os nossos esquis na garagem. O que é outro ponto contra mim. Como é que outra pessoa saberia que a armação estaria segura lá embaixo?

Alex rechaçou o argumento com um aceno de mão.

— Quantas pessoas frequentam os seus porões no inverno? Do jeito que eles falam, parece que a máquina de lavar de vocês ficava lá embaixo. Vem cá, esse porão era muito difícil de se arrombar?

— Não muito — respondeu Paul. — Não estava ligado no sistema de segurança da casa, porque o cara que cuidava do nosso jardim no verão tinha que ficar entrando e saindo. E a gente não quis ficar dando os detalhes do alarme para ele. Eu acho que qualquer um determinado a entrar lá não teria encontrado

muita dificuldade.

— E, obviamente, qualquer prova do arrombamento teria sido destruída pelo fogo — suspirou Alex.

— De modo que, como você pode ver, a situação não está nada boa pro meu lado.

— Mas isso é loucura. Foi como eu disse, qualquer pessoa que te conhece sabe que você jamais faria algo para machucar Ziggy, quanto mais para matar.

O sorriso de Paul não chegou nem mesmo a suspender o seu bigode.

— Fico grato pela sua confiança, Alex. E nem vou me dar ao trabalho de passar recibo para as acusações deles, negando algo que não fiz. Mas queria que você ficasse sabendo o que andam dizendo por aí. Você sabe como é horrível ser suspeito de um crime que você não cometeu.

Alex estremeceu, apesar do calor do bar aconchegante.

— Eu não desejaria isso para o pior inimigo, quanto menos para um amigo. É horrível. Meu Deus, Paul, espero que eles descubram logo quem fez isso, por você. O que aconteceu com nós quatro estragou a minha vida.

— A de Ziggy também. Ele jamais se esqueceu como a raça humana pode ser hostil, de uma hora para a outra. Isso fez com que ele fosse ultracauteloso em sua maneira de lidar com as pessoas. E por isso a coisa é ainda mais absurda. Ele fez de tudo para não criar inimigos na vida. Não que fosse uma mosca morta...

— Ninguém pode acusá-lo disso — concordou Alex. — Mas você tem razão. Uma resposta gentil espanta a ira. Era o lema dele. Mas e no trabalho dele? Quero dizer, coisas dão errado em hospitais. As crianças morrem, ou não melhoram como o esperado. E os pais precisam pôr a culpa em alguém.

— Estamos nos Estados Unidos, Alex — Paul disse, irônico. — Os médicos aqui não correm riscos desnecessários. Eles morrem de medo de ser processados. É claro que, de tempos em tempos, Ziggy perdia um paciente. E, às vezes, as coisas não saíam como ele esperava. Mas um dos motivos que o faziam ser um pediatra tão bem-sucedido era que ele fazia amizade com os seus pacientes e com as famílias deles. As pessoas confiavam nele, e com razão. Ele era um médico excelente.

— Eu sei disso. Mas às vezes, quando uma criança morre, a lógica desaparece.

— Não aconteceu nada parecido. Se tivesse acontecido, eu teria ficado sabendo. A gente conversava muito, Alex. Mesmo após dez anos de relacionamento, a gente conversava sobre tudo.

— E os colegas dele? Você sabe se ele andou irritando alguém?

Paul balançou a cabeça.

— Acho que não. Ele era muito exigente e eu acho que nem todo mundo

que trabalhava com ele conseguia acertar tudo, o tempo todo. Mas ele escolheu a equipe com o maior cuidado. E o clima lá na clínica era ótimo. Acho que não tinha uma pessoa lá dentro que não respeitasse Ziggy. Cara, essas pessoas são nossos amigos. Eles iam para os churrascos lá de casa, a gente tomava conta dos filhos deles. Sem Ziggy para dirigir a clínica, o futuro deles seria ameaçado.

— Você está falando como se ele fosse perfeito — disse Alex. — E nós dois sabemos muito bem que ele não era.

Desta vez, o sorriso de Paul alcançou os seus olhos.

— Não, ele não era perfeito. Perfeccionista, talvez. E isso era de enlouquecer qualquer um. Da última vez que fomos esquiar, pensei que fosse ter que arrastar ele da montanha à força. Tinha uma volta na descida que ele não conseguia fazer direito. Todas as vezes que tentou, fez errado. E aí, tínhamos que subir tudo de novo. Mas você não mata uma pessoa porque ela é cheia de merda. Se eu quisesse me livrar de Ziggy, era só ir embora. Não é? Eu não precisaria matá-lo.

— Mas você não queria se livrar dele, aí é que está.

Paul mordeu os lábios e ficou olhando para os anéis de cerveja derramada sobre o tampo da mesa.

— Eu daria tudo para tê-lo de volta — disse ele, baixinho.

Alex esperou um pouco, até Paul se recompor.

— Eles vão descobrir quem fez isso — disse ele, por fim.

— Você acha? Gostaria de poder concordar com você. Mas o que não me sai da cabeça é o que aconteceu com vocês quatro, anos atrás. Eles nunca descobriram quem matou aquela moça. E todo mundo passou a olhar vocês com outros olhos por causa disso. — Ele suspendeu a cabeça e olhou para Alex. — Eu não sou forte como Ziggy. Não sei se vou aguentar viver assim.

25

Com os olhos marejados, Alex tentou concentrar-se nas palavras impressas no folheto da cerimônia. Se alguém lhe perguntasse que música da lista o teria comovido até as lágrimas no funeral de Ziggy, ele provavelmente teria escolhido "Rock and Roll Suicide", de David Bowie, com a sua desafiadora recusa final de solidão. Mas aguentou firme durante a música, sustentado pelas vívidas imagens de um jovem Ziggy projetadas no telão no fundo do crematório. Mas não conseguiu se segurar quando o Coral Masculino Gay de São Francisco começou a cantar um trecho de Brahms, adaptado de uma passagem da carta de São Paulo aos Coríntios, sobre fé, esperança e amor. *Wir sehen jetzt durch einen Spiegel in einem dunkeln Worte*; nós vemos agora através do espelho, obscuramente. As palavras pareciam dolorosamente apropriadas. Nada do que ouvira sobre a morte de Ziggy fazia sentido, nem lógica nem metafisicamente.

Lágrimas rolaram pelo seu rosto, mas ele não ligava nem um pouco. Não era a única pessoa chorando no crematório lotado e estar longe de casa parecia libertá-lo da sua habitual reserva emocional. Esquisito estava ao seu lado, empertigado em uma batina feita sob medida que o deixava mais papagaiado do que qualquer um dos gays presentes no local prestando as suas últimas homenagens a Ziggy. Não estava chorando, é claro. Os seus lábios moviam-se constantemente, o que Alex supunha ser um sinal de devoção e não de doença mental, uma vez que a mão de Esquisito volta e meia buscava o conforto da ridícula e chamativa cruz banhada de prata que trazia no peito. Quando a viu pela primeira vez no aeroporto, Alex quase soltou uma gargalhada. Esquisito caminhou em sua direção, confiante, largando o carrinho com a sua mala para envolver o velho amigo em um abraço teatral. Alex notou como a sua pele parecia esticada e especulou se ele havia se submetido a uma cirurgia plástica.

— Foi bonito da sua parte ter vindo — disse Alex, conduzindo Esquisito até o carro que ele alugara pela manhã.

— Ziggy era o meu amigo mais antigo. Junto com você e com Mondo. Eu sei que as nossas vidas tomaram rumos diferentes, mas nada pode mudar isso. A vida que eu levo agora, devo em parte à amizade que compartilhamos. E eu seria um cristão muito pouco digno se ignorasse isso.

Alex não conseguia entender por que tudo o que Esquisito dizia soava como se fosse preparado para um público. Sempre que ele abria a boca, era como se

tivesse uma congregação imaginária à sua frente, atenta a cada palavra que ele dizia. Encontraram-se pouquíssimas vezes nos últimos vinte anos, mas era sempre a mesma coisa. Crente dos infernos, era como Lynn o batizara na primeira vez que o visitaram na pequena cidade da Geórgia onde ele estabelecera o seu ministério. O apelido continuava tão apropriado agora quanto fora na época.

— E como está Lynn? — perguntou Esquisito assim que se acomodou no assento do carona, alisando o seu impecável hábito clerical.

— Com sete meses de gravidez, e passando muitíssimo bem — respondeu Alex.

— Louvado seja o Senhor! Eu sei o quanto vocês esperaram por isso. — O rosto de Esquisito iluminou-se no que parecia ser um sorriso sincero. Mas também, ele já havia passado tanto tempo na frente das câmeras para a sua pregação televisiva em um canal local que ficava difícil distinguir a aparência da realidade. — Agradeço a Deus pela bênção que são as crianças. As lembranças mais felizes que eu trago comigo são dos meus cinco filhos. O amor que um homem sente pelos filhos é mais profundo e mais puro do que qualquer outra coisa neste mundo. Alex, tenho certeza de que você vai adorar esta mudança na sua vida.

— Obrigado, Esquisito.

O reverendo encolheu-se, fazendo uma careta.

— Pode ir parando por aí — disse ele. — Acho que esse apelido não é mais adequado atualmente.

— Desculpa. É um velho hábito. Você sempre será Esquisito para mim.

— Ah, é? E quem é que te chama de Gilly hoje em dia?

Alex assentiu com a cabeça.

— Você tem razão. Eu vou tentar me lembrar. Tom.

— Eu agradeço, Alex. E se você quiser batizar a criança, ficarei feliz em realizar a cerimônia.

— Acho que não vamos embarcar nessa, não. O nosso filho vai poder decidir depois, quando tiver idade suficiente.

Esquisito apertou os lábios, em um flagrante gesto de reprovação.

— A escolha é sua, é claro. — As entrelinhas estavam bem claras. *Condene o seu filho à perdição eterna, se é isso o que você quer fazer.* Ele olhou pela janela para a paisagem em movimento. — Para onde estamos indo?

— Paul reservou um quarto para você no hotel onde estamos hospedados.

— E é próximo ao local do incêndio?

— Uns dez minutos. Por quê?

— Gostaria de ir até lá primeiro.

— Por quê?

— Quero fazer uma oração.

Alex suspirou.

— Está bem. Olha, tem algo que você precisa saber. A polícia está achando que o incêndio foi criminoso.

Esquisito abaixou a cabeça, solene.

— Eu já havia imaginado isso.

— Sério? Por quê?

— Ziggy escolheu um caminho perigoso. Vai saber que tipo de gente ele levou para dentro de casa? Que alma tortuosa ele não levou a cometer atos tresloucados?

Alex esmurrou o volante.

— Puta que pariu, Esquisito. Não está escrito lá na Bíblia, "Não julgue, para não ser julgado"? Quem diabos você pensa que é para falar uma merda dessas? Sejam quais forem os seus preconceitos sobre o estilo de vida de Ziggy, é melhor deixar isso de lado agora. Ziggy e Paul eram monogâmicos. Nenhum dos dois transou com outra pessoa nos últimos dez anos.

Esquisito deu um sorrisinho condescendente e Alex teve vontade de esmurrá-lo.

— Você sempre acreditou em tudo o que Ziggy dizia.

Alex não queria brigar. Engoliu a sua resposta malcriada e disse:

— O que eu estava tentando te dizer é que a polícia encasquetou com esta ideia absurda de que Paul foi o responsável pelo incêndio. Então vê se faz um esforcinho para ser mais compreensivo perto dele, tá?

— Por que você acha que é uma ideia absurda? Eu não sei como a polícia trabalha mas, pelo que me disseram, a maioria dos homicídios que não têm nenhuma relação com gangues é cometida pelos cônjuges. E já que você me pediu para ser compreensivo, estou pressupondo que Paul seja o cônjuge de Ziggy. Se eu trabalhasse na polícia, me consideraria negligente se não levantasse esta possibilidade.

— Tudo bem. Este é o trabalho deles. Mas nós somos amigos de Ziggy. Lynn e eu convivemos bastante com o casal ao longo dos anos. E, vai por mim, aquele não era um relacionamento que estava caminhando para um assassinato. Você deve lembrar como é ser suspeito de um crime que não cometeu. Imagina como deve ser bem pior quando a pessoa em questão era alguém que você amava. Enfim, é isso o que está acontecendo com Paul. E é ele quem merece o nosso apoio, e não a polícia.

— Tá bem, tá bem — resmungou Esquisito inquieto, perdendo a compostura momentaneamente ao lembrar-se do medo que o levara para os

braços da igreja. Ficou quieto pelo resto da viagem, com a cabeça virada para a paisagem fugaz na janela para evitar as olhadas ocasionais de Alex em sua direção.

Alex pegou a saída da autoestrada e prosseguiu para a casa de Ziggy e Paul. Sentiu uma contração na barriga quando eles se aproximaram da rua coberta de cascalho que ziguezagueava pelas árvores. A sua imaginação já correra solta, recriando imagens do incêndio. Mas quando ele fez a última curva e viu o que restou da casa, constatou que, infelizmente, a sua imaginação fértil pintara um quadro muito menos chocante. Ele imaginara uma fachada negra e manchada. Mas o que viu foi uma destruição praticamente completa.

Sem fala, Alex parou o carro, devagar. Desceu e ensaiou uns passos lentos até as ruínas da casa. Para sua surpresa, o cheiro de queimado ainda estava impregnado no ar, irritando a garganta e as narinas. Olhou demoradamente para as ruínas carbonizadas diante dele, mal conseguindo sobrepor a sua memória da casa sobre aquele caos. Pôde distinguir algumas vigas, fincadas em ângulos esquisitos, mas era quase impossível reconhecer mais alguma coisa. A casa deve ter incendiado como uma tocha encharcada de piche. As árvores mais próximas também haviam sido tragadas pelo fogo; era possível distinguir a vista do mar e das ilhas através dos seus esqueletos retorcidos.

Alex mal percebeu Esquisito passando por ele. De cabeça abaixada, o pastor estacou diante das faixas amarelas da polícia que contornavam os destroços carbonizados. Então, jogou a cabeça para trás e o seu espesso cabelo grisalho parecia brilhar com a claridade.

— Oh, Senhor — começou ele, e a sua voz parecia ainda mais sonora ao ar livre.

Alex fez esforço para não rir. Sabia que aquilo devia ser em parte uma reação nervosa à comoção que a ruína da casa provocara nele. Mas não dava para segurar. Qualquer um que tivesse visto Esquisito doidão de ácido ou vomitando em uma sarjeta no fim da noite não conseguiria levar a performance dele a sério. Alex voltou para o carro, batendo a porta para não ter de ouvir as baboseiras que Esquisito estava declamando para as nuvens. Sentiu-se tentado a ir embora e deixar o pregador exposto às intempéries. Mas Ziggy jamais abandonara Esquisito — nem qualquer um deles, por sinal. E, àquelas alturas, o máximo que Alex podia fazer por Ziggy era ser leal às suas convicções. Por isso, não saiu do lugar.

Uma série de imagens visuais bem nítidas projetava-se em sua mente. Ziggy dormindo em sua cama; uma faísca repentina de fogo; as chamas lambendo a madeira; a fumaça viajando por cômodos familiares; Ziggy agitando-se vagamente assim que os vapores insidiosos invadiram o seu aparelho

respiratório; o contorno embaçado da casa oscilando por trás de uma névoa de calor e fumaça; e Ziggy, inconsciente, no coração das chamas. Era quase insuportável e Alex queria dispersar aquelas imagens da cabeça. Tentou pensar em Lynn, mas não conseguia manter a imagem dela por muito tempo. O que ele mais queria era ir embora dali, para qualquer lugar onde a sua mente pudesse se concentrar em uma vista diferente.

Após uns dez minutos, Esquisito voltou para o carro, trazendo uma lufada de vento gelado consigo.

— Brrr. Essa história de que o inferno é quente nunca me convenceu. Se dependesse de mim, seria mais gelado do que um frigorífico.

— Tenho certeza de que você vai poder dar uma palavrinha com Deus sobre o assunto quando chegar ao céu. Podemos voltar para o hotel agora?

Aparentemente, a viagem satisfizera o desejo de Esquisito pela companhia de Alex. Assim que deu entrada no hotel, anunciou que tinha chamado um táxi para levá-lo até Seattle. “Tem um colega meu morando aqui, quero ver se passo um tempinho com ele”, justificara Esquisito. Combinou de encontrar com Alex na manhã seguinte para irem juntos ao funeral e pareceu estranhamente murcho. Mesmo assim, Alex temia o que Esquisito poderia aprontar.

O coral terminou de cantar Brahms e Paul levantou-se e caminhou até o atril.

— Estamos reunidos aqui porque Ziggy era especial para todos nós — disse ele, lutando para manter a voz sob controle. — Mesmo que eu passasse o dia inteiro falando, não conseguiria transmitir nem metade do que ele significava para mim. Por isso, não vou nem tentar. Mas se algum de vocês quiser compartilhar as suas memórias de Ziggy, tenho certeza de que todos nós gostaríamos de ouvir.

Um pouco antes de ele terminar de proferir essas palavras, um senhor idoso levantou-se na primeira fileira e caminhou rigidamente até a plataforma. Quando ele se virou para encarar o público, Alex pôde ver o fardo de se enterrar um filho. Karel Malkiewicz parecia ter encolhido, os seus ombros largos estavam curvados e os seus olhos escuros pareciam mais fundos, como enterrados no crânio. Não via o pai viúvo de Ziggy havia alguns anos, mas a mudança era deprimente.

— Sinto saudade do meu filho — disse ele com o sotaque polonês ainda por trás do escocês. — Durante toda a minha vida, tive orgulho dele. Ele sempre se preocupou com os outros, desde pequeno. Sempre foi ambicioso, mas nunca por benefício próprio. Sempre quis dar o melhor de si, pois era assim que ele podia fazer o melhor pelos outros. Ziggy nunca se preocupou muito com o que as pessoas pensavam dele. Sempre disse que seria julgado pelo que fazia e não

pelas opiniões dos outros. Fico feliz em ver tanta gente aqui hoje, porque isso significa que vocês entendiam o meu filho. — Ele tomou um gole de água. — Eu amava o meu filho. Talvez não tenha dito isso o bastante. Mas espero que ele tenha morrido sabendo. — Ele abaixou a cabeça e voltou para o seu lugar.

Alex beliscou o cavalete do nariz, tentando conter as lágrimas. Um após o outro, amigos e colegas de Ziggy deram o seu depoimento. Alguns se limitaram a dizer o quanto o amavam e que sentiriam muita saudade. Outros contaram casos, alguns tocantes e engraçados, sobre o seu relacionamento com Ziggy. Alex queria se levantar e dizer alguma coisa, mas sabia que não podia confiar na sua voz, que ela ficaria embargada assim que ele abrisse a boca. Então, o momento que ele temia chegou. Sentiu Esquisito movendo-se ao seu lado e ficando de pé. Alex resmungou baixinho.

Vendo o amigo caminhar até a plataforma, Alex admirou-se com o porte que ele adquirira ao longo dos anos. Ziggy sempre fora o mais carismático, ao passo que Esquisito era o mais desajeitado do grupo, aquele que sempre dizia a coisa errada, fazia a coisa errada, tocava a nota errada. Mas ele aprendera a sua lição direitinho. Um alfinete caindo teria sido ouvido enquanto Esquisito se preparava para falar.

— Ziggy era o meu amigo mais antigo — entoou ele. — Eu não aprovava o caminho que ele havia escolhido. E ele me achava um sujeito idiota. Talvez até mesmo um charlatão. Mas isso nunca fez a menor diferença. O elo que existia entre nós dois era forte o bastante para sobreviver a esta pressão. Isso porque os anos que passamos juntos costumam ser os mais difíceis na vida de qualquer homem, os anos em que se passa da infância para a idade adulta. Todos nós enfrentamos dificuldades durante esse período, tentando descobrir quem somos e o que temos a oferecer ao mundo. E alguns de nós têm a sorte de ter um amigo como Ziggy, para nos ajudar quando fazemos besteira.

Alex assistia, incrédulo. Mal podia acreditar no que ouvia. Estava esperando a velha história de fogo do inferno e danação e, ao invés, o que estava escutando era amor puro. Surpreendeu-se sorrindo, apesar das circunstâncias.

— Éramos quatro — continuou Esquisito. — Os Garotos de Kirkcaldy. Nos conhecemos no primeiro dia de aula na escola e algo mágico aconteceu. Viramos melhores amigos. Compartilhamos os nossos medos mais recônditos e as nossas maiores vitórias. Durante alguns anos, formamos a pior banda de rock do mundo, e não estávamos nem aí. Em qualquer grupo, cada um assume um papel. Eu era o doidivanas. O palhaço. Aquele que sempre tomava atitudes radicais. — Esquisito deu de ombros, com uma expressão depreciativa no rosto. — Alguns dizem que ainda sou assim. Mas foi Ziggy quem me salvou de mim mesmo. Foi Ziggy quem impediu que eu me destruísse. Ele me protegeu dos piores excessos

da minha personalidade até o dia em que encontrei um Redentor maior. Mas mesmo então, ele não me abandonou.

"Não nos vimos com muita frequência nos últimos anos. As nossas vidas estavam ocupadas demais com o presente. Mas isso não significava que tivéssemos jogado o nosso passado fora. Ziggy continuou sendo um exemplo para mim, em vários aspectos. Não vou fingir que aprovava todas as suas escolhas. Vocês me tomariam como hipócrita se eu fizesse isso. Mas hoje, aqui, nada disso importa. O que importa é que o meu amigo está morto e, com a sua morte, uma luz se apagou para sempre na minha vida. E nenhum de nós pode perder uma luz como essa. Por isso, hoje, eu lamento a morte de um homem que tornou o meu caminho até a salvação muito mais fácil. Tudo o que eu posso fazer pela memória de Ziggy é tentar fazer o mesmo por qualquer pessoa que cruze o meu caminho precisando de ajuda. Se eu puder ajudar qualquer um de vocês hoje, não hesitem em me procurar, em se apresentar a mim. Por Ziggy. — Esquisito olhou em torno do aposento, ostentando um sorriso extasiado. — Agradeço a Deus pelo dom de Sigmund Malkiewicz. Amém.

Tudo bem, pensou Alex. Ele teve uma recaída no final. Mas Esquisito deixara Ziggy orgulhoso, à sua própria maneira. Quando o seu amigo se sentou novamente, Alex esticou o braço e apertou a sua mão. E Esquisito, retribuindo o gesto, não a largou.

Saíram em fila indiana, parando para cumprimentar Paul e Karel Malkiewicz. Lá fora, sob a fraca luz do sol, deixaram-se levar até o local onde estavam depositadas as últimas homenagens a Ziggy. Apesar de Paul ter pedido para que quem não fosse da família não mandasse flores, havia umas duas dúzias de buquês e coroas.

— Ele tinha um jeito de fazer com que todos nós nos sentíssemos da família — comentou Alex.

— Éramos irmãos de sangue — disse Esquisito, suavemente.

— Foi bonito o que você falou lá em cima.

Esquisito sorriu.

— Não era o que você estava esperando, né? Dava para ver na sua cara.

Alex não respondeu. Inclinou-se para ler um cartão. *Querido Ziggy, o mundo ficou grande demais sem você. Com amor, de todos os seus amigos da clínica.* Ele sabia exatamente o que eles queriam dizer. Deu uma olhada em todos os outros cartões, depois parou na última coroa. Era pequena e discreta, feita de rosas brancas e alecrim. Alex leu o cartão e franziu a testa. *Lembrança de Rosemary.*

— Viu isso? — perguntou a Esquisito.

— Bom gosto — aprovou ele.

— Você não achou meio... sei lá. Muito íntimo.

Esquisito franziu as sobrancelhas.

— Acho que você está vendo fantasma onde não existe. É uma homenagem bem apropriada.

— Esquisito, ele morreu no vigésimo quinto aniversário da morte de Rosie Duff. O cartão não está assinado. Você não acha meio suspeito?

— Alex, isso é passado. — Esquisito abriu os braços, em um gesto que englobava as pessoas presentes no local. — Você realmente acha que existe alguém aqui além de nós dois que já ouviu o nome de Rosie Duff? É só um cartão meio afetado, o que era de se esperar, tendo em vista o pessoal que está aqui.

— Eles reabriram o caso, você sabe, né? — Alex podia ser tão teimoso quanto Ziggy quando cismava com alguma coisa.

Esquisito pareceu surpreso.

— Não, não sabia.

— Eu li no jornal. Estão fazendo uma revisão de casos não solucionados, levando em consideração os novos progressos tecnológicos. DNA, etc.

Esquisito pôs a mão sobre a sua cruz.

— Graças a Deus.

Intrigado, Alex perguntou:

— Você não fica com medo de as velhas mentiras serem trazidas à tona novamente?

— Por quê? Não temos nada a temer. Pelo menos, vão limpar os nossos nomes.

Alex estava visivelmente preocupado.

— Quem dera se as coisas fossem assim tão simples.

O Dr. David Kerr empurrou o seu laptop, bufando de irritação. Estava tentando aprimorar o primeiro esboço de um artigo sobre poesia francesa contemporânea havia uma hora, mas as palavras faziam cada vez menos sentido conforme ele contemplava fixamente a tela do computador. Tirou os óculos e esfregou os olhos, tentando se convencer de que não havia nada o incomodando além do habitual cansaço de final de semestre. Mas sabia que estava mentindo para si mesmo.

Por mais que tentasse desviar o pensamento, não conseguia ignorar que, enquanto ele estava ali sentado remexendo no seu texto, os amigos e a família de

Ziggy estavam se despedindo dele, do outro lado do mundo. Não estava arrependido por não ter ido; Ziggy representava uma parte da sua história tão longínqua que parecia uma experiência de vida passada e não achava que devia tanto assim ao seu velho amigo para compensar o trabalho e a chateação de ter de viajar para Seattle para um funeral. Mas a notícia da morte de Ziggy reacendeu lembranças que David Kerr esforçara-se para enterrar profundamente, de modo que não voltassem à superfície para perturbá-lo. Não eram lembranças confortáveis.

Ainda assim, quando o telefone tocou, ele atendeu sem nenhuma apreensão.

— Dr. Kerr? — A voz não era familiar.

— Ele mesmo. Quem fala?

— É o detetive-inspetor Robin Maclennan, da polícia de Fife. — Ele falou devagar, pronunciando palavra por palavra, como um homem que sabe que bebeu além da sensatez.

David estremeceu sem querer, sentindo-se de repente tão gelado quanto se estivesse novamente imerso no mar do Norte.

— E por que está me ligando? — perguntou ele, protegendo-se atrás da sua agressividade.

— Faço parte da equipe que está reexaminando os casos não solucionados. O senhor deve ter lido nos jornais, não é?

— Isso não responde a minha pergunta — retrucou David.

— Gostaria de conversar com o senhor sobre as circunstâncias da morte do meu irmão. O detetive-inspetor Barney Maclennan.

David foi pego de surpresa e ficou sem fala diante da abordagem direta. Sempre temera um momento como aquele mas, depois de vinte e cinco anos, convencera-se de que ele jamais aconteceria.

— O senhor ainda está aí? — perguntou Robin. — Eu disse que gostaria de conversar sobre...

— Eu ouvi — respondeu David asperamente. — Não tenho nada a dizer ao senhor. Nem agora, nem nunca. Nem mesmo se o senhor me prender. Vocês já destruíram a minha vida uma vez. Não vou dar oportunidade para que façam isso novamente. — Bateu o telefone no gancho, com a respiração arquejante e as mãos trêmulas. Cruzou os braços sobre o peito em um abraço. O que estava acontecendo? Não fazia a menor ideia que Barney Maclennan tinha um irmão. Por que ele havia esperado tanto tempo para tomar satisfações com David sobre aquela tarde pavorosa? Por que estava levantando o assunto agora? Quando ele mencionou a revisão dos casos, David teve certeza de que ele queria falar sobre Rosie Duff, o que já teria sido por si só inadmissível. Mas Barney Maclennan? Não era possível que a polícia de Fife tivesse decidido, após vinte e cinco anos,

que havia sido um assassinato.

Estremeceu novamente, olhando pela janela para a noite lá fora. O pisca-pisca das árvores de Natal nas casas da rua pareciam milhares de olhos o espiando. Levantou-se abruptamente e fechou as cortinas da sua sala de leitura. Depois, encostou-se na parede de olhos fechados, sentindo o coração disparado. David Kerr fizera de tudo para enterrar o passado. Fizera o possível para que ele não o encontrasse. Obviamente, não fora o bastante. Agora, só restava uma opção. A questão era: será que ele teria coragem de executá-la?

26

A luz da sala de leitura foi subitamente obscurecida por pesadas cortinas. O observador franziu as sobrancelhas. Aquilo era uma quebra na rotina. E ele não gostava disso. Ficou preocupado com o que havia provocado a mudança. Mas, finalmente, as coisas voltaram ao normal. As luzes se apagaram no andar de baixo. Já estava familiarizado com o padrão. Um abajur se acenderia no quarto da frente da sofisticada casa de três andares e então a silhueta da mulher de David Kerr surgiria na janela. Ela fecharia as cortinas, deixando apenas uma pequena fresta. Quase simultaneamente, uma poça oblonga de luz surgiria no telhado da garagem. O banheiro, imaginava ele. Possivelmente, David Kerr fazendo a sua toalete noturna. Tal como Lady Macbeth, as suas mãos jamais ficavam limpas. Uns vinte minutos depois, as luzes do quarto se apagariam. E nada mais aconteceria naquela noite.

Graham Macfadyen girou a chave na ignição e partiu. Estava começando a se compadecer com a vida de David Kerr, mas ainda tinha tanta coisa que queria descobrir. Por que, por exemplo, ele não fizera o mesmo que Alex Gilbey e pegara um avião para Seattle. Aquilo fora um ato de extrema frieza. Como não prestar as últimas homenagens a alguém que não só foi um dos seus amigos mais antigos, como o seu parceiro em um crime?

A não ser, é claro, que eles tivessem se desentendido. As pessoas falam sobre brigas entre ladrões. É natural que também haja brigas entre assassinos. O tempo e a distância deviam ter contribuído para o afastamento. As consequências imediatas do crime que cometeram não foram nada óbvias. Sabia disso agora, graças ao seu tio Brian.

A lembrança da conversa com o tio ocupava a maior parte das suas horas de vigília, ocorrendo-lhe sem cessar, como um cordão mental de contas de preocupação, cujo movimento reforçava ainda mais a sua determinação. Ele só queria encontrar os seus pais verdadeiros; jamais imaginara ser consumido por esta busca por uma verdade maior. Mas era assim que se sentia. Outros poderiam ver nisso uma obsessão a ser descartada, o que era típico de quem não compreende a natureza do compromisso e a necessidade de justiça. Estava convencido de que a sombra inquieta da sua mãe o espreitava, encorajando-o a fazer o que fosse necessário. Esta era a última coisa que pensava antes de ser vencido pelo sono e o seu primeiro pensamento consciente ao se levantar.

Alguém precisava pagar pelo crime.

O tio não ficara nada contente com o encontro no cemitério. No início, Macfadyen chegou a pensar que o homem fosse agredi-lo fisicamente. As mãos estavam fechadas em punho e ele abaixara a cabeça como um touro, prestes a atacar.

Macfadyen mantivera-se firme.

— Só quero conversar um pouco sobre a minha mãe — dissera ele.

— Não tenho nada para te dizer — retrucara Brian Duff.

— Só quero saber como ela era.

— Pensei que Jimmy Lawson tivesse pedido para você não me procurar.

— Lawson veio te procurar para falar de mim?

— Não fique vaidoso, meu filho. Ele me procurou para falar sobre a nova investigação sobre o assassinato da minha irmã.

Macfadyen assentiu com a cabeça.

— Então ele te contou que perderam as provas, né?

Duff fez um gesto afirmativo.

— Hum-hum. — Ele abaixou os braços e desviou o olhar. — Babacas inúteis.

— Já que o senhor não quer falar sobre a minha mãe, pode ao menos me contar o que aconteceu quando ela foi assassinada? Preciso saber o que houve. E o senhor estava presente.

Duff sabia reconhecer persistência quando via um exemplo vivo diante de si. Era, afinal de contas, uma característica que aquele estranho compartilhava com ele e com o seu irmão.

— Você não vai desistir, não é? — perguntou ele, amargo.

— Não, não vou. Olha, eu nunca esperei ser aceito de braços abertos pela minha família biológica. Sei que o senhor deve achar que não faço parte da família. Mas eu tenho o direito de conhecer as minhas origens e o que aconteceu com a minha mãe.

— Se eu te contar, você promete que vai sumir daqui e nos deixar em paz?

Macfadyen refletiu por um momento. Era melhor do que nada. E talvez ele conseguisse descobrir uma maneira de neutralizar as defesas de Brian Duff, deixando uma brecha para o futuro.

— Está bem — concordou ele.

— Você conhece o Pub Lammas?

— Estive lá algumas vezes.

Duff suspendeu as sobrancelhas.

— Te encontro lá em meia hora. — Virou-se e partiu. Enquanto a escuridão engolia o seu tio, Macfadyen sentiu uma emoção subir pela garganta como bile.

Estava há tanto tempo procurando respostas que a perspectiva de finalmente conseguir algumas era quase insuportável.

Voltou correndo para o carro e foi direto para o Bar Lammas, arrumando um cantinho tranquilo para poderem conversar em paz. Os seus olhos perscrutaram o local, imaginando se ele havia mudado muito desde a época em que Rosie trabalhava atrás do balcão. Tudo indicava que o lugar sofrera uma reforma significativa no início da década de 90, mas a julgar pela pintura descascada e a atmosfera geral de depressão, o Lammas nunca deve ter sido exatamente um pub muito divertido.

Macfadyen já estava na metade da sua cerveja quando Brian Duff abriu a porta e seguiu direto para o bar. Ele era visivelmente um habitué da casa; a garçonete foi buscar um copo antes mesmo de ele fazer o pedido. Armado com a sua cerveja gelada, juntou-se a Macfadyen.

— Pois bem — disse ele. — O que você sabe?

— Só o que li naqueles arquivos de jornais. E também encontrei alguma coisa em um livro sobre crimes não solucionados que eu descobri. Mas só estou por dentro dos fatos.

Duff tomou um longo gole da cerveja, sem tirar os olhos de Macfadyen.

— Fatos, talvez. A verdade? Longe disso. Porque não dá para chamar as pessoas de assassinas sem que um júri chame primeiro.

O coração de Macfadyen acelerou. Parecia que as suas suspeitas não eram infundadas.

— O que o senhor quer dizer com isso? — perguntou.

Duff respirou fundo, soltando o ar devagar. Era óbvio que ele não estava disposto a prosseguir com aquela conversa.

— Deixa eu te contar a história. Na noite em que morreu, Rosie estava trabalhando aqui. Atrás do balcão. Às vezes eu dava uma carona pra ela até em casa, mas nessa noite não. Ela disse que ia a uma festa, mas a verdade é que ia se encontrar com alguém depois do trabalho. Todos nós sabíamos que ela estava se encontrando com alguém, mas ela não queria contar quem era o sujeito de jeito nenhum. Rosie era chegada a uns segredinhos. Mas eu e Colin achávamos que ela estava escondendo o namorado porque pensava que não íamos aprovar o cara, sabe? — Duff coçou o queixo. — Nós pegávamos meio pesado mesmo para defender Rosie. Depois que ela engravidou, então... Enfim, não estávamos a fim de ver a nossa irmã envolvida com outro fracassado.

“Bom, ela foi embora depois que o pub encerrou as suas atividades e ninguém viu com quem ela se encontrou. É como se ela tivesse desaparecido da face da terra por quatro horas. — Agarrou o copo de cerveja com firmeza, exibindo os nós esbranquiçados dos dedos. — Lá pelas quatro horas da manhã,

quatro estudantes que estavam voltando de uma festa, completamente embriagados, encontraram o corpo dela, estirado na neve, lá em Hallow Hill. A versão oficial é que eles literalmente tropeçaram sobre ela. — Ele balançou a cabeça. — Mas no lugar onde ela estava, era impossível encontrá-la por acaso. Essa é a primeira coisa que você tem que se lembrar.

"Ela levou uma única facada na barriga. Mas era uma ferida ingrata. Dessas bem profundas, que saem perfurando tudo. — Duff suspendeu os ombros, protetoramente. — Ela sangrou até morrer. E o assassino a levou até lá e a largou no chão, na neve, como se ela fosse um saco de estrume. Essa é a segunda coisa que você tem que lembrar. — A voz dele estava tensa e entrecortada e dava para ver que a emoção ainda o arrebatava, mesmo depois de vinte e cinco anos.

"Disseram que ela deve ter sido estuprada. Tentaram vir com uma história para cima da gente, de que em vez do estupro podia ter sido apenas uma relação sexual violenta, mas eu nunca engoli isso, não. Rosie aprendera a sua lição. Ela não se deitava com os sujeitos com quem saía. Os policiais disseram que ela estava enrolando a mim e Colin com esse papo. Mas nós andamos sondando uns caras com quem ela saiu e eles juraram de pés juntos que nunca transaram com ela. E eu acreditei, porque a gente não pegou leve com eles, não. É claro que rolavam umas sacanagens. Sexo oral, masturbação, essas coisas. Mas ela não transava com eles. Donde se conclui que ela só pode ter sido estuprada. E encontraram sêmen nas roupas dela. — Ele bufou, irado. — Não acredito que aqueles fodidos inúteis perderam as provas. Era tudo o que eles precisavam, o teste de DNA faria o resto do serviço. — Brian tomou mais alguns goles da cerveja. Macfadyen aguardava, tenso como um cão de caça em alerta. Tinha medo de falar alguma coisa e dissipar o feitiço.

"Pois bem, foi isso o que aconteceu com a minha irmã. E nós queríamos descobrir quem foi que fez isso com ela. A porra da polícia não fazia a menor ideia. Eles deram uma investigada nos quatro estudantes que encontraram Rosie, mas nunca partiram para cima deles direito. Tá vendo como é esta cidade? Ninguém quer levar problemas para a universidade. E naquela época, ainda era pior.

"Guarde estes nomes. Alex Gilbey, Sigmund Malkiewicz, Davey Kerr, Tom Mackie. São os quatro sujeitos que encontraram a minha irmã. Que apareceram cobertos de sangue, mas com uma desculpa tida como justificável. E o que eles estavam fazendo durante as quatro horas misteriosas? Estavam em uma festa. Em uma festinha de colegas da universidade, enchendo a cara, onde ninguém presta atenção em ninguém. Eles podem ter saído e voltado sem ninguém ter percebido. Quem pode garantir que eles estiveram lá o tempo todo, ou só durante uma meia hora no início e uma meia hora no final da festa? E, como se não

bastasse, eles ainda estavam com uma Land Rover.

Macfadyen sobressaltou-se.

— Não li este detalhe em nenhuma das minhas fontes.

— Não, nem pode ter lido. Eles roubaram uma Land Rover, de um sujeito que morava com eles. Passaram a noite toda com ela, para lá e para cá.

— E por que não foram acusados? — perguntou Macfadyen.

— Boa pergunta. Que nunca foi respondida, por sinal. Possivelmente, por causa disso que eu te disse ainda agora. Ninguém quer levar problemas para a universidade. Talvez os policiais não quisessem perder tempo com acusações menores, já que não conseguiam provar a acusação realmente séria. Teria sido patético.

Brian pousou o copo na mesa e começou a enumerar os pontos com os dedos.

— Então, eles não tinham um álibi de verdade. Estavam com um veículo perfeito para dirigir por aí carregando um corpo em uma nevasca. Costumavam beber aqui no Lammas. Conheciam Rosie. Eu e Colin sempre achamos que os estudantes eram um bando de desclassificados que usavam garotas como Rosie até encontrarem alguém melhor para casar e ela sabia disso, então acho que ela jamais teria dito pra gente que estava saindo com um estudante. Um deles chegou a confessar que tinha convidado Rosie para a tal festa. E, pelo que me disseram, o esperma nas roupas de Rosie pode ter sido ou de Sigmund Malkiewicz, ou de Davey Kerr ou de Tom Mackie. — Brian se recostou, momentaneamente exausto pela intensidade do seu monólogo.

— Não apareceram outros suspeitos?

Brian deu de ombros.

— Tinha o tal namorado misterioso. Mas, como eu disse, ele pode muito bem ter sido um dos quatro. Jimmy Lawson veio com uma ideia de jerico de que ela tinha sido capturada por um maníaco para ser sacrificada em um ritual satânico. Ele achava que era por isso que ela tinha sido desovada no cemitério. Mas ninguém nunca encontrou nenhuma prova disso. Além do mais, como é que o tal maníaco teria encontrado Rosie? Não era possível que ela estivesse passeando por aí com um tempo daqueles.

— O que o senhor acha que aconteceu naquela noite? — Macfadyen não conseguiu conter a pergunta.

— Eu acho que ela estava saindo com um deles. Acho que ele ficou de saco cheio de não conseguir avançar o sinal com ela. Acho que ele a estuprou. Deus me livre, mas vai ver até que os quatro a estupraram. Não tenho certeza. Quando perceberam o que tinham feito, se tocaram que estariam fodidos se deixassem ela viva para contar a história. Ia ser o fim dos seus sonhados diplomas, dos seus

futuros brilhantes. Aí eles mataram Rosie. — Houve um longo silêncio.

Macfadyen foi o primeiro a falar.

— Eu nunca soube quais eram os três com esperma compatível.

— Isso nunca foi divulgado. Mas a polícia sabia, dá no mesmo. Um colega meu estava saindo com uma garota que trabalhava na polícia. Ela era civil, mas estava por dentro das coisas. Com o que eles tinham sobre os quatro, foi um crime a polícia ter deixado eles escaparem.

— Eles não chegaram nem a ser presos?

Duff fez um gesto negativo com a cabeça.

— Foram interrogados, mas não deu em nada. Continuam soltos por aí. Livres como pássaros. — Ele terminou a cerveja. — Bem, agora você já sabe o que aconteceu. — Brian arrastou a cadeira, prestes a ir embora.

— Espere — pediu Macfadyen, suplicante.

Brian parou, impaciente.

— Como é que vocês nunca fizeram nada a respeito?

Brian deu um passo para trás, como se tivesse levado um soco.

— Quem disse que não fizemos?

— Bom, foi o senhor mesmo quem acabou de falar que eles estão soltos por aí, livres como pássaros.

Brian suspirou tão profundamente que o seu bafo azedo de cerveja inundou as narinas de Macfadyen.

— Não podíamos fazer muita coisa. Metemos a porrada em dois deles, mas ficamos muito visados. A polícia avisou a gente que se alguma coisa acontecesse com um dos quatro, nós é que iríamos parar na cadeia. Se fôssemos só eu e Colin, não tinha problema. Mas não podíamos dar este desgosto a nossa mãe. Não depois de tudo o que ela já havia sofrido. Então, colocamos a nossa viola no saco. — Ele mordeu o lábio. — Jimmy Lawson vivia dizendo que o caso jamais seria encerrado. Um dia, disse ele, a pessoa que matou Rosie vai ter o que merece. E eu realmente acreditei que essa hora havia chegado, por causa da nova investigação. — Ele balançou a cabeça. — Eu sou um idiota mesmo. — Ficou finalmente de pé. — Cumpri a minha parte do nosso trato. Agora, cabe a você cumprir a sua. Fique longe de mim e da minha família.

— Só mais uma coisa. Por favor.

Brian hesitou, a mão apoiada no espaldar da cadeira, a um passo da fuga.

— O quê?

— O meu pai. Quem era o meu pai?

— É melhor nem saber, filho. Ele era um sujeito completamente inútil, desses que só vêm ao mundo para ocupar espaço.

— Mesmo assim. Metade dos meus genes vem dele. — Macfadyen podia

ver a dúvida pairando nos olhos de Brian Duff. Ele lançou mão de seu último trunfo. — Me diga quem era o meu pai e nunca mais vai precisar me ver novamente.

Brian deu de ombros.

— O nome dele era John Stobie. Ele se mudou para a Inglaterra, uns três anos antes de Rosie morrer. — Brian girou nos calcanhares e partiu.

Macfadyen ficou um tempo sentado, olhando para o nada, ignorando a sua cerveja. Um nome. Aquilo já era pelo menos um começo, uma pista para rastreá-lo. Pelo menos, conseguira um nome. E muito mais do que isso. Conseguira uma justificativa para levar adiante a decisão que tomara logo após a admissão de incompetência de Lawson. Os nomes dos estudantes não eram novidade para ele. Eles constavam nas matérias de jornal sobre o crime. Já sabia aqueles nomes de cor há meses. Tudo o que havia lido reforçara a sua necessidade desesperada de encontrar alguém para culpar pelo que acontecera a sua mãe. Quando começou a sua busca para descobrir o paradeiro dos quatro homens que haviam destruído a sua chance de conhecer a sua mãe verdadeira, ficou decepcionado ao constatar que todos eles levavam vidas bem-sucedidas, dignas e respeitáveis. Que tipo de justiça era aquela?

Imediatamente, colocara um alerta na internet para receber qualquer informação sobre os quatro. E quando Lawson fizera a sua revelação, aquilo só serviu para reforçar ainda mais a decisão de Macfadyen de que eles não podiam continuar impunes. Se a polícia de Fife não conseguia puni-los pelo seu crime, então ele teria de descobrir um outro jeito de obrigá-los a pagar pelo que fizeram.

Na manhã seguinte ao encontro com o seu tio, Macfadyen acordou bem cedo. Não aparecia no trabalho havia mais de uma semana. Programar era a sua especialidade e costumava ser a única coisa que o deixava relaxado. Mas ultimamente a ideia de ficar sentado diante de um monitor trabalhando nas complexas estruturas do seu projeto atual o deixava impaciente só de pensar. Comparado a todas as coisas que borbulhavam em seu cérebro, aquilo parecia insignificante, irrelevante, sem sentido. Nada em sua vida o preparara para aquela missão e ele percebia que ela o exigia por inteiro, e não o que sobrava após um dia de trabalho no laboratório de computação. Foi ao médico e alegou que estava com estresse. Não era exatamente uma mentira e ele fora bem convincente, de modo que ganhara uma licença até depois do Ano-Novo.

Pulou para fora da cama e cambaleou até o banheiro, sentindo como se tivesse dormido por alguns minutos, e não por algumas horas. Mal se olhou no espelho, pouco reparando as olheiras e o rosto macerado. Tinha mais o que fazer. Conhecer os assassinos de sua mãe era mais importante do que se lembrar de se

alimentar direito.

Sem parar para se vestir ou para fazer um café, ele foi direto para a sala onde ficavam os computadores. Clicou no mouse de uma das máquinas. Uma mensagem piscando no canto da tela dizia <Nova Mensagem>. Abriu a sua caixa postal. Dois novos e-mails. Abriu o primeiro. David Kerr escrevera um artigo no último número de um periódico acadêmico. Um lixo qualquer sobre um escritor francês de quem Macfadyen jamais ouvira falar. Ele não podia estar menos interessado. Mesmo assim, era bom saber que o dispositivo de alerta na internet estava funcionando direitinho. David Kerr não era exatamente um nome raro e até ele refinar a sua busca, estava recebendo dezenas de ocorrências diárias. O que era uma chatice.

A mensagem seguinte era bem mais interessante. Ela o remeteu às páginas do *Seattle Post Intelligencer*. Conforme lia o artigo, um sorriso abria-se lentamente em seu rosto.

PEDIATRA DE DESTAQUE MORRE EM INCÊNDIO SUSPEITO

O fundador da famosa Clínica Fife morreu em um incêndio supostamente criminoso em sua casa, em King County.

O Dr. Sigmund Malkiewicz, conhecido como doutor Ziggy pelos seus pacientes e colegas, não resistiu ao incêndio que destruiu a sua reservada propriedade, nas primeiras horas da madrugada de ontem.

Três carros do corpo de bombeiros estiveram presentes no local, mas as chamas já haviam destruído a maior parte da casa, construída em madeira. O chefe do corpo de bombeiros, Jonathan Ardiles, declarou que “a casa já estava completamente consumida pelo fogo quando o vizinho do Dr. Malkiewicz chamou os bombeiros. Quando chegamos, havia muito pouco a ser feito, a não ser evitar que o incêndio se alastrasse para a floresta vizinha”.

O detetive Aaron Bronstein revelou hoje que a polícia está tratando o incêndio como criminoso. “Investigadores especiais estão trabalhando no local. No momento, não podemos dar mais informações.”

Nascido e criado na Escócia, o Dr. Malkiewicz, 45, trabalhou nos arredores de Seattle por mais de 15 anos. Foi pediatra no King County General antes de deixar o hospital, há nove anos, para abrir a sua própria clínica. Estabeleceu uma reputação na área de oncologia pediátrica, especializando-se no tratamento de leucemia.

> A dra. Angela Redmond, que trabalhava com o Dr. Malkiewicz na clínica, declarou: “Estamos todos chocados com essa notícia tão trágica. O doutor Ziggy era um colega generoso, que ajudava a todos nós e era extremamente dedicado aos seus pacientes. Qualquer um que tenha tido a oportunidade de conhecê-lo ficará arrasado.”

As palavras bailavam diante dos seus olhos, provocando uma curiosa mistura de alegria e frustração. Com o que sabia sobre o esperma, parecia adequado que Malkiewicz fosse o primeiro a morrer. Mas estava decepcionado ao ver que o jornalista não fora esperto o bastante para desencavar alguns detalhes sórdidos sobre a vida de Malkiewicz. Pelo artigo, parecia que ele tinha sido uma espécie de Madre Teresa, quando a verdade era bem diferente, como Macfadyen sabia. Talvez devesse mandar um e-mail para o jornalista, para esclarecer alguns pontos.

Mas talvez não fosse uma ideia tão genial assim. Seria mais difícil continuar vigiando os assassinos se eles começassem a achar que tinha alguém interessado em saber o que aconteceu com Rosie Duff, há vinte e cinco anos. Não, era melhor ficar quietinho por enquanto. Não obstante, podia descobrir alguns detalhes sobre o funeral e mandar o seu recado, se eles fossem espertos para captá-lo. Plantar a semente da insegurança em seus corações não faria mal a ninguém e não custava nada fazer com que eles começassem a sofrer um pouquinho. Eles já haviam causado bastante sofrimento aos outros, ao longo dos anos.

Verificou a hora no computador. Se saísse imediatamente, conseguiria chegar até a North Queensferry em tempo de alcançar Alex Gilbey a caminho para o trabalho. Passaria a manhã em Edimburgo e depois iria até Glasgow, ver o que David Kerr andava aprontando. Mas antes disso, estava na hora de começar a procurar por John Stobie.

Dois dias depois, seguiu Alex até o aeroporto e o viu embarcar em um avião para Seattle. Vinte e cinco anos haviam se passado, mas o crime ainda os mantinha unidos. Tinha uma vaga esperança de ver David Kerr por lá também. Mas ele não deu as caras. E quando ele correu até Glasgow para ver se tinha sido tapeado pela sua presa, encontrou-o em um auditório, dando uma palestra, conforme havia sido anunciado.

O que era de uma frieza extrema, sem a menor sombra de dúvida.

27

Alex nunca ficara tão feliz ao ver as luzes de aterrissagem no aeroporto de Edimburgo. A chuva chocava-se contra as janelas do avião, mas ele pouco se importava. Queria apenas estar em casa novamente, ficar quietinho ao lado de Lynn, com a mão sobre a sua barriga, sentindo a vida que crescia lá dentro. O futuro. Como tudo o que passava pela sua cabeça, aquele pensamento fez com que ele se lembrasse da morte de Ziggy. Uma criança que o seu melhor amigo não haveria de conhecer, que jamais seguraria nos braços.

Lynn estava esperando por ele na área de desembarque do aeroporto. Ela parecia cansada, pensou ele. Gostaria que ela tivesse desistido de trabalhar. Não precisavam do dinheiro, mesmo. Mas ela era inflexível nesse ponto e queria trabalhar até o último mês. “Quero usar a minha licença-maternidade para ficar com o bebê e não para ficar em casa, esperando por ele”, dissera ela. Ela continuava determinada a voltar ao trabalho após seis meses de licença, mas Alex se perguntava se ela não acabaria mudando de ideia.

Acenou, apressando-se em sua direção. Logo estavam um nos braços do outro, abraçando-se como se tivessem ficado separados por semanas, e não por alguns dias.

— Senti saudade — murmurou ele, com os lábios nos cabelos da mulher.

— Eu também. — Desfizeram o abraço e dirigiram-se para o estacionamento, Lynn lhe dando o braço. — Você está bem?

Alex fez um gesto negativo com a cabeça.

— Para falar a verdade, não. Estou me sentindo vazio. Literalmente. Como se tivesse um buraco dentro de mim. Só Deus sabe como Paul está conseguindo se virar.

— Como ele está?

— É como se ele estivesse sem rumo. Resolver as coisas para o funeral fez com que ele se concentrasse em outra coisa, com que tirasse a perda pouco da cabeça. Mas ontem à noite, depois que todo mundo foi embora ele parecia completamente perdido. Eu não sei como ele vai aguentar passar por tudo isso.

— Ele tem alguém para dar uma força por lá?

— Eles tinham vários amigos. Não creio que ele vá ficar isolado. Mas, no final das contas, a gente fica sozinho mesmo, né? — Alex suspirou. — Isso tudo fez com que eu visse a sorte que eu tenho. Você, o bebê que vai chegar. Eu não

sei o que faria se te perdesse, Lynn.

Ela apertou o braço dele.

— É normal você estar pensando essas coisas. Uma morte como a de Ziggy faz com que qualquer um se sinta vulnerável. Mas não vai acontecer nada comigo, não.

Chegaram ao carro e Alex assumiu a direção.

— Vamos para casa, então — disse ele. — Eu nem acredito que amanhã já é véspera de Natal. Estou louco para passar uma noite tranquila em casa, só nós dois.

— Xiii... — disse Lynn, ajeitando o cinto de segurança sobre o barrigão.

— Ah, não. A sua mãe, não. Não esta noite.

Lynn sorriu.

— Não, não é a minha mãe. Mas é quase tão ruim quanto. Mondo está aqui.

Alex franziu a testa.

— Mondo? Ué, ele não estava na França?

— Mudança de planos. Eles iam passar uns dias com o irmão de Hélène em Paris, mas a mulher dele caiu de cama, gripada. Então, eles trocaram as passagens.

— E qual é a dele, vindo aqui pra casa?

— Ele disse que tem uns negócios para resolver em Fife, mas eu acredito que ele está é se sentindo culpado por não ter ido a Seattle com você.

Alex bufou.

— Lógico, ele sempre foi bom em assumir a culpa tarde demais. O que nunca o impediu de fazer o que o deixava se sentindo culpado, mesmo assim.

Lynn pousou a mão na coxa do marido. Não havia nada de sexual no gesto.

— Você nunca o perdoou, não é mesmo?

— Acho que não. No geral, eu já esqueci. Mas quando as coisas acontecem, como nesta última semana... Realmente, acho que não o perdoei, não. Em parte por ter me colocado no fogo com os policiais naquela época, só para livrar a cara dele. Se ele não tivesse contado a Maclennan que eu tinha uma queda por Rosie, acho que eles não teriam levado tão a sério essa história de sermos suspeitos. Mas o que eu realmente não consegui perdoar foi aquela palhaçada que custou a vida de Maclennan.

— E você acha que Mondo não se sente culpado por isso?

— E tem mais é que se sentir mesmo. Mas se ele não tivesse contribuído para colocar o nosso na reta, para começar, ele não teria tido necessidade de fazer aquele showzinho ridículo para chamar a atenção. E eu não teria que aturar todo mundo apontando para mim aonde quer que eu fosse até o meu último dia de aula na universidade. Sinto muito, mas não consigo deixar de responsabilizar

Mondo por isso.

Lynn abriu a bolsa e caçou umas moedas para pagar o pedágio da ponte.

— Eu acho que ele sempre soube disso.

— Vai ver que é por isso que ele se empenhou tanto em criar tanta distância entre nós. — Alex suspirou. — Desculpe, porque eu sei que quem saiu perdendo foi você.

— Deixa de ser bobo — disse ela, passando as moedas para Alex enquanto ele diminuía a velocidade pela estrada de acesso à ponte Forth Road, com a sua majestosa extensão oferecendo a melhor vista possível das três vigas da ponte que cobria o estuário. — Quem perdeu foi ele, Alex. Eu já sabia, quando me casei com você, que Mondo jamais se acostumaria com a ideia. Mas continuo achando que eu saí ganhando. Prefiro mil vezes ter você no centro da minha vida do que o meu irmão mais velho neurótico.

— Sinto muito por tudo isso, Lynn. Eu ainda gosto dele, você sabe. Ele faz parte das minhas melhores lembranças.

— Eu sei. Então tente lembrar disso quando você estiver com vontade de estrangulá-lo esta noite.

Alex abriu a janela, estremecendo ao sentir a chuva gelada contra o seu rosto. Entregou o dinheiro do pedágio e acelerou, com a mesma sensação que sempre tinha quando se aproximava de Fife: a sensação de que a sua casa o atraía, como um ímã. Olhou para o relógio no painel do carro.

— E quando é que ele chega?

— Ele já está lá em casa.

Alex fez uma careta contrariada. Sem tempo para relaxar. Sem lugar para se esconder.

A detetive de polícia Karen Pirie apressou-se até o abrigo que a porta do pub oferecia e a empurrou, aliviada. Uma rajada de ar quente e acre, carregado com cheiro de cerveja e cigarro, bafejou em seu rosto. Era o cheiro da libertação. Estava tocando *Tourist* de St. Germain. Boa escolha. Ela esticou o pescoço, examinando os fregueses, tentando ver quem estava por lá. No bar, avistou Phil Parhatka inclinado sobre uma cerveja e um pacote de batatas chips. Ela abriu caminho e puxou um banco ao seu lado.

— Para mim é um Bacardi Breezer — disse ela, cutucando ele.

Phil levantou-se e fez sinal para um garçom esgotado. Fez o pedido, depois se reclinou no bar. Ele sempre ficava mais satisfeito quando tinha companhia do que quando estava sozinho, lembrou-se Karen. Ninguém podia estar mais longe do clichê televisivo do tira solitário e independente, fazendo justiça com as

próprias mãos, do que Phil Parhatka. Ele não era exatamente o centro das atenções; preferia estar sempre acompanhado do seu grupo. E ela não se incomodava nem um pouco de substituir o grupo. Quem sabe, a dois, ele percebesse que ela era uma mulher. Karen apanhou o seu drinque e tomou grandes goles.

— Agora sim — disse ela, sem fôlego. — Eu estava precisando.

— Trabalhinho sedento o seu, hein? Ficar remexendo aquelas caixas de provas. Não imaginei encontrar com você aqui hoje, pensei que fosse direto para casa.

— Que nada, precisei voltar e checar umas coisas no computador. Um saco, mas fazer o quê, né? — Ela bebeu mais um pouco e inclinou-se em tom de conluio para o seu colega. — E você nem imagina quem eu flagrei bisbilhotando os meus arquivos.

— Lawson — disse Phil, sem fazer o menos esforço.

Karen reclinou-se, irritada.

— Como é que você sabia disso?

— Quem mais está interessado no que estamos fazendo? Além disso, ele tem pegado mais no seu pé do que no de qualquer um de nós desde que começamos a trabalhar na revisão. Parece que ele tem um interesse pessoal no caso.

— Bom, ele foi o primeiro policial a chegar ao local.

— Tá, mas ele era peixe pequeno naquela época. O caso não era dele, nem nada. — Ele deslizou as batatas na direção de Karen e terminou a sua primeira cerveja.

— Eu sei. Mas eu acho que ele se sente mais ligado a esse caso do que aos outros. Ainda assim, foi engraçado flagrar o chefe mexendo nas minhas coisas. Pensei que ele fosse enfartar quando eu falei com ele. Ele estava tão entretido que nem me ouviu entrando.

Phil apanhou a sua segunda cerveja e tomou um gole.

— Ele foi procurar o irmão dela há pouco tempo, não foi? Para contar sobre a cagada com as provas.

Karen sacudiu os dedos, fazendo o gesto de alguém querendo se livrar de algo desagradável agarrado nas mãos.

— Vou te contar, eu comemorei quando soube que ele ia fazer isso pessoalmente. Não deve ter sido um encontro muito agradável. “Olá, senhor. Sinto muito, mas perdemos as provas que poderiam finalmente ter colocado o assassino da sua irmã na cadeia. Bom, fazer o quê?, é a vida.” — Ela fez uma careta. — E você, como está indo?

Phil deu de ombros.

— Sei lá. Pensei que estivesse chegando a algum lugar, mas pelo visto é outro beco sem saída. E ainda tenho que aturar o membro do Parlamento Escocês local com esse papo de direitos humanos. É um pé no saco esse trabalho.

— Você tem algum suspeito?

— Tenho três. O que eu não tenho é uma prova decente. Ainda estou esperando o laboratório mandar o resultado do teste de DNA. É a única chance que eu tenho de levar o caso para frente. E você? Quem você acha que matou Rosie Duff?

Karen esticou as mãos.

— Escolhe um dos quatro.

— Você realmente acha que foi um dos estudantes que a encontraram?

Karen assentiu com a cabeça.

— Todas as provas circunstanciais apontam nesta direção. E tem mais uma coisa. — Ela fez uma pausa, esperando a deixa.

— Está bem, Sherlock, vamos lá. O que é?

— A psicologia da coisa. Ritual satânico ou estupro seguido de morte, os psicólogos afirmam que assassinos assim não aparecem do nada. Teriam acontecido algumas tentativas antes.

— Como com Peter Sutcliffe?

— Exatamente. Você não se transforma no Estuprador de Yorkshire da noite para o dia. O que tem tudo a ver com o meu próximo argumento. Maníacos sexuais são um pouco como a minha avó. Eles se repetem.

Phil gemeu.

— Ah, muito boa.

— Não bata palmas, apenas jogue o dinheiro. Eles se repetem porque sentem tesão matando, assim como as pessoas normais sentem tesão com um filminho pornô. Enfim, o que eu quero dizer é que nós nunca mais vimos nem sinal desse maníaco específico em qualquer lugar da Escócia.

— Talvez ele tenha se mudado.

— Pode ser. Mas talvez aquilo tudo tenha sido uma encenação. Talvez não tenha sido sequer este tipo de maníaco. Talvez um ou todos os estudantes tenham estuprado Rosie e entrado em pânico. Eles não queriam uma testemunha viva. E aí eles a mataram. Mas armaram a coisa para parecer o ato de um maníaco sexual tresloucado. Eles não sentiram o menor tesão com o assassinato, por isso jamais pensaram em repetir a dose.

— Você acha que quatro garotos bêbados conseguiriam agir com essa frieza com uma garota morta nas mãos?

Karen cruzou as pernas e ajeitou a saia. Percebeu que ele olhou e sentiu um

calor que não tinha nada a ver com a bebida.

— Essa é a questão, não é?

— E qual é a resposta?

— Quando você lê os depoimentos, um deles chama a atenção. O estudante de medicina, Malkiewicz. Ele manteve a calma e o seu depoimento é bem frio. O exame das digitais indicou que ele foi o último a dirigir a Land Rover. E ele era um dos três secretores do grupo O entre os quatro. Pode ter sido o esperma dele.

— Bom, não deixa de ser uma boa teoria.

— Que merece outro drinque, na minha opinião. — Desta vez, Karen pagou a rodada. — O problema com as teorias — continuou ela, após terem enchido o seu copo — é que elas precisam de provas. E isso é exatamente o que eu não tenho.

— E o filho ilegítimo? Não tem um pai por aí, em algum lugar? E se foi ele?

— Não sabemos quem era o pai. Brian Duff não quer abrir o bico. E eu ainda não consegui falar com Colin. Mas Lawson me deu a dica que provavelmente é um sujeito chamado John Stobie. E ele saiu da cidade na hora certa.

— Mas pode ter voltado.

— Era isso o que Lawson estava procurando no arquivo. Queria ver se eu tinha chegado a algum lugar com esta história. — Karen deu de ombros. — Mas mesmo que ele tivesse voltado, por que mataria Rosie?

— Vai ver que ele ainda era apaixonado por ela e ela não quis saber mais dele.

— Não acho, não. O sujeito saiu da cidade porque levou uma surra de Brian e Colin. Ele não me parece um herói que volta para recuperar o amor perdido. Mas temos que tentar de tudo. Mandei um pedido para os nossos colegas do lugar onde ele está morando agora. Eles vão procurá-lo, ter uma conversinha com ele.

— Ah, tá. E ele vai se lembrar onde estava em uma noite de dezembro há vinte e cinco anos.

Karen suspirou.

— Eu sei. Mas pelo menos os policiais que forem interrogar o sujeito vão conseguir apurar se ele leva jeito para a coisa ou não. Mas eu continuo apostando em Malkiewicz, ou sozinho, ou com a ajuda dos amigos. Enfim. Chega de falar de trabalho. E aí, topa um último curry antes da típica ceia natalina tomar conta do pedaço?

Assim que Alex entrou na sala, Mondo levantou-se depressa, quase derrubando o seu copo de vinho tinto.

— Alex — disse ele, com um certo nervosismo na voz.

Alex ponderou, surpreso com a constatação, como era fácil voltar ao passado tão abruptamente, como quando um acontecimento inusitado bagunça o nosso cotidiano e nos leva de volta à companhia de velhos amigos. Mondo, tinha certeza, era seguro e competente em sua vida profissional. Tinha uma esposa culta e sofisticada, com quem fazia programas cultos e sofisticados que Alex mal podia vislumbrar. Mas, diante do seu amigo de adolescência, Mondo voltava a ser o mesmo garoto nervoso de antigamente, exibindo vulnerabilidade e carência.

— Oi, Mondo — respondeu Alex, exausto, jogando-se na cadeira à sua frente e apanhando a garrafa de vinho para se servir.

— Fez boa viagem? — O sorriso dele era praticamente uma súplica.

— Longe disso. Cheguei inteiro, que é o melhor que a gente pode dizer de qualquer viagem de avião. Lynn está preparando o jantar, ela disse que já vem.

— Desculpa por ter aparecido aqui hoje sem avisar, mas eu tinha que vir a Fife mesmo para me encontrar com uma pessoa, e como vamos para a França amanhã, esta era a única oportunidade...

Você não está nem um pouco arrependido, pensou Alex. *Você só quer fazer as pazes com a sua consciência às minhas custas.*

— Foi uma pena você não ter ficado sabendo da gripe da sua cunhada antes. Porque aí você poderia ter ido a Seattle comigo. Esquisito estava lá. — A voz de Alex soava impassível, mas ele quis que as suas palavras atingissem Mondo em cheio.

Mondo ajeitou-se na cadeira, esquivando o olhar.

— Eu sei que você acha que eu deveria estar lá também.

— Acho mesmo. Ziggy foi um dos seus melhores amigos durante quase dez anos. Ele sempre te ajudou tanto... Na verdade, ele sempre ajudou todos nós. Eu quis retribuir isso e acho que você deveria ter retribuído também.

Mondo passou os dedos pelo cabelo, que continuava cheio e cacheado, apesar de grisalho. Ele lhe conferia um ar exótico que certamente o distinguia dos outros escoceses.

— Tá, tá bom. Só que eu não sei lidar com este tipo de coisa.

— Você sempre foi o mais sensível.

Mondo dardejou um olhar de irritação para Alex.

— Só que eu acho que sensibilidade é uma qualidade, e não um defeito. E não vou ficar me desculpando por ser assim.

— Bom, então você deve estar sensível aos meus motivos para estar puto

com você. Tudo bem, eu posso até tentar entender por que você nos evita como se nós tivéssemos uma doença contagiosa. Você quis ficar o mais longe possível de qualquer coisa ou pessoa que o lembrasse do assassinato de Rosie Duff e da morte de Barney Maclennan. Mas você deveria ter ido, Mondo. Deveria mesmo.

Mondo pegou o seu copo de vinho e o segurou firme, como se ele pudesse salvá-lo do desconforto.

— Você deve estar certo, Alex.

— Então, o que é que você veio fazer aqui agora?

Mondo desviou o olhar.

— Acho que esta revisão que a polícia de Fife está fazendo sobre o assassinato de Rosie Duff trouxe muita coisa à tona. E eu percebi que não podia ignorar isso. Precisava conversar com alguém que entendesse aquela época. E o que Ziggy significava para todos nós. — Para a surpresa de Alex, os olhos de Mondo ficaram subitamente cheios d'água. Ele piscou o máximo que pôde, mas as lágrimas desceram pelo seu rosto. Ele apoiou o copo na mesa e cobriu o rosto com as mãos.

Foi então que Alex percebeu que nem Mondo era imune àquela viagem no tempo. Quis levantar depressa e puxar o amigo em um abraço. Mondo estava soluçando, esforçando-se para controlar o seu sofrimento. Mas Alex se conteve, sentindo uma pontada da velha suspeita.

— Estou tão arrependido, Alex — soluçou Mondo. — Muito, muito mesmo.

— Arrependido pelo quê? — perguntou Alex gentilmente.

Mondo levantou o rosto, os olhos encharcados de lágrimas.

— Por tudo. Por tudo o que eu fiz de errado, de idiota.

— Bom, digamos que isso engloba praticamente tudo o que você já fez na vida — disse Alex, com um tom de voz mais delicado do que as palavras irônicas.

Mondo sobressaltou-se, com uma expressão de mágoa. Acostumara-se a pessoas que aceitavam as suas imperfeições sem comentários ou críticas.

— E, sobretudo, por Barney Maclennan. Você sabia que o irmão dele está trabalhando na revisão dos casos?

Alex negou com a cabeça.

— Como é que eu ia saber? Por sinal, como é que você sabe?

— Ele me ligou. Queria conversar sobre Barney. Eu desliguei na cara dele. — Mondo deu um longo suspiro. — Já passou, entende? Tudo bem, eu fiz uma coisa idiota, mas eu era um garoto. Caramba, mesmo que tivessem me acusado de homicídio, eu já estaria solto a essas alturas. Por que não deixam a gente em paz?

— Como assim, acusado de homicídio? — perguntou Alex.

Mondo agitou-se em sua cadeira.

— Modo de falar. Nada de mais. — Ele terminou o seu copo de vinho. — Olha, é melhor eu ir embora — disse ele, levantando-se. — Dou um tchau para Lynn no caminho. — Ele passou por Alex, que o contemplava atônito. Fosse lá o que Mondo tivesse vindo procurar, parecia que não havia encontrado.

28

Encontrar um ponto de observação que oferecesse uma boa vista da casa de Alex Gilbey não fora nada fácil. Mas Macfadyen insistira, escalando pedras e contornando as moitas de grama que cresciam selvagens por baixo das vigas de aço maciço da ponte. Finalmente encontrou um lugar perfeito, pelo menos para a vigilância noturna. No claro, ficaria terrivelmente exposto, mas Gilbey nunca estava em casa durante o dia, mesmo. Assim que escurecia, Macfadyen perdia-se nas imensidões negras das sombras da ponte, observando bem abaixo dele a estufa onde Gilbey e a mulher costumavam ficar à noite, aproveitando a vista espetacular que o cômodo oferecia.

Aquilo não estava certo. Se Gilbey tivesse respondido pelas suas ações, ainda estaria mofando atrás das grades ou sofrendo com o tipo de vida desgraçada que a maioria das pessoas que passou muito tempo na cadeia leva. Um quartinho imundo em um conjunto habitacional, cercado de viciados e ladrõezinhos de merda, com uma escadaria fedendo a mijo e vômito, isso era o melhor que ele poderia merecer. Não este imóvel valioso, com uma vista espetacular e com isolamento acústico, por causa do barulho dos trens que chacoalhavam sobre a ponte o dia inteiro e durante boa parte da noite também. Macfadyen queria tirar tudo aquilo dele, para que ele entendesse do que o privara ao tomar parte do assassinato de Rosie Duff.

Mas aquilo ficaria para depois. Naquela noite, estava apenas vigiando. Estivera em Glasgow mais cedo, esperando pacientemente que um carro liberasse a vaga que, já sabia por experiência própria, lhe oferecia a melhor localização para vigiar a vaga de Kerr, no estacionamento da universidade. Quando a sua presa surgiu, logo após as quatro da tarde, Macfadyen ficou surpreso ao ver que ele não foi direto para casa. Em vez disso, seguira-o pela autoestrada que serpenteava pelo centro de Glasgow, antes de desviar para fora da cidade, até Edimburgo. Quando Kerr pegou a saída para a Ponte Forth, Macfadyen sorriu por antecipação. Ao que parecia, os conspiradores iriam se encontrar afinal.

Sua previsão mostrou-se correta. Mas não imediatamente. Kerr saiu da estrada ao norte do estuário mas, em vez de descer para a North Queensferry, ele mudou o rumo e se dirigiu para um hotel moderno, que oferecia uma vista privilegiada do penhasco de arenito sobre o estuário. Estacionou o carro e correu

para dentro do hotel. Quando Macfadyen chegou ao saguão, menos de um minuto depois de Kerr, não havia nem sombra de sua presa. Não estava no bar, nem no restaurante. Macfadyen correu para lá e para cá nas áreas públicas do hotel e o seu corre-corre aflito atraiu olhares de curiosidade tanto dos funcionários como dos hóspedes. Mas Kerr havia realmente desaparecido. Irado por tê-lo perdido de vista, Macfadyen correu para a rua novamente, dando uma pancada violenta no teto do carro com a mão. Droga, não era para ter acontecido isso. O que Kerr estava tramando? Será que ele percebeu que estava sendo seguido e tentou deliberadamente despistá-lo? Macfadyen olhou à sua volta depressa. Não, o carro de Kerr continuava no mesmo lugar.

O que estava acontecendo? Obviamente, Kerr estava encontrando alguém e não queria que o encontro fosse às claras. Mas quem? Será que Alex Gilbey voltara dos Estados Unidos e decidira encontrar o cúmplice em um lugar neutro, para que a sua mulher não participasse? Não tinha como descobrir. Xingando baixinho, Macfadyen entrou no seu carro novamente e fixou o seu olhar na entrada do hotel.

Não precisou esperar muito. Uns vinte minutos depois, Kerr voltou para o carro. Desta vez, seguiu direto para a North Queensferry. O que serviu para responder uma pergunta. Seja lá quem ele tenha encontrado no hotel, não fora Alex. Macfadyen esperou na esquina até Kerr estacionar o seu carro na porta da casa de Gilbey. Em dez minutos, já estava assumindo o seu posto debaixo da ponte, grato pela chuva ter parado. Levou os seus binóculos de última geração aos olhos e ajustou o foco na casa abaixo. Uma luz fraca invadiu a estufa, mas ele não conseguiu ver nada além disso. Moveu o seu campo de visão para a parede e distinguiu uma luz vindo da cozinha.

Viu Lynn Gilbey passar, com uma garrafa de vinho tinto na mão. Durante alguns minutos nada aconteceu, mas depois as luzes da estufa se acenderam. David Kerr seguiu a mulher e acomodou-se em uma cadeira, enquanto ela abria a garrafa de vinho e servia dois cálices. Eram irmãos, ele sabia disso. Gilbey casara-se com ela seis anos depois da morte de Rosie, quando ele tinha vinte e sete anos e ela vinte e um. Macfadyen não sabia se ela estava a par do crime no qual o irmão e o marido haviam se envolvido. Tinha lá as suas dúvidas. Deve ter sido capturada em uma teia de mentiras e acreditado nelas porque assim lhe convinha. Como a polícia. Ficaram todos satisfeitos por terem encontrado um jeito de se livrar do problema. Bem, ele não deixaria que isso acontecesse pela segunda vez.

E agora ela estava grávida. Gilbey ia ser papai. Ficava furioso só de pensar que o filho deles ia ter o privilégio de conhecer os pais, de ser desejado e amado, ao invés de acusado e censurado. Kerr e os seus amigos roubaram esta

oportunidade dele há anos.

Não estava rolando muita conversa lá embaixo. O que poderia significar duas coisas: ou eles eram tão íntimos que não precisavam jogar conversa fora para preencher o tempo, ou havia entre eles uma distância tão grande que nenhum papo furado conseguiria vencer. Macfadyen se perguntava qual das duas alternativas era a correta, estava longe demais para estimar. Passados mais ou menos uns dez minutos, a mulher deu uma olhadela no seu relógio e se levantou, uma das mãos apoiada nas costas e a outra na barriga. Em seguida, desapareceu para dentro da casa.

Como não reapareceu depois de dez minutos, Macfadyen começou a achar que ela havia saído de casa. É claro, faz sentido. Gilbey devia estar voltando do funeral. Para contar tudo o que se passara por lá para Kerr. Para analisarem as questões levantadas pela morte misteriosa de Malkiewicz. Os assassinos juntos novamente.

Agachou-se e apanhou uma garrafa térmica na mochila. Café doce e bem quente, para mantê-lo acordado e alerta. Não que ele precisasse. Desde que começara a perseguir os homens que julgava responsáveis pela morte da mãe, ele parecia ter recebido uma dose extra de vigor. E desde a infância ele não dormia tão profundamente quando caía na cama à noite. Era mais uma prova, se é que precisava de alguma, de que escolhera o caminho certo.

Mais de uma hora se passou. Kerr levantava, andava para um lado e para o outro, entrando ocasionalmente na casa e voltando quase imediatamente. Não estava à vontade, era óbvio. Então, de repente, Gilbey apareceu. Não trocaram um aperto de mão e logo ficou claro para Macfadyen que aquele não era um encontro tranquilo, relaxado. Mesmo pelo binóculo, dava para ver que aquela não era uma conversa agradável para nenhum dos dois.

Mas, mesmo assim, não esperava que Kerr fosse se descontrolar daquele jeito. Numa hora, estava bem, de repente, estava aos prantos. O diálogo seguinte pareceu intenso, mas não durou muito. Kerr levantou-se abruptamente e passou zunindo por Gilbey. Fosse lá o que tivesse acontecido entre eles, não deixara nenhum dos dois contente.

Macfadyen hesitou por um momento. Será que devia permanecer no seu posto? Ou seguir Kerr? Os seus pés começaram a se mover antes mesmo de perceber que já havia tomado uma decisão. Gilbey não ia a lugar algum. Mas David Kerr já quebrara o padrão uma vez. Podia ser que fizesse isso novamente.

Correu de volta para o carro, alcançando a esquina na hora em que Kerr deixou a pacata rua lateral. Xingando, Macfadyen mergulhou atrás do volante, acelerou e partiu cantando pneu. Mas não precisava ter se preocupado. O Audi prateado de Kerr ainda estava no cruzamento com a estrada principal,

aguardando para virar à direita. Em vez de se dirigir para a ponte e voltar para casa, ele pegou a M90, em direção ao norte. Não tinha muito tráfego e Macfadyen não correu o risco de perdê-lo de vista. Uns vinte minutos depois, já sabia para onde a sua presa estava indo. Ele passou direto por Kirkcaldy e pela casa dos seus pais e dirigiu-se para a parte leste da Standing Stone. Tinha que ser para St. Andrews.

Quando alcançaram os arredores da cidade, Macfadyen chegou mais perto. Não queria perder Kerr justo agora. O Audi colocou a seta para a esquerda, indo em direção ao Jardim Botânico. “Você não conseguiu ficar longe, não é?”, murmurou Macfadyen. “Não pôde deixá-la em paz.”

Como ele esperava, o Audi fez a curva em Trinity Place. Macfadyen estacionou na rua principal e caminhou apressado pela rua pacata. Notou luzes acesas por trás das cortinas nas janelas mas, fora isso, não havia qualquer sinal de vida. O Audi estava estacionado no fim de um beco sem saída, com as luzes laterais ainda acesas. Macfadyen passou por ele, notando o assento do motorista vazio. Seguiu pelo caminho que contornava a parte inferior da colina, se perguntando quantas vezes os quatro estudantes não deviam ter pisado sobre aquela mesma lama antes da noite em que tomaram a sua decisão fatal. Olhando para cima, à sua esquerda, viu o que já esperava. No topo da colina, delineada contra a noite, estava a silhueta de Kerr, parado de cabeça baixa. Macfadyen diminuiu o passo. Era estranho como tudo não parava de se encaixar, confirmando a sua convicção de que os quatro homens que encontraram o corpo da sua mãe sabiam muito mais sobre a sua morte do que haviam sido pressionados a admitir. Não conseguia entender por que a polícia não resolvera tudo naquela época. Ter colocado tudo a perder em um caso tão simples era inacreditável. Ele fizera mais pela justiça em alguns meses do que a polícia fizera em vinte e cinco anos, com todos os seus recursos e seu pessoal. Exatamente por isso não ia ficar dependendo de Lawson e dos seus macacos amestrados para vingar a sua mãe.

Talvez o seu tio tivesse razão e eles fossem submissos à universidade. Ou talvez ele próprio estivera mais próximo da verdade quando acusara a polícia de corrupção. De qualquer maneira, eram outros tempos. A velha subserviência estava morta. Ninguém mais temia a universidade. E as pessoas já entendiam que um policial podia ser tão desonesto quanto qualquer outra pessoa. De modo que ainda sobrava para indivíduos como ele a tarefa de garantir que a justiça fosse feita.

Macfadyen ainda observou Kerr endireitando-se e partindo de volta para o carro. Mais uma anotação no caderninho da culpa, pensou. Mais um tijolo no muro.[8]

Alex mudou de posição e olhou a hora. Dez para as três. Desde a última vez que olhara, só haviam passado cinco minutos. Não tinha jeito. O seu corpo estava desorientado por causa do voo e da mudança de fuso horário. Se continuasse forçando o sono, o máximo que conseguiria seria acordar Lynn. E como o sono dela andava meio perturbado por causa da gravidez, ele não quis arriscar. Saiu com cuidado de debaixo do cobertor, tremendo um pouco ao sentir o ar gelado na sua pele. Pegou o seu quimono antes de sair do quarto e fechou a porta delicadamente.

Tinha tido um dia e tanto. Despedir-se de Paul no aeroporto parecera um abandono, e o seu desejo natural de estar em casa com Lynn, um egoísmo. Durante o primeiro voo, ficara entalado em um dos assentos centrais, longe das janelas, ao lado de uma mulher tão gorda que ele teve a nítida impressão de que, quando ela tentasse se levantar, a fileira inteira de assentos iria junto com ela. Fez uma viagem um pouquinho melhor no segundo voo, mas àquela altura já estava cansado demais para dormir. Estava sendo atormentado por lembranças de Ziggy, enchendo o seu coração de remorsos por todas as oportunidades que ele perdera ao longo dos últimos vinte anos. E, em vez de uma noite tranquila com Lynn, tivera que aguentar o colapso emocional de Mondo. Tinha que ir ao escritório no dia seguinte, mas já sabia de antemão que não conseguiria trabalhar. Suspirando, andou até a cozinha e colocou a chaleira no fogão. Talvez uma xícara de chá ajudasse a relaxar e ele pudesse recuperar o sono.

Perambulou pela casa com a xícara na mão, tocando objetos familiares, como se eles fossem talismãs que pudessem devolver a sua tranquilidade. Quando deu por si, estava parado no quarto do bebê, inclinado sobre o berço. Isso é o futuro, disse para si mesmo. Um futuro que vale a pena, um futuro que lhe oferecia a oportunidade de fazer algo mais da sua vida, além de ganhar e gastar dinheiro.

A porta se abriu e ele reconheceu a silhueta de Lynn sobre a luz suave do corredor.

— Eu não te acordei não, né? — perguntou ele.

— Não, eu acordei sozinha. *Jet lag*? — Ela entrou no quarto e colocou o braço em volta da cintura de Alex.

— Provavelmente.

— E Mondo não ajudou muito, né?

Alex concordou.

— Eu podia ter ido dormir sem essa.

— Tenho certeza de que ele nem parou para pensar nisso. O egoísta do meu irmão acha que todos nós viemos ao mundo para a sua conveniência. Eu bem que tentei dar uma desculpa, você sabe.

— Tenho certeza disso. Ele sempre teve o dom de não ouvir o que não quer. Mas ele não é má pessoa, Lynn. É fraco e egoísta, com certeza. Mas não é mau.

Lynn apoiou a cabeça no ombro de Alex.

— Acho que é porque ele é bonito demais. Ele foi uma criança linda, todo mundo sempre fazia todas as vontades dele, onde quer que ele fosse. Eu o odiava por causa disso quando éramos pequenos. Ele era um objeto de adoração, um anjinho de Donatello. As pessoas ficavam encantadas com ele. E aí olhavam para mim e nem disfarçavam a decepção. Como é que um príncipe daqueles podia ter uma irmã tão feia?

Alex riu.

— É, mas o patinho feio virou uma princesa.

Lynn deu um tapinha no marido.

— Uma das coisas que eu sempre apreciei em você é essa sua capacidade de mentir com a maior convicção sobre as coisas mais banais.

— Eu não estou mentindo. Lá pelos quatorze anos, você deixou de ser feia e ficou maravilhosa. Vai por mim, lembre-se que eu sou um artista.

— Vendedor de cartões, atualmente. Não, eu sempre fiquei à sombra de Mondo no quesito beleza. Andei pensando sobre isso ultimamente. Sobre as coisas que os meus pais fizeram e que eu não quero repetir. Se o nosso filho for bonito, eu jamais vou ficar chamando a atenção dele para isso. Quero que ele seja seguro, mas sem essa noção de que é melhor do que os outros, porque foi isso que envenenou o meu irmão.

— Pode ter certeza de que eu estou contigo nessa. — Ele pousou a mão na barriga dela. — Tá ouvindo, filho? Nada de ficar se achando, ouviu? — Alex se inclinou e beijou a cabeça de Lynn. — O modo como Ziggy morreu me deixou meio assustado. Tudo o que eu quero é ver o meu filho crescer, com você ao meu lado. Mas é tudo tão frágil. Num minuto você está aqui, no outro já não está mais. Fico pensando em todas as coisas que Ziggy deixou por fazer, e que jamais serão feitas. Eu não quero que isso aconteça comigo.

Lynn apanhou a xícara delicadamente e a colocou sobre a mesa. Envolveu Alex em seus braços.

— Não tenha medo — disse ela. — Vai dar tudo certo.

Ele queria acreditar. Mas ainda estava próximo demais da sua própria mortalidade para se convencer totalmente.

Um longo bocejo estalou a mandíbula de Karen Pirie enquanto ela esperava pela campainha que sinalizava a abertura da porta. Ao ouvi-la, empurrou a porta e cruzou o hall, cumprimentando o segurança ao passar pela sua cabine. Deus,

como ela detestava o centro de armazenamento de provas. Véspera de Natal, o resto do mundo estava se preparando para as festas e ela estava onde? Parecia que a sua vida tinha se limitado àqueles corredores com caixas de arquivo e os seus conteúdos ensacados, que contavam histórias de cortar o coração sobre crimes perpetrados pelos idiotas, os inadequados e os invejosos. Mas, em algum lugar ali, tinha certeza de que estava a prova que poderia reabrir o seu caso.

Não era o único caminho que a sua investigação poderia tomar. Sabia que teria que entrevistar novamente as testemunhas em algum momento. Mas também estava ciente de que, em casos antigos como aquele, as provas eram fundamentais. Com as técnicas forenses modernas, era possível transformar as provas circunstanciais de um caso em provas concretas, que tornariam os depoimentos das testemunhas absolutamente redundantes.

Seria ótimo, pensou ela. Mas havia centenas de caixas no local. E ela precisava olhar uma por uma. Até agora, calculava ter examinado aproximadamente um quarto. O único resultado positivo disso tudo era que estava fortalecendo os músculos dos braços, carregando caixas para cima e para baixo em escadas dobradiças. Pelo menos teria dez gloriosos dias de folga, começando no dia seguinte, quando as únicas caixas que ela abriria teriam algo mais interessante do que vestígios de crime dentro.

Cumprimentou o oficial de plantão e esperou que ele abrisse a porta da gaiola de metal, onde as caixas ficavam armazenadas. O protocolo de segurança era a pior parte daquela tarefa. Para cada caixa, o procedimento era o mesmo. Tinha que apanhá-la da prateleira e colocá-la em cima da mesa, onde o oficial pudesse acompanhar a verificação. Tinha que anotar o número da caixa no registro principal, junto com o seu nome, número de identificação e a data. Só então podia abrir a caixa e verificar o seu conteúdo. Ao certificar-se de que o que ela estava procurando não estava na caixa, tinha que devolvê-la e repetir toda aquela chatice novamente. A única quebra na monotonia do seu serviço era quando um outro oficial aparecia para verificar alguma caixa. Mas aquela era uma alegria fugaz, já que a maioria invariavelmente tinha a sorte de saber a localização do que estava procurando.

Não havia uma maneira simples de facilitar a tarefa. No início, Karen achou que o caminho mais prático para fazer a busca ia ser vasculhar tudo o que tinha vindo de St. Andrews. As caixas eram arquivadas de acordo com os números dos casos, em ordem cronológica. Mas o processo de reunir todos os arquivos de provas de todas as delegacias da região espalhara as caixas de St. Andrews. De modo que ela teve de desistir dessa opção.

Então, ela começou a pesquisar em todas as caixas datadas de 1978. Mas não encontrou nada, a não ser um estilete que pertencia a um caso de 1987.

Então, ela decidiu conferir os dois anos. Desta vez, o item trocado foi um tênis infantil, relíquia do desaparecimento nunca resolvido de um garotinho de dez anos em 1969. Estava chegando a ponto de achar que deixaria o que estava procurando passar, porque o seu cérebro estava exausto.

Abriu uma lata de refrigerante, tomou um gole que acionou as duas papilas gustativas e começou: 1980. Terceira prateleira. Arrastou o seu corpo cansado até a base da escada, retomando do ponto onde havia parado na véspera. Subiu na escada, puxou a caixa e desceu os degraus de alumínio com cuidado.

De volta à mesa, livrou-se da papelada e levantou a tampa. Maravilha. Parecia uma pilha rejeitada de velhas roupas de brechó. Ela removeu todos os sacos da caixa, um por um, verificando que o número do caso de Rosie não constava em nenhum deles. Um par de jeans. Uma camiseta imunda. Uma calcinha. Uma meia-calça. Um sutiã. Uma camisa xadrez. Nada disso a interessava. O último item parecia ser um cardigã feminino. Karen suspendeu o saco, sem esperanças.

Deu uma olhada no adesivo sobre o saco. Piscou, duvidando dos seus olhos. Verificou o número novamente. Sem conseguir acreditar, apanhou o caderno em sua bolsa e comparou o número do caso com o saco que estava segurando firme nas mãos.

Não havia dúvida. Karen encontrara o seu presente de Natal adiantado.

29

Janeiro de 2004; Escócia

Ele estava certo. Havia mesmo um padrão. Fora interrompido pelas festas de fim de ano e isso o deixara impaciente. Mas, agora que o Ano-Novo passara, a velha rotina havia sido retomada. A mulher saía todas as quintas-feiras, à noitinha. Ele observava a sua silhueta contra a luz quando a porta da frente se abria. Minutos depois, os faróis do seu carro se acendiam. Não sabia para onde ela ia, e pouco se lixava. O que importava é que ela havia se comportado de maneira previsível, deixando o seu marido sozinho em casa.

Calculou que teria umas boas quatro horas para executar o seu plano. Mas obrigou-se a ter mais paciência. Não fazia sentido se arriscar logo agora. Melhor esperar as pessoas se acomodarem para passar a noite, prostradas diante da tevê. Não queria dar de cara com algum vizinho levando o seu cachorro de rico para fazer xixi na hora da sua fuga. Bairro chique, previsível como um rádio-relógio. Acalentou este pensamento reconfortante, tentando abafar o tique-taque da sua ansiedade.

Desdobrou a gola do seu casaco para proteger-se do frio e preparou-se para esperar, o coração inquieto de tanta ansiedade. O que vinha a seguir não era agradável, apenas necessário. Não era nenhum psicopata, afinal de contas. Apenas um homem fazendo o que tinha de ser feito.

David Kerr trocou os DVDs e voltou para a poltrona. Costumava deleitar-se com o seu vício semissecreto nas noites de quinta-feira. Quando Hélène saía com as amigas, ele passava a noite diante da tevê, grudado no que ela julgava “lixo televisivo”. Naquela noite, ele já havia assistido a dois episódios de *Six Feet Under* e agora estava com o dedo no controle remoto, buscando um dos seus episódios favoritos da primeira temporada de *The West Wing*. Acabara de cantarolar o grandioso tema de abertura, quando pensou ter ouvido um barulho de vidro se quebrando lá embaixo. Sem raciocinar de maneira consciente, o seu cérebro calculou as coordenadas e sinalizou que o barulho vinha dos fundos da casa. Provavelmente da cozinha.

Ele se levantou da poltrona e tirou o som da televisão pelo controle remoto. Ouviu novamente o som dos vidros e levantou-se num sobressalto. Que diabos

era aquilo? Será que o gato derrubara alguma coisa na cozinha? Ou havia uma explicação mais sinistra?

Cuidadosamente, David se pôs a procurar uma arma em potencial à sua volta. Não havia muito para escolher, pois a decoração de Hélène era um tanto quanto minimalista. Apanhou uma jarra de cristal, fina o bastante para caber perfeitamente na sua mão. Atravessou o cômodo na ponta dos pés, esforçando-se para ouvir mais alguma coisa, o coração acelerado. Pensou ter ouvido um barulho de vidro sendo pisado. Junto com o medo, veio a raiva. Algum bêbado ou drogado, procurando dinheiro para uma garrafa de vinho ou uma dose de heroína. O seu instinto natural era chamar a polícia, e ficar esperando quietinho. Mas a polícia ia demorar muito para chegar até lá. Nenhum ladrão com um mínimo de amor-próprio ia se contentar só com a cozinha; ele certamente procuraria um lucro melhor no resto da casa e David seria obrigado a se confrontar com o invasor. Além do mais, sabia que, se apanhasse o telefone, a extensão na cozinha iria emitir um barulho, revelando a sua intenção. O que podia realmente irritar a pessoa que estava rondando a sua casa. Melhor tentar uma abordagem mais direta. Lera em algum lugar que a maioria dos ladrões é covarde. Bom, um covarde talvez conseguisse espantar o outro.

Respirando fundo para se acalmar, David abriu uma fresta na porta da sala de estar. Espiou o corredor, mas a porta da cozinha estava fechada e não dava nenhuma pista do que poderia estar acontecendo do outro lado. Mas agora podia ouvir os inconfundíveis barulhos de alguém se mexendo. O ruído dos talheres chocando-se uns contra os outros quando a gaveta era aberta. A porta do armário da cozinha se fechando com um estalo.

Seja o que Deus quiser. Ele não ia ficar parado enquanto alguém perambulava pela sua casa. Caminhou até o fim do corredor, inflado de coragem, e abriu a porta da cozinha num solavanco.

— Que diabos está acontecendo aqui? — gritou ele para a escuridão. Buscou o interruptor, mas quando tentou acender a luz, nada aconteceu. Com a luz fraca que vinha da rua, pôde ver cacos de vidro no chão ao lado da porta dos fundos, que estava aberta. Mas não havia ninguém por perto. Será que já tinham ido embora? O medo fez com que os pelos da sua nuca e dos seus braços ficassem arrepiados. Hesitante, ele deu um passo à frente na escuridão.

Foi quando percebeu algo se movendo atrás da porta. David virou-se no exato momento em que o invasor colidiu contra ele. Parecia de estatura mediana, não era nem gordo, nem magro, mas o rosto estava coberto por uma máscara de esqui. Sentiu um golpe no estômago; não forte o bastante para fazer com que ele se curvasse, mais um empurrão do que um soco. O assaltante deu um passo para trás, ofegante. Exatamente quando percebeu que ele segurava uma faca, David

sentiu uma dor lancinante no abdômen. Colocou a mão na barriga e demorou alguns segundos tentando descobrir por que ela estava quente e úmida. Olhou para baixo e viu uma mancha negra alastrando-se pela sua camiseta branca.

— Você me esfaqueou — constatou ele, incrédulo.

O assaltante não respondeu. Afastou o braço para trás e desferiu outro golpe. Desta vez, David sentiu a lâmina perfurando o seu corpo profundamente. As suas pernas cederam e ele tossiu, caindo para a frente. A última coisa que viu foi um par de botas bem gastas. De longe, ouviu uma voz. Mas não podia mais compreender o que ela estava dizendo. Um conjunto de sílabas que não fazia sentido. Enquanto perdia a consciência, não conseguia parar de pensar que era uma pena morrer.

Quando o telefone tocou, às vinte para a meia-noite, Lynn esperou ouvir a voz de Alex do outro lado, pedindo desculpas pelo atraso, avisando que já estava saindo do restaurante onde estivera entretendo um possível cliente de Gothenburg. Não estava preparada para o lamento que a atingiu em cheio assim que suspendeu o telefone do gancho na sua cabeceira. Uma voz de mulher, irreconhecível, mas claramente angustiada. Foi tudo o que ela conseguiu distinguir.

Na primeira pausa, Lynn interrompeu.

— Quem está falando? — perguntou ela, aflita e assustada.

Mais soluços desesperados. Então, finalmente, algo que soava familiar.

— Sou eu, Hélène. Deus me ajude, Lynn, isso é horrível, horrível. — A voz dela falhou e Lynn ouviu um emaranhado de sons incoerentes em francês.

— Hélène? O que houve? O que aconteceu? — Lynn estava aos berros, tentando discernir os gemidos. Ouviu um longo suspiro.

— É o David. Acho que ele está morto.

Lynn compreendeu as palavras, mas não conseguiu captar o significado.

— Do que você está falando? O que aconteceu?

— Eu cheguei em casa e ele está aqui estirado no chão da cozinha, tem sangue para todo lado e ele não está respirando. Lynn, o que eu faço? Eu acho que ele morreu.

— Você ligou para a ambulância? Ou para a polícia? — Surreal. Aquilo era surreal. Lynn ficou boba ao perceber que conseguia raciocinar em um momento como aquele.

— Eu já chamei os dois. Estão a caminho. Mas eu precisava falar com alguém. Estou com medo, Lynn, estou com tanto medo. Eu não consigo entender. Isso é horrível, acho que vou enlouquecer. Ele está morto, o meu David está morto.

Desta vez, conseguiu absorver as palavras. Lynn sentia como se uma palma gelada estivesse apertando o seu peito, impedindo a sua respiração. As coisas não podiam acontecer daquela maneira. Ninguém atende ao telefone esperando ouvir a voz do marido e fica sabendo que o irmão morreu.

— Você não sabe direito ainda — disse ela, sem esperanças.

— Ele não está respirando. Não tem batimentos cardíacos. E tem tanto sangue aqui. Ele está morto, Lynn, eu tenho certeza. O que eu vou fazer sem ele?

— Todo esse sangue, será que alguém o atacou?

— O que mais pode ter acontecido?

O medo atingiu Lynn como uma ducha gelada.

— Saia dessa casa imediatamente, Hélène. Espera a polícia lá fora. Pode ser que ainda tenha alguém aí dentro...

Hélène gritou.

— Ai, meu Deus, será possível?

— Sai daí. Me liga depois, quando a polícia chegar. — A linha ficou muda. Lynn estava paralisada, incapaz de processar o que havia acabado de acontecer. Alex. Precisava de Alex. Mas Hélène precisava mais. Atordoada, ela ligou para o celular dele. Quando ele atendeu, os ruídos de um restaurante barulhento pareceram incongruentes e bizarros para Lynn. — Alex — disse ela. Por alguns segundos, não conseguia falar mais nada.

— Lynn? É você? Está tudo bem? Você está passando bem? — O nervosismo dele era palpável.

— Estou bem. Mas acabei de ter uma conversa horrível com Hélène. Alex, ela disse que Mondo morreu.

— Espera um segundo, não estou ouvindo nada.

Ela ouviu o barulho de uma cadeira sendo arrastada e alguns segundos depois o barulho desapareceu.

— Agora, sim — disse Alex. — Não entendi uma palavra do que você disse. Qual é o problema?

Lynn pôde sentir o seu autocontrole se esvair.

— Alex, você precisa ir até a casa de Mondo agora. Hélène acabou de me ligar, aconteceu uma coisa horrível. Ela disse que Mondo morreu.

— O quê!?

— Eu sei, é inacreditável. Ela disse que ele está estirado no chão da cozinha, com sangue pra todo lado. Por favor, preciso que você vá até lá, descubra o que está acontecendo. — As lágrimas escorriam pelo seu rosto.

— E Hélène está lá? Na casa? Disse que Mondo morreu? Meu Deus.

Lynn engasgou com um soluço.

— Eu também não consigo acreditar. Por favor, Alex, vai lá ver o que

aconteceu.

— Tá bem, tá bem, estou indo agora. Escuta, vai ver que ele só está ferido. Vai ver que ela se confundiu.

— Do jeito que ela falou, tinha certeza absoluta.

— Bom, Hélène não é médica, é? Olha, fica tranquila, eu te ligo na hora que chegar lá.

— Eu não acredito nisso. — Lynn estava engasgada com as lágrimas e as suas palavras eram soluços.

— Lynn, você precisa tentar ficar calma. Por favor.

— Calma? Como é que eu posso ficar calma? O meu irmão morreu.

— Não temos certeza ainda. Lynn, pense no bebê. Você precisa se cuidar. Ficar nervosa desse jeito não vai ajudar Mondo, seja lá o que tiver acontecido com ele.

— Tá, vai pra lá logo, Alex — gritou ela.

— Estou indo. — Ela ouviu os passos de Alex antes de desligar. Nunca precisou tanto dele. E queria estar em Glasgow, ao lado do irmão. Independentemente do que se passara entre eles, ainda tinham o mesmo sangue. Alex não precisava ficar lembrando que ela estava com oito meses de gravidez. Ela não ia fazer nada que pudesse colocar o bebê em risco. Gemendo baixinho enquanto enxugava as lágrimas, Lynn tentou encontrar uma posição confortável na cama. Por favor, Deus, faça com que Hélène esteja errada.

Alex não se lembrava de já ter dirigido tão rápido. Chegar até Bearsden sem ter visto uma luz azul piscando pelo retrovisor foi um milagre. Durante todo o percurso, não parava de repetir para si mesmo que tudo aquilo não passava de um engano. Não podia levar em consideração a possibilidade da morte de Mondo. Ainda mais tão próxima da de Ziggy. É claro que coincidências horríveis acontecem. Era delas que os tabloides mais asquerosos e os programas sensacionalistas de tevê eram feitos. Mas aconteciam com os outros. Pelo menos, até agora.

As suas esperanças fervorosas começaram a se desintegrar assim que ele dobrou a esquina na rua pacata onde Mondo e Hélène moravam. Havia três carros de polícia na calçada, e uma ambulância na frente da casa. O que não era um bom sinal. Se Mondo estivesse vivo, já teria sido levado de lá há muito tempo e a ambulância teria partido às pressas para o hospital mais próximo.

Alex largou o seu carro atrás do primeiro carro de polícia e correu em direção à casa. Um corpulento policial uniformizado, usando uma jaqueta amarela fluorescente, interrompeu o seu trajeto.

— Posso ajudá-lo, senhor? — perguntou ele.

— Eu sou o cunhado — explicou Alex, tentando passar por ele. O policial o segurou pelos braços firmemente, impedindo a sua passagem. — Por favor, deixe-me passar. Eu sou casado com a irmã de David Kerr.

— Sinto muito, senhor. Ninguém pode entrar agora. Houve um crime no local.

— E Hélène? A mulher dele? Onde ela está? Ela ligou para a minha mulher.

— A senhora Kerr está lá dentro. Está sã e salva, senhor.

Alex parou de insistir. O policial soltou os seus braços.

— Olha, eu não faço a menor ideia do que aconteceu aqui, mas sei que Hélène precisa de apoio. Não dá para ligar para o seu chefe pelo rádio, ver se eu consigo entrar lá?

O policial fez uma expressão de dúvida.

— Como eu disse, senhor, houve um crime no local.

Alex sentiu a frustração latejando na sua cabeça.

— E é assim que vocês tratam as vítimas? Mantendo-as isoladas da família?

O policial levou o rádio à boca com um ar resignado. Virou-se de lado, certificando-se de manter o caminho para a casa bloqueado, e murmurou alguma coisa no rádio. Houve um estalo de resposta. Após uma breve e silenciosa conversa, ele virou-se para Alex.

— O senhor pode me apresentar alguma identidade? — pediu ele.

Impaciente, Alex pegou a carteira e retirou a carteira de motorista. Satisfeito por ter tirado uma das novas carteiras com fotografia, ele a entregou ao policial. O sujeito a examinou e a devolveu com um aceno educado.

— Se o senhor quiser subir, um dos meus colegas do DIC irá encontrá-lo na porta da casa.

Alex passou voando por ele. Estava com uma sensação estranha nas pernas, como se os seus joelhos pertencessem a alguém que não sabia andar direito. Quando alcançou a porta, ela se abriu e uma mulher na faixa dos trinta anos surgiu cansada, pousando os seus olhos cínicos sobre ele como se tentando memorizar todos os detalhes.

— Sr. Gilbey? — perguntou ela, dando um passo para trás para permitir que Alex entrasse no recinto.

— Isso mesmo. O que aconteceu? Hélène ligou para a minha mulher, parece que ela tinha a impressão de que Mondo estava morto.

— Mondo?

Alex suspirou, impaciente com a sua própria ignorância.

— Era o apelido dele. Somos amigos desde a escola. David, David Kerr. A esposa dele disse que ele estava morto.

A mulher assentiu com a cabeça.

— Lamento ter de lhe informar que o Sr. Kerr está morto.

Deus, pensou ele. Que maneira de dar as notícias.

— Não consigo entender, o que foi que aconteceu?

— Ainda é cedo para sabermos com certeza — disse ela. — Parece que ele foi esfaqueado. Existem sinais de arrombamento nos fundos da casa. Mas, espero que o senhor compreenda, não podemos entrar em detalhes por enquanto.

Alex esfregou as mãos no rosto.

— Mas isso é terrível. Meu Deus, pobre Mondo. Que coisa. — Ele balançou a cabeça, em choque e aturdido. — Mas que coisa surreal. Meu Deus. — Suspirou profundamente. Teria tempo de lidar com as suas reações depois. Não foi para isso que Lynn pediu que ele fosse até lá. — Onde está Hélène?

A mulher abriu uma porta para dentro da casa.

— Está na sala de estar. Se o senhor quiser ir até lá... — disse ela, afastando-se e observando Alex passar por ela e seguir direto para o quarto que dava para o jardim da frente. Hélène sempre se referira àquele cômodo como a sala de visitas e ele sentiu uma pontada de culpa ao se lembrar das vezes em que ele e Lynn a ridicularizaram pela sua pretensão. Alex abriu a porta e entrou na sala.

Hélène estava sentada no canto de um dos imensos sofás marfim, encurvada como uma senhora idosa. Quando ele entrou, ela suspendeu os olhos e eles eram duas poças inchadas de sofrimento. O seu longo cabelo negro estava desalinhado em volta do rosto, com algumas mechas grudadas no canto da boca. As roupas estavam amassadas em uma irônica paródia da sua habitual elegância parisiense. Ela estendeu os braços para ele, suplicante.

— Alex — disse ela, a voz embargada e aflita.

Ele foi até ela, sentando-se ao seu lado e a abraçando. Era a primeira vez que a abraçava daquela maneira. Normalmente, os cumprimentos consistiam em uma das mãos solta no braço do outro ou beijos que não tocavam as bochechas. Ficou surpreso ao perceber como Hélène era musculosa, e mais surpreso ainda por estar percebendo aquilo. Começou a constatar que o choque o transformara em um estranho de si mesmo.

— Sinto muito — disse ele, sabendo que as palavras eram inúteis, mas incapaz de evitá-las.

Hélène encostou-se nele, exausta em sua dor. Foi então que Alex notou que uma policial uniformizada estava discretamente sentada no canto da sala. Ela deve ter trazido uma cadeira da sala de jantar, pensou ele, irrelevante. De modo que não haviam concedido nenhuma privacidade a Hélène, apesar da sua perda estarrecedora. Não era preciso ser um gênio para prever que ela enfrentaria os

mesmos olhares suspeitos que Paul enfrentara após a morte de Ziggy, ainda que tudo apontasse para um assalto malsucedido.

— Parece que estou presa em um pesadelo. E só quero acordar — disse Hélène, exausta.

— Você ainda está em choque.

— Eu não sei o que está acontecendo. Ou onde eu estou. Nada parece real.

— Eu também não consigo acreditar.

— Ele estava deitado lá — disse ela, baixinho. — Encharcado de sangue. Eu coloquei a mão no pescoço dele, para ver se conseguia verificar os batimentos. E você quer saber de uma coisa? Eu tomei cuidado para não me sujar com o sangue dele. Não é uma coisa horrível? Ele estava lá, morto, e tudo o que eu conseguia pensar era em como vocês quatro acabaram sendo suspeitos só porque tentaram ajudar uma garota que estava morrendo. Por isso, eu não queria me sujar com o sangue de David. — Os dedos de Hélène destruíam convulsivamente um lenço de papel. — Que coisa horrível. Eu não consegui sequer abraçá-lo, porque estava pensando só em mim.

Alex afagou o ombro dela.

— É compreensível, sabendo do que aconteceu conosco. Mas ninguém ia achar que você tem alguma coisa a ver com isso.

Hélène emitiu um som áspero, do fundo da garganta, e olhou de soslaio para a policial.

— *On parle français, oui?*

Que diabos era aquilo?

— *Ça va* — respondeu Alex, sem saber se o seu francês-para-viagens estava à altura do que Hélène queria compartilhar com ele. — *Mais lentement*.

— Eu não vou florear muito, não — disse ela em francês. — Preciso de seu conselho. Entendeu?

Alex fez um gesto positivo com a cabeça.

— Entendi.

Hélène estremeceu.

— Não acredito que estou pensando nisso agora. Mas não quero ser acusada por isso. — Ela apertou a mão dele. — Estou com medo, Alex. Eu sou a esposa estrangeira, vão suspeitar de mim.

— Não acho, não. — Tentou soar confiante, mas as suas palavras pareciam ter entrado por um ouvido dela e saído pelo outro, sem deixar rastros.

Ela insistiu, balançando a cabeça.

— Alex, tem uma coisa que vai me deixar muito mal. Muito mal mesmo. Uma vez por semana, eu saía sozinha. David achava que eu ia me encontrar com umas amigas francesas. — Hélène enrolou o lenço de papel, fazendo uma

pequena bola. — Eu mentia para ele, Alex. Eu estava tendo um caso.

— Ah — disse ele. Aquilo era demais, junto com as notícias daquela noite. Não queria ser o confidente de Hélène. Jamais gostara dela e não achava necessário ficar sabendo dos seus segredos.

— David nem imaginava. Meu Deus, eu gostaria de jamais ter feito isso. Eu o amava, sabe? Mas ele era carente demais, era complicado. Então, uns meses atrás, eu conheci essa mulher, completamente diferente de David, em todos os sentidos. Eu não queria que a coisa evoluísse dessa maneira, mas nos tornamos amantes.

— Ah — repetiu Alex. O francês dele não era fluente o bastante para que ele perguntasse como é que ela pudera fazer isso com Mondo, como podia dizer que amava um homem que estava traindo. Além do mais, não seria nada oportuno começar uma discussão na frente da policial. Não era necessário conhecer uma língua para compreender tons de voz e linguagem corporal. E Hélène não era a única a se sentir no meio de um pesadelo. Um dos seus amigos mais antigos tinha sido assassinado e a sua esposa estava confessando um caso extraconjugal com outra mulher. Ele não conseguia assimilar tudo aquilo de uma só vez. Coisas daquele tipo não aconteciam com pessoas como ele.

— Eu estava com ela esta noite. Se a polícia descobrir, vão pensar: “Ah, ela tem uma amante, elas devem estar envolvidas.” Mas não é verdade. Jackie nunca foi ameaça para o meu casamento. Eu não deixei de amar o meu marido só porque estava dormindo com outra pessoa. Então, eu devo confessar a verdade? Ou devo ficar calada e torcer para que eles não descubram? — Hélène afastou-se um pouco e lançou o seu olhar aflito para Alex. — Eu não sei o que fazer, estou morrendo de medo.

Alex sentia como se estivesse sendo transportado para uma dimensão paralela. Quais eram as suas reais intenções? Será que estava lançando mão de um duplo blefe e tentando convencê-lo a ficar do seu lado? Seria ela tão inocente quanto ele imaginara? Alex esforçou-se para encontrar o francês para dizer o que ele precisava dizer.

— Não sei, Hélène. Acho que não sou a pessoa mais indicada para responder.

— Mas eu preciso da sua ajuda. Você já passou por isso, você sabe como as coisas são.

Alex respirou fundo, desejando estar em qualquer outro lugar.

— E a sua amiga, essa Jackie? Ela mentiria por você?

— Ela não vai querer ser suspeita, assim como eu. Sim, ela mentiria, sim.

— Quem sabe?

— Sobre nós? — Ela deu de ombros. — Ninguém, eu acho.

— Mas não tem certeza?

— A gente nunca pode ter certeza.

— Nesse caso, eu acho que você deve contar a verdade. Porque se eles descobrirem mais tarde, vai ser pior ainda. — Alex passou as mãos no rosto e desviou o olhar. — Não acredito que Mondo mal morreu e nós estamos aqui tendo essa conversa.

Hélène afastou-se dele.

— Eu sei que provavelmente você está me achando fria, Alex. Mas eu tenho o resto da vida para chorar pelo homem que amava. E eu realmente amava David, de verdade. Mas agora, quero me certificar de que não vou ser acusada por algo que não fiz. E especialmente você deveria compreender isso.

— Tudo bem — respondeu Alex, voltando a falar na sua língua. — Você já avisou a Sheila e o Adam?

Ela fez um gesto negativo.

— A única pessoa com quem falei foi Lynn. Eu não sabia o que dizer para os pais dele.

— Você quer que eu ligue para eles? — Mas antes que Hélène pudesse responder, o celular de Alex cantarolou alegremente no seu bolso. — Deve ser Lynn — disse ele, apanhando o celular e conferindo o número do visor. — Alô?

— Alex? — A voz de Lynn soava aterrorizada.

— Estou aqui na casa — disse ele. — Não sei como te dizer isso. Lamento muito, muito mesmo. Hélène tinha razão. Mondo está morto. Parece que alguém invadiu a casa e...

— Alex — interrompeu Lynn. — Estou em trabalho de parto. As contrações começaram logo depois daquela hora em que falei com você. Pensei que fosse alarme falso, mas estão vindo a cada três minutos.

— Ah, meu Deus! — Alex levantou-se depressa, olhando ao redor, em pânico.

— Não fica desesperado. É normal. — Lynn gemeu de dor. — Ai, aí vem mais uma. Escuta, eu chamei um táxi, já deve estar chegando.

— O quê... o quê...

— Vai pro Hospital Simpson. Só isso. A gente se encontra na sala de parto.

— Mas Lynn, ainda é cedo para o bebê. — Alex finalmente conseguiu falar alguma coisa que fazia sentido.

— Foi o choque, Alex. Acontece. Eu estou bem, por favor, não fica apavorado, não. Preciso que você fique calmo, ouviu? Quero que você entre no carro e dirija com todo cuidado do mundo até Edimburgo. Ouviu?

— Amo você, Lynn. Amo vocês dois.

— Eu sei disso. Te vejo daqui a pouco.

Ela desligou e Alex olhou desamparado para Hélène.

— Ela está em trabalho de parto — disse ela, sem emoção na voz.

— Está em trabalho de parto — repetiu Alex.

— Então vai.

— Mas você não devia ficar sozinha.

— Posso ligar para uma amiga. Você precisa ficar com Lynn.

— Que hora mais imprópria — disse Alex. Guardou o telefone novamente no bolso. — Eu te ligo, ok? E volto assim que puder.

Hélène se levantou e deu um tapinha no braço dele.

— Vai logo, Alex. Depois me dá notícias. Obrigada por ter vindo.

Alex partiu, apressado.

30

Matizes cinzentos de sujeira começaram a se materializar na escuridão da cidade poluída. Alex deixou-se cair em um banco gelado no hospital, o rosto banhado em lágrimas. Nada em sua vida o havia preparado para uma noite como aquela. Passara do cansaço a um estado alterado onde tinha a impressão de que jamais conseguiria dormir novamente. A sobrecarga emocional era tamanha que ele não sabia mais o que estava sentindo.

Não conseguia se lembrar do caminho de Glasgow para Edimburgo. Sabia que tinha ligado para os pais em algum momento, tinha uma vaga lembrança de ter tido uma conversa tumultuada com o pai. As lágrimas escorriam pelo seu rosto. Todas as coisas que ele sabia que podiam dar errado. Todas as coisas que ele não tinha certeza se podiam dar errado com um bebê com trinta e quatro semanas de gestação. Desejou ser Esquisito, para poder confiar em algo menos falível do que os médicos. Que diabos ia fazer sem Lynn? Que diabos ia fazer com um bebê sem Lynn? Que diabos ia fazer com Lynn sem um bebê? Os presságios eram os piores possíveis: Mondo morto no necrotério de um hospital qualquer e Alex, que não havia estado onde deveria estar na noite mais importante da sua vida.

Abandonara o carro em algum lugar do estacionamento do hospital e conseguira encontrar a entrada para a ala da maternidade, na terceira tentativa. Quando finalmente alcançou a recepção, estava suado e ofegante, grato por saber que as enfermeiras na maternidade na certa já haviam visto de tudo na vida, de modo que um sujeito com a barba por fazer, de olhos arregalados, balbuciando como um louco nem chegava a abalar a escala Richter delas.

— A senhora Gilbey? Ah, sim, nós a levamos direto para a sala de parto.

Alex tentou concentrar-se nas indicações do caminho, repetindo-as baixinho enquanto cruzava os corredores do hospital. Tocou o interfone de segurança e olhou ansiosamente para as lentes do vídeo, torcendo para estar mais parecido com um futuro papai do que com um lunático à solta. Após o que lhe pareceu uma eternidade, a porta se abriu, fazendo um zumbido, e ele saiu aos tropeções para a sala de parto. Não sabia ao certo o que esperava encontrar, mas com certeza não era aquela antessala vazia e aquele silêncio soturno. Hesitou por um instante, sem saber o que fazer. Neste momento, uma enfermeira surgiu de um dos diversos corredores à sua volta.

— Sr. Gilbey? — perguntou ela.

Alex assentiu com um movimento frenético de cabeça.

— Onde está Lynn? — indagou ele.

— Acompanhe-me.

Ele a seguiu de volta pelo corredor.

— Como ela está?

— Está indo bem. — Ela fez uma pausa, com a mão apoiada na maçaneta. — Precisamos que o senhor a acalme. Ela está um pouco nervosa. Tivemos uma ou duas quedas no batimento cardíaco do feto.

— O que isso quer dizer? O bebê está bem?

— Não é nada preocupante.

Detestava quando os médicos diziam isso. Soava sempre como uma mentira deslavada.

— Mas ainda é muito cedo. Ela só está com trinta e quatro semanas.

— Tente não se preocupar. Eles estão em boas mãos.

A porta se abriu e Alex deparou-se com uma cena que não tinha qualquer semelhança com as práticas que haviam feito nas aulas do pré-natal. Era difícil conseguir imaginar algo mais distante do sonho dele e de Lynn de um parto natural. Três mulheres usando trajes cirúrgicos andavam para lá e para cá, afoitas. Uma quarta mulher, com um jaleco branco, examinava o monitor com visor eletrônico ao lado da cama. Lynn estava deitada de barriga para cima, com as pernas abertas, o cabelo grudado na cabeça, empapado de suor. O seu rosto estava vermelho e úmido, os olhos arregalados e cheios de angústia. A camisola fina do hospital estava grudada no seu corpo. O tubo de soro ao lado da cama desaparecia sob ela.

— Puta que pariu, ainda bem — disse ela, ofegante. — Alex, estou com medo.

Ele correu para o lado dela, alcançando a sua mão. Ela segurou com força.

— Eu te amo — disse ele. — Você está indo bem.

A mulher de jaleco branco levantou os olhos.

— Oi, eu sou a doutora Singh — disse ela, vendo que Alex tinha chegado. Ela se juntou à parteira, aos pés da cama. — Lynn, estamos um pouco preocupadas com os batimentos cardíacos do bebê. Não estamos progredindo tão rápido quanto eu gostaria. Talvez tenhamos que fazer uma cesariana.

— Qualquer coisa para tirar o bebê daqui — gemeu Lynn.

De repente, houve uma agitação geral.

— O bebê está preso — disse uma das parteiras. A dra. Singh examinou o monitor brevemente.

— Os batimentos cardíacos estão caindo — disse ela. Tudo começou a

acontecer mais rápido do que Alex conseguia captar, enquanto apertava firme a mão melada de suor de Lynn. Ouviram frases assustadoras como “Vamos levá-la para a sala de cirurgia”, “Insiram o cateter” e “Precisamos do formulário de consentimento”. E a cama foi levada, a porta aberta e todos saíram apressados pelo corredor, direto para a sala de cirurgia.

O mundo transformou-se em um borrão de atividade. O tempo parecia acelerado e vagaroso ao mesmo tempo. E então, quando Alex estava prestes a perder as esperanças, ouviu as palavras mágicas:

— É uma menina. Vocês têm uma filha.

Os seus olhos encheram-se de lágrimas e ele virou-se para ver a filha. Ela estava coberta de sangue e avermelhada, assustadoramente quieta e silenciosa.

— Meu Deus — disse ele. — Lynn, é uma menina. — Mas Lynn não estava mais consciente.

Uma das parteiras embrulhou prontamente o bebê em uma manta e saiu às pressas. Alex levantou-se.

— Ela está bem? — Foi levado para fora da sala, aturdido. O que estava acontecendo com o seu bebê? Será que ela estava viva? — O que está acontecendo? — indagou ele.

A parteira sorriu.

— A sua filha está bem. Está respirando por conta própria, o que é uma das maiores preocupações nos bebês prematuros.

Alex deixou-se cair pesadamente em uma cadeira, com as mãos no rosto.

— Só quero que ela fique bem — disse ele, aos prantos.

— Ela está indo muito bem. Nasceu pesando dois quilos, o que é um bom sinal. Sr. Gilbey, já fiz o parto de alguns bebês prematuros e posso dizer que a sua garotinha é uma das mais fortes que eu já vi. Ainda é muito cedo, mas eu acho que ela vai ficar bem.

— Quando é que eu vou poder vê-la?

— O senhor pode ir lá embaixo na UTI neonatal, dar uma olhadinha nela. Ainda não vai poder segurá-la, mas como ela está conseguindo respirar sozinha, acho que amanhã mesmo, ou depois de amanhã, o senhor já vai poder colocá-la nos braços.

— E Lynn? — perguntou ele, sentindo-se subitamente culpado por não ter perguntado antes.

— Estão dando os pontos agora. Ela passou por maus bocados. Quando eles a trouxerem de volta, estará exausta e desorientada. E vai ficar triste por não poder ficar com o bebê. O senhor precisa ser forte, por ela.

Não conseguia lembrar de mais nada, a não ser do momento único em que olhou através do berço transparente e viu a sua filha pela primeira vez.

— Posso tocar nela? — perguntou, temeroso. A sua cabeça miudinha parecia incrivelmente vulnerável e os seus olhinhos estavam fechados, bem apertados. Mechas de cabelo preto estavam grudadas na sua cabeça.

— Dê o seu dedo para ela segurar — instruiu a parteira.

Ele esticou a mão, hesitante, acariciando a pele enrugada da mãozinha da filha. Os seus minúsculos dedinhos abriram-se e apertaram o dedo do pai. E Alex foi capturado.

Sentou-se ao lado de Lynn até ela acordar e então lhe contou sobre o milagre que era a sua filha. Pálida e exausta, Lynn chorou.

— Eu sei que a gente tinha combinado que ela se chamaria Ella, mas eu quero chamá-la de Davina. Por causa do Mondo — explicou ela.

Alex estremeceu. Não pensara em Mondo desde que chegara ao hospital.

— Ah, meu Deus — disse ele e a culpa devorou a sua alegria. — É uma boa ideia. Ah, Lynn, eu não sei o que dizer. A minha cabeça parece que vai explodir.

— Você devia ir para casa, dormir um pouco.

— Preciso dar uns telefonemas. Avisar às pessoas.

Lynn deu uma palmadinha na mão do marido.

— Isso pode esperar. Você precisa dormir. Está exausto.

E então ele partiu, prometendo voltar mais tarde. Mal havia alcançado a entrada do hospital, se deu conta que não tinha forças para ir para casa. Ainda não. Encontrou um banco e deixou-se desmaiar sobre ele, perguntando-se como conseguiria sobreviver nos próximos dias. Tivera uma filha, mas não estava com ela nos braços. Perdera outro amigo, e não conseguia sequer pensar nas consequências desta perda. E, de alguma maneira, precisava ser forte para ajudar Lynn. Até então, sempre vencera as dificuldades, protegido pela certeza de que Ziggy ou Lynn o ajudariam a se levantar quando a vida o derrubasse.

Pela primeira vez na sua vida adulta, Alex sentiu-se terrivelmente sozinho.

James Lawson ouviu a notícia da morte de David Kerr pelo rádio, a caminho do trabalho na manhã seguinte. Não pôde conter um sorriso impiedoso de satisfação. Demorara bastante, mas finalmente o assassino de Barney Maclennan tivera o que merecia. Então os seus pensamentos voltaram-se inquietos para Robin e para o motivo que ele lhe entregara de bandeja. Alcançou o telefone do carro. Assim que chegou à polícia, foi direto para o gabinete da revisão dos casos. Por sorte, Robin Maclennan ainda era a única pessoa na sala. Estava parado em frente à máquina de café, esperando a água quente passar pelo filtro e desaguar no recipiente abaixo. Encoberto pela máquina, Lawson aproximou-se

sem ser percebido e Robin levou um susto quando o seu chefe perguntou, abruptamente:

— Já ficou sabendo?

— Do quê?

— David Kerr foi assassinado. — Lawson apertou os olhos, examinando o detetive minuciosamente. — Ontem à noite. Na casa dele.

Robin ergueu as sobrancelhas.

— O senhor está brincando.

— Acabei de ouvir no rádio. Liguei para Glasgow para confirmar se era o nosso David Kerr e, por incrível que pareça, era ele mesmo.

— O que aconteceu? — Robin virou-se de costas, adicionando algumas colheradas de açúcar na sua caneca de café.

— A princípio, foi um assalto que deu errado. Mas depois descobriram que ele foi apunhalado duas vezes. Bem, normalmente um ladrãozinho amador em pânico pode até desferir uma facada, mas depois ele vai dar no pé. Esse sujeito fez questão de garantir que Davey Kerr não ia ficar vivo para abrir a boca.

— O que o senhor quer dizer com isso? — perguntou Robin, apanhando a cafeteira.

— Não sou eu quem está dizendo, é a polícia de Strathclyde. Estão abertos a outras possibilidades. Foi exatamente o que me disseram. — Lawson ficou esperando, mas Robin não disse nada. — Onde você estava ontem à noite, Robin?

Robin lançou um olhar furioso para Lawson.

— Onde o senhor quer chegar com isso?

— Calma, cara. Não estou te acusando de nada, não. Mas, sejamos francos, se alguém aqui tem um motivo para matar Davey Kerr, esse alguém é você. Eu sei que você jamais faria isso. Estou do seu lado. Só quero ter certeza de que você tem um álibi, entendeu? — Pousou a mão no ombro de Robin, acalmando-o. — Você tem um álibi?

Robin deslizou a mão pelo cabelo.

— Meu Deus, não. Ontem foi aniversário da mãe de Diane e ela levou as crianças para Grangemouth. Eles só voltaram bem depois das onze horas. Fiquei sozinho em casa. — Robin franziu a testa, preocupado.

Lawson balançou a cabeça.

— Isso não é nada bom, Robin. A primeira coisa que eles vão perguntar é por que você também não foi para Grangemouth.

— Eu não me dou bem com a minha sogra. Nunca me dei. Então Diane usa o meu trabalho como desculpa quando eu não apareço. Mas essa não foi a primeira vez. Eu não tentei escapar para poder ir até Glasgow matar Davey Kerr,

Deus me livre. — Ele cerrou os lábios. — Qualquer outra noite, eu estava safo. Mas logo ontem... Que merda. Estou ferrado se eles ficaram sabendo o que Kerr fez com Barney.

Lawson apanhou uma xícara e serviu-se do café.

— Não vão ficar sabendo por mim.

— O senhor sabe como é este trabalho. Parece uma central de fofocas. Tá na cara que alguém vai descobrir. Vão começar a fuçar o passado de Davey Kerr e alguém vai lembrar que o meu irmão morreu tentando salvá-lo após aquela tentativa de suicídio ridícula. O senhor, se estivesse encarregado do caso, não ia querer conversar com o irmão de Barney? Sondar se por acaso ele não havia decidido que estava na hora de acertar as contas? Eu disse e repito: estou ferrado. — Robin virou de costas, mordendo os lábios.

Lawson apoiou a mão no braço dele, solidário.

— Vamos fazer o seguinte. Se alguém de Strathclyde perguntar, você estava comigo.

Robin estava visivelmente chocado.

— O senhor vai mentir por mim?

— Nós dois vamos mentir. Porque nós dois sabemos que você não teve nada a ver com a morte de Davey Kerr. Veja a coisa pelo seguinte ângulo: estamos poupando o tempo da polícia. Assim eles não vão perder tempo e energia investigando você em vez de estarem procurando o assassino.

Robin assentiu com a cabeça, relutante.

— É, isso é. Mas...

— Robin, você é um bom tira. Um bom homem. Do contrário, eu não o teria na minha equipe. Acredito em você e não quero ver o seu nome na lama.

— Obrigado, senhor. Agradeço muito a sua confiança.

— Esquece isso. Para todos os efeitos, eu dei um pulo na sua casa, a gente tomou umas cervejas, jogou umas rodadas de pôquer. Você ganhou umas vinte pratas de mim e eu fui embora lá pelas onze. Que tal?

— Combinado.

Lawson sorriu, bateu levemente com a sua caneca na caneca de Robin e foi embora. Aquela era a marca da liderança para ele. Antecipar o que a sua equipe precisava e atender antes mesmo que ela percebesse que estava precisando.

Naquela noite, Alex pegou a estrada novamente, de volta para Glasgow. Por fim, chegou em casa, onde o telefone estava estourando de tanto tocar. Já havia falado com os avós maternos e paternos da criança. Os pais dele pareceram um pouco constrangidos por terem ficado tão contentes, levando em consideração o

que acontecera em Glasgow. Já os pais de Lynn reagiram de forma confusa, arrasados com o pesadelo que era a morte do seu único filho. Ainda era muito cedo para que o nascimento do seu primeiro neto lhes desse algum conforto. E saber que a criança estava na UTI neonatal era apenas mais um motivo de pesar e medo. Os dois telefonemas deixaram Alex em um estado que ultrapassava o cansaço; estava praticamente um zumbi. Mandou um e-mail breve para os amigos e colegas de trabalho, comunicando o nascimento de Davina, desligou o telefone da tomada e caiu no sono.

Quando acordou, mal podia acreditar que havia dormido por apenas três horas. Estava tão descansado quanto se tivesse passado o dia inteiro dormindo. Tomou uma ducha, fez a barba, pegou um sanduíche pronto e a câmera digital antes de voltar para Edimburgo. Encontrou Lynn na UTI neonatal, em uma cadeira de rodas, contemplando alegremente a filha.

— Ela não é linda? — perguntou ela de cara.

— Claro que é. Você já a segurou no colo?

— O melhor momento da minha vida. Mas ela é tão pequenininha, Alex. Parece que a gente está abraçando o ar. — Ela lançou um olhar aflito para ele. — Ela vai ficar bem, não vai?

— Claro que vai. Os Gilbeys são lutadores. — Eles deram as mãos, torcendo para que ele estivesse certo.

Lynn olhou para ele, preocupada.

— Estou tão sem graça, Alex. O meu irmão morreu e tudo o que eu consigo pensar é em como eu amo Davina, em como ela é preciosa.

— Sei exatamente o que você está sentindo. Estou nas nuvens, aí alguma coisa me faz lembrar do que aconteceu com Mondo e eu despenco lá de cima. Não sei como a gente vai conseguir superar isso.

No fim da tarde, Alex também já tinha conseguido segurar a filha nos braços. Tirou várias fotos e a exibiu para os seus pais. Adam e Sheila Kerr não tiveram condições de ir até lá e a ausência deles fez com que Alex lembrasse que não podia ficar encasulado para sempre nos prazeres da paternidade recente. Quando a enfermeira trouxe o jantar de Lynn, ele se levantou.

— Tenho que voltar para Glasgow — disse ele. — Preciso ver se Hélène está bem.

— Você não precisa se responsabilizar por ela — reclamou Lynn.

— Eu sei disso. Mas ela ligou para a gente — lembrou ele. — A família dela está muito longe. Ela pode estar precisando de ajuda para resolver as coisas. E, além do mais, eu devo isso a Mondo. Não fui um bom amigo para ele nos últimos anos e não posso fazer nada a respeito agora. Mas ele era parte da minha vida.

Lynn contemplou o marido com um sorriso triste e lágrimas nos olhos.

— Pobre Mondo. Não consigo parar de pensar em como ele deve ter ficado assustado no fim. E morrer sem ter a oportunidade de ficar bem com as pessoas que você ama... E Hélène, eu nem consigo imaginar como deve ser. Quando eu penso em como me sentiria se alguma coisa acontecesse com você ou com Davina...

— Não vai acontecer nada comigo. Nem com Davina — afirmou Alex. — Eu prometo.

Enquanto cobria a distância entre a alegria e o pesar, lembrava-se daquela promessa. Era difícil não se sentir atordoado com as mudanças recentes em sua vida. Mas ele não podia se dar ao luxo de sucumbir. Havia muita coisa dependendo dele agora.

Ao aproximar-se de Glasgow, ligou para Hélène. A secretária eletrônica o redirecionou para o celular dela. Xingando, ele encostou o carro e ouviu a mensagem novamente, anotando o número. Ela atendeu no segundo toque.

— Alex? Como está Lynn? O que aconteceu?

Ficou surpreso. Sempre considerara Hélène obcecada demais com os próprios problemas para se preocupar com alguém que não fosse ela mesma ou Mondo. O fato de a preocupação com Lynn e o bebê ter se instalado tão profundamente na sua dor, a ponto de ser a primeira coisa mencionada por ela, deixou Alex impressionado.

— Tivemos uma filha. — Aquelas eram as palavras mais importantes que ele proferira na vida. Sentiu um aperto na garganta. — Mas como ela nasceu prematura, tiveram que levar para a incubadora. Mas ela está indo bem. E é linda.

— E como está Lynn?

— Machucada. Em todos os sentidos. Mas está bem. E você?

— Nada bem. Mas estou me virando, eu acho.

— Escuta, estou indo aí te ver. Onde você está?

— A casa ainda está interditada como local do crime, ao que parece. Só vou poder voltar amanhã. Estou na casa da minha amiga Jackie. Ela mora em Merchant City. Você quer vir até aqui?

Alex não estava muito propenso a dar de cara com a mulher com que Hélène traíra Mondo. Chegou a pensar em sugerir um local neutro, mas soaria bastante insensível naquelas circunstâncias.

— Me dá o endereço — disse ele.

Não foi difícil encontrar o apartamento. Ele ocupava metade do segundo andar de um armazém convertido em residência, muito popular entre os solteiros da cidade. A mulher que abriu a porta não podia ser menos parecida com Hélène.

Usava uma calça jeans velha, desbotada e desfiada nos joelhos. A sua camiseta regata anunciava que ela era “100% Grrrrl” e revelava músculos capazes de levantar o seu próprio peso em halteres sem derramar uma gota de suor. Abaixo de cada bíceps, uma intrincada tatuagem em forma de bracelete celta. O seu cabelo curto e negro estava espetado para cima com gel e o seu olhar era mordaz. As sobrancelhas escuras estavam franzidas sobre os seus olhos azul-acinzentados e em sua boca não havia nenhum sorriso acolhedor.

— Você deve ser o Alex — disse ela, deixando instantaneamente óbvias as suas raízes de Glasgow. — É melhor você entrar.

Alex a acompanhou por um típico loft que jamais agraciaria as páginas das revistas de decoração de interiores. Esqueça o modernismo estéril: aquele era o habitat de alguém que sabia exatamente do que gostava e como gostava. Uma das paredes estava coberta de cima a baixo por estantes, abarrotadas de livros, vídeos, CDs e revistas desorganizadas. Em frente, um aparato compacto de ginástica que permitia realizar diversos exercícios, com alguns halteres soltos de qualquer jeito no chão. A área da cozinha exibia o tipo de desarrumação típica do uso frequente e a sala de estar estava mobiliada com sofás que apelavam mais para o conforto do que para a elegância. Uma mesa de centro estava soterrada por pilhas de jornais e revistas. As paredes eram decoradas com fotografias emolduradas de mulheres esportistas, de Martina Navratilova a Ellen MacArthur.

Hélène estava encolhida no canto de um sofá de tapeçaria cujos braços atestavam a presença de um gato. Alex atravessou o chão de madeira polida até a sua cunhada, que suspendeu o rosto para a tradicional troca de beijos no ar. Os seus olhos estavam inchados e escuros, mas, fora isso, Hélène parecia ter voltado ao seu normal.

— Fico feliz por você estar aqui — disse ela. — Obrigada por ter vindo, quando você deveria estar curtindo o seu bebê.

— Como eu disse, ela ainda está na UTI neonatal. E Lynn está exausta. Imaginei que seria mais útil aqui. Mas... — ele lançou um sorriso para Jackie. — Vejo que você está sendo bem cuidada.

Jackie deu de ombros, sem desanuviar a sua expressão de hostilidade.

— Eu trabalho como jornalista freelancer, então posso manter o meu horário bem flexível. Você quer beber alguma coisa? Tem cerveja, uísque e vinho.

— Prefiro um café.

— Não temos café. Pode ser chá?

Nada como se sentir bem recebido, pensou ele.

— Chá está ótimo. Com leite, sem açúcar, por favor. — Sentou-se na outra extremidade do sofá, longe de Hélène. Os olhos dela davam a impressão de ter

visto mais do que gostaria. — Como você está?

Os seus cílios tremelicaram.

— Estou tentando não sentir nada. Não quero pensar em David, porque o meu coração fica apertado. Não consigo acreditar que o mundo vai continuar sem ele. Mas preciso passar por isso sem me desesperar. A polícia está sendo horrível, Alex. Lembra daquela garota sem graça, parada no canto da sala ontem?

— A policial?

— Exatamente. — Hélène bufou de escárnio. — Acontece que ela estudou francês no colégio. Ela entendeu a nossa conversa ontem à noite.

— Putz, que merda.

— Que merda mesmo. O detetive encarregado do caso esteve aqui pela manhã. Falou comigo primeiro, queria saber sobre a minha relação com Jackie. Disse que não adiantava mentir porque a policial escutou tudo ontem. Então, eu contei a verdade. Ele foi muito gentil, mas deu para perceber que estava desconfiado.

— Você perguntou o que aconteceu com o Mondo?

— É claro que sim. — O rosto dela enrijeceu, pesaroso. — Ele disse que ainda não podia me adiantar grande coisa. O vidro da porta da cozinha foi mesmo quebrado, possivelmente por um ladrão. Mas eles não encontraram nenhuma impressão digital. A faca usada para golpear David foi tirada de um conjunto de facas da cozinha. Ele disse que, ao que parece, David ouviu um barulho e desceu para investigar. Mas ele enfatizou bem as palavras, Alex. Ao que parece.

Jackie voltou trazendo uma caneca na qual um decalque de Marilyn Monroe havia sido prejudicado pela lava-louças. O chá era forte, bem escuro.

— Obrigado — disse Alex.

Jackie acomodou-se no braço do sofá, com uma das mãos no ombro de Hélène.

— São uns homens das cavernas mesmo. Só porque a mulher tem uma amante, acham logo que ela ou a amante querem se livrar do marido. Eles não conseguem vislumbrar um mundo onde pessoas adultas fazem escolhas mais complexas do que estas. Eu tentei explicar ao policial que era possível fazer sexo com uma pessoa sem querer eliminar os outros parceiros dela. O babaca me olhou como se eu fosse de outro planeta.

Alex tinha que concordar com o policial naquele ponto. O fato de ser casado com Lynn não o deixara imune aos encantos de outras mulheres. Mas fazia com que ele repudiasse a ideia de tomar alguma atitude a respeito. No universo dele, amantes eram para pessoas que estavam com o parceiro errado.

Imaginava como ficaria arrasado se Lynn um belo dia anunciasse que estava dormindo com outra pessoa. Sentiu uma pontada de pena por Mondo.

— Vai ver que eles ainda não têm nada em vista, por isso estão mantendo o foco em você — disse ele.

— Mas eu sou a vítima nessa história, não a criminosa — respondeu Hélène, amarga. — Não fiz nada contra David. Mas é impossível provar o contrário. Você mesmo sabe muito bem como é difícil dispersar a suspeita depois que apontam o dedo para você. Isso deixou David tão perturbado que ele tentou até se matar.

Alex estremeceu sem querer, diante daquela lembrança.

— Não vai chegar a este ponto.

— Pode ter certeza que não — acudiu Jackie. — Amanhã cedo vou conversar com um advogado. Não vou ficar de braços cruzados.

Hélène pareceu preocupada.

— Tem certeza de que é uma boa ideia?

— Por que não? — perguntou Jackie.

— A gente não tem que contar tudo ao advogado? — Hélène lançou um estranho olhar de soslaio para Alex.

— Sim, mas existe o privilégio advogado-cliente — disse Jackie.

— Qual é o problema? — perguntou Alex. — Tem alguma coisa que você não me contou, Hélène?

Jackie suspirou e girou os olhos.

— Deus do céu, Hélène.

— Tudo bem, Jackie. Alex está do nosso lado.

Jackie lançou um olhar que deixava bem claro que ela decifrava Alex melhor do que a sua amante.

— O que você não me contou? — perguntou ele.

— Não é da sua conta, tá bem? — disse Jackie.

— Jackie! — protestou Hélène.

— Deixa pra lá, Hélène. — Alex levantou-se do sofá. — Eu não tenho obrigação nenhuma de estar aqui, sabe — disse ele para Jackie. — Mas achei que vocês precisariam de todos os amigos possíveis numa hora destas. Especialmente na família de Mondo.

— Jackie, conta pra ele — disse Hélène. — Senão ele vai sair daqui achando que a gente realmente está escondendo alguma coisa.

Jackie encarou Alex.

— Tive que sair por mais ou menos uma hora ontem à noite. Eu estava sem erva e a gente queria fumar um baseado. O sujeito que arruma drogas para mim não é do tipo que fornece álibis. E, mesmo que ele fornecesse, a polícia não ia

acreditar nele. Então, tecnicamente, qualquer uma de nós poderia ter matado David.

Alex sentiu os pelos da sua nuca se arrepiarem. Lembrou-se de um momento, na noite anterior, quando chegou a questionar se Hélène o estava manipulando.

— Vocês deviam contar isso para a polícia — disse ele, abruptamente. — Se descobrirem que vocês mentiram, nunca vão acreditar que são inocentes.

— E você está acreditando muito, né? — desafiou Jackie, com desdém.

Alex não estava gostando nada do clima de hostilidade à sua volta.

— Olha, eu vim aqui para ajudar, não para ficar levando fora — respondeu ele, ríspido. — Eles falaram alguma coisa sobre a liberação do corpo?

— Iam fazer a autópsia hoje de tarde. Depois disso, parece que já podemos começar os preparativos para o funeral. — Hélène esticou as mãos. — Nem sei para quem ligar. O que devo fazer, Alex?

— Acho que dá para encontrar um agente funerário nas Páginas Amarelas. Coloque o anúncio do óbito no jornal, depois entre em contato só com os amigos mais íntimos e os parentes. Se você quiser, eu posso me encarregar da família.

Ela concordou com a cabeça.

— Vai ser uma ajuda e tanto.

Jackie reagiu, debochada.

— Aposto que eles não vão ficar tão interessados em falar com Hélène depois que ficarem sabendo sobre mim.

— Melhor evitar isso. Os pais de Mondo já têm problemas demais — disse Alex, friamente. — Hélène, você precisa arrumar um lugar para a recepção.

— Recepção? — perguntou ela.

— Depois do funeral — explicou Jackie.

Hélène fechou os olhos.

— Não acredito que estamos aqui falando sobre recepção enquanto o meu David está estirado numa mesa de necrotério.

— Bem... — disse Alex. Não precisava dizer o que estava pensando; a culpa pairava no ar entre os três. — Melhor eu ir embora.

— Ela já tem nome, a sua filha? — perguntou Hélène, visivelmente buscando um assunto mais ameno.

Alex lançou um olhar apreensivo para a cunhada.

— Nós íamos chamá-la de Ella. Mas pensamos melhor e... bom, Lynn quis chamá-la de Davina. Em homenagem a Mondo. Se você não se incomodar, é claro.

Os lábios de Hélène tremeram e os olhos ficaram rasos d’água.

— Oh, Alex. Sinto muito por nunca termos arrumado tempo para sermos

mais amigos de você e de Lynn.

Alex balançou a cabeça.

— Para quê? Para que nos sentíssemos igualmente traídos?

Hélène encolheu-se, como se tivesse sido fisicamente golpeada. Jackie avançou em direção a Alex, fechando as mãos em punho.

— Acho que está na hora de você ir embora.

— Também acho — respondeu ele. — Vejo vocês no funeral.

31

O subchefe de polícia Lawson apanhou a pasta sobre a mesa.

— Eu estava contando com isso — suspirou ele.

— Eu também, senhor — confessou Karen Pirie. — Eu sei que eles não conseguiram nenhuma amostra biológica no cardigã naquela época, mas imaginei que com o equipamento sofisticado de hoje pudesse haver vestígio de alguma coisa que pudéssemos usar. Sêmen ou sangue. Mas não encontraram nada, a não ser estas gotinhas de tinta esquisitas.

— Que já havíamos detectado naquela época. E que não adiantou muito também. — Lawson abriu a pasta despretensiosamente e passou os olhos no breve relatório. — O problema é que o cardigã não foi encontrado com o corpo. Se eu me lembro direito, foi jogado por cima de uma cerca no jardim de alguém.

Karen assentiu.

— Número 15. E eles só acharam mais de uma semana depois. Àquela altura, já tinha nevado, derretido a neve e chovido, o que não ajudou em nada. O cardigã foi identificado pela mãe de Rosie, que afirmou ser o que ela estava usando quando saiu naquela noite. Nunca achamos a bolsa, nem o casaco. — Karen consultou a gorda pasta sobre o seu colo, virando as páginas. — Um casaco 7/8 marrom, de corte trapézio, da C&A, com um forro de *pied-de-poule* creme e marrom.

— Nunca achamos porque nem sabíamos onde procurar. Porque não sabíamos em que lugar ela foi morta. Depois que saiu do Lammas, ela pode ter sido levada para qualquer lugar a mais ou menos uma hora de distância de carro. Para Dundee, depois da ponte ou para o centro de Fife. Em qualquer lugar, de Kirriemuir a Kirkcaldy. Pode ter sido assassinada em um barco, em um estábulo, em qualquer lugar. A única coisa que conseguimos descobrir com certeza é que ela não foi morta na casa em Fife Park onde Gilbey, Malkiewicz, Kerr e Mackie moravam. — Lawson devolveu o relatório para Karen.

— Só por curiosidade, senhor... vocês chegaram a vasculhar outras casas em Fife Park?

Lawson franziu a testa.

— Acho que não. Por quê?

— É que me ocorreu uma coisa. O crime aconteceu durante as férias da universidade. Muitos alunos já tinham viajado para passar o Natal com as suas

famílias. Pode ser que algumas casas estivessem vazias por lá.

— Mas deviam estar fechadas. Se tivesse ocorrido algum arrombamento em Fife Park, nós teríamos ficado sabendo.

— Bom, sabe como são os estudantes, senhor. Vivem uns nas casas dos outros. Não devia ser muito difícil arrumar uma chave. Além do mais, os quatro estavam no último ano. Eles podem muito bem ter guardado a chave de uma das casas onde se alojaram nos anos anteriores.

Lawson lançou um olhar de apreciação para Karen.

— É uma pena você não ter feito parte da investigação naquela época. Acho que ninguém nunca nem pensou nesta hipótese. Agora já é tarde demais, obviamente. E então, como vai a busca pelas provas? Você já terminou?

— Eu tirei uma folga no Natal e no Ano-Novo — justificou ela, defensiva. — Mas fiquei até tarde ontem à noite e terminei tudo.

— Então é isso? As provas concretas do caso Rosie Duff desapareceram do nada, sem deixar vestígios?

— Ao que parece, senhor. A última pessoa a ter acesso à caixa foi o detetive Maclennan, uma semana antes de morrer.

Lawson levantou a cabeça.

— Você não está insinuando que Barney Maclennan sumiu com as provas de um homicídio, está?

Karen corrigiu-se, imediatamente. A última coisa que queria era dar a impressão de que estava levantando suspeitas sobre um colega que morrera como herói.

— Não, senhor, de modo algum. Só quis dizer que, seja lá o que tenha acontecido com as roupas de Rosie Duff, não existe nenhuma papelada oficial a respeito.

Ele suspirou novamente.

— Deve ter existido sim, há muito tempo. E deve ter ido parar no lixo, a esta altura. Vou te contar, às vezes eu fico até desconfiado. Alguns dos sujeitos que trabalham para a gente...

— Bom, outra hipótese é a do detetive Maclennan ter encaminhado as provas para outros testes adicionais e elas nunca mais terem voltado, porque ele não estava mais lá para cobrar. Ou então, desapareceram porque ele não estava mais lá para receber — sugeriu Karen, cautelosa.

— É uma possibilidade. Mas, de qualquer maneira, você não vai conseguir encontrá-las agora. — Lawson tamborilou os dedos na mesa. — Bom, então é isso. Um caso não resolvido que vai continuar mal resolvido. Não estou com a menor pressa de comunicar isso ao filho dela também. Ele tem ligado todos os dias, querendo saber em que pé estamos.

— Até agora não consigo acreditar que o patologista não percebeu que ela teve um filho — disse Karen.

— Na sua idade, eu diria a mesma coisa — admitiu Lawson. — Mas ele já era um senhor bem idoso e pessoas idosas podem cometer erros idiotas. Sei bem disso agora, porque estou indo pelo mesmo caminho. Sabe, às vezes fico me perguntando se este caso não estava fadado ao fracasso desde o início.

Karen podia perceber a sua decepção. E ela sabia bem o que era aquilo, pois sentia a mesma coisa.

— O senhor não acha que vale a pena conversar com as testemunhas novamente? Os quatro estudantes?

Lawson fez uma careta.

— Isso vai ser difícil.

— Como assim, senhor?

Ele abriu a gaveta e apanhou um exemplar do *Scotsman*, datado de três dias antes. Estava aberta na página dos obituários. Ele estendeu o jornal para Karen, apontando para uma notícia em particular.

> KERR, DAVID MCKNIGHT. Comunicamos o falecimento do Dr. David Kerr, de Carden Grove, Bearsden, Glasgow, amantíssimo esposo de Hélène, irmão de Lynn e filho de Adam e Sheila Kerr, de Duddingston Drive, Kirkcaldy. O funeral será realizado na próxima quinta-feira, às 14:00, no Crematório de Glasgow, Western Necropolis, Tresta Road. Flores somente dos familiares.

Karen olhou para Lawson, surpresa.

— Mas ele não devia ter mais de quarenta e seis, quarenta e sete anos, não é? Muito jovem para morrer.

— Você devia prestar mais atenção nas notícias, Karen. Você não ficou sabendo do professor da Universidade de Glasgow que morreu esfaqueado na cozinha, atacado por um ladrão na noite de quinta-feira?

— Aquele era o *nosso* David Kerr? O que eles chamavam de Mondo?

Lawson assentiu.

— O diamante louco em pessoa. Falei com o detetive encarregado do caso na segunda-feira. Só para ter certeza absoluta. Parece que eles não estão nem um pouco convencidos de que foi mesmo um assalto. A mulher estava pulando a cerca.

Karen fez uma careta.

— Espertinha.

— Bastante. Então, quer dar um pulo em Glasgow hoje à tarde? Acho que

seria de bom tom prestarmos as últimas homenagens a um de nossos suspeitos.

— O senhor acha que os outros três vão aparecer por lá?

Lawson deu de ombros.

— Eles eram muito amigos, mas isso foi há vinte e cinco anos. Vamos ter que pagar para ver, sabe? Mas acho que não vai dar para conversar com ninguém hoje. Vamos ter de esperar a poeira baixar. Afinal, não queremos ser acusados de insensíveis, não é mesmo?

O crematório estava lotado e as pessoas que não conseguiram um lugar para sentar tiveram de ficar em pé. Mondo podia até ter cortado os laços com a família e os velhos amigos, mas aparentemente não tivera muita dificuldade em substituí-los. Alex sentou-se no banco da frente, com Lynn aconchegada ao seu lado. Ela havia saído do hospital dois dias antes, mas ainda se movimentava como uma senhora de idade. Alex tentou convencê-la a ficar em casa descansando, mas ela não queria nem pensar em perder o funeral do seu único irmão. Além do mais, argumentara que sem o bebê em casa para tomar conta, ela ia ficar sentada olhando para ontem. Preferia estar perto da sua família. Alex não arrumara nenhum argumento para dissuadi-la. E lá estava ela, segurando a mão do pai, que estava em estado de choque, tentando confortá-lo em uma inversão dos tradicionais papéis de pai e filha. A sua mãe estava ao lado, com o rosto praticamente escondido atrás das dobras de um lenço branco.

Hélène estava sentada um pouco mais adiante, de cabeça baixa, ombros arriados. Ela parecia bastante fechada, como se houvesse colocado uma barreira entre si mesma e o mundo. Pelo menos tivera o bom senso de não chegar no funeral de braço dado com Jackie. Ela ficou de pé quando o pastor anunciou o cântico final.

A abertura sonora do salmo vinte e três fez com que Alex sentisse um bolo na garganta. O cântico começou um pouco vacilante enquanto as pessoas encontravam o tom, mas depois cresceu, envolvendo-o completamente. Que clichê, pensou ele, com raiva de si mesmo por estar comovido pelo tradicional hino fúnebre. A cerimônia de Ziggy fora muito mais honesta, uma homenagem de verdade e não aquela superficialidade arranjada às pressas. Pelo que ele sabia, Mondo jamais pisara em uma igreja, a não ser para os tradicionais ritos de passagem. As pesadas cortinas abriram-se e o caixão começou a sua viagem derradeira.

Os acordes do último verso foram morrendo conforme as cortinas iam se fechando, encobrindo o caixão. O pastor entoou a sua bênção, depois afastou-se pelo corredor central. Logo em seguida, a família e, por último, Alex amparando

Lynn. A maioria dos rostos espalhados pelos bancos não passava de um borrão mas, entre eles, Alex reconheceu imediatamente a figura magricela de Esquisito. Cumprimentaram-se brevemente com um aceno de cabeça e Alex continuou caminhando até a porta. Um pouco antes de sair, teve uma segunda surpresa. Embora não visse James Lawson desde a época em que o chamavam de Jimmy, reconhecia o seu rosto dos jornais. Que mau gosto, pensou Alex, posicionando-se no final da fila dos cumprimentos. Casamentos e funerais exigem a mesma etiqueta: era preciso agradecer a presença das pessoas.

Parecia não acabar nunca mais. Sheila e Adam Kerr pareciam totalmente desnorteados. Perder um filho naquelas circunstâncias brutais já era ruim o bastante; pior ainda era ter de receber pêsames de gente que nunca haviam visto e que jamais veriam novamente. Alex gostaria de saber se eles sentiam algum conforto ao ver quantas pessoas haviam aparecido para dar o seu último adeus. Para Alex, aquilo só servia para fazer com que ele recordasse a distância que o separara de Mondo nos últimos anos. Não conhecia quase ninguém.

Esquisito fora um dos últimos na fila dos cumprimentos. Abraçou Lynn com delicadeza.

— Meus pêsames — disse ele. Apertou a mão de Alex e tocou levemente no seu cotovelo. — Estou te esperando lá fora. — Alex assentiu com a cabeça.

Finalmente, os últimos retardatários foram embora. Estranho, pensou Alex. Nada de Lawson. Ele deve ter saído por outra porta. Melhor assim. Tinha lá as suas dúvidas se conseguiria ser educado. Alex escoltou o sogro e a sogra até o carro funerário, avançando por um grupo cabisbaixo. Ajudou Lynn a entrar no carro, verificou se estava tudo direitinho e então disse:

— Encontro com vocês lá no hotel. Preciso me certificar de que está tudo bem por aqui.

Sentiu-se envergonhado ao experimentar uma sensação de alívio tão logo o carro afastou-se da calçada. Deixara o seu próprio carro ali mais cedo, para garantir que não ficaria a pé caso alguma coisa acontecesse após o funeral. Lá no fundo, sabia que fizera isso porque precisava de uma folga daquela dor sufocante que se abatera sobre a sua família.

Um tapinha no seu ombro fez com que ele virasse para trás.

— Ah, é você — disse ele, quase rindo de alívio ao ver o rosto de Esquisito.

— Ué, quem mais você pensava que fosse?

— Bem, Jimmy Lawson estava escondidinho lá atrás no crematório.

— Jimmy Lawson, o tira?

— Tira, uma vírgula. Subchefe de polícia James Lawson agora — disse Alex afastando-se da entrada principal e caminhando até o local onde estavam as flores.

— E o que ele veio fazer aqui?

— Tripudiar da gente. Sei lá. Ele está encarregado da revisão dos casos. Talvez quisesse dar uma olhadinha nos seus principais suspeitos, na esperança de que em um momento de comoção fôssemos nos ajoelhar e confessar nossos pecados.

Esquisito fez uma cara feia.

— Jamais gostei desta baboseira católica. Devemos ser adultos o suficiente para lidarmos com as nossas culpas. Não é tarefa de Deus zerar o nosso placar para que possamos voltar a pecar novamente. — Ficou mudo e virou-se para Alex. — Quero que você saiba que estou muito feliz por Lynn ter tido um bom parto e pelo nascimento da sua filha.

— Obrigado, Tom. — Alex abriu um sorriso. — Viu só? Eu me lembrei.

— O bebê ainda está no hospital?

Alex suspirou.

— Ela ainda está muito fraquinha, então vai ficar no hospital mais uns dias. Mas não é fácil, sabe? Principalmente para Lynn. Passar por tudo aquilo e ainda voltar para casa de mãos abanando. E ainda ter que lidar com o que aconteceu com Mondo...

— Vocês vão esquecer todo este sofrimento quando o bebê estiver em casa, eu prometo. Vou me lembrar de vocês em todas as minhas orações.

— E isso vai fazer a maior diferença, hein? — disse Alex.

— Você vai ficar surpreso — respondeu Esquisito, sem se ofender. Continuaram caminhando, olhando para as homenagens. Um sujeito abordou Alex, querendo saber como chegar ao hotel onde organizaram a recepção. Quando Alex se virou para Esquisito novamente, viu o amigo agachado em frente a um dos arranjos. Quando chegou perto o bastante para verificar o que havia chamado a atenção de Esquisito, sentiu o coração disparar no peito. Era um arranjo de flores idêntico ao que haviam visto em Seattle: uma elegante e bem armada coroa de rosas brancas e alecrim. Esquisito apanhou o cartão e ficou de pé. — A mesma mensagem — disse ele, passando o cartão para Alex. — Lembrança de Rosemary.

Alex estava suando frio.

— Não estou gostando nada disso.

— Nem eu. Isso aqui é coincidência demais, Alex. E tanto Ziggy como Mondo morreram em circunstâncias suspeitas... Que diabos, vamos falar a verdade: Ziggy e Mondo foram assassinados. E a mesma coroa aparece nos dois funerais. Com uma mensagem que tem a ver com nós quatro e o assassinato nunca resolvido de Rosie Duff.

— Mas isso já tem vinte e cinco anos. Se alguém quisesse se vingar, teria se

vingado antes, você não acha? — disse Alex, tentando convencer Esquisito e a si mesmo. — Deve ser só alguém tentando nos assustar.

Esquisito balançou a cabeça.

— Você teve outras coisas para pensar nesses últimos dias, mas eu não consigo tirar isso da cabeça. Há vinte e cinco anos, todos estavam de olho na gente. Eu não me esqueci daquela surra que levei. Não me esqueci da noite em que jogaram Ziggy na Masmorra da Garrafa. Não me esqueci como Mondo ficou tão magoado que tentou até se matar. O único motivo de tudo aquilo ter acabado foi a ameaça que os policiais fizeram a Colin e Brian Duff. Eles foram obrigados a nos deixar em paz. Foi você mesmo quem me disse naquela época que Jimmy Lawson te contou que eles só desistiram da gente porque não queriam que a mãe sofresse mais ainda. Vai ver que resolveram esperar.

Alex balançou a cabeça.

— Mas vinte e cinco anos? É possível guardar um ressentimento por vinte e cinco anos?

— Eu não sou a pessoa certa para responder a esta pergunta. Mas tem muita gente aí que não aceitou Jesus Cristo como salvador e você sabe tão bem quanto eu, Alex, que pessoas assim são capazes de qualquer coisa. A gente não sabe o que se passou na vida deles. Talvez tenha acontecido alguma coisa e reacendido todo o ódio. Talvez a mãe tenha morrido. Talvez a revisão dos casos tenha feito com que se lembrassem que tinham contas a acertar e que agora era mais seguro tomar uma atitude. Eu não sei. O que eu sei é que isso está me parecendo que tem alguém atrás da gente. E, seja lá quem for, tem tempo e recursos a seu favor. — Esquisito olhou à sua volta, nervoso, como se o inimigo pudesse estar ali entre os presentes que se afastavam para pegar os seus carros.

— Agora você está paranoico. — Aquela não era exatamente uma das características da juventude de Esquisito que Alex gostaria de recordar naquele momento.

— Não acho, não. Acho que sou o único com bom senso aqui.

— Tá, e o que você sugere que a gente faça?

Esquisito apertou o casaco contra o peito.

— Pretendo me enfiar em um avião amanhã cedo e voltar para os Estados Unidos. Quando chegar lá, vou mandar minha mulher e meus filhos para algum lugar seguro. Existem bons cristãos morando no meio do mato. Ninguém vai encontrá-los.

— E você? — Alex podia sentir as suspeitas de Esquisito o contaminando como um vírus.

Esquisito abriu o seu familiar sorriso maroto.

— Eu vou para um retiro. Os fiéis entendem que, de vez em quando, nós

temos que sumir do mapa para restabelecermos contato com a nossa espiritualidade. E é isso o que eu vou fazer. A melhor coisa de pregar na televisão é que você pode gravar o programa de qualquer lugar. Então o meu rebanho não vai se esquecer de mim enquanto eu estiver fora.

— É, mas você não pode passar a vida inteira se escondendo. Mais cedo ou mais tarde, vai ter que voltar para casa.

Esquisito concordou com um gesto de cabeça.

— Eu sei disso. Mas eu não vou ficar de braços cruzados, Alex. Assim que eu e minha família estivermos fora da linha de fogo, vou contratar um detetive particular e descobrir quem mandou a coroa para o funeral de Ziggy. Porque quando eu souber disso, vou saber quem procurar.

Alex exalou o ar nervosamente.

— Você já pensou em tudo, hein?

— Quanto mais eu pensava naquela coroa, mais ficava intrigado. E Deus ajuda a quem se ajuda, então eu arquitetei o meu plano. Por precaução. — Esquisito pousou a mão no braço de Alex. — Alex, eu sugiro que faça o mesmo. Você não tem que pensar só em você agora. — Esquisito lhe deu um abraço apertado. — Cuide-se, está bem?

— Comovente pra cacete — disse uma voz, asperamente.

Esquisito soltou Alex e olhou para trás. No início, não reconheceu o homem sorridente que os encarava. Mas logo a sua memória voltou no tempo e ele estava novamente do lado de fora do Lammas, aterrorizado e ferido.

— Brian Duff — disse Esquisito, ofegante.

Alex olhou para o amigo e para o sujeito na sua frente.

— Esse é o irmão de Rosie?

— Isso aí.

As emoções confusas que atormentavam Alex há dias subitamente se transformaram em ira.

— Veio aqui comemorar a desgraça alheia, né?

— Justiça poética, não é assim que se diz? Um assassino de merda vem dar o seu último adeus a outro. Podes crer, vim comemorar mesmo.

Alex investiu contra ele, mas Esquisito conseguiu conter o amigo segurando firmemente no seu braço.

— Deixa pra lá, Alex. Brian, nenhum de nós encostou em um fio de cabelo da sua irmã. Eu sei que você quer arrumar alguém em quem colocar a culpa, mas não fomos nós. Você precisa acreditar nisso.

— Não preciso acreditar em nada. — Ele cuspiu no chão. — Eu realmente esperava que os tiras fossem prender pelo menos um de vocês agora. Já que isso não vai acontecer mesmo, é melhor ver vocês morrendo.

— É claro que não vai acontecer. Nunca encostamos na sua irmã e tem o DNA agora para provar isso — gritou Alex.

Brian bufou.

— Que DNA? Os babacas perderam as provas.

Alex estava boquiaberto.

— O quê? — perguntou, quase sem voz.

— Isso mesmo que você ouviu. Vocês continuam salvos. — Brian contorceu a boca em um sorriso debochado. — Já o amiguinho de vocês não teve a mesma sorte, né? — Ele girou nos calcanhares e partiu, sem olhar para trás.

Esquisito balançou a cabeça lentamente.

— Você acredita nele?

— Por que ele mentiria? — suspirou Alex. — Pior é que eu realmente achava que agora a gente ia se livrar, sabe? Como é que eles podem ter sido tão incompetentes? Como é que foram perder a única prova que poderia ter colocado um fim em tudo isso? — Ele fez um gesto para a coroa de flores.

— Não sei por que você está tão surpreso. Até parece que naquela época eles foram muito eficientes. Por que seria diferente agora? — Esquisito puxou a gola do casaco. — Alex, sinto muito, mas eu preciso me mandar. — Despediram-se com um aperto de mãos. — Dou notícias.

Alex continuou imóvel no mesmo lugar, impressionado com a rapidez com que o seu mundo virara de cabeça para baixo. Se Brian Duff não estava mentindo, será que aquelas coroas sinistras tinham alguma coisa a ver com o que ele acabara de contar? E, se tivessem, será que o pesadelo não acabaria enquanto ele e Esquisito continuassem vivos?

Sentado em seu carro, Graham Macfadyen observava tudo. As coroas de flores eram um toque de gênio. E valia a pena aproveitar cada oportunidade para comprovar isso. Não pudera estar em Seattle para conferir o efeito da primeira, mas não tinha mais dúvidas de que Mackie e Gilbey tinham captado a mensagem daquela vez. E isso significava que havia de fato uma mensagem a ser captada. Sujeitos inocentes não teriam ficado tão apavorados com aquele lembrete.

Ver a reação dos dois praticamente compensou o repugnante desfile de hipocrisia que ele teve de aturar no crematório. O pastor obviamente não conhecera David Kerr em vida, então não era de admirar que tivesse conseguido transformá-lo em um santo após a morte. Mas Macfadyen ficara enojado ao ver como todos os presentes concordavam com a cabeça, engolindo aquela baboseira, suas expressões pias concordando com aquela ficção hipócrita.

Ficou imaginando como reagiriam se ele tivesse ido lá na frente e contado toda a verdade. “Senhoras e senhores, estamos reunidos aqui hoje para cremar um assassino. O homem que vocês pensavam que conheciam passou a sua vida adulta inteira mentindo para vocês. David Kerr fingia ser um respeitável membro da comunidade. Mas a verdade é que há muitos anos ele participou do estupro e do assassinato brutal da minha mãe, pelo qual nunca foi punido. Então, quando forem lembrar dele a partir de agora, lembrem-se disso.” Ah, um discurso assim com certeza teria acabado com aquelas expressões de tristeza reverente. Ele quase desejou ter feito isso.

Mas teria sido uma alegria fugaz. Não era inteligente ficar se vangloriando antes da hora. Melhor permanecer nas sombras. Até mesmo porque o seu tio aparecera lá para falar por ele. Não fazia a menor ideia do que tio Brian tinha dito a Gilbey e a Mackie. Mas servira para fazer com que tremessem nas bases. Não tinham mais como esquecer o que fizeram anos atrás. Ficariam acordados naquela noite, se perguntando quando o passado finalmente os alcançaria. E esta era uma perspectiva agradável para Macfadyen.

Observou Alex Gilbey indo buscar o seu carro, aparentemente ignorando tudo ao seu redor. “Ele nem imagina que eu existo”, murmurou ele. “Mas eu existo, Gilbey. Eu existo.” Ligou o motor e partiu para a recepção dos convidados para o funeral. Era impressionante o quão fácil era infiltrar-se na vida das pessoas.

32

A enfermeira disse a eles que Davina estava fazendo progressos. Já conseguia respirar direitinho sem o oxigênio e a sua icterícia estava respondendo bem às luzes fluorescentes que iluminavam o seu pequeno leito o dia inteiro. Quando segurou a filha nos braços, Alex pôde esquecer a depressão que o funeral de Mondo trouxera consigo e a aflição que a reação de Esquisito às flores havia gerado. A única coisa melhor do que estar sentado com a sua mulher e sua filha na unidade neonatal seria estar fazendo exatamente a mesma coisa na sua própria casa. Assim pensava ele, pelo menos até ter conversado com Esquisito no crematório.

Como se tivesse lido a sua mente, Lynn levantou os olhos do bebê que amamentava para o marido.

— Mais alguns dias e já vamos poder levá-la para casa.

Alex sorriu, tentando esconder a inquietação provocada por aquelas palavras.

— Mal posso esperar — disse ele.

Mais tarde, voltando para casa em seu carro, ele pensou se deveria tocar no assunto das flores e da revelação que Brian Duff fizera. Mas não queria preocupar Lynn, então achou melhor não contar nada. Ela foi direto para a cama, exausta após um dia cansativo. Alex abriu uma garrafa de Shiraz especialmente boa, que estava guardando para uma noite em que eles precisassem ser mimados. Levou o vinho para o quarto e serviu um copo para ele e outro para Lynn.

— Você vai me contar o que está te preocupando? — perguntou Lynn assim que ele deitou ao seu lado sobre o cobertor.

— Estava só pensando em Hélène e em Jackie. Não consigo parar de imaginar que o assassinato de Mondo pode ter tido um dedinho de Jackie. Não que ela própria tenha cometido o crime. Mas parece que ela conhece gente capaz de realizar um serviço assim, desde que bem pago.

Lynn franziu a testa.

— Eu até chego a desejar que tenha sido ela mesmo. Aquela vagabunda da Hélène merece sofrer. Como é que ela podia trair Mondo e fingir que era a esposa perfeita?

— Acho que Hélène está sofrendo de verdade, Lynn. Eu acredito quando ela diz que o amava.

— Não me venha defender essa mulher!

— Não estou defendendo. Mas, seja lá o que esteja rolando entre ela e Jackie, ela parecia gostar dele. Isso é óbvio.

Lynn apertou os lábios.

— Bom, se você diz... Mas não é isso que está te incomodando. Alguma coisa aconteceu depois que saímos do crematório, antes de você chegar à recepção. Foi Esquisito? Ele disse alguma coisa que te deixou preocupado?

— Juro por Deus que você é uma feiticeira — reclamou Alex. — Não, não foi nada de mais, não. Só uma pulga que se alojou atrás da orelha de Esquisito.

— Deve ter sido uma pulga assassina de Alfa Centauro para te deixar desse jeito, quando existem outras coisas importantes acontecendo. Por que você não quer me contar? É coisa de homem?

Alex suspirou. Não gostava de esconder as coisas de Lynn. Nunca acreditara que ignorância era uma bênção, não em um casamento que deveria manter a igualdade.

— Mais ou menos. É que eu não quero te perturbar com isso, ainda mais com tudo que você tem na cabeça agora.

— Alex, com tudo o que tenho na cabeça agora, você não acha que um assunto novo seria bem-vindo?

— Não esse, linda. — Bebericou o vinho, saboreando o seu reconfortante buquê. Gostaria de poder canalizar toda a sua consciência na apreciação daquele vinho e esquecer tudo o que o cercava. — Tem coisas que a gente não precisa ficar sabendo.

— Por que não estou conseguindo acreditar em você? — perguntou Lynn, apoiando a cabeça no ombro do marido. — Vamos lá, conta logo. Você sabe que vai se sentir melhor depois.

— Pra falar a verdade, não sei, não. — Alex suspirou novamente. — Não sei, talvez eu devesse mesmo te contar. Você é a mais sensata, afinal de contas.

— Coisa que nunca pudemos falar de Esquisito, por sinal — comentou Lynn secamente.

Alex contou sobre as coroas de flores nos funerais, tentando amenizar ao máximo a história. Para sua surpresa, Lynn não se esforçou nem um pouco para descartar tudo como uma paranoia de Esquisito.

— Ah, então é por isso que você está tentando se convencer de que Jackie contratou um matador profissional — disse ela. — Não gosto nada disso. Esquisito tem razão de estar levando a sério.

— Mas pode ser que tenha uma explicação simples — protestou Alex. — Talvez alguém que conhecesse os dois.

— Do jeito como Mondo se afastou de todo o seu passado? As únicas

pessoas que poderiam conhecer os dois teriam de ser de Kirkcaldy ou de St. Andrews. E todo mundo nesses dois lugares sabia da história de Rosie Duff. Não dá para esquecer uma coisa dessas. Muito menos se a pessoa os conhecesse bem o suficiente para mandar flores para o funeral, quando o obituário dizia “somente flores da família” — ponderou Lynn.

— Mesmo assim, isso não quer dizer que tem alguém atrás da gente — disse Alex. — Tudo bem, alguém queria tirar um sarro. Mas isso não significa que essa mesma pessoa cometeu dois assassinatos a sangue-frio.

Lynn balançou a cabeça, descrente.

— Alex, em que planeta você vive? Dá até para acreditar que alguém disposto a tirar um sarro possa ter lido as notícias sobre a morte de Mondo. Afinal, ele pelo menos morreu no mesmo país em que Rosie Duff foi assassinada. Mas como alguém ia ficar sabendo de Ziggy a tempo de mandar flores para o funeral nos Estados Unidos, a não ser que estivesse envolvido de algum jeito com a sua morte?

— Não sei. Mas o mundo é pequeno hoje em dia. Vai ver que a pessoa que mandou a primeira coroa tinha algum conhecido em Seattle. Talvez alguém de St. Andrews tenha se mudado para lá e encontrado com Ziggy na clínica. O nome dele não era lá muito comum, e ele era relativamente famoso naquelas redondezas. Você mesma sabe disso, sempre que a gente saía para comer com Ziggy e Paul lá em Seattle, aparecia alguém para cumprimentá-lo. As pessoas não se esquecem do médico que cuidou dos seus filhos. E se foi isso mesmo, nada mais natural do que mandar um e-mail para alguém aqui quando Ziggy morreu. Em um lugar como St. Andrews, notícias como essa se espalham rapidamente. Não é tão impossível assim, é? — A voz de Alex ia ficando mais aflita à medida que ele se esforçava para encontrar alguma solução que tornasse possível descartar a sugestão de Esquisito.

— É um pouco surreal, mas tudo bem. Mas você não pode deixar isso assim. Você não pode confiar em uma possibilidade ínfima. Você tem que fazer alguma coisa, Alex. — Lynn apoiou o seu copo e abraçou o marido. — Não dá para se arriscar, ainda mais com Davina vindo para casa daqui a pouco.

Alex esvaziou o seu copo, sem prestar mais atenção na qualidade do vinho.

— Mas o que você quer que eu faça? Que eu vá me esconder com você e Davina? Para onde nós iríamos? E o meu trabalho? Não dá para simplesmente abandonar tudo com uma criança para sustentar.

Lynn afagou a cabeça dele.

— Alex, vai com calma. Não estou falando para nos enfiarmos no fim do mundo, como Esquisito. Você me disse que Lawson estava lá no funeral hoje. Por que você não vai conversar com ele?

Alex bufou.

— Lawson? O cara que tentou me passar a perna com sopa de lentilhas e simpatia? O sujeito que tem tanta fixação, há tanto tempo, que fez questão de vir assistir a um de nós ser cremado? E você acha que ele vai me ouvir de bom grado?

— Lawson pode até ter as suspeitas dele, mas pelo menos ele te salvou quando você estava prestes a levar uma surra. — Alex deslizou pela cama, aninhando-se sobre a barriga de Lynn. Ela recuou, afastando-o. — Cuidado com a minha cicatriz — disse ela. Alex ajeitou-se, apoiando-se no braço dela.

— Ele vai rir na minha cara.

— Ou então vai levar você a sério o bastante para investigar essa história. Ele não tem nenhum interesse em fazer vista grossa para esse tipo de justiça com as próprias mãos, se for isso mesmo. Sem contar que isso deixaria a polícia mais na merda do que ela já está.

— Você não sabe da missa a metade — disse Alex.

— Como assim?

— Aconteceu outra coisa depois do funeral. O irmão de Rosie Duff apareceu por lá. E fez questão de mostrar para mim e para Esquisito que tinha ido lá para comemorar.

Lynn ficou chocada.

— Hum, Alex. Que horror. Para todos vocês. Coitado dele. Vai ver que não consegue esquecer até hoje.

— E isso não é tudo. Ele nos contou que a polícia de Fife perdeu as provas ligadas ao caso de Rosie. As provas com as quais estávamos contando para fazer o teste de DNA que nos inocentaria.

— Você está brincando.

— Quem dera.

Lynn sacudiu a cabeça.

— Mais um motivo para você ir falar com Lawson.

— E você acha que Lawson vai gostar de eu ir lá jogar isso na cara dele?

— Não estou nem aí para o que ele vai gostar ou não. Você precisa saber direitinho o que está acontecendo. Se realmente tem alguém atrás de vocês, pode estar sendo movido pela constatação de que a justiça não vai ser feita novamente. Ligue para Lawson amanhã de manhã. Marque um horário com ele. Eu vou ficar mais tranquila.

Alex rolou para fora da cama e começou a se despir.

— Se é isso o que você precisa, considere feito. Só não coloque a culpa em mim se ele por acaso decidir que o sujeito que está atrás da gente está certo e decidir me prender.

Para a surpresa de Alex, quando ele ligou para agendar um encontro com o subchefe de polícia Lawson, a secretária marcou para aquela mesma tarde. Ele ainda teve tempo de ir para o escritório por algumas horas, o que o deixou mais fora de controle do que estava antes. Gostava de estar sempre atento aos negócios, não porque desconfiasse dos seus funcionários, e sim porque ficar sem saber o que estava acontecendo o deixava inquieto. Mas estava completamente por fora nos últimos tempos e precisava correr atrás do tempo perdido. Copiou uma pilha de memorandos e relatórios em um CD, torcendo para conseguir arranjar um tempinho em casa mais tarde para se atualizar. Pegou um sanduíche para comer no carro e partiu de volta para Fife.

Foi conduzido a um escritório vazio, que media aproximadamente o dobro do seu. Os privilégios da hierarquia eram sempre mais visíveis nos cargos públicos, pensou ele, observando a mesa enorme, o mapa da região elaboradamente enquadrado na parede e as comendas de James Lawson ostensivamente exibidas. Sentou-se na cadeira reservada aos visitantes, achando graça ao perceber como ela era bem mais baixa do que a do outro lado da mesa.

Não precisou esperar por muito tempo. A porta atrás dele se abriu e Alex ficou de pé. O passar dos anos não fora generoso com Lawson, pensou ele. A sua pele estava enrugada e desgastada, com duas manchas nas bochechas, as veias rompidas — a marca de um homem que bebeu demais ou que passou muito tempo exposto aos inclementes ventos de Fife. Os olhos, no entanto, continuavam espertos, como Alex pôde notar enquanto Lawson o observava dos pés a cabeça.

— Sr. Gilbey — disse ele. — Lamento tê-lo feito esperar.

— Tudo bem. Sei que o senhor deve estar ocupado. Agradeço por ter me encaixado tão depressa.

Lawson passou por ele sem oferecer a mão para um cumprimento cordial.

— Sempre fico interessado quando alguém ligado a uma investigação deseja me ver. — Acomodou-se na sua cadeira de couro, ajeitando a jaqueta do seu uniforme.

— Vi o senhor no funeral de David Kerr — disse Alex.

— Tive que resolver umas coisas de trabalho lá em Glasgow. Aproveitei para prestar os meus últimos respeitos.

— Eu não sabia que a polícia de Fife tinha tanto respeito por Mondo — retrucou Alex.

Lawson fez um gesto impaciente com uma das mãos.

— Suponho que a sua visita esteja relacionada com a reabertura do caso de Rosemary Duff, não é?

— Indiretamente, sim. Como vai a investigação? Já fizeram algum

progresso?

Lawson parecia irritado com as perguntas.

— Não posso discutir assuntos operacionais de um caso em processo de investigação justamente com alguém na sua posição.

— E qual é exatamente a minha posição? Será que o senhor ainda me considera um suspeito? — Alex era mais corajoso do que a sua versão de vinte e um anos e não ia deixar um comentário como aquele passar impunemente.

Lawson remexeu em uns papéis sobre a mesa.

— O senhor é uma testemunha.

— E as testemunhas não podem saber o que está acontecendo? Vocês não hesitam em dar notícias para a imprensa quando fazem algum progresso. Será que eu tenho menos direitos do que um jornalista?

— Eu também não falei nada sobre o caso de Rosie Duff com a imprensa — respondeu Lawson secamente.

— Será que é porque o senhor perdeu as provas?

Lawson olhou longa e fixamente para Alex.

— Sem comentários.

Alex balançou a cabeça.

— Isso não basta. Depois do que nós passamos, vinte e cinco anos atrás, acho que mereço algo mais. Rosie Duff não foi a única vítima naquela época, e o senhor sabe muito bem disso. Talvez seja a hora de eu procurar a imprensa e contar que continuo sendo tratado como um criminoso pela polícia depois de todos estes anos. E, aproveitando a viagem, eu podia contar como a polícia de Fife arruinou a revisão do caso de Rosie Duff perdendo uma prova crucial, que teria me inocentado e possivelmente apontado o verdadeiro assassino.

A ameaça deixou Lawson visivelmente desconfortável.

— Eu não lido bem com intimidações, Sr. Gilbey.

— Nem eu. Não mais. O senhor tem certeza de que quer se ver nas páginas de tudo quanto é jornal como o tira que invadiu o último adeus de uma família consternada ao seu filho assassinado? O mesmo filho cuja inocência continuava duvidosa, graças à incompetência do senhor e da sua equipe?

— O senhor não tem necessidade nenhuma de tomar esta atitude — disse Lawson.

— Ah, não? Pois eu acho que tenho toda a necessidade, sim. O senhor deveria estar conduzindo a revisão de um caso não resolvido aqui. Eu sou uma testemunha-chave. Eu sou o sujeito que encontrou o corpo. E, no entanto, nenhum policial de Fife entrou em contato comigo até agora. Isso não me parece dedicação, sabe? E agora eu ainda fico sabendo que o senhor não consegue sequer manter um saco de provas em segurança. Talvez eu devesse estar

conversando com o oficial encarregado da investigação, e não com um burocrata que ainda se deixa influenciar pelo passado.

Lawson retesou o rosto.

— Sr. Gilbey, é verdade que tivemos um probleminha com as provas desse caso. Em algum momento, nos últimos vinte e cinco anos, as roupas de Rosie Duff se perderam. Ainda estamos tentando recuperá-las, mas, até agora, só conseguimos localizar aquele cardigã que foi encontrado longe da cena do crime. E não havia nenhum material biológico nele. Nenhuma das roupas que poderiam ser suscetíveis às técnicas forenses modernas está disponível para nós. Então, no momento, estamos de pés e mãos atados. Na verdade, a oficial encarregada do caso queria ter conversado com o senhor antes, para rever o seu depoimento antigo. Será que poderíamos agendar este encontro?

— Meu Deus do céu — disse Alex. — Finalmente vocês querem conversar comigo agora? O senhor não está entendendo, não é? Nós ainda estamos na mira. O senhor já parou para pensar que dois de nós quatro foram assassinados no último mês?

Lawson suspendeu as sobrancelhas.

— Dois?

— Ziggy Malkiewicz também morreu em circunstâncias suspeitas. Um pouco antes do Natal.

Lawson apanhou um bloco e abriu uma caneta-tinteiro.

— Isso é novidade para mim. Onde foi que isso aconteceu?

— Em Seattle, onde ele já estava morando há doze anos. Alguém plantou uma bomba de incêndio na casa dele. Ziggy morreu dormindo. O senhor pode verificar com a polícia local. O único suspeito que eles têm até agora é o parceiro de Ziggy, o que é ridiculamente absurdo.

— Sinto muito pelo Sr. Malkiewicz...

— Dr. Malkiewicz — interrompeu Alex.

— Pelo Dr. Malkiewicz — corrigiu-se Lawson. — Mas continuo sem perceber de que modo estas duas mortes estão ligadas ao assassinato de Rosie Duff.

— Foi exatamente por isso que eu quis conversar com o senhor hoje. Para explicar por que eu acho que existe uma ligação.

Lawson recostou-se na cadeira, entrelaçando os dedos.

— Sou todo ouvidos, Sr. Gilbey. Estou interessado em qualquer coisa que possa iluminar um pouco a escuridão em que nos encontramos.

Alex contou sobre as coroas de flores. Sentado ali, na sede da polícia, o seu relato lhe soou tolo. Podia sentir o ceticismo de Lawson enquanto se esforçava para dar peso a uma ocorrência tão banal quanto aquela.

— Eu sei que parece paranoia minha — concluiu ele. — Mas Tom Mackie está tão convencido disso que vai esconder a sua família e sumir também. Isso não é uma coisa que você faz sem pensar.

Lawson retribuiu com um sorriso amargo.

— Ah, sim. O Sr. Mackie. Isso está me cheirando a "drogas demais na década de setenta", sabe? Pelo que eu sei, o uso de alucinógenos pode causar paranoia a longo prazo.

— O senhor não acha que devemos levar isso a sério? Dois dos nossos amigos morreram em circunstâncias suspeitas. Dois sujeitos que levavam vidas respeitáveis, sem ligações criminosas. Que, aparentemente, não tinham inimigos. E, nos dois funerais, aparece uma coroa fazendo uma alusão direta a uma investigação de homicídio em que os dois foram considerados suspeitos?

— Nenhum de vocês foi tachado publicamente como suspeito. Fizemos o possível para proteger vocês quatro.

— Tudo bem. Mas mesmo depois disso, um dos seus oficiais morreu por causa da pressão que foi colocada sobre nós.

Lawson empertigou-se, bruscamente.

— Que bom que o senhor se lembra disso. Porque aqui neste prédio ninguém se esqueceu.

— Tenho certeza disso. Barney Maclennan foi a segunda vítima do assassino. E eu acho que Ziggy e Mondo foram vítimas também. Indiretamente, é claro. Mas eu acho que alguém os matou porque queria se vingar. E, se foi isso mesmo, então o meu nome está na lista também.

Lawson suspirou.

— Compreendo por que o senhor está reagindo assim. Mas não creio que alguém tenha embarcado em uma programação deliberada para se vingar de vocês quatro. Posso garantir que a polícia de Glasgow está conduzindo uma linha de investigação promissora que não tem nada a ver com o assassinato de Rosie Duff. Coincidências acontecem e estas mortes são a prova disso. Uma coincidência, nada mais. As pessoas não agem desta maneira, Sr. Gilbey. Ninguém esperaria vinte e cinco anos para se vingar.

— E os irmãos de Rosie? Eles estavam doidos para dar o troco na gente naquela época. O senhor me disse que chegou a alertá-los. Que os convenceu a não fazer nada para não causar mais sofrimento à mãe deles. A mãe ainda está viva? Será que eles estão livres para se vingar agora? Será que foi por isso que Brian Duff apareceu lá no funeral de Mondo para implicar com a gente?

— É bem verdade que o Sr. e a Sra. Duff já morreram. Mas acho que o senhor não tem com o que se preocupar em relação aos Duff. Estive com Brian há algumas semanas. Não acho que ele estava muito a fim de vingança, não. E

Colin trabalha no Golfo. Ele esteve em casa para o Natal, mas não estava no país quando David Kerr morreu. — Lawson inspirou profundamente. — Ele se casou com uma oficial colega minha, Janice Hogg. A ironia é que foi ela quem salvou o Sr. Mackie quando ele foi atacado pelos dois irmãos. Ela abandonou a polícia depois do casamento, mas estou certo de que não encorajaria o marido a cometer uma infração deste porte. Com relação a isto, o senhor pode ficar tranquilo.

Alex reconheceu a convicção na voz de Lawson, mas não se sentiu muito aliviado.

— Brian não foi exatamente amigável ontem — disse ele.

— Sei, imagino que não. Mas, vamos e venhamos, nem Brian nem Colin têm o perfil do que chamaríamos um criminoso sofisticado. Se eles decidissem matar você e os seus amigos, provavelmente teriam adentrado em um bar lotado e estourado os seus miolos com uma espingarda. Planejamento elaborado nunca foi o estilo deles — concluiu Lawson, secamente.

— Então ficamos sem nenhum suspeito. — Alex revirou-se na cadeira, pronto para levantar.

— Em termos — disse Lawson baixinho.

— Como assim? — perguntou Alex, tomado de apreensão.

Lawson parecia arrependido, como se tivesse falado demais.

— Deixa para lá, eu só estava pensando alto.

— Peraí. O senhor não pode me dispensar assim. O que quis dizer com “Em termos”? — Alex inclinou-se, como se estivesse prestes a voar sobre a mesa e agarrar Lawson pelas suas imaculadas lapelas.

— Eu não devia ter dito isso. Desculpe, estou só pensando como um policial.

— Mas não é para isso que o senhor é pago? Vamos lá, pode desembuchar.

Os olhos de Lawson oscilaram de um lado para o outro, como se ele estivesse procurando uma saída alternativa, que não o obrigasse a ter de passar por Alex. Ele passou a mão sobre o lábio superior e suspirou profundamente.

— O filho de Rosie — disse ele.

33

Lynn olhou estarrecida para Alex, sem parar de ninar gentilmente a filha no colo.

— Repete — pediu ela.

— Rosie teve um filho. Ninguém ficou sabendo na época. Sabe-se lá por quê, o legista não percebeu na autópsia. Lawson mesmo admitiu que o sujeito já estava mais para lá do que para cá, era velho e chegado numa bebida. Mas, em sua defesa, ele disse que era possível que a ferida tivesse escondido qualquer vestígio de que ela dera à luz. A família, obviamente, não quis dizer nada porque tinham certeza de que se as pessoas ficassem sabendo que Rosie tinha um filho ilegítimo, ela seria instantaneamente retratada como uma mãe precoce qualquer. Ela passaria de vítima inocente a uma garota que teve o que bem mereceu. Eles estavam desesperados para proteger o nome de Rosie. Não podemos culpá-los por isso.

— Eu não culpo mesmo. Basta ver como a imprensa pintou vocês; qualquer um teria feito a mesma coisa. Mas como foi que ele surgiu agora?

— Segundo Lawson, ele foi adotado. Ano passado, ele resolveu pesquisar sobre a sua mãe verdadeira. Acabou encontrando a mulher que cuidava do abrigo onde Rosie ficou durante a gravidez e foi então que ele descobriu que não ia ter um reencontro familiar afinal.

Davina gemeu e Lynn colocou o seu dedo mindinho na boca da filha, sorrindo para ela.

— Deve ter sido horrível para ele. Tem que ter muita coragem para procurar a mãe verdadeira. Afinal, ela já te rejeitou uma vez, sabe Deus por quê, e você está se colocando numa posição em que pode ser rechaçado novamente. Mas você precisa, ao mesmo tempo, nutrir a esperança de que a mãe vai recebê-lo de braços abertos.

— Pois é. E o pior deve ser descobrir que alguém o privou desta oportunidade vinte e cinco anos atrás. — Alex inclinou-se para a frente. — Posso segurá-la um pouquinho?

— Claro. Ela acabou de mamar, então deve dormir um pouquinho. — Lynn afrouxou delicadamente as suas mãos sob a filha, passando-a para Alex como se ela fosse a coisa mais valiosa e frágil do mundo. Ele deslizou a mão por baixo do pescoço delicado do bebê e o colocou no colo. Davina resmungou baixinho, depois se acomodou. — Então Lawson acha que o filho dela está atrás de você?

— Lawson não acredita que tenha alguém atrás de mim. Ele acha que eu sou um doido paranoico fazendo tempestade em copo d'água. Ele ficou extremamente constrangido por ter deixado escapar essa história do filho de Rosie e ficou tentando me convencer de que ele era incapaz de matar uma mosca. O nome dele é Graham, por sinal. Lawson não quis me dar o sobrenome de jeito nenhum. Ao que parece, ele trabalha com tecnologia de informação. Calmo, estável, um sujeito normal — disse Alex.

Lynn balançou a cabeça.

— Não consigo acreditar que Lawson não está dando a devida importância. Quem ele acha que mandou as coroas, então?

— Ele não sabe, e nem quer saber. Ele só está preocupado com a sua super-revisão que está indo por água abaixo.

— Eles são incapazes de administrar uma limpeza, quanto mais uma investigação de assassinato. Como foi que ele explicou a perda de uma caixa inteira de provas?

— Eles não perderam a caixa toda. Eles ainda têm o cardigã. Ao que parece, foi encontrado separadamente. Jogado sobre o muro, no jardim de um fulano qualquer. Foi submetido aos testes depois do resto das roupas de Rosie, vai ver que foi por isso que acabou separado do resto do material.

Lynn franziu a testa.

— Foi encontrado depois? Não teve uma segunda busca na casa de vocês? Eu me lembro vagamente do Mondo reclamando que eles reviraram tudo de novo, semanas após o assassinato.

Alex esforçava-se para lembrar.

— Depois da primeira busca... é, eles voltaram depois do Ano-Novo. Rasparam tinta das paredes e do teto. E queriam saber se nós tínhamos feito alguma reforma na casa. — Alex bufou. — Até parece. E Mondo disse que ouviu um deles falando sobre um cardigã. Ele achou que estavam procurando alguma peça de roupa nossa. Mas não era isso, é claro! Eles estavam falando sobre o cardigã de Rosie — concluiu ele, triunfante.

— Então devem ter encontrado alguma tinta no cardigã dela — disse Lynn, pensativa. — Por isso que eles estavam colhendo amostras.

— Sim, mas eles não conseguiram nada na nossa casa. Caso contrário, estaríamos ainda mais ferrados.

— Será que eles fizeram uma nova análise? Lawson disse alguma coisa?

— Não especificamente. Ele só comentou que eles não tinham nenhuma das roupas que poderiam ser submetidas a análise.

— Isso é ridículo. É possível fazer muitas coisas com tinta hoje em dia. Eu consigo muito mais informação dos laboratórios agora do que conseguia há três

ou quatro anos. Eles deveriam estar testando isso. Você tem que voltar lá e falar com ele.

— Mas não adianta nada fazer uma análise se eles não tiverem nada para comparar com o resultado. Lawson não vai tomar providências só porque eu pedi.

— Mas você não disse que ele queria resolver este caso?

— Lynn, se isso fosse adiantar alguma coisa, eles já teriam feito.

Lynn corou com uma súbita raiva.

— Meu Deus, Alex, escuta o que você está falando. Você vai ficar sentado esperando outra bomba estourar em cima da gente? O meu irmão morreu. Alguém invadiu a casa dele na maior cara de pau e o matou. A única pessoa que podia te ajudar acha que você está paranoico. Eu não quero que você morra, Alex. Não quero que a nossa filha cresça sem ter uma lembrança do pai.

— E você acha que eu quero isso? — Alex apertou a filha contra o peito.

— Então para de ser tão frouxo. Se você e Esquisito estiverem certos, a pessoa que matou Ziggy e Mondo vai vir atrás de vocês dois. O único jeito de vocês se safarem é o assassino de Rosie ser finalmente descoberto. Já que Lawson não vai se mexer, talvez você devesse tentar. Você tem a melhor motivação do mundo em seus braços agora.

Alex não podia negar. Estava à flor da pele desde o nascimento de Davina, o tempo todo impressionado com a profundidade dos seus sentimentos.

— Eu sou um fabricante de cartões, Lynn, não um detetive — protestou ele, desanimado.

Lynn lançou um olhar indignado para ele.

— E quantas vezes as falhas da justiça foram corrigidas por um zé-ninguém insistente?

— Não sei nem por onde começar.

— Você se lembra daquela série sobre ciência forense que passou na tevê uns anos atrás?

Alex resmungou. Nunca se deixara contaminar pelo fascínio que as tramas de suspense na televisão ou no cinema exerciam sobre a sua mulher. Normalmente, durante um especial de duas horas com Frost, Inspetor Morse ou Wexford, ele apanhava um bloco de papel e trabalhava algumas ideias para novos cartões.

— Vagamente — respondeu ele.

— Eu me lembro de um dos cientistas forenses dizendo que eles costumavam deixar algumas informações de fora em seus relatórios. Vestígios de provas que não puderam ser analisados, coisas assim. Se não vai servir para ajudar os investigadores, eles nem incluem no laudo. Acho que é para evitar que

a defesa confunda a cabeça dos jurados.

— Tá, mas não sei em que isso pode nos ajudar. Mesmo que nós conseguíssemos ter acesso aos relatórios originais, não teríamos como saber o que ficou de fora, não é?

— Não. Mas talvez, se conseguíssemos localizar o sujeito que assinou o relatório, ele talvez pudesse lembrar de alguma coisa que desistiu de acrescentar naquela época por parecer pouco importante, mas que de repente pode ajudar a gente agora. Talvez ele tenha até guardado as anotações pessoais dele. — A raiva de Lynn transformara-se em entusiasmo. — O que você acha?

— Eu acho que os hormônios mexeram com o seu cérebro — disse Alex. — Você acha que se eu ligar para Lawson e perguntar quem assinou o relatório forense ele vai me dizer?

— Para você, é claro que não. — Lynn entortou os lábios, com cara de nojo. — Mas, para um jornalista...

— Os únicos jornalistas que eu conheço escrevem amenidades para os suplementos de domingo — ponderou Alex.

— Ué, liga para eles e pergunta se alguém tem um colega que possa te ajudar. — Lynn falou com um ar decisivo. Quando ela estava daquele jeito, não adiantava tentar discutir e Alex sabia disso. Mas, enquanto se resignava com a ideia de ter de sondar os seus contatos, teve uma ideia. Talvez ele pudesse matar dois coelhos com uma cajadada só. Obviamente, podia dar tudo errado. Mas só havia uma maneira de descobrir.

Estacionamentos de hospitais eram ótimos pontos de observação, pensou Macfadyen. Pródigos em idas e vindas, com várias pessoas sentadas dentro de seus carros, esperando. Boa iluminação, o que garantia ver a sua presa entrando e saindo. E ninguém prestava atenção em ninguém; era possível ficar lá durante horas a fio sem levantar suspeita. Exatamente o contrário das ruas residenciais, onde todo mundo quer saber da vida do outro.

Perguntava-se quando Gilbey poderia levar a filha para casa. Tentou ligar para o hospital para sondar, mas eles não colaboraram muito; limitaram-se a informar que o bebê passava bem. As pessoas responsáveis por crianças andavam muito cautelosas ultimamente.

O ressentimento que sentia pela filha de Gilbey era impressionante. Ninguém viraria as costas para aquela criança. Ninguém ia abandoná-la nas mãos de estranhos. Estranhos que a criariam em um estado permanente de ansiedade, de medo de fazer alguma coisa que despertasse uma ira arbitrária contra ela. Os seus pais não o haviam maltratado, não no sentido de agressões

físicas. Mas deixaram que ele se sentisse constantemente carente, constantemente errado. E eles não haviam sequer hesitado em culpar o seu sangue ruim por todos os seus deslizes. Mas ele perdera muito mais do que carinho e amor. As histórias familiares que haviam lhe contado quando criança eram histórias de outras pessoas, não dele. Desconhecia a sua própria história.

Jamais poderia olhar-se no espelho e buscar uma semelhança com as feições de sua mãe. Jamais perceberia aquelas estranhas congruências que acontecem nas famílias, quando uma criança repete as reações dos seus pais. Estava à deriva, em um mundo isolado. A única família que lhe restara não queria saber dele.

E agora, para completar, a filha de Gilbey teria tudo o que lhe fora negado, apesar de o pai ter sido o responsável por tudo o que ele perdera. Macfadyen não se conformava com aquilo e a amargura roía as entranhas da sua alma ressequida. Não era justo. Aquela criança não merecia ir para um lar seguro, cheio de amor.

Estava na hora de começar a fazer planos.

Esquisito beijou cada um de seus filhos e viu-os entrar no furgão da família. Não sabia quando os veria novamente e ter de se despedir naquelas circunstâncias deixou-o com um vazio no peito. Mas ele sabia que aquela dor era mínima se comparada ao que ele sentiria se não fizesse nada e, com sua omissão, visse algo acontecer aos seus filhos. Bastavam algumas horas de carro e estariam salvos na montanha, protegidos pela barricada de um grupo evangélico que morava lá, cujo líder fora diácono na igreja de Esquisito. O governo federal não encontraria os seus filhos lá; muito menos um assassino vingativo fazendo justiça com as próprias mãos.

Uma parte dele achava que estava exagerando, mas ele não estava preparado para lhe dar ouvidos. Anos de conversas com Deus haviam lhe rendido uma certa segurança para tomar decisões. Esquisito envolveu a mulher em seus braços e a apertou contra o peito.

— Obrigado por levar tudo isso a sério — agradeceu ele.

— Sempre levei você a sério, Tom — murmurou ela, acariciando a sua camisa de seda. — Quero que você me prometa que vai cuidar tão bem de si mesmo quanto está cuidando de nós.

— Só preciso dar um telefonema e já estou de saída também. Vou para um lugar onde não vai ser fácil me seguir ou me encontrar. Vamos ficar quietinhos por um tempo, confiar em Deus, e tenho certeza de que vamos superar esta ameaça. — Ele se inclinou e beijou a mulher, longa e ardentemente. — Vá com

Deus.

Deu um passo para trás e ficou observando enquanto ela entrava no carro e dava partida no motor. As crianças acenaram para ele, animadas com a perspectiva de uma aventura que lhes daria férias da escola. O clima ingrato das montanhas não seria nada fácil, mas sabia que tudo daria certo. Acompanhou o furgão até o fim da rua e depois voltou depressa para dentro de casa.

Um colega de Seattle lhe arrumara um detetive particular de confiança, bem discreto. Esquisito ligou para o celular dele e esperou.

— Alô, aqui é Pete Makin — disse a voz do outro lado da linha, com um sotaque americano.

— Sr. Makin? O meu nome é Tom Mackie. Reverendo Tom Mackie. Quem me passou o número do senhor foi o reverendo Polk.

— Eu realmente aprecio um pastor que arruma trabalho para o seu rebanho — disse Makin. — Em que posso ajudá-lo, reverendo?

— Preciso descobrir quem enviou uma determinada coroa de flores para um funeral a que eu compareci recentemente, aí na sua área. Isso é possível?

— Acho que sim. O senhor tem algum detalhe específico para me informar?

— Não sei o nome do florista que fez o arranjo, mas era bem sofisticado. Rosas brancas e alecrim. Estava escrito no cartão “Lembrança de Rosemary”.

— “Lembrança de Rosemary”... — repetiu Makin. — Tem razão, é meio estranho mesmo. Nunca vi nada parecido. Quem fez o arranjo com certeza deve se lembrar. O senhor pode me informar quando e onde ocorreu o funeral?

Esquisito deu as informações, soletrando cuidadosamente o nome de Ziggy.

— De quanto tempo você vai precisar para me dar uma resposta?

— Bom, isso depende. A funerária talvez possa me passar uma lista dos floristas que normalmente trabalham com eles. Mas se não for possível, vou ter que vasculhar uma área relativamente ampla. Isso pode demorar algumas horas ou alguns dias. Se o senhor me passar o seu telefone, posso lhe manter informado.

— Vai ser meio complicado me achar. Mas posso dar um jeito de te ligar todos os dias, pode ser?

— Por mim, tudo bem. Mas vou precisar de um adiantamentozinho para começar o serviço.

Esquisito deu um sorriso irônico. Ultimamente, não se podia confiar nem nos sujeitos de batina.

— Mando para você. De quanto acha que vai precisar?

— Quinhentos dólares são o suficiente. — Makin passou os detalhes do pagamento para Esquisito. — Assim que estiver com o dinheiro, começo a

trabalhar. Obrigado, reverendo.

Esquisito desligou, estranhamente confiante após aquela conversa. Pete Makin não perdera tempo querendo saber o porquê daquela investigação, nem tentou valorizar o seu serviço tornando-o mais difícil do que era na realidade. Era um homem confiável, pensou. Subiu as escadas e trocou de roupa em seu quarto, despindo os hábitos clericais e enfiando-se em uma calça jeans, uma camisa de flanela bege e uma jaqueta de couro leve. Já tinha arrumado a sua bolsa; a única coisa que faltava apanhar era a Bíblia que ficava na mesa de cabeceira. Colocou-a num dos compartimentos da bolsa, contemplou o quarto familiar por alguns momentos e fechou os olhos para uma breve oração.

Uma hora depois, estava saindo do estacionamento sem limite de tempo do aeroporto de Atlanta. Chegara bem na hora do voo para San Diego. Naquela mesma noite, já teria cruzado a fronteira e estaria hospedado anonimamente em um hotel chinfrim em Tijuana, México. Aquele não era o tipo de lugar que ele escolheria normalmente, o que o tornava ainda mais seguro.

Fosse lá quem estivesse atrás dele, não o encontraria justo ali.

Jackie olhou fixamente para Alex.

— Ela não está aqui.

— Eu sei disso. É com você mesma que eu quero falar.

Ela bufou, com os braços cruzados sobre o peito. Desta vez, estava usando uma jaqueta de couro e uma camiseta preta colada no corpo. Um piercing de diamante brilhava em sua sobrancelha.

— Veio me colocar contra a parede, né?

— O que te faz pensar que isso é da minha conta? — perguntou Alex, friamente.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Você é homem, escocês, e ela é da sua família.

— Esta sua arrogância não vai te levar a lugar nenhum. Olha, estou aqui porque eu acho que podemos trocar uns favores.

Jackie inclinou a cabeça, adotando um ar insolente.

— Não transo com homens. Você ainda não sacou isso?

Exasperado, Alex virou-se para ir embora. Perguntou-se se valia a pena arriscar a ira de Lynn para fazer aquilo.

— Estou perdendo o meu tempo aqui. Só achei que você poderia gostar de uma sugestão para se livrar da polícia.

— Peraí. Você está me oferecendo uma saída?

Alex estacou, com um dos pés na escada.

— Não é por causa do seu charme natural, Jackie. É porque também vai me dar paz de espírito.

— Mesmo achando que eu posso ter matado o seu cunhado.

Alex resmungou.

— Pode acreditar, eu dormiria muito melhor se realmente conseguisse acreditar nisso.

Jackie reagiu, impaciente.

— Ah, é, né? Porque aí a sapatão ia ter o que merece.

Irritado, Alex a interrompeu.

— Será que dá para colocar os seus preconceitos de lado por cinco minutos? Eu só ficaria feliz se você fosse mesmo a assassina porque aí eu estaria seguro.

Jackie inclinou a cabeça, intrigada apesar da sua resistência.

— Isso é uma coisa muito estranha de se dizer.

— Não quer conversar sobre isso aí dentro?

Ela fez um gesto vago para a porta e deu um passo para trás.

— É melhor você entrar. Como assim, “seguro”? — perguntou ela enquanto ele se acomodava na cadeira mais próxima.

— Tenho uma teoria sobre a morte de Mondo. Não sei se você sabe, mas um outro amigo meu foi assassinado em circunstâncias suspeitas algumas semanas atrás.

Jackie fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Hélène comentou. Foi um cara que estudou com você e David na universidade, não foi?

— Nós crescemos juntos. Nós quatro. Éramos melhores amigos na escola e fomos para a universidade juntos. Uma noite, quando voltávamos bêbados de uma festa, nos deparamos com uma moça...

— Eu sei disso também — interrompeu Jackie.

Alex ficou surpreso ao constatar o quão aliviado se sentia por não ter de relembrar todos os detalhes que se seguiram à morte de Rosie.

— Ótimo. Então você já sabe da história. Bem, sei que isso pode parecer maluquice, mas eu acho que Mondo e Ziggy foram assassinados por alguém que está tentando se vingar pela morte de Rosie Duff. A garota que morreu — completou ele.

— Por quê? — Mesmo sem querer, Jackie estava compenetradíssima, inclinada para a frente com os cotovelos apoiados nos joelhos. A perspectiva de uma boa história era forte o bastante para colocar a sua hostilidade em segundo plano.

— Pode até parecer insignificante — disse Alex e, em seguida, contou-lhe

sobre as coroas de flores. — O nome dela era Rosemary — concluiu ele.

Jackie levantou as sobrancelhas.

— Credo, que troço sinistro — disse ela. — Nunca vi nenhuma coroa assim. Fica meio complicado de entender se você não capta a referência ao nome da garota. Estou vendo agora por que você está tão grilado.

— É, mas a polícia não viu. Eles me trataram como se eu fosse uma velhinha com medo do escuro.

Jackie grunhiu, debochada.

— Bom, nós dois sabemos como a polícia é esperta. E então, o que você acha que eu posso fazer?

Alex ficou constrangido.

— Lynn imaginou que se conseguíssemos descobrir quem realmente matou Rosie naquela época, a pessoa que está tentando se vingar da gente ia ter que desistir. Antes que seja tarde demais para mim e para Tom Mackie.

— Faz sentido. Você não consegue convencer a polícia a reabrir o caso? Com a tecnologia que eles têm atualmente...

— O caso já foi reaberto. A polícia de Fife está fazendo uma revisão dos casos não resolvidos e este é um deles. Mas eles estão no maior impasse, principalmente porque perderam as provas. Lynn imaginou que se nós conseguíssemos encontrar o cientista forense que assinou o laudo original, ele poderia informar se deixou alguma coisa de fora do relatório.

Jackie concordou com um gesto de cabeça.

— Às vezes eles deixam coisas de fora mesmo, para evitar que a defesa tenha vantagem. Então você quer que eu encontre esse sujeito e entreviste ele?

— Algo assim. Achei que você poderia fingir que estava fazendo uma matéria minuciosa sobre o caso, com enfoque na investigação daquela época. Será que você não consegue convencer a polícia a te dar acesso ao material que eles se recusaram a me mostrar?

Ela deu de ombros.

— Vale a pena tentar.

— Então, você pode fazer isso?

— Vou ser franca com você, Alex. Eu não tenho o menor interesse em salvar a sua pele. Mas você está certo: eu também tenho muito a perder. Te ajudando a descobrir quem matou David, eu tiro o meu da reta. E então, com quem eu devo falar?

34

O recado na mesa de James Lawson dizia apenas: “A equipe da revisão dos casos gostaria de vê-lo assim que possível.” Não parecia ser notícia ruim. Quando entrou na sala da sua equipe, com um ar de otimismo cuidadoso, percebeu imediatamente que tinha razão, ao ver uma garrafa de uísque Famous Grouse e meia dúzia de copinhos de plástico na mão dos detetives. Lawson abriu um sorriso.

— Isso aqui está me cheirando a comemoração — disse ele.

O detetive-inspetor Robin Maclennan deu um passo à frente, oferecendo-lhe o uísque.

— Acabei de receber notícias da polícia de Manchester. Eles prenderam um sujeito, suspeito de estupro há algumas semanas em Rochdale. Quando verificaram os resultados do exame de DNA no computador, foi batata.

Lawson estacou.

— Lesley Cameron?

Robin concordou com a cabeça.

Lawson apanhou a dose de uísque e suspendeu o seu copo em um brinde silencioso. Assim como o caso de Rosie Duff, ele jamais esqueceria o assassinato de Lesley Cameron. Aluna da universidade, ela havia sido estuprada e estrangulada quando voltava para o seu alojamento. Assim como com Rosie, jamais encontraram o assassino. Durante algum tempo, os detetives chegaram a tentar estabelecer uma relação entre os dois casos, mas não havia semelhanças suficientes para justificar uma ligação entre eles. Não bastava alegar que não houvera mais nenhum estupro seguido de morte em St. Andrews durante aquele período. Trabalhara como detetive assistente naquela época e se lembrava bem da polêmica. Pessoalmente, jamais acreditara na teoria que os dois crimes estavam de alguma forma relacionados.

— Lembro-me muito bem desta história — disse ele.

— Submetemos as roupas da vítima ao exame de DNA, mas não tivemos nenhum resultado do sistema — continuou Robin e o seu rosto esquálido revelou, em um sorriso, rugas previamente desconhecidas. — Então eu deixei de lado por um tempo e continuei verificando os infratores sexuais subsequentes. Não deu em nada. Mas aí, recebemos esta ligação da polícia de Manchester. Parece que temos um resultado.

Lawson deu um tapinha no ombro do detetive.

— Bom trabalho, Robin. Você vai até lá para o interrogatório? — perguntou ele.

— Com certeza. Mal posso esperar para ver a cara do canalha quando ele souber que eu quero interrogá-lo.

— Estas são boas notícias mesmo. — Lawson sorriu para o resto da equipe. — Viram só? Basta uma tacada de sorte e vocês chegam lá. Como vocês estão indo? Karen, você conseguiu alguma coisa com o ex-namorado de Rosie Duff? O tal que a gente acha que é o pai de Macfadyen?

Karen fez um gesto com a cabeça.

— John Stobie. Os policiais locais foram dar uma palavrinha com ele. E eles também conseguiram um resultado, de certa forma. Parece que Stobie tem o álibi perfeito. Ele quebrou a perna em um acidente com a sua moto no final de novembro de 78. Na noite em que Rosie foi assassinada, ele estava usando um gesso da coxa até o pé. Ou seja, jamais poderia estar correndo em St. Andrews no meio de uma tempestade de neve.

Lawson suspendeu as sobrancelhas.

— Qualquer um podia ver que Stobie tinha ossos frágeis mesmo. Eles devem ter verificado o prontuário médico, não é?

— Stobie deu permissão. E parece que ele estava falando a verdade mesmo. Então, podemos colocar um ponto final nesta história.

Lawson virou-se disfarçadamente, separando-se com Karen dos outros.

— Tudo bem, Karen. — Ele suspirou. — Talvez eu devesse colocar Macfadyen em contato com Stobie. Talvez ele até me desse um descanso.

— Ele ainda está perturbando o senhor?

— Algumas vezes por semana. Estou começando a achar que seria melhor se ele não tivesse aparecido do nada.

— Bom, eu ainda preciso conversar com as outras três testemunhas — disse Karen.

Lawson mudou de expressão.

— Na verdade, são só duas agora. Ao que parece, Malkiewicz morreu em um incêndio bem suspeito, um pouco antes do Natal. E Alex Gilbey enfiou na cabeça que, agora que David Kerr também foi assassinado, tem um justiceiro maluco solto por aí, matando um por um.

— O quê?

— Ele veio me procurar uns dias atrás. É paranoia pura e eu não quis encorajá-lo. Então, é melhor você deixar as testemunhas pra lá. Não acho que vai ajudar muito, depois de tanto tempo.

Karen pensou em discordar. Não que ela imaginasse que algo significante

fosse resultar das suas conversas, mas uma detetive determinada como ela não ficava à vontade com a ideia de deixar uma possibilidade inexplorada.

— O senhor não acha que ele pode ter razão? Quer dizer, é coincidência demais, né? Primeiro, Macfadyen aparece e descobre que não temos a menor esperança de encontrar o assassino da mãe. Depois, dois dos suspeitos originais do caso são assassinados.

Lawson girou os olhos.

— Você está enfornada demais nesta sala de investigação, Karen. Está começando a alucinar. Lógico que Macfadyen não está por aí, dando uma de Charles Bronson. Ele é um profissional respeitável, pelo amor de Deus, não um psicopata. E não vamos insultá-lo com um interrogatório sobre dois crimes que sequer aconteceram na nossa circunscrição.

— Está bem, senhor — suspirou Karen.

Lawson apoiou a mão no braço dela, em um gesto paternal.

— Vamos esquecer um pouquinho de Rosie Duff por enquanto, está bem? Não estamos chegando a lugar algum. — Lawson voltou para o grupo. — Robin, a irmã de Lesley Cameron não é especialista em traçar perfis de criminosos?

— Sim, senhor. Dra. Fiona Cameron. Ela esteve envolvida com o caso de Drew Shand há alguns anos, em Edimburgo.

— Estou me lembrando. Bom, talvez você devesse fazer uma visitinha. Avisar a ela que estamos investigando um suspeito. E não deixe de avisar a imprensa também. Mas só depois de falar com a dra. Cameron. Não quero que ela fique sabendo primeiro pelos jornais. — Era claramente o fim daquela conversa. Lawson terminou o seu uísque e dirigiu-se para a porta. Estacou sob o portal e virou-se para trás. — Bom trabalho, Robin. Isso é bom para todos nós. Obrigado.

Esquisito empurrou o prato sobre a mesa. Comida engordurada para turistas, e com porções tão generosas que poderiam alimentar uma família inteira de mexicanos pobres por uns dois dias, pensou ele, sentido. Não suportava o fato de ter sido bruscamente arrancado da sua rotina. Todas as coisas que tornavam a sua vida agradável pareciam um sonho distante agora. E o conforto que podia ser extraído somente da fé tinha lá os seus limites. Era uma prova, se algum dia precisasse dela, de que estava aquém dos seus próprios ideais.

Enquanto o garçom retirava os resquícios do seu especial de burrito, Esquisito pegou o celular e ligou para Pete Makin. Após os cumprimentos iniciais, ele foi direto ao assunto.

— Conseguiu alguma coisa? — perguntou ele.

— Só consegui eliminar algumas possibilidades. A funerária me deu o nome das três lojas que normalmente trabalham para eles. Mas nenhuma delas montou o tal arranjo que o senhor descreveu para mim. E todas concordaram que parece estranho mesmo, que não é comum. Seria algo que eles com certeza se lembrariam se tivesse sido encomendado.

— E agora, então?

— Bom — rateou Makin. — Acho que temos uns cinco ou seis floristas aqui nas imediações. Eu vou checar todos eles, ver se descubro alguma coisa. Mas vai levar um dia ou dois. Amanhã, tenho que comparecer ao tribunal, vou depor em um caso de fraude. Pode ser que não dê tempo. Mas pode ficar tranquilo, reverendo. No dia seguinte, mando bala.

— Obrigado por ser tão direto, Sr. Makin. Volto a ligar daqui a alguns dias, para ver se o senhor já tem alguma novidade. — Esquisito guardou o celular de volta no bolso. Ainda não tinha chegado ao fim. Não estava sequer perto.

Jackie colocou pilhas novas no seu gravador, verificou se tinha canetas na bolsa e depois partiu em seu carro. Ficara agradavelmente surpresa com a boa vontade do assessor de imprensa da polícia, para quem ela ligou após a visita de Alex.

Já pensara em tudo. Disse que estava escrevendo uma matéria para uma revista importante, comparando os métodos usados pela polícia em uma investigação de homicídio há vinte e cinco anos com os atuais. E que chegara à conclusão de que a melhor maneira de abordar os métodos investigativos seria aproveitar uma revisão de casos não solucionados, como a que a polícia de Fife estava fazendo. Deste modo, ela estaria lidando com um oficial completamente ciente de todos os detalhes do caso. Enfatizou que não visava criticar a polícia; a matéria seria apenas sobre as mudanças no procedimento e na prática, levando em consideração as descobertas científicas e as mudanças na lei.

O assessor de imprensa ligou para ela no dia seguinte.

— Você teve sorte. Temos um caso de exatamente vinte e cinco anos atrás. E por coincidência, o nosso subchefe de polícia, policial naquela época, foi o primeiro oficial no local do crime. E ele concordou em lhe dar uma entrevista. Também consegui agendar um encontro com a detetive Karen Pirie, que está trabalhando na revisão desse caso. Ela está a par de todos os detalhes.

E lá estava Jackie, pregando uma peça na polícia de Fife. Normalmente, não costumava ficar nervosa antes de uma entrevista. Já estava na profissão há bastante tempo, não ficava mais apavorada. Havia lidado com todos os tipos de entrevistado: os tímidos, os espalhafatosos, os animados, os amedrontados, os especialistas em marketing pessoal, os que adotavam uma postura blasé, os

criminosos embrutecidos e as vítimas desamparadas. Mas naquele dia, havia definitivamente uma carga de adrenalina circulando no seu sangue. Não estava mentindo quando dissera a Alex que também tinha algo a perder. Depois da conversa com ele, ficara horas acordada, nitidamente ciente do estrago que a suspeita sobre a morte de David Kerr podia causar em sua vida. Então, preparara-se para aquele dia vestindo-se de maneira conservadora e tentando deliberadamente parecer o menos ameaçadora possível. Pela primeira vez, havia mais furos do que brincos em suas orelhas.

Era difícil reconhecer o jovem policial no subchefe de polícia Lawson, pensou ela enquanto se acomodava à sua frente. Ele parecia uma daquelas pessoas que já nasciam carregando o peso do mundo nas costas, e naquele dia tal peso parecia especialmente pesado. Não devia ter mais de cinquenta anos, mas aparentava ter passado mais tempo em casa jogando bola do que conduzindo investigações criminais em Fife.

— Que ideia peculiar para uma matéria — disse ele, após terminarem os devidos cumprimentos.

— Que nada. As pessoas hoje em dia mal param para pensar nas investigações policiais. É bom lembrar como progredimos em um período de tempo relativamente curto. E eu, obviamente, preciso aprender muito mais do que vou acabar usando na matéria final. A gente sempre acaba jogando noventa por cento da pesquisa fora.

— E para onde está escrevendo esta matéria? — perguntou ele, despretensioso.

— Para a *Vanity Fair* — respondeu Jackie, confiante. Era sempre melhor mentir e usar nomes conhecidos. Fazia com que o entrevistado sentisse que não estava perdendo o seu tempo.

— Bom, estou aqui à sua disposição — disse ele com uma camaradagem forçada, abrindo as mãos em um gesto largo.

— Fico muito grata por isso. Imagino como o senhor deve estar ocupado. Bom, podemos relembrar aquela noite de dezembro de 1978? O que levou o senhor a participar do caso?

Lawson expeliu o ar pesadamente pelas narinas.

— Eu estava de plantão em uma viatura. Ou seja, estava trabalhando a noite toda, parando apenas para fazer um lanche. Mas não ficava dirigindo a noite inteira. — Um sorriso discreto surgiu no canto de sua boca. — Mesmo naquela época, já tínhamos um orçamento limitado. Eu não podia dirigir mais do que sessenta quilômetros por turno. Então, eu vasculhava o centro da cidade na hora em que os bares estavam fechando e depois encontrava um lugar tranquilo para estacionar até que houvesse um chamado. O que não costumava acontecer. St.

Andrews era uma cidadezinha relativamente pacata, principalmente durante as férias da universidade.

— Devia ser bem maçante, hein? — comentou Jackie, solidária.

— E como. Eu costumava carregar um rádio transistor comigo, mas nunca tinha nada que valesse a pena escutar. Na maioria das vezes, eu estacionava perto da entrada do Jardim Botânico. Eu gostava daquele lugar. Era agradável e tranquilo, e dava para chegar a qualquer ponto da cidade em questão de minutos. Naquela noite, o tempo estava pavoroso. O dia inteiro nevara intermitentemente, e de madrugada o chão estava todo coberto por uma grossa camada de neve. Por causa disso, eu estava tendo uma noite calma. A maioria das pessoas não se arriscava a sair de casa com um tempo daqueles. Então, lá pelas quatro da manhã, eu vi um vulto aproximando-se pela neve. Eu saí do carro e, vou ser franco com você, por um momento achei que fosse ser atacado por um maníaco embriagado. O garoto estava sem fôlego, coberto de sangue e o suor escorria pelo seu rosto. Ele disse que havia uma moça em Hallow Hill, que ela havia sido atacada.

— O senhor deve ter tomado um susto — instigou Jackie.

— Primeiro, pensei que fosse um estudante bêbado. Mas ele era muito insistente. Ele disse que havia caído por cima da moça na neve e que ela estava sangrando bastante. Então eu percebi que ele estava falando sério, que não era fingimento. Comuniquei a central pelo rádio e avisei que ia investigar uma mulher ferida em Hallow Hill. Coloquei o rapaz na viatura...

— Esse era Alex Gilbey, não é?

Lawson ergueu as sobrancelhas.

— Você fez o seu dever de casa, hein?

Ela deu de ombros.

— Li as matérias nos jornais, só isso. Então o senhor levou Gilbey de volta a Hallow Hill? E o que encontrou lá?

Lawson concordou com a cabeça.

— Quando chegamos lá, Rosie Duff estava morta. Havia outros três rapazes em volta do corpo. Precisei tomar conta do local e pedi reforços pelo rádio. Pedi ajuda dos policiais e do Departamento de Investigação Criminal e escoltei as quatro testemunhas colina abaixo, para longe da cena do crime. Eu confesso de bom grado que estava totalmente baratinado. Nunca havia visto nada parecido e não sabia, àquela altura, se estava parado em meio a uma nevasca com quatro assassinos do meu lado.

— Mas o senhor não acha que se eles tivessem matado a moça a última coisa que fariam ia ser buscar ajuda da polícia?

— Não necessariamente. Eles eram rapazes bem inteligentes, perfeitamente

capazes de forjar uma situação como aquela. E eu não podia dizer algo que mostrasse que eu suspeitava deles, porque tinha medo que eles escapassem noite afora e nos deixassem com um problema maior ainda. Afinal, eu mal sabia quem eles eram.

— Bom, imagino que o senhor conseguiu segurá-los direitinho, porque pelo que sei eles esperaram os seus colegas no local. O que aconteceu então? Em termos de procedimentos, quero dizer. — Jackie ouviu tudo o que Lawson tinha a dizer sobre o que aconteceu naquela noite na cena do crime, até o momento em que ele precisou escoltar os quatro jovens até a delegacia.

— O meu envolvimento direto com o caso terminou ali — concluiu Lawson. — Todas as investigações subsequentes foram conduzidas pelos oficiais do DIC. Tivemos que recrutar pessoal de outras divisões, porque não tínhamos gente suficiente para cobrir um caso como aquele. — Lawson arrastou a cadeira. — Agora, se você me der licença, vou chamar a detetive Karen Pirie. Ela está mais preparada do que eu para conversar sobre o caso com você.

Jackie recolheu o gravador, mas não desligou o aparelho.

— Incrível, o senhor realmente lembra bem daquela noite — disse ela, deixando transparecer admiração em sua voz.

Lawson apertou o botão do seu interfone.

— Margaret, peça para Karen vir até aqui, por favor. — Lawson lançou para Jackie um sorriso de vaidade satisfeita. — Temos que ser meticulosos no nosso trabalho — disse ele. — Eu sempre guardei anotações cuidadosas. Mas você precisa lembrar que assassinatos são ocorrências bastante raras em St. Andrews. Nos dez anos em que trabalhei lá, tivemos pouquíssimos casos de homicídio. Então, naturalmente, a gente não esquece.

— E vocês nunca estiveram prestes a prender alguém?

Lawson contorceu os lábios.

— Não. E isso é algo difícil de engolir para quem trabalha na polícia. Tudo apontava para os quatro rapazes que encontraram o corpo, mas só havia provas circunstanciais contra eles. Eu cheguei a ter um palpite de que o crime podia ter sido algum tipo de ritual de sacrifício pagão, por causa do lugar onde o corpo foi encontrado. Mas essa ideia nunca deu em nada, e nunca mais vimos algo parecido na nossa circunscrição. Lamento admitir, mas o assassino de Rosie Duff nunca foi punido. Mas, é claro, sujeitos que cometem crimes como esse normalmente acabam repetindo a dose, então, pode ser que ele esteja preso por outro assassinato.

Houve uma leve pancada na porta e Lawson disse:

— Pode entrar. — A mulher que entrou no recinto era diametralmente oposta a Jackie. Enquanto a jornalista era descontraída e atraente, Karen Pirie era

rígida e sem sal. O que as unia era a flagrante centelha de inteligência que uma pôde reconhecer na outra. Lawson encarregou-se das apresentações e depois as conduziu habilmente até a porta. — Boa sorte com a sua matéria — disse ele, antes de fechar a porta firmemente.

Karen a conduziu por um lance de escadas até a sala onde a equipe de revisão dos casos trabalhava.

— Você mora em Glasgow? — perguntou ela enquanto subiam as escadas.

— Nascida e criada lá. É uma cidade incrível. Toda vida humana está lá, como eles dizem.

— O que é ótimo para uma jornalista. E como foi que você se interessou por esse caso?

Jackie repetiu a sua história sobre uma matéria de capa rapidamente. Pareceu fazer sentido para Karen. Ela abriu a porta do escritório e foi caminhando na frente. Jackie olhou à sua volta, notando as paredes de cortiça cobertas com fotografias, mapas e relatórios. Uns gatos pingados sentados atrás de computadores levantaram os olhos quando elas entraram, mas em seguida voltaram a trabalhar.

— Por sinal, não preciso nem dizer, tudo o que você vir ou ouvir aqui sobre as investigações atuais ou sobre qualquer outro caso é estritamente confidencial. Entendeu?

— Não sou repórter criminal. Não tenho interesse em nenhum outro caso além do que vim aqui conversar com você. Não vou passar a perna em vocês, ok?

Karen sorriu. Conhecera alguns jornalistas honestos na vida, mas na maioria não dava para confiar, eram capazes de roubar um sorvete de uma criança. Mas aquela mulher parecia diferente. Fosse lá o que estivesse buscando tão avidamente, não era mais uma matéria sensacionalista e descartável. Karen mostrou a Jackie uma mesa comprida encostada na parede, onde ela organizara todo o material da investigação original.

— Não sei exatamente o quão detalhada vai ser a sua matéria — disse ela, duvidosa, olhando para a pilha de pastas à sua frente.

— Eu queria ter uma noção de como a investigação progrediu. Quais caminhos foram explorados. E, é claro — completou Jackie, sacando uma expressão autodepreciadora da manga —, como isso é jornalismo, e não história, preciso dos nomes das pessoas envolvidas e todas as informações que você puder me oferecer sobre elas. Policiais, legistas, cientistas forenses, essas coisas. — Jackie sabia como fazer aquilo soar despretensioso.

— Claro, eu posso te dar os nomes. Já as informações, eu sei pouquíssimas. Eu tinha três anos na época do crime. E, para completar, o investigador oficial,

Barney Maclennan, morreu durante a investigação. Você sabia disso, né? — Jackie assentiu com a cabeça. Karen continuou. — O único sujeito que eu conheci do pessoal da antiga foi David Soanes, o cientista forense. Ele fez todo o trabalho, mas quem assinou os laudos foi o chefe dele.

— E por quê? — perguntou Jackie, casual, tentando esconder a sua alegria por ter conseguido o que queria tão fácil e tão rápido.

— É praxe. Os laudos têm que ser assinados pelo chefe do laboratório, mesmo que ele nunca nem tenha tocado nas provas. Impressiona o júri.

— Nunca mais vou confiar nas assinaturas, então — disse Jackie, sarcástica.

— A gente faz o que é preciso para prender os bandidos — disse Karen. Ficou evidente pelo tom exausto da sua voz que ela não estava disposta a ficar na defensiva por uma coisa tão óbvia. — De qualquer forma, nesse caso, você não poderia estar mais bem servida. David Soanes é um dos sujeitos mais esforçados que eu já conheci. — Ela sorriu. — E hoje em dia, é ele quem assina o laudo dos outros. David leciona Ciência Forense na Universidade de Dundee agora. Encaminhamos todos os nossos serviços para lá.

— Talvez eu pudesse conversar com ele.

Karen deu de ombros.

— Ele é um cara bem acessível. Então, por onde começamos?

Duas horas de profundo tédio depois, Jackie conseguiu ir embora. Sabia mais do que jamais desejara sobre os procedimentos policiais de Fife na década de 70. Não havia nada mais frustrante do que conseguir a informação que se queria logo no início de uma entrevista e ter de ficar inventando assunto para não dar bandeira.

Karen, obviamente, não a deixara ver o laudo original. Mas Jackie não esperava que ela o mostrasse. Conseguira o que desejava. Agora, tudo dependia de Alex.

35

Alex contemplou a filha, deitada no moisés. Estava em casa, no seu lugar. A filha deles, em casa. Frouxamente envolvida em uma manta branca, franzindo o rosto enquanto dormia, Davina alegrava o seu coração. Perdera o ar franzino que tanto o preocupara nos seus primeiros dias de vida. Agora, parecia-se com os outros bebês e o seu rostinho tornava-se único. Queria desenhá-la todos os dias, para não perder nenhuma das nuances mais sutis da sua transformação.

Ela preenchia os seus sentidos. Se ele se debruçasse sobre ela, prendendo o fôlego, podia ouvi-la respirando baixinho. As suas narinas já reconheciam o inconfundível cheirinho de bebê. Alex amava Lynn, mas jamais sentira aquele sentimento avassalador de amor e proteção por alguém antes. Lynn estava certa, ele precisava mesmo fazer o que fosse necessário para garantir que acompanharia o crescimento da sua filha. Decidiu ligar para Paul mais tarde, para compartilhar aquela tarde tão significativa com ele. Se Ziggy estivesse vivo, teria ligado para ele e Paul merecia saber que continuava fazendo parte da vida deles.

O som distante de uma campainha interrompeu os seus devaneios. Alex tocou a filha, da maneira mais delicada que pôde, e depois saiu do quarto. Alcançou a porta da frente segundos depois de Lynn, que estava paralisada ao reconhecer Jackie na sua porta.

— O que você veio fazer aqui? — perguntou ela.

— Alex não te contou? — retrucou Jackie, arrastando a voz.

— Me contou o quê? — Lynn virou-se para Alex.

— Pedi ajuda a Jackie — explicou Alex.

— Isso aí. — Jackie parecia mais divertida do que ofendida.

— Pediu ajuda a *ela*? — Lynn não se esforçou para esconder o seu desdém. — Uma mulher que não só tinha motivos para matar o meu irmão, como conhecia gente disposta a fazer o serviço? Alex, como é que você pôde fazer uma coisa dessas?

— Porque ela também tem algo a lucrar. Ou seja, não vai nos passar a perna para conseguir uma manchete — explicou ele, tentando acalmar Lynn antes que Jackie se ofendesse de vez e fosse embora sem revelar se havia descoberto alguma coisa.

— Aqui em casa ela não entra — disse Lynn, categórica.

Alex levantou as mãos.

— Tudo bem. Deixa só eu pegar o meu casaco. Vamos até o pub, se estiver tudo bem para você, tá, Jackie?

Ela deu de ombros.

— Por mim, tudo bem. Mas você paga a conta.

Caminharam até o pub em silêncio. Alex não estava com vontade de se desculpar pela hostilidade de Lynn e Jackie não queria passar recibo. Quando se acomodaram no pub, cada um com um cálice de vinho tinto à sua frente, Alex suspendeu as sobrancelhas, inquisitivo.

— E aí? Conseguiu alguma coisa?

Jackie fez uma expressão convencida.

— Estou com o nome do cientista forense que trabalhou no caso de Rosie Duff. E o melhor da história é que ele continua na ativa. Está dando aulas em Dundee. O nome dele é David Soanes e, ao que parece, o cara é fodão.

— E quando você vai poder ir até lá conversar com ele? — perguntou Alex.

— Eu não vou lá falar com ele, Alex. Isso é tarefa sua.

— Minha? Eu não sou jornalista. Por que ele toparia falar comigo?

— O interessado aqui é você. Você pede pelo amor de Deus, diz a ele que qualquer informação que ele puder te dar pode ajudar a resolver o caso.

— Nem sei como entrevistar uma pessoa — protestou Alex. — E por que Soanes me diria alguma coisa? Você acha que ele vai querer assumir que deixou passar alguma coisa no laudo naquela época?

— Alex, você me convenceu a te ajudar e, francamente, eu nem vou com a sua cara, ou com a da sua mulher grosseira e tacanha. Então, acho que você provavelmente vai conseguir convencer David Soanes a te contar o que você quer. Principalmente porque você não vai perguntar sobre coisas que ele deixa passar. Você está interessado nas coisas que talvez não tenham sido suscetíveis à análise, coisas que justificadamente ficaram de fora do relatório. Se ele tem apreço pelo seu trabalho, com certeza vai querer te ajudar. Vai ser inclusive melhor do que conversar com um jornalista, que pode retratá-lo como incompetente. — Jackie bebericou o seu vinho, fez uma careta e ficou de pé. — Me avise quando tiver alguma novidade que possa me ajudar.

Lynn estava sentada na estufa, contemplando as luzes no estuário. Estavam sutilmente envolvidas pelo ar seco, o que conferia uma aparência ainda mais misteriosa do que mereciam. Ouviu um barulho na porta da sala, seguido pela voz de Alex anunciando:

— Já cheguei. — Mas, antes que ele pudesse ir até ela, a campainha tocou.

E, independentemente de quem fosse, ela não estava disposta a receber.

Vozes abafadas iam ficando mais distintas conforme se aproximavam, mas ela ainda não conseguira descobrir quem era a visita. De repente, a porta se abriu e Esquisito foi logo caminhando em sua direção.

— Lynn! — bradou ele. — Já sei que você tem uma menininha linda para me mostrar.

— Esquisito! — exclamou Lynn, visivelmente surpresa. — Você é a última pessoa que eu esperava ver aqui em casa.

— Ótimo — disse ele. — Vamos torcer para todos estarem pensando a mesma coisa. — Ele a olhou com preocupação. — Como é que você está?

Lynn inclinou-se para abraçá-lo.

— Sei que parece bobagem, porque quase não o víamos, mas estou com saudades de Mondo.

— Claro que sim. Todos nós estamos. E estaremos sempre. Ele era uma parte de nós e agora não é mais. O único consolo é sabermos que agora ele habita a morada do Senhor. — Ficaram em silêncio por um momento e depois Lynn se afastou.

— E o que é que você está fazendo aqui? — perguntou ela. — Você não voltou direto para os Estados Unidos depois do funeral?

— Voltei. Despachei a minha mulher e os meus filhos para um lugar nas montanhas, onde ficarão a salvo de qualquer pessoa que tenha problemas comigo. E depois, desapareci. Cruzei a fronteira para o México. Lynn, jamais vá para Tijuana, a não ser que você tenha um estômago de ferro. A comida é a pior do mundo, mas o que realmente provoca indigestão na alma é a discrepância entre a riqueza extravagante dos Estados Unidos com a pobreza dos mexicanos. Fiquei com vergonha do país que escolhi para viver. Sabia que os mexicanos pintam os seus burros com listras, como zebras, para que os turistas tirem fotos com eles? Veja só a que ponto nós os obrigamos a chegar.

— Nos poupe do sermão, Esquisito. Vá direto ao assunto — reclamou Lynn.

Esquisito sorriu.

— Tinha me esquecido como você é direta, Lynn. Bom, fiquei bastante encucado depois do funeral de Mondo. Então contratei um detetive particular em Seattle. Queria descobrir quem enviou a coroa de flores para o funeral do Ziggy. E o sujeito conseguiu uma resposta. Uma resposta que me deu bons motivos para voltar pra cá. Além do mais, imaginei que este seria o último lugar onde alguém imaginaria que eu pudesse estar. Perto demais de casa.

Alex girou os olhos.

— Você realmente aprendeu a fazer suspense ao longo dos anos, hein? Você

vai contar o que descobriu ou não?

— O sujeito que mandou as coroas mora aqui em Fife. Em St. Monans, para ser mais exato. Não sei quem ele é, nem que relação tem com Rosie Duff. O nome dele é Graham Macfadyen.

Alex e Lynn trocaram olhares de aflição.

— Sabemos quem ele é — disse Alex. — Ou melhor, podemos no mínimo adivinhar.

Foi a vez de Esquisito ficar ansioso e frustrado.

— O quê? Vocês sabem?

— É o filho de Rosie Duff — disse Lynn.

Esquisito arregalou os olhos.

— Ela teve um filho?

— Ninguém sabia naquela época. Ele foi entregue para adoção assim que nasceu. Devia ter uns três ou quatro anos quando ela morreu — explicou Alex.

— Que coisa! — exclamou Esquisito. — Bom, até que faz sentido, né? Imagino que ele só ficou sabendo que a mãe foi assassinada recentemente.

— Ele procurou Lawson quando a revisão dos casos não resolvidos foi anunciada. Tinha começado a procurar a mãe biológica alguns meses antes disso.

— Aí está o motivo que vocês estão procurando. Ele deve ter achado que vocês quatro eram responsáveis pelo assassinato — concluiu Lynn. — Temos que descobrir mais sobre esse Macfadyen.

— Precisamos descobrir se ele estava nos Estados Unidos na semana em que Ziggy morreu — disse Alex.

— Como é que a gente vai conseguir descobrir isso? — perguntou Lynn.

Esquisito levantou a mão.

— A central da Delta fica em Atlanta. Um dos meus fiéis tem uma boa posição lá. Acho que ele pode ter acesso às listas de passageiros. Aparentemente, as companhias aéreas compartilham informações como essas o tempo todo. E eu estou com os dados do cartão de crédito de Macfadyen, o que pode agilizar o processo. Posso ligar para ele mais tarde?

— Claro — disse Alex, inclinando a cabeça. — É a Davina? — Aproximou-se da porta. — Vou buscá-la.

— Muito bem, Esquisito — disse Lynn. — Nunca imaginei você como um pesquisador metódico.

— Esqueceu que eu era matemático, e dos bons? Todo o resto era só uma tentativa desesperada de não ficar igual ao meu pai. O que, graças a Deus, eu consegui.

Alex voltou, com Davina choramingando em seus braços.

— Acho que ela está com fome.

Esquisito levantou-se e contemplou o pequeno bebê embrulhado em uma manta.

— Caramba — disse ele, com uma voz cheia de doçura. — Ela é linda. — Ele olhou para Alex. — Agora você entende por que eu estou tão determinado a sair dessa com vida.

Lá fora, debaixo da ponte, Macfadyen observava a cena na casa de Alex. Fora uma tarde animada. Primeiro, aparecera uma mulher. Reconhecera-a do funeral, tinha visto a viúva de Kerr entrar no carro dela. Seguira as duas até um flat em Merchant City e, alguns dias depois, seguira Alex até aquele mesmo endereço. Não sabia quem ela era, onde se encaixava naquela trama intrincada. Seria apenas uma amiga da família? Ou mais do que isso?

Fosse ela quem fosse, não fora bem recebida. Ela e Gilbey foram até o pub, mas não ficaram lá tempo suficiente nem para tomar um único drinque. Depois, quando ele voltou para casa, a verdadeira surpresa apareceu. Mackie estava de volta. Ele deveria estar quietinho na Geórgia, pregando para o seu rebanho. Mas não, lá estava ele, novamente em Fife, junto com o seu cúmplice. Ninguém abandona tudo na vida assim, a não ser que tenha um bom motivo.

Estava mais do que provado. Dava para ver no rosto deles. Aquela não era uma descontraída reunião de amigos. Não era um encontro alegre, para comemorar a alta da filha de Gilbey do hospital. Aqueles dois estavam escondendo alguma coisa, algo que os reunira durante aquela crise. O medo os aproximara novamente. Estavam apavorados, com medo de que o inimigo que dera fim aos outros dois assassinos os localizasse a qualquer momento. Estavam juntos por segurança.

Macfadyen abriu um sorriso sinistro. A mão gelada do passado os alcançava, inexoravelmente. Não conseguiriam dormir tranquilos naquela noite. E era assim que devia ser. Tinha planos para eles. E, quanto mais assustados estivessem, melhor.

Tinham tido vinte e cinco anos de paz — muito mais do que a sua mãe pudera desfrutar. Estava na hora de aquela paz chegar ao fim.

36

O dia nasceu desanimador e cinzento, e a vista da North Queensferry estava obscurecida por uma bruma sombria. Em algum lugar uma buzina de nevoeiro soava o seu infeliz aviso, como uma vaca lamentando a morte de um bezerro. Com a barba por fazer e atordoado de sono, Alex apoiava os cotovelos sobre a mesa do café da manhã e observava Lynn amamentando Davina.

— Foi uma noite boa ou ruim? — perguntou ele.

— Média — respondeu Lynn, bocejando. — Nessa idade, precisam mamar várias vezes durante a noite.

— Uma da manhã, três e meia, seis e meia... Tem certeza de que ela não está faminta demais?

Lynn sorriu.

— É impressionante como o amor paterno desaparece rapidinho, né? — zombou ela.

— Se isso fosse verdade, eu teria tapado os ouvidos com o travesseiro e continuado a dormir, em vez de me levantar, preparar um chá para você e trocar a fralda dela — rebateu Alex, na defensiva.

— Se Esquisito não estivesse aqui, você podia ficar no quarto de hóspedes.

Alex fez um gesto negativo com a cabeça.

— Não quero fazer isso. Vamos ver como fica.

— Mas você precisa dormir. Você tem uma empresa para tocar.

Alex deu um muxoxo.

— Tirando o tempo que eu passo rodando o país inteiro atrás de cientistas forenses, né?

— Isso mesmo. Você está incomodado por Esquisito estar aqui em casa?

— Não, por quê?

— Bobagem minha. Eu é que sou muito desconfiada mesmo. Você sabe que eu sempre achei que, de vocês quatro, ele era o único que poderia ter matado Rosie. Então, sei lá, estou um pouco agoniada por ele ter aparecido assim, do nada.

Alex assumiu uma expressão de desconforto.

— Só desta maneira ele sairia impune do crime que cometeu? Por que ele sairia matando os amigos vinte e cinco anos depois?

— Vai ver que ele ficou sabendo da revisão do caso e ficou com medo de,

depois de todo esse tempo, ser dedurado por um de vocês.

— Você é sempre exagerada, né? Ele não a matou, Lynn. Ele jamais faria isso.

— Mas as pessoas fazem coisas horríveis quando estão drogadas. E, pelo que eu me lembro, Esquisito tomava todas. Ele estava com a Land Rover; Rosie provavelmente o conhecia o suficiente para aceitar uma carona. E depois, aquela conversão religiosa sem mais nem menos. Vai ver que era culpa, Alex.

Ele balançou a cabeça.

— Ele é meu amigo. Eu saberia.

Lynn suspirou.

— Você deve ter razão. Eu exagero mesmo. E estou meio nervosa. Desculpa.

Enquanto ela falava, Esquisito apareceu. De banho tomado e barbeado, ele parecia o retrato fiel do homem saudável e forte. Alex olhou para ele e resmungou.

— Meu Deus, você está a cara daquele Tigrão da Disney.

— Que cama maravilhosa — disse Esquisito, olhando à sua volta, procurando a cafeteira. Atravessou a cozinha e começou a abrir todos os armários, até encontrar as xícaras. — Dormi como um bebê.

— Isso não — disse Lynn. — A não ser que você tenha acordado chorando de três em três horas. Você não está com um pouco de *jet lag*?

— Nunca tive *jet lag* na minha vida — respondeu ele, animado, servindo o café. — E aí, Alex, quando é que a gente parte para Dundee?

Alex começou a se aprumar.

— Tenho que ligar para lá e agendar um encontro.

— Você tá maluco? Dar oportunidade para o sujeito dizer não? — admoestou Esquisito, fuçando a cesta de pães. Apanhou um bolinho escocês e estalou os lábios. — Uhm, há anos que não como um desses.

— Sinta-se em casa — disse Alex.

— Estou me sentindo — respondeu Esquisito, vasculhando a geladeira atrás de manteiga e queijo. — Não, Alex. Nada de telefonemas. A gente simplesmente aparece lá e deixa bem claro que não vai arredar o pé até o professor Soanes encontrar uma janela.

— Uma janela? Para se jogar? — Alex não conseguiu resistir à tentação de debochar dos americanismos de Esquisito, que soavam ainda mais bizarros ditos com um sotaque escocês que se tornara ainda mais carregado da noite para o dia.

— Muito engraçado. — Esquisito apanhou um prato e uma faca e sentou-se à mesa.

— Você não acha que isso vai deixá-lo um pouquinho irritado, não? —

perguntou Lynn.

— Não, acho que mostra que não estamos de brincadeira — disse Esquisito. — Acho que é o que dois sujeitos que se sentem ameaçados de morte fariam. Não está na hora de sermos educados, dóceis, obedientes. Está na hora de dizermos: “Estamos morrendo de medo e o senhor pode nos ajudar.”

Alex fez uma careta.

— Tem certeza de que você quer mesmo vir comigo? — O olhar repressor que Esquisito lançou para ele teria paralisado qualquer um. Alex levantou as mãos, rendendo-se. — Está bem. Me dá meia horinha então.

Lynn observou o marido saindo, preocupada.

— Não se preocupe, Lynn. Eu vou cuidar dele.

Lynn bufou, debochada.

— Ah, por favor, Esquisito. Espero que eu não precise contar com isso.

Ele abocanhou um pedaço do bolo e a observou.

— Eu não sou mais a mesma pessoa que você lembra, Lynn — disse ele, sério. — Esqueça o adolescente rebelde, o excesso de álcool e as drogas. Lembre-se que eu sempre fiz os meus deveres e entreguei os meus trabalhos dentro do prazo. Eu dava a impressão de estar fora de controle, mas lá no fundo era um sujeito tão normal quanto Alex. Eu sei que vocês devem morrer de rir pelas minhas costas por ter um pastor que faz pregação na tevê na sua lista de cartões de Natal; e, por sinal, os cartões são maravilhosos. Mas por trás de toda a excentricidade, eu sou uma pessoa que leva muito a sério tudo o que acredita e o que faz. Quando eu digo que vou cuidar de Alex, pode ter certeza de que ele vai estar tão seguro comigo quanto estaria com qualquer outra pessoa.

Lynn aceitou a reprimenda, mas ela não serviu para minar a sua desconfiança completamente. Trocou a filha de seio para que ela continuasse a mamar e disse:

— Pronto, querida. — Fez uma careta de dor ao sentir o bebê sugar o seu seio com avidez; ainda não estava acostumada com aquela sensação tão nova. — Desculpa, Esquisito. É que é difícil não te julgar pela época em que nos conhecíamos melhor.

Ele terminou o seu café e levantou-se.

— Eu sei. Eu continuo te vendo como uma garotinha boba que sonhava com David Cassidy.

— Babaca — disse ela.

— Vou orar um pouco agora — disse ele, dirigindo-se à porta. — Eu e Alex precisamos de toda ajuda possível.

O lado de fora do ginásio Old Fleming era completamente diferente da imagem que Alex fazia de um laboratório forense. Escondido em um beco estreito, o seu arenito vitoriano estava consideravelmente manchado por um século de poluição. Não era uma construção feia; o seu único andar era bem proporcionado, com janelas em estilo italiano. Só não parecia ser o tipo de lugar que abrigava a tecnologia de ponta da ciência forense.

Esquisito também estava visivelmente intrigado.

— Tem certeza de que é aqui mesmo? — perguntou ele, hesitante na entrada do beco.

Alex fez um gesto para a rua.

— O café do antigo Instituto Técnico fica ali. De acordo com o mapa no site da universidade, é aqui mesmo.

— Parece mais um banco do que um ginásio, e menos ainda um laboratório. — Mesmo assim, ele seguiu Alex pelo beco.

A recepção não dava muitas pistas. Um rapaz com um problema sério de psoríase e vestido à moda dos beatniks da década de 50 estava sentado atrás do balcão, digitando em um teclado de computador. Olhou para eles por cima da escura armação dos seus óculos.

— Em que posso ajudá-los, senhores? — perguntou ele.

— Gostaríamos de saber se por acaso poderíamos dar uma palavrinha com o professor Soanes — disse Alex.

— O senhor marcou hora?

Alex fez um gesto negativo com a cabeça.

— Não. Mas ficaríamos muito agradecidos se ele pudesse nos receber. É sobre um caso antigo no qual ele trabalhou.

O rapaz balançou a cabeça de um lado para o outro, como um dançarino indiano.

— Acho que não vai ser possível, não. Ele é um homem muito ocupado.

— Nós também — interrompeu Esquisito, aproximando-se do balcão. — E o nosso assunto com ele é uma questão de vida ou morte.

— Meu Deus — disse o rapaz. — É o Tommy Lee Jones de Tayside. — O comentário poderia ter soado grosseiro, mas ele o fez com um ar divertido de admiração que neutralizou qualquer malícia.

Esquisito o encarou firmemente.

— Podemos esperar. — Alex acudiu antes que a coisa ficasse feia.

— E vão ter de esperar mesmo. Ele está dando um seminário agora. Deixa eu conferir a agenda dele para hoje. — Ele digitou alguma coisa no teclado. — Vocês podem voltar às três? — perguntou ele alguns segundos depois.

Esquisito chiou.

— E passar cinco horas em Dundee?

— Maravilha — respondeu Alex, lançando um olhar firme para Esquisito. — Vamos, Tom. — Deixaram os seus nomes, alguns detalhes do caso e o número do celular de Alex antes de partirem.

— Você, como sempre, a simpatia em pessoa — comentou Alex enquanto voltavam para o carro.

— É, mas conseguimos alguma coisa, não foi? Se tivéssemos que depender de você, como sempre um banana, teríamos sorte se conseguíssemos uma horinha antes do final do semestre. E então, o que vamos fazer nas próximas cinco horas?

— Podíamos ir até St. Andrews — sugeriu Alex. — É só cruzar a ponte.

Esquisito estacou.

— Você está falando sério?

— Claro. Nunca falei tão sério. Acho que não ia fazer mal nos lembrarmos de lá. E ninguém vai reconhecer a gente, depois de tantos anos.

Esquisito repousou a mão no peito, no lugar onde a sua cruz normalmente ficava. Deu um muxoxo ao lembrar que não estava usando o seu hábito.

— Está bem — disse ele. — Mas eu não quero nem passar perto da Masmorra da Garrafa.

Dirigir por St. Andrews era uma experiência estranha, perturbadora. Primeiro, porque eles jamais tiveram acesso a um carro na época em que eram estudantes e nunca haviam observado a cidade da perspectiva de um motorista. Segundo, porque ao avançarem pela cidade, passavam por prédios que não existiam naquela época. O amontoado de concreto do Old Course Hotel; o cilindro neoclássico do Museu da Universidade de St. Andrews; o Centro de Vida Aquática atrás do perene clube Royal and Ancient, o próprio templo do golfe. Esquisito contemplava a cidade pela janela, atônito.

— Como está mudada.

— Claro que está mudada. Lá se foi um quarto de século.

— Você voltou aqui outras vezes?

Alex balançou a cabeça.

— Há vinte anos que não passo nem perto. — Ele dirigiu lentamente, finalmente encaixando o seu BMW em uma vaga deixada por uma mulher em um Renault.

Saíram em silêncio e puseram-se a caminhar pelas ruas da cidade, outrora tão familiares. Era como rever Esquisito, pensou Alex, todos aqueles anos depois. A estrutura óssea era basicamente a mesma. Não havia como tomá-lo por

outra pessoa, ou outra pessoa por ele. Mas a superfície era diferente. Algumas mudanças eram sutis, outras gritantes. Assim como caminhar novamente por St. Andrews. Algumas lojas continuavam no mesmo lugar de sempre e as suas fachadas permaneciam idênticas. Paradoxalmente, pareciam fora de lugar, como se tivessem conseguido de alguma maneira escapar da dobra de tempo que abocanhara o resto da cidade. A lojinha de doces ainda estava lá, um monumento ao apetite nacional por açúcar. Alex reconheceu o restaurante onde experimentaram comida chinesa pela primeira vez, os sabores desconhecidos e confusos para paladares acostumados com uma comida mais tradicional. Eram quatro naquela época, leves e confiantes, sem a menor noção de que algo ruim estava prestes a acontecer. *E agora restavam dois.*

Era impossível fugir da universidade. Dos dezesseis mil habitantes da cidade, um terço ganhava a vida às custas dela, e, se os seus prédios tivessem se desintegrado da noite para o dia, teriam deixado uma cidade banguela. Alunos corriam pelas ruas, com a característica veste de flanela vermelha embrulhada em volta do corpo, para proteger o seu dono do frio. Era difícil acreditar que um dia haviam feito a mesma coisa. Uma lembrança fugaz ocorreu a Alex: Ziggy e Mondo em uma sofisticada loja de roupas masculinas, experimentando os seus uniformes novos. Alex e Esquisito tiveram de se conformar com roupas de segunda mão, mas aproveitaram ao máximo a oportunidade de fazerem bagunça por uma boa causa, testando a paciência dos funcionários da loja. Aquilo tudo parecia estranho e distante agora, como se fosse um filme, não uma lembrança.

Quando se aproximaram do West Port, vislumbraram a fachada familiar do Pub Lammas através dos arcos de pedra do portão maciço. Esquisito estacou, abruptamente.

— Estou ficando maluco. Não aguento mais, Alex. Vamos sair desse lugar.

Alex não ficou exatamente contrariado com a sugestão.

— Vamos voltar para Dundee, então?

— Não, tive outra ideia. Um dos motivos de eu ter voltado era para confrontar esse tal de Graham Macfadyen sobre as flores. St. Monans não é muito longe daqui, é? Vamos até lá ver o que ele tem a nos dizer.

— Mas estamos no meio do dia. Ele deve estar trabalhando agora — ponderou Alex, apertando o passo para acompanhar Esquisito enquanto se dirigiam de volta ao carro.

— Pelo menos a gente dá uma olhada na casa. E, de repente, conseguimos voltar depois de falarmos com o professor Soanes. — Era inútil discutir com Esquisito quando ele estava daquele jeito, constatou Alex, resignado.

Macfadyen não conseguia descobrir o que estava acontecendo. Estivera de plantão do lado de fora da casa de Gilbey desde as sete da manhã e sentira uma onda de gratidão ao ver os dois saindo de carro. Os parceiros no crime certamente estavam tramando alguma. Seguiu o carro de Gilbey por Fife, até Dundee, e os acompanhou até o Beco Small's. Assim que eles entraram no prédio antigo de arenito, apressou-se atrás deles. A placa na porta dizia: DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA FORENSE, o que fez com que ele parasse. O que será que estavam procurando por lá? Por que estavam naquele lugar?

Fosse lá o que estivessem buscando, não demorou muito. Saíram do prédio uns dez minutos depois. Quase os perdera de vista perto da ponte, mas conseguiu alcançá-los enquanto diminuíam a velocidade, rumo a St. Andrews. Estacionar lá foi difícil e ele acabou tendo que deixar o seu carro bloqueando a garagem de alguém.

Conseguiu acompanhá-los enquanto caminhavam pela cidade. Não pareciam estar com um itinerário definido. Seguiram e voltaram pelos mesmos lugares algumas vezes, atravessando a North Street, a Market Street e a South Street. Por sorte, Mackie era alto o suficiente para destacar-se na rua, de modo que não foi muito difícil seguir a dupla. De repente, Macfadyen percebeu que aquele passeio aparentemente sem objetivo os estava levando cada vez mais perto do West Port. Estavam indo para o Lammas. Tinham a cara de pau de atravessar a porta e revisitar o lugar onde haviam visto a sua mãe pela primeira vez.

Macfadyen sentiu o suor acumulando-se sobre o seu lábio superior, apesar do frio úmido que o maltratava. Os indicativos de culpa multiplicavam-se a cada hora. Se fossem inocentes, teriam ficado bem longe do Lammas, se fossem inocentes e tivessem respeito. Mas a culpa os atraía como um ímã, estava certo disso.

Estava tão perdido em seus pensamentos que quase esbarrou nos dois. Haviam parado sem mais nem menos, no meio da calçada, e ele continuara andando. Com o coração pulando dentro do peito, Macfadyen desviou deles, de cabeça baixa. Abrigou-se sob a marquise de uma loja e olhou para trás, fechando as suas mãos suadas em punho dentro dos bolsos do seu casaco. Não conseguia acreditar no que via. Viraram as costas para o West Port e puseram-se a caminhar de volta pela South Street, na direção contrária.

Quase teve de apressar o passo para não perdê-los de vista, enquanto cruzavam por uma série de vielas e becos. O fato de darem preferência a vias estreitas em vez de ruas mais amplas cheirava a consciência pesada para Macfadyen. Gilbey e Mackie estavam se escondendo do mundo, protegendo-se dos olhares acusadores que imaginavam estar em cada esquina.

Quando conseguiu chegar ao seu carro, eles já estavam a caminho, passando de carro pela catedral. Xingando, Macfadyen sentou-se ao volante e ligou o motor. Estava quase alcançando o carro de Gilbey quando foi vítima do azar. No final da Kinkell Braes, por causa de obras na estrada, somente uma das pistas estava livre e controlada por semáforo. Gilbey avançou bem na hora que o sinal mudou de amarelo para vermelho, como se soubesse que precisava escapar. Se não tivesse nenhum outro veículo entre eles, Macfadyen teria se arriscado e avançado o sinal vermelho. Mas uma van de autopeças estava atravancando o seu caminho. Esmurrou o volante, irado, bufando até o sinal verde aparecer novamente. A van continuou colina acima, com Macfadyen no seu encalço. Mas só conseguiu ultrapassá-la uns bons quilômetros depois. Sabia, no fundo do seu coração, que não tinha mais a menor chance de alcançar a BMW de Gilbey.

Estava à beira das lágrimas. Não fazia a menor ideia do paradeiro dos dois. Nada naquela manhã desorientadora lhe oferecera alguma pista. Pensou em voltar para casa, verificar se tinha alguma novidade nos seus computadores. Mas não fazia muito sentido. Não ia descobrir onde Gilbey e Mackie estavam pela internet.

Só tinha certeza de uma coisa: mais cedo ou mais tarde, eles voltariam a North Queensferry. Xingando-se pela sua patetice, Macfadyen decidiu que o melhor a fazer era voltar para lá.

Quando estava passando pelo desvio que o levaria para a sua casa, Graham Macfadyen viu Esquisito e Alex parados de carro na sua porta.

— Satisfeito? — perguntou Alex.

Esquisito já havia sondado o lugar e batido na porta, sem sucesso. Depois, contornara a casa, olhando pelas janelas. Alex estava convencido de que a polícia ia aparecer a qualquer momento, acionada por algum vizinho enxerido. Mas aquele não era o tipo de lugar onde os moradores passavam o dia inteiro em casa.

— Pelo menos sabemos onde encontrá-lo — disse Esquisito. — Acho que ele mora sozinho.

— Por quê?

Esquisito lançou um olhar que dizia “isso é óbvio” para Alex.

— Nenhum toque feminino, não é?

— Nem unzinho sequer — respondeu Esquisito. — Tudo bem, você tinha razão. Foi uma perda de tempo. — Ele deu uma olhadela para o seu relógio. — Vamos procurar um pub decente e almoçar. E depois, podemos voltar para a simpática Dundee.

37

O professor David Soanes era um homem gorducho. Com as bochechas rosadas, uma auréola de cabelo grisalho encaracolado em volta da careca lustrosa e olhos azuis que chegavam a faiscar, parecia uma versão desconcertante do Papai Noel sem barba. Conduziu Esquisito e Alex por um cubículo minúsculo onde mal cabiam a sua mesa e duas cadeiras para visitas. O cômodo era espartano, sendo a sua única decoração um certificado que proclamava que Soanes era cidadão de Srebrenica. Alex não queria pensar no que ele devia ter feito para merecer aquela honra.

Soanes fez um gesto para que se sentassem e acomodou-se, imprensando a barriga roliça na beirada da mesa. Espremeu os lábios e observou os dois homens sentados à sua frente.

— Fraser disse que os senhores queriam conversar sobre o caso Rosemary Duff — disse ele, após uma longa pausa. A sua voz era tão doce e agradável quanto um pudim de Natal das histórias de Dickens. — Tenho algumas perguntas para fazer antes. — Ele conferiu um pedaço de papel sobre a mesa. — Alex Gilbey e Tom Mackie, não é isso?

— Isso mesmo — respondeu Alex.

— E não são jornalistas?

Alex pescou o seu cartão de visitas e entregou a ele.

— Sou dono de uma empresa que fabrica cartões. Tom é pastor. Não somos jornalistas.

Soanes analisou o cartão, dobrando-o para verificar se a gravação era verdadeira. Suspendeu uma das sobrancelhas cabeludas e grisalhas e perguntou, abruptamente:

— E qual o interesse dos senhores no caso Rosemary Duff?

Esquisito inclinou-se para a frente.

— Somos dois dos quatro sujeitos que encontraram o corpo dela na neve, há vinte e cinco anos. O senhor provavelmente examinou as nossas roupas no seu microscópio.

Soanes entortou levemente a cabeça para o lado. As rugas no canto dos seus olhos estreitaram-se quase imperceptivelmente.

— Isso foi há muito tempo. Por que vieram me procurar agora?

— Achamos que tem alguém atrás da gente — disse Esquisito.

Desta vez, Soanes suspendeu as duas sobrancelhas.

— Agora fiquei perdido. O que isso tem a ver comigo, ou com Rosemary Duff?

Alex pousou a mão no braço de Esquisito.

— Dos quatro que estiveram lá naquela noite, dois já morreram. Morreram nas últimas seis semanas. Ambos assassinados. Eu sei que pode ser mera coincidência. Mas nos dois funerais, encontramos uma coroa de flores e alecrim com os dizeres: Lembrança de Rosemary. Temos motivos para crer que as coroas foram enviadas pelo filho de Rosie Duff.

Soanes franziu a testa.

— Lamento, mas acho que os senhores estão no lugar errado. Deveriam ter procurado a polícia de Fife, que está conduzindo uma revisão de casos não resolvidos, incluindo esse.

Alex balançou a cabeça.

— Já tentei fazer isso. O subchefe de polícia Lawson só faltou me chamar de paranoico. Disse que coincidências como essas acontecem, que eu devia voltar para casa e parar de me preocupar à toa. Mas acho que ele está errado. Acho que alguém está matando a gente porque está convencido de que assassinamos Rosie. E a única maneira de conseguirmos nos safar é descobrindo o verdadeiro assassino.

Uma expressão impenetrável surgiu no rosto de Soanes à menção do nome de Lawson.

— Mesmo assim, continuo sem entender o que os senhores vieram fazer aqui. O meu envolvimento pessoal com esse caso terminou vinte e cinco anos atrás.

— Viemos porque eles perderam as provas — interrompeu Esquisito, incapaz de ficar muito tempo sem ouvir o som da sua própria voz.

— O senhor deve estar enganado. Testamos uma peça recentemente. E o exame de DNA deu negativo.

— Vocês só têm o cardigã — disse Alex. — Mas o mais importante, as roupas com marcas de sangue e sêmen, eles perderam.

Não havia como duvidar do interesse crescente de Soanes.

— Eles perderam as provas originais?

— Foi o que Lawson me disse — confirmou Alex.

Soanes balançou a cabeça, impressionado.

— Mas que horror — disse ele. — Ainda que não seja de se admirar, sob um comando desses. — A sua testa se enrugou em uma careta de desaprovação. Alex se perguntava o que mais a polícia de Fife havia feito para deixar aquela impressão negativa em Soanes. — Bom, sem a principal prova, não sei o que os

senhores acham que posso fazer para ajudá-los.

Alex respirou profundamente.

— Sei que o senhor fez o relatório original do caso. E também sei que os peritos forenses nem sempre incluem todos os detalhes nos seus laudos. Imagino se havia alguma coisa que o senhor por acaso tenha deixado de fora naquela época. Estou pensando principalmente em vestígios de tinta. Porque a única coisa que eles não perderam foi o cardigã. E depois que o encontraram, voltaram para colher mais amostras de tinta na nossa casa.

— E por que eu haveria de contar alguma coisa a esse respeito aos senhores, isto é, supondo que houvesse algo para contar? Seria um procedimento altamente irregular. Afinal de contas, para todos os efeitos, vocês eram suspeitos.

— Éramos testemunhas, não suspeitos — disse Esquisito, irritado. — E o senhor tem que nos ajudar, senão vamos acabar assassinados e o senhor vai penar para acertar as contas com Deus e com a sua consciência.

— E porque cientistas devem se importar com a verdade — acrescentou Alex. *Hora de correr riscos,* pensou ele. — E eu tenho a impressão de que o senhor tem a verdade como sua circunscrição. Ao contrário da polícia, que normalmente só se preocupa em obter resultados.

Soanes apoiou um cotovelo na mesa e apertou o lábio inferior com os dedos, revelando a sua úmida carnosidade interior. Olhou para eles como se os estivesse avaliando, longa e firmemente. Então, levantou-se decidido e consultou o arquivo, que era o único acessório na sua mesa. Passou os olhos nas fichas e depois levantou a cabeça e encontrou os olhos ansiosos dos dois.

— O meu laudo versou principalmente sobre sangue e sêmen. O sangue era de Rosie Duff, o sêmen supostamente pertencia ao assassino. Como o sujeito que depositou o sêmen era um secretor, conseguimos determinar o seu grupo sanguíneo. — Ele folheou algumas páginas. — Encontramos também evidência de fibras. Um carpete industrial marrom, vagabundo, e algumas fibras de um carpete cinzento, usado por vários fabricantes de veículos em carros de médio porte. Alguns vestígios de pelo de cachorro, de um springer spaniel que pertencia ao dono do pub onde Rosie trabalhava. Tudo isso foi mencionado no meu laudo.

Ele percebeu o olhar de decepção nos olhos de Alex e deu um sorrisinho.

— Agora, vêm as minhas anotações.

Apanhou um bloco de anotações escritas a mão. Ele apertou os olhos por uns segundos, depois tirou uns óculos de leitura com armação dourada do bolso do casaco e os encaixou sobre o nariz.

— Minha letra sempre foi terrível — disse ele, secamente. — Não leio isso aqui há anos. Deixe-me ver... sangue... sêmen... lama. — Virou algumas páginas,

cobertas por uma letra minúscula e firme. — Pelos... Aqui está. Tinta. — Bateu com o dedo na página e olhou para eles. — O que os senhores sabem sobre tinta?

— Emulsão para as paredes, verniz para madeira — disse Esquisito. — É tudo o que sei sobre tinta.

Soanes sorriu, pela primeira vez.

— A tinta é composta de três elementos principais. Tem o condutor, que normalmente é uma espécie de polímero. Basicamente, é aquela camada grossa que gruda no macacão se a gente não limpar na mesma hora. Tem o solvente, que normalmente é um líquido orgânico. O condutor é dissolvido no solvente para criar uma massa com uma consistência apropriada para um pincel ou um rolo. Geralmente, o solvente não tem nenhuma significância forense porque já evaporou há muito tempo. Finalmente, tem o pigmento, que é o que dá cor. Entre os pigmentos mais usados estão o dióxido de titânio e o óxido de zinco para o branco, a fitalocianina para o azul, o cromato de zinco para o amarelo e o óxido de ferro para o vermelho. Mas cada demão de tinta tem a sua própria assinatura microscópica. Então, é possível analisar uma mancha de tinta e dizer o seu tipo. Existem bibliotecas inteiras de amostras de tinta, para que possamos comparar com amostras individuais. E, é claro, além da tinta em si, analisamos a mancha. É um respingo? É uma gota? É uma raspa? — Ele levantou o dedo. — Antes que me perguntem mais alguma coisa, quero deixar claro que não sou especialista neste assunto.

— Mas podia ter me enganado direitinho — respondeu Esquisito. — E então, o que dizem as suas anotações a respeito da tinta no cardigã de Rosie?

— O seu amigo gosta de ir direto ao assunto, não é? — perguntou Soanes, felizmente mais divertido do que irritado.

— Sabemos como o tempo do senhor é precioso, só isso — respondeu Alex, contendo o riso diante da sua desculpa aduladora.

Soanes voltou para as suas anotações.

— Isso é verdade — disse ele. — A tinta em questão era um esmalte poliuretano alifático azul-claro. O que normalmente não é uma tinta caseira, e sim uma tinta usada em barcos, ou algo feito de fibra de vidro. Não tivemos nenhum resultado direto, embora a amostra se parecesse bastante com algumas tintas de barco no nosso banco de dados. Mas o mais interesse era o perfil das gotas. Elas tinham a forma de lágrimas minúsculas.

Alex franziu o cenho.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer que a tinta não estava molhada quando grudou na roupa dela. Eram gotículas bem pequenininhas de tinta seca, que sem dúvida foram

transferidas para a roupa de Rosie de uma superfície onde ela esteve deitada. Provavelmente um carpete.

— Então alguém andou pintando alguma coisa no local onde ela esteve deitada? E a tinta respingou no carpete? — perguntou Esquisito.

— Tenho quase certeza. Mas voltando ao formato curioso. Se uma tinta pinga de um pincel, ou mancha um carpete, as gotículas não teriam aquele formato. E todas as gotas que analisamos nesse caso possuíam o mesmo perfil.

— Por que o senhor não incluiu estas observações no seu laudo? — perguntou Alex.

— Porque não conseguimos explicá-las. É muito temeroso para a acusação ter um profissional como testemunha dizendo "Eu não sei" em pleno tribunal. Um bom advogado de defesa deixaria as perguntas sobre a tinta para o final, para que a última coisa que ficasse na lembrança do júri fosse o meu chefe balançando a cabeça e admitindo não saber as respostas. — Soanes guardou os seus papéis de volta na pasta. — Então, deixamos de fora.

Alex se preparou para fazer a pergunta mais importante de todas:

— Se o senhor analisasse esta prova novamente, poderia conseguir um resultado diferente?

Soanes encarou-o por trás dos óculos.

— Eu, pessoalmente, não. Mas um especialista forense em tinta poderia oferecer uma análise mais proveitosa, sim. Mas as chances de vocês encontrarem um resultado vinte e cinco anos depois são escassas.

— Isso é problema nosso — rebateu Esquisito. — O senhor pode tentar? O senhor vai tentar?

Soanes balançou a cabeça.

— Como eu disse, estou longe de ser um especialista nessa área. E, mesmo que eu fosse, não poderia autorizar testes sem um requerimento da polícia de Fife. E eles não solicitaram testes na tinta. — Ele fechou a pasta com um ar de conclusão.

— Por que não? — indagou Esquisito.

— Acho que devem ter considerado uma perda de dinheiro. Como eu disse, as chances de chegarmos a um resultado a estas alturas são ínfimas.

Alex arriou-se na cadeira, desanimado.

— E eu não vou conseguir convencer Lawson a mudar de ideia. Que maravilha. Acho que o senhor acabou de assinar a minha sentença de morte.

— Eu não disse que é impossível fazer os testes — disse Soanes, gentil. — Eu disse que eles não podem ser feitos aqui.

— Mas como vamos fazer os testes em outro lugar? — perguntou Esquisito, irritado. — Ninguém tem as tais amostras.

Soanes apertou os lábios com os dedos novamente. Então, suspirou.

— Não temos nenhuma amostra biológica. Mas ainda temos a tinta. Eu verifiquei antes de receber os senhores. — Ele tornou a abrir a pasta e apanhou uma embalagem plástica com alguns compartimentos. Dentro deles, uma dúzia de slides microscópicos. Soanes retirou três e os alinhou sobre a mesa. Alex olhou para eles, ansioso. Não conseguia acreditar no que via. As manchinhas de tinta eram como minúsculos grãos de uma cinza de cigarro azulada.

— Alguém pode analisar isso? — perguntou ele, tentando controlar o seu entusiasmo.

— É claro — respondeu Soanes. Ele apanhou uma sacola de papel da sua gaveta e colocou sobre os slides, empurrando-os para Alex e Esquisito. — Levem estes. Nós temos outros que podemos analisar, se der em alguma coisa. Os senhores vão ter que assinar um documento, é claro.

Esquisito deslizou a mão sobre a mesa e pegou os slides. Colocou-os delicadamente no saco e depois jogou-os no bolso.

— Obrigado — disse ele. — Onde é que eu tenho que assinar?

Enquanto Esquisito rabiscava o seu nome em uma ficha de registro, Alex olhava intrigado para Soanes.

— Por que o senhor está fazendo isso? — perguntou ele.

Soanes tirou os óculos e os guardou, cuidadosamente.

— Porque eu detesto enigmas que não são desvendados — respondeu ele, ficando de pé. — Quase tanto quanto detesto trabalho policial malfeito. E depois, detestaria ter as mortes de vocês dois pesando na minha consciência, caso a sua teoria esteja realmente correta.

— Ei, o que você está fazendo? — perguntou Esquisito quando Alex, ao chegar nos arredores de Glenrothes, ligou a seta para a direita.

— Quero falar com Lawson o lance de Macfadyen ter mandado as coroas. E quero tentar convencê-lo a fazer com que Soanes analise as amostras que ele tem novamente.

— Perda de tempo — resmungou Esquisito.

— Melhor do que voltar para St. Monans e bater na porta de uma casa vazia.

Esquisito não disse mais nada, deixando Alex ir até a central da polícia. Na recepção, Alex pediu para falar com Lawson.

— É um assunto relacionado ao caso Rosemary Duff — explicou ele. Foram direcionados a uma sala de espera, onde ficaram sentados observando pôsteres sobre besouros, pessoas desaparecidas e violência doméstica. — É

impressionante como a gente se sente culpado, só de sentar aqui — comentou Alex.

— Eu não me sinto, não — retrucou Esquisito. — Mas também, eu presto contas a uma autoridade superior.

Após alguns minutos, uma mulher troncuda caminhou na direção deles.

— Eu sou a detetive Pirie — disse ela. — Lamento informar, mas o subchefe Lawson não está disponível no momento. Mas eu sou a oficial encarregada do caso Rosemary Duff.

Alex balançou a cabeça.

— Quero falar com Lawson. Vou esperar.

— Sinto muito, mas não vai ser possível. Ele vai ficar fora por alguns dias.

— O chefe foi pescar — disse Esquisito, irônico.

Karen Pirie, pega de surpresa, disse:

— Pois é, foi mesmo. No lago... — entregou ela, antes de perceber a gafe.

Esquisito pareceu mais surpreso do que ela.

— Sério? Eu estava só brincando.

Karen tentou disfarçar a sua confusão.

— O senhor é Gilbey, não é isso? — perguntou ela, olhando concentrada para Alex.

— Sim, sou eu. Como a senhora...?

— Vi o senhor no funeral do Dr. Kerr. Sinto muito pela sua perda.

— É por isso que estamos aqui — disse Esquisito. — Achamos que a mesma pessoa que matou David Kerr está planejando acabar com a gente também.

Karen respirou profundamente.

— O subchefe Lawson comentou comigo sobre o encontro com o Sr. Gilbey. E, como ele disse para o senhor — continuou ela, olhando para Alex —, são temores que não têm nenhum fundamento.

Esquisito bufou, exasperado.

— Ah, é? E se disséssemos à senhora que quem enviou as coroas foi Graham Macfadyen?

— Coroas? — perguntou Karen, desnorteada.

— A senhora não acabou de dizer que Lawson contou sobre o encontro com Alex? — desafiou Esquisito.

Alex interveio, imaginando por um momento como os pecadores conseguiam aturar Esquisito. Ele contou a Karen sobre os misteriosos arranjos de flores e ficou agradecido ao constatar que ela começava a levá-lo a sério.

— É, tenho que admitir que é uma coisa muita estranha mesmo. Mas não quer dizer que o Sr. Macfadyen esteja por aí matando pessoas.

— De que outro modo ele ficaria sabendo das mortes? — perguntou Alex, buscando sinceramente uma resposta.

— Esta é a questão, não é? — perguntou Esquisito.

— Ele pode ter lido a respeito nos jornais. A morte do Dr. Kerr foi amplamente divulgada. E imagino que não deve ter sido muito difícil ficar sabendo do Sr. Malkiewicz também. A internet tornou o mundo bem pequeno.

Alex experimentou a mesma sensação de desânimo novamente. Por que as pessoas resistiam tanto para enxergar algo que lhe parecia tão claro?

— Mas por que ele mandaria as coroas, a não ser que achasse que somos os responsáveis pela morte da mãe?

— Uma coisa é achar que vocês são culpados, outra é assassinato — ponderou Karen. — Entendo que o senhor esteja se sentindo pressionado. Mas, pelo que me contou, não há nenhum indício de que esteja correndo perigo.

Esquisito estava apoplético.

— Quantos de nós precisam morrer para que vocês comecem a nos levar a sério?

— Alguém ameaçou os senhores?

Esquisito lançou um olhar mal-humorado.

— Não.

— Alguém andou ligando e desligando para a casa de vocês?

— Não.

— Notaram alguém rondando a sua casa?

Esquisito olhou para Alex, que balançou a cabeça em um gesto negativo.

— Então, sinto muito, não tem nada que eu possa fazer.

— Tem, sim — disse Alex. — A senhora pode solicitar uma nova análise da tinta encontrada no cardigã de Rosie Duff.

Karen arregalou os olhos, surpresa.

— Como é que o senhor sabe da tinta?

A voz de Alex tinha um quê de frustração.

— Éramos testemunhas. Suspeitos, para todos os efeitos. Acha que não percebemos quando os seus colegas rasparam as nossas paredes e colaram fitas adesivas no nosso carpete? E então, detetive Pirie? Que tal tentar descobrir de verdade quem matou Rosie Duff?

Incomodada por aquelas palavras, Karen empertigou-se.

— É exatamente o que eu tenho feito nos últimos meses, senhor. E a opinião oficial é de que uma análise da tinta não valeria a pena em termos de custo e benefício, devido à possibilidade remota de chegarmos a alguma conclusão depois de tanto tempo.

A raiva que Alex estava contendo há dias subitamente veio à tona.

— Não valeria a pena? Se existe alguma possibilidade, por menor que seja, vocês deviam ir atrás dela — gritou ele. — Até parece que vocês têm outros testes caros para fazer. Ainda mais agora que perderam a única prova que poderia finalmente limpar os nossos nomes. A senhora tem ideia do que as pessoas fizeram conosco naquela época, por causa da incompetência da polícia? Vocês estragaram a nossa vida. Ele levou uma surra — Alex apontou para Esquisito. — Ziggy foi jogado dentro da Masmorra da Garrafa. Podia ter morrido. Mondo tentou se matar e Barney Maclennan morreu por causa disso. E se Jimmy Lawson não tivesse aparecido na hora certa, eu teria sido espancado também. Então, não me venha com esse papo de custo e benefício. Limite-se a fazer o seu maldito trabalho. — Alex virou-se e foi embora.

Esquisito continuou parado no mesmo lugar, olhando fixamente para Karen Pirie.

— Você ouviu o que ele disse — alertou ele. — Diga a Jimmy Lawson para puxar o anzol e manter a gente vivo.

38

James Lawson abriu o ventre e mergulhou as mãos na cavidade, segurando as entranhas escorregadias. Crispou os lábios em um esgar de nojo, sentindo o deslizar dos órgãos vitais contra a sua pele — um acinte à sua personalidade basicamente rabugenta. Removeu as tripas, certificando-se de que o sangue e o muco não avançassem o limite imposto pelas folhas de jornal que ele estendera. Então, juntou a truta com as outras três que havia pescado naquela tarde.

Nada mau para aquela época do ano, pensou ele. Talvez fritasse umas duas para o chá e guardasse as outras no pequeno frigobar do trailer. Dariam um bom café da manhã, antes de partir para o trabalho no dia seguinte. Levantou-se e ligou a bomba que fornecia água gelada para a pequena pia. Da próxima vez que viesse ao seu esconderijo no lago Leven, precisava trazer algumas garrafas de cinco litros sobressalentes. Esvaziara a última no tanque naquela manhã, e embora pudesse sempre contar com o fazendeiro local que alugava a área para ele em uma emergência, não gostava de abusar da sua boa vontade. Levara o seu trailer para aquele local havia vinte anos e jamais incomodara o fazendeiro. Preferia assim. Só ele, o rádio e uma pilha de romances policiais. Um lugar privativo, para fugir das pressões do trabalho e da vida doméstica, um lugar para renovar as suas energias.

Abriu uma lata de batatas, escorreu a água e começou a cortá-las. Enquanto esperava a frigideira aquecer o suficiente para colocar o peixe e as batatas, embrulhou as tripas no jornal e jogou tudo em um saco plástico. Após a refeição, adicionaria a pele e as espinhas no saco, daria um nó bem firme e deixaria nos degraus do trailer, para que fosse recolhido pela manhã. Não havia nada pior do que ter de dormir com o fedor dos restos do seu jantar.

Lawson colocou um naco de manteiga na frigideira, esperou derreter e então adicionou as batatas. Foi virando as que começavam a pegar cor e cuidadosamente colocou as duas trutas na frigideira, adicionando um toque de limão espremido. O som familiar da fritura estalando o animou, o cheiro era a promessa do que estava por vir. Quando ficou pronto, transferiu para um prato e sentou-se à mesa para curtir o seu jantar. O momento não podia ser mais perfeito; o tema familiar do seriado *The Archers* começou a tocar no rádio assim que ele deslizou a faca na superfície crocante da primeira truta.

Estava na metade da refeição quando ouviu algo que não deveria ouvir. A

porta de um carro batendo. O rádio ocultara o som do motor se aproximando, mas o barulho da porta foi alto o suficiente para se impor ao som da novela radiofônica. Lawson ficou momentaneamente paralisado, depois pegou o rádio e o desligou, concentrando-se para tentar ouvir alguma coisa lá de fora. Quase imperceptivelmente, abriu uma fresta da cortina. Próximo ao portão do campo, conseguiu distinguir o formato de um carro de tamanho pequeno ou médio. Talvez um Golf, um Astra ou um Focus. Era difícil ser mais preciso naquela escuridão. Observou a distância entre o portão e o seu trailer. Nenhum movimento.

A batida na porta fez o seu coração pular dentro do peito. Quem diabos estava lá fora? Pelo que sabia, as únicas pessoas que conheciam a localização do seu recanto de pesca eram o fazendeiro e a sua esposa. Nunca levara colegas ou amigos lá. Quando saíam para pescar, ele preferia encontrá-los no litoral, de barco, determinado a manter a sua privacidade.

— Um momento — gritou ele, levantando-se e caminhando em direção à porta, parando apenas para pegar a sua faca afiada de destrinchar peixes. Diversos criminosos poderiam achar que tinham contas a acertar e ele não seria pego desprevenido. Mantendo um dos pés atrás da porta, ele abriu uma fresta da porta.

Na nesga de luz que banhou os degraus, estava Graham Macfadyen. Lawson demorou alguns segundos para reconhecê-lo. Perdera peso desde a última vez em que haviam se encontrado. Os seus olhos queimavam febris sobre bochechas esquálidas e o seu cabelo estava escorrido e oleoso.

— Que diabos você está fazendo aqui? — perguntou Lawson.

— Preciso falar com você. Disseram que você tinha tirado uns dias de folga, então imaginei que estivesse aqui. — O tom de Macfadyen era prosaico, como se o fato de um civil bater na porta do trailer de pesca do subchefe de polícia fosse uma coisa absolutamente normal.

— Como foi que você me localizou aqui? — indagou Lawson, a ansiedade transformando-se em raiva.

Macfadyen deu de ombros.

— Hoje em dia, a gente acha tudo o que quiser. Você deu uma entrevista para o *Fife Record* na última vez em que foi promovido. Está no site deles. Você disse que gostava de pescar e que tinha um cantinho no lago Leven. Nem todos os caminhos desembocam na beira-mar. Dirigi até localizar o seu carro.

Havia algo nos seus modos que fez Lawson gelar até os ossos.

— Isto não é apropriado — disse ele. — Se você quer discutir assuntos de trabalho, procure-me no escritório.

Macfadyen parecia contrariado.

— O assunto é importante, não posso esperar. E não vou falar com outra pessoa, você entende a minha situação, só posso falar com você mesmo. Então por que não me escutar? Você precisa escutar, só eu posso te ajudar.

Lawson começou a fechar a porta, mas Macfadyen levantou a mão e a empurrou.

— Vou ficar aqui do lado de fora gritando se você não me deixar entrar — ameaçou ele. O seu tom de voz neutro não combinava em nada com a sua expressão determinada.

Lawson pesou os prós e os contras. Macfadyen não lhe parecia um tipo violento. Não era possível ter certeza absoluta. De qualquer maneira, estava com a faca, caso alguma coisa acontecesse. Era melhor ouvir o que ele tinha a dizer e ficar logo livre. Abriu a porta e recuou, sem virar as costas para a sua visita desagradável.

Macfadyen o seguiu para dentro do trailer. Em uma transtornada perversão do discurso normal, ele sorriu e comentou:

— Como é aconchegante aqui. — Então, o seu olhar recaiu sobre a mesa e ele ensaiou um pedido de desculpas. — Vejo que atrapalhei o seu lanche. Sinto muito.

— Tudo bem — mentiu Lawson. — O que é que você tem para me dizer?

— Eles estão se reunindo. Estão querendo ficar juntos para tentar evitar o destino que lhes espera.

— Quem está se reunindo? — perguntou Lawson.

Macfadyen suspirou, como se estivesse frustrado por estar lidando com um estagiário pateta.

— Os assassinos da minha mãe — disse ele. — Mackie está de volta. Está morando com Gilbey. É a única maneira de se sentirem seguros. Mas estão enganados, é claro. Isso não irá protegê-los. Jamais acreditei em destino, mas é a única maneira de descrever o que está acontecendo com o quarteto ultimamente. E Gilbey e Mackie devem estar sentindo a mesma coisa. Devem estar percebendo que o tempo deles está chegando ao fim, assim como chegou ao fim para os seus amigos. E obviamente está. A não ser que paguem o preço. E reunirem-se assim é como uma confissão. Você tem que enxergar isso.

— Você pode até estar certo — disse Lawson, tentando uma conciliação. — Mas este não é o tipo de confissão que funciona em um tribunal.

— Eu sei disso — respondeu Macfadyen, impaciente. — Mas eles não podiam estar mais vulneráveis. Estão com medo. Está na hora de usarmos esta fraqueza para criar uma desavença entre eles. Tenho observado os dois. Podem surtar a qualquer momento.

— Não temos nenhuma prova — disse Lawson.

— Eles vão confessar. Que outra prova você precisa? — Macfadyen não tirava os olhos do policial.

— As pessoas tendem a pensar assim. Mas pela lei escocesa, uma confissão por si só não é suficiente para condenar uma pessoa. Precisamos de provas corroborativas.

— Mas isso não está certo — protestou Macfadyen.

— É a lei.

— Você tem que fazer alguma coisa. Faça com que eles confessem e depois encontre uma prova para fundamentar a acusação no tribunal. Afinal de contas, é o seu trabalho — disse Macfadyen, levantando a voz.

Lawson balançou a cabeça.

— Não é assim que as coisas funcionam. Olha, prometo que vou procurar Mackie e Gilbey. Mas não posso fazer mais nada.

Macfadyen fechou a mão direita em um punho.

— Você não se importa, não é mesmo? Ninguém se importa.

— Me importo, sim — disse Lawson. — Mas tenho que agir dentro da lei. E o senhor também.

Macfadyen produziu um som estranho no fundo da garganta, como um cão engasgado com um osso de galinha.

— Esperava que você me compreendesse — disse ele friamente, segurando a maçaneta e abrindo a porta, que se escancarou em um solavanco e bateu contra a parede.

E então ele partiu, engolido pela escuridão da noite. Um frio úmido invadiu o calor aconchegante do trailer, abafando o cheiro rançoso de comida e o substituindo pelo odor penetrante do pântano. Lawson continuou parado na porta, mesmo depois de o carro de Macfadyen ter partido erraticamente pela estrada, e os seus olhos eram como duas poças negras de preocupação.

Lynn foi o passaporte deles para Jason McAllister. E ela não estava disposta a deixar Davina com ninguém, nem mesmo com Alex. Por isso, o que deveria ser uma corriqueira viagem matinal pela Ponte de Allan transformou-se em uma operação complexa. Era incrível o que precisava acompanhar um bebê, pensou Alex enquanto fazia a sua terceira e última viagem até o carro, carregando encurvado a cadeirinha e Davina. Carrinho, bolsa com fraldas, lenços, babadores, duas mudas de roupa, só por precaução. Mantas sobressalentes, só por precaução. Um blusão limpo para Lynn, porque nem sempre o bebê golfava no babador. O canguru. Era de admirar que não tivesse arrumado um espaço no carro para colocar a pia da cozinha também.

Afivelou o cinto de segurança sobre a cadeirinha e testou para ver se estava seguro. Nunca se preocupara com a firmeza dos cintos de segurança antes, mas agora se pegava questionando se eles eram de fato confiáveis em caso de batida. Inclinou-se para dentro do carro, ajeitou o chapeuzinho de Davina e beijou a sua filha adormecida. Conteve a respiração, apreensivo, ao ver que ela se mexia. Que ela não vá chorando durante o caminho todo, pediu ele. Não saberia lidar com a culpa.

Lynn e Esquisito juntaram-se a ele e os três entraram no carro. Alguns minutos depois, já estavam na autoestrada. Esquisito deu um tapinha no ombro de Alex.

— Dá para andar mais rápido do que quarenta quilômetros por hora aqui, sabia? — disse ele. — Vamos nos atrasar.

Contendo a preocupação com a sua carga valiosa, Alex acelerou, obediente. Estava tão ansioso quanto Esquisito para dar prosseguimento àquela investigação. E Jason McAllister parecia ser a pessoa perfeita para ajudá-los a alcançar a próxima etapa. O trabalho de Lynn como restauradora de pinturas para as galerias escocesas fez com que ela se tornasse uma especialista no tipo de tinta usado pelos artistas de diferentes períodos. E exigiu também que ela arrumasse um outro especialista para analisar as amostras do original, para que ela pudesse ser o mais precisa possível. E, além disso, às vezes a autenticidade de uma determinada obra de arte era duvidosa. Então as amostras de tinta tinham de ser avaliadas para verificar se faziam parte do período em questão e se eram compatíveis com os materiais usados pelo mesmo pintor em outros trabalhos, nos quais a procedência era inquestionável. O sujeito que ela encontrou para auxiliá-la na parte científica de suas investigações foi Jason McAllister.

Ele trabalhava em um laboratório forense particular, próximo à Universidade de Stirling. Passara a maior parte da sua vida profissional analisando fragmentos de tinta de acidentes na estrada, ou para a polícia, ou para seguradoras. Ocasionalmente, distraía-se com um caso de homicídio, estupro ou lesão corporal grave, mas estas ocasiões eram raras demais para os talentos variados de Jason.

Na inauguração de uma exposição de Poussin, ele procurou Lynn e contou a ela que era apaixonado por pintura. No início, ela achou aquele jovem nerd meio pretensioso, querendo mostrar intimidade com a arte. Depois, percebeu que ele estava realmente falando a verdade. Nada mais, nada menos. O que o entusiasmava não era o que estava representado na tela; era a estrutura do material usado para produzi-la. Ele lhe deu o seu cartão e fez com que ela prometesse que ia entrar em contato da próxima vez que tivesse um problema. Garantiu diversas vezes que era melhor do que a pessoa que estava trabalhando

para ela, independentemente de quem fosse.

Jason deu sorte naquela noite. Lynn estava enjoada do sujeito bobão e pomposo com quem fora forçada a trabalhar anteriormente. Ele era um daqueles tipos da antiga de Edimburgo, que não conseguiam deixar de tratar as mulheres com condescendência. Ainda que o seu cargo fosse de técnico de laboratório, tratava Lynn como se ela fosse uma subordinada, cuja opinião não tinha a menor relevância. Com uma restauração importante à frente, Lynn estava sofrendo com a ideia de ter de trabalhar com ele novamente. Jason parecia um presente dos deuses. Desde o início, ele não a subestimou. Pelo contrário, o problema parecia ser justamente o oposto. Ele tinha a mania de achar que estavam no mesmo patamar e Lynn perdeu a conta das vezes que teve de pedir para ele ir com calma e falar em um idioma que ela compreendesse. Mas mesmo assim, preferia isso a ser julgada como inferior.

Quando Alex e Esquisito chegaram em casa com um saco com amostras de tinta, Lynn passou dez minutos ao telefone com Jason. Como ela já imaginava, ele agiu como uma criança que acaba de saber que vai passar as férias na Disneylândia.

— Tenho uma reunião bem cedo, mas consigo me liberar lá pelas dez.

Conforme Alex havia sugerido, ela tentou informar que pagariam pelo seu serviço por fora. Mas ele descartou a oferta.

— Para que servem os amigos? — ponderou ele. — Além do mais, estou de saco cheio de tinta de carro. Você vai me salvar de uma morte por tédio. Traz isso logo, mulher!

O laboratório ficava em um prédio surpreendentemente moderno e bonito, que ocupava o seu próprio terreno na rua, com a fachada de tijolos marrons. As janelas eram altas e todos os ângulos de aproximação eram monitorados com câmeras de segurança. Tiveram de ultrapassar duas portas antes de chegar à recepção.

— Já estive em presídios menos seguros do que isso aqui — comentou Esquisito. — O que eles fazem, afinal? Fabricam armas de destruição em massa?

— Prestam serviços forenses para a Coroa, como autônomos. E para a Defensoria também — explicou Lynn enquanto esperavam por Jason. — Então, precisam demonstrar que qualquer prova sob seus cuidados será armazenada com segurança.

— Quer dizer que fazem exames de DNA e tudo? — perguntou Alex.

— Por quê? Está em dúvida sobre a sua paternidade? — brincou Lynn.

— Quando ela se transformar em uma adolescente infernal a gente conversa — disse Alex. — Não, só estou curioso.

— Fazem DNA, exames de fios de cabelo, fibras e tintas — disse Lynn.

Enquanto ela falava, um sujeito parrudo se aproximou e pousou a mão em seu ombro.

— Você trouxe o bebê — disse ele, inclinando-se para olhar dentro do carrinho. — Ei, ela é linda. — Ele abriu um sorriso para Lynn. — A maioria dos bebês dá a impressão de que um cachorro sentou no rosto deles. Mas ela parece uma pessoa de verdade, só que bem pequenininha. — Ele ergueu-se. — Eu sou o Jason — disse ele, olhando indeciso para Esquisito e Alex.

Os dois se apresentaram. Alex observou a camisa do time Stirling Albion, a calça cargo com os bolsos abarrotados e os cabelos arrepiados, cujas pontas exibiam um tom de loiro nada natural. Julgando pela aparência, Jason parecia um daqueles sujeitos que ficavam bem à vontade em um pub, com uma garrafa de cerveja cara na mão. Mas os seus olhos eram atentos e observadores e o seu corpo calmo e controlado.

— Venham comigo — instruiu Jason. — Deixe-me levar o bebê — acrescentou ele, apanhando o carrinho. — Ela é uma princesinha.

— Você talvez não dissesse isso às três da manhã — disse Lynn, obviamente coruja.

— Talvez não. A propósito, sinto muito pelo seu irmão — disse ele, olhando de esguelha para Lynn, desconfortável. — Deve ter sido horrível.

— Não tem sido fácil mesmo — disse ela, enquanto seguiam Jason por um corredor estreito, com as paredes pintadas de azul-claro. Ao fim do corredor, Jason os conduziu por um laboratório impressionante. Equipamentos misteriosos reluziam por todos os cantos. As bancadas eram impecáveis e arrumadas e o técnico que analisava algo que Alex imaginou ser um microscópio futurista não mexeu um músculo quando eles entraram.

— Parece que estou contaminando o lugar só com a minha respiração — comentou ele.

— Com tinta é bem mais tranquilo — disse Jason. — Se eu trabalhasse com DNA, você não poderia nem estar aqui. Então, expliquem exatamente o que vocês trouxeram para mim.

Alex resumiu a conversa que haviam tido com Soanes na véspera.

— Soanes não acha que temos muita chance de encontrar um resultado para a tinta, mas talvez você possa descobrir alguma coisa pelo formato dos pingos — acrescentou ele.

Jason analisou os slides.

— Parece que foram bem conservados, o que com certeza ajuda.

— O que você vai fazer com eles? — perguntou Esquisito.

Lynn resmungou.

— Você não devia ter perguntado isso.

Jason achou graça.

— Ignore Lynn, ela adora fingir que é ignorante. Temos diversas técnicas para analisar o condutor e o pigmento. E também usamos a microespectrofotometria para determinar a cor, para podermos definir de forma mais acurada a composição das amostras de tinta. Espectrometria infravermelha por transformação de Fourier, Cromatografia a gás e Microscopia eletrônica de varredura. Coisas assim.

Esquisito estava atordoado.

— E para que serve cada uma dessas? — perguntou Alex.

— Várias coisas. Se for um fragmento, podemos saber de que tipo de superfície ele veio. Com tinta de carro, analisamos as diferentes camadas e possuímos um banco de dados para consulta, onde descobrimos a marca, o modelo e o ano de fabricação. Com gotículas, é possível fazer basicamente a mesma coisa, a não ser os detalhes de superfície, uma vez que a tinta jamais esteve sobre ela.

— Quanto tempo isso demora? — perguntou Esquisito. — É que estamos com um pouquinho de pressa.

— Vou levar o tempo necessário. Talvez uns dois dias. Vou tentar ser o mais rápido possível. Mas não quero fazer nada menos do que um trabalho perfeito. Se vocês estiverem certos, existe a possibilidade de pararmos no tribunal dando o nosso testemunho e eu não quero fazer um trabalho porco. Vou fazer um recibo, atestando que apanhei as amostras com vocês, por precaução. Vai que alguém resolve dizer o contrário mais para a frente...

— Obrigada, Jason — disse Lynn. — Estou te devendo uma.

Ele sorriu.

— Eu realmente gosto disso em uma mulher.

39

Jackie Donaldson já havia escrito sobre aquela batida na porta de madrugada, a escolta até a viatura de prontidão na rua, o percurso por ruas desertas e a terrivelmente enervante espera em uma sala confinada que recendia a outras pessoas. Nunca lhe passara pela cabeça que um dia estaria de fato vivenciando aquela situação, e não escrevendo sobre ela.

Acordou com o barulho do interfone. Olhou a hora — 03:47 — e dirigiu-se trôpega de sono até o aparelho, vestindo o robe. Quando o detetive-inspetor Darren Heggie se anunciou, primeiro ela pensou que algo terrível tivesse acontecido com Hélène. Não conseguia entender por que ele queria subir àquela hora da madrugada. Mas Jackie não discutiu. Sabia que seria uma perda de tempo.

Heggie adentrou no seu flat com uma mulher vestida à paisana e dois policiais uniformizados, que permaneceram na retaguarda, levemente desconfortáveis. Heggie não perdeu tempo com conversa fiada.

— Jacqueline Donaldson, estou detendo você por suspeita de conspiração para um homicídio. Você poderá ficar detida por um período de até seis horas sem prisão e tem direito de entrar em contato com um advogado. Não precisa dizer nada, além do seu nome e do seu endereço. Você compreende o motivo da sua detenção?

Ela deu um sorrisinho debochado.

— Compreendo que o senhor tem todo o direito de fazer o que está fazendo. Mas não entendo *por que* está fazendo.

Jackie não simpatizara com Heggie de cara. O seu queixo pontudo, os olhos estreitos, o corte de cabelo ultrapassado, o terno barato e o andar pretensioso. Mas ele havia agido de maneira educada, quase laudatória, nos seus encontros anteriores. Naquele dia, porém, ele adotara uma eficiência brusca.

— Por favor, troque de roupa. A policial ficará com você. Estamos esperando lá fora. — Heggie deu as costas e enxotou os policiais escada abaixo.

Determinada a não demonstrar o seu constrangimento, Jackie voltou para o local do loft onde ficava a sua cama. Apanhou a primeira camiseta que viu, um casaco na gaveta e recolheu a calça jeans das costas de uma cadeira. Então, mudou de ideia. Se as coisas piorassem, havia a possibilidade de ter de se apresentar a um juiz antes de poder trocar de roupa. Vasculhou o fundo do

armário, em busca do seu único terno decente. Jackie deu as costas para a policial, que se recusava a tirar os olhos dela, e se vestiu.

— Preciso ir ao banheiro — disse ela.

— Você tem que deixar a porta aberta — retrucou a mulher, impassível.

— Você acha que eu vou tomar um pico ou algo assim?

— É para a sua própria proteção — respondeu ela com enfado.

Jackie fez o que tinha de fazer e depois ajeitou o cabelo para trás, molhando-o com água gelada. Olhou-se no espelho, imaginando quando poderia fazer aquilo novamente. Agora sabia exatamente o que sentiam as pessoas sobre quem havia escrito. E aquela era uma sensação horrível. O seu estômago revirava, como se estivesse há dias sem dormir, e a sua respiração parecia entalada na garganta.

— Quando é que vou poder ligar para o meu advogado? — perguntou ela.

— Quando chegarmos à delegacia — respondeu a policial.

Meia hora depois, estava trancafiada em uma sala apertada com Tony Donatello, um advogado criminal de terceira geração que ela conhecia desde os seus primeiros meses como repórter em Glasgow. Estavam mais habituados a se encontrar em bares do que em celas, mas Tony foi educado e não comentou nada a respeito. Também era sensível o suficiente para não refrescar a memória de Jackie e lembrar que da última vez que a representara em uma delegacia, ela acabara sendo fichada.

— Eles querem te interrogar sobre a morte de David — explicou ele. — Mas imagino que você já saiba disso.

— É o único assassinato com o qual estou remotamente conectada. Você ligou para Hélène?

Tony deu uma tosse curta e seca.

— Parece que ela também foi chamada.

— Devia ter imaginado. E aí, qual vai ser a nossa estratégia?

— Você fez alguma coisa recentemente que possa ser interpretada como relacionada com a morte de David? — perguntou Tony.

Jackie balançou a cabeça.

— Nada. Não há nenhuma conspiração sórdida aqui, Tony. Hélène e eu não tivemos nada a ver com o assassinato de David.

— Jackie, eu não tenho nada a ver com Hélène. A minha cliente é você e eu tenho que me preocupar com os seus atos. Se houve qualquer coisa, por menor que seja, um comentário casual, um e-mail impertinente, qualquer coisa, isso pode te complicar e aí não vamos responder a pergunta nenhuma. Vamos ter que recorrer ao “nada a declarar”. Mas se você tem certeza de que não precisamos nos preocupar com nada, vamos responder. E então?

Jackie mexeu no seu piercing de sobrancelha.

— Olha, tem uma coisa que você precisa saber. Eu não estava com Hélène o tempo todo. Dei uma saída, de mais ou menos uma hora, ou um pouco mais. Tive que ir me encontrar com uma pessoa. Não posso dizer quem era, mas acredite, não serve como álibi.

Tony parecia preocupado.

— Isso não é nada bom — disse ele. — Talvez seja melhor partir para o "nada a declarar" mesmo.

— Não, não quero isso. Você sabe que vai pegar supermal para mim.

— Você é quem sabe. Mas, diante das circunstâncias, eu acho que o silêncio seria a melhor opção.

Jackie parou e pensou por alguns minutos. Não conseguia imaginar como a polícia poderia saber da sua saída.

— Vou falar com eles — disse ela, finalmente.

A sala de interrogatório não era nenhuma surpresa para alguém versado na gramática dos seriados policiais na tevê. Jackie e Tony sentaram do lado oposto de Heggie e da detetive que o acompanhara até o loft. Naquela proximidade, a loção pós-barba de Heggie exalava um odor rançoso. Duas fitas cassete estavam engatilhadas juntinhas no gravador no canto da mesa. Uma vez terminadas as formalidades, Heggie foi direto ao assunto.

— Há quanto tempo você conhece Hélène Kerr?

— Há uns quatro anos. Conheci ela e o marido em uma festa dada por um amigo em comum.

— E qual é o seu relacionamento com ela?

— Antes de qualquer outra coisa, somos amigas. Ocasionalmente, somos amantes.

— Há quanto tempo vocês são amantes? — Os olhos de Heggie pareciam famintos, como se a mera ideia de Jackie e Hélène juntas fosse potencialmente tão satisfatória quanto uma confissão criminal.

— Há uns dois anos.

— E com que frequência se encontravam?

— Passávamos uma noite juntas, praticamente toda semana. Fazíamos sexo na maioria das vezes, mas nem sempre. Como eu disse, a amizade é o componente mais importante do nosso relacionamento. — Jackie estava achando mais difícil do que havia imaginado ficar calma e impassível diante do olhar de avaliação dos interrogadores. Mas sabia que tinha de manter a calma; qualquer rompante seria interpretado como um indício de algo mais do que mero nervosismo.

— David Kerr sabia que você estava dormindo com a mulher dele?

— Acho que não.

— Você deve ter ficado chateada com essa história de ela ter continuado com ele — sugeriu ele.

Uma observação perspicaz, pensou ela. E que estava incomodamente próxima da verdade. No fundo do seu coração, Jackie sabia que não lamentava a morte de David Kerr. Amava Hélène e estava cansada das migalhas que ela lhe oferecia. Há muito tempo que ela queria muito mais.

— Desde o início eu já sabia que ela não ia deixar o marido. E, por mim, tudo bem.

— Isso é difícil de acreditar — disse ele. — Você estava sendo preterida pelo marido dela e isso não te incomodava?

— Não era uma rejeição. O acordo era satisfatório para nós duas. — Jackie inclinou-se para a frente, torcendo para que a sua linguagem corporal transmitisse franqueza. — Era só um passatempo. Eu gosto da minha liberdade. Não quero me amarrar a ninguém.

— É mesmo? — Ele consultou as suas anotações. — Então o vizinho que ouviu vocês duas discutindo aos berros porque ela não queria deixar o marido está mentindo?

Jackie lembrou-se da discussão. Durante o período em que estavam juntas, haviam brigado pouquíssimas vezes, por isso aquela fora tão marcante. Havia alguns meses, convidara Hélène para ir com ela à festa de quarenta anos de uma amiga. Hélène olhara para ela sem poder acreditar no que tinha acabado de ouvir. Aquilo era algo que escapava às regras, um assunto que não devia sequer ter sido cogitado. Todas as frustrações de Jackie vieram à tona e elas descambaram para uma discussão calorosa. A coisa só mudou de figura abruptamente quando Hélène ameaçou ir embora e não voltar nunca mais. Aquela era uma perspectiva insuportável para Jackie e ela acabou cedendo. Mas não estava disposta a compartilhar a história com Heggie e a sua subalterna.

— Deve estar mentindo, sim — disse ela. — Não dá para escutar um “ai” através das paredes desses lofts.

— Ao que parece, dá para escutar muito bem se as janelas estiverem abertas — disse Heggie.

— E quando foi que se deu esta suposta conversa? — interrompeu Tony.

Heggie consultou novamente as suas anotações.

— No final de novembro.

— O senhor está realmente sugerindo que a minha cliente estava com as janelas abertas no final de novembro em Glasgow? — retrucou ele, debochado. — É só isso que o senhor tem? Fofoca e disse me disse de vizinhos enxeridos e cheios de imaginação?

Heggie encarou o advogado por um bom tempo antes de tornar a falar.

— A sua cliente tem um histórico de violência.

— Não, não é verdade. Ela foi condenada por ter agredido um policial em uma manifestação anticontribuição autárquica, onde um dos seus colegas a confundiu entusiasticamente com um dos manifestantes. Isso está longe de ser um histórico de violência.

— Ela deu um soco na cara do policial.

— Sim, depois que ele a arrastou pelos cabelos. Se tivesse sido uma agressão tão violenta quanto o senhor está falando, por que ela teria recebido apenas seis meses de sursis? Se isso é tudo o que o senhor tem contra ela, não vejo mais motivos para continuar detendo a minha cliente.

Heggie lançou um olhar irritado para os dois.

— Você estava com a Sra. Kerr na noite em que o marido dela morreu?

— Estava — respondeu Jackie, cautelosa. Era ali que as coisas começavam a ficar perigosas. — Era a noite em que costumávamos nos encontrar. Ela chegou por volta das seis e meia. Jantamos peixe com batatas, que eu saí para comprar, bebemos um pouco de vinho e depois fomos para a cama. Ela saiu lá pelas onze. Tudo como de costume.

— Alguém pode confirmar isso?

Jackie levantou as sobrancelhas.

— Não sei quanto ao senhor, inspetor, mas quando eu faço amor com alguém não costumo convidar os vizinhos. O telefone tocou algumas vezes, mas eu não atendi.

— Temos uma testemunha que afirma tê-la visto caminhando até o seu carro por volta das nove horas naquela noite — disse Heggie, triunfante.

— Ele deve ter confundido a data — disse Jackie. — Estive com Hélène a noite inteira. Será que esse é outro dos meus vizinhos homofóbicos que o senhor vem tentando convencer a fazer parte das testemunhas de acusação?

Tony agitou-se em sua cadeira.

— O senhor ouviu a resposta da minha cliente. Se não existe nada de novo para acrescentar, sugiro que a conversa termine por aqui.

Heggie respirou profundamente.

— Se o senhor permitir, Sr. Donatello, eu gostaria de apresentar o depoimento de uma testemunha que nós colhemos ontem.

— Posso dar uma olhada nisso? — perguntou Tony.

— Tudo a seu tempo. Denise?

A detetive abriu a pasta que apoiava no colo e colocou uma folha de papel na frente dele. Heggie umedeceu os lábios e disse:

— Prendemos um traficantezinho chinfrim ontem. E ele estava disposto a

oferecer qualquer informação que pudesse melhorar a sua imagem conosco. Senhorita Donaldson, conhece Gary Hardie?

O coração de Jackie pulou no seu peito. O que aquilo tinha a ver com o caso? Não havia se encontrado com Gary Hardie naquela noite, nem com nenhum dos seus colegas.

— Sei quem ele é — enrolou ela. Estava longe de ser uma confissão; qualquer um que lesse os jornais ou visse tevê na Escócia teria reconhecido o nome. Algumas semanas antes, não sem o devido sensacionalismo, Gary Hardie escapara ileso da Suprema Corte em Glasgow após um dos casos de homicídio mais badalados dos últimos tempos naquela cidade. Durante o julgamento, ele havia sido chamado de “senhor das drogas”, “um sujeito que não tem o menor respeito pela vida humana” e “uma mente do crime absolutamente cruel”. Entre as alegações apresentadas ao júri, estava a de que ele havia pagado um matador profissional para eliminar um concorrente.

— Você conhece Gary Hardie pessoalmente?

Jackie sentiu o suor no meio das costas.

— Em um contexto estritamente profissional, sim.

— Estamos falando da sua profissão ou da dele? — indagou Heggie, aproximando a sua cadeira da mesa.

Jackie girou os olhos, debochada.

— Inspetor, faça-me o favor. Sou jornalista, o meu trabalho é entrevistar as pessoas que estão nas manchetes dos jornais.

— Quantas vezes você esteve com Gary Hardie? — pressionou Heggie.

Jackie soltou o ar pelo nariz.

— Três vezes. Entrevistei-o há um ano para uma matéria que escrevi sobre as gangues de Glasgow para uma revista. Depois, entrevistei novamente na época em que ele aguardava o julgamento, para uma matéria que eu pretendia escrever quando o julgamento terminasse. E tomei um drinque com ele duas semanas atrás. É importante manter os contatos, na minha profissão. É assim que eu consigo histórias que ninguém consegue.

Heggie parecia cético. Ele deu uma olhada no depoimento.

— Onde foi que vocês se encontraram?

— No Ramblas. É um barzinho em...

— Eu sei onde fica o Ramblas — interrompeu Heggie. Tornou a olhar para o papel à sua frente. — Durante o encontro, um envelope trocou de mãos. Das suas para as de Hardie. Um envelope bem grosso, senhorita Donaldson. Poderia nos dizer o que estava dentro do envelope?

Jackie estava tentando disfarçar o seu choque. Tony agitava-se ao seu lado.

— Gostaria de conversar a sós com a minha cliente — disse ele, apressado.

— Não, Tony, está tudo sob controle — respondeu Jackie. — Não tenho nada a esconder. Quando eu falei com Gary, para marcar o encontro, ele me disse que alguém havia mostrado a matéria a ele e que ele havia gostado da foto usada pela revista. Ele quis umas cópias. Então, eu mandei fazer as cópias e levei para o Ramblas. Se o senhor não acredita, pode checar com o laboratório de revelação de fotos. Eles não revelam muitas fotos em preto e branco, devem lembrar, sim. Também tenho o recibo.

Tony interveio prontamente.

— Está vendo, inspetor? Nada de mais. Só uma jornalista tentando agradar um bom contato. Se é só isso o que o senhor tem de novidade, não vejo motivos para deter a minha cliente aqui nem mais um minuto.

Heggie parecia levemente desapontado.

— Você pediu para Gary Hardie matar David Kerr? — perguntou ele.

Jackie fez um gesto negativo com a cabeça.

— Não.

— Você pediu a Gary Hardie para colocá-la em contato com alguém para matar David Kerr?

— Não, isso nunca passou pela minha cabeça. — Jackie levantara o rosto, suspendendo o queixo, vencendo o medo.

— Você nunca pensou em como a vida seria melhor sem David Kerr? E como seria fácil dar um jeito nisso?

— Isso é ridículo. — Ela bateu as mãos sobre a mesa. — Por que o senhor está perdendo tempo comigo, quando deveria estar fazendo o seu trabalho?

— Estou fazendo o meu trabalho — disse ele, calmamente. — Por isso a senhora está aqui.

Tony olhou para o seu relógio.

— Não por muito tempo, inspetor. Ou você prende a minha cliente, ou vai ter que liberá-la. O interrogatório acabou. — Ele apoiou a mão sobre a mão de Jackie.

Um minuto parece muito tempo em uma sala de interrogatórios. Heggie cultivou a pausa, encarando Jackie fixamente. Depois, afastou a cadeira para trás.

— O interrogatório terminou às seis e vinte e cinco. A senhora está liberada — disse ele, com má vontade na voz. Apertou um botão, desligando os gravadores. — Não acredito em você, senhorita Donaldson — disse ele, levantando-se. — Acho que você e Hélène Kerr tramaram a morte de David Kerr. Acho que você queria exclusividade. E que naquela noite você saiu de casa para pagar o sujeito contratado para fazer o serviço. E pretendo provar tudo isso. — Ele parou na soleira da porta e virou para trás. — Isso é apenas o começo.

Assim que eles se foram, fechando a porta, Jackie cobriu o rosto com as mãos.

— Meu Deus — disse ela.

Tony ajeitou os seus pertences e depois colocou o braço em volta dos ombros de Jackie.

— Você foi nota dez. Eles não têm nada contra você.

— Já vi pessoas encasquetando com menos provas do que eles têm contra mim. Estão determinados. Não vão desistir enquanto não arrumarem alguém que consiga testemunhar que me viu fora de casa naquela noite. Meu Deus. Não acredito que foram desencavar Gary Hardie justo agora.

— Gostaria que você tivesse comentado sobre ele comigo antes — disse Tony, afrouxando a gravata e se alongando.

— Desculpe. Não tinha a menor ideia de que iam falar nisso. Não perco o meu tempo pensando em Gary Hardie. E ele nem tem nada a ver com isso. Você acredita em mim, não é, Tony? — Ela parecia aflita. Se não conseguia convencer o seu próprio advogado, não ia ter a menor chance com a polícia.

— No que eu acredito não interessa. O que importa mesmo é o que eles podem provar. E, no momento, não têm contra você nada que um bom advogado não consiga derrubar em questão de minutos. — Ele bocejou. — Programão para uma madrugada, hein?

Jackie ficou de pé.

— Vamos sair desse buraco. Até o ar parece contaminado.

Tony sorriu.

— Alguém devia dar uma loção pós-barba decente para Heggie no próximo aniversário dele. A dele parece um gambá no cio.

— Ele ia precisar de bem mais do que um Paco Rabanne da vida para se tornar um membro da raça humana — debochou Jackie. — Hélène está detida aqui na delegacia também?

— Não. — Tony suspirou. — Olha, talvez seja melhor vocês duas se afastarem um pouco agora.

Jackie o olhou com uma expressão que combinava mágoa e decepção.

— Por quê?

— Porque se vocês não forem vistas juntas, fica mais difícil provar que estão mancomunadas. Juntas, dá a impressão de que estão bolando estratégias para contar sempre a mesma história.

— Isso é absurdo — respondeu ela com firmeza. — Porra, nós somos amigas. Dormimos juntas. Onde vamos buscar apoio e conforto? Se nos evitarmos, vai parecer que estamos com algum problema. Se Hélène me quiser por perto, é lá que eu vou estar. E ponto final.

Ele deu de ombros.

— Você é quem sabe. Os meus conselhos são pagos, quer você aceite ou não. — Ele abriu a porta e a conduziu até o corredor. Jackie assinou um documento para recuperar os seus pertences e caminharam até a saída juntos.

Tony abriu a porta que conduzia à rua e estacou. Apesar da hora, três câmeras e um punhado de jornalistas estavam amontoados na calçada. Assim que avistaram Jackie, começaram a gritar. “E aí, Jackie, você foi presa?”, “Você e a sua namorada contrataram um assassino profissional?”, “Como você está se sentindo como suspeita de um assassinato?”.

Aquele era o tipo de cena na qual ela já tomara parte diversas vezes, embora jamais a tivesse observado daquela perspectiva. Jackie achava que não havia nada pior do que ser arrastada da cama no meio da noite e tratada como uma criminosa pela polícia. Agora, sabia que estava enganada. A traição, descobrira ela, tinha um gosto infinitamente mais amargo.

40

A escuridão no quarto de Graham Macfadyen era neutralizada pela luz fantasmagórica dos monitores. Nas duas telas que não estavam sendo usadas no momento, protetores de tela exibiam um apanhado de imagens que ele escaneara. Fotografias granuladas em preto e branco da sua mãe, tiradas dos jornais; fotos contemplativas de Hallow Hill; a lápide do cemitério e as fotografias que ele batera de Alex e de Esquisito nos últimos dias.

Macfadyen estava diante do seu computador, redigindo um documento. A princípio, planejara apenas uma reclamação formal sobre a inércia de Lawson e seus colegas. Mas uma breve pesquisa no site do Poder Executivo Escocês atestara a inutilidade do seu gesto. Qualquer reclamação que fizesse seria investigada pela própria polícia de Fife e eles dificilmente criticariam as atitudes do seu subchefe. Queria resultados, não ilusões.

Decidiu então revelar a história completa e mandar cópias para parlamentares e para toda a imprensa escocesa. Mas, quanto mais escrevia, mais tinha medo de ser rechaçado como mais um adepto de teorias conspiratórias. Ou algo pior.

Macfadyen mordiscou a pele ao redor das suas unhas e ponderou sobre o que devia fazer afinal. Acabara de escrever a sua crítica devastadora sobre a incompetência da polícia de Fife e a sua recusa de levar a sério a presença de dois assassinos em sua circunscrição. Mas precisava de algo mais para chamar a atenção das pessoas. Algo que tornasse impossível ignorar as suas reclamações ou desconsiderar a maneira pela qual o destino apontara inegavelmente o dedo para os culpados pelo assassinato de sua mãe.

Duas mortes deveriam ter sido o suficiente para produzir o resultado que ele desejava. Mas as pessoas eram tão cegas; não conseguiam enxergar o que estava diante do nariz. Afinal, mesmo após as mortes, a justiça ainda não havia sido feita.

E ele continuava a ser a única pessoa capaz de fazê-la.

A casa estava começando a virar um acampamento de refugiados. Alex estava acostumado à rotina que ele e Lynn haviam aprimorado ao longo dos anos: refeições a dois, caminhadas pelo litoral, exposições e cinema, programas

ocasionais com amigos. Reconhecia que deveriam parecer chatos para algumas pessoas, mas isso não tinha importância. Gostava da sua vida. Sabia que as coisas iriam mudar com a chegada do bebê e recebia aquela mudança de coração, apesar de ignorar todo o seu significado. O que ele não antecipara era Esquisito no quarto de hóspedes. Nem a chegada de Hélène e de Jackie, a primeira atormentada e a segunda enlouquecida de ódio. Sentiu-se invadido, tão fustigado pela dor e a ira dos outros que sequer conseguia entender o que ele próprio sentia.

Ficara espantado ao ver as duas na sua porta, buscando asilo para escapar da imprensa que estava fazendo plantão na frente da casa delas. Como podiam ter imaginado que seriam bem recebidas logo ali? O primeiro impulso de Lynn foi sugerir que fossem para um hotel, mas Jackie estava convicta de que o único lugar onde ninguém procuraria por elas era lá. Assim como Esquisito, pensou Alex, exausto.

Hélène tivera uma crise de choro e pedira perdão por ter traído Mondo. Jackie fez questão de refrescar a memória de Lynn, lembrando que se arriscara para ajudar Alex. Mas mesmo assim, Lynn estava irredutível: não havia lugar para elas em sua casa. Foi então que Davina começou a choramingar e Lynn fechou a porta na cara das duas, correndo para ir ver a sua filha e lançando um olhar para Alex que dizia “nem ouse deixá-las entrar aqui”. Esquisito driblou Alex e saiu atrás das duas, alcançando-as a caminho do carro. Quando ele voltou para casa, uma hora depois, contou que havia hospedado as duas em um hotel não muito distante e feito a reserva em seu nome. “Eles têm um chalé no meio das árvores”, contou ele. “Ninguém sabe que elas estão lá. Vai ficar tudo bem.”

O aparente cavalheirismo de Esquisito criara uma certa estranheza naquela tarde, mas o seu objetivo em comum aos poucos neutralizou o desconforto, bem como algumas doses generosas de vinho. Os três adultos ficaram sentados à mesa da cozinha, com as persianas fechadas, esvaziando as garrafas de vinho enquanto jogavam conversa fora. Mas falar sobre as dificuldades não era o suficiente; precisavam agir.

Para Esquisito, deviam confrontar Graham Macfadyen de uma vez, exigindo uma explicação para as coroas de flores enviadas para os funerais de Ziggy e de Mondo. Alex e Lynn rejeitaram a sua ideia de cara; sem nenhuma prova de que ele estava de fato envolvido nos assassinatos, aquilo só serviria para alertar Macfadyen das suas suspeitas, e não para provocar uma confissão.

— Eu estou pouco me lixando — retrucara Esquisito. — De repente assim ele desiste e deixa a gente em paz.

— É, ou isso, ou ele vai bolar abordagens mais sutis nas próximas vezes. Ele não está com pressa, Esquisito. Ele tem a vida inteira para vingar a morte da

mãe — ponderou Alex.

— Isso supondo que foi ele mesmo quem matou Mondo, e não um assassino contratado por Jackie — disse Lynn.

— É exatamente por isso que a gente precisa arrancar uma confissão de Macfadyen — disse Alex. — Se ele desaparecer do mapa, não vai servir para limpar o nome de ninguém.

Continuaram especulando, sem chegar a uma conclusão, sendo interrompidos apenas pelo choro ocasional de Davina, acordada e disposta a mais uma mamada. Estavam revivendo o passado novamente, Alex e Esquisito relembrando o dano causado por boatos venenosos às suas vidas no último ano em St. Andrews.

Esquisito foi o primeiro a perder a paciência com o passado. Esvaziou o seu copo e levantou da mesa.

— Preciso tomar um ar — anunciou ele. — Não vou ficar intimidado, me escondendo atrás de portas trancadas pro resto da minha vida. Vou dar uma caminhada. Vocês querem me fazer companhia?

Nenhum dos dois quis. Alex estava começando a preparar o jantar e Lynn estava dando de mamar a Davina. Esquisito pegou a jaqueta impermeável de Alex e saiu, caminhando em direção ao litoral. Era incrível, mas as nuvens que cobriram o céu durante todo o dia haviam desaparecido. O céu estava claro e uma lua abusada exibia-se entre as pontes. A temperatura caíra vários graus e Esquisito encolheu-se dentro da gola do casaco quando uma rajada de vento gelado do estuário o atingiu em cheio. Ele mudou de ideia, caminhando em direção às sombras sob a ponte da ferrovia, sabendo que se subisse no promontório conseguiria acesso a uma vista panorâmica do estuário que seguia para Inchcolm e o Mar do Norte lá atrás.

Já desfrutava o prazer de estar fora de casa. Um homem sempre ficava mais perto de Deus ao ar livre, longe da algazarra das outras pessoas. Imaginara ter feito as pazes com o seu passado, mas os acontecimentos dos últimos dias o deixaram desconfortavelmente consciente da sua ligação com o jovem que ele fora um dia. Esquisito precisava ficar sozinho, precisava restaurar a sua fé nas mudanças que operara em sua vida. Enquanto caminhava, refletia sobre como havia avançado, quanta bagagem incômoda deixara no caminho, graças a sua crença na redenção que a sua religião oferecia. As suas ideias tornaram-se mais claras, o seu coração, mais leve. Ligaria para a sua família mais tarde. Precisava do conforto que só as suas vozes proporcionariam. Algumas palavrinhas com a sua mulher e com os seus filhos e sabia que poderia se sentir como alguém que escapa de um pesadelo. Em termos práticos, nada mudaria e ele sabia disso. Mas sentir-se-ia mais apto para enfrentar os seus infortúnios.

O vento estava ficando mais forte, zunindo e bradando em seus ouvidos. Ele parou para recuperar o fôlego, ciente do barulho distante do tráfego na ponte. Ouviu um trem se aproximando pela ferrovia e inclinou-se para trás, esticando o pescoço para vê-lo avançando uns quatro metros acima da sua cabeça.

Esquisito não viu nem ouviu a pancada que o fez cair de joelhos, em uma paródia sinistra de oração. A segunda pancada o atingiu nas costelas e o derrubou no chão. Teve a vaga impressão de ter visto uma figura toda vestida de preto segurando o que parecia ser um taco de beisebol nas mãos, antes que o terceiro golpe atingisse os seus ombros e fizesse os seus pensamentos desconexos concentrarem-se apenas na dor. Os seus dedos buscavam a grama, aflitos, enquanto ele tentava engatinhar para longe do seu agressor. Uma quarta pancada o atingiu na parte posterior das coxas, fazendo com que caísse de barriga para baixo, sem poder mais escapar.

Então, com a mesma rapidez que começara, o ataque chegou ao fim. Parecia um flashback do que havia acontecido vinte e cinco anos atrás. Através de um miasma de dor e vertigem, Esquisito pôde distinguir vagamente alguns gritos e o som incongruente de um cachorrinho latindo. Sentiu um odor cálido e rançoso e sentiu uma língua úmida e áspera lambendo o seu rosto. Poder sentir qualquer coisa que fosse já era por si só uma bênção; deixou as lágrimas descerem pelo seu rosto.

— O Senhor me salvou dos meus inimigos — ele balbuciou. Então, tudo ficou escuro.

— Eu não quero ir para o hospital — insistiu Esquisito. Ele já tinha dito aquilo tantas vezes que Alex começou a desconfiar que talvez se tratasse de um sinal incontroverso de concussão. Esquisito estava sentado à mesa da cozinha, rígido em sua dor e igualmente inflexível sobre a possibilidade de receber cuidados médicos. O seu rosto estava completamente sem cor e com um vergão que se estendia da sua têmpora direita até a nuca.

— Eu acho que você quebrou as costelas — disse Alex, pela milésima vez.

— Então, eles não vão sequer me engessar — disse Esquisito. — Já quebrei as costelas uma vez. Vão me dar uns analgésicos e falar para eu continuar tomando até melhorar.

— Estou mais preocupada com uma concussão — disse Lynn, aproximando-se com uma xícara de chá, bem forte e bem doce. — Bebe, isso é bom para o choque. Se você vomitar novamente, pode ser concussão mesmo e aí a gente vai te levar pro hospital em Dunfermline.

Esquisito estremeceu.

— Não, Dunfermline, não.

— Ele não deve estar tão mal assim, está até debochando de Dunfermline — observou Alex. — Você está conseguindo se lembrar de alguma coisa do ataque?

— Não vi nada até receber a primeira pancada. E depois, a minha cabeça estava estourando. Vi uma figura de preto. Possivelmente um homem. Talvez uma mulher alta. E um taco de beisebol. Olha só que coisa ridícula: tive que voltar dos Estados Unidos para a Escócia para ser atacado com um taco de beisebol.

— Você não viu o rosto dele?

— Acho que estava usando uma máscara. Não vi sequer a sombra de um rosto. Quando dei por mim, estava desmaiado. Quando acordei, o seu vizinho estava ajoelhado ao meu lado, completamente apavorado. E aí eu vomitei no cachorro dele.

Apesar da afronta ao seu terrier Jack Russell, o vizinho Eric Hamilton ajudou Esquisito a se levantar e o escoltou até a casa de Alex. Resmungou algo sobre ter assustado um ladrão, dispensou os agradecimentos efusivos do casal e mergulhou novamente na escuridão da noite, sem tomar sequer uma dose de uísque de recompensa.

— Ele já não vai muito com a nossa cara mesmo — disse Lynn. — É um contador aposentado e acha que somos artistas ripongos. Então não se preocupe, você não estragou uma bela amizade. Mas temos que chamar a polícia, sim.

— Vamos esperar até amanhecer. Aí podemos falar diretamente com Lawson. De repente agora ele nos leva a sério — sugeriu Alex.

— Você acha que foi Macfadyen? — perguntou Esquisito.

— Não estamos em Atlanta — disse Lynn. — Estamos em um vilarejozinho pacato em Fife. Acho que nunca houve um assalto por essas bandas. E se você fosse realmente assaltar alguém, ia escolher justo um gigante quarentão, sabendo que há aposentados passeando com os seus cachorrinhos todas as noites? Isso não foi casual, foi planejado.

— Também acho — concordou Alex. — E mantém o padrão dos outros assassinatos. É sempre assim, feito para parecer uma outra coisa. Incêndio, furto, roubo... Se Eric não tivesse aparecido, você estaria morto agora.

Antes que alguém pudesse responder, a campainha tocou.

— Deixa que eu atendo — disse Alex.

Quando ele voltou, tinha um policial atrás dele.

— O Sr. Hamilton deu queixa do ataque — explicou Alex. — O policial Henderson veio aqui tomar o seu depoimento. Este é o Sr. Mackie — acrescentou ele.

Esquisito ensaiou um sorriso duro.

— Obrigado por ter vindo — agradeceu ele. — Sente-se, por favor.

— São só alguns detalhes — disse o policial, sacando um caderninho de anotações e acomodando-se à mesa. Abriu o grosso casaco do uniforme, mas não o retirou. Aposto que são treinados a suportar o calor, para não sacrificar a impressão de corpulência que o casacão proporciona, pensou Alex, distraído.

Esquisito forneceu seu nome completo e endereço, explicando que estava visitando Alex e Lynn, seus velhos amigos. Quando disse que era pastor, Henderson adotou uma expressão de desconforto, como se estivesse constrangido por um assaltante da sua área ter caído de paulada justo em um representante de Deus.

— O que aconteceu exatamente? — perguntou o policial.

Esquisito contou os vagos detalhes do ataque dos quais conseguia se lembrar.

— Lamento, mas não me lembro de mais nada. Estava muito escuro e eu fui pego de surpresa — justificou ele.

— O agressor não disse nada?

— Não.

— Não pediu dinheiro, ou a sua carteira?

— Nada.

Henderson balançou a cabeça.

— Muito estranho. Não é o tipo de coisa que costuma acontecer por aqui. — Ele olhou para Alex. — Não entendo por que o senhor não ligou para a polícia.

— Estávamos mais preocupados em garantir que Tom estava bem — acudiu Lynn. — Estamos tentando convencê-lo a ir até o hospital, mas ele está determinado a adotar uma postura estoica.

Henderson concordou.

— Acho que a Sra. Gilbey tem razão, senhor. Não custa nada procurar um médico, para examinar as lesões. E, além do mais, isso garante um laudo oficial da gravidade do ataque, caso seja possível capturar o responsável.

— Quem sabe amanhã de manhã — disse Esquisito. — Estou cansado demais para encarar hospital agora.

Henderson fechou o seu caderninho e afastou a cadeira.

— Vamos mantê-lo informado sobre qualquer novidade, senhor — disse ele.

— Há algo que o senhor pode fazer por nós — disse Alex.

Henderson lançou um olhar curioso para Alex.

— Eu sei que isso vai soar estranho, mas o senhor pode dar um jeito de

enviar uma cópia do seu relatório para o subchefe de polícia Lawson?

Henderson ficou surpreso com o pedido.

— Sinto muito, senhor. Eu não consigo entender...

— Olha, não estou querendo te menosprezar, mas é uma história muito longa e muito complicada e estamos muito cansados para explicá-la agora. O Sr. Mackie e eu estamos tratando de um assunto bastante delicado com o subchefe Lawson e talvez esta não tenha sido uma agressão casual. Eu gostaria que ele visse o seu relatório, só para que ficasse ciente do que aconteceu aqui esta noite. De todo modo, eu mesmo vou conversar com ele amanhã de manhã e seria bom se ele já pudesse estar por dentro do assunto. — Ninguém que já tivesse visto Alex convencendo os seus funcionários a dar o máximo de si ficaria surpreso com suas as delicadas técnicas persuasivas.

Henderson avaliou o pedido, com dúvida no olhar.

— Este não costuma ser o nosso procedimento normal — disse ele, hesitante.

— Eu sei disso. Mas esta não é uma situação normal. Eu prometo que não vai sobrar para você. Se você preferir esperar o subchefe entrar em contato com você... — Alex deixou a frase no ar.

Henderson tomou uma decisão.

— Vou enviar uma cópia para a central — disse ele. — E mencionar que foi o senhor quem solicitou.

Alex o acompanhou até a porta. Ficou parado na soleira, observando o carro da polícia partir. Alguém estava lá fora, camuflado pela escuridão, esperando a hora certa de atacar. Um calafrio percorreu o seu corpo. E não tinha nada a ver com o ar gelado da noite.

41

O telefone tocou um pouco depois das sete, acordando Davina e assustando Alex. Depois do que acontecera a Esquisito, o menor som penetrava a sua consciência, requerendo análise e avaliação de risco. Havia alguém lá fora atrás deles e todos os seus sentidos estavam em alerta. Por isso, quase não dormira. Ouvira Esquisito perambulando pela casa de madrugada, provavelmente procurando mais analgésicos. Não era um barulho que ele costumava ouvir à noite e, até ele descobrir do que se tratava, o coração acelerara em seu peito.

Atendeu o telefone, imaginando se Lawson já estaria no gabinete, com o relatório de Henderson à sua frente. Não estava preparado para a jovialidade de Jason McAllister.

— Alô, Alex! — exclamara alegremente o perito em análise de tintas. — Eu sei que pais de recém-nascidos acordam com as galinhas, então imaginei que vocês não se incomodariam se eu ligasse tão cedo. Escuta, tenho novidades para vocês. Posso dar um pulo aí e adiantar antes de ir para o trabalho. Que tal?

— Ótimo — respondeu Alex, sonolento. Lynn empurrou o cobertor e caminhou exausta até o moisés, suspendendo a filha e resmungando.

— Maravilha. Daqui a meia hora estou aí.

— Você tem o endereço?

— Claro. Já me encontrei com Lynn aí algumas vezes. Até mais. — Ele desligou e Alex levantou da cama, enquanto Lynn voltava com o bebê no colo.

— Era o Jason — disse ele. — Ele está vindo para cá. É melhor eu tomar uma ducha. Você nunca me disse que ele era tão animadinho assim. — Ele se inclinou e beijou a cabeça da filha, enquanto Lynn a amamentava.

— Às vezes ele é alegre demais mesmo — concordou Lynn. — Eu vou amamentar Davina, colocar uma roupa e depois encontro vocês.

— Nem acredito que ele conseguiu um resultado tão depressa.

— Ele é como você era no início da carreira. Gosta muito do que faz e pouco se importa com o tempo que dedica ao trabalho. E quer compartilhar o seu entusiasmo com todo mundo.

Alex estacou, pegando o seu robe.

— Eu era assim? Então é um milagre você não ter pedido o divórcio.

Alex encontrou Esquisito na cozinha, com uma aparência horrorosa. A única cor no seu rosto era proveniente do hematoma que se espalhava como uma

maquiagem em volta dos seus olhos. Desconjuntado em uma cadeira, segurava uma xícara com as duas mãos.

— Sua cara está uma merda — disse Alex.

— Eu estou uma merda. — Ele bebericou o café e fez uma careta. — Por que vocês não têm um analgésico decente aqui nessa casa?

— Porque não costumamos levar surras na rua — respondeu Alex, indo atender à campainha. Jason saltou porta adentro com as pontas dos pés, tomado de entusiasmo e, ao olhar de esguelha para Esquisito, não acreditou nos seus olhos: em um gesto quase cômico, voltou a contemplá-lo para confirmar se tinha visto direito. — Porra, cara. O que foi isso?

— Um sujeito com um taco de beisebol — explicou Alex, sucinto. — Não estávamos brincando quando falamos que talvez fosse uma questão de vida ou morte. — Serviu café para Jason. — Fiquei impressionado quando você disse que tinha um resultado para a gente tão rápido — disse ele.

Jason deu de ombros.

— Pois é, quando comecei a trabalhar, vi que não era assim tão complicado. Fiz a microespectrofotometria para determinar a cor, depois testei no cromatógrafo de gás para ver a composição. Mas não bateu com nada da minha base de dados.

Alex suspirou.

— Bom, já imaginávamos isso — disse ele.

Jason suspendeu o dedo.

— Veja bem, Alex, não sou um cara desprovido de recursos. Alguns anos atrás, conheci um sujeito em uma conferência. Ele é o maior especialista em tinta do mundo, trabalha para o FBI e desconfia-se que tenha o maior banco de dados de amostras de tintas do universo. Então, pedi a ele para dar uma olhada para mim e *voilà*! Conseguimos. — Ele abriu os braços em um gesto largo, como se esperasse os aplausos.

Lynn chegou a tempo para escutar o desfecho.

— E então, o que era? — perguntou ela.

— Não vou chateá-los com os detalhes técnicos. A tinta em questão foi produzida por um fabricante em Nova Jersey em meados da década de 70, para ser usada em fibra de vidro e em alguns tipos de plástico moldado. O mercado-alvo eram os construtores e donos de barcos. Esta tinta proporcionava um acabamento bastante sólido, à prova de arranhões e até mesmo das condições climáticas mais extremas. — Jason abriu a sua mochila e vasculhou lá dentro, apanhando finalmente uma tabela de cores produzida no computador. Uma amostra de azul-claro estava sublinhada com caneta preta. — Era exatamente assim — disse ele, passando a folha de papel. — A boa notícia sobre a qualidade

do acabamento é que, se por algum milagre a cena do crime ainda existir, é possível conseguir um resultado. Essa tinta foi vendida principalmente na costa leste dos Estados Unidos, mas foi exportada tanto para o Reino Unido quanto para o Caribe. A empresa faliu no final da década de 80, então não temos como saber mais detalhes.

— Então é bem provável que Rosie tenha sido assassinada em um barco? — perguntou Alex.

Jason produziu um estalo duvidoso com os lábios.

— Bom, se foi, deve ter sido num barco de tamanho razoável.

— Por quê?

Ele sacou uns papéis da mochila com um floreio.

— Aí é que as gotas de tinta entram na história. Pequenas gotas, é o que temos aqui. E um ou dois fragmentos de fibra, bem pequenos, que me parecem bastante com carpete. E isso conta uma história. Essas gotas caíram de um pincel enquanto alguém estava pintando alguma coisa. Essa é uma tinta que tem uma boa mobilidade, ou seja, ela se desprende do pincel em gotas a cada minuto. O pintor nem deve ter percebido. E são típicas de uma pintura que está sendo feita no alto, acima da cabeça do pintor, especialmente quando ele está bem esticado para fazer o serviço. E como não encontramos praticamente nenhuma variação no formato das gotas, isso dá a entender que a pintura foi aplicada no alto e na mesma distância. Nada disso se encaixa com a pintura de um casco. Mesmo que o casco estivesse de cabeça para baixo, para pintar o seu interior, o serviço não teria sido feito sobre um carpete, vocês não acham? E as gotas com certeza teriam tamanhos variados, porque algumas partes do casco estariam mais próximas do pintor, não é?

Ele fez uma pausa, olhando à sua volta. Todos estavam assentindo com a cabeça, hipnotizados com o seu entusiasmo.

— Então, o que sobrou? Se for mesmo um barco, então o sujeito estava provavelmente pintando o teto da cabine. Bom, eu fiz alguns testes com uma tinta bem similar e, para conseguir este efeito, precisei me esticar bastante. E barcos pequenos não têm o pé-direito tão alto assim. Então, o cara devia ter um barco bem grandinho.

— Se é que era mesmo um barco — disse Lynn. — Não pode ter sido outro lugar? Tipo o interior de um trailer?

— Pode ser. Mas trailers normalmente não são forrados com carpete, não é? Pode ter sido um depósito, ou uma garagem. Porque tintas fabricadas para fibra de vidro normalmente também são excelentes para amianto e, naquela época, amianto era bem comum.

— Resumindo: continuamos na mesma — sentenciou Esquisito, com

frustração na voz.

A conversa descambou para várias direções. Mas Alex já não escutava mais nada. O seu cérebro estava a pleno vapor, concatenando uma torrente de pensamentos acionados pelo que acabara de escutar. A sua mente montava um quebra-cabeça, informações aparentemente desconexas começavam a se encaixar, formando um desenho inédito. Assim que cedemos espaço ao primeiro pensamento inimaginável, tudo começa a fazer sentido. A questão agora era: o que fazer a respeito?

De repente, percebeu que estava longe. Todos estavam olhando para ele com expectativa, esperando uma resposta para alguma pergunta que ele sequer ouvira.

— O quê? — perguntou ele. — Foi mal, eu estava viajando.

— Jason perguntou se você quer que ele prepare um relatório oficial — disse Lynn. — Para mostrar a Lawson.

— Lógico, ótima ideia — disse Alex. — Maravilha, Jason, muito bom mesmo.

Enquanto Lynn levava Jason até a porta, Esquisito lançou um olhar penetrante para Alex.

— Você teve alguma ideia, Gilly — afirmou ele. — Eu conheço essa cara.

— Não, estava só aqui quebrando a cabeça, tentando me lembrar se alguém do Lammas tinha um barco. Alguns eram pescadores, lembra? — Alex virou-se e começou a se ocupar, encaixando algumas fatias de pão na torradeira.

— Bom, agora que você falou... Podemos comentar isso com Lawson — disse Esquisito.

— Pois é. Quando ele ligar, você fala com ele.

— Por quê? Você vai aonde?

— Preciso ficar um pouco no escritório. Estou negligenciando demais o trabalho e ele não funciona por conta própria. Vou ter algumas reuniões hoje pela manhã, não tenho como não estar lá.

— Você acha sensato dirigir por aí sozinho?

— Não tenho escolha — respondeu Alex. — Mas acho que estou seguro em plena luz do dia, na estrada para Edimburgo. E vou voltar para casa antes de escurecer.

— Acho bom mesmo. — Lynn entrou na cozinha, trazendo os jornais. — Acho que Jackie tinha razão. Elas estão estampadas em todas as capas.

Alex mordiscou a sua torrada, perdido em pensamentos, enquanto os outros folheavam os jornais. Aproveitando que eles estavam ocupados, Alex apanhou a tabela de cores que Jason deixara lá e enfiou no bolso da calça. Aproveitando uma pausa na conversa, anunciou que estava de saída, beijou a mulher e a filha

adormecida e partiu.

Tirou o BMW da garagem e desceu a rua, dirigindo-se para a via que desembocava na ponte para Edimburgo. Mas, quando alcançou a encruzilhada, em vez de ir para o sul na M90, desviou para o norte. O sujeito que estava atrás deles era a sua presa agora. Não tinha tempo para ficar participando de reuniões.

Lynn acomodou-se atrás do volante do seu carro com uma sensação de alívio da qual não se orgulhava. Estava começando a sentir claustrofobia dentro da sua própria casa. Não podia sequer se isolar no estúdio e recuperar a calma trabalhando em sua última pintura. Sabia que não deveria estar dirigindo ainda, ainda mais depois da cesariana, mas precisava sair um pouco. A necessidade de fazer umas comprinhas ofereceu a desculpa perfeita. Prometeu a Esquisito que pediria a um dos funcionários do supermercado que fizesse o trabalho pesado para ela. Embrulhou Davina em uma manta, quentinha, acomodou-a na cadeirinha e saiu.

Decidiu aproveitar a sua liberdade ao máximo e ir até o mercado Sainsburys, em Kirkcaldy. Se tivesse energia o suficiente depois das compras, podia até dar um pulo na casa dos seus pais. Eles ainda não tinham visto Davina depois que ela recebera alta do hospital. Talvez uma visita da neta ajudasse a levantar o astral. Precisavam de algo para se agarrar ao futuro, deixando o passado para trás.

Assim que ela saiu da estrada em Halbeath, a luz do indicador de combustível começou a piscar no painel. Racionalmente falando, sabia que tinha gasolina o suficiente para ir até Kirkcaldy e voltar, mas não queria correr riscos com um bebê a bordo. Desviou em direção a um posto, dirigindo até as bombas, ignorando completamente o carro que a seguia desde que saíra de North Queensferry.

Lynn encheu o tanque e em seguida correu para a lojinha de conveniências para pagar. Enquanto esperava o seu cartão de crédito ser aceito, deu uma olhada para fora.

No início, não conseguiu entender direito o que estava acontecendo. A cena lá fora não fazia o menor sentido. Então, compreendeu. Lynn berrou com toda a força dos seus pulmões e correu aos tropeções até a porta, derrubando a bolsa e espalhando todo o seu conteúdo no chão.

Um Golf prateado estava parado bem atrás do seu carro, com o motor ligado e a porta do motorista aberta. A sua porta da frente também estava entreaberta, ocultando a pessoa que estava debruçada lá dentro. Quando ela abriu a pesada porta da loja, o homem ergueu o corpo e uma mecha de cabelo escuro e

espesso caiu sobre os seus olhos. Ele estava agarrado à cadeirinha de Davina. Lançou um olhar na direção de Lynn e correu para o outro carro. Os gritos de Davina perfuraram o ar como uma lâmina.

Ele jogou a cadeirinha no banco do carona e depois entrou depressa no carro. Lynn estava quase o alcançando. O homem bateu a porta do carro com força e partiu, cantando pneu.

Ignorando a dor da sua cicatriz recente, Lynn atirou-se sobre o Golf que chacoalhava loucamente em sua fuga. Mas os seus dedos desesperados não encontraram nada em que se agarrar e o seu impulso a lançou no chão, de joelhos.

— Não!!! — gritou ela, esmurrando os punhos no chão. — Não!!! — Tentou ficar de pé, caminhar até o seu carro e partir atrás do Golf. Mas as suas pernas cederam e ela desmaiou, tomada por uma angústia esmagadora.

Graham Macfadyen seguia triunfante pela A92, afastando-se do posto de gasolina em Halbeath. Estava feito. Pegara o bebê. Olhou de esguelha para ele, para verificar se estava tudo bem. Parara de chorar assim que pegaram a pista de mão dupla. Ouvira dizer que bebês gostam da sensação de estar em um carro em movimento e aquele com certeza não era uma exceção à regra. Os seus olhos azuis o encaravam, indiferentes e tranquilos. Ao fim da pista, escolhera as vias mais desertas, para evitar a polícia. Parara o carro e fixara o bebê direitinho no banco. Não queria que ele sofresse alguma coisa, não ainda. Era Alex Gilbey quem ele desejava punir e quanto mais o bebê permanecesse vivo e aparentemente bem, pior seria o sofrimento do pai. Manteria o bebê como seu refém por quanto tempo fosse preciso.

E fora ridiculamente fácil. As pessoas deviam cuidar melhor dos filhos. Era incrível que bebês não fossem parar nas mãos de estranhos com mais frequência.

Aquilo faria com que as pessoas o escutassem, pensou ele. Levou o bebê para casa e trancou as portas. Um cerco, era o que ele planejava. A imprensa compareceria em massa e ele teria a oportunidade de explicar por que fora forçado a tomar uma atitude tão drástica. Quando ficassem sabendo que a polícia de Fife estava acobertando os assassinos da sua mãe, entenderiam o motivo do seu gesto desesperado. E se mesmo assim o seu plano não funcionasse, bom, ainda havia um trunfo em sua manga. Contemplou o bebê sonolento.

Lawson ia se arrepender de não ter lhe dado ouvidos.

42

Alex deixou a via expressa em Kinross. Dirigiu pela pacata cidade-mercado, seguindo até o lago Leven. Quando ela deixou escapar que Lawson estava de folga pescando, Karen Pirie havia dito a palavra “lago” antes de se conter. E em toda Fife só existia um lago onde um pescador que se preze podia lançar o seu anzol. Alex não conseguia parar de pensar na mais recente descoberta. Porque sabia, lá no fundo do seu coração, que nenhum dos quatro havia cometido o crime e também não conseguia imaginar Rosie passeando sozinha pela rua no meio de uma tempestade de neve, uma presa fácil para um estranho. Por isso, sempre nutriu a ideia de que ela havia sido assassinada pelo seu namorado misterioso. E quando alguém planeja seduzir uma garota, não a leva para um depósito ou para uma garagem, e sim para a sua casa. E foi então que ele se lembrou de um comentário descartável em uma das conversas que tiveram na véspera. O inimaginável subitamente passou a ser a única coisa que fazia sentido.

O gigantesco vulto da colina Bishop surgiu à sua direita como um dinossauro adormecido, cortando o sinal do seu celular. Sem ter a menor ideia do que se passava em outro lugar, Alex estava em uma missão. Sabia exatamente o que estava procurando. Só restava saber onde poderia encontrar.

Dirigiu devagar, percorrendo cada trilha das fazendas e cada rua lateral que conduzia até a beira do lago. Uma névoa fluorescente cobria a superfície da água cinza-metálica, conferindo uma aparência sinistra e indesejável à sua busca. Alex parou diante de todos os portões com os quais se deparou, descendo do carro e esgueirando-se sobre os campos para certificar-se de que não estava perdendo a presa. Quando a grama rebelde encharcou os seus tornozelos, desejou ter colocado uma roupa mais apropriada. Mas não queria que Lynn percebesse que não estava indo para o escritório.

Percorreu lenta e metodicamente toda a costa do lago. Passou quase uma hora rondando um local destinado a um pequeno trailer, mas o que ele buscava não estava lá. O que não lhe causou nenhuma surpresa. Não esperava encontrar o que estava procurando em um lugar onde barqueiros ocasionais pudessem ter acesso.

Mais ou menos na hora em que a sua esposa aflita prestava depoimento para os detetives, Alex estava tomando um café em uma casa de chá na beira da

estrada, espalhando manteiga em um bolo caseiro, tentando aquecer os ossos após a sua inspeção no local do trailer. Não fazia a menor ideia de que algo horrível tinha acontecido.

O primeiro policial a chegar ao local encontrou uma mulher incoerente, com as mãos e os joelhos do seu jeans imundos, lamentando-se na parte externa do posto de gasolina. O transtornado atendente estava parado ao seu lado, impotente, enquanto motoristas frustrados chegavam e partiam assim que percebiam que não seriam atendidos.

— Traga Jimmy Lawson aqui agora — ela gritava para o policial enquanto o atendente explicava o que havia acontecido.

O policial tentou ignorar as exigências dela, solicitando assistência de emergência pelo rádio. Então ela o agarrou pela jaqueta e insistiu aos berros, respingando saliva no rosto dele, exigindo a presença do subchefe. Ele tentou distraí-la, sugerindo que ligasse para o seu marido ou para um amigo, para qualquer pessoa.

Lynn o rechaçou com desdém e voltou para a loja de conveniência. Dos seus pertences espalhados pelo chão, pegou apenas o celular. Tentou ligar para Alex, mas aquela vozinha irritante da operadora avisou que o número chamado estava fora da área de cobertura ou desligado.

— Merda! — berrou ela. Digitando os números de qualquer jeito, conseguiu ligar para casa.

Quando Esquisito atendeu, Lynn soltou um gemido de dor.

— Tom, ele levou Davina, o canalha sequestrou a minha filha!

— Quem? Quem levou a menina?

— Eu não sei! Macfadyen, provavelmente. Ele roubou o meu bebê! — Finalmente vieram as lágrimas, escorrendo pelo seu rosto e fazendo com que ela se engasgasse.

— Onde você está?

— No posto de gasolina de Halbeath. Eu parei para encher o tanque. Só me afastei por um segundo... — Lynn engasgou nas palavras e deixou o telefone cair aos seus pés. Ela se agachou, debruçando-se sobre uma vitrine de doces. Envolveu a cabeça com os braços e soluçou. Não fazia a menor ideia de quanto tempo havia passado até que ouviu o tom de voz calmo e reconfortante de uma mulher. Levantou os olhos e deparou-se com um rosto desconhecido.

— Eu sou a detetive-inspetora Cathy McIntyre — disse a mulher. — Você pode me contar o que aconteceu?

— O nome dele é Graham Macfadyen. Ele mora em St. Monans — disse

Lynn. — Ele roubou o meu bebê.

— Você conhece esse homem? — perguntou a detetive McIntyre.

— Não, não conheço. Mas ele está atrás do meu marido. Ele acha que Alex matou a mãe dele. Mas ele está enganado, é claro. Ele é completamente desequilibrado, já matou duas pessoas. Não deixe ele matar a minha filhinha. — As palavras de Lynn se atropelavam, fazendo com que ela soasse perturbada. Tentou respirar fundo e deu um soluço. — Sei que pareço uma maluca, mas não sou. Você precisa entrar em contato com o subchefe de polícia. James Lawson. Ele está sabendo de tudo.

A detetive McIntyre parecia estar na dúvida. Aquilo estava fora do seu alcance e ela sabia disso. Tudo o que conseguira fazer até o momento fora enviar um comunicado pelo rádio para todas as viaturas e as patrulhas avisando para procurarem um Golf prateado com um sujeito de cabelo escuro na direção. Ligar para o subchefe podia ser o seu atestado definitivo de humilhação.

— Deixa comigo — disse ela, caminhando até a parte externa do posto para avaliar as suas alternativas.

Esquisito estava sentado na cozinha, transtornado com a sua impotência. Orar era ótimo, mas um homem precisa de um nível muito mais alto de tranquilidade interior para conseguir algo útil com uma oração. A sua imaginação corria solta, imaginando cenas dos seus próprios filhos nas mãos de um sequestrador. Sabia que ficaria além do alcance de qualquer reação racional se estivesse no lugar de Lynn. O que precisava fazer era encontrar uma maneira concreta de ajudá-la.

Tentou falar com Alex, mas o celular não estava funcionando e ninguém no escritório havia visto ou tido notícias dele naquela manhã. Então Alex também constava na lista dos desaparecidos. Esquisito não estava totalmente surpreso; tinha certeza de que Alex estava com alguma coisa na cabeça que queria resolver sozinho.

Pegou o telefone, gemendo de dor mesmo com um movimento tão sutil, e pediu ao serviço de informações o telefone da polícia de Fife. Precisou se valer de todo o seu poder de persuasão para conseguir chegar até a secretária de Lawson.

— Eu realmente preciso falar com o subchefe — justificou ele. — É urgente. Vocês estão investigando o sequestro de uma criança e eu tenho informações vitais a respeito — explicou ele à mulher, que era claramente tão adepta da rispidez quanto ele da adulação.

— O Sr. Lawson está em uma reunião — disse ela. — Se o senhor deixar o seu nome e telefone, peço para ele entrar em contato assim que tiver

oportunidade.

— A senhora não está me ouvindo, está? A vida de um bebê está correndo perigo. Se alguma coisa acontecer com essa criança, a senhora pode apostar a sua aposentadoria que eu procuro a imprensa imediatamente e conto a eles como vocês se omitiram. Se a senhora não chamar Lawson agora, vai acabar sendo o bode expiatório.

— Não vejo necessidade para falar assim comigo, senhor — respondeu a mulher, friamente. — Como é mesmo o seu nome?

— Reverendo Tom Mackie. Ele vai querer falar comigo, eu garanto.

— Aguarde um momento, por favor.

Esquisito contorceu-se de ira ao se ver obrigado a escutar um trecho de uma música clássica enquanto esperava. Após o que lhe pareceu uma espera interminável, uma voz familiar ressoou em seus ouvidos.

— Sr. Mackie, espero que o senhor tenha uma boa explicação para isso. Fui arrancado de uma reunião com o chefe de polícia para vir falar com o senhor.

— Graham Macfadyen sequestrou a filha de Alex Gilbey. Eu não acredito que você estava sentado em uma reunião enquanto isso aconteceu — criticou Esquisito.

— Como é que é? — perguntou Lawson.

— Você está com o sequestro de um bebê nas costas. Há uns quinze minutos mais ou menos, Macfadyen sequestrou Davina Gilbey. Ela é um bebê recém-nascido, tenha a santa paciência.

— Eu não estou sabendo de nada disso, Sr. Mackie. Dá para me contar o que aconteceu?

— Lynn Gilbey parou em um posto de gasolina para abastecer o carro em Halbeath. Enquanto ela estava pagando, Macfadyen apanhou a menina do carro dela. Os seus colegas estão no local agora, por que ninguém te contou nada?

— A Sra. Gilbey reconheceu Macfadyen? Ela já esteve com ele? — perguntou Lawson.

— Não. Mas quem mais ia querer fazer com que Alex sofresse desse jeito?

— Crianças são sequestradas por todo tipo de motivo, Sr. Mackie. Pode não ser pessoal. — A voz dele era tranquilizadora, mas não produziu nenhum efeito.

— Claro que é pessoal! — berrou Esquisito. — Ontem à noite, alguém tentou me surrar até a morte. Você deveria ter visto o relatório na sua mesa hoje cedo. E hoje, a filha de Alex é sequestrada. E você vai me dizer que tudo isso não passa de mera coincidência? Era só o que me faltava. Você tem é que levantar a sua bunda daí e encontrar Macfadyen antes que alguma coisa aconteça com o bebê.

— Posto de gasolina em Halbeath, não é isso?

— É. Vá pra lá agora, ouviu? Você tem autoridade para deslanchar as coisas.

— Vou entrar em contato com os policiais que estão no local. Enquanto isso, Sr. Mackie, procure ficar calmo, sim?

— Tá, tá bem. Vai ser muito fácil.

— Onde está o Sr. Gilbey? — perguntou Lawson.

— Não sei. Ele deveria ter ido para o escritório, mas não apareceu por lá até agora. E o celular dele não está funcionando.

— Deixa comigo. Seja lá quem for o sequestrador da criança, vamos encontrá-lo. E levá-la para casa novamente.

— Você fala como o pior tipo desses tiras de seriado de tevê, Lawson, sabia disso? Vá agitar as coisas. E encontre Macfadyen. — Esquisito bateu com o telefone na cara dele. Tentava se convencer de que conseguira fazer alguma coisa, mas não era o bastante.

Não adiantava. Não podia ficar sentado em casa, sem mexer uma palha. Pegou o telefone novamente e pediu o telefone de um radiotáxi ao serviço de informações.

Lawson olhava fixamente para o telefone. Macfadyen passara dos limites. Devia ter imaginado algo do tipo, mas fracassara. Agora era tarde demais para tirá-lo de circulação. Aquela situação tinha tudo para fugir do controle. E quem podia prever o que aconteceria então? Esforçando-se para manter uma aparência de calma, Lawson ligou para a central de operações da polícia e solicitou um relatório sobre o que estava acontecendo em Halbeath.

Assim que ouviu as palavras “Golf prateado” lembrou-se imediatamente da sua caminhada até a porta de Macfadyen e do carro estacionado em frente à sua casa. Não havia mais dúvidas. Macfadyen enlouquecera de vez.

— Quero falar com o oficial encarregado do caso — ordenou ele. Tamborilou os dedos na mesa enquanto aguardava. Aquilo era um pesadelo tornando-se realidade. Que diabos se passava na cabeça de Macfadyen? Será que estava se vingando de Gilbey, imaginando que ele fora o responsável pela morte da sua mãe? Ou estaria jogando um jogo mais astuto? Fosse qual fosse o seu plano, a criança estava correndo perigo. Normalmente, quando bebês eram sequestrados, a motivação do sequestrador era bem banal: queriam um filho. Imaginavam-se capazes de tomar conta da criança em questão, sufocando-a com tanto amor e cuidados. Mas naquele caso, a história era outra. A criança era apenas uma peça no jogo doentio de Macfadyen e, se ele imaginava estar vingando um assassinato, então assassinato talvez fosse o seu objetivo. Lawson

mal podia pensar nas consequências sem que o seu estômago revirasse. — Vamos, atenda — murmurou ele.

Finalmente, uma voz estalou na linha.

— Aqui quem fala é a detetive-inspetora McIntyre — disse ela. Pelo menos tinham uma mulher no local do crime, pensou ele, aliviado. Lembrava-se de Cathy McIntyre. Ela era sargento no Departamento de Investigação Criminal na época em que ele trabalhava como superintendente em Dunfermline. Era uma boa profissional, sempre fazia as coisas de acordo com o figurino.

— Cathy, aqui quem fala é o subchefe Lawson.

— Pois não, senhor. Eu estava prestes a entrar em contato. A mãe do bebê sequestrado, a Sra. Lynn Gilbey, está perguntando pelo senhor sem parar. Ela acha que o senhor sabe o que está acontecendo aqui.

— O sequestrador partiu em um Golf prateado, não foi?

— Sim, senhor. Estamos tentando ver a placa pela filmagem das câmeras de monitoria, mas só conseguimos captar o carro em movimento. Ele estacionou bem atrás da Sra. Gilbey, não conseguimos distinguir o número da placa com o carro parado.

— Peça para alguém continuar tentando por enquanto. Mas eu acho que sei quem foi o responsável. O nome dele é Graham Macfadyen, ele mora em Carlton Way, número 12, em St. Monans. E imagino que foi para lá que ele levou a criança. Acho que ele está interessado em mantê-la como refém. Então quero que você me encontre lá, no final da rua. Não vá com muita gente, mas peça para alguém levar a Sra. Gilbey em uma viatura separada. E não ligue o rádio no carro onde ela estiver. Vou organizar a equipe de negociação de reféns e assim que chegar vou colocá-la a par da nossa estratégia. Não perca mais tempo, Cathy. Te encontro em St. Monans.

Lawson terminou a ligação e em seguida apertou os olhos com força, concentrado. A libertação de reféns era a tarefa mais difícil para um policial. Lidar com a família e os amigos de alguém que acabou de morrer era moleza em comparação àquilo. Ligou para a central novamente e solicitou a mobilização da equipe de negociação de reféns e de uma unidade armada.

— Ah, e mande um engenheiro de telecomunicações para lá também. Eu quero cortar todo tipo de acesso de Macfadyen com o mundo externo. — Finalmente, ligou para Karen Pirie. — Encontre-me no estacionamento em cinco minutos — bradou ele. — Eu explico no caminho.

Estava a caminho da porta quando o seu telefone tocou. Hesitou um pouco, decidindo se atenderia ou não. Resolveu voltar.

— Lawson — disse ele.

— Olá, Sr. Lawson. Aqui é o Andy, da assessoria de imprensa. O pessoal

do *Scotsman* acabou de ligar, com uma história muito esquisita. Disseram que receberam um e-mail de um cara que diz que sequestrou um bebê porque a polícia de Fife está acobertando os assassinos da mãe dele. E ele atribui a culpa especialmente ao senhor. Ao que parece, é um e-mail bem longo e detalhado. Eles vão encaminhar para mim. Estão querendo saber se é verdade. Está rolando mesmo o sequestro de um bebê?

— Meu Deus — gemeu Lawson. — Estava com medo que algo assim acontecesse. Veja bem, estamos lidando com uma situação bem delicada aqui. E é verdade, um bebê foi sequestrado. Ainda não tenho todos os detalhes. É melhor perguntar ao pessoal da central, eles estão por dentro da história toda. Tenho a impressão de que você vai receber muitas ligações por causa disso, Andy. Dê o máximo de informação possível sobre as providências que já estão sendo tomadas. Convoque uma coletiva de imprensa para hoje mesmo, o mais tarde que você puder. Mas insista na tecla que o sujeito tem problemas mentais e que eles não devem dar ouvidos às suas reclamações.

— Então a versão oficial é de que o cara é pirado — disse Andy.

— Bota pirado nisso. Mas estamos levando o caso a sério. A vida de uma criança está em jogo, não quero que nenhuma notícia irresponsável o tire do sério. Entendeu?

— Entendi. Falo com o senhor mais tarde.

Lawson xingou baixinho e correu porta afora. Aquele ia ser um dia de cão.

Esquisito pediu para o motorista de táxi dar uma parada em um supermercado em Kirkcaldy. Quando chegaram lá, ele entregou um bolo de notas ao motorista.

— Amigo, faça-me um favor. Você está vendo o estado em que estou. Dá para ir até lá e me comprar um celular? Pode ser um desses pré-pagos mesmo. E alguns cartões também, por favor. Preciso estar conectado com o mundo.

Uns quinze minutos depois, retomaram o caminho pela estrada. Pegou a folha de papel onde havia anotado os telefones do celular de Alex e de Lynn. Tentou ligar para Alex mais uma vez. Nada. Por onde será que ele andava?

Macfadyen olhava fixamente para o bebê, perplexo. Começara a chorar assim que entraram na casa, mas ele ainda não tinha tido tempo para fazer algo a respeito. Tinha e-mails para mandar, tinha de contar ao mundo o que estava acontecendo. Estava tudo esquematizado. Bastava se conectar e, com apenas alguns cliques no mouse, a sua mensagem seria enviada para toda a imprensa do país, incluindo a maioria dos sites de notícias na internet. Agora eles haveriam

de escutar o que ele tinha a dizer.

Deixou os computadores e voltou à sala de estar, onde havia deixado a cadeirinha do bebê no chão. Sabia que não deveria afastar-se dele, para evitar que a polícia os separasse ao invadir a casa, mas seus gritos o distraíram e ele teve de levá-lo para outro cômodo, para poder se concentrar. Fechara as cortinas, como havia feito na casa toda. Chegou até mesmo a pregar um cobertor na janela de vidro fosco do banheiro, que costumava ficar aberta. Sabia direitinho como funcionavam os cercos policiais; quanto menos os tiras soubessem o que estava se passando dentro da casa, melhor para ele.

O bebê continuava chorando. Os seus gemidos haviam se transformado em um choro baixinho, mas assim que ele entrou no recinto, pôs-se a chorar novamente. O som penetrou o seu cérebro como uma furadeira, impedindo o seu raciocínio. Precisava calar aquela criança. Ele a suspendeu, com cuidado, e a colocou no colo. O choro tornou-se tão intenso que ele pôde até sentir os soluços reverberando no seu peito. Talvez precisasse trocar a fralda, pensou ele. Tornou a colocá-la no chão e desenrolou a manta que a envolvia. Por dentro da manta, havia um casaquinho de lã. Ele o removeu e abriu os botões que ficavam no meio das pernas, tirando a roupinha que a protegia. De quantas camadas aquele maldito bebê precisava? Talvez estivesse apenas com calor.

Apanhou um rolo de papel-toalha e acocorou-se ao lado do bebê. Removeu as fitas adesivas que seguravam a fralda em volta da barriga do bebê e afastou-se imediatamente. Caramba, aquilo era nojento. Era verde, pelo amor de Deus. Franzindo o nariz de nojo, removeu a fralda suja e limpou a sujeira do bumbum da criança. Rapidamente, antes que uma nova leva aparecesse, ele aparou o bebê em uma generosa camada de papel toalha.

Depois de tudo isso, o bebê continuava chorando. Meu Deus, o que precisava fazer para calar a boca daquela criança? Precisava dela viva, pelo menos por enquanto, mas aquele choro o estava deixando maluco. Deu uma bofetada no rostinho avermelhado e conquistou um breve momento de silêncio. Mas assim que a criança assustada recuperou o seu fôlego, os gritos voltaram com força total.

Será que estava querendo mamar? Foi até a cozinha e despejou leite em uma tigela. Sentou-se, ninando o bebê em seus braços, desajeitado, imitando o modo como havia visto as pessoas fazendo na televisão. Enfiou o dedo entre os seus lábios e tentou derramar alguma coisa lá dentro, mas o leite escorreu pelo queixo do bebê e desceu pela manga da sua camisa. Tentou novamente e desta vez a criança reagiu, fechando os pequeninos punhos e dando chutes no ar. Como é que o monstrinho não sabia engolir? Por que agia como se ele estivesse tentando envenená-lo?

— Qual é o seu problema, porra? — gritou ele. O bebê enrijeceu em seus braços, chorando ainda mais.

Tentou mais um pouco, sem sucesso. Mas, de repente, o choro passou. O bebê adormeceu instantaneamente, como se alguém o tivesse desligado da tomada. Uma hora, estava abrindo o berreiro, na outra, dormindo como um anjinho. Macfadyen afastou o sofá e o colocou novamente na cadeirinha, obrigando-se a ser delicado. A última coisa que queria naquele momento era uma reprise daquele barulho infernal.

Voltou para os computadores, planejando entrar em diversos sites para ver se já estavam veiculando a sua história. Não ficou totalmente surpreso ao ver em seus monitores a mensagem: “Conexão perdida.” Já esperava que fossem cortar as suas linhas telefônicas. Como se isso fosse impedi-lo. Tirou um celular do carregador e o conectou ao seu laptop com um cabo, fazendo a ligação. Tudo bem, era como voltar a andar de mula depois de ter dirigido uma Ferrari. Mas após um tempo insuportavelmente longo, ele estava conectado de novo.

Se pensavam que podiam calá-lo tão facilmente, tinham que rever os seus conceitos. Já estava planejando aquilo tudo há tempos e jogava para ganhar.

43

Alex estava perdendo o seu entusiasmo. A única coisa que o fazia prosseguir era a certeza absoluta de que a resposta que ele buscava tão desesperadamente estava perto. Tinha de estar. Já explorara o lado sul do lago e agora estava vasculhando a costa norte. Perdera a conta de quantos campos já havia pesquisado. Fora observado por gansos, cavalos, ovelhas e até mesmo por uma lhama. Lembrou-se vagamente de ter lido em algum lugar que os pastores as colocavam junto ao rebanho para defendê-lo das raposas, mas jamais conseguira entender como um bicho gordo e preguiçoso, com cílios de dar inveja a qualquer modelo, pudesse assustar um animal tão destemido quanto uma raposa. Um dia, levaria Davina até lá para ver a lhama. Ela ia gostar quando estivesse um pouquinho mais velha.

Descendo de carro por um outro caminho, passou diante de uma fazenda em estado lastimável. As construções estavam abandonadas, o encanamento vazando e as molduras das janelas descascadas. O jardim parecia uma espécie de cemitério para máquinas que deviam estar acumulando ferrugem há décadas. Um cachorro esquelético com um olhar enraivecido lutava com uma corrente, latindo furiosa e inutilmente na porta. A alguns metros do portão, os sulcos ficaram mais fundos e a grama mais esparsa. Alex atravessou pelas poças, fazendo uma careta ao constatar que uma pedra atingira o chassi do carro.

Um pórtico agigantou-se à sua esquerda e Alex desceu do carro, cansado. Contornou o seu carro pela frente e inclinou-se sobre as barras de metal. Olhando para a sua esquerda, viu algumas vacas encardidas ruminando melancolicamente. Deu uma olhadela para a sua direita e teve uma surpresa inesperada. Mal podia acreditar nos seus próprios olhos. Será que era mesmo o que ele estava pensando?

Alex remexeu no cadeado enferrujado que mantinha o portão trancado. Entrou no terreno e tornou a prender os elos da corrente. Prosseguiu caminhando, sem se importar nem com a lama nem com o esterco que maculavam os seus caros mocassins americanos. Quanto mais se aproximava do seu objetivo, mais tinha certeza de que havia encontrado o que estava procurando.

Não via o trailer havia vinte e cinco anos, mas a memória confirmou a sua suspeita. Bicolor, exatamente como ele lembrava: bege em cima, verde musgo

embaixo. As cores estavam desbotadas, mas ainda era possível compará-las com a sua lembrança. Conforme se aproximava, pôde reparar que ainda estava bem conservado. Blocos de concreto empilhados em cada canto mantinham os pneus afastados do chão e não havia nenhum vestígio de limo no teto, no peitoril das janelas, nem na soleira da porta. A borracha frágil em volta das janelas havia sido tratada com algum tipo de selante para ficar à prova d'água, observou Alex enquanto contornava cautelosamente o trailer. Não havia o menor sinal de vida. Cortinas claras cobriam as janelas. A aproximadamente uns vinte metros do trailer, um pequeno portão na cerca conduzia ao lago. Alex pôde ver um barco a remo estirado na margem.

Alex olhou para trás e observou. Mal podia acreditar no que via. Era inacreditável, constatou ele. Possivelmente não tão raro quanto poderia parecer à primeira vista. As pessoas se desfaziam de mobílias, carpetes, carros. Mas os trailers sobreviviam, ganhavam vida própria. Lembrou-se do casal de velhinhos que morava em frente aos seus pais. Tinham o mesmo trailer de dois cômodos desde que ele era adolescente. Todas as tardes de sexta-feira no verão, eles o engatavam no seu carro e partiam. Não iam para muito longe, só até a costa para Leven ou Elie. Às vezes, caprichavam um pouco mais no passeio e atravessavam o Forth, rumo a Dunbar ou North Berwick. E voltavam no domingo à noite, tão satisfeitos quanto se tivessem atravessado o Polo Norte. Então, na verdade não era de se admirar que o tira Jimmy Lawson tivesse conservado o trailer onde morara enquanto construía a sua casa. Especialmente porque todo pescador precisa de um retiro. Qualquer pessoa teria feito a mesma coisa.

A não ser, é claro, pelo fato de que a maioria das pessoas não teria preservado o local de um crime.

— Agora você acredita em Alex? — perguntou Esquisito a Lawson. O efeito das suas palavras foi amenizado pelo fato de ele estar todo contraído, com o braço atravessado nas costelas, tentando fazer com que elas parassem de se raspar umas contra as outras em espasmos de dor.

A polícia não chegara ao local muito antes de Esquisito, mas ele já encontrara um aparente caos. Homens vestindo coletes à prova de balas com quepes e rifles movimentavam-se por toda parte, enquanto outros oficiais afobados andavam para lá e para cá, executando as suas tarefas obscuras. Curiosamente, ninguém parecia estar notando a sua presença. Saiu com dificuldade do táxi e observou a cena. Não demorou muito para localizar Lawson, debruçado sobre um mapa em cima do capô de um carro. A policial com quem ele e Alex haviam conversado na delegacia estava ao seu lado, com

um celular grudado na orelha.

Esquisito aproximou-se deles, com a raiva e a ansiedade servindo como analgésicos.

— E aí, Lawson? — gritou ele. — Satisfeito agora?

Lawson virou para trás, um sujeito com sentimento de culpa surpreendido. O seu queixo caiu enquanto tentava reconhecer Esquisito por trás do estrago que haviam feito no seu rosto.

— Tom Mackie? — perguntou ele, na dúvida.

— Eu mesmo. Agora você acredita em Alex? O maluco está com a criança aí dentro. Já matou duas pessoas e você está aí parado, na esperança de que ele vá facilitar as coisas para você matando mais uma.

Lawson balançou a cabeça. Esquisito pôde ver a aflição em seus olhos.

— Isso não é verdade. Estamos fazendo tudo o que está ao nosso alcance para resgatar o bebê de Gilbey. E você não tem como acusar Graham Macfadyen de outros crimes além deste.

— Ah, não? Quem diabos matou Ziggy e Mondo, então? Quem foi que fez isso comigo? — Esquisito levantou o dedo em riste no rosto de Lawson. — Ele podia ter me matado ontem à noite.

— Você viu o rosto do agressor?

— Não, estava ocupado demais tentando escapar com vida.

— Nesse caso, continuamos na mesma. Não temos provas, Sr. Mackie. Nenhuma prova.

— Escuta aqui, Lawson. Há vinte e cinco anos que somos obrigados a viver com a morte de Rosie Duff nas costas. Aí, de repente, o filho dela aparece do nada. E Ziggy e Mondo são assassinados. Tenha santa paciência, Lawson, como é que você é a única pessoa que não consegue ver a relação de causa e efeito? — Esquisito estava praticamente berrando, sem sequer atentar para o fato de vários policiais estarem observando a cena com olhares atentos e impassíveis.

— Sr. Mackie, estou tentando montar uma operação complexa. A presença do senhor no local, levantando alegações infundadas, não me ajuda em nada. Não tenho nada contra as teorias, mas trabalho com provas.

A raiva de Lawson era óbvia. Ao seu lado, Karen Pirie havia terminado de fazer a sua ligação e estava se aproximando discretamente de Esquisito.

— Mas só é possível encontrar as provas quando se está procurando por elas.

— Investigar assassinatos que ocorreram fora da minha jurisdição não faz parte do meu trabalho — retrucou Lawson. — O senhor está me atrapalhando, Sr. Mackie. E, como o senhor mesmo já disse, a vida de uma criança pode estar em jogo.

— Você vai pagar por isso — disse Esquisito. — Vocês dois — acrescentou ele, virando-se para incluir Karen na sua condenação. — Foram avisados e não tomaram nenhuma providência. Se ele machucar um fio de cabelo da cabeça dessa criança, eu juro para você, Lawson, você vai desejar jamais ter nascido. E afinal, onde está Lynn?

Lawson estremeceu, recordando-se da chegada de Lynn Gilbey no local. Ela saiu às pressas da viatura e atirou-se sobre ele, desferindo socos em seu peito e gritando, incoerente. Karen Pirie interveio rapidamente, envolvendo a mulher descontrolada em seus braços.

— Ela está naquela van branca ali. Karen, leve o Sr. Mackie até o veículo da unidade de resposta armada. E fique com ele e com a Sra. Gilbey. Não quero os dois correndo por aí com atiradores profissionais de plantão.

— Olha, quando isso tudo terminar — disse Esquisito enquanto Karen o escoltava até o carro — nós vamos acertar as nossas contas.

— Eu não contaria com isso, Sr. Mackie — disse Lawson. — Eu sou um oficial de polícia sênior e me ameaçar é coisa séria. Vá para lá e organize uma corrente de orações. O senhor faz o seu trabalho que eu faço o meu.

Carlton Way parecia uma rua deserta em uma cidade fantasma. Nenhum movimento. Costumava ficar silenciosa durante o dia, mas naquele dia específico estava extraordinariamente calma. O trabalhador noturno da casa número 7 foi tirado da cama por uma batida na sua porta dos fundos. Atordoado, foi persuadido a trocar de roupa e a acompanhar os dois policiais prostrados na sua porta. Seguiram através da cerca no fundo do seu jardim pelos campos até a rua principal, onde lhe contaram acontecimentos tão estranhos que, não fosse pela presença em massa da polícia e do bloqueio que isolava Carlton Way do resto do mundo, ele teria achado que estava participando de uma pegadinha.

— Todas as casas estão vazias agora? — perguntou Lawson à detetive McIntyre.

— Sim, senhor. E a única comunicação com a casa de Macfadyen é através de uma linha telefônica privada para uso exclusivo da polícia. A equipe de resposta armada está disposta em volta da casa agora.

— Ok. Vamos lá.

Duas viaturas policiais e uma van passaram, uma atrás da outra, por Carlton Way. Estacionaram diante da casa de Macfadyen. Lawson desceu do primeiro veículo e foi falar com o especialista em negociação de reféns, John Duncan, atrás da van, onde não podiam ser vistos.

— Tem certeza de que ele está aí dentro? — perguntou Duncan.

— É o que dizem os especialistas. Imagem térmica, ou algo do tipo. Ele está aí dentro com o bebê. E ambos estão vivos.

Duncan passou os fones para Lawson e apanhou a base do telefone que o conectaria com a casa. A ligação foi atendida no terceiro toque. Silêncio.

— Graham? É você? — perguntou Duncan com a voz firme, mas calorosa.

— Quem está falando? — Macfadyen parecia surpreendentemente tranquilo.

— O meu nome é John Duncan. Estou aqui para ver o que pode ser feito para resolvermos esta situação sem que ninguém se machuque.

— Não tenho nada para falar com você. Quero falar com Lawson.

— Ele não está aqui no momento. Mas tudo o que você me disser será transmitido a ele.

— Ou Lawson, ou nada feito. — O tom de voz de Macfadyen era amistoso e casual, como se estivessem conversando sobre o clima ou sobre futebol.

— Como eu disse, o Sr. Lawson não está aqui no momento.

— Não acredito em você, Sr. Duncan. Mas vamos fingir que está me dizendo a verdade. Não estou com pressa. Posso esperar até que você o localize. — A linha ficou muda.

Duncan olhou para Lawson.

— Fim do primeiro round — disse ele. — Vamos dar uns cinco minutos e aí eu tento novamente. Uma hora ele vai ter que começar a falar.

— Você acha? Ele me pareceu bastante calmo. Não seria melhor eu falar com ele logo? Assim, pode ser que ele ache que vai conseguir o que quer.

— Ainda é muito cedo para fazermos concessões, senhor. Ele precisa nos dar algo antes que possamos retribuir.

Lawson suspirou profundamente e deu as costas. Detestava a sensação de estar fora de controle. Aquilo viraria um circo para a mídia e a possibilidade de um resultado drástico era muito, mas muito maior do que a de um bom desfecho. Sabia como funcionava aquele tipo de coisa. Quase sempre, terminava mal para uma das partes.

Alex estudou as suas opções. Em outras circunstâncias, a coisa mais sensata a fazer seria ir embora naquele minuto, direto para a polícia. Eles poderiam enviar os seus peritos e revirar o lugar, em busca da única gotinha de sangue ou do respingo de tinta que tornaria inevitável a ligação daquele trailer com a morte de Rosie Duff.

Mas como poderia fazer aquilo se o trailer em questão pertencia ao subchefe de polícia? Lawson embargaria qualquer investigação, pondo um fim

antes mesmo que houvesse um começo. O trailer com certeza seria incendiado, e alguns vândalos seriam apontados como os possíveis culpados. E então o que teriam? Nada além de coincidências. A presença de Lawson em um local tão próximo do terreno onde Alex tropeçara no corpo da moça. Na época, ninguém havia atentado para aquele detalhe. Na Fife do final da década de 70, a polícia ainda estava acima de qualquer suspeita; eram mocinhos lutando contra o mal. Ninguém sequer questionou como foi que Lawson não viu o assassino levando o corpo de Rosie para Hallow Hill, embora estivesse parado diante do caminho mais óbvio para o cemitério picto. Mas aquele era um mundo novo, um mundo no qual era possível questionar a integridade de homens como James Lawson.

Se Lawson era o homem misterioso na vida de Rosie, era bastante compreensível que ela não quisesse revelar a sua identidade. Os seus irmãos encrenqueiros odiariam vê-la com um tira. E havia também a maneira como Lawson parecia sempre surgir do nada quando ele ou os seus amigos corriam perigo, como se tivesse assumido para si próprio a tarefa de agir como anjo da guarda dos quatro. Culpa, pensou Alex. Aquilo era o que a culpa fazia com uma pessoa. Apesar de ter matado Rosie, Lawson ainda cultivava um mínimo de decência para não permitir que outra pessoa pagasse pelo seu crime.

Mas nenhuma daquelas circunstâncias servia como prova. A probabilidade de encontrarem testemunhas que tivessem visto Rosie com Jimmy Lawson era nula. A única prova concreta estava dentro do trailer, e se Alex não tomasse nenhuma providência rápida, poderia ser tarde demais.

Mas o que podia fazer? Não era versado nas técnicas de invasão de domicílio. Arrombar carros na adolescência era uma coisa, abrir fechaduras era outra, e se ele forçasse a porta, Lawson iria perceber. Em qualquer outra época, poderia pensar que fora obra de moleques ou de algum sem-teto. Mas não agora. Não com tanto interesse no caso Rosie Duff. Não podia se dar ao luxo de julgar aquilo um fator insignificante. Era possível que Lawson colocasse fogo no trailer.

Alex deu um passo para trás e analisou a situação. Observou que havia uma claraboia no teto. Será que conseguiria entrar por ela? Mas como chegaria até o teto? Havia apenas uma possibilidade. Alex voltou até o portão, escancarou-o e entrou com o seu carro no terreno pantanoso. Pela primeira vez em sua vida, desejou ser um daqueles babacas que dirigiam um veículo com tração nas quatro rodas em plena cidade. Mas não, ele tinha de ser o mauricinho, com a sua BMW 535. O que faria se ficasse atolado na lama?

Dirigiu devagar até o trailer e parou paralelamente com uma de suas extremidades. Abriu a mala e desafivelou o kit de ferramentas básico do carro. Alicate, chave de fenda, chave inglesa. Apanhou tudo o que podia lhe ser útil,

tirou o paletó do terno e a gravata e fechou a mala. Subiu no capô e, em seguida, no teto do carro. De lá de cima, o teto do trailer não estava tão longe. Lutando para se apoiar, Alex conseguiu finalmente alcançar o teto.

Era nojento lá em cima. O teto estava escorregadio e coberto de lodo. Partículas de sujeira agarravam-se às suas roupas e em suas mãos. A claraboia era um domo de plástico suspenso de mais ou menos uns setenta centímetros por trinta. Teria de se espremer bastante para conseguir entrar. Encaixou a chave de fenda em um dos cantos e tentou suspendê-la.

No início, a claraboia nem se mexia. Mas, após tentativas repetidas em diversos pontos, ela se moveu em um estalo. Suando, Alex secou o rosto com as costas da mão e espiou lá dentro. Havia um braço de metal giratório com parafuso de ajuste, que mantinha a claraboia no seu devido lugar e permitia que pudesse ser levantada e abaixada de dentro do trailer. O que também impedia que a claraboia fosse aberta mais do que alguns centímetros em um dos lados. Alex resmungou. Teria de desparafusar o braço de metal e depois colocá-lo no lugar novamente.

Tentou desajeitadamente conseguir o melhor ângulo. Era quase impossível mover aqueles parafusos, que haviam sido colocados ali há mais de um quarto de século. Forçou e lutou até que, por fim, um parafuso cedeu e depois o outro. Finalmente a claraboia estava solta.

Alex olhou para baixo. Não era tão ruim quanto ele imaginara. Se descesse devagar e com cuidado, talvez pudesse se apoiar no banco que ocupava uma das extremidades da sala. Respirou fundo, apoiou-se no teto e começou a descer.

Pensou que os seus braços iam voar para fora do corpo quando o seu peso desceu de supetão. Os seus pés pedalaram no ar, buscando um apoio, mas após alguns segundos, ele decidiu apenas cair.

Sob a luz tênue que o iluminava, o interior do trailer parecia praticamente idêntico ao que vira anos atrás. Mal podia imaginar que, naquele momento, estava sentado exatamente no lugar onde Rosie encontrara o seu destino trágico. Não havia nenhum cheiro característico, nenhuma mancha de sangue, nenhuma vibração no ar que o deixasse alarmado.

Estava tão perto da resposta. Alex mal tinha coragem de olhar para o teto. E se Lawson o tivesse pintado várias vezes depois? Será que ainda seria possível encontrar uma prova? Esperou o coração desacelerar até um batimento quase normal e murmurou uma prece para o Deus de Esquisito. Jogou a cabeça para trás e olhou para cima.

Merda. O teto não era azul, era creme. Tudo aquilo para nada. Bom, de todo modo, não voltaria de mãos abanando. Subiu no banco e escolheu uma parte próxima ao canto, onde não chamaria atenção. Com a lâmina afiada da chave de

fenda, raspou a tinta, colhendo os fragmentos em um envelope que trouxera consigo.

Quando conseguiu uma quantidade suficiente, ele desceu e apanhou um dos fragmentos maiores. Era creme de um lado e azul do outro. Alex sentiu as pernas ficando bambas e deixou-se cair pesadamente no banco, experimentando uma emoção avassaladora. Apanhou a tabela de cores de Jason, que trouxera no bolso, e examinou a amostra de azul que havia despertado a sua memória de vinte e cinco anos atrás. Suspendeu a beirada da cortina para deixar entrar luz e colocou o fragmento da tinta que acabara de recolher sobre a amostra da tabela. O azul do fragmento praticamente desapareceu sobre o azul da amostra.

Os olhos de Alex encheram-se de lágrimas. Seria aquela a resposta definitiva?

44

Duncan fizera mais três tentativas de falar com Graham Macfadyen, mas ele recusara terminantemente desistir da sua exigência de falar somente com Lawson. Deixou Duncan ouvir o choro de Davina, mas aquela era a única concessão que estava disposto a fazer. Exasperado, Lawson decidiu que aquilo já estava indo longe demais.

— O tempo está passando. O bebê está agoniado e a mídia está acompanhando tudo de perto. Me passa o telefone de uma vez. De agora em diante, deixa que eu assumo — disse ele.

Duncan olhou para o rosto afogueado do chefe e passou o fone para ele.

— Vou ajudá-lo a manter tudo nos conformes — disse ele.

Lawson efetuou a ligação.

— Graham? Sou eu, James Lawson. Lamento ter demorado tanto para chegar aqui. Fiquei sabendo que você está querendo falar comigo, é isso?

— É isso mesmo. Mas antes de começarmos, já vou logo avisando que estou gravando a nossa conversa. Enquanto conversamos, estou transmitindo tudo ao vivo, pela internet. Toda a imprensa já está com o endereço do site, então, provavelmente, estão acompanhando tudo com bastante interesse. Nem adianta tentar bloquear o acesso ao site, por sinal. Eu fiz um esquema para ele ficar trocando de servidor. Antes mesmo que vocês descubram o endereço, ele já estará em outro lugar.

— Não tem necessidade nenhuma disso, Graham.

— Tem toda a necessidade do mundo. Vocês acharam que podiam me calar cortando as minhas linhas telefônicas, mas vocês têm uma mentalidade do século passado. Eu represento o futuro, Lawson, e você já era.

— Como está o bebê?

— O bebê é um saco, para falar a verdade. Só sabe chorar o tempo todo. A minha cabeça está explodindo. Mas essa coisa aqui está bem. Por enquanto, pelo menos. Ainda não sofreu nenhum mal.

— Você está causando mal somente por deixá-la longe de sua mãe.

— Isso não é culpa minha. É culpa de Alex Gilbey. Ele e os seus amigos me deixaram longe da minha mãe. Alex Gilbey, Tom Mackie, David Kerr e Sigmund Malkiewicz assassinaram a minha mãe, Rosie Duff, no dia 16 de dezembro de 1978. Primeiro eles a estupraram e depois tiraram a sua vida. E a

polícia de Fife nunca chegou a indiciá-los pelos seus crimes.

— Graham — interrompeu Lawson —, tudo isso é passado. O que nos interessa agora é o futuro. O seu futuro. E quanto mais rápido isso tudo terminar, melhores serão as suas chances.

— Não fale comigo como se eu fosse retardado, Lawson. Eu sei que vou para a cadeia por causa de tudo isso. Isso não tem o menor peso para mim no que diz respeito à libertação do meu refém. Nada vai mudar isso, então não insulte a minha inteligência. Não tenho mais nada a perder, mas posso dar um jeito de levar alguém comigo. Bom, onde foi que eu parei? Ah, sim. Os assassinos da minha mãe. Você nunca os indiciou. E quando reabriu o caso, recentemente, alardeando aos quatro cantos que o DNA solucionaria os seus crimes antigos, descobriu que tinha perdido as provas do caso da minha mãe. Como pôde fazer isso? Como pôde perder algo tão importante?

— Estamos perdendo o controle — sussurrou Duncan. — Ele está chamando o bebê de "essa coisa". Isso não é bom. Volte a falar no bebê.

— Sequestrar a Davina não vai mudar nada disso, Graham.

— Mas ajudou a fazer com que vocês parassem de varrer o assassinato da minha mãe para debaixo do tapete. Agora, o mundo inteiro vai ficar sabendo o que você fez.

— Graham, descobrir quem matou a sua mãe é um compromisso pessoal meu.

Uma risada histérica ressoou do outro lado da linha.

— Ah, eu sei disso. Apenas não confio muito nos seus métodos. Eu quero que eles sofram aqui, neste mundo, não no próximo. Estão morrendo como heróis. A verdade sobre eles está sendo varrida para debaixo do tapete. É isso que dá quando você usa os seus métodos.

— Graham, precisamos conversar sobre a sua situação neste momento. Davina precisa da mãe. Por que você não a traz aqui fora e aí podemos conversar sobre as suas reclamações? Prometo que vamos ouvir tudo o que você tem a dizer.

— Você ficou maluco? É somente assim que eu consigo a sua atenção, Lawson. E pretendo aproveitar ao máximo, antes que tudo chegue ao fim. — A ligação terminou abruptamente com o telefone batendo no gancho do outro lado.

Duncan tentou disfarçar a sua frustração.

— Bom, pelo menos agora a gente já sabe o que é que deu nele.

— Ele está fora de si. Não dá para negociar se ele está transmitindo a ligação para o resto do mundo. Quem sabe que alegações malucas ele vai inventar agora? O cara devia ser detido, e não ouvido. — Lawson bateu com a mão na lateral da van.

— Antes que possamos fazer isso, precisamos tirar ele e o bebê de lá.

— Que se foda — disse Lawson. — Vai escurecer daqui a mais ou menos uma hora. Vamos invadir a casa.

Duncan parecia perplexo.

— Mas senhor, isso é totalmente contra as regras.

— Sequestrar um bebê também é. E eu não vou ficar aqui parado enquanto a vida de uma criança está em risco — acrescentou ele, voltando para o seu carro.

Alex deixou o lugar desfrutando uma enorme sensação de alívio. Chegou a duvidar em alguns momentos se conseguiria sair um dia daquele terreno sem a ajuda de um trator. Mas conseguira. Pegou o celular, planejando ligar para Jason e avisar que estava indo encontrá-lo, levando algo muito interessante. O celular estava sem sinal. Alex deu um muxoxo e dirigiu com cautela pela rua enlameada até a avenida principal.

Quando se aproximava de Kinross, o telefone tocou. Ele o pegou e viu que tinha quatro mensagens. Navegou pelas teclas para ouvi-las. A primeira era de Esquisito, pedindo para ele ligar para casa assim que pudesse. A segunda também era de Esquisito, passando um número de celular. A terceira e a quarta eram de jornalistas, pedindo que entrasse em contato com eles.

Que diabos estava acontecendo? Alex desviou da rua, parando no estacionamento de um pub, nos arredores da cidade, e ligou para o número que Esquisito deixara.

— Alex? Graças a Deus — gaguejou Esquisito. — Você está dirigindo?

— Não, acabei de estacionar. O que está acontecendo? Recebi umas mensagens...

— Alex, você precisa ficar calmo.

— O que foi? Davina? Lynn? O que aconteceu?

— Alex, aconteceu uma coisa horrível. Mas estão todos bem.

— Porra, Esquisito, me conta de uma vez — berrou Alex, paralisado de pânico.

— Macfadyen sequestrou Davina — disse ele, falando devagar e com clareza. — Está mantendo a menina como refém. Mas ela está bem. Ele não a machucou.

Alex teve a impressão de que alguém enfiara a mão no seu peito e arrancara o seu coração fora. Todo o amor que descobrira ter transformara-se em uma mescla de medo e ira.

— E Lynn? Onde está ela? — perguntou ele com a voz embargada.

— Ela está aqui com a gente, na frente da casa de Macfadyen em St. Monans. Calma aí, que eu vou passar o telefone pra ela. — Após um breve momento, Alex ouviu o que parecia uma sombra da voz habitual de Lynn.

— Onde é que você estava, Alex? Ele roubou a Davina. Ele levou a nossa filha, Alex! — Ele podia ouvir as lágrimas por trás da sua rouquidão.

— Eu estava em um lugar sem sinal, não pegava de jeito nenhum. Lynn, estou indo para aí. Aguenta firme, não deixa ninguém fazer nada, ouviu? Estou indo para aí e estou sabendo de uma coisa que vai mudar tudo. Não deixa ninguém fazer nada, está bem? Vai dar tudo certo. Tá ouvindo? Vai ficar tudo bem. Passa o telefone para Esquisito novamente, por favor. — Enquanto falava, Alex ligou o motor e começou a manobrar para sair do estacionamento.

— Alex? — Ele podia detectar a aflição na voz de Esquisito. — Quando é que dá para você chegar?

— Estou em Kinross. Acho que em uns quarenta minutos. Esquisito, eu sei o que aconteceu de verdade. O que aconteceu com Rosie, e posso provar. Quando Macfadyen ficar sabendo disso, ele vai ver que não precisa se vingar. Você precisa fazer com que eles não façam nada que coloque Davina em risco até eu chegar aí e contar tudo. Estou com uma bomba nas mãos.

— Vou fazer o possível. Mas eles nos afastaram da operação.

— Faça tudo o que você puder, Esquisito. E cuida da minha mulher para mim, tá?

— Claro. Vem o mais rápido que você puder, hein? Que Deus te proteja.

Alex pisou no acelerador; nunca dirigira tão depressa em sua vida. Quase desejou ser parado por alta velocidade. Assim, teria uma escolta policial para acompanhá-lo até lá. A polícia na sua cola até East Neuk. Era tudo o que ele precisava naquele momento.

Lawson olhou em volta do hall da igreja que havia solicitado.

— A equipe de suporte técnico consegue identificar em qual cômodo Macfadyen está com o bebê. Até agora, ele passou a maior parte do tempo em um quarto nos fundos da casa. O bebê às vezes está com ele e às vezes está na sala. Então temos de ser rápidos. Vamos esperar até que estejam separados, então um grupo entra pela frente e pega o bebê. O outro grupo fica com os fundos e cerca Macfadyen.

“Vamos esperar até anoitecer. Os postes da rua vão ficar apagados. Não vamos conseguir enxergar um palmo diante do nariz. Quero que essa operação funcione perfeitamente. E quero o bebê são e salvo aqui fora.

“Já com Macfadyen, são outros quinhentos. Ele tem problemas

psicológicos. Não temos a menor ideia se está armado ou não. Temos motivos para acreditar que ele já matou duas pessoas. E tudo nos leva a crer que, ontem à noite, atacou mais uma. Se não tivesse sido interrompido, creio que teria cometido outro assassinato. Ele mesmo disse que não tem nada mais a perder. Se ele fizer menção de sacar uma arma, estão autorizados a disparar. Alguma pergunta?

O hall estava silencioso. Os oficiais do grupo de resposta armada haviam se aperfeiçoado exatamente para uma operação como aquela. O recinto transformara-se em um receptáculo de testosterona e adrenalina. Era em momentos como aquele que o medo ganhava um outro nome.

Macfadyen digitou alguma coisa no teclado e clicou no mouse. A conexão do celular era abominavelmente lenta, mas ele dera um jeito de incluir a sua conversa com Lawson no site. Disparou e-mails para os contatos que havia feito previamente com a imprensa, avisando que poderiam acompanhar de camarote a operação de resgate em seu site, onde poderiam ouvir em primeira mão o que estava acontecendo.

Não acalentava a ilusão de que podia controlar o resultado de tudo aquilo. Mas estava determinado a fazer o que podia, incluindo tudo o que fosse necessário para ganhar as manchetes dos jornais. Se o preço fosse a vida daquele bebê, estava disposto a pagar. Estava preparado. Conseguiria levar o seu plano a cabo, tinha certeza. Pouco importava se o seu nome viraria sinônimo de maldade nos tabloides. Não ia sair daquilo como o único vilão. Mesmo se Lawson tivesse conseguido boicotar a imprensa, a informação estava disponível na internet. Não podia interferir em seu site, não podia impedir que os fatos se espalhassem online. E Lawson já devia ter percebido que Macfadyen tinha uma carta na manga.

Da próxima vez que ligassem, ia abrir o jogo. Revelaria toda a dimensão da duplicidade da polícia. Contaria ao mundo como a justiça decaíra na Escócia.

Era o dia do juízo final.

Alex foi parado diante do bloqueio policial. Podia ver os diversos veículos policiais adiante e as barreiras vermelhas e brancas na entrada de Carlton Way. Abaixou o vidro do carro, consciente de que estava imundo e desgrenhado.

— Eu sou o pai da criança — disse ele ao policial que se debruçou para falar com ele. — É a minha filha lá dentro. A minha mulher está aí em algum lugar. Preciso ficar com ela.

— Posso ver a sua identidade, senhor? — perguntou o policial.

Alex apresentou a sua carteira de motorista.

— Sou Alex Gilbey. Por favor, deixe-me passar.

O policial comparou o seu rosto com a fotografia da carteira, depois se afastou para comunicar-se com alguém pelo rádio. Voltou um pouco depois.

— Sinto muito, Sr. Gilbey. Todo cuidado é pouco. Se o senhor puder estacionar ali no canto, um dos policiais o levará até a sua esposa.

Alex seguiu um outro policial de jaqueta amarela até um micro-ônibus branco. Ele abriu a porta e Lynn levantou-se, em um pulo, jogando-se em seus braços. Ela estava tremendo e ele pôde sentir o seu coração batendo descontrolado dentro do peito. Não havia palavras para a dor que sentiam. Abraçaram-se simplesmente, e a angústia e o medo que os dominavam eram palpáveis.

Durante um bom tempo, ninguém falou nada. Então Alex disse:

— Vai ficar tudo bem. Eu tenho como acabar com isso agora.

Lynn olhou para ele, com os olhos vermelhos e inchados.

— Como, Alex? Não há nada que você possa fazer.

— Posso, sim. Estou sabendo da verdade. — Olhou por cima de Lynn e viu Karen Pirie sentada ao lado da porta, junto a Esquisito. — Onde está Lawson?

— Está em uma reunião — disse Lynn. — Vai voltar daqui a pouco. Aí você fala com ele.

Alex balançou a cabeça.

— Não quero falar com ele. Quero falar com Macfadyen.

— Isso não será possível, Sr. Gilbey. Isso é tarefa para negociadores experientes. Eles sabem o que estão fazendo.

— Você não está entendendo. Ele precisa saber de coisas que só eu posso revelar. Não quero ameaçá-lo. Não quero nem exigir nada. Só preciso falar com ele.

Karen suspirou.

— Eu sei que o senhor deve estar aflito, Sr. Gilbey. Mas o senhor pode errar, querendo acertar.

Alex desvencilhou-se gentilmente dos braços de Lynn.

— Isso está acontecendo por causa de Rosie Duff, não está? Porque ele acha que eu estou envolvido no assassinato de Rosie Duff, não é?

— Ao que parece, sim — respondeu Karen, cautelosa.

— E se eu dissesse que posso responder a todas as suas perguntas?

— Se o senhor possui alguma informação relacionada ao caso, deveria falar é comigo.

— Tudo tem a sua hora, eu prometo. Mas Graham Macfadyen merece ser o

primeiro a ouvir a verdade. Por favor, confie em mim. Tenho os meus motivos. É a vida da minha filha que está em jogo aqui. Se vocês não me deixarem falar com Macfadyen, eu vou procurar a imprensa e contar tudo o que sei. E, acredite, não vai ser a melhor maneira.

Karen avaliou a situação. Gilbey parecia calmo. Quase calmo demais. E ela não era treinada para lidar com situações como aquela. Normalmente, encaminharia ao seu superior. Mas Lawson estava ocupado demais em outro lugar. Talvez devesse consultar o negociador.

— Venha comigo, vamos falar com o inspetor Duncan. É ele quem está se comunicando com Macfadyen.

Ela desceu da van e chamou um dos policiais.

— Por favor, fique aqui com a Sra. Gilbey e com o Sr. Mackie.

— Eu vou com o Alex — disse Lynn, insubordinada. — Não vou sair do lado dele.

Alex segurou a mão dela.

— Vamos juntos, então — disse ele a Karen.

Ela sabia quando se dar por vencida.

— Está bem, vamos — disse ela, conduzindo-os até o cordão que bloqueava a entrada da rua de Macfadyen.

Alex nunca se sentira tão vivo. Estava consciente dos movimentos dos seus músculos a cada passo que dava. Os seus sentidos pareciam estar mais apurados, cada som e cheiro quase insuportavelmente amplificados. Jamais esqueceria aquela caminhada. Era o momento mais importante da sua vida e ele estava determinado a fazer a coisa certa, da maneira adequada. Ensaiara a conversa que teria com Macfadyen em sua errática jornada até St. Monans e estava seguro de que encontraria as palavras para ganhar a liberdade da sua filha.

Karen os levou até uma van branca estacionada do lado de fora da casa. Na escuridão crescente, tudo parecia lúgubre, refletindo o sentimento das pessoas que estavam envolvidas no resgate. Karen deu uma batidinha na lateral da van e a porta se abriu. A cabeça de John Duncan apareceu entre uma fresta.

— Detetive Pirie, não é isso? O que posso fazer pela senhora?

— Estes são o Sr. e a Sra. Gilbey. Ele gostaria de falar com Macfadyen, senhor.

Duncan suspendeu as sobrancelhas, alarmado.

— Acho que não é uma boa ideia. A única pessoa com quem Macfadyen quer falar é com o subchefe Lawson. E ele deu ordens para que não ligarmos mais para lá até que Lawson voltasse.

— Ele precisa ouvir o que eu tenho a dizer — disse Alex. — Ele está fazendo isso porque quer que o mundo inteiro saiba quem matou a sua mãe. Ele

acha que fomos eu e os meus amigos. Mas ele está enganado. Descobri toda a verdade hoje e ele deve ser a primeira pessoa a saber.

Duncan mal conseguia disfarçar a sua surpresa.

— O senhor está me dizendo que sabe quem matou Rosie Duff?

— Sei, sim.

— Então deveria estar dando o seu depoimento a um dos policiais — respondeu ele, firmemente.

Um tremor de emoção percorreu o rosto de Alex, revelando como ele estava tentando se controlar.

— É a minha filha lá dentro. E eu posso terminar com tudo isso agora mesmo. Cada minuto que vocês me fazem perder aqui fora é mais um minuto que ela corre perigo. Não quero falar com ninguém, só com Macfadyen. E se vocês não me deixarem conversar com ele, vou ter que abrir o jogo com a imprensa. Vou contar que tenho como terminar com essa situação e que vocês não me deixam agir. Vocês realmente querem que isso se torne o epitáfio das suas carreiras?

— Você não vai saber o que fazer. Não é um especialista em resgates. — Alex percebeu que aquele era o argumento derradeiro de Duncan.

— Bom, toda a sua experiência não serviu para muita coisa, não é mesmo? — interrompeu Lynn. — O trabalho de Alex é negociar com as pessoas. E ele é muito bom nisso. Vamos assumir toda a responsabilidade pelo resultado de sua tentativa.

Duncan olhou para Karen. Ela deu de ombros. Ele respirou fundo e deixou escapar um longo suspiro.

— Eu vou ficar daqui escutando — disse ele. — Se eu achar que a situação está ficando fora de controle, corto a ligação.

Alex chegou a ficar tonto de tanto alívio.

— Ótimo. Vamos lá — disse ele.

Duncan pegou o telefone e colocou os fones nos ouvidos. Passou fones para Karen e o fone para Alex.

— É todo seu.

O telefone tocou. Uma, duas, três vezes. Na metade do quarto toque, Graham atendeu.

— Quer continuar, Sr. Lawson? — perguntou a voz do outro lado da linha.

A voz dele é tão normal, pensou Alex. Não parece nada com a voz de um sujeito que sequestraria um bebê e colocaria a sua vida em risco.

— Não é o Lawson. Aqui quem fala é Alex Gilbey.

— Não tenho nada para falar com você, seu assassino desgraçado.

— Me dê apenas um minuto. Tenho uma coisa para te contar.

— Se você vai dizer que não matou a minha mãe, poupe o seu latim. Não vou acreditar mesmo.

— Eu sei quem matou a sua mãe, Graham. E tenho provas. Estão aqui no meu bolso. Estou com fragmentos de tinta compatíveis com a tinta encontrada nas roupas da sua mãe. Colhi esses fragmentos hoje cedo, de um trailer no lago Leven. — Não houve resposta do outro lado da linha, apenas uma respiração forte. Alex continuou. — Havia mais alguém presente na noite do crime, mas ninguém prestou atenção nele, porque ele tinha motivos para estar lá. Ele encontrou a sua mãe depois do expediente e a levou para o seu trailer. Não sei direito o que aconteceu, mas desconfio que ela tenha se recusado a transar com ele e ele a tenha estuprado. Quando percebeu o que tinha feito, viu que não podia deixá-la viva para contar a história. Seria o fim para ele. Então, ele a esfaqueou. E a levou até Hallow Hill, abandonando-a para morrer. E ninguém nunca suspeitou dele, porque ele estava do lado da lei. — Karen Pirie encarava Alex, boquiaberta e aterrorizada conforme ia compreendendo as implicações do que ele estava dizendo.

— Diga o nome dele — sussurrou Macfadyen.

— Jimmy Lawson. Foi Jimmy Lawson quem matou a sua mãe, Graham. Não eu.

— Lawson? — Foi quase um soluço. — Você está blefando, Gilbey.

— Não, Graham. Como eu disse, tenho como provar. E o que você tem a perder acreditando em mim? Vamos acabar com isso agora e você vai ter a oportunidade de presenciar a justiça sendo finalmente cumprida.

Houve um longo e demorado silêncio. Duncan aproximou-se, disposto a recolher o telefone das mãos de Alex, mas ele virou-se para trás deliberadamente, apertando o fone em suas mãos com mais força ainda. E então Macfadyen falou:

— Eu achei que ele estava fazendo aquilo porque era a única maneira de conseguir alguma justiça. E não concordava com os métodos dele, porque queria que vocês sofressem. Mas não. Ele estava fazendo aquilo para se proteger — disse Macfadyen e as suas palavras não significaram nada para um Alex estupefato.

— Fazendo o quê? — perguntou ele.

— Matando vocês, ora.

45

Um manto de escuridão desceu sobre Carlton Way. Encobertas pelas sombras, figuras enegrecidas se moviam com armas semiautomáticas coladas em seus coletes à prova de balas. Percorriam o local com a silenciosa delicadeza de um leão atrás de um antílope. Ao se aproximarem da casa, se separaram, agachados sob os parapeitos das janelas e depois voltaram a se reagrupar, metade na porta da frente, metade na dos fundos. Cada um deles lutava para manter a sua respiração suave e tranquila, apesar do coração que batia freneticamente no peito, como um tambor convidando para a luta. Dedos verificavam se os fones estavam bem instalados na orelha. Ninguém queria perder o chamado para entrar em ação. Se fosse necessário. Não era hora de ambivalências. Quando a ordem fosse dada, demonstrariam o seu compromisso.

Lá em cima, um helicóptero sobrevoava o céu e os especialistas acompanhavam com atenção os resultados da imagem térmica. Eram responsáveis pela determinação do momento certo para agir. O suor ardia em seus olhos e encharcava as palmas das mãos enquanto mantinham o foco nas duas figuras incandescentes. Enquanto estivessem separadas, podiam agir. Mas se ficassem juntas, ninguém podia fazer nada. Não havia espaço para erros. Não com uma vida correndo perigo.

Tudo estava nas mãos de um único homem. O subchefe de polícia James Lawson caminhou por Carlton Way sabendo que aquela era a sua última cartada.

Alex esforçou-se para compreender as palavras de Macfadyen.

— O que você quer dizer? — perguntou ele.

— Eu o vi ontem à noite, com um taco de beisebol. Debaixo da ponte, dando uma surra no seu amigo. Pensei que estivesse tentando fazer justiça com as próprias mãos, sério mesmo. Mas se Lawson matou a minha mãe...

Alex agarrou-se ao único fato do qual tinha certeza absoluta.

— Ele a matou, sim, Graham. Eu tenho como provar. — De repente, a linha ficou muda. Desconcertado, Alex voltou-se para Duncan. — Que porra é essa? — quis saber ele.

— Já chega — disse Duncan, tirando os fones da cabeça. — Não posso permitir que isso seja transmitido para o mundo inteiro. Que diabos está

acontecendo aqui, Sr. Gilbey? É um pacto entre o senhor e Macfadyen para incriminar Lawson?

— O que você está dizendo? — perguntou Lynn.

— Foi Lawson — disse Alex.

— Eu escutei, Lawson matou Rosie — disse Lynn, agarrando-se ao braço do marido.

— Não só Rosie. Ele matou Ziggy e Mondo também. E tentou matar Esquisito. Macfadyen o viu ontem — disse Alex, abismado.

— Olha, não sei o que o senhor está tramando... — começou Duncan. Ele parou imediatamente ao ver Lawson se aproximando. Pálido e coberto de suor, o subchefe olhou para eles, intrigado e visivelmente irritado.

— Que diabos vocês dois estão fazendo aqui? — perguntou ele, apontando para Alex e Lynn. Virou-se para Karen. — Eu não te pedi para ficar com ela na van da unidade de resposta armada? Deus, isso aqui virou um verdadeiro circo. Tire-os daqui.

Houve um breve momento de silêncio e então Karen Pirie disse:

— Senhor, precisamos conversar sobre algumas acusações muito sérias que acabaram de ser feitas sobre...

— Karen, isso aqui não é um programa de debates. Estamos no meio de uma operação de vida e morte, porra! — gritou Lawson. Ele suspendeu o rádio até os lábios. — Estão todos em suas posições?

Alex apanhou o rádio das mãos de Lawson.

— Escuta aqui, seu cretino. — Antes que pudesse continuar, Duncan partiu para cima dele, derrubando-o no chão. Alex lutou com o policial, esgueirando a cabeça para gritar: — Sabemos a verdade, Lawson. Você matou Rosie. E matou os meus amigos. Está acabado. Você não pode mais se esconder.

Os olhos de Lawson dardejavam de fúria.

— Você é tão louco quanto ele. — Ele se abaixou e recuperou o rádio, enquanto dois policiais mergulhavam em cima de Alex.

— Senhor — disse Karen, apreensiva.

— Agora não, Karen — explodiu Lawson. Virando-se de costas, tornou a levar o rádio até os lábios novamente. — Estão todos em suas posições?

As respostas estalaram no seu fone de ouvido. Antes que Lawson pudesse responder, ouviu a voz do comandante do suporte técnico no helicóptero.

— Não atirem! O alvo está com o refém.

Lawson hesitou por um momento. Depois disse:

— Podem atirar! Agora!

Macfadyen estava pronto para encarar o mundo. As palavras de Alex Gilbey haviam restaurado a sua fé na possibilidade de a justiça ser cumprida. Entregaria a menina para ele. Para garantir a sua segurança, levou uma faca consigo. Uma derradeira estratégia para que pudesse chegar até a rua e alcançar a polícia que o esperava lá fora.

Estava a caminho da porta da frente, com Davina encolhida debaixo do seu braço como um pacote. Carregava uma faca de cozinha na mão livre quando o seu mundo explodiu. As portas da frente e dos fundos desabaram. Homens gritavam em uma algazarra ensurdecedora. Labaredas incandescentes explodiam, obnubilando a sua visão. Instintivamente, apertou a criança contra o seu peito. A mão que trazia a faca aproximou-se dela. Através do caos, ouviu alguém gritar:

— Solte o bebê!

Sentiu-se paralisado. Não podia deixá-la.

O atirador pressentiu que a vida da criança estava em risco. Sem pensar duas vezes, posicionou-se diante do seu alvo, apontou a arma e mirou na cabeça de Macfadyen.

46

Abril de 2004; Blue Mountains, Geórgia

O sol de primavera brilhava sobre as copas das árvores enquanto Alex e Esquisito subiam o cume da montanha. Esquisito caminhava na frente até o afloramento de uma rocha que se projetava sobre o declive e a escalava, acomodando-se com as suas longas pernas penduradas na beira. Alcançou a sua mochila e pegou um par de binóculos. Ele o regulou até que a imagem lá embaixo ficasse nítida e o passou para Alex.

— Bem ali embaixo, um pouquinho para a sua esquerda.

Alex ajustou o foco e examinou o território lá embaixo. De repente, percebeu que estava olhando para o telhado da cabana deles. E que as figuras correndo para lá e para cá do lado de fora eram os filhos de Esquisito. Os adultos sentados à mesa de piquenique eram Lynn e Paul. E o bebê aos seus pés era Davina. Observou a sua filha abrindo os braços e dando uma risadinha para as árvores. O seu amor por ela chegava a doer.

Estivera tão perto de perdê-la. Quando ouviu os disparos, pensou que o seu coração iria explodir. O grito de Lynn ecoara em sua mente como o fim do mundo. Uma eternidade se passou até que um dos policiais armados surgisse com Davina em seus braços, e mesmo isso não causou nenhum alívio: quando se aproximaram, tudo que Alex conseguia ver era sangue.

Mas o sangue era de Macfadyen. O atirador acertara o seu alvo, inflexível. O rosto de Lawson exibia tantas expressões ao mesmo tempo que parecia ter sido esculpido com granito.

No caos que se seguiu, Alex separara-se da sua mulher e da sua filha para ir atrás de Karen Pirie.

— Você precisa ficar de olho no trailer.

— Que trailer?

— O trailer de pesca de Lawson. No lago Leven. Foi lá que ele matou Rosie Duff. A pintura no teto é compatível com a tinta no cardigã de Rosie. A gente nunca sabe, pode ser que ainda haja algum vestígio de sangue lá dentro.

Ela o olhou friamente.

— Você espera que eu leve esta palhaçada a sério?

— Mas é a verdade. — Ele apanhou o envelope do bolso. — Eu tenho os fragmentos que podem provar que não estou mentindo. Se você deixar Lawson

voltar para o trailer, ele vai destruí-lo. A prova vai virar fumaça. Você precisa impedi-lo. Eu não estou inventando isso — disse ele, tentando convencê-la desesperadamente de que estava falando a verdade. — Duncan também ouviu o que Macfadyen disse. Ele viu Lawson atacando Tom Mackie ontem à noite. O seu chefe não vai medir esforços para encobrir os seus atos. Você precisa detê-lo e proteger o trailer.

O rosto de Karen continuava impassível.

— Você quer que eu prenda o meu chefe?

— Hélène Kerr e Jackie Donaldson foram detidas pela polícia de Strathclyde por muito menos, e com menos provas do que as que a senhora ouviu aqui hoje. — Alex lutava para continuar calmo. Não conseguia acreditar que tudo estava escapando entre os seus dedos. — Se Lawson não fosse o subchefe, você não estaria hesitando.

— Mas ele é o subchefe. É um oficial respeitado com um cargo extremamente importante.

— A mulher de César, Sra. Pirie. Mais um motivo para levar isso a sério. Você acha que isso não vai estar nos jornais amanhã de manhã? Se você acha que Lawson é inocente, então não custa nada tentar.

— A sua mulher está lhe chamando, senhor — disse Karen friamente. Ela foi embora, deixando-o impotente, parado no mesmo lugar.

Mas ela ouvira tudo o que ele tinha a dizer. Não chegou a prender Lawson, mas convocou alguns policiais uniformizados e deixou o local, discretamente. Na manhã seguinte, Alex recebeu uma ligação exultante de Jason, contando que ficara sabendo que os seus colegas em Dundee haviam detido um trailer na véspera, tarde da noite. Bingo.

Alex abaixou o binóculo.

— Eles sabem que você fica aqui espiando o que se passa lá embaixo?

Esquisito sorriu.

— Eu digo que Deus vê tudo e que eu tenho uma ligação direta com ele.

— Aposto que tem mesmo. — Alex reclinou-se para trás, deixando que o sol secasse o suor em seu rosto. A subida até lá fora íngreme e exaustiva. Não tiveram tempo para conversar. Aquela era a primeira oportunidade que tinha a sós com Esquisito desde que haviam chegado, na véspera. — Karen Pirie veio nos ver na semana passada — disse ele.

— Como ela está?

Aquela era, como Alex aprendera a compreender, uma pergunta típica de Esquisito. Não “O que ela disse?”, e sim “Como ela está?”. Subestimara demais o seu amigo no passado. Talvez agora tivesse a chance de reparar os erros daquela época.

— Acho que ela ainda está bastante abalada. Ela e a maioria dos policiais em Fife. É meio chocante descobrir que o seu chefe é um estuprador que cometeu vários assassinatos. As consequências são bem sérias. Mas eu acho que metade dos oficiais continua achando que Graham Macfadyen e eu inventamos a história toda.

— Então Karen foi lhe visitar para lhe deixar a par da situação?

— Mais ou menos. Ela não está mais encarregada do caso, obviamente. Acabou passando a investigação do caso de Rosie Duff para outros oficiais, de fora, mas ela fez amizade com um deles. O que significa que ainda está por dentro dos acontecimentos. E temos de reconhecer que ela se deu ao trabalho de ir nos contar as últimas novidades.

— Quais são?

— Terminaram a perícia no trailer. Assim como a compatibilidade da tinta, encontraram gotículas de sangue no chão, debaixo do banco. Colheram amostras de sangue dos irmãos de Rosie e do corpo de Macfadyen, porque obviamente não sobrou nada do DNA de Rosie, então eles têm que testar os parentes mais próximos. E o resultado é que o sangue no trailer de Lawson era mesmo de Rosie Duff.

— Impressionante — disse Esquisito. — Depois de todo esse tempo, ele é pego graças a um fragmento de tinta e uma gotinha de sangue.

— Um dos seus antigos colegas apareceu para depor, afirmando que Lawson gostava de se gabar que passava o expediente noturno levando garotas para o seu trailer e transando com elas. E o nosso próprio depoimento coloca Lawson bem próximo do local onde o corpo de Rosie foi encontrado. Karen disse que a promotoria hesitou um pouco, mas decidiu ir adiante com a acusação. E que quando Lawson ficou sabendo disso, desmoronou. Ela disse que foi como se ele não aguentasse mais carregar o fardo. Ao que parece, não é um fenômeno raro. Karen me contou que é comum que, ao se verem encurralados, os assassinos sintam a necessidade de confessar tudo o que já fizeram.

— E por que ele a matou?

Alex suspirou.

— Estavam saindo havia algumas semanas. E ela não o deixava ir até os finalmentes. Ele disse que ela estabelecia um limite e não se permitia ultrapassá-lo. E ele acabou se descontrolando e estuprando Rosie. Segundo Lawson, ela disse que ia direto para a polícia. E ele não podia permitir que ela fizesse aquilo. Então, pegou uma faca de cozinha e a esfaqueou. Já estava nevando, ele imaginou que não tivesse ninguém nas redondezas e largou o corpo dela em Hallow Hill. A ideia era dar a impressão de que havia sido uma espécie de ritual ou algo do tipo. Disse que ficou horrorizado quando soube que estavam

desconfiando da gente. Obviamente, ele não queria ser apanhado, mas jura que fez de tudo para impedir que outra pessoa levasse a culpa pelo seu crime.

— Que generoso da parte dele, não? — comentou Esquisito, cínico.

— Mas eu acho que ele está falando a verdade, sabe? Porque, se ele quisesse, bastava uma mentirinha e nós seríamos acusados. Quando Maclennan ficou sabendo da Land Rover, por exemplo, Lawson podia muito bem ter dito que esquecera de mencionar que vira o carro naquela noite. Ou indo para Hallow Hill, ou na porta do Lammas na hora em que o bar fechava.

— Só Deus pode saber a verdade, mas suponho que podemos lhe conceder o benefício da dúvida, sim. Ele deve ter imaginado que estava salvo depois de todo esse tempo. Ninguém nunca desconfiou dele.

— Pois é. Sobrou foi mesmo para a gente. Lawson passou vinte e cinco anos desfrutando uma reputação aparentemente imaculada. Foi então que o chefe de polícia anunciou a revisão dos casos não resolvidos. Segundo Karen, Lawson se livrou das provas na primeira vez em que o DNA foi utilizado de maneira bem-sucedida no tribunal. As provas ainda estavam em St. Andrews, então não foi difícil para ele colocar as mãos nelas. O cardigã foi de fato extraviado em uma das vezes em que as provas foram transferidas de um local para o outro, mas o resto das roupas e as amostras biológicas, bom, a isso tudo ele fez questão de dar um fim pessoalmente.

Esquisito franziu a testa.

— E como é que o cardigã foi parar tão longe do local onde estava o corpo?

— Quando estava voltando para o carro de polícia, Lawson encontrou o cardigã perdido na neve. Deixara cair quando carregou o corpo até o topo da colina. Ele simplesmente enfiou a roupa na primeira sebe que viu pela frente. Era a última coisa que queria dentro de uma viatura policial. Então, após ter se livrado de todas as provas relevantes, ele deve ter imaginado que conseguiria conduzir a revisão dos casos e se safar.

— É, mas ele não contava com a aparição surpreendente de Graham Macfadyen. Jamais suspeitara da sua existência, graças ao desejo de respeitabilidade da família de Rosie. Ali estava alguém que realmente tinha um interesse em apurar a morte dela, alguém exigindo respostas. Mas o que eu ainda não consigo entender é por que ele saiu por aí eliminando o nosso grupo.

— Bom, pelo que Karen contou, Macfadyen estava pegando no pé de Lawson direto. Exigindo que ele conversasse novamente com as testemunhas. Principalmente nós quatro. Ele estava convencido de que éramos os culpados. No computador de Macfadyen, entre outras coisas, havia um registro das conversas que ele teve com Lawson. E, em um determinado momento, ele comenta que acha muito estranho Lawson não ter visto nada suspeito, uma vez

que estava de plantão na sua viatura, próximo ao local do crime. Quando ele comenta isso com Lawson, ele fica irritado, o que Macfadyen interpreta como uma reação normal à crítica. Mas, obviamente, a verdade é que Lawson não queria ninguém analisando o que ele andou fazendo naquela noite. Afinal, a sua presença passou despercebida, mas tirando nós quatro, a única pessoa que temos certeza de que estava na área naquela noite era Lawson. Se ele não fosse policial, teria sido o principal suspeito do crime.

— Mesmo assim. Por que sair atrás da gente, depois de todo este tempo?

Alex acomodou-se desconfortavelmente sobre a pedra.

— Bom, aí é que vem a parte mais difícil. Segundo Lawson, ele estava sendo chantageado.

— Chantageado? Por quem?

— Mondo.

Esquisito arregalou os olhos.

— Mondo? Tá brincando. Que invenção doentia é essa de Lawson agora?

— Acho que não é invenção. Lembra de quando Maclennan morreu?

Esquisito estremeceu.

— Como posso esquecer?

— Então. Lawson era o primeiro puxando a corda e ele viu o que aconteceu. Segundo ele, Maclennan estava se segurando em Mondo, mas Mondo entrou em pânico e chutou-o para fora da corda.

Esquisito fechou os olhos por um momento.

— Gostaria de dizer que não acredito nisso, mas é uma reação típica de Mondo. Mas, mesmo assim, não entendo o que isso tem a ver com chantagem.

— Depois que eles resgataram Mondo, foi aquele caos. Lawson se encarregou de ficar com ele e o acompanhou na ambulância. Aí ele disse a Mondo que tinha visto a cena e garantiu que ia fazer de tudo para que ele fosse punido. E foi então que Mondo soltou a sua pequena bomba. Ele afirmou ter visto Rosie entrando na viatura de Lawson na porta do Lammas uma noite. Bem, Lawson sabia que ia ficar encrencado se Mondo espalhasse aquela informação. Então, eles fizeram um acordo. Se Mondo não contasse o que tinha visto, Lawson faria o mesmo.

— Mais do que chantagem, era a garantia de que ambos iriam se destruir — disse Esquisito, asperamente. — E o que deu errado?

— Assim que a revisão dos casos não resolvidos foi anunciada, Mondo procurou Lawson e disse que o preço do seu silêncio era não ser incomodado pela revisão. Não queria que a sua vida virasse de cabeça para baixo novamente. E ele disse a Lawson que um de nós sabia da história, que ele não era o único. Só que, é claro, ele não especificou para qual de nós ele supostamente havia

contado. Por isso Lawson estava fazendo tanta questão que Karen se concentrasse na busca das provas, em vez de nos procurar novamente. Precisava ganhar tempo, eliminando quem ele imaginava estar a par da verdade. Mas aí ele ficou espertinho demais. Decidiu criar um suspeito para a morte de Mondo. Então, forneceu um motivo para Robin Maclennan, contando a verdade sobre a morte do seu irmão Barney. Mas antes de Lawson matar Mondo, Robin Maclennan entrou em contato com ele, o que fez com que ele entrasse em pânico e fosse procurar Lawson novamente. — Alex deu um sorriso contrariado. — Foi isso que ele teve de resolver em Fife na noite em que apareceu lá em casa. De todo modo, Mondo acusou Lawson de quebrar a sua parte no acordo. E, se achando muito esperto, disse que iria revelar a sua história primeiro, de modo que quando Lawson alegasse que ele matou Barney Maclennan, todos pensariam que era uma acusação sem fundamento, inventada por um sujeito acuado. — Alex esfregou a mão no rosto.

— Pobre Mondo, que idiotice — gemeu Esquisito.

— A maior ironia é que, se não fosse a obsessão de Graham Macfadyen com o caso, Lawson podia muito bem ter conseguido matar nós quatro.

— Como assim?

— Se Graham não estivesse nos rastreando pela internet, jamais teria ficado sabendo da morte de Ziggy e não teria enviado a coroa de flores. Aí, jamais teríamos feito a ligação entre os dois assassinatos e Lawson poderia nos eliminar à vontade. Mas mesmo assim, ele deu um jeito de manipular a coisa ao máximo. Fez questão de garantir que eu ficasse sabendo sobre Graham Macfadyen, apesar de ter fingido que deixou escapar a informação sem querer. E, é claro, ele contou a Robin Maclennan como Mondo matou o seu irmão. Assim, poderia garantir uma certa segurança. Depois que Mondo foi assassinado, o canalha foi tão esperto que procurou Robin e lhe ofereceu um álibi falso. E Robin aceitou, sem parar para pensar que o álibi servia para os dois — ou seja, que ele estava protegendo o verdadeiro assassino.

Esquisito estremeceu e suspendeu as pernas, apertando os joelhos contra o peito. Sentiu uma pontada nas costelas, a sombra de uma dor antiga.

— Mas por que ele veio atrás de mim? Deve ter percebido que nem eu nem você sabíamos o que Mondo tinha visto, do contrário já o teríamos procurado para tomar uma satisfação pela morte de Mondo.

Alex suspirou.

— Acontece que ele já estava mais sujo do que pau de galinheiro. Por causa das coroas de Macfadyen, nós fizemos a ligação entre dois assassinatos que foram planejados para parecer completamente sem relação. A sua única esperança era fazer com que Macfadyen passasse como o assassino. E ele não

teria livrado a nossa cara, não é mesmo? Ele teria ido até o fim, teria matado nós quatro.

Esquisito balançou a cabeça, tristemente.

— Que confusão horrível. Mas por que ele matou Ziggy primeiro?

— É tão banal que dá vontade de chorar. Ele matou Ziggy primeiro porque estava com férias marcadas nos Estados Unidos, antes da revisão dos casos ser anunciada.

Esquisito umedeceu os lábios.

— Então eu poderia muito bem ter sido o primeiro?

— Se ele decidisse ir pescar lá para as suas bandas, com certeza.

Esquisito fechou os olhos, levando a mão no peito.

— E em relação a Ziggy e Mondo? O que está sendo feito?

— Praticamente nada, acho eu. Apesar de Lawson ter aberto o bico e contado tudo, eles não têm nenhuma prova que comprove que foi ele quem matou Mondo. Ele foi bastante cuidadoso nesse sentido. Ele não tem nenhum álibi, mas diz que ficou no trailer naquela noite, então mesmo que eles consigam achar um vizinho que confirme que o carro dele não estava na garagem, ele está protegido.

— Então ele vai se safar, é isso?

— É o que parece. Pela lei escocesa, toda confissão tem de ser comprovada para que o sujeito possa ser acusado de fato. Mas pelo menos os policiais de Glasgow não estão mais pegando no pé de Hélène e de Jackie, o que não deixa de ser um resultado.

Esquisito bateu com a mão sobre a pedra, indignado.

— E Ziggy? A polícia de Seattle já solucionou alguma coisa?

— Um pouco. Mas não muito. Sabemos que Lawson estava nos Estados Unidos uma semana antes da morte de Ziggy. Supostamente, participando de uma viagem de pesca na Califórnia. Mas aí é que está. Quando ele devolveu o seu carro alugado, constavam muito mais quilômetros do que se podia imaginar em um mero passeio local.

Esquisito chutou a pedra abaixo dos seus pés.

— E é uma viagem longa da Califórnia para Seattle, não é?

— Exatamente. Mas, mais uma vez, não há nenhuma prova concreta. Lawson é esperto demais para ter usado o cartão de crédito fora do local onde deveria estar. Karen disse que a polícia de Seattle tem mostrado uma foto dele em armazéns e em hotéis, mas não deu em nada até agora.

— Não acredito que ele vai se safar novamente com dois assassinatos nas costas — disse Esquisito.

— Ué, não é você quem acredita em um julgamento mais poderoso do que

o dos homens?

— Mas o julgamento de Deus não nos absolve do dever de transitar em um universo moral — respondeu Esquisito com seriedade. — Uma das maneiras de demonstrar amor pelos nossos semelhantes é protegendo-os dos seus piores impulsos. E mandar os criminosos para a prisão é apenas um exemplo radical disso.

— Tenho certeza de que eles se sentem muito amados — debochou Alex. — Mas Karen trouxe mais uma notícia. Parece que eles afinal decidiram não acusar Lawson por tentativa de homicídio por ele ter atacado você.

— Por que não? Eu disse que estava disposto a voltar e prestar o depoimento.

Alex ficou de pé.

— Sem Macfadyen, não existe nenhuma prova de que foi Lawson quem te deu aquela surra.

Esquisito suspirou.

— Paciência. Pelo menos ele vai ter de responder pelo que fez com Rosie. Acho que, no final das contas, não importa se ele conseguir escapar pelo que fez comigo. Você sabe, eu sempre me orgulhei de ser safo. Mas naquela noite, eu saí da sua casa cheio de bravata. Me pergunto se teria sido tão corajoso, ou irresponsável, se soubesse que, em vez de uma só, tinha duas pessoas no meu encalço.

— Pois é, agradeça por isso. Se Macfadyen não estivesse nos espionando, jamais teríamos como identificar Lawson e o seu carro no local.

— Continuo sem conseguir acreditar que ele não mexeu uma palha enquanto Lawson acabava comigo — disse Esquisito amargamente.

— Talvez a aparição do meu vizinho Eric o tenha impedido — suspirou Alex. — Acho que nunca vamos saber ao certo.

— Mas o que realmente importa é que finalmente descobrimos quem tirou a vida de Rosie — disse Esquisito. — Era um espinho cravado no nosso corpo por vinte e cinco anos e agora podemos nos livrar dele. Graças a você, conseguimos neutralizar o veneno que infectou nós quatro.

Alex olhou para ele, curioso.

— Mas você chegou a pensar...?

— Se foi um de nós que cometeu o crime?

Alex concordou com a cabeça.

— Eu sabia que não podia ter sido o Ziggy. Ele não se interessava por mulher nenhuma e, mesmo naquela época, não queria ser curado. Mondo jamais ficaria calado se tivesse sido ele. E você, Alex... Bom, digamos apenas que eu não conseguia imaginar como você teria levado o corpo para Hallow Hill. Você

não ficou com as chaves da Land Rover em nenhum momento.

Alex estava perplexo.

— E esse foi o único motivo pelo qual você não suspeitou de mim?

Esquisito sorriu.

— Você era forte o suficiente para ficar de bico fechado. Consegue ficar incrivelmente calmo sob pressão, mas quando você estoura, aí sai de baixo. E ainda tinha uma queda pela garota... Vou ser sincero, me passou pela cabeça, sim. Mas assim que ficamos sabendo que ela havia sido atacada em um outro lugar e transportada para Hallow Hill, eu vi que não poderia ter sido você. Donde se conclui que o senhor foi salvo pela logística.

— Obrigado pela confiança — disse Alex, ofendido.

— Foi você quem perguntou. E você? De quem suspeitava?

Alex teve a delicadeza de parecer constrangido.

— Cheguei a pensar em você. Principalmente quando virou crente. Parecia o tipo de coisa que um sujeito culpado faria. — Alex contemplou as copas das árvores no horizonte mais distante, onde as montanhas se confundiam em uma bruma azulada. — Sempre fico pensando em como a minha vida teria sido diferente se Rosie tivesse aceitado o meu convite e aparecido na festa naquela noite. Ela ainda estaria viva. Assim como Mondo e Ziggy. A nossa amizade teria sobrevivido sem tantas provações. E teríamos vivido sem ter de lidar com a culpa.

— Você poderia ter acabado casando com Rosie, em vez de Lynn — comentou Esquisito.

— Não — protestou Alex. — Isso jamais teria acontecido.

— Por que não? Não subestime a fragilidade das amarras que nos unem à vida que levamos. E você gostava dela.

— Ia acabar passando. E ela jamais se interessaria por um garoto como eu. Ela já era madura demais. Além do mais, acho que mesmo naquela época eu já sabia que Lynn seria aquela que iria me salvar.

— Salvar de quê?

Alex sorriu, um sorriso suave e íntimo.

— De tudo nesta vida. — Ele olhou para a cabana lá embaixo, onde estava o seu coração. Pela primeira vez, em vinte e cinco anos, tinha um futuro; libertara-se do fardo do passado. E sentia como se tivesse finalmente recebido o presente que tanto merecia.

VAL McDERMID cresceu em Kirkcaldy, na Costa Leste da Escócia, uma pequena cidade famosa por produzir linóleo e por ser o lugar onde nasceu o economista Adam Smith. Formou-se em Literatura, em Oxford, em 1975, e trabalhou como jornalista até 1991, quando finalmente decidiu largar o emprego e se dedicar à literatura. Escreveu seu primeiro romance, *Report for Murder*, em 1984, que foi publicado somente em 1987. Até hoje escreve resenhas de livros para jornais ingleses e também para a rádio BBC. Seus romances foram aclamados internacionalmente e recebem até hoje prêmios importantes. *Um Corpo para o Crime* ganhou o Anthony Award de melhor romance e foi escolhido o Livro do Ano pelo *Los Angeles Times* em 2001 (categoria Mistério/Suspense). Foi premiada com o Gold Dagger de 1995 por melhor romance policial do ano, além do Portico Prize e do Theakston's Old Peculier Crime Novel of the Year. Atualmente, ela divide seu tempo entre South Manchester e Northumberland. Tem um filho e três gatos.

Digitalização
Virgínia Vendramini

Revisão
Tamara Padilha

[1] Relativo aos pictos, antigos habitantes da Caledônia, atual Escócia. O cemitério picto de St. Andrews fica em Hallow Hill e foi escavado em 1977. (N.T.)

[2] Em inglês CID (*Criminal Investigation Department*). Policiais do Reino Unido que trabalham usando roupas civis. (N.T.)

[3] Os "seis de Birmingham" foram condenados à prisão perpétua em 1975 por um crime que não cometeram. Acusados de terem sido os responsáveis por atentados a bomba em dois pubs em Birmingham, foram forçados a confessar o crime sob tortura. Logo depois, o IRA reivindicou os atentados, mas como eles já haviam confessado, a sentença foi mantida. Os seis ficaram presos até 1991, quando a Justiça Britânica finalmente reconheceu o seu erro e pagou aos inocentes uma indenização de quase dois milhões de dólares. A história dos "quatro de Guildford" não é muito diferente: em 1974, após serem acusados de um atentado ao pub Guildford, em Londres, quatro jovens irlandeses foram presos, torturados e forçados a confessar o crime. Condenados à prisão perpétua, só foram libertados 15 anos depois. Em 1993 o caso ganhou uma adaptação cinematográfica, dirigida por Jim Sheridan, no filme *Em Nome do Pai*. (N.T.)

[4] "Combine" é a palavra usada para ceifadeira em inglês. (N.T.)

[5] Típica tradição escocesa, realizada no Ano-Novo (Hogmanay). Reza a lenda que a primeira pessoa a pisar em sua casa determinará a sorte que você terá no ano vindouro. (N.T.)

[6] Trecho de uma canção religiosa ("Balance gentilmente, doce carruagem. Leve-me para casa"). (N.T.)

[7] "*I'm a laughing Gnome and you don't catch me*" (Sou um gnomo risonho e você não me pega). (N.T.)

[8] "*Another brick in the wall*": referência à música do Pink Floyd. (N.T.)

Table of Contents

Rosto
Créditos
Agradecimentos
Dedicatória
Epígrafe
Prólogo
Parte Um
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
Parte Dois
19
20
21
22
23
24
25
26
27

28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
A Autora
Notas